This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

SA6168.77

HARVARD COLLEGE LIBRARY

SOUTH AMERICAN COLLECTION

THE GIFT OF ARCHIBALD CARY COOLIDGE, '87
AND CLARENCE LEONARD HAY, '08
IN REMEMBRANCE OF THE PAN-AMERICAN SCIENTIFIC CONGRESS
SANTIAGO DE CHILE DECEMBER MDCCCCVIII

O RIO DE JANEIRO

SUA HISTORIA, MONUMENTOS,
HOMENS NOTAVEIS,
USOS E CURIOSIDADES

PELO

DR. MOREIRA DE AZEVEDO

Socio do Instituto Historico e de outras
Sociedades Litterarias

PRIMEIRO VOLUME

RIO DE JANEIRO
B. L. Garnier
Livreiro-editor do Instituto Historico Brazileiro
65—Rua do Ouvidor—65

1877

LIVROS que se achão a venda na mesma Livraria

OBRAS DO DR. J. M. DE MACEDO

Lições de historia do Brasil para uso das escolas de instrucção primaria, in-4º . . . . . 3$000

Lições de historia do Brasil para uso dos alumnos do Imperial collegio de Pedro II, 2 v. in-4º. . . 8$000

Noções de Geographia do Brasil, noticia da fundação das cidades, villas e lugares. Antiguidades, maravilhas da natureza, com tabellas, 2 v. in-8º br. 6$ enc . . . . . 8$000

Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro, 2 v. in-4º com numerosas estampas . . . . . 8$000

OBRAS DO CONEGO DR. J. C. FERNANDES PINHEIRO

Historia sagrada illustrada, para uso da infancia . 3$000

Episodios da historia patria contados á infancia, in-8º 2$000

Estudos historicos brazileiro, 2 v. in-8º br. 6$, enc. 8$000

Resumo da historia contemporanea, in-8º. . . 3$000

Resumo da historia litteraria, 2 grossos v. in-4º br. 14$000, enc. . . . . 17$000

Curso elementar de litteratura nacional, in-4º. 7$000

Postillas de rhetorica . . . . . 2$000

Meandro poetico, com esboços biographicos e numerosas notas historicas, mythologicas e geographicos in-8º . . . . . .

HISTORIA DO BRAZIL

por R. Southey, traduzida do inglez pelo Dr. L. J. de Oliveira e Castro e annotada pelo conego J. C. Fernandes Pinheiro, 6 v. in-4º . . . . . 36$000

Encadernações ricas 42$000 e . . . . . 48$000

HISTORIA DOS MARTYRES DA LIBERDADE

por A. Esquiros, vertida do francez por A. Gallo, e augmentada com episodios tirados da historia do Brasil e da de Portugal. 2 v. in-4º br. 8$000, enc. . . 10$000

HISTORIA DA GUERRA DO PARAGUAY

por Th. Fix, traduzida por J. Fernandes dos Reis, 1 v. in-4º br. 4$000, enc . . . . . 5$000

RIO DE JANEIRO

SUA HISTORIA, MONUMENTOS,
HOMENS NOTAVEIS,
USOS E CURIOSIDADES

PELO

DR. MOREIRA DE AZEVEDO

Socio do Instituto Historico e de outras Sociedades Litterarias

PRIMEIRO VOLUME

RIO DE JANEIRO
B. L. Garnier
Livreiro-editor do Instituto Historico Brazileiro
65—Rua do Ouvidor—65

1877

Gift of
Archibald Cary Coolidge
and
Harvard Library
Dec 11, 1912
(2 copies)

OBRAS do mesmo autor

SA 6168.77

Homens do Passado, chronica dos seculos XVIII e XIX 1 v. in-8 enc. 3$000, broc..... 2$000

Mosaico Brazileiro ou collecçao de ditos, respostas, pensamentos, epigrammas, poesias, anedoctas, curiosidades e factos historicos de Brazileiros illustres, 1 v. in-8 enc..... 3$000

Criminosos Celebres, episodios historicos, Pedro Hespanhol, Vasco de Moraes, Os salteadores da Caqueirada, 1 v. in-8°, enc. 3$000, broc..... 2$000

Os Francezes no Rio de Janeiro, romance historico, 1 v. in-8, enc. 3$000, broc..... 2$000

Lourenço de Mendonça, romance historico, 1 v. in-8, enc. 3$000, broc. 2$000

Curiosidades,— Noticias e variedades historicas brazileiras, 1 v. in-8, enc. 3$000, broc..... 2$000

Compendio de Historia Antiga, 4ª edição..... 3$000

Quadros Guerreiros, Rio da Prata e Paraguay, 1 v.....

Ao Illm. Sr.

DR. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

Mais de uma razão impellio-me a dedicar-vos este livro.

Nascestes na mesma terra que servio-me de berço, encontrei o vosso nome entre os dos meus mestres, e em meu tirocinio escolar pude chamar-vos amigo. Mais tarde, quando comecei a trilhar a senda litteraria, soubestes corrigir meus erros, e louvar um ou outro acerto do escriptor desconhecido; o mestre se não esquecera do discipulo e do amigo.

Que este livro devia ser vosso dizião-me o dever e o coração.

Eil-o, ahi vai, e seja o vosso nome o passaporte deste meu trabalho, imperfeito sim, mas de difficil execução, como vós, que tanto tendes enriquecido as lettras patrias, podeis avaliar.

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.

Publicàmos este trabalho, ha annos, sob o titulo de Pequeno Panorama que, por não parecer-nos apropriado, trocámos pelo actual. Havia na primeira edição omissões, repetições de factos, falta de ordem na distribuição das materias, e muito descuido no estylo, por ser a primeira obra de maior folego que escrevemos, e termos de manuzear numerosos documentos; mas na presente edição procuràmos remediar esses males, tanto quanto ajudou-nos a nossa intelligencia, e em vez de cinco, reduzimos a obra a dous volumes para mais facilmente ser consultada.

Tendo o publico recebido com benevolencia este livro, quando pela primeira vez sahio da imprensa, animamos-nos a apresentar esta segunda edição mais completa e limpa de certos defeitos, e entregando-a aos leitores, pedimos desculpa, se ainda é deficiente, pois, se dispõe o auctor de boa vontade e gosto para o trabalho, reconhece que não deixa de ser a empreza superior ás suas forças.

I

PALACIO IMPERIAL

Os primeiros governadores do Rio de Janeiro não tiverão domicilio certo ; residirão onde lhes pareceu mais commodo e conveniente.

Vindo Luiz Barbalho Bezerra governar o Rio de Janeiro em 1643, pagou-lhe a camara o aluguel da casa que occupou, e desde então tornou-se uso receber o governador dos cofres da camara o aluguel da casa em que habitava ; a principio dava a camara 80$000 annualmente, depois teve de dar 150$000.

Nomeado segunda vez em 1648 governador do Rio de Janeiro, foi Salvador Corrêa de Sá e Benevides residir em casas suas, mas obrigou a camara a pagar-lhe os alugueis. Retirando-se para Angola, e vendo que com sua ausencia tiraria pouco lucro de seus predios, pedio á camara que os comprasse para residencia perpetua dos governadores ; a camara comprou-os por 8,000 crusados, e deu em pagar mento os foros dos terrenos que possuia, obrigando-se Benevides, do dia que chegasse á côrte á 2 annos, alcançar do rei a provisão confirmando a venda , mas corridos 4 annos sem vir a provisão promettida, derão os vereadores por nullo o contracto, entregarão as casas ao procurador de Benevides, e continuarão a receber os foros de seus terrenos.

Em 5 de agosto de 1678 escreveu a camara a el-rei pedindo-lhe mandasse applicar o subsidio pequeno dos vinhos na compra de uma casa decente para os governadores, pois, tendo de renda 360$000, não podia dar 150$000, e nem aos moradores convinha largar as casas em que residião, para darem-n'as de aposentadoria aos governadores.

Vendo que era indecente não ter o governador da capitania casa propria para residencia, ordenou o governo, em 10 de novembro de 1698, que se comprasse o predio, que fôra do provedor Pedro de Souza Pereira, á rua Direita, por ser o melhor que havia na cidade, para perpetua habitação dos governadores, retirando-se para esse fim 6,000 crusados da renda do subsidio dos vinhos. E determinou que aquella casa fosse decorada, como pedia a dignidade de sua representação; que era do decoro real que aos seus representantes se désse um tratamento competente á sua dignidade, para conciliar o respeito dos subditos e a veneração dos estrangeiros, que tocavão neste porto, na arribada das viagens da India.

Eis como se expressava o governo ha 178 annos; entretanto julga-se hoje que não offende o decoro nacional não ter o chefe supremo da nação, o Imperador, um palacio digno de sua alta cathegoria!

Parece que alguns dos antigos governadores residirão na rua, que depois recebeu o nome de rua da Alfandega, pois, em tempos remotos, foi conhecida com o nome de rua do Governador.

A carta régia de 5 de abril do 1702 mandou construir dentro da casa dos governadores casa propria para sua secretaria.

Invadindo os Francezes o Rio de Janeiro em 1710, incendiou-se o armazem da polvora, que estava na casa da provedoria, junto á alfandega, e á casa dos governadores, na rua Direita; o fogo communicou-se a estes edificios, e nas chammas perecerão o almoxarife Francisco Moreira da Costa, cujo cadaver desappareceu, e tres estudantes, que fazião guarda na casa do governador.

Em virtude da carta régia de 4 de setembro de 1704, que determinara se alugasse casa para a provedoria, e não havendo sufficiente, se fizesse de novo, e a de 5 de junho de 1706 que ordenara construisse o governador aquella casa sobre a alfandega, e contigua á de sua residencia, edificara Francisco de Castro Moraes a casa da provedoria em 1710.

Os edificios incendiados forão reedificados por Francisco de Castro Moraes.

Creara-se a provedoria da fazenda em tempo do governo de Mem de Sá, sendo nomeado provedor Estevão Peres, e em 12 de junho de 1643 dera-se regimento a este tribunal. Creada a real junta da fazenda em 16 de agosto de 1760, estabeleceu-se na casa da provedoria, e para ahi veio o erario creado em 28 de junho de 1808.

Em consequencia de recolher-se á provedoria os cabedaes da corôa, importantes em avultados contos de réis, começou o povo a dar a esta casa o nome de *casa dos contos*.

Em 1805 uma quadrilha de ladrões lançou fogo á casa dos contos com o fito de roubar, mas as providencias do vice-rei D. Fernando salvarão os cofres publicos ; ordenou o vice-rei a reedificação do predio; e em memoria desse facto mandou a junta da fazenda collocar em frente á escada principal a seguinte inscripção, que já desappareceu.

D. O. M.

« Imperando o muito alto e poderoso Sr. D. João, Principe Regente de Portugal.

A. PP. da P.

« Sendo Vice-Rei e Capitão General de Mar e Terra do Estado do Brazil o Illm. e Exm. Sr. D. Fernando José de Portugal, Varão Sabio, Prudente e Justo. Amador da Lei, do Rei, da Grey se reedificou e decorou este edificio do erario regio e publico.

Havendo-se arruinado por um incendio e pela diuturnidade do tempo. »

Actualmente occupão a antiga casa da provedoria e a da residencia dos governadores a caixa da amortização, creada pela lei de 15 de novembro de 1827, e o correio geral (1).

(1) Em 26 de janeiro de 1663 principiou no Brazil o estabelecimento do correio, que já havia sido decretado desde muitos annos.

Edificados na rua Primeiro de Março, entre as ruas da Alfandega e General Camara, do lado do mar, apresentão estes edificios 12 janellas de sacada no 2º pavimento, 4 portas e 4 janellas de peitoril no 1º; na porta principal ha uma guarda commandada por official, e sobre a janella central do 2º andar erguem-se as armas do Imperio.

Na antiga casa dos governadores residio dez annos Gomes Freire de Andrade ; mas não julgando esse edificio digno da primeira autoridade da colonia, tratou de construir, no largo do Carmo, uma casa decente para os governadores, um palacio... E' preciso, porém, notar que a ordem de 27 de novembro de 1730 prohibio chamar-se palacio a casa dos governadores.

Outrora não se empregavão a esmo palavras que marcavão distincções ; assim não se podia dar excellencia senão a certos empregados do reino. A pragmatica de D. João V mandava dar aos viscondes e barões, aos officiaes da casa real, e aos das casas da rainha e princezas, aos filhos e filhas legitimos dos grandes, dos viscondes e barões, como tambem aos moços fidalgos, o tratamento de senhoria ; o alvará de 15 de janeiro de 1759 mandava dar senhoria aos ministros, que tinhão carta de conselho ; e a carta régia de 17 de junho de 1718 extranhou ao governador do Rio de Janeiro de consentir que lhe dessem o tratamento de excellencia. Mas hoje já não ha lei que regule a tal respeito, e se ha está em esquecimento, porque cada um toma para si o tratamento que quer, e logo que pouco sobe na escala social, julga-se com direito não a senhoria, senão a excellencia, e por isso ha confusão nos tratamentos de nobreza

Construido o palacio, que descreveremos em lugar competente, nelle residio Gomes Freire de Andrade 19 annos, e nelle falleceu (1).

Encarregado o artista José de Oliveira de decorar a sala principal chamada das audiencias, pintou no tecto o genio da America caminhando para o templo da humanidade, ao mesmo tempo que o sol fazia o giro do oriente para o occidente.

Expulsos os jesuitas do Rio de Janeiro, e desoccupada a casa no morro do Castello, que servira-lhes de collegio, ordenou o governo,

(1) No fim deste capitulo encontrará o leitor a relação dos governadores e vice-reis do Rio de Janeiro.

em 19 de outubro de 1766, que se transferisse para ahi a residencia do vice-rei, construindo-se, á custa dos bens confiscados aos jesuitas, as accommodações necessarias nesse edificio, e uma tribuna para a igreja, que devia ficar separada e debaixo da administração do ordinario. O palacio construido pelo conde de Bobadella passaria a servir de quartel para soldados e officiaes pobres, em virtude da carta do secretario de estado de 23 de julho de 1766.

O vice-rei conde da Cunha deu principio ás obras no collegio dos jesuitas para transformal-o em palacio; mandou rasgar as janellas do pavimento superior; porém não realizou-se a mudança, e no vice-reinado seguinte destinou-se para hospital militar a antiga casa dos jesuitas, continuando a cadeira dos vice-reis no palacio de Bobadella.

O vice-rei conde de Rezende construio um segundo andar, com 12 janellas de sacada, na face do palacio voltada para a praça.

Occupavão os vice-reis a galeria superior do lado da praça; em parte deste mesmo lado trabalhava o tribunal da Relação, e no pavimento terreo estava a casa da moeda, residindo o provedor no quarto do canto da face opposta.

Chegando ao Rio de Janeiro em 14 de janeiro de 1808 o brigue *Voador* com a noticia da vinda da familia real para o Brazil, tratou o vice-rei conde dos Arcos de mobilhar e ornar o palacio para receber as pesssoas reaes, transferindo sua residencia para uma casa de Anacleto Elias, no campo de Sant'Anna. De feito em 8 de março de 1808 desembarcou o principe regente D. João, no Rio de Janeiro, e foi recolher-se ao palacio dos vice-reis, que passou a servir de paço real.

No dia 10 desembarcou a rainha D. Maria I, pelo que houve parada no terreiro do paço, occupando a familia real, a côrte e os fidalgos as janellas do palacio.

Jámais se vira tanta gente, e de tão alta gerarchia, nas janellas desse edificio, que sendo pequeno para tantas pessoas, tiverão os frades do Carmo de deixar o seu convento, que foi reunido ao paço real por um passadiço.

Tornou-se tambem dependencia do palacio o edificio da camara e cadêa, servindo de residencia ás criadas da casa real.

A Relação foi transferida para uma casa da rua do Lavradio pertencente a João Marcos Vieira da Silva Pereira, a qual é actualmente

proprio nacional, e as officinas da moeda continuarão a occupar os baixos do palacio até 1815, em que forão removidas para o edificio do erario, á rua do Sacramento.

Do antigo convento do Carmo a parte fronteira á praça foi destinada para residencia de D. Maria I e suas damas, e a parte interior e pateos adjacentes forão occupados com as cozinhas, ucharia e outras dependencias do paço.

Logo depois da chegada da familia de Bragança o negociante Elias Antonio Lopes, residente na rua Direita, offereceu ao principe D. João uma quinta em S. Christovão, então a melhor casa existente nos arrabaldes da cidade, e aceita a offerta, o negociante mandou levantar na frente do predio as armas reaes, que descobrio ao visitar o principe pela primeira vez essa casa.

Conhecida desde então com o nome de real quinta da Bôa-Vista, tornou-se a residencia habitual de D. João VI.

Transformada a sala das audiencias em sala do throno, foi a pintura de José de Oliveira substituida por outra de Manoel da Costa e representando o reino unido sustentando o escudo de Portugal.

Os fidalgos e criados de alta graduação, que não poderão ter aposentos no paço real, forão residir nas casas, que os proprietarios e inquilinos tiverão de desoccupar, pondo-se em pratica a lei das aposentadorias.

O fidalgo que desejava obter uma casa ia ao juiz aposentador, que mandava o meirinho intimar o proprietario ou alugador ; e feita a intimação escrevião-se com giz na porta do predio as letras P. R. principe regente, que o povo traduzia por *ponha-se na rua.*

E ai daquelle que, no prazo de tres dias, não entregasse a casa ; ficava sujeito a todas as arbitrariedades e abusos praticados em nome do rei, que sanccionava essas violencias, sem saber, ou sem poder evital-as. Os proprietarios erão violentados, raras vezes recebião o aluguel de seus predios, e alguns vião-se obrigados a largar não só o domicilio, como a mobilia dos aposentos !

Tendo cedido já dous predios, em que habitava, para os fidalgos de el-rei, vio-se tão perseguida uma senhora chamada D. Izabel Maria que retirou-se para uma casinha da rua dos Barbonos ; e necessitando, por ter familia numerosa, de muitas accommodações, levantou um sobrado no predio que occupava; mas concluindo-o inte-

riormente e nos fundos, deixou a frente sem reboco e sem vidros, para não ser a casa appetecida pelos nobres ; e só assim pôde fixar sua residencia !

O decreto de 6 de fevereiro de 1818 concedeu aos habitantes do Rio de Janeiro o privilegio de aposentadoria passiva.

Em 1817 construio-se um terceiro pavimento de tres janellas com uma grade inteiriça, na face principal do palacio, vindo de Lisboa o marmore para as janellas.

No reinado de D. Pedro I o artista Francisco Pedro do Amaral pintou na sala do throno as armas do Imperio, que substituirão o escudo portuguez.

Pedro I, assim como tem feito o actual Imperador, escolheu a quinta da Bôa-Vista para sua residencia habitual.

Erguido na praça D. Pedro II, apresenta o paço imperial, na face principal voltada para o mar, tres porticos, cada um com uma escada de tres degráos de marmore, tendo o do centro duas columnas de pedra entre as quaes lê-se esta inscripção :

« Reinando el-rei D. João V, Nosso Senhor, sendo governador destas capitanias e da de Minas-Geraes, Gomes Freire de Andrade do seu conselho, sargento-mór de batalha dos seus exercitos. Anno 1743. »

Ha no primeiro pavimento seis janellas de peitoril, no segundo nove de sacada, no terceiro tres ; um attico com vasos de marmore, construido em 1841, coroa os corpos lateraes desta face.

Apresenta a face do norte quatro porticos e vinte janellas de peitoril no primeiro pavimento, vinte e quatro de sacada no segundo, e doze no terceiro ; vendo-se nas extremidades um attico coroando seis janellas do segundo pavimento.

Na face do sul ha o portico do vestibulo, seis portas e desesete janellas de peitoril no primeiro pavimento, dezenove de sacada e cinco de peitoril no segundo, e dez de sacada no terceiro. Nesta face a platibanda corôa só quatro janellas do lado esquerdo.

Na face posterior ha duas portas e sete janellas de peitoril no primeiro pavimento, e sete de sacada no segundo.

Um passadiço sustentado por tres arcos, que abrem communicação entre a rua da Misericordia e a praça, liga o palacio ao antigo convento do Carmo ; tendo tres janellas para a rua da Misericordia e tres para o largo.

O edificio do convento não tem relação alguma architectonica com o palacio, que é de estylo barroco, e aquelle não tem genero de architectura ; e apezar de, ha mais de meio seculo, servir de dependencia do paço, ainda lhe não derão um aspecto semelhante ao palacio a que foi encorporado.

Ligava-se esse edificio á torre da igreja proxima, mas aberta a rua Sete de Setembro até á praça, construio-se um passadiço de madeira para ligar o paço á capella imperial ; em 1858 demolio-se o passadiço provisorio, e construio-se outro sustentado por uma trave de ferro com uma saliencia no centro, que produz máo aspecto : ha nesse passadiço seis janellas para o largo, e seis para a rua Sete de Setembro.

Descreveremos em lugar competente o exterior do edificio que foi antigo convento dos carmelitas ; interiormente apresenta diversas salas e corredores, e no terceiro pavimento occupa o Instituto Historico uma sala e diversos quartos, cedidos pelo Imperador D. Pedro II, que desde 1849 assiste ás sessões desta patriotica associação.

Nesta dependencia do paço residirão em 1844 o conde d'Aquila e a princeza D. Januaria.

E' extenso o vestibulo do palacio, e apresenta duas ordens de columnas, que conduzem á escadaria, dividida em dous lanços, um fronteiro ao outro, e dous lateraes ; o segundo da frente foi feito por occasião da coroação de D. Pedro II, e vai ter ao salão dos archeiros, que abre communicações para as diversas salas.

A sala do throno recebeu maior altura em 1840, e o artista brazileiro Manoel de Araujo Porto Alegre pintou no tecto o anjo custodio cercado das provincias do Brazil, que genuflexo recebe do anjo o influxo da protecção do céo ; as paredes ornadas de pilastras de capiteis dourados, são forradas de damasco encarnado, e apresentão tres janellas para a face principal e seis para a do norte ; mas em consequencia de ameaçar ruina o tecto, está esta sala abandonada.

Seguem-se a sala do docel, forrada de damasco carmezim com um painel da coroação de D. Pedro II; a sala amarella forrada de damasco amarello com um painel memorando a batalha de Ourique ; a sala da tocha, onde vê-se em alto castiçal dourado uma tocha de cera ; a sala encarnada com oito bustos da familia de Bragança feitos por Pettrich, e um quadro do casamento da Imperatriz D. Thereza Christina em

Napoles ; a sala azul chamada outrora dos estrangeiros ; a sala amarella, actualmente sala do throno com dous quadros de factos da historia portugueza, e outro memorando o juramento da constituição do Brazil ; todas estas salas têm janellas para a praça.

Junto á antiga sala do throno, na face do palacio voltada para o mar, ha a sala amarella com um painel do sacrificio de Isaac ; a sala dos camaristas ; outra sala forrada de damasco amarello ; a sala das damas com um retrato de D. Maria I ; o gabinete do despacho com um retrato de Pedro I ; mais duas salas; o aposento do camarista, sala de jantar, sala almoxarife, do medico, e aposentos do guarda roupa, do veador, e do mordomo.

No terceiro pavimento, do lado do sul, estão a sala da Imperatriz, o oratorio, os antigos aposentos das princezas, e do lado do norte os aposentos das damas, açafatas e criadas.

No sobrado superior da frontaria do edificio estão os aposentos particulares do Imperador e da Imperatriz.

Em uma das salas do palacio imperial celebrão o Instituto Historico e a Academia de Medicina suas sessões magnas.

Depois da coroação do Imperador em 18 de julho de 1841, esteve o paço exposto cinco dias e cinco noites para ser visitado pelas pessoas decentes ; e na quinta-feira maior, depois que o Imperador sae a visitar as igrejas, expõe-se em uma das salas do palacio, parte da baixella da casa imperial.

O primeiro pavimento do edificio é occupado por antigos servidores da casa imperial, ou por suas familias necessitadas ; e D. Pedro II permittio que alli estabelecessem suas officinas o esculptor Pettrich e o pintor Biard quando estiverão no Rio de Janeiro.

Se o exterior deste edificio é mesquinho e acaçapado, o interior é pobre e despido de ornatos ; não ha grandeza, nem elegancia nas salas do paço imperial que, destruido pelo cupim, não deixa de ameaçar ruina.

Na Europa attrahem os paços reaes por seu esplendor e luxo a attenção dos viajantes, e entre nós dá-se o nome de palacio a uma casa antiga, sem belleza, sem gosto, sem arte e sem aspecto ; no emtanto taes edificios devem ser nobres duas vezes, pelo destino e como primor da arte ; não basta levantar um edificio com commodos sufficientes para o fim a que é destinado, deve elevar-se um monumento

bello, grandioso pelos primores da arte, e digno do chefe da nação e da propria nação ; porque taes construcções engrandecem o paiz aos olhos do estrangeiro, e quando vê-se cercado de esplendor o poder supremo de uma nação, respeitão-se mais as instituições de tal paiz.

Taes monumentos indição o progresso e civilisação do povo, que executa-os ; foi no tempo de sua maior gloria que os romanos elevarão o Colisêo e o Capitolio.

Chamem-se pois os artistas nacionaes para que exponhão o plano da construcção de um palacio digno do primeiro magistrado do paiz, e digno do proprio paiz.

PALACETE DA PRAÇA DA ACCLAMAÇÃO

Em 1818, por occasião da coroação de D. João VI, fizerão-se grandes festas no campo de Sant'Anna, onde levantou-se um palacete para a familia real assistir aos festejos, o qual elevava-se do chão cerca de vinte palmos.

Pelos quatro lados corria uma varanda constituida por arcos entre columnas unidas por uma balaustrada; a varanda da frente era mais saliente que as outras uma braça, e sustentada por cinco arcos, tres maiores na frente e dous menores lateralmente, constituindo um vestibulo com grades; a escada ficava fronteira ao arco central, e interiormente havia um salão e tres quartos forrados de damasco e velludo carmezim.

Este edificio era de madeira, mas alguns annos depois fizerão-no de pedra e cal.

Neste palacete ouvio o principe D. Pedro um patriotico discurso do presidente da municipalidade que, em nome do povo, offereceu-lhe o titulo de imperador constitucional e defensor perpetuo do Brazil. Er a em 12 de outubro de 1822, e cercado de seus ministros, rodeado de immenso povo, que enchia o campo de Sant'Anna, declarou o principe que, ouvido o seu conselho de estado e os procuradores geraes, aceitava o titulo de imperador constitucional e defensor perpetuo do Brazil.

O povo e a tropa saudarão o novo imperador com grande rigosijo.

Entrou a imperatriz em um carro, e dirigio-se para o paço da cidade, e o imperador a pé, debaixo do pallio, seguido por toda a côrte, e por uma multidão enthusiasmada, caminhou para a capella mperial, onde assistio com a imperatriz a um *te-Deum*.

Cahia a chuva com violencia, mas nem assim era menor o ardor e enthusiasmo da immensa multidão, que acompanhava o monarcha ; se o pallio vergava ao peso da agua, tambem custava a suster em seu regaço as flôres, que sobre elle espargião todo o povo.

Este acontecimento fez o campo de Sant'Anna mudar de nome ; e por portaria de 12 de dezembro de 1822 denominou-se praça da Acclamação.

Em 26 de março de 1824, formada na praça da Acclamação, em grande parada, a força militar existente na cidade, sob o commando do tenente-general Joaquim Xavier Curado, achando-se no palacete a imperatriz, montou o imperador a cavallo, e ordenou marchasse a força em columna cerrada á frente do palacete, onde prestou ella juramento á constituição, salvando após este acto a artilheria com 101 tiros, e mais tres descargas de mosqueteria ; e em seguida tendo o imperador á sua frente, desfilarão os batalhões em continencia á imperatriz (1).

Para festejar a sagração e coroação de D. Pedro II preparava o artista Francisco de Assis Perigreno um grande fogo artificial no palacete, quando, em 22 de julho de 1841 pela manhã, estando a secar ao sol um pouco de estupim e 140 bombões, reflectirão-se os raios do sol nos vidros de um lampeão visinho, preso ao angulo do palacete, e immediatamente arderão os bombões, communicando-se o fogo ao edificio. Houve um estampido estrondoso, uma explosão violenta, que annunciou á cidade o desastre que acontecia ; as grades do palacete saltarão á grande distancia, decepando uma arvore visinha ; os vidros do paço do Senado, de diversas casas da praça e ruas adjacentes estalarão ; a violencia do incendio tornou inutil o auxilio das bombas, e

(1) Veja no vol. 32 da Revista do Instituto Historico a noticia historica intitulada a Constituição do Brazil.

assim entregou-se o edificio ás labaredas, e collocarão-se sentinellas em circulo para conter o povo. Havia dentro do palacete um barril com uma arroba de polvora, cinco mil e tantos foguetes do ar, duas mil e tantas peças de fogo de vistas, uma illuminação de varias côres de dez mil e tantas luzes, cincoenta libras de chlorato de potassa, vinte de nitrato de stronciana e vinte de nitrato de barita, e por isso terrivel devera ser a explosão.

Salvarão-se, saltando pelas janellas, porém ficarão feridos, Francisco Rodrigues Lima, Joaquim Baptista Perigrino e os escravos Paulo, Cypriano, Simplicio e Severino, que forão remettidos para o hospital do quartel do campo ; perecerão José da Costa Velho, seu filho Candido José da Costa, e o director Francisco de Assis Perigrino que, conseguindo saltar por uma janella, foi nesse momento esmagado por uma parede que desabou.

O guarda nacional Ricardo José de Figueiredo, que estava de sentinella no palacete, escapou, mas ficou ferido nas costas e na perna.

Logo que teve noticia do desastre o Imperador enviou uma guarda de archeiros para o lugar do sinistro, e ordenou que á custa de seu bolsinho se fizesse o enterro de Francisco Perigrino, que no dia seguinte foi sepultado na igreja de Santo Antonio, dedicando-lhe o poeta Teixeira e Souza uma linda poesia, que termina com estes versos:

Honrai-lhe, honrai-lhe a campa e uma lagrima,
Dai-lhe um ai de saudade, elle o merece.

Em signal de sentimento o Imperador não quiz visitar as luminarias na noite desse dia.

Edificado na praça, do lado do edificio do Senado, tinha o palacete, que o fogo consumio, a fachada voltada para o edificio do quartel.

GOVERNADORES E VICE-REIS DO RIO DE JANEIRO, GOVERNO DA MONARCHIA.

Reinando D. João III em Portugal, dirigio-se á Bahia do Rio de Janeiro uma expedição franceza sob o commando do vice almirante da Bretanha, Nicoláo Durand de Villegaignon, que, sahindo do Havre, então Franciscopolis, em 6 de maio de 1555, chegou a este porto em 14 de novembro, e desembarcou no ilhéo chamado Lage. Situado no meio da barra, e batido continuamente pelas ondas, não era esse ilhéo lugar proprio para um desembarque, e por isso buscou o almirante uma ilha proxima á terra, de quasi mil pés de circumferencia, chamada pelos indigenas Serigipe, e nella estabeleceu-se, erigindo um forte, a que deu o nome de Coligny, assim como á ilha; porém, mais tarde, foi conhecida com o nome de Villegaignon, que ainda conserva.

Nessa ilha, cercada de cachopos, levantarão os Francezes casas de páo apique, e cobertas de palha para sua residencia, pois tencionavão demorar-se, estender suas conquistas ao continente, que devia receber o nome de França Antartica, e elevar na praia fronteira á ilha, uma cidade denominada Henriville, em homenagem ao rei Henrique II de França.

Unirão-se os Francezes em estreita alliança com os naturaes do paiz, tratando-os com humanidade, e respeitando suas crenças e costumes; mas severo e rigoroso mostrou-se Villegaignon com os seus

compatriotas, não tolerando delles a mais leve falta de disciplina, ou o esquecimento do menor preceito da religião calvinista. E tão pesado tornou-se seu governo, tão excessivo seu rigor, que alguns descontentes ousarão altear a fronte para repellir o captiveiro ; porém sobre os culpados cahio a pesada mão de ferro do almirante, que da posteridade mereceu o nome de Caim da America.

Receberão os Francezes do Rio de Janeiro soccorros de França, e de dia para dia angariavão a amizade dos filhos do paiz.

Para repellir inimigo tão ousado sahio Mem de Sá da Bahia, e chegou ao Rio de Janeiro em 21 de fevereiro de 1560; mas já não encontrou Villegaignon, que, com o fim real ou supposto de obter reforços, abandonara seus compatriotas, ha oito para nove mezes ; intimou aos Francezes do forte que se rendessem, e não sendo, porém, obedecido, rompeu as hostillidades contra as fortificações inimigas que, no fim de dous dias e duas noites de fogo, abrirão brecha, permittindo o desembarque aos soldados portuguezes, cujo primeiro cuidado, ao pisar em terra, foi elevar preces a Deus pela victoria, celebrando o sacrificio da missa dous jesuitas.

Arrasado o forte, e recolhida a artilheria aos navios, embarcou-se Mem de Sá, e para não enfraquecer suas forças dividindo-as, velejou com todos os seus soldados para a cidade da Bahia.

Vencidos, porém não repellidos do paiz, tratarão os Francezes, logo que virão longe as náos portuguezas, de elevar novas fortificações nas aldéas de Uruçumirim e Paranapucuhy, a primeira junto ao rio Carioca, hoje Cattete, na praia do Flamengo, e a segunda na ilha do Governador.

Desejando afastar da America tão valente e persistente inimigo, enviou o rei de Portugal o sobrinho de Mem de Sá, Estacio de Sá, com dous galeões carregados de petrechos bellicos. Chegou este capitão a Bahia, e alentado com as instrucções de seu tio, partio logo para o Espirito-Santo, onde colheu soccorros ; avistou nos primeiros dias de fevereiro de 1565, o penhasco do Pão de Assucar (1); desem-

(1) Este escarpado e alto penedo, extremo de uma extensa cordilheira, ergue-se 97 braças perpendicularmente na ponta da entrada da barra, servindo de pharol diurno aos navegantes, que buscão o

barcou junto delle, fortificou-se, e lançou alli os fundamentos da nova cidade, que denominou S. Sebastião, em honra do monarcha portuguez ; nomeou para juiz ordinario da nova povoação a Pedro Martins Namorado, e para alcaide-mór a Francisco Dias Pinto, elegendo outros officiaes.

Em todo o anno de 1565 houve entre os fundadores da nova cidade e os Francezes e indigenas continuados combates, repetidas escaramuças e frequentes correrias, que embaraçarão o augmento das fortificações, pondo em imminente perigo o estabelecimento dos Portuguezes, cançados de tão amiudados choques e pelejas, e desprevenidos de viveres e munições de guerra.

Para livrar seu sobrinho da arriscada posição, em que se achava, sahio Mem de Sá da Bahia, e soltando as velas ás náos, appareceu no Rio de Janeiro em 18 de janeiro de 1567 ; dous dias depois atacou a aldêa de Uruçumerim, onde travou-se renhido combate, do qual sahirão os Portuguezes victoriosos ; mas entre os feridos estava o valente Estacio de Sá, que, tocado no rosto por uma flecha hervada, sobreveio-lhe alguns dias depois a morte, sendo sepultado na ermida, coberta de palha, que erguera ao padroeiro da recem povoação, conhecida mais tarde com o nome de Villa Velha (2).

Vencido o inimigo mudou Mem de Sá o assento da cidade para o morro, que mais tarde se chamou do Castello, abandonando a povoação da Villa Velha, cujas choças de toscos ramos e palmas seccas, pouco e pouco desapparecerão.

Levantou Mem de Sá as primeiras fortificações da nascente cidade, e entregue o governo della a Salvador Corrêa de Sá, singrou para a Bahia, onde falleceu, merecendo as bençãos da patria.

porto ; recebeu seu nome pela semelhança com as fôrmas de barro, onde se coalha o caldo da canna, já purificado e feito em melado, para se reduzir á assucar.

Diversos estrangeiros têm subido a este penhasco ; em 23 de abril de 1863 subirão-o dous officiaes da marinha ingleza ; hastearão uma bandeira no cume, e á volta, tendo-se transviado, pernoitarão na montanha, cuja base alcançarão ás 9 1/2 horas da manhã do dia seguinte.

(2) Veja o capitulo em que se trata da igreja parochial do Sacramento.

Na governação de Salvador Corrêa, de 1568 a 1572, teve o Rio de Janeiro rapido augmento; estendeu-se em todo o morro e varzea adjacente, permittindo o governador aos moradores edificarem, onde bem lhes parecesse, sem algum outro onus do que o livre arbitrio de cada um; no centro da povoação ergueu um modesto templo ao padroeiro da cidade, que em breve foi abençoada por diversas ermidas levantadas pelo fervor religioso dos habitantes.

Succedeu-lhe no governo Christovão de Barros, que governou até 1576, creando-se em seu tempo a prelazia do Rio de Janeiro.

Dividido o Brazil em dous governos em 1573, tornou-se o Rio de Janeiro residencia dos governadores do Sul, para onde foi nomeado o desembargador Antonio Salema, que se achava em Pernambuco com alçada.

Reunido de novo, em um só, o governo do Brazil, foi segunda vez eleito governador do Rio de Janeiro Salvador Corrêa de Sá, que já em 1578 exercia esse cargo, no qual conservou-se vinte e um annos

Para substituil-o elegeu o rei a Francisco de Mendonça e Vasconcellos, que conservou o governo até 17 de julho de 1602, em que tomou posse Martim de Sá.

Em 1608 veio governar o Rio de Janeiro Affonso de Albuquerque, que lançou a primeira pedra do convento de Santo Antonio, e governou até 23 de novembro de 1614, em que entrou de posse Constantino de Menelau, que expellio os Francezes de Cabo-Frio, e começou a povoar esse lugar.

Principiou a governar em 19 de julho de 1617, Ruy Vaz Pinto, que foi despotico, opprimio o povo, e em proveito seu introduzio o commercio de negros africanos, empregando-os em carregar e descarregar os navios que vinhão a este porto.

Em 20 de junho de 1620 teve começo o governo de Francisco Fajardo, o qual durou até 1623, sendo substituido por Martim de Sá, que, pela segunda vez merecera esse cargo, em remuneração de seus serviços; fortificou a cidade, levantando trincheiras e fortificações por temer a invasão dos Hollandezes, que havião atacado a Bahia, e falleceu em 10 de agosto de 1632, tendo sepultura na igreja do Carmo.

Provido no governo do Rio de Janeiro, pelo governador geral

do Brazil, começou Rodrigo de Miranda Henriques a governar em 13 de de junho de 1633.

Recebeu o governo em 3 de abril de 1637 Salvador Corrêa de Sá e Benevides que, ausentando-se para visitar as minas, por ser administrador geral dellas, deixou a capitania entregue a Duarte Corrêa Vasques em 19 de março de 1642, o qual conservou-se cerca de um anno.

Em 27 de junho de 1643 começou a administração de Luiz Barbalho Bezerra, que falleceu em 16 de abril de 1644, tendo sepultura na igreja dos jesuitas, no Castello.

Elegeu a camara para governador a Francisco de Souto Maior, que tomou posse em 7 de maio de 1644 ; mas pouco depois foi enviado para Angola, e lá falleceu.

Veio segunda vez governar o Rio de Janeiro Duarte Corrêa Vasques em 27 de março de 1645, tendo em seu tempo esta cidade o titulo de leal.

Para substituil-o foi nomeado pela segunda vez Salvador Corrêa de Sá e Benevides, que, começando a reger a capitania em 16 de janeiro de 1648, foi enviado a Angola em 12 de maio, vindo pela terceira vez governar a capitania Duarte Corrêa Vasques como governador interino.

De 25 de janeiro de 1649 data o governo de Salvador de Brito Pereira, que pereceu em 20 de junho de 1651, tendo jazigo na igreja do Carmo ; e um anno antes, em 23 de maio de 1650, fallecera Duarte Corrêa Vasques, que foi enterrado na igreja dos jesuitas.

Nomeado interinamente pela camara, veio governar, em 19 de agosto de 1651, Antonio Galvão até 3 de abril de 1652, em que chegou D. Luiz de Almeida Portugal que, depois de cinco annos e nove dias de administração, foi substituido por Thomé Corrêa de Alvarenga governador interino, e natural do Rio de Janeiro.

Em 17 de outubro de 1659 teve principio o terceiro governo de Salvador Corrêa de Sá e Benevides, que partindo em outubro do anno seguinte para S. Vicente a inspeccionar as minas, deixou em seu lugar a Thomé Corrêa de Alvarenga ; mas o povo amotinou-se, depoz, e prendeu Alvarenga, e outras pessôas das mais qualificadas da cidade, e de acordo com a camara, elegeu para governador a Agostinho Barbalho Bezerra, obrigando-o, sob pena de morte, a aceitar o cargo.

Sabendo Salvador Corrêa a revolta, que houvera no Rio de Janeiro, chamou os Paulistas a seu partido, publicou um bando perdoando aos revoltosos, e ordenando que Agostinho Barbalho continuasse no governo, mas como delegado seu e não do povo ; pelo que a camara depoz a Agostinho Barbalho em 8 de fevereiro de 1661, e assumio o governo. Cedo,porém, reconheceu que procedia mal, e em 11 de abril de 1661 encarregou do governo interino a João Corrêa de Sá, filho de Salvador Corrêa.

Em 29 de abril de 1662 é substituido Salvador Corrêa de Sá e Benevides por D. Pedro de Mello, que regeu a capitania até 19 de maio de 1666, em que veio rendel-o D. Pedro de Mascarenhas, que tendo governado cerca de quatro annos, teve por successor João da Silva e Souza; ignorando-se o dia e mez em que este tomou posse em 1670, e o dia e o mez em 1675 em que succedeu-lhe Mathias da Cunha, que pereceu na Bahia, sendo governador geral do Brazil.

Em 9 de maio de 1679 principiou o governo de D. Manoel Lobo, que fundou, junto á ilha de S. Gabriel, a fortaleza, que deu origem a colonia do Sacramento ; e atacada alguns mezes depois essa fortaleza por D. José Garro, governador de Buenos-Ayres, foi tomada, arrasada e D. Manoel Lobo preso e levado para Buenos-Ayres, onde morreu.

Na ausencia de D. Manoel Lobo ficara com o governo João Tavares Roldon, que depois de haver regido a capitania pouco mais de um anno, renunciou o lugar, vindo substituil-o, em 28 de janeiro de 1681, o mestre de campo Pedro Gomes.

Em 3 de junho de 1682 veio nomeado para succeder-lhe Duarte Teixeira Chaves com jurisdicção sobre todas as capitanias do Sul, sendo encarregado de reparar a colonia do Sacramento, que por um tratado voltara ao dominio de Portugal ; de feito em 6 de janeiro de 1683 partio o governador para aquella colonia, deixando o governo ao senado da camara, que conservou-o até 13 de junho do mesmo anno.

Em 22 de abril de 1686 começou a administração de Furtado de Mendonça que, depois de pouco mais de tres annos, foi substituido por D. Francisco Naper de Lancaster, em 24 de junho de 1689, governador interino, em virtude de uma carta régia que encarregara-o deste governo, emquanto não chegasse o governador effectivo.

Em 17 de abril de 1690 principiou o governo de Luiz Cezar de Menezes, que durou até 25 de março de 1693, dia da posse do governador Antonio Paes de Sande; mas este por seus achaques passou o cargo em 7 de outubro de 1694 ao Irlandez André Cuzaco, nomeado pelo governador geral do Brazil, e em 22 de fevereiro de 1695 pereceu, sendo enterrado no collegio dos jesuitas.

Em 17 de abril de 1695 começou a exercer o cargo de governador Sebastião de Castro Caldas, que foi quem remetteu para Portugal a amostra do primeiro ouro descoberto pelos Paulistas nos sertões de Minas-Geraes; fundarão-se nesse tempo as povoações de Macacú, Iguassú, S. Gonçalo, Campo Grande, Piedade e Magé.

Em 2 de abril de 1697 veio Arthur de Sá e Menezes, o primeiro que teve patente de capitão general, sendo que seus antecessores havião governado com a patente de capitão-mór. Indo visitar as minas de S. Paulo, ficou regendo a capitania Martim Corrêa Vasques, e ausentando-se segunda vez para Minas, teve o governo interino Francisco de Castro de Moraes.

Em 15 de julho de 1702 entrou no governo D. Alvaro da Silveira e Albuquerque, que deu principio a casa da alfandega.

Veio em 1º de agosto de 1704 D. Fernando Martins Mascarenhas de Lencastre, que partio para Minas para bater os emboadas; mas encontrando forte opposição, foi para S. Paulo, donde regressou para o Rio de Janeiro, sem nada haver feito.

Na sua ausencia governarão o Rio de Janeiro o bispo D. Francisco de S. Jeronymo, e os mestres de campo Martim Corrêa Vasques e Gregorio de Castro de Moraes.

Em 11 de junho de 1709 principiou a governar Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, que partio para Minas para bater os revoltosos, que sujeitarão-se; mas os Paulistas, desejosos de vingança pelas traições, que havião soffrido dos emboadas, não attenderão ao governador, que vio-se coagido a voltar para o Rio de Janeiro. Então enviou para Minas o mestre de campo Gregorio de Moraes com duas companhias de linha, e escreveu aos Paulistas offertando-lhes o retrato do rei D. João V para significar-lhes que o rei os visitava e segurava-lhes o perdão régio.

Applacarão-se os Paulistas, e reconhecendo o governo da metropole a necessidade de haver um governo especial naquellas capitanias,

por carta de 3 de novembro de 1709, desmembrou-as da do Rio de Janeiro, e para primeiro governador de S. Paulo e Minas foi escolhido Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho.

Ficou com o governo interino do Rio de Janeiro Gregorio de Moraes que, em 30 de abril de 1710, entregou-o a seu irmão Francisco de Castro de Moraes.

Em 1710 foi a cidade invadida pelos Francezes.

Embarcando-se em Brest com mil homens em cinco navios e uma balandra, dirigio-se João Francisco Duclerc ao Rio de Janeiro, desembarcou em Guaratiba em 11 de setembro, avançou para a cidade, onde entrou em 19 desse mez pela azinhaga de Matacavallos, tendo soffrido na lagôa da Sentinella ataque vigoroso de Bento do Amaral Gurgel, que arrigementara seus estudantes para repellir o inimigo; ao descer o morro do Desterro, (Santa Thereza) forão os Francezes investidos por 200 paisanos guiados pelo religioso frei Francisco de Menezes, que matou e ferio a muitos. Fortificado no largo do Rosario, não moveu-se o governador da praça Francisco de Castro de Moraes, deixando o inimigo penetrar no coração da cidade, e avançar até á rua Direita, onde atacou o palacio do governador e a alfandega; mas houve ahi quem desaffrontasse os brios nacionaes; os estudantes de Bento do Amaral Gurgel, o povo e o mestre de campo Gregorio de Moraes, á frente de seu terço, fizerão resistencia aos invasores, cahindo ferido no ardor da peleja o valente Gregorio de Moraes, que deu a vida pela patria, protestando contra a inepcia e covardia do governador, seu irmão.

Accomettido por forças superiores ás suas, e perdida a esperança da victoria, tomou Duclerc o trapiche chamado da cidade ou de Luiz da Motta, para ahi fortificar-se; do que sabendo o governador, animou-se a avançar com as tropas, e ordenou ao chefe francez se rendesse; assentio este na tarde do mesmo dia 19, entregando-se prisioneiros elle e 640 Francezes, entre os quaes 200 feridos, tendo tido 400 mortos, e da parte dos Portuguezes 50 mortos e 80 feridos.

Duclerc e alguns officiaes forão enviados para o collegio dos jesuitas, e os soldados com grilhões e sentinellas á vista remettidos para a cadêa, casa da moeda e conventos. Em festejo á victoria celebrou-se um *Te-Deum*, fizerão-se procissões, e declarou-se o dia 19 de

setembro, em que a igreja reza de S. Januario, festivo dos muros da cidade para dentro.

Tendo a cidade por menagem, e residindo em uma casa da rua de S. Pedro, foi Duclerc assassinado em 18 de março de 1711 por dous embuçados que, apezar da sentinella, penetrarão na habitação e, commettido o delicto, desapparecerão.

Cedo voltarão os Francezes para vingarem a affronta recebida com a derrota e assassinato de Duclerc.

Sahio em 9 de junho de 1711 do porto da Rochella uma expedição de 18 velas com 3,000 homens de desembarque, commandada por Duguay-Trouin, e em 12 de setembro appareceu na barra do Rio de Janeiro, onde entrou perdendo no ataque das fortalezas 300 homens.

O fraco commandante das náos portuguezas ancoradas no porto, Gaspar da Costa, appellidado o Maniquez, não tendo coragem para resistir ao inimigo, lançou fogo a seus navios; dando-se um incendio no paiol da polvora na fortaleza de Villegaignon, perecendo no sinistro 2 officiaes e muitas praças, cessou esta fortaleza o fogo contra o inimigo que, encontrando abandonada a fortaleza da ilha das Cobras, occupou-a, causando dalli muito damno a cidade.

Desembarcou no dia seguinte na praia do Valongo o exercito invasor dividido em tres columnas de tres batalhões cada uma, commandada a da vanguarda pelo cavalheiro de Goyon, a da retarguarda pelo cavalheiro de Courserac e a do centro por Duguay Trouin, que escolheu o palacio episcopal para seu quartel general.

Apoderou-se o inimigo dos lugares imminentes, dos pontos mais importantes da cidade, sem encontrar resistencia, pois, como na primeira invasão, permanecia o governador Francisco de Castro no largo do Rosario, sem nada emprehender, e sem alentar o valor e denodo dos soldados; havião as fortalezas emmudecido, e estando o inimigo senhor da cidade, resolveu o povo fugir salvando o que pudesse; e então forão incendiadas uma náo e duas fragatas ancoradas proximo ao morro de S. Bento, e diversos armazens e trapiches da cidade.

Intimando o vencedor a Francisco de Castro que entregasse a praça á mercê de el rei de França, recusou-se o governador, declarando que a defenderia até á ultima gotta de seu sangue; mas sem mover-se dos arraiaes, occupou-se em reunir um conselho, no qual

determinou deixar a cidade, e de feito o fez precipitadamente com toda a tropa de linha, fugindo para a fazenda do Engenho-Novo, e dahi para Iguassú.

Causou grande confusão e terror ao povo a noticia da fuga do governador e tropa, e então aterrados e espavoridos refugiarão-se os habitantes no interior, desprezando suas casas e haveres; a noite estava tenebrosa, o vento destelhava as casas, a chuva inundava as ruas, amiudavão-se os relampagos e trovões, troava a artilheria inimiga, e o povo corria apavorado vendo contra si o céo e os homens; e lamentavão os filhos aos pais, os irmãos ás irmãs, as mãis aos filhos, que exanimes cahião na estrada.

Ao amanhecer do dia 21 a cidade, quasi deserta, era preza dos Francezes, que saquearão-n'a, não attendendo aos gemidos, que partião dos peitos, e ás lagrimas que resumavão nos olhos dos vencidos.

Em vez de combater para vingar os ultrages e soffrimentos do povo, aceitou Francisco de Castro covardemente as propostas do almirante francez para o resgate da cidade, que foi ajustado em 610,000 cruzados, 100 caixas de assucar e 200 bois.

No dia 13 de novembro fizerão-se de vela os Francezes, tendo conservado a cidade em seu poder 44 dias.

A casa da moeda, os cofres da fazenda, dos orphãos, dos ausentes, da bulla, dos padres da companhia, dos religiosos de S. Bento e de diversos particulares concorrerão com differentes quantias para realizar-se o pagamento aos Francezes, que, segundo consta, elevarão seu esbulho a 72 milhões de cruzados, excedendo a 30 as perdas e prejuizos do Estado.

Mas tão copiosas riquezas não forão aproveitadas; a maior parte ficou sepultada no oceano, que desarvorando os navios dos invasores da cidade de Estacio de Sá, submergio a muitos delles.

Foi entregue o governo da praça a Antonio de Albuquerque, que chegara de Minas, com algumas forças, estando já feita a negociação com os Francezes; e quanto a Francisco de Castro de Moraes, aberta devassa contra elle, foi condemnado a degredo e a prisão perpetua em uma das fortalezas da India; forão sentenciados outros officiaes, e enforcado em estatua, por achar-se ausente, o capitão da fortaleza de S. João, que apressadamente rendeu-se ao inimigo.

Em 7 de junho de 1713 succedeu a Antonio de Albuquerque o governador Francisco Xavier de Tavora, que visitou as minas do Sul, e por questões com o senado da camara pedio sua demissão, e recolheu-se a Lisboa, entregando o governo em 1716 a Manoel de Almeida Castello Branco, que regeu interinamente a capitania até 27 de junho de 1717, em que tomou posse Antonio de Brito e Menezes; mas fallecendo este em 1719, e sepultado no collegio dos jesuitas, veio de novo para o governo o mestre de campo Manoel de Almeida Castello Branco.

Em 18 de maio de 1719 principiou a governar Ayres de Saldanha e Albuquerque Coutinho Mattos e Noronha, que foi a Santos para visitar as minas, e conduzio á cidade as aguas da Carioca; sendo substituido em 10 de maio de 1725 por Luiz Vahia Monteiro, que a principio governou bem, mas começando a soffrer do juiso, entrou em desavenças com a camara, usurpando-lhe attribuições, e tambem com a justiça, executando os moradores da cidade sem procedencia de crime ou culpa formada; continuando o mal do governador, foi elle deposto pela camara em 1732, e falleceu em 19 de setembro de 1733, sendo enterrado no convento de Santo Antonio.

Deu-lhe o povo a alcunha de *onça*, que tambem servio para denominar o tempo de seu governo, e desde então tornou-se commum a phrase—isto é do tempo do *onça*—para declarar-se que qualquer cousa era antiga.

Recebera o governo interino da praça em 1732 Manoel de Freitas da Fonseca, que conservou-o até 26 de junho de 1733, em que iniciou Gomes Freire de Andrade a sua governação que durou trinta annos; edificou o convento de Santa Thereza; erigio um chafariz de pedra marmore no largo do Palacio; reconstruio o aquedncto da Carioca, e fez a dupla ordem de arcaria de volta inteira, que conduz a agua deste aqueducto desde o morro de Santa Thereza até o de Santo Antonio; recolheu os lazaros em duas casinhas em S. Christovão, e lançou a primeira pedra da cathredral do Rio de Janeiro; creado o tribunal da Relação, em 16 de fevereiro de 1751, pôl-o em execução em 15 de junho de 1752, sendo elle o primeiro presidente e regêdor.

Em virtude das ordens do marquez de Pombal cercou o collegio dos jesuitas em 3 de março de 1760, prendeu-os, e no dia 16 enviou-os

para Portugal; encarregado do governo de S. Paulo e Minas deu-lhe começo em 26 de março de 1735, e em 1752 embarcou para o Sul como plenipotenciario do rei de Portugal para dar execução ao tratado de limites.

Reunidos alguns litteratos em seu palacio celebrarão, sob o nome de Felizes, uma sessão litteraria em 6 de maio de 1736; e talvez dessa reunião partisse a idéa da creação da academia dos Selectos, que celebrou a primeira sessão em 30 de janeiro de 1752 no mesmo palacio.

Dessa associação nasceu a idéa de estabelecer-se uma typographia no Rio de Janeiro, que foi a primeira que aqui houve, pertencente a Antonio Izidoro da Fonseca; mas pouco durou, porque a côrte mandou abolil-a, e queimal-a para não propagar idéas, que podião ser contrarias ao interesse do Estado. (1)

Em 1758 obteve Gomes Freire de Andrade o título de conde de Bobadella, e, além desta honra, alcançarão elle e seu irmão, José Antonio Freire de Andrade, muitas outras.

Escrevendo ao conde de Oeiras, dizia Gomes Freire «Trabalharemos por nos fazer dignos da menor parte de tantas honras, e protesto até o ultimo alento de vida sacrifical-o no real serviço.»

E cumprio sua palavra.

Permittio o rei que se collocasse o retrato deste fiel servidor no paço da camara.

Chegada em 5 de dezembro de 1762 no Rio de Janeiro a noticia da perda da colonia do Sacramento, da qual se apoderara D. Pedro Cevallos, em 29 de outubro daquelle anno, pela capitulação do governador Vicente da Silva da Fonseca, sentio o conde de Bobadella tanto pezar e tão sentido ficou por imprestar-lhe o corpo do commercio, ferido em seus interesses, a culpa deste acontecimento, que cahio no leito, do qual se não levantou mais; baldados forão os soccorros da medicina, porque profundo era o abatimento moral do distincto servidor do Estado, tendo-se offendido seus brios, e duvidado de seu zelo

(1) Veja a Memoria Origem e Desenvolvimento da imprensa no Rio de Janeiro impressa no tomo 28, pag. 169 da Revista do Instituto Historico.

e virtude. Concorreu tambem para compungil-o a noticia de terem sido destroçadas as duas embarcações inglezas Clive e Ambuscade. que em 20 de novembro de 1762, mandara em auxilio da colonia.

Pereceu o conde de Bobadella em 1 de janeiro de 1763, e depositado o cadaver em uma das salas do palacio, vierão os benedictinos cantar um responso na tarde daquelle dia, e no seguinte houve os funeraes, sendo o corpo enterrado no presbiterio da igreja de Santa Thereza, não se abrindo epitaphio sobre seu tumulo, como elle pedira.

O illustre monge benedictino frei Gaspar da Madre de Deos recitou uma oração funebre, e segunda vez subio ao pulpito, em 22 de janeiro, nas exequias celebradas pelo abbade de S. Bento.

Não se perdera a colonia do Sacramento por culpa do conde de Bobadella, que fizera grandes esforços para defendel-a; escrevendo ao conde de Oeiras em 28 de abril de 1762 dizia:

«A praça da Colonia é o grande osso e cuidado deste governo; Deos me ajude em tão arriscado passo.»

Procurara fornecer viveres e munições áquella praça, tanto que em uma carta escripta por Vicente da Silva da Fonseca dizia este:

«Não me mandem mais farinha:»

Ora se o governador da praça recusava mantimentos é porque tinha-os em abundancia.

O conde de Bobadella de notavel estirpe, era dotado de grande força e vivacidade, benefico, justo, prudente, muito activo no serviço da patria e muito virtuoso.

Mereceu do povo o nome de pai da patria, e é o heróe do poema Uruguay.

Durante as vezes, em que esteve ausente do Rio de Janeiro, regerão interinamente a capitania em primeiro lugar José da Silva Paes, em segundo Mathias Coelho de Souza, em terceiro José Antonio Freire de Andrade, e em quarto Patricio Manoel de Figueiredo; e quando elle falleceu coube a administração ao bispo D. frei Antonio do Desterro, ao brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim e ao chanceller João Alberto de Castello Branco.

Transferida em 27 de janeiro de 1763 a capital do Brazil da cidade da Bahia para a do Rio de Janeiro pela importancia deste porto, mais proximo das guerras do sul, foi eleito vice-rei em 27 de junho

o conde da Cunha, D. Antonio Alvares da Cunha, com o soldo de 12,000 cruzados; chegou a esta capital em 15 de outubro de 1763, no dia 19 tomou posse do governo, e no dia 27 da presidencia da Relação.

Visitou as fortalezas fazendo obras importantes em algumas; construio na ilha das Pombas, hoje de Santa Barbara, dous armazens para deposito de polvora; para deposito do armamento militar, que se guardava em uma casa contigua á dos antigos governadores, na rua Direita, edificou no morro da Conceição uma grande casa com diversas officinas de armas; no ponta chamada da Misericordia construio uma casa para o parque de artilheria, e assim deu principio ao arsenal de guerra; no mesmo lugar levantou um quartel para duas companhias de cavallaria ligeira, creadas em 31 de janeiro de 1765 para servirem de guarda aos vice-reis; mas só se formou uma companhia.

Doara o mosteiro de S. Bento ao Estado, por escriptura de 26 de abril de 1696, o terreno que possuia no principio do morro do Mosteiro para o mar, onde estavão situados os armazens da junta do commercio; nesse terreno estabeleceu o vice-rei o arsenal de Marinha, e construio a náo S. Sebastião, com lindos ornatos de madeira na camara, a qual foi lançada ao mar em 8 de fevereiro de 1767 com melhor fortuna, do que em 30 de janeiro, em que parou no meio da carreira.

Indo quasi sempre ao arsenal activar a construcção da náo, notou que um trabalhador de machado, ao descarregar o golpe da ferramenta, o suspendera por ouvir soar a primeira badalada do meio-dia; extranhou o vice-rei tal procedimento, e tratou de examinar se esse trabalhador era vadio; por isso esperou que dessem 2 horas, mas logo que o sino bateu a primeira badalada, o carpinteiro tomou o machado, e desfechou o golpe.

Admirando a pontualidade do artezão, perguntou-lhe o conde da Cunha:

— Quanto ganhas?

— Duas patacas, senhor.

— Pois ficarás ganhando trez, porque sabes servir o soberano.

Executou a carta regia de 28 de novembro de 1698, que prohibio nesta capitania mais de dous ou trez ourives, a de 26 de setembro de

1703 ordenando a observancia da precedente, que se fechassem as lojas, e se retirassem os instrumentos das que excedessem áquelle numero; assim tambem cumprio a ordem de 30 de julho de 1766 que mandou extinguir o officio de ourives nas capitanias do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Minas, fechar as lojas, e recolher os instrumentos dellas á casa da moéda.

Abrio a rua do Piolho do Largo da Carioca á lagôa da Sentinella, que ficava no espaço comprehendido entre as actuaes ruas do Conde d'Eu, Formosa, e do Arcal; ordenou á camara que cobrisse com lages grossas a rua da Valla, onde o povo lançava toda a immundicia, prejudicando a saude publica; consegnio para hospital dos lazaros a casa dos jesuitas em S. Christovão, na qual ainda se achavão.

Deu principio ao alistamento dos habitantes para formar quatro terços de infanteria auxiliar; mas não chegou a constituir estes corpos, e apenas realizou a nomeação de alguns officiaes.

Para moralisar o povo, augmentar a população e diminuir o numero de vadios, obrigou os jovens a casarem-se, e os que não querião, ião ser soldados; e tão util foi semelhante providencia, que além do augmento da população, começou a haver muita moralidade e tambem socego e paz na cidade; e tal era a confiança, a tranquillidade, em que vivia a população, que nas horas do somno, ficavão abertas as portas das casas. Longe vão esses tempos!

Hoje não ha segurança nas ruas e praças ao sol do meio-dia; o menor esquecimento de deixar aberta á noite uma janella, faz a policia registrar no dia seguinte mais um furto ou um roubo; e multiplicão-se os ratoneiros, os ladrões, porque é insuficiente a força, que deve velar na segurança publica, e ha perdido a autoridade o prestigio das eras antigas.

Desejando manter o paiz em paz, e dar prestigio e força á autoridade, usou a principio o conde da Cunha de tanto rigor, que todos se aterravão em sua presença.

Junto á guarda do palacio mandou fazer uma prisão chamada da potencia, e junto á escada do mesmo palacio dous quartos chamados de segredo, para onde ião alguns presos recommendados por elle; e desse modo tornou seu palacio uma casa de solidão e terror.

Mas se o vice-rei era severo e absoluto, seus subalternos tornavão-n'o cruel aos olhos do povo, commettendo abusos e arbitrariedades

em seu nome; soube o vice-rei dos abusos praticados pelo official da sala Alexandre Cardoso de Menezes e outros, e tratou de punil-os, attendendo desse modo ás queixas e clamores do povo.

Era o sal um genero de contracto real, mas o contractante para vendel-o mais caro clandestinamente, procurou occultar o sal nos armazens; do que tendo noticia o vice-rei, mandou collocar um tronco no largo do Palacio, e vir á sua presença o contractante, ao qual, mostrando o tronco, disse-lhe:

— Amanhã o povo ha de ter sal.

No dia seguinte appareceu na cidade sal em abundancia.

Havia na cidade um tanoeiro chamado Cunha, que era estimado pelo vice-rei, e foi em um anno nomeado imperador do Espirito Santo na festa da igreja de Mataporcos.

Dirigio-se a tarde o vice-rei á igreja, e subindo os degráos do throno, no qual estava o imperador de sceptro e corôa, fez-lhe com toda etiqueta a primeira, segunda e terceira cortesia; o imperador Cunha nem se quer se dignou dar um signal de correspondencia ao vice-rei que, voltando-se para os circumstantes, disse:

— O tratante faz bem o seu papel, qnando não mettia-lhe este bastão pela boca.

Celebrava-se outr'ora o jubiléu da Porciuncula com muita devoção das pessoas mais gradas do paiz, e o vice-rei, que assistia á solemnidade no convento de Santo Antonio, costumava dar esmolas aos pobres, que encontrava na ladeira.

Aconteceu uma vez dar, sem examinar, uma moéda de 6$400 a um mendigo.

Ao regressar da igreja, disse-lhe o mendigo.

— V. Ex. por engano deu-me esta meia dobra.

Tomou o conde a moeda, e retorqnio.

— Enganei-me, era para aquelle; e entregou o dinheiro a outro pobre.

Desejando uma mulher casada, que entretinha relações illicitas, ver-se livre do marido, foi ao palacio, e declarou ao vice-rei que era maltratada injustamente pelo esposo; ouvio-a o conde, e logo que ella retirou-se, ordenou a um soldado que a seguisse para prendel-a juntamente com o primeiro individuo, com quem ella conversasse.

Caminhava a mulher pelo largo, quando sahio-lhe ao encontro um individuo, e perguntou-lhe :

— Que disse o vice-rei ?

A mulher não teve tempo de responder porque o soldado prendeu-a, assim como ao individuo, que se approximara

Encerrados nos quartos de segredo, mandou o vice-rei chamar o marido da offendida, e perguntou-lhe :

— Porque maltratas tua mulher ?

— Minha mulher, seduzida por um vadio, falta a seus deveres, senhor.

— E conheces o seductor ?

— Sim, senhor.

Mandando buscar o individuo que estava preso, disse :

— Será este ?

— E', exclamou o marido cheio de colera.

Voltou-se o vice-rei para o official da sala, e ordenou-lhe, apontando para o adultero :

— Degradado para Angola; e tu, disse para o marido offendido, leva tua mulher, e com um páo ensina-lhe a cumprir os deveres de esposa.

Assim procedia o conde da Cunha, por ser esta a justiça do tempo; rigido e severo não perdoava á menor falta ; nem deixava de applicar rigoroso castigo ao criminoso; mas era magistrado honrado ; e tão pobre sahio do governo, que pedio ao ouvidor Alexandre Nunes Leal 400$000 para as despezas da viagem, e chegando a Lisboa mandou pagar as dividas que fizera no Brazil.

Governou até 12 de novembro de 1767, em que chegou da Bahia o conde de Azambuja ; partio para Portugal em 22 de dezembro, e falleceu a 9 de julho de 1791 com pouco mais de 80 annos.

D. Antonio Rolim de Moura, conde de Azanbuja, nascido em 12 de março de 1709, filho de D. Nuno de Mendonça e D. Leonor Maria Antonia de Noronha, filha do marquez de Angeja, assentou praça em 23 de janeiro de 1726 ; nomeado governador de Matto Grosso tomou posse em 1751, e em 19 de março de 1752 creou a povoação chamada Villa Bella ; nomeado brigadeiro em 1754, e successivamente governador da Bahia, conde, marechal do exercito, foi eleito vice-rei em 31 de janeiro de 1767, de cujo cargo entrou em exercicio em

17 de novembro do mesmo anno, e governou até 31 de outubro de 1769, dia da chegada do marquez do Lavradio.

Levantou a segunda companhia de cavallaria da guarda dos vice-reis, disignando os principaes officiaes, mas não organisou a companhia, e nem determinou o numero dos soldados; procurou melhorar as fortificações encarregando ao marechal Diogo Funch da organisação de alguns planos, porém nada fez por falta de dinheiro e de autorização regia.

Em Lisboa occupou os cargos de presidente do conselho da fazenda, de conselheiro de guerra, de tenente general das armas da Côrte e Extremadura, e falleceu em 8 de dezembro de 1782.

O terceiro-vice rei foi D. Luiz de Almeida Portugal, Soares d'Eça Alarção Silva Mascarenhas, segundo marquez do Lavradio e quarto conde de Avintes.

Tambem governava a Bahia quando foi nomeado vice-rei; e partindo para o Rio de Janeiro em 11 do outubro de 1769 chegou no dia 31; no dia 4 de novembro entrou no goso do poder e no dia 7 de presidente da Relação.

Para dar mais segurança a barra construio a fortaleza do Pico á cavalleiro da de Santa Cruz, vencendo muitas difficuldades pela aspereza do sitio quasi inaccessivel; fez reparos nas fortalezas da ilha das Cobras, da Lage, nos reductos do Garagoatá e da Boa Viagem, e no forte de S. Thiago ou do Calabouço; edificou nas montanhas da Copacabana a fortaleza do Leme, da qual existem ruinas, e em S. Clemente levantou um reducto; continuou a demolição do monte da fortaleza de Villegaignon, começada pelo conde da Cunha, abrio na ilha uma cisterna e um fosso para isolar a fortaleza; fez alojamentos para a guarnição na fortaleza da Praia Vermelha, e ultimou a da Praia de Fóra, á sombra do morro de Santa Cruz, a qual tivera principio no governo do conde da Cunha; fortificou o monte de S. Bento, e o cume de S. Januario no morro do Castello; construio na casa do Trem novo armazem para deposito de petrechos de guerra, assim como uma grossa muralha do lado do mar e casas para os officiaes artifices; regulou as duas companhias de cavallaria da guarda dos vice-reis, dando-lhes a mesma lotação de praças que a do regimento dos dragões do Rio Grande, d'onde tirou dous capitães para

commandar áquellas companhias, que tambem ficarão encarregadas de fazer rondas na cidade.

Alistou o povo, formando tres terços de infanteria auxiliar de homens brancos e o quarto terço de pardos, dando a essa milicia disciplina igual a da tropa de linha.

Creou uma fabrica de cordas de guaxima em Mataporcos sob a direcção de João Hópman, na qual fizerão-se cordas de differentes grossuras, quer para embarcações, quer para uso de obras particuculares; mandou vir da Europa bichos da seda, e creando-os nas amoreiras do paiz, tirou alguns resultados dessa util diligencia; mas ignorando-se a creação desses insectos, diminuio o seu numero, e essa industria não progredio; protegeu a industria, fez prosperar o commercio, de sorte que os navios que até então sahião do Rio de Janeiro qnasi em lastro, ou com alguns couros e assucar, para irem receber carga na Bahia e Pernambuco, poderão sahir carregados deste porto pela abundancia de generos novos que forão apparecendo; promoveu a cultura do anil, do arroz, do linho, da coxonilha, e iniciou a do café: cuidou da limpeza da cidade, mandou calçar e lagear as ruas, aterrar os pantanos circumvisinhos, e construir matadouro e curraes na praia de Santa Luzia; levantou dous chafarizes, um na Gloria e outro em Matacavallos, e abrio desde essa rua até ao campo da Lampadosa, chamado depois do Rocio, a rua que recebeu o nome de Lavradio; deu novo aspecto as casas da cidade, mandando destruir os peneiros ou grupemas tecidos de palha, que guarneciáo as janellas e portas das casas terreas e que, collocados de dia, erão retirados a noite; removeu do centro da cidade para o sitio do Valongo os armazens em que os negros da Africa erão expostos a venda, e com tal providencia afastou da cidade as molestias contagiosas, que os Africanos espalhavão na população, e tornou povoados os bairros da Saude, Gambôa e Sacco do Alferes.

Recolheu á casa da moeda o cofre publico, que um thesoureiro particular, chamado depositario, guardava em sua casa, tornando facil o extravio dos dinheiros publicos; conseguio que as rendas do senado, que não excedião de 9 a 10 mil cruzados, se elevassem ao dobro ou mais, descobrindo bens sonegados qne pertencião-lhe; protegeu as lettras, creando a academia scientifica, por proposta feita em dezembro de 1771, por seu medico Dr. José Henrique de Paiva; cele-

brou a academia a primeira sessão em 18 de fevereiro de 1772 no palacio do vice-rei na presença deste e de outras pessoas gradas, sendo eleito presidente o mesmo Paiva e secretario Luiz Borges Salgado.

Creada com o fim de desenvolver as sciencias naturaes, medicas e a agricultura, tornou essa associação mais conhecidas na Europa certas plantas do Brazil, e contribuio para a cultura do anil, cacáo, coxonilha, e de outros productos.

Estabeleceu uma feira no largo da Gloria em 15 de agosto de 1771, que seu successor abolio em 1779.

Era o marquez do Lavradio amigo de festas e prazeres, amante do bello sexo, justiceiro, benefico, e póde dizer-se que no seu governo teve começo o theatro no Rio de Janeiro.

Soffrendo na viagem da Bahia para esta cidade grande tormenta, pedio a protecção da Virgem da Conceição, e prometteu, se chegasse a esta cidade, ir logo orar na igreja daquella invocação; de feito ao desembarcar, dirigio-se á igreja do Hospicio, e desde então instituio uma ladainha aos sabbados neste templo, devoção que desappareceu quando ausentou-se para Portugal.

Partio para Lisboa no sabbado 19 de junho de 1779; e tendo occupado os cargos de conselheiro de guerra, presidente do desembargo do Paço e de tenente general, falleceu em 2 de maio de 1790 com 61 annos não completos.

Sabida a sua morte no Rio de Janeiro houve solemnes exequias na cathredal, orando o padre mestre frei Antonio de Santa Ursula Rodovalho.

Fallando deste governador diz o monsenhor Pizarro:

« Constante na piedade, nem as leis o fizerão rigoroso, nem a espada sanguinolento, e sabiamente unia o poder com a ternura, e a justiça com a humanidade.»

Nomeado vice-rei e capitão general de mar e terra em 25 de setembro de 1778, chegou Luiz de Vasconcellos e Souza no Rio de Janeiro em 29 de março de 1779; a fragata de guerra que conduzia-o avistou á barra no domingo de Ramos, mas entrou no dia seguinte; em 5 de abril, segunda-feira de Paschoa, houve na só a ceremonia da posse.

Melhorou a praça denominada largo do Palacio, e hoje de D.

Pedro II, calçou-a com solidez e gosto, deu-lhe 75 braças de comprimento desde o cáes até ao convento do Carmo e 45 de largura; removeu para a face do mar o chafariz, que collocado no centro della, impedia as manobras militares, e humedecia o terreno circumvisinho; mandou construir na mesma praça um cáes de 105 braças de comprimento, todo de pedra lavrada com assentos e peitóris de pedra e tres escadas e uma rampa para o mar; e projectava leval-o até a Gloria. Annos depois foi essa obra demolida pela camara municipal, que resolvera levantar outro cáes mais proximo do mar, e hoje é o governo que encarregou-se de semelhante obra.

Preparou materiaes para fazer obras no palacio, mas não chegou a realizal-as; construio o Passeio Publico, abrio a rua das Bellas Noites, hoje das Marrecas; fez o chafariz das Marrecas; reedificou o recolhimento e a igreja do Parto; favoreceu as pesquizas do botanico frei José Marianno da Conceição Velloso; creou a casa dos Passaros, que foi o começo do Museo Nacional; restabeleceu a academia scientifica fundada pelo marquez do Lavradio e creou uma aula de rethorica.

Estabeleceu Vasconcellos uma aldêa de indios, denominada de S. Luiz Beltrão, distante quatro legoas das margens do rio Parahyba, do lado da Mantiqueira, encarregando um padre de cathechisar os indios: na aldêa de S. Barnabé, fundada pelos jesuitas em 1584, e que o marquez do Lavradio elevara á villa com o nome de Villa Nova de S. José de El-Rei, sem outra formalidade além da de enterrar entre a igreja e o cruzeiro do adro um padrão de pedra com suas armas, levantou em fevereiro de 1787 casa da camara, cadeia, pelourinho e nomeou vereadores.

Esta villa da provincia do Rio de Janeiro, conhecida com o nome de Villa Nova, acha-se hoje decadente.

Por ordem de 9 de junho de 1789 creou a villa de Magé, hoje cidade, distante da Côrte pouco mais de sete e meia legoas; no territorio de S João e Campo Alegre, situado além da serra de Itaguahy, creou 14 companhias de milicias, dividindo a primeira localidade em 5 districtos, e a segunda em 9

Constando ao conde da Cunha que erão exploradas occultamente as minas de ouro existentes em terras além da Cachoeira do rio Macacú, mandara destruir as fazendas alli existentes, deixando desertas

estas terras; mas sendo inutil esta medida, e continuando as minas a serem exploradas, entregou Vasconcellos essas terras á cultura, attrahio para alli a povoação, e fundou um tribunal de fiscalisação da exploração das minas.

Havião as cartas regias de 20 e 23 de março de 1688 providenciado sobre os castigos excessivos que os senhores applicavão aos escravos, e para dar-lhes execução estabeleceu uma casa chamada Calabouço, na praia de Santa Luzia, onde os escravos devião ser castigados, porém com reserva e humanidade; protegeu o commercio e a industria, creou uma feitoria de linho canhamo no Rio Grande do Sul;procurou propagar a cultura da coxonilha, e se mais não fez pelo commercio e industria proveio de não serem attendidas pelo governo de Portugal as suas representações, como elle proprio se queixa no relatorio dirigido a seu successor.

Em seu tempo promulgou-se a carta regia de 25 de janeiro de 1779 elevando o ordenado dos vice-reis a 20,000 cruzados annualmente, sem mais propinas e emolumentos, que antes se lhes pagavão, além do ordenado de governadores da Relação, que era de 900$000 annuaes.

Governou até 6 de junho de 1790, que chegou de Lisboa o conde de Rezende; e partindo para a Europa em 30 de junho na fragata de guerra Tritão, occupou em Lisboa diversos cargos, teve o titulo de conde de Figueiró, e lá pereceu.

Succedeu-lhe no governo D. José Luiz de Castro, segundo conde de Rezende, que começou a reger a capitania em 9 de junho de 1790, dando-se poucos dias depois o incendio do edificio do senado da camara.

Para diminuir as despezas do Estado, ou para molestar João Rodrigues Gago, commandante do regimento velho, supprimio esse regimento creado por Estacio de Sá e Mem de Sá; reparou algumas fortalezas; collocou na de Santa Cruz uma bateria baixa, e 29 peças ao nivel da bateria antiga; espalhando-se a noticia de um ataque inimigo mandou levantar fortes de fachina pela marinha da cidade; fez um no Trem, outro defronte do becco da Musica, outro no arsenal de Marinha, outro na Prainha, no morro do Castello e em outros lugares, e collocou peças de artilheria no adro da capella da Gloria; para commandar esses fortes nomeou capitães, tenentes e al-

feres sem patente, os quaes obtinhão o titulo de officiaes de fortaleza a troco de dinheiro ; mas com sua ausencia desapparecerão esses postos momentaneos.

Projectou continuar o cáes da praça do Palacio pela praia de D. Manoel, e formar alli um dique para embarcações pequenas, mas por ignorancia do engenheiro Joaquim Corrêa, ou por outro motivo, não fôrão avante taes obras, e sob o entulho e arêa do mar ficou soterrada muita cantaria lavrada ; e para acudir a despeza desta obra e da fortaleza de Santa Cruz, deu postos de capitães, tenentes e alferes por quantias estipuladas, com o titulo de officiaes do cáes.

Emprehendeu aterrar os campos da Lampadosa e de Santa Anna, concorrendo os moradores mais abastados com quantias de dinheiro, pedidas a titulo de obras pias, e o povo com o trabalho de seus escravos ; construio um chafariz em frente ao quartel do Moura ; cobrio o aqueducto da Carioca ; substituio por conductores de pedra os de ferro, que levavão a agua para o chafariz do largo do Palacio ; arrancou as lages que cobrião o encanamento da rua do Cano, hoje Sete de Setembro, e calçou o meio da rua sobre abobada ; igual obra fez na rua da Valla, até á do Rosario ; recommendou á camara o asseio das casas e ruas da cidade ; abrio a rua dos Invalidos, onde preparou casa e chacara para o asylo de soldados invalidos, donde proveio o nome da rua ; mas no tempo de D João VI essa chacara passou ao dominio do phisico-mór o barão de Alvaiazere ; construio na Prainha em 1798 a fragata *Princeza do Brazil* ; estabeleceu uma carreira de botes para a ilha das Cobras a 10 réis de passagem, e perseguio e prendeu os membros da academia scientifica do Rio de Janeiro, conservando-os reclusos dous annos e sete mezes, até que fôrão soltos por ordem régia.

Era homem colerico, amante do arbitrio e despotismo, e divertia-se vexando seus subditos, e perseguindo-os.

Sabendo que o coronel Seixas era homem doente e hemorrhoidario, em uma noite, em que este e outros achavão-se reunidos em palacio, mandou collocar um fogareiro com brazas debaixo da cadeira do coronel.

Encarecendo a farinha na Bahia e Pernambuco, deixarão os negociantes de vendel-a aqui para envial-a áquelles portos. Em breve houve falta deste genero no Rio de Janeiro.

Chegando ao vice-rei os clamores do povo, ordenou que viesse á sua presença o intendente do arsenal de guerra.

— Quero, disse o vice-rei, que se arme uma barraca geral no largo do palacio, e que se descarregue a farinha que houver a bordo, para ser vendida nessa mesma barraca por preço commodo.

Appareceu a grande barraca cheia de farinha, que foi vendida a 160 rs. a quarta.

Querendo os negociantes de sal formar monopolio, forão occultando e encarecendo o sal. Os clamores do povo chegarão ás portas do palacio do vice-rei, que ordenou que doze soldados, armados de machados, fossem arrombar as portas dos armazeus de sal na Prainha, se os negociantes recusassem expol-o á venda.

Os negociantes não se oppuzerão ás ordens do vice-rei, e o sal começou a ser vendido a 100 rs. a meia quarta.

Apezar de não louvarmos medidas tão despoticas, certo é que assim obtinha o povo remedio prompto a seus males ; emquanto hoje as delongas, e hesitações tornão tardias e improficuas as providencias, de que podia o povo tirar beneficos resultados, se fossem promptamente executadas.

Retirou-se o conde de Rezende para Lisboa depois de um governo de 11 annos ou pouco mais, alcançando a patente de tenente-general e a grã cruz de Aviz.

Em 14 de outubro de 1801 recebeu o bastão de vice-rei D. Fernando José de Portugal, da casa dos marquezes de Valença, tendo antes governado a Bahia, e occupado em Lisboa os cargos de agravista na Relação do Porto, e na supplicação de Lisboa.

Era homem honrado, affavel para com seus subordinados, e exacto no cumprimento de seus deveres.

Reedificou a casa dos contos, e governou até 21 de agosto de 1806.

Conta-se que vendo o commandante do navio, que devia conduzil-o á Lisboa, muita carga a bordo, dirigio-se a D. Fernando, e perguntou-lhe se ainda tinha carga para embarcar.

— Tenho, e muita porque ainda não enviei nada para bordo, respondeu o fidalgo.

Estava o navio carregado de presentes offerecidos pelo povo ao saudoso governador.

Occupou em Portugal a presidencia do conselho ultramarino, e foi conselheiro de estado ; vindo para o Brazil com a familia de Bragança, exerceu os cargos de ministro do reino, de presidente do erario, do conselho da fazenda e da junta do commercio ; foi provedor das obras da casa real, ministro de estrangeiros e da guerra, condecorado com a grã cruz de Aviz, da Torre e Espada e de Izabel a Catholica ; gentil homem do paço, conde de Aguiar por decreto de 17 de dezembro de 1808, marquez do mesmo titulo por decreto de 13 de maio de 1813 ; publicou uma traducção da critica de Pope, a qual enriqueceu de notas ; e aqui casou com uma sobrinha, e falleceu em 24 de janeiro de 1817, com pouco mais de 64 annos, sepultando-se na igreja de S. Francisco de Paula.

Devia succeder-lhe no governo do Rio de Janeiro o marquez de Alorna, D. Pedro de Almeida Portugal, nomeado vice-rei em 27 de dezembro de 1804 ; mas indicado para governar o Alemtejo, foi substituido por D. Marcos de Noronha e Brito, conde dos Arcos que, deixando o governo do Pará e Rio Negro, chegou ao Rio de Janeiro, depois de uma viagem de 4 mezes e 4 dias, em 9 de agosto de 1806, e 12 dias depois entrou em exercicio.

Mostrou-se justo e imparcial na administração da justiça ; formou no campo de S Christovão uma feira, que tornou-se mui concorrida, e na qual, conta-se, tiverão muita extracção uns assobios de barro da barraca de Manoel da Fonseca por ter o vice-rei entrado nessa barraca e comprado um assobio !

Nomeado governador da Bahia em 1810, creou as commissões militares para julgar os individuos da revolução de Pernambuco em 1817, com os quaes mostrou-se rigoroso, mandando enforcar alguns na Bahia ; e a taes scenas assistia a plebe embrutecida e escravisada pelo absolutismo, repetindo, entre outras, a seguinte quadrinha em suas cantigas :

Bahia é cidade,
Pernambuco é grota,
Viva o conde dos Arcos
Morra o patriota.

Em 5 de fevereiro de 1818 voltou ao Rio de Janeiro, e occupou o cargo de ministro da marinha, tendo a grã cruz de Aviz, a commenda da Conceição, e o lugar de gentil homem

Foi ministro do principe regente D. Pedro; mas accusado de ser o chefe do partido portuguez, ausentou-se para Lisboa em 1821, e lá falleceu em 6 de maio de 1828, tendo nascido em 7 de junho de 1771.

Em 7 de março de 1808 tornou-se o Rio de Janeiro capital da monarchia portugueza, recebendo a familia real de Bragança, que veio asylar-se no Brazil, abandonando a patria e o throno.

Rapido tornou-se então o caminhar da florescente cidade; crearão-se uteis estabelecimentos, importantes instituições; cresceu a população, surgirão officinas, fabricas e fundições; prosperou o commercio, estendeu-se a area da cidade, favorecendo o governo aos moradores, que edificassem predios no terreno pantanoso da cidade nova, com a isenção por 10 annos do imposto da decima para os predios de um sobrado, e por 20 annos para os de mais de um sobrado.

E foi em geral um periodo de felicidade, de rigosijo e paz para o povo do Rio de Janeiro todo o tempo, em que residio nesta cidade o velho rei D. João VI. As repetidas festividades religiosas, celebradas com luxo e pompa; as continuadas solemnidades da côrte; as festas populares do Natal, dos Reis e do Espirito-Santo; as frequentes procissões, os amiudados fogos de artificio, e outros divertimentos alegravão o povo e mantinhão-o em paz; mas uma inundação, dada na cidade em 1811, veio aterrar a população e enlutar algumas familias.

Em 10 de fevereiro, ás 11 horas da manhã, começou uma abundante chuva, que continuou sete dias e sete noites, inundando as casas e ruas, que erão vadeadas por canoas; desabou parte do morro do Castello, sóterrando muitas casas das ruas da Misericordia e Cotovello, e deixando sob as ruinas familias inteiras; abrirão-se as igrejas para supplicar o soccorro da Providencia, e livrar o povo dessa inundação, que ficou conhecida com o nome de aguas do monte (1).

(1) Em 4 de abril de 1756 cahio sobre a cidade, depois de violenta tempestade, tão copiosa chuva que, continuando 3 dias sem interrupção, aterrou os habitantes que abandonarão as casas, das quaes muitas desabarão, fugindo para as igrejas; as ruas ficarão inundadas navegando nellas as canôas, como se fosse em caudaloso rio; no dia 6 uma canôa navegou com 7 pessoas desde o Valongo (Saude) atè á igreja do Rosario.

Começarão em fins de março e continuarão até 21 de abril de 1772 chuvas torrenciaes e abundantes, que desmoronarão casas e muros;

A lei de 16 de dezembro de 1815 elevou o Brazil a reino, e fallecendo a rainha D. Maria I em 1.º de março de 1816, foi coroado e acclamado rei D. João VI. Acontecimentos politicos chamarão-no a Portugal, e depois da desastrosa scena da praça do Commercio, onde deliberava a assembléa eleitoral, embarcarão o rei e sua familia para Portugal em 26 de abril de 1821, ficando como regente no Brazil o principe D. Pedro.

Vaticinarão os politicos, e o proprio rei D. João VI, que o regresso da côrte para Lisboa seria seguido immediatamente da declaração da independencia do Brazil; de feito em 7 de setembro de 1822 resoava nos campos do Ypiranga o brado *independencia ou morte*, legenda do novo Imperio Americano; em 12 de outubro era acclamado, e saudado pelo povo o primeiro imperador do Brazil, e em 1 de dezembro cingia-lhe a fronte a corôa imperial. Em 3 de maio de 1823 o imperador Pedro I abrio a primeira assembléa constituinte do Brazil, que foi violentamente dissolvida em 12 de novembro; em 25 de março de 1824 jurou a constituição politica do Brazil (1), e em 6 de maio de 1826 assistio á abertura da primeira assembléa legislativa; nesse mesmo anno crearão-se os cursos juridicos de S. Paulo e Olinda, e elevarão-se as prelazias de Goyaz e Cuyabá a bispados. Acontecimentos politicos obrigarão o imperador a assignar o decreto de 7 de abril de 1831, abdicando a corôa em seu filho D. Pedro II.

na rua da Ajuda morreu um preto esmagado por uma parede, que desabou, pereceu um homem na rua da Saude de igual desastre, e no Engenho-Novo dous pretos ficarão sepultados sob os muros da casa em que residião; em muitas casas a agua chegou até o peitoril das janellas.

(1) A Constituição que nos rege foi formulada por 10 conselheiros, que a concluirão e assignarão em 11 de dezembro de 1823, no curto espaço de 15 dias.

Esses conselheiros forão:

João Severiano Maciel da Costa (depois marquez de Queluz).

Luiz José de Carvalho Mello (visconde da Cachoeira).

Clemente Ferreira França (marquez de Nazareth).

Marianno José Pereira da Fonseca (marquez de Maricá).

João Gomes da Silveira Mendonça (marquez de Sabará).

Francisco Villela Barbosa (marquez de Paranaguá).

A abdicação do imperador, a exaltação dos partidos, a indisciplina da tropa, as medidas exageradas, como prisões, deportações e outros excessos do partido dominante, para anniquilar o partido contrario, produzirão desordens, lutas e sublevações, trazendo sempre nublado o horizonte politico da capital do Brazil; foi o governo entregue a uma regencia, por ser menor o Imperador, até que, em 23 de julho de 1840 foi proclamado maior o Imperador D. Pedro II, então serenarão-se os animos, desenrugou-se a face politica dos partidos, extinguio-se a rebellião do Rio Grande do Sul, entrando o paiz em um periodo de paz e prosperidade; e se as provincias de S. Paulo e Minas se revoltarão em 1842, e a de Pernambuco em 1848, facilmente fôrão vencidas, sendo amnistiados os chefes desses levantamentos.

Em 18 do Julho de 1841 fora sagrado e corôado o segundo Imperador do Brazil, que, em 30 de maio de 1843, casou por procuração com a princeza, filha do rei de Napoles, recebendo as bençãos matrimoniaes no Rio de Janeiro em 4 de setembro do mesmo anno.

Em 18 0 invadio o Rio de Janeiro a febre amarella que, aclimatando-se no paiz, tão fatal tem sido ao augmento da população, e ao desenvolvimento do commercio e industria nacionaes; no anno seguinte venceu o Brazil ao dictador Rosas da Confederação Argentina, que sonhara absorver a republica de Montevidéo, incorporando-a a seus dominios; em 1855 apestou a cidade a epidemia da cholera morbus, que foi especialmente fatal aos escravos; e nesse mesmo anno, por decreto de 19 de setembro, determinou-se que daria tres deputados á assembléa geral o municipio da Côrte que, desmembrado pelo acto addicional em 1834, da provincia do Rio de Janeiro, e

Barão de Santo Amaro (marquez do mesmo titulo).
Antonio Luiz Pereira da Cunha (marquez de Inhambupe).
Manoel Jacintho Nogueira da Gama (marquez de Baependy).
José Joaquim Carneiro de Campos (marquez de Caravellas).

Em 1848 morreu o marquez de Maricá, o unico dos signatarios da Constituição, que ainda existia nessa quadra.

Cunhou-se em Pariz em 1821 uma medalha commemorativa do juramanto da Constituição, tendo no verso o busto de Pedro I e em volta o distico D Pedro I Imperador, no reverso o fumo e café, e no centro o distico *Constituição do Brazil, 1824*; essa medalha em forma de caixa contém em papelinhos arredondados, presos entre si, toda a Constituição do Imperio.

por não ficar annexo á provincia alguma, mas sujeito á immediata administração do governo geral, recebera o nome de municipio neutro.

As medidas exageradas do consul inglez Christie, que, mandara aprisionar fóra da barra navios brazileiros em represalia, por não serem attendidas as reclamações, que fizera em 1862, em nome de seu governo, sobresaltarão os animos dos fluminenses, que concitados pelo patriotismo, mostrarão-se promptos a repellir a affronta lançada á nação, assim como o Imperador e o governo em manterem illesas a honra e dignidade do paiz; felizmente em 6 de janeiro de 1863 annunciou-se ao povo que havião tido solução pacifica as questões suscitadas entre o governo imperial e a legação ingleza, e estavão reatadas as relações entre o Imperio e a monarchia da Grã-Bretanha.

Em 1864 o dictador do Paraguay, sem previa declaração de guerra, tomou um navio brazileiro, prendeu o presidente de Matto-Grosso, e outros Brazileiros, que ião no barco, e invadio as provincias de Matto-Grosso e Rio Grande do Sul ; tratou o Imperio de vingar esses ultrajes, e ligado ás republicas do Prata, sustentou renhida e brilhante luta contra aquelle tyranno desde 1865 a 1870, sahindo victorioso dessa campanha, que terminou com a morte do dictador e completa destruição do seu poder militar.

A noticia da terminação dessa gloriosa campanha chegou ao Rio de Janeiro na sexta-feira 18 de março de 1870 pelo vapor Tycho-Brahe, que entrou enbandeirado.

Toda a cidade illuminou-se, o Imperador, a Imperatriz e a Princeza percorrerão a pé as ruas da cidade, e nessa mesma occasião foi galardoado com o titulo de visconde de Pelotas o general José Antonio Correa da Camara, que sorprendera e anniquilara o inimigo em Aquidabam.

Enviara o Brazil para essa guerra 83.000 homens ou pouco mais, e perdeu entre mortos, feridos e extraviados em combates 39.910.

Em 9 de fevereiro de 1871 falleceu em Vienna d'Austria a princeza D. Leopoldina, filha de D. Pedro II e casada com o principe Duque de Saxe, deixando 4 filhos. Nesse mesmo anno, ausentarão-se para a Europa o Imperador e a Imperatriz, e prestou a Princeza D. Izabel em 9 de maio o juramento de regente do Imperio.

A lei de 28 de Setembro de 1871, publicada em 29 de setembro, regulou o elemento servil, libertando o ventre das mulheres escravas, e desde então não nascerão mais escravos no Brazil.

Em 26 de janeiro de 1873 pereceu em Lisboa a imperatriz do Brazil, duqueza de Bragança, com 61 annos de idade.

Em 22 de junho do anno seguinte entrou o Brazil em communicação immediata com a Europa por meio do telegrapho transatlantico, acontecimento que foi por todos saudado com grande jubilo e satisfação.

Preso em 16 de janeiro de 1875 o bispo de Olinda, e depois o do Pará, por questões com o poder civil, forão condemnados a 4 annos de prisão com trabalho pelo supremo tribunal de Justiça ; commutada a pena em 4 annos de prisão simples, forão os prelados amnistiados por decreto de 17 de setembro de 1875.

Em maio deste anno deu-se violenta crise commercial no Rio de Janeiro, suspendendo os bancos Mauá, Nacional e Allemão seus pagamentos, e pedindo moratorias : o gerente do banco Allemão suicidou-se, e o governo para fazer face a essa crise emettio 25.000 contos de papel moeda.

Em 22 de julho de 1875 inaugurou-se a communicação directa por cabo submarino entre o Ric de Janeiro e Montevidéo, e em 23 de setembro entre o Brazil e o Perú.

Em 15 de outubro foi extrahido a *forceps* em Petropolis o filho da Princeza Imperial D. Izabel, o qual baptisou-se em 2 de dezembro recebendo os nomes de Pedro de Alcantara, Luiz Felippe Maria, Gastão, Miguel, Rafael, Gonzaga ; sendo padrinhos o Imperador e a Imperatriz. No mesmo dia do baptisado do Principe do Grão Pará abrio-se a quarta exposição de productos nacionaes no palacio da secretaria da agricultura.

Em presença da Familia Imperial, da camara municipal, de muitas pessoas gradas e de numerosissimo concurso de povo lançou-se na praça da Acclamação em 14 de março de 1876, a pedra fundamental do monumento, qne se vae erguer para commemorar os grandiosos feitos do exercito e armada nacionaes na guerra do Paraguay ; e em 26 de março partirão o Imperador e a imperatriz para os Estados-Unidos a visitarem a exposição da Phyladelphia, tomando pela segunda vez a regencia do Imperio a Princeza Imperial D. Izabel.

II

CAPELLA IMPERIAL

Creado em 1676 o bispado do Rio de Janeiro, só seis annos depois chegou á esta cidade o primeiro bispo; e tendo a provisão de 18 de novembro de 1681 declarado o numero dos conegos que havião de compor o corpo capitular, foi este instituido por D. José de Barros Alarcão em 19 de janeiro de 1685.

Os primeiros conegos fôrão Dr. João Pimenta de Carvalho, Felippe de Barros Neves, Manoel Lourenço de Carvalho, Amaro Pinheiro, Antonio Dias, Manoel da Costa Escobar e Gaspar Ribeiro Pereira, que começarão a residir em 15 de setembro de 1686.

Installou-se o corpo capitular na igreja de S. Sebastião que servia de sé ; mas deixando o povo o morro do Castello para vir habitar a varzea circumvisinha, foi pouco e pouco se despovoando a montanha, erguerão-se casas nas ruas abertas na planicie, que se estendia entre os montes da nascente cidade, e o morro de S. Januario, chamado depois do Castello, tornou-se solitario; pois, exceptuando-se os jesuitas e os conegos, poucos individuos galgavão as ladeiras ingremes e extensas dessa montanha.

O monte que servira de berço á cidade do Rio de Janeiro tornou-se deserto, o mato começou a crescer no lugar em que outr'ora erguião-se habitações ; e por estar em lugar ermo a igreja cathedral,

collocou-se alli uma sentinella; mas apezar disso penetrarão os ladrões na igreja por uma porta travessa, e roubarão diversos castiçaes; da segunda vez levarão uma caldeira de prata para agua benta.

Esses attentados, o máo estado da igreja cathedral, que era de telha vã, e a distancia em que se achava do centro da povoação, resolverão o bispo a representar a el-rei em 1702 pedindo a mudança da sé para a capella de S. José.

A carta regia de 13 de março de 1703 ordenou á camara que, ouvindo o parecer e sentimento dos homens bons, informasse sobre a pretenção do bispo, e ao mesmo tempo ordenou-se ao governador que fizesse o orçamento da despeza do novo templo, que devia ser levantado sob o risco, feito em Lisboa, pelo padre Francisco Tinoco.

Sendô tardias as providencias do governo, e receando o bispo algum sacrilegio na igreja cathedral, mandou tirar d'alli o sacramento, consumir as particulas sagradas, e guardar o cofre. Em 13 de setembro de 1703 referio ao rei seu procedimento, e declarou ter obtido a igreja da Cruz para cathedral.

Mas em 12 de setembro de 1704 informara o governador ao rei quaes as obras necessarias na igreja de S. José, para servir de sé, e qual a despeza da construcção do novo templo.

Recebendo essa carta escreveu el-rei ao bispo, em 16 de fevereiro de 1705, declarando-lhe que, orçando o governador em mais de 100,000 cruzados a obra da nova sé, convinha que o povo concorresse com esmolas para emprehender-se semelhante obra, pois achavão-se em máo estado as finanças do reino.

Em consequencia da urgente necessidade que havia da mudança da cathedral para outra igreja mais decente e mais proxima da povoação, o bispo, apezar de ainda não estar autorizado, e de não ter transferido a cathedral, já celebrava na igreja da Cruz todos os actos divinos.

Vendo invadida sua igreja, a irmandade de Santa Cruz representou a el-rei em 16 de março de 1705; e em 4 de setembro de 1706 inhibio o rei ao bispo de usar da igreja da Cruz, até que se tomasse a ultima deliberação sobre este assumpto. Parecia ao bispo a igreja da Cruz a melhor para servir de sé, não só por se achar no centro da povoação, como por ser possivel augmental-a, havendo espaço

para a obra; pelo que continuou a solicital-a; e por cumprir ao ordens regias, no edital de 15 de maio de 1706, pedio ao povo que concorresse com esmolas para as obras da nova sé.

Attendendo á opposição que se fazia á transferencia da sé para a igreja da Cruz, e não tendo tido do throno resposta favoravel a este respeito, pedio o bispo a igreja da Candelaria para cathedral.

Depois de varias cartas regias mandando ouvir o voto da camara e do povo sobre a mudança da cathedral, determinou o alvará de 1 de abril de 1721 a transferencia para a igreja da Candelaria, para cujas obras se destinavão meia decima das propriedades das duas freguezias da cidade, e 20,000 crusados fornecidos por quatro annos pela casa da moeda desta cidade ou de Minas.

Esse alvará encontrou morto o bispo D. Francisco de S. Jeronymo, mas continuou seu successor a requerer a trasladação da cathedral; e de feito, corridos alguns annos, permittio o alvará de 30 de setembro de 1733 a mudança da sé para a igreja da Cruz (*).

Sabendo o rei que o cabido não vivia em harmonia com a irmandade dos militares, ordenou ao governador que, em conferencia com o bispo e o brigadeiro José da Silva Paes, indicasse outra igreja para cathedral, ou lugar em que de novo se edificasse, conforme parecesse mais conveniente.

Estando arruinada a igreja da Cruz, officiou o cabido a el-rei que, em 10 de novembro de 1736, determinou se escolhesse um sitio conveniente, onde se construisse a cathedral; mas receando serem esmagados sob as ruinas da igreja em que estavão, resolverão os conegos em 28 de julho de 1737, emigrar para a igreja do Rosario; e tendo consentimento do prelado, dirigirão-se em procissão para essa igreja na tarde de 1 de agosto, onde não forão bem recebidos.

A igreja de S. Sebastião servira de sé mais de meio seculo, a da Cruz mais de tres annos, e a do Rosario vae ser cathedral durante mais de setenta.

Não julgando-se lisongeados com o titulo de sé cathedral, que os conegos vinhão dar á sua igreja, representarão os pretos a el-rei queixando-se de ter o cabido invadido sua igreja.

(*) Veja o capitulo em que se descreve a igreja da Cruz.

E tinhão os pretos razão de estar prevenidos contra os conegos.

Antes de 1631 nascera na igreja de S. Sebastião a irmandade de Nossa Senhora do Rosario, onde já existia, ou formou-se mais tarde a confraria de S. Benedicto.

Em 1667 foi eleito juiz da irmandade do Rosario um individuo que occupava igual cargo na de S. Benedicto ; quiz elle recusar esse duplo cargo, mas não sendo aceita sua escusa, começou a dirigir as duas confrarias.

Não sabemos como esse juiz procedeu; certo é, porém, que as duas confrarias, até então amigas, inimistarão-se ; mas, depois de alguns annos de contendas, resolverão formar uma só irmandade sob a invocação de Nossa Senhora do Rosario e S. Benedicto. Approvada semelhante deliberação, formularão seu compromisso, que foi confirmado em 22 de março de 1669.

Instituido o corpo capitular na igreja de S. Sebastião, entrou logo em contenda com a irmandade dos pretos ; exigio que no fim de tres dias exhibisse seus titulos, compromisso e relação de alfaias; sujeitou-se a irmandade, que recebeu ordem de não praticar ceremonia alguma sem participar antes ao cabido.

Depois de conflictos e contestações de jurisdicção curvou-se a irmandade, e em todos os seus actos figurava um conego, que tudo ordenava, e decidia ; pagava a irmandade propinas e emolumentos dos actos que celebrava, e pagava as sepulturas dos seus confrades.

Resolveu procurar abrigo em outra igreja, por não poder supportar mais tempo as exigencias do cabido ; mas não tendo onde recolher-se, pensou em dissolver-se entregando as imagens e alfaias ao prelado, e já despedira seu capellão, quando a devota Francisca de Pontes offereceu-lhe um terreno para edificar uma igreja.

Requereu a irmandade licença regia para a edificação da igreja, o que alcançou em 14 de Janeiro de 1700, e em 19 de janeiro do mesmo anno obteve o privilegio de celebrar os officios divinos com sacerdotes de sua escolha.

Em agosto de 1701 lavrou-se em casa de Francisca de Pontes a escriptura da doação de um terreno na rua de Pedro da Costa, hoje largo do Rosario, com 7 braças de frente e 32 de fundos, para a edificação da igreja da Senhora do Rosario e de S. Benedicto.

Em 2 de fevereiro de 1708 benzeu o terreno e lançou a primei-

ra pedra do novo edificio o padre Dr. João Pimenta de Carvalho, em presença do cabido, autoridades civis e numeroso concurso de povo.

Concluida a capella-mór concorreu o governador Luiz Vahia Monteiro para a construcção do corpo da igreja ; e estavão em andamento as obras, quando em 20 de agosto de 1728, João Machado Pereira doou á irmandade uma capella que possuia nos fundos do novo templo ; e vindo habitar essa capella, se passou a irmandade em 1736 para o templo que construira.

Vê-se que tinhão os pretos do Rosario razão de entristecer-se vendo os conegos installados em sua igreja ; de feito transformarão-se estes hospedes em donos da casa ; a irmandade começou a resistir-lhes, e representou ao rei que, em resposta, enviou a provisão de 3 de outubro de 1739 ordenando qne se conservasse interinamente na igreja do Rosario o cabido e cathedral, em quanto se fazia nova sé, para cuja obra recommendava de novo se escolhesse sitio proprio onde se executasse, sem ser na igreja dos pretos, por não ser decente que o mesmo prelado e o cabido estivessem celebrando os officios divinos em uma igreja emprestada, e de mistura com os pretos.

Conferenciando o bispo, o general Gomes Freire de Andrade e o brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim sobre o sitio em que se devia construir a cathedral, depois de diversas deliberações, opinarão pela igreja do Rosario, por evitar maiores despezas ; mas á vista da expressa inhibição régia, e das ordens expedidas em 1746, e em 9 de maio de 1747, escolheu o governador o terreno, onde se devia erguer a sé, segundo o plano do sargento-mór Carlos Manoel, que, por exigir muita despeza, foi desprezado, sendo admittido outro feito pelo brigadeiro Alpoim.

Mandou Gomes Freire ornar a praça onde tinha de levantar-se a cathedral, a qual recebeu o nome de largo da Sé Nova, e mais tarde de S. Francisco de Paula ; ordenou que houvesse symetria e boa direcção nos edificios que fossem alli construidos ; e em 4 de setembro de 1748 convidou ao bispo, á camara, á nobreza e ao povo para assistirem á collocação da primeira pedra.

Ás 4 horas da tarde do dia 20 de janeiro de 1749 dirigirão-se para o lugar da ceremonia o governador, o bispo, a nobreza, povo, clero, ordens e irmandades religiosas, e depois das bençãos e sagração, feitas em uma capella de taboas erguida pelo bispo, carregou o

governador a primeira pedra até o lugar indicado, salvando as fortalezas e a tropa dos tres terços da cidade formados em parada.

Concluidos os alicerces, levantadas as paredes na altura de 20 covados, tendo-se gasto na obra mais de 200,000 cruzados, parou a construcção em 1752, não só por ter de applicar-se as quantias consignadas para a obra á questão de limites, senão por ter de retirar-se para essa commissão o governador Gomes Freire de Andrade.

No entanto continuava o cabido em luta com a irmandade dos pretos, que, firmando-se em direitos adquiridos, sustentava porfiada demanda.

Procurou o cabido apossár-se da igreja do Rosario, mas não conseguio. Em 1788 retirou do altar-mór S. Benedicto, substituindo-o por S. Sebastião, e mandou tapar as sepulturas da capella-mór; mas o accordão de 27 de setembro de 1791 mandou abrir essas sepulturas, e collocar no respectivo altar a imagem de S. Benedicto.

Essa luta manifestava a necessidade de dar-se andamento as obras da sé; e por isso, apezar de não haver consignação regia, a mitra recomeçou-as por meio de esmolas em 1796; os capitulares offerecerão parte de suas congruas; mas lentamente caminhava a construcção da igreja, por não merecer do bispo decidida protecção, nem do vice-rei conde de Rezende, que não cumprio o que promettera, que era de mandar os galés para substituirem os serventes.

Concluira-se a capella mór e as casas lateraes correspondentes; mas em 1797 cessarão de novo as obras, ficando muita madeira lavrada, cantaria preparada e outros materiaes que não forão aproveitados, apezar do zelo do padre José Coelho Pires da Fonseca, que se encarregara da direcção dos trabalhos desde o começo.

Tinha-se dado principio ás torres, e já sobre a verga da entrada central vião-se as settas e o arco, emblemas do martyrio do Santo padroeiro da cidade e orago do templo.

Requereu o cabido ao rei a continuação da obra e auxilio para ella; mas as guerras de Napoleão preoccupavão então o governo portuguez, e não se abria facilmente o erario regio, quando se tratava de erguer edificios na colonia da America; assim ficou paralysada a construcção da sé; e só mais tarde foi concluido o edificio para fim muito diverso, como veremos quando tratarmos da Escola Polythechnica.

Continuara a igreja do Rosario a servir interinamente de cathedral, e essa interinidade durou mais de setenta annos!

Esta igreja, que recebera os bispos D. frei Antonio do Desterro, e D. José Joaquim Justiniano, recebeu em 8 de março de 1808 a familia real de Bragança, e em 13 de maio o bispo D. José Caetano.

O alvará de 15 de junho de 1808 elevou á capella real e cathedral a igreja dos frades carmelitas, e na tarde desse mesmo dia deixou o cabido a igreja do Rosario.

Este templo, cuja fundação já descrevemos, acha-se edificado no largo do Rosario defronte da rua do mesmo nome; tem um atrio ladrilhado de pedra e cercado com grades de ferro; o portico é de marmore, ha duas janellas no côro, o entablamento, um segundo corpo com um oculo, e o frontão recto. Tinha uma unica torre mui baixa, ao lado esquerdo, mas em 1860 construio-se outra do lado opposto, a qual tambem não tem elegancia.

Edificado sem um plano determinado, sem as regras da arte, patenteia este edificio o nosso atrazo e pobreza dos tempos colòniaes, e ahi subsiste como um padrão do máo gosto e ignorancia daquelles que erguerão-no, e daquelles que conservão-no.

O interior é um extenso salão acaçapado com ornatos mesquinhos e de máo desenho; contava nove altares, hoje tem sete; em 1861 preparou o artista Antonio Jacy Monteiro a obra de talha que ormamenta o templo; construio quatro columnas e diversas pilastras para sustentarem o coro; assoalhou e forrou a igreja, e cobrio de marmore o pavimento por debaixo do côro.

A capella mór era pequena, porem o irmão Antonio da Silva Ribeiro reformou-a em 1773, e deu-lhe a extensão e a altura que apresenta.

Na sacristia, que está ao lado direito, veem-se o retrato de Luiz Vahia Monteiro, que a irmandade, em signal de gratidão, mandou fazer em 1736; o do bispo D. Pedro Maria de Lacerda, e o de Abrahão Felippe do Espirito Santo, que conseguio accumular os redditos da irmandade para emprega-los em 1861 na reconstrucção da igreja, aberta aos fieis em 1863. Falleceu este prestimoso juiz da irmandade em 18 de março de 1867.

Do mesmo lado da sacristia está o consistorio, cuja construcção

começou em 1764; e do qual teremos ainda de fallar quando occupar-nos do paço da camara municipal.

A irmandade do Rosario celebrava outrora pomposas festas, com procissão e dansas pela rua, nas quaes vião-se um rei e uma rainha eleitos pelos seus confrades; mas pouco e pouco forão-se modificando esses divertimentos, e em 1820 deixarão de ser eleitos o rei e a rainha dos pretos (1)

Dissemos que da igreja do Rosario passou o cabido para a igreja dos frades do Carmo, cuja origem convém o leitor conhecer.

Na nascente cidade de S. Sebastião erguera uma mulher devota a ermida da Senhora do O' á beira mar.

Nessa ermida, que abençoava as aguas do oceano, onde se reflectia, abrigarão-se em 1589 dous frades benedictinos, e no anno seguinte alguns frades carmelitas, que alcançarão a doação da capella, e ao lado direito della erguerão um mosteiro em terreno dado pela camara.

Mas a velha ermida já não podia suster-se em seus fracos alicerces, e em dia de festividade desabou, sepultando sob sua ruina muitos fieis.

No mesmo lugar resolverão os frades levantar um templo, e em 10 de maio de 1761 lançavão a primeira pedra, em presença do governador, da camara e de outras pessoas da nobreza. Da ilha das Enxadas, que lhes tinha sido doada, extrahirão a pedra para a edificação da igreja.

Acha-se este edificio no principio da rua Primeiro de Março, e é separado da igreja do Carmo por um corredor descoberto, e fechado com portões de ferro.

Levantado do chão tres degráos, é o atrio mais saliente que o da igreja do Carmo, cercado com gradil de ferro e ladrilhado de mosaico de marmore. Tres portas, divididas por pilastras, dão entrada no templo; segue-se o entablamento, as tres janellas do côro com vidraças, que são separadas por pilastras que sustentão o segundo entablamento; vê-se depois um terceiro corpo, com duas pilastras com capiteis co-

(1) Veja Breve Noticia da irmandade de N. S. do Rosario e S. Benedicto por Joaquim José da Costa.

rinthios, no centro um nicho que corta o tympano, no qual estão as armas do Imperio, e por fim o frontão recto e a cruz.

Quando chegou a familia real não estava concluida a frontaria ; mas destinada esta igreja para capella real, construio-se um frontão de madeira, collocando-se no tympano as armas reaes. O atrio tinha grades de páo, e era assoalhado de madeira.

No reinado do primeiro imperador o architecto Pedro Alexandrino Cavroé fez o desenho e dirigio a obra do terceiro corpo, que completa a fachada da igreja ; substituirão-se as grades de madeira do atrio por grades de ferro, e cobrio-se de marmore o pavimento ; mas ha dous ou tres annos foi esse ladrilho substituido por outro.

A fachada desta igreja não pertence a uma ordem regular de architectura, e são baixas as pilastras do terceiro corpo em relação aos capiteis que enfeitão-nas.

Em frente de cada porta ha um paravento construido no tempo do rei D. João VI.

O templo conta sete altares e duas capellas fundas, e é ornado de talha dourada feita em 1785 pelo mestre Ignacio, que tambem ornamentou a capella-mór da igreja dos benedictinos.

Ignorão-se o dia, o anno do nascimento e da morte desse habil artista; no emtanto merecia que delle se desse noticia circumstanciada, pois é de admiravel perfeição a talha de estylo barroco, que enfeita o interior da igreja cathedral ; os anjos, as columnas, os arabescos, as flores e outros enfeites são de tanta belleza e perfeição, que reconhece-se ter sido um artista de genio quem concebeu e executou semelhantes trabalhos.

Mas outrora utilisavão-se do talento dos artistas, exigião delles muito esforço, muito trabalho, porem, concluida a obra, deixavão-nos na obscuridade, e não julgavão util indagar qual a patria, o dia, o anno em que o filho da arte viera ao mundo. O misero era desprezado e considerado simples artesão.

Insensatos, não comprehendião que esses operarios do progresso deixarião gravados seus nomes na pedra, na madeira, no bronze, e que a posteridade recordando-os, teria de lançar maldição sobre aquelles que não amarão e prezarão os autores de taes obras !

Os altares do lado do evangelho pertencem ao Senhor dos Passos, a S. José e a S. João Baptista, e os da epistola á Senhora da Ca-

beça, a Santa Anna e a S. João Nepumoceno e Santo Antonio Menino do côro.

No altar de S. José houve uma Senhora da Victoria, que, retirada dos despojos inimigos na conquista de Cayenna, foi remettida pelo governador portuguez ao principe regente D. João, que mandou collocal-a em um altar da sua real capella, assim como duas bandeiras tomadas ao inimigo; mas celebrada a paz geral na Europa, retirarão-se as bandeiras, e algum tempo depois a imagem, que está actualmente depositada no thesouro da capella.

Em um altar da igreja de S. Sebastião no Castello collocara Martim de Sá, com permissão do prelado Aborim, a imagem da Senhora da Cabeça; e para sustentar o culto e festejar a imagem de sua devoção, instituira o fundador patrimonio, por escriptura de 24 de abril de 1616, lavrada pelo tabellião Antonio de Andrade.

Martim de Sá, nascido no Rio de Janeiro em 1555, falleceu em 10 de agosto de 1632, tendo sepultura na igreja que descrevemos, e era filho de Salvador Corrêa de Sá o velho, que nascido em 1530 pereceu em 1631 com 101 annos de idade.

Tomara o cabido a Senhora da Cabeça por sua padroeira, e conduzida a imagem para a igreja da Cruz, e desta para a do Rosario, quebrou-se por ser de barro; mas o padre Gaspar Ribeiro Pereira mandou fazer em Lisboa outra de madeira semelhante á antiga, e essa imagem secular ainda se conserva na cathedral, onde o cabido a festeja annualmente como sua padroeira. Entre os altares e as capellas fundas estão os pulpitos.

As capellas são separadas do corpo da igreja por grades de balaustres dourados. A da epistola pertence a S. Pedro de Alcantara, cuja imagem de marmore branco foi enviada de Roma a D. Pedro I, é de tamanho natural, e está de joelhos sobre uma pedra.

Na base do altar vê-se em um tumulo de vidro a imagem de S. Julianetti que, offertada á Imperatriz D. Thereza Christina, foi depositada em 1850 neste altar.

Em 1870, collocou-se nesta capella, dentro de um armario de vidro, a bandeira do 2.º batalhão de voluntarios da patria, que, dentre muitos, foi um que mais se distinguio na guerra do Paraguay.

Pertenceu esta capella ao Senhor dos Passos, e ainda vê-se a

porta, que ia ter á sacristia da irmandade, e está do lado opposto a que dá subida para o pulpito.

A capella fronteira é do Sacramento; tem no altar um painel da cêa pintado pelo artista Raymundo, e de cada lado uma tribuna; mas a do lado do evangelho é a unica que serve, pois alli se confessa e communga a familia imperial; a do lado opposto encerra diversos armarios, e está fechada com grades de ferro. No tempo de D. João VI tinha o nome de tribuna da familia, por virem orar alli as pessoas da familia real. Junto dessas tribunas ha commungatorios que estão inutilisados, e mais adiante uma porta de cada lado, sendo uma dellas do pulpito, e outra da sacristia do cura.

Era esta capella igual a que fica-lhe fronteira, mas D. João VI deu-lhe a extensão que apresenta.

Ha no corpo da igreja tres tribunas de cada lado divididas por pilastras; pertencião as do lado direito ás damas do paço, mas actualmente servem de thesouro de alfaias, e occupão as damas as do lado fronteiro.

No tempo de D. João VI havia, além do côro, um ante-côro sustentado por columnas, para conter a numerosa orchestra das festas reaes; e na frente desse côro via-se uma carranca construida pelo artista Antonio José, a qual abria e fechava a boca quando o orgão tocava; porém em 1850 supprimio-se essa carranca, que excitava o riso nos actos religiosos. Na boca do côro vê-se uma peça representando os canudos do orgão, que está collocado na parte posterior.

Dous degráos dão subida para a capella-mór, que é fechada com balaustres dourados, e apresenta no altar a imagem de S.Sebastião, e um painel de trinta e dous palmos de cumprimento e deseseis de largura com os retratos em corpo inteiro de D.Maria I, que conduz pela mão o principe D. Pedro, seu neto, de D. João VI e da rainha Carlota; na parte superior está entre anjos e nuvens, a Senhora do Carmo, que estende seu manto sobre as pessoas reaes; vê-se inferiormente de cada lado um anjo, um com uma cesta de flores, o outro com uma esphera na qual lê-se: *nostras deprecationes ne despicias;* aos pés da imagem notão-se dous anjos, um com uma palma, o outro com um escudo, onde está escripto *sub tuum præsidium confugimus.*

Foi este painel pintado por José Leandro de Carvalho, cuja biographia encontrará o leitor no fim deste capitulo.

Quando esta igreja ainda pertencia aos frades, propalavão elles, para especular com a credulidade publica, que no altar-mór havia reliquias do Santo Lenho, tres cabellos de Nossa Senhora, e uma touca de Santa Anna!

Estão na capella-mór as tribunas do corpo diplomatico, dos semanarios, a tribuna imperial, o solio com a cadeira episcopal, e a quadratura e estante do cabido; no tecto ha um painel representando a Senhora do Carmo (1).

Constava a principio o cabido de cinco dignidades, deão, chantre, thesoureiro-mór, mestre escola e arcediago, de seis conegos de prebenda inteira, dous de meia prebenda, um subchantre, quatro capellães, quatro moços do côro, um organista, um mestre de capella, um sacristão, um porteiro da massa, um cura e um coadjuctor.

A provisão de 1 de março de 1681 creou o mestre de ceremonia; o alvará de 19 de outubro de 1733 augmentou as cadeiras de doutoral, magistral, penitenciario e duas de meia prebenda; e o de 3 de dezembro de 1750 elevou a doze os capellães, incluindo o mestre de ceremonia; creou-se em 9 de dezembro de 1758 a conezia parochial, sendo essa cadeira igualada a de prebenda inteira. Constava assim a folha dos ministros da sé de cinco dignidades, dez conegos de prebenda inteira, quatro de meia prebenda, todos com voto no cabido, doze capellães incluindo o sub-chantre e o mestre de ceremonia, moços do côro, dous sacristães, um mór e outro menor pago pela fabrica, um porteiro da massa, um mestre de capella e um organista. Em 1808 o principe regente D. João elevou a monsenhores as cinco dignidades do cabido, e para completar o numero de seis, creou a dignidade de arcipreste; augmentou o numero dos capitulares e de todo pessoal, dividio os conegos em duas cathegorias, presbiteros e diaconos, e concedeu-lhes o uso do roquete e capas magnas roxas e murças encarnadas. Em 21 de dezembro de 1808 honrou-os com o tratamento de senhoria, e aos monsenhores concedeu illustrissima

Conta actualmente o corpo capitular seis monsenhores, deseseis conegos, quatorze capellães, tres mestres de ceremonia, e um de solio; um monsenhor ou conego exerce o lugar de inspector e fabri-

(1) Vide a biographia do artista José de Oliveira.

queiro, e um dos conegos é cura da imperial capella, tendo por ovelhas os empregados do paço e os da capella imperial.

Os monsenhores não cantão missa, e só fazem pontificaes.

Ha dez sachristães, dous maceiros, tres thesoureiros, um do thesouro, dous da sacristia, dous mestres de capella, dous organistas, um andador, um empregado das tribunas, trese musicos cantores, vinte e dous instrumentistas, dous sineiros e dous varredores.

Na cathedral recitão-se diariamente as horas canonicas, tendo sido esse côro instituido por D. Pedro II quando regente de Portugal, e teve principio em 19 de janeiro de 1685.

Ha no corpo da igreja quatro portas, duas ao lado do arco cruseiro, e duas proximas do côro; uma dellas vae ter á antiga casa do armador, hoje thesouro da capella, onde, além de outros objectos de valor, notão-se um calix, custodia e ambula de ouro, e duas bacias de prata dourada, que têm servido no baptisado dos principes.

A outra porta vae ter á sacristia, que tem um altar com a imagem de Christo, um arcaz sobre o qual vê-se um painel da Conceição que pertenceu ao tribunal da Relação, e um esguicho de marmore em um quartinho proximo.

Junto desse quartinho houve um jardim, cujas paredes erão ornadas com pinturas e trabalhos de conchas, marcando os dias de galla do Brasil; servia de recreio ás pessoas imperiaes, e tinha sahida para a rua do Carmo por uma porta que ainda existe, sobre a qual vê-se a corôa imperial e embaixo um P. Actualmente está este jardim transformado em latrina.

As outras duas portas do corpo da igreja dão entrada, uma para o côro, a outra para a capella do Senhor dos Passos.

Aberta em 1857 a rua Sete de Setembro até ao largo do Paço, perderão os conegos e a igreja cathedral certas accommodações; construio-se o passadiço que une o palacio á capella, deu-se entrada para o côro pelo interior da igreja, inutilisarão-se algumas tribunas como já vimos, e do lado da rua Sete de Setembro estendeu-se um corredor que vae ter á torre, ás tribunas da capella do Sacramento e da capella-mór, e á sala do cabido que é pequena, mal ornada, e tem um oratorio que conserva-se aberto e illuminado em quanto o cabido trabalha; chamava-se outr'ora sala do empregado, por alli residir o empregado das tribunas.

A capella do Senhor dos Passos não tem exteriormente fôrma de igreja, parece uma casa de sobrado collocada entre o templo e a torre ; tem um atrio ladrilhado de pedra com gradil de ferro, duas portas no 1º pavimento, e duas janellas de sacada no 2.º

Interiormente é ornada com talha dourada, tem no tecto um painel do descimento da Cruz (*); uma capellinha funda com a imagem do orago, e dous altares, um muito antigo, com a imagem de Christo, tendo lateralmente dous paineis, que representão a Senhora das Dores e S João, e o outro feito ha poucos annos e consagrado á Senhora dos Mysterios.

A torre da igreja é baixa, sem gosto, nem regras de architectura ; parece torre de uma igreja de aldêa; tem na parede anterior o alpendre da antiga portaria do convento do Carmo, sobre o alpendre ha uma janella de peitoril, depois outra de sacada, o mostrador do relogio, a abertura dos sinos e o pinaculo em fórma de abobada, sustentando sobre uma esphera um gallo de metal que gyra á mercê do vento. Antes de abrir-se a rua até a praça, subia-se á torre por uma escada, que principiava em um pateo.

Por estar esta igreja ligada ao edificio, que foi transformado em palacio, tencionou logo D. João VI apossar-se della para capella real ; de feito fez celebrar alli em 12 de março de 1808 uma solemnidade em acção de graças pela sua chegada ao Rio de Janeiro ; toda a familia real assistio á festa, que terminou com *Te-Deum* e procissão, indo ás varas do pallio o principe regente, o infante D. Pedro Carlos, o principe D. Pedro e os grandes do reino, e salvando os navios, fortalezas e um destacamento postado na rua Direita.

Elevada esta igreja á capella real, houve alli em 16 de junho, a festa do corpo de Deus com assistencia das pessoas reaes e do bispo, e procissão acompanhada pelo rei, seus filhos, fidalgos, clero regular e secular. Oito dias esteve exposto o Sacramento, findos os quaes celebrou-se a festividade propria da casa real com procissão á tarde ; mas, corridos alguns annos suprimio-se a procissão do oitavario.

E' antiquissima no Rio de Janeiro a procissão do Corpo de Deus, a qual em 1668 cahio em desuso ; mas a camara restaurou-a orde-

(*) Veja a biographia do artista Manoel da Cunha.

nando que os juizes dos ferreiros e padeiros apresentarião a imagem de S. Jorge, os dos alfaiates a serpe, os dos sapateiros o dragão, os dos tanoeiros os cavallos, os dos marcineiros a imagem do Menino Deos, os dos ourives e pedreiros acompanharião com suas tochas, e os dos taverneiros e mercadores apresentarião uma dansa para cujo fim se deveria fintar.

Com o tempo forão se suprimindo essas cousas ridiculas e improprias do culto; mas ainda hoje veem-se o S. Jorge parafusado sobre a sella de um cavallo, seu pagem a cavallo, e de calções e cabelleira de rabicho, o homem d'armas tambem a cavallo e envolvido em uma armadura de ferro, uma banda de musicos, ridiculamente vestidos, e 10 on 12 cavallos envoltos em mantos de panno verde e com fitas entrelaçadas nas crinas e na cauda !

Sahe o santo guerreiro da igreja de S. Gonçalo Garcia, e logo que completa seu giro, segue a procissão do Corpo de Deus, composta de irmandades, confrarias, ordens religiosas, do cabido, do clero, do bispo, do imperador e grandes do Imperio ; armão-se com cortinas de séda as janellas do paço e de algumas casas, e um batalhão acompanha o prestito ; mas outrora toda a tropa, quer da guarda nacional quer de linha, postava-se nas ruas em que transitava a procissão, e acompanhava-a.

Tambem sahe da capella imperial a procissão de S. Sebastião.

Ordenou o alvará de 30 de setembro de 1733 que houvesse na igreja de S. Sebastião, no Castello, um capellão privativo, e que no dia 27 de janeiro, depois dos officios divinos e da missa conventual da cathedral, conduzissem o cabido e o clero, sem excepção do regular, a imagem de S. Sebastião ao Castello, onde se cantaria missa solemne, sendo declarado de guarda esse dia. Desde então essa procissão começou a ser feita no oitavario, e não no proprio dia do santo, como se fazia.

Até 1757 cumprio-se exactamente o alvará, celebrando-se a procissão logo após dos officios na cathedral, e na antiga sé havia outra missa cantada com assistencia do cabido e da camara ; mas tendo de fazer-se a procissão em horas de muito calor, que difficultava a subida da ladeira do Collegio, hoje do Carmo, resolveu o cabido dividir-se, ficando parte na sé, e parte na igreja do Castello para assistir á segunda missa, e conduzir a imagem de tarde. Approvada

esta deliberação pelo bispo e pela camara, começou-se em 1758 a fazer a procissão de tarde, como se pratica até hoje.

Era a camara que se encarregava desse acto, e no seu paço guardava-se o estandarte do santo ; hoje porém nem comparece á ceremonia, que é celebrada pela capella imperial, onde o santo é festejado no dia proprio, que é de guarda para os habitantes do Rio de Janeiro, e no dia 27 é a imagem conduzida á igreja do Castello, donde volta occultamente no dia seguinte.

Nas tres noites anteriores ao dia do santo padroeiro da cidade illuminão-se os edificios publicos e casas particulares, pagando outrora multa quem não deitava luminarias ; e o principe regente D. João ordenou que a fortaleza da ilha das Cobras salvasse no começo e fim das illuminações ; o que ainda se pratica.

Em uma quinta-feira da quaresma sahe da capella imperial para a igreja da Misericordia a imagem do Senhor dos Passos, que no dia seguinte percorre as ruas em procissão solemne, visitando os passos em diversas igrejas, os quaes outrora erão apresentados em oratorios, levantados em differentes ruas.

Seguindo o costume dos vice-reis, de D. João VI e Pedro I, acompanha D. Pedro II a imagem até a Misericordia.

Depois da revolução de 7 de abril vivia o povo sobresaltado e apprehensivo pela continua perturbação da ordem publica, pois raro era o dia em que não havia um motim ou desordem, que levava os moradores a fecharem as portas;e tendo havido na tarde dessa procissão um disturbio, foi ella supprimida durante annos ; porém restabelecida mais tarde, é ainda hoje celebrada com pompa.

No reinado de D.JoãoVI,o amigo dos frades e dos actos religiosos, fazião-se solemnes festividades na igreja cathedral ; então occupavão o pulpito pregadores eminentes como Rodovalho, Lado de Christo, S. Carlos, Sampaio, Monte Alverne, Januario e outros, que por sua dicção castigada e energica, gesto grave e apropriado arrebatavão o auditorio, e glorificavão a cadeira da igreja ; região a orchestra os mestres José Mauricio e Marcos Portugal, que transformavão os hymnos da igreja em harmonias celestes ; e toda a familia real, os ministros, os fidalgos, a côrte, e o povo assistião ás solemnidades no templo ricamente decorado com cortinas de velludo e seda franjadas de ouro.

Mas hoje as festas da cathedral são executadas sem pompa, sem a gravidade e decencia convenientes ; tambem já passou a época de gloria do pulpito brazileiro, e é um musico estrangeiro quem rege a orchestra ; por isso são estas festividades pouco concorridas, e consideradas como simples actos do culto, ou da etiqueta da côrte !

Já vimos que a capella imperial está longe de ser um monumento, e não apresenta a vastidão e magnificencia das cathedraes da Europa ; era um bom templo para um convento, mas é mesquinho como cathedral e capella imperial.

Essa antiga igreja de frades, sem belleza nem architectura, patenteia nosso atrazo e pouco gosto pelas artes : e se na altura e grandeza dos edificios que ergueu, deixa um povo signal de sua existencia, parece que não será *famosa* a nossa gloria, pois seguindo a phrase de Lucio Floro *res est unius ætatis*, só preoccupa-nos os acontecimentos, os interesses, as paixões da época em que vivemos.

JOSE' LEANDRO DE CARVALHO

Nasceu José Leandro de Carvalho em Muriqui, lugar do districto de Itaborahy, onde ainda residem parentes seus.

Mostrando propensão para a arte da pintura, dirigio-se ao Rio de Janeiro, e aqui começou a estudar o desenho com um homem pardo chamado Manoel Patola.

Rapidos forão seus progressos, porque grande era a propensão que tinha para a arte de Rubens e Van-Dieck, e immenso seu talento.

Consta que fôra recrutado para soldado, mas, por intervenção de seus amigos, conseguio libertar-se da praça.

Pintou para a igreja do Bom Jesus um painel da Ascenção que desappareceu; fez diversos retratos de D. João VI, e foi elle o pintor que melhor copiou as feições desse rei. Para o theatro S. João, hoje de S. Pedro de Alcantara, pintou alguns scenarios, que competirão com os do scenographo portuguez Manoel da Costa.

Em 1817 encarregou-se do douramento da capella real, obra que ficou concluida em um mez, trabalhando diariamente mais de 200 artistas. Como não ficasse bem acabado o dourado da cimalha offereceu-se ao thesoureiro da casa real, Joaquim José de Azevedo, depois marquez de Jundiahy, para fazer de novo o trahalho, sem retribuição alguma; porém o thesoureiro, recusou dizendo:

— El-rei nosso senhor não necessita do favor de pintores.

Pintou José Leandro os 12 apostolos, que ornão as pilastras do interior da igreja cathedral, 8 no corpo da igreja, e 4 na capella-mór. A physionomia de cada um desses retratos, a expressão e o colorido indicão a mão de mestre que traçou-os.

Abrindo-se concurso para um quadro que, representando a familia real, tinha de ser collocado no altar mór da igreja cathedral, inscreverão-se José Leandro e um pintor italiano; o primeiro estabeleceu sua officina no consistorio da igreja de S. Francisco de Paula, o segundo no consistorio da igreja do Rosario. Ião diversos individuos examinar os trabalhos dos dous artistas, e houve quem se offerecesse a José Leandro para mostrar-lhe o painel de seu competidor, mas o artista recusou, repetindo:

—Não quero; seria uma deslealdade indigna de mim e da minha arte.

O artista italiano pintou uma monstruosidade, e José Leandro fez o lindo painel já por nós descripto.

Consta que recebeu por este trabalho um conto de réis.

Pintou á colla alguns prophetas para cobrirem as imagens do templo de S. Francisco de Paula, nos dias de quaresma; esse trabalho desappareceu, mas dizem os homens velhos que era primoroso, pois na pintura á colla sobre o panno, excedeu José Leandro a todos seus contemporaneos. Para a mesma igreja pintou dous anjos, que ornavão a capella-mór.

Para a varanda da coroação de D. João VI preparou um lindo painel; e quer nas festas deste rei, quer nas do primeiro imperador do Brazil, as mais bellas pinturas, os mais lindos paineis sahirão do pincel deste artista.

Pertenceu á primeira sociedade de pintores instituida no Rio de Janeiro, na qual jámais quiz occupar o menor cargo.

Amando a arte que professava, e a terra em que nascera, procurou ensinar o que sabia, e deixou bons discipulos que honrarão seu nome, entre outros Francisco Ignacio de Araujo Lima, que distinguio-se como scenographo, e um seu filho, José Leandro de Carvalho que pintava flores admiravelmente.

Casara-se José Leandro com uma moça de perigrina formosura, chamada Agueda, e além do filho que foi artista, teve outro chamado Narcez Genserico de Carvalho.

Exaltados os animos pelo movimento revolucionario de 7 de abril de 1831, que occasionou a queda do primeiro imperador, houve quem se lembrasse de mandar apagar as figuras das pessoas reaes, que havia no painel da capella-imperial ; devia desapparecer dalli a figura de Pedro I que a nação repellira, sentenciavão muitos, e assim escolheu-se um artista para borrar o quadro da capella.

Tambem quando Cromwel subio ao poder vendeu-se a um cutileiro a estatua de Carlos I erguida na praça Charing Gross.

Veremos que não foi este o unico desacato contra a effigie daquelle imperador, que abdicou sem resistir, e sem fazer victimas.

Quizerão que o artista Debrét se incumbisse de inutilisar o painel de José Leandro, mas elle escusou-se ; chamarão o autor do quadro, que com mão tremula e coração dolorido, tomou a broxa, e correu uma camada de colla sobre os retratos da familia de Bragança.

Sujeitou-se José Leandro a este sacrificio, mas comprehendeu que obedecia á exaltação da época, que uma vez serenada, reconheceria, que não é profanando objectos de arte, que um povo se vinga, antes avilta-se ; pensou o artista que, quietos os animos, aquellas figuras terião de reapparecer, porque o povo respeita sempre o seu passado, e preza suas recordações. Por isso cobrio com uma simples camada de colla as figuras de seu quadro.

Mas o sacrificio tinha sido supremo; o proprio artista profanara sua obra, e desde então viveu melancolico e taciturno, até deixar o mundo pela eternidade em 9 de novembro de 1834.

Conduzido o corpo em uma rede para a igreja de S. Francisco de Paula, mandou a ordem celebrar no dia seguinte encommendação e *libera-me* pelo finado, que occupara o cargo de definidor, e deu-lhe sepultura na catacumba n. 42.

Fomos nós que com pesquiza e trabalho descobrimos o jazigo deste habil artista nacional, que como sóe acontecer aos artistas no Brazil, morreu pobre.

Dissera o douto escriptor e artista Porto-Alegre que não era irremediavel o facto praticado sobre o painel de José Leandro. De feito, gessando-se e dourando-se a capella imperial em 1850, foi convidado para retocar esse painel no qual só apparecia a imagem da Senhora do Carmo, o artista João Caetano Ribeiro,

que ao lavar o quadro, descobrio as figuras que alli havia, e restaurou-as com todo primor.

O painel resuscitou bello e grandioso, como executara-o seu autor, cujo nome pareceu tambem resuscitar para não morrer mais, para viver na posteridade (1).

---

(1) Veja o livro Homens do Passado, chronicas do seculo XVIII.

III

MOSTEIRO DE S. BENTO

Chegados ao Rio de Janeiro em 1589 os frades benedectinos, frei Pedro Ferraz e frei João Porcalho, deu-lhes o governador Salvador Corrêa de Sá, para asylo a ermida de N. Senhora do O', situada na praia da cidade.

Desejando fundar um mosteiro em lugar silencioso e retirado, obtiverão esses monges de Diogo de Brito Lacerda, por escriptura de 25 de março de 1590, o morro fronteiro ao Castello, no qual havia uma capellinha da Conceição, edificada por Aleixo Manoel e sua mulher com o beneplacito de Lacerda. Essa ermida e a quinta ou granja, que alli tinhão, doarão Aleixo Manoel e sua mulher Fraancica da Costa aos frades bentos sob a condição de festejarem á Senhosra da Conceição com missa cantada, e celebrarem missas por alma dos doadores (1).

Ignora-se o dia em que os monges benedictinos se passarão para a ermida da Conceição, e apenas referem as chronicas ter havido nesse dia copiosa chuva depois de longa e tormentosa secca.

Sendo primeiro presidente frei Pedro Ferraz derão os frades principio a construcção do mosteiro ; em 1628 tornou-se o con-

(1) Veja Sanctuario Mariano.

vento casa regular, tendo por primeiro abbade frei Ruperto de Jesus, cujo retrato ainda se conserva ; demolida a capella de Aleixo Manoel, resolverão os frades levantar junto do convento, uma igreja de vastas dimensões ; e, começada a obra em 1633, ficou concluida em 1641 ou 1642.

Dez annos depois erguião, unido á igreja, um convento digno da ordem, ficando construida a parte do edificio que se estende da igreja para o mar, e está voltada para a cidade.

Em 1648 contribuirão os monges com mantimentos e gado para a armada que foi restaurar o reino da Angola, e em 26 de abril de 1696 fizerão doação do terreno, que acha-se occupado pelo arsenal de marinha.

Invadindo os Francezes a cidade do Rio de Janeiro em 1711 apoderarão-se do forte da Ilha das Cobras, donde fizerão fogo para a fortaleza de S. Sebastião no morro Castello, e para o morro de S. Bento, onde os frades havião armado um forte commandado pelo sargento-mór Gaspar da Costa Athayde ; as balas inimigas crivarão as paredes do mosteiro, que experimentou grandes estragos ; e rendida a praça em 23 de março, aquartelarão-se os chefes da armada inimiga nas cellas dos religiosos, dos quaes levarão alguns livros e destruirão o archivo.

Para o resgate da cidade contribuirão os monges com 1:575$680.

Em 1732 um incendio devorou o dormitorio do mosteiro que olha para o sul e parte do de leste ; e se não fossem os promptos soccorros prestados pelo governador Luiz Vahia Monteiro, pelos franciscanos e pelo povo seria tambem a igreja presa das chammas.

Em 1743, por pedido do senado da camara, abrirão os religiosos pela cerca e horta do convento, desde os quarteis até a Prainha, uma rua que recebeu o nome de rua do Arco de S. Bento, por haver nella um arco que conduzia a outra parte da horta ; e em 1745 com utilidade do povo completarão os mesmos religiosos a travessa, que vae da Prainha á rua do Visconde de Inhaúma, conhecida com o nome de travessa de Santa Rita.

Para obstar a venda de seus predios determinada por aviso régio, offerecerão os benedictinos 70,000 cruzados á fazenda real, e contribuirão com mais 100 em 1804.

Vindo para o Brazil a familia real de Bragança prepararão os

benedictinos um palacete de recreio na ilha do Governador para o principe regente D. João, gastando nessa obra para mais de 100,000 cruzados. Proclamada a independencia do Brazil, libertarão 12 pardos, escravos do mosteiro, para assentarem praça em defeza da nação ; em 1824 aquartelarão-se no mosteiro dous batalhões estrangeiros contractados para o serviço do paiz, e após estes vierão os batalhões ns. 21 e 24 da provincia de Minas, commandados pelo brigadeiro Cattete.

A bulla de 7 de julho de 1827 separou de Portugal a congregação de S. Bento estabelecida no Brazil, sendo designado o mosteiro de S. Sebastião da cidade da Bahia para celebrar-se o primeiro capitulo da ordem, e foi eleito primeiro geral frei José de Santa Escolastica e Oliveira.

Em 1831 desalojarão o mosteiro os batalhões, que alli se tinhão conservado sete annos ; em 1843 celebrarão os religiosos um contracto com a camara municipal para a abertura das ruas dos Benedictinos e Municipal no terreno da antiga horta dos frades ; em 1855 receberão o aviso do ministerio da justiça prohibindo a entrada de noviços em todos os conventos, e esteve estacionado no mosteiro o 1º batalhão de fuzileiros, em 1857 o abbade frei Luiz da Conceição Saraiva, depois bispo do Maranhão, instituio no mosteiro um externato com cursos primario, secundario e superior para instrucção gratuita da mocidade ; e frequentado no primeiro anno de exercicio por trezentos alumnos, conta actualmente mais do dobro.

Declarada a guerra ao Paraguay libertarão os frades seus escravos.

Possue a ordem benedictina no Brazil 11 mosteiros, 7 abbadias, 4 presidencias ; o patrimonio do mosteiro da côrte consta de casas e terrenos foreiros na cidade, e de 7 fazendas situadas no municipio da côrte e provincia do Rio de Janeiro.

Situado sobre o morro de S. Bento, para o qual sobe-se pela escadaria, que começa no fim da rua Primeiro de Março, tem o mosteiro de S. Bento uma face voltada para a cidade, outra para o arsenal de marinha, e a terceira para a parte posterior da bahia.

Consta o edificio de dous pavimentos, tendo na face que olha para a cidade seis janellas de cellas e duas conventuaes com sacadas de grades de ferro no primeiro pavimento, e no segundo seis janellas

de cellas, duas conventuaes com grades de ferro, e duas sobre a portaria, na qual vê-se um alpendre de telha vã sustentado por columnas de pedra, e sobre a porta a data 1777. Ha no 1º pavimento o salão da portaria, o salão da aula de philosophia, o refeitorio, dous corredores, dez cellas, e o claustro com a capella de Christo

O claustro é quadrangular, todo de granito, de aspecto sombrio e triste, quer pela arcaria de pedra que o circumda, quer pelas lousas dos sepulchros que se estendem pelo chão ; foi começado em 1743 pelo abbade frei Francisco de S. José, e encerra os jazigos dos bispos D. frei Antonio do Desterro e Antonio José Bastos, do arcebispo de Samos e de alguns religiosos distinctos, cujos nomes mencionaremos no fim deste capitulo. Vierão tambem para este recinto de mortos o cirurgião Dr. João Alvares Carneiro e o senador Antonio Carlos de Andrada Machado e Silva.

Os tectos do primeiro pavimento são abobadados e todas as escadas de cantaria.

Abaixo deste pavimento ha um corredor subterraneo, abobadado, escuro e humido com algumas cellas, o qual é conhecido pelo nome triste, mas apropriado, de catacumbas.

Ha no segundo pavimento o salão do côro, o salão sobre a portaria, no qual veem-se diversos paineis; tres corredores, vendo-se no primeiro as cellas do abbade, do secretario e do geral, no segundo sete cellas e no terceiro duas, a secretaria e as salas das aulas estabelecidas no lugar do antigo noviciado ; finda o primeiro corredor no salão do relogio, onde estão diversos paineis commemorativos dos milagres de S. Bento ; o segundo no salão das conclusões, onde veem-se os retratos dos bispos D. frei Antonio do Desterro, D. frei Luiz Saraiva, e do bispo de Areopoli, os dos monges frei Matheus da Encarnação Pina, frei José da Natividade, frei Antonio de S. Bernardo, frei Ruperto de Jesus, frei José da Natividade, abbade, e frei Marcellino do coração de Jesus.

Está neste salão a capella do Sanctuario fundada em 1760 pelo bispo Antonio do Desterro, o qual doou ao mosteiro um oratorio de prata com uma imagem da Conceição de jaspe e corôa de ouro, e tambem muitas reliquias de santos, que são veneradas em 140 nichos collocados por todo o espaço da talha ; e para patrimonio

desta capella legou o fundador 3,000 cruzados, que servirão para comprar tres propriedades.

O terceiro corredor termina em um salão que communica-se com a bibliotheca, em cuja porta lê-se o seguinte distico:

Sapientia edificavit sibi domum.

Conta a bibliotheca 4,000 volumes.

Circundão o claustro, no segundo pavimento, extensos e largos corredores com janellas para o mesmo, os quaes são conhecidos com o nome de varandas.

Todos os tectos do segundo pavimento são de madeira lavrada, excepto os das varandas que são de estuque.

Ao lado direito da igreja ha outra portaria, semelhante á primeira, a qual dá entrada para a cerca e casas dos famulos:

O convento dos benedictinos não apresenta em sua frontaria nenhuma escola architectonica, é uma fusão de linhas sem definição, nem harmonia, e na simplicidade jesuitica, que manifesta, parece querer demonstrar a austeridade da disciplina monastica.

Entre as duas portarias levanta-se o templo, com tres portas de arcada e grades de ferro, que abrem para o vestibulo, notão-se tres janellas no côro com vidraças, o frontão recto e uma janella no tympano com vidraça; ha duas torres com os pinaculos em fórma de pyramides quadrangulares; em uma dellas vê-se um antigo relogio.

A frontaria deste templo é simples, e no gosto jesuitico, que predominou na construcção dos nossos primeiros edificios.

O vestibulo é abobadado, ladrilhado de mosaico de marmore, e tem no fundo tres portas elegantemente lavradas, e construidas em 1671 na abbadia de frei Bento da Cruz.

A igreja é dividida em tres naves, e tem o pavimento coberto de marmore, que substituio as antigas lousas que fechavão as sepulturas. Foi o abbade frei Marcellino do Coração de Jesus quem mandou fazer em 1842 este ladrilho, e rasgar a clara-boia, que vasa luz sobre o templo.

Estas modificações alterarão o aspecto sombrio, severo e monachal, que predominava neste recinto, e tornava o sentimento religioso mais profundo e mais intimo.

Nos arcos, nas pilastras, que constituem as naves avultão os ornatos, as flores, os anjos, as estatuas de papas, de bispos e abbades

da ordem benedictina ; naquellas paredes está escripta a historia de varões santos, e illustres nas lettras, nas sciencias e nas virtudes.

Foi trabalhada em 1736 por Simão da Cunha e José da Conceição a opulenta e esplendida obra de talha, que ornamenta o interior desta igreja ; fôrão elles os esculptores das estatuas, que levantão-se sobre as columnas, as pilastras e os arcos.

Ha quatro capellas lateraes fechadas com balaustres de marmore, havendo em cada uma uma lampada de prata de feitio differente, o que prova terem sido feitas em épocas diversas.

Das capellas a mais funda é a do Sacramento, edificada por frei Luciano do Pilar, que foi o primeiro brazileiro abbade do mosteiro.

Fecha esta capella uma grade dourada, e é o interior ornado de talha dourada, tendo lateralmente tres tribunas. Ha neste recinto, allumiado pela luz tremula de uma lampada, tanta gravidade, aspecto tão melancolico que, quando alli se penetra, parece quererem os labios balbuciar uma oração. Na entrada ha uma antiga sepultura, e defronte, do lado opposto, está a capella da Conceição, que era a padroeira do mosteiro, em consequencia da ermida desta invocação, que havia no monte quando para alli forão os benedictinos ; mas instados por D. Francisco de Souza tomarão os religiosos por padroeira a Senhora do Monserrate em 1602. Vê-se na entrada uma sepultura, e no corpo da igreja, junto a grade de jacarandá que o divide, estão dous jazigos com as seguintes inscripções :

Sepultura
do doador
Diogo de Brito de Lacerda
E seus herdeiros.

Sepultura
da doadora
D. Victoria de Sá
Falleceu
Aos 26 de Agosto de 1667.

Doou esta devota todos os seus bens ao mosteiro, havendo entre elles as tres fazendas do Camorim, da Vargem Pequena e da Vargem Grande.

O arco cruzeiro da capella-mór é de apurado gosto, pelas columnas, ornatos, estatuas e anjos que o enfeitão; o autor da esculptura foi frei Domingos da Silva, monge benedictino, que tambem preparou a imagem de Christo que vê-se no côro, e a de Santo Amaro que ostenta-se em uma das capellas lateraes.

Guardão a entrada da capella-mór dous anjos de quinze palmos de altura feitos na abbadia de frei Manoel da Cruz, e revestem as paredes e o tecto lindos retabulos relatando a vida do patriarcha do mosteiro. Pendente do tecto veem-se duas lampadas de prata, que no seculo passado importarão em 7:759$517, além de 450 marcos de prata que se derão das antigas; e forão feitas por Martinho de Brito, o melhor ourives de martello de seu tempo.

Ha no corpo da igreja cinco tribunas le cada lado, e tem o côro primorosos ornatos.

Por traz da capella-mór está a sacristia que é espaçosa, elegante, com espelhos e retabulos nas paredes, uma credencia de marmore preto no centro, o pavimento revestido de mosaico de marmore, construido na abbadia de frei Marcellino, e no fundo a imagem de Christo representada em um lindo painel.

O mosteiro benedictino do Rio de Janeiro ha tido alguns religiosos notaveis nas letras e nas virtudes. Entre outros mencionaremos frei Bento da Cruz, que ensinou no mosteiro com grande proveito e applauso a philosophia e a theologia; frei Matheus da Encarnação Pina, nascido no Rio de Janeiro em 23 de agosto de 1687, abbade, theologo notavel e orador applaudido; frei José da Natividade nascido no Rio de Janeiro em 19 de março de 1649, e fallecido em 1714, philosopho notavel, theologo, doutor pela universidade de Coimbra, orador distincto, abbade, presidente de provincia e provincial; frei Gaspar da Madre de Deus, nascido na villa de Santos em 1714, e fallecido na mesma villa em 1800, doutor, lente de theologia, abbade, prelado, provincial e autor da Memoria para a historia da capitania de S. Vicente; frei Domingos da Conceição ou da Silva, homem virtuoso, artista notavel, que tendo professado em 1690, pereceu em 1718; frei Ricardo do Pilar natural de Colonia em Flandres, professou em 24 de maio de 1695 e pereceu em 12 de fevereiro de 1700; homem virtuoso e penitente, consta que nunca vestiu camisa, e alimentava-se de mal guisados legumes, porque

evava aos presos da cadêa a sua ração; conhecia o latim e era de entendimento claro. Foi o autor dos quadros do tecto e paredes latelaes, da capella-mór do seu mosteiro e do painel que ornamenta o altar da sacristia. Este quadro indica a mão do mestre que o traçou, e é admiravel quer pelo colorido, quer pela expressão. Mencionando os trabalhos deste artista diz o escriptor Porto-Alegre, hoje barão de S. Angelo : — mas aquelle que funda sua gloria é o painel que apresenta a imagem do Salvador, collocado no altar da bella sacristia do convento. Frei Policarpo de Santa Gertrudes, lente de philosophia do antigo seminario de S. Joaquim, ex-abbade, pregador imperial, membro da academia das sciencias de Lisboa, e director das escolas primarias da provincia do Rio de Janeiro ; pereceu em 12 de janeiro de 1841 ; e frei Rodrigo de S. José, antigo vice-reitor do collegio Pedro II homem lido, douto e poeta.

IV

CONVENTO DO CARMO

Em 1590 vierão estabelecer-se os frades carmelitas frei Pedro Vianna e outros na ermida da Senhora do O', erguida na praia do mesmo nome, onde um anno antes havião residido os frades benedictinos.

Procurarão os carmelitas construir uma casa para residencia, e auxiliados pela camara e pelo povo erigirão na praça chamada lugar do ferreiro da Polé um edificio com dous dormitorios, tendo cada um treze janellas; e desde então a praça ficou conhecida com o nome de praça do Carmo.

Nesses remotos tempos facil era levantar-se uma igreja, erguer-se um convento, porque o povo, arrastado pelo sentimento religioso, fazia valiosos donativos em troca de uma benção ou indulgencia; erão communs as doações ás ordens religiosas; o governo, a camara, o povo, todos porfiavão em prestar beneficios á religião, aos padres; e assim não tardarão os carmelitas a obter muitas e importantes acquisições, que enriquecerão a corporação; doou-lhes uma mulher a ermida da Senhora do O', a camara a vargea junto a ermida para a edificação do mosteiro; em 28 de abril de 1590 Jorge Ferreira concedeu-lhes uma legua de terra de duas, que possuia em sua sesmaria;

em 5 de novembro de 1591 Fernando Affonso e sua mulher derão-lhes 150 braças de terra, começando da cruz de S. Francisco ao longo da lagôa; no mesmo anno receberão de Crispim da Costa e sua mulher Isabel de Mariz terrenos que estes possuião ao entrar do boqueirão da Carioca á mão esquerda, até intestar com a agua da lagôa, e de comprido pelo outeiro acima 60 braças; em 7 de dezembro de 1596 tiverão terras em Irajá doadas por Antonio Dias Coelho e sua mulher Maria de Sá; em 1611 alcançarão o terreno para a cerca do convento, e alli construirão mais tarde casas com frente para a rua, que recebeu o nome de becco do Carmo, e depois de rua Detraz do Carmo; obtiverão terrenos em Suruhy e a pedreira da ilha das Enxadas.

No capitulo provincial reunido em Lisboa, em 15 de janeiro de 1595, havia sido nomeado prior do convento do Rio de Janeiro o padre frei Pedro Vianna.

Era esta casa conventual uma vigararia unida a da Bahia, e dependente da de Lisboa; mas havendo grande difficuldade na visitação dos conventos pela distancia e perigos das viagens, tendo perecido o provincial e 12 religiosos no trajecto da Bahia para o Rio de Janeiro, resolveu-se tornar vigararia distincta e separada dos conventos da Bahia e Pernambuco o convento do Rio de Janeiro pelo breve de 22 de setembro de 1658, que só foi confirmado pelo papa Innocencio XI em 8 de fevereiro de 1686; effectuando-se, em 15 de março do anno seguinte, a separação, sendo eleito provincial do convento do Rio de Janeiro o padre frei Bento Garcez.

A provisão do conselho ultramarino de 23 de março de 1656 estabelecera para a provincia dos carmelitas do Brazil a ordinaria annual de duas pipas de vinho, quatro arrobas de cera, e oitenta alqueires de farinha pagos pela fazenda real; mais tarde reduzio-se esta ordinaria a dinheiro na quantia de 180$000 divididos pelos quatros conventos de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos, vindo o do Rio de Janeiro a receber 90$000, pelo augmento de 45$ concedido pela provisão de 26 de outubro de 1692.

Havendo em 1693 uma epidemia de bexigas nesta cidade, a qual causou grande mortandade de escravos, patentearão os frades do Carmo muita caridade e zelo, não só consolando os doentes, senão sepultando os mortos, pelo que enviou o rei Pedro II duas cartas

em 4 de fevereiro de 1694 e 28 de janeiro de 1695, dirigidas aos frades Antonio das Chagas e Ignacio da Graça, nas quaes louvava-lhes os serviços prestados á humanidade e ao Estado.

Em 1697 passou o convento por uma reforma operada por frei Manoel Ferreira da Natividade, reformador geral dos conventos de todo o estado do Brazil, e em 1702 por outra pelo commissario visitador apostolico e reformador frei Roque de Santa Thereza.

A bulla *sacrosanctum* de Clemente XII de 22 de abril de 1720 erigio em provincia distincta, e isenta da de Lisboa, a vigarari a do Rio de Janeiro, ficando-lhe sujeitos sete conventos.

Em 29 de março de 1757 alcançou o convento, livres de direitos, os generos vindos de Portugal para seu gasto e sustento.

Reinando a intriga, o deleixo e ciume no convento, por quererem todos governar e ninguem obedecer, representarão o bispo e o vice-rei Vasconcellos á rainha D. Maria I, notificando-lhe a indisciplina e o tumulto que havia no claustro; e então expedio o nuncio apostolico de Lisboa, Vicente Ranuzi, um breve em 20 de julho de 1784, com o beneplacito regio, nomeando visitador geral e reformador o bispo D. José Joaquim Justiniano. Recebido o breve dirigiose o bispo ao convento, na tarde do dia 16 de fevereiro de 1785, acompanhado de seu secretario o Dr. João Rodrigues da Costa Marmello, do vigario geral Francisco Gomes Villas Boas, do desembargador ouvidor do crime Antonio José Cabral de Almeida, de officiaes da camara ecclesiastica, escrivães, alcaides e meirinhos, e reunidos os frades em capitulo, ordenou ao secretario a leitura do breve.

Estavão postados na praça do Carmo um piquete de cavallaria e o regimento de Bragança, que havião acompanhado o bispo até o convento, e atopetava o povo os lugares circumvisinhos, ancioso de saber o que ia acontecer.

Intimou o bispo a frei Bernardo de Vasconcellos e a frei Innocencio do Desterro Barros que seguissem ao seu secretario, que conduzio-os ao palacio do vice-rei, de onde forão remettidos para o convento da ilha do Bom Jesus (1); e ordenando o provincial frei José de

(1) Depois de viver desterrado mais de cinco annos adoeceu o padre mestre Dr. frei Bernardo de Vasconcellos, e removido por ordem do bispo, de 11 de dezembro de 1790, para a enfermaria do convento dos Franciscanos nesta cidade, alli falleceu. Permaneceu frei

Santa Thereza Costa aos religiosos, que entregassem as chaves das suas cellas, forão estas revistadas por ordem do diocesano.

Em 12 de novembro de 1785 expedio o prelado uma circular aos parochos determinando, que por si ou por interpostas pessoas declarassem com todo o segredo possivel tudo que pudessem possuir, e que houvesse pertencido aos carmelitas, qualquer que fosse o titulo ou doação que tivessem recebido dos frades; e se o não fizessem, serião excommungados, malditos e amaldiçoados de Deus Todo Poderoso.

Seis religiosos representarão á rainha mencionando delictos commettidos pelo diocesano, seu reformador; declararão que este chamava os carmelitas de vis e baixos em presença de seculares, que repetia ter autorização para esvasiar a cadeia dos presos, e nella recolher os religiosos, e que deixava-os morrer a fome, fornecendo-lhes na ceia comidas não usuaes no claustro, como tripas, mocotós, bananas e sardinhas!

Em 18 de julho de 1795 dirigio o senado da camara uma representação á soberana a favor dos frades do Carmo, e depois de outras supplicas e representações, extranhou a rainha, em aviso de 28 de março de 1797, a falta da execução do breve na parte relativa a convocação do capitulo e eleição dos prelados; expedio-se outro aviso em igual sentido em agosto de 1799, até que em 3 de maio de 1800, veio o bispo ao convento e, reunida a communidade, deu por finda a sua missão.

Foi eleito provincial o padre frei Antonio Gonçalves Cruz. Se os frades havião abusado, e profunda desordem reinara no convento, parece que tambem durante sua administração mostrou-se violento o bispo D. José Joaquim Justiniano; de sorte que nessa época secularisarão-se tantos frades, e fallecerão tantos, que a corporação religiosa ficou muito tempo impossibilitada de cumprir os encargos das missas diarias, e outras obrigações da casa.

Chegando em 1808 ao Rio de Janeiro a familia real de Bragança, tornou-se o convento do Carmo uma dependencia do paço, ao qual foi unido por um passadiço construido em frente da rua da Misericordia.

Innocencio durante treze annos no convento da ilha; mas perdoado pela rainha em 8 de julho de 1797, em 30 de outubro desse anno regressou para a cella de seu mosteiro.

Este edificio, collocado na parte occidental da praça de D. Pedro II, é de aspecto desagradavel e sem architectura ; composto de tres pavimentos contem os dous ultimos treze janellas rasgadas cada uma, guarnecidas de balcões de ferro, e ornadas superior e lateralmente de rotulas de madeira, que desapparecerão quando de convento transformou-se em palacio ; no pavimento inferior havia um arco com um portão, que dava entrada para o pateo do mosteiro, que estendia-se até a rua Detraz do Carmo, onde vião-se duas janellas de peitoril e uma de sacada, e a face, que olhava para a rua da Cadeia, hoje da Assembléa, apresentava tres janellas de peitoril.

No pateo do convento, estava a enfermaria dos escravos dos frades, e erguia-se um chafariz, que desappareceu em 1848 ou 1849. Do lado esquerdo unia-se o convento á igreja ; na parede anterior da torre estava o alpendre da portaria com quatro columnas de pedra, o qual ainda existe ; a porta de entrada, construida em 1681, era guarnecida de pregos de metal como ainda se vê : o tecto do salão da portaria era abobadado ; do lado direito abria-se uma porta, que ia ter á escada do interior do convento, e em frente outra que ainda existe, a qual conduzia ao claustro, circumdado de cellas ; seguia-se a igreja, que já descrevemos tratando da capella imperial.

Não havia arte nem belleza no interior deste edificio, que apezar de haver soffrido diversas modificações interiormente, ainda apresenta no terceiro pavimento os quartos que forão cellas dos frades.

Transformado em palacio real o convento dos carmelitas, forão estes asylar-se no hospicio dos frades Capuchinhos na rua dos Barbonos, que abrigarão-se em um sobrado no Outeiro da Gloria ; mas não julgando-se bem accommodados, pedirão os frades do Carmo o seminario da Lapa do Desterro para asylo seu ; e doando-lhes o rei esse edificio, em 21 de outubro de 1810, trasladarão em procissão as imagens da casa, assistindo ao acto o bispo, o principe D. João, seus filhos, seu sobrinho e a côrte.

O seminario da Lapa havia sido fundado pelo padre Angelo de Siqueira, natural de S. Paulo, e missionario apostolico, que, tendo obtido do capitão Antonio Rebello a doação do terreno, e alcançado a licença episcopal em 2 de fevereiro de 1751, deu começo a obra a custa do seu bolsinho e esmolas dos fieis. Concluido o edificio entrarão em exercicio as aulas de latim, cantochão e ceremonias do côro ;

usavão os alumnos de sotaina preta e capinhas da mesma côr, pelo que appellidava-os o povo de formigões.

Extincto o seminario, e transformado em residencia de frades, construirão-se dormitorios e outras dependencias, que não derão a esse edificio aspecto monastico. Estende-se o convento ao lado direito e posterior da igreja ; a face que está do lado direito apresenta um dormitorio de oito janellas de peitoril ; segue-se um corpo mais saliente com sete janellas, que abrem para o lado do Passeio Publico, vendo-se ahi a portaria, sendo de sacada as duas janellas, que ficão-lhe superiores.

A face posterior conta duas janellas de sacada e nove de peitoril, erguendo-se na extremidade direita dessa face outro corpo com duas janellas para o mar e onze para o pateo do mosteiro fechado do outro lado pelas casas dos escravos, havendo no centro um chafariz.

Interioramente é o convento tão irregular e mesquinho como no exterior a portaria é pequena e mal preparada ; vestem-lhe as paredes tres paineis, sendo um da Senhora do Carmo pintado pelo artista nacional Raymnndo da Costa. Nascem da portaria dous corredores, um estreito e escuro, que vae ter á enfermaria dos escravos, ao refeitorio e á cozinha, e o outro á sacristia. Subindo-se a escada ao lado esquerdo da portaria chega-se ao segundo pavimento onde vê-se um salão ornado de grandes paineis, quasi todos devidos ao pincel do pintor João de Souza, e de um retrato de D. João VI pintado por José Leandro ; ha um outro salão chamado do collegio, onde está a cadeira com o distico *Initium sapientiæ timor domini*, na qual sentarão-se illustres religiosos para doutrinar seus irmãos do claustro ; ha vinte e sete cellas.

Veem-se no 3º pavimento a capella de Santa Barbara, nua de ornatos, o carcere e o salão da livraria, que tem estado em abandono.

Na frente do convento, no principio da rua da Lapa, ergue-se a igreja, cuja fachada não tem belleza, nem architectura. Transpondo o atrio com dous degráos de pedra, e cercado de gradil de ferro, coustruido em 1866, vê-se o portico, tres janellas no côro com vidraças, sendo maior a do centro, o frontão recto e a cruz ; de cada lado levanta-se uma torre, mas a do lado esquerdo está incompleta. Guarda o interior cinco altares, vendo-se aos lados do altar-mór as imagens de dez palmos de altura dos patriarchas Santo Elias e Santo

Elyseu; orna o tecto da capella-mór um painel da Senhora do Carmo cercado dos quatro evangelistas; e estão ahi as cadeiras dos religiosos e no pavimento a sepultura do bispo de Chrysopolis.

Todo o pavimento da igreja é de mosaico de marmore; assim como o da sacristia, collocada na parte posterior, tendo um esguicho de marmore feito em 1844, e janellas, que deitam para um jardim.

Junto a torre do lado esquerdo havia o recinto das catacumbas, e ahi abrirão os religiosos uma porta para o salão das aulas que, inauguradas em 13 de janeiro de 1862, pouco tempo funccionarão!

O convento do Carmo do Rio de Janeiro possue mais de 70 casas terreas e de sobrado, no districto desta cidade, e varias fazendas de cultura; é habitado actualmente por quatro religiosos.

A ordem carmelitana flumineuse conta além do convento da côrte, um em Angra dos Reis, um na cidade da Victoria, provincia do Espirito Santo, um na de S. Paulo, um na de Santos, um em Mogy das Cruzes, e um em Itú.

Além destes ha, um na cidade de Belém no Pará, que foi arrendado ao bispo para estabelecimento de um asylo da infancia desvalida; o convento da cidade da Victoria está em ruinas.

Promulgada a lei de 28 de setembro de 1871, forão libertados todos os escravos do convento.

Reunidos os religiosos em capitulo em 1860 para procederem á eleição dos prelados da casa, levantou-se tão renhida contenda que, se não chegou a deliberação alguma pelo que o nuncio apostolico, monsenhor Mariano Falcinelli nomeou para visitador apostolico monsenhor Narciso da Silva Nepomuceno, que tendo sido carmelita, secularisara-se; terminou essa reforma em 16 de fevereiro de 1861; e convocado o capitulo em 21 de abril do mesmo anno, foi eleito provincial o padre mestre Dr. frei Bernardino de Santa Cecilia Ribeiro, orador notavel, que falleceu ha poucos annos; em 1866 foi nomeado visitador apostolico do convento frei José Damasio de S. Vicente Ferreira, e actualmente exerce esse cargo o monsenhor Felix Maria de Freitas Albuquerque.

Illustrarão esta casa conventual homens notaveis em lettras e virtudes, entre outros:

O padre mestre Dr. frei João dos Santos Coronel, douto e mui recolhido, confessor de freiras, eloquente pregador, sendo

lembrado entre seus sermões, que perderão-se, um repetido na igreja do Rosario em uma quarta-feira de cinza.

Frei Fulgencio, virtuoso, sabio e austero na execução da disciplina monastica; só tomava rapé em sua cella; quando tocava á silencio tirava os sapatos e andava descalço, leccionou no convento dezoito annos, e muitos de seus discipulos doutorarão-se.

O padre mestre Dr. frei Antonio Gonçalves Cruz, sabio e religioso ; em sua cella não havia nem uma cadeira ; duas taboas sobre dous cavalletes e um pedaço de pau envolvido em um couro, eis de que constava seu leito ; foi provincial e morreu cégo ; era natural de Guaratinguetá (1).

O padre mestre Dr. Fernando de Oliveira Pinto, natural da provincia de Minas, confessor de freiras e lente do convento, pregador notavel ; nomeado presidente do convento durante a reforma do bispo D. José Joaquim Justiniano, renunciou o cargo ; foi quem offereceu o convento para a residencia da familia real; era de alta estatura e tão gordo que não podia ajoelhar-se.

Frei Leandro do Sacramento, natural da cidade do Recife em Pernambuco que, tendo obtido em Coimbra o titulo de licenciado em philosophia, veio para a patria, onde vestio o habito de carmelita ; no Rio de Janeiro foi nomeado inspector do Jardim Botanico e do Passeio Publico em 10 de fevereiro de 1824 com o ordenado de 240$ réis, e alli abrio uma aula de botanica e de agricultura ; publicou sobre a cultura e fabrico do chá, no Jardim Botanico, uma excellente memoria. Era homem de temperamento bilioso, de estatura mais que ordinaria, magro, de côr morena, cabellos pretos, olhos pequenos e mui expressivos, tendo os ossos malares mui salientes ; na caixa do peito apresentava um defeito de configuração, o osso sternum nos seus dous terços inferiores era muito deprimido. Tendo soffrido repetidas hemoptises, que fazia cessar com o uso da erva tulangá *leominus tartaria* veio a fallecer de tuberculos pulmonares em 1 de julho de 1829, contando 50 annos de idade.

Frei Pedro de Santa Marianna, natural da cidade do Recife, onde nasceu em 30 de dezembro de 1782, e professou no convento do Carmo da mesma cidade, alcançando em pouco tempo o grão de

(1) Veja Mosaico Brazileiro pelo Dr. Moreira de Azevedo pag. 61.

mestre por dedicar-se ao ensino da geometria; indo a Coimbra applicou-se ás sciencias mathematicas, e de volta para o Brazil foi nomeado lente da escola militar, jubilando-se depois de 25 annos de magisterio, durante os quaes deu duas ou tres faltas! Escolhido para preceptor do Sr. D. Pedro II em 1833 habitou desde esse anno o palacio imperial, e alli falleceu em 6 de maio de 1864; em 1841 foi sagrado bispo de Chrysopolis; teve o cargo de esmoler mór, o grão de doutor em mathematicas, conferido aos lentes da escola; a commenda de Christo, e recebeu de Gregorio XVI os titulos de seu prelado domestico, bispo assistente ao solio pontificio, e conde palatino, honra pela primeira vez concedida a um prelado brazileiro. Chrismou as princezas D. Isabel e D. Leopoldina, sendo esta a ultima vez que celebrou. Viveu 31 annos no paço de S. Christovão, gozando da maior consideração e respeito por sua illustração e virtudes; quanto tinha repartia com os pobres. Deixou a sua cruz, o annel e a biblia ao Imperador, a quem consagrava verdadeira estima; seu corpo depois de embalsamado, por ordem do Imperador, foi conduzido no coche, que tem servido para o enterro dos principes, á igreja do convento da Lapa, onde ao chegar pegou o Imperador de uma das argolas do caixão, como já havia feito ao sahir do paço, honra de que não havia exemplo no Brazil; e, depositado o cadaver na camara ardente, houve no dia seguinte as encommendações e outras ceremonias religiosas, as quaes assistio a familia imperial; mandou o Imperador preparar a sua custa a lousa, que fecha o sepulchro do finado, e vae todos os annos assistir a missa rezada pela sua alma. Era o bispo de Chrysopolis membro do Instituto Historico e de outras sociedades scientificas.

Frei Custodio Alves Serrão, natural da provincia do Maranhão, cursou com proveito a universidade de Coimbra, onde recebeu o grão de bacharel em sciencias naturaes; por vontade dos seus progenitores entrou para a ordem carmelita, mas não chegou a tomar ordens de missa. Foi nomeado lente de physica e chimica da academia militar; e por decreto de 26 de janeiro de 1828 director do Museu Nacional, cargo que exerceu durante 19 annos; alcançou o titulo de doutor como lente jubilado da academia militar; occupou durante dous annos o cargo de director do Jardim Botanico; fez importantes descobertas sobre o páo-Brazil e sobre o palladio, podendo-se obter pelo

seu processo esse metal inteiramente separado de todos os corpos com que costuma se achar unido, o que até então se não sabia; acontecendo ser obtido o palladio mais ou menos impuro e pouco ductil; assim o habil chimico barão d'Arcet offereceu ao Sr. D. Pedro II um sinete julgando ser de palladio puro, mas examinado na casa da moeda vio-se que era de carbureto de palladio; botanico notavel era frei Serrão consultado pelas summidades scientificas da Europa; porém mui modesto vivia retirado em uma chacara na Gavea, onde estabeleceu seu horto botanico; recusou diversas vezes condecorações e honras, e no seu retiro veio a morte encontra-lo em 10 de março de 1873.

Frei Antonio de Santa Gertrudes, distincto nas lettras divinas e humanas, pregador imperial, mui eloquente, appellidado por Balthazar da Silva Lisboa, o Bossuet brazileiro; occupou diversas vezes o cargo de provincial.

CARMELITAS DESCALÇOS

Vierão com a familia real de Bragança dous religiosos carmelitas descalços, frei João dos Santos e frei Nicoláo de Jesus Maria, que alcançarão a estima do povo por se prestarem a qualquer hora ás necessidades espirituaes. Retirando-se D. João VI para Lisboa se passarão estes frades para a capella de Santo Antonio dos Pobres na rua dos Invalidos, e tendo residido ahi oito annos, forão habitar a capella do Senhor dos Passos na rua do mesmo nome; mas realizada a independencia do Brazil, e intimados os prelados dos conventos a pedirem a separação de obediencia á Portugal, retirarão-se do Rio de Janeiro estes religiosos.

V

CONVENTO DE S. ANTONIO

Foi frei Henrique, religioso franciscano, quem celebrou a primeira missa na terra de Santa Cruz, no domingo de Paschoela, 26 de abril de 1500; e cento e seis annos depois estabelecião-se esses religiosos no Rio de Janeiro.

Tendo conseguido do governador do Rio de Janeiro, Salvador Corrêa de Sá, e da camara a doação da ermida de Santa Luzia, na praia do mesmo nome, enviou frei Leonardo de Jesus, custodio do convento dos franciscanos em Pernambuco, os frades Antonio das Chagas e Antonio dos Martyres para esta cidade, afim de fundarem uma casa claustral, que teve principio naquella ermida em 22 de outubro de 1606.

Em 20 de fevereiro do anno seguinte chegarão de Pernambuco frei Leonardo de Jesus, frei Estevão dos Anjos, frei Vicente do Salvador, frei Francisco de S. Braz, e frei Francisco da Cruz, que, não achando convenientes nem a situação, nem os commodos do hospicio, aboletarão-se na Misericordia, e dalli se passarão para a ermida da Ajuda.

Alcançarão esses frades a protecção da camara e do governador Martim de Sá, que doou-lhes o outeiro do Carmo, defronte da vargea e bairro de N. Senhora, sobre a lagôa de Santo Antonio, sendo a escriptura de posse lavrada pelo escrivão Anhaja em 9 de abril de 1607; e desde então mudando o outeiro de senhorio, mudou de nome, recebendo a denominação de outeiro ou morro de Santo Antonio, que ainda conserva.

Em quanto não edificavão sobre o morro o seu convento, construirão os frades ao sópe uma casa para residencia provisoria e uma ermida, que abrio-se em 4 de outubro de 1607, dia do patriarcha da ordem, tendo em frente um cruzeiro de pedra marmore branca e encarnada (1).

Lançarão em 4 de junho de 1608 no alto do morro a primeira pedra do convento, e á esta ceremonia assistirão o prelado Matheus da Costa Aborim, o ex-governador Martim de Sá, o governador Affonso de Albuquerque, o reitor do collegio dos jesuitas Pedro de Toledo, o vigario da freguezia de S. Sebastião Martim Fernandes, e outras pessoas de distincção.

Concluida a parte principal do convento trasladarão para alli as imagens em procissão em 7 de fevereiro de 1615, assistindo ao festejo o governador, os vereadores, os frades bentos e carmelitas; no dia seguinte houve na igreja junto ao convento a primeira missa, concluindo-se no anno seguinte a capella-mór desse templo, no qual em 8 de dezembro houve missa solemne em louvor da Senhora da Conceição, padroeira da provincia.

Por muito tempo teve a ladeira do convento duas subidas, uma em frente á rua de Santo Antonio, que é a unica que existe, e a outra no largo da Carioca.

Do lado direito da ladeira, que conserva o calçamento antigo, veem-se a antiga casa, que pertenceu aos frades, uma caixa d'agua do

(1) Ainda existe, mui modificada exterior e interiormente, essa casa que servio de asylo aos frades, erguida no principio da ladeira de Santo Antonio na esquina da rua da Guarda Velha : nella residio, no tempo dos vice-reis, o poeta Antonio Diniz da Cruz e Silva, que alli falleceu, tendo vindo julgar em alçada os réos da revolução do Tiradentes

encanamento da Carioca, e uma pequena porta chamada portaria dos pobres, porque vinhão alli muitos infelizes receber o sustento quotidiano, e junto dessa portaria havia uma sala com uma mesa de doze talheres para igual numero de pobres. E não erão só os mendigos, que aproximavão-se áquella portaria ; ião alli muitas familias indigentes que dos frades, que professão pobreza, recebião alimentos e esmolas.

Em frente á ladeira veem-se tres frontões, tendo o central uma cruz, havendo alli, em outras eras, nichos com imagens, diante dos quaes os irmãos da Penitencia fazião a via-sacra ; e mais tarde um lindo presepe com primorosos trabalhos de Valentim, Raymundo, e Xavier das Conxas.

Do lado esquerdo da ladeira abrem-se os portões que dão entrada para o hospital da Penitencia, e para um extenso terraço ladrilhado, parte de marmore e parte de tijolo.

Desse terraço começa uma escada de pedra de dez degráos, que dá subida para o atrio do convento e da igreja.

E' o convento um edificio extenso, de trez pavimentos, tendo no primeiro cinco janellas conventuaes ; quatro conventuaes e seis de cella no segnndo, e duas conventuaes e nove de cellas no terceiro ; conta mais de 100 cellas ; extensos corredores, e cinco salões ; o da portaria onde ha um painel da morte de S. Francisco, pintado pelo artista nacional Miguel Vidal, tendo na parte inferior algumas oitavas do poeta frei Francisco de S. Carlos, e mais dous paineis ; o salão dos guardiães com os retratos de frei Sampaio, Monte Alverne, S. Carlos e Rodovalho, feitos pelo artista Tirone e alli collocados em 13 de junho de 1860, por deliberação do provincial frei Antonio do Coração de Maria ; o dos provinciaes, na extremidade do terceiro pavimento, com os retratos de D. João VI obra de José Leandro, de D. Pedro I e D, Pedro II, e mais outro quadro representando Santa Ismeria, pintado por frei Solano ; um salão por cima da sacristia, no qual residio frei Sampaio, e outro chamado da Barbearia construido pelo provincial frei Joaquim Brados. Estiverão estes dous salões occupados algum tempo pela pagadoria das tropas, depois pelo archivo publico, que em 1872 mndou-se para o edificio do antigo recolhimento do Parto na rua dos Ourives, esquiua da de S. José.

O salão do refeitorio, o capitulo e o carcere estão no pavimento inferior.

Houve um frade que conseguio evadir-se dessa prisão abobadada e com grades de ferro, abrindo um rombo no soalho ; sendo de novo preso, tentou segunda fuga, mas foi tão infeliz que ferindo-se na quéda veio a fallecer. Sobre o carcere ha um terraço.

Na parte posterior do edificio está a cozinha, e ha alli um quarto pavimento no qual vê-se a enfermaria dos religiosos com 18 leitos e pendente das paredes um painel do Senhor da Paciencia, pintado por frei Solano ; seguem-se a enfermaria dos escravos do convento com a capella da Senhora do Rosario, a botica, e o salão do refeitorio dos convalescentes. Nesta mesma parte do convento vêem-se a livraria, tendo na frente um pateo com uma cisterna, que foi destruida pelo provincial frei João de S. Francisco Mendonça, e a capella do Senhor dos Passos.

A portaria do lado esquerdo do convento é pequena porém elegante, o pavimento é de mosaico de marmore ; conserva a lapida de uma antiga sepultura, e tem um altar com a imagem da Conceição, habilmente esculpturada pelo preto João Vermelho. Do lado direito está a capella de Santo Aleixo, onde cahio um raio em 1800, que causou muitos estragos, e consta que no mesmo dia cahio outro na ilha das Cobras, que matou uma sentinella, e outro na torre da igreja de S. Sebastião.

O claustro, cuja cantaria dizem ter sido trabalhada por um leigo, é espaçoso, com arcarias de pedra, circumdado de dez capellas, vendo-se na do *Ecce Homo* o tumulo de D. João, filho primogenito de Pedro I ; e na da Sacra Familia os tumulos de D. Affonso e D. Pedro, filhos de D. Pedro II.

Sobre a portaria levanta-se o campanario com um relogio e um nicho com a imagem do orago.

A igreja manifesta exteriormente o gosto jesuitico ; tem tres portas no primeiro pavimento, tres janellas de peitoril com vidraças no côro, um frontão recto e um oculo no tympano. Teve a principio um vestibulo sobre arcaria de pedra, com uma porta larga ao lado esquerdo, que ainda vê-se, a qual era a portaria.

No interior ha poucos ornatos ; a capella-mór é elegante, ves-

tida de talha ; tendo lateralmente e no tecto paineis, que commemorão a vida do padre Santo Antonio.

E' de barro e de tamanho natural a imagem do orago, que por determinação do governador Francisco de Castro de Moraes passou de soldado a capitão do regimento velho, patente que a carta de 21 de março de 1711 confirmou, mandando applicar o soldo para a festa e ornato da capella do santo.

Tendo os francezes invadido a cidade do Rio de Janeiro em 1710, o fraco e pusillanime Francisco de Castro Moraes, fiando-se pouco em seu valor, implorou o patrocinio do padre Santo Antonio, e o provincial do convento, retirando das mãos do Santo um rico bastão, que um antigo governador offertara, enviou-o a Moraes para com elle nas mãos pelejar, mas depois de have-lo beijado, reenviou-o o devoto Francisco de Moraes, pedindo fosse a imagem do Santo collocada sobre o muro, e desde então ficou em um nicho sobre a portaria.

Em 14 de julho de 1810 subio Santo Antonio ao posto de major, e em 26 de julho de 1814 chegou a tenente-coronel, recebendo o respectivo soldo, tendo em 13 de agosto do mesmo anno, por esforços de frei Manoel da Conceição, a grã-cruz de Christo !

Factos taes ridicularisão a religião, aviltão-na, e despem-na do culto e veneração que devemos tributar-lhe.

O provincial frei Antonio do Coração de Maria mandou cobrir de mosaico de marmore o pavimento da capella-mór, em cuja entrada ha dous anjos sustentando duas lanternas, que conservão-se sempre accesas.

Ao lado do evangelho está o altar da Conceição, padroeira da provincia, havendo tambem alli a imagem de Santa Barbara. Houve no antigo morro do Carmo uma ermida consagrada á essa santa, e outra á Santa Catharina, cujas ruinas tivemos occasião de visitar.

Do lado da epistola está o altar de S. Francisco, patriarcha da ordem, e tambem vê-se alli a imagem de S. Benedicto.

Do mesmo lado vê-se a capella funda da Conceição, que servio de igreja á Ordem Terceira da Penitencia, e defronte o pulpito sagrado.

Dividia a igreja uma grade mui alta, que cortarão-na a meio quando celebrarão-se as exequias do irmão do vice-rei D. Fernando, fallecido em Portugal ; a grade que alli ha foi feita, sendo provincial o padre mestre frei Antonio do Coração de Maria.

E' espaçoso o côro ; tem na parte inferior os bustos de 15 martyres da ordem, e um orgão com a imagem de Christo, encerrada em um oratorio, cujas portas apresentão dous paineis pintados por Domiciano Pereira Barreto.

Na parte posterior da igreja está a sacristia, com retabulos no tecto, um lindo arcaz, o melhor que ha nas igrejas do Rio de Janeiro, e o pavimento ladrilhado de marmore ; na ante-sacristia ha um esguicho de marmore com quatro golfinhos e a estatua da Pureza na parte superior, e ao lado esquerdo da sacristia nota-se um jardim com uma cisterna.

O convento de Santo Antonio é um edificio extenso, mas de aspecto feio e de má architectura. Occupados os portuguezes nos seculos XV e XVI em viagens e conquistas, tendo os olhos fitos na Asia, e cuidando em levar mui longe seus navios e expedições, pouco se dedicavão ás bellas artes; talvez explique isso o máo gosto,que presidio á construcção dos nossos primeiros edificios.

Em 1851 o morro de Santo Antonio foi vendido a particulares, e actualmente pertence ao governo, que nada ha feito nesse terreno, coberto de espesso arvoredo e atravessado pelo aqueducto da Carioca, donde sae um annel d'agua para o convento, concedido pelo governador e pela camara, e confirmado por ordem regia de 3 de julho de 1742.

Até 1657 os franciscanos do Brazil dependião do provincial do convento da Bahia, e provinhão da provincia de Santo Antonio de Lisboa ; mas attendendo aos perigos das viagens dos prelados, propoz o frade Pantaleão Baptista que ficassem separados os conventos da capitania do Espirito-Santo para o Sul, e de feito desde esse anno constituirão esses conventos uma custodia independente, intitulada da Immaculada Conceição da Virgem Nossa Senhora ; o breve do papa Clemente X, de 15 de julho de 1675, elevou-a a provincia, e o primeiro capitulo foi celebrado em 1677, sendo eleito provincial frei Euzebio da Expectação.

A casa capitular do Rio de Janeiro conta actualmente tres religiosos, e possue nove conventos que se achão abandonados, e alguns em ruinas ; o patrimonio da ordem consiste em 186 apolices da divida publica ; não possue escravos, nem tem dividas.

A ordem de 15 de dezembro de 1729 facultou a casa conventual

desta cidade o privilegio de não pagar direitos de vinte pipas de vinho annualmente, jurando que erão para seu gasto, e a carta de 2 de janeiro de 1807 permittio-lhe mandar vir de fôra, isentos de direitos, os generos para seu provimento. Attrahião outrora grande concurrencia as pomposas festas dos franciscanos, nas quaes era o pulpito occupado quasi sempre por algum pregador notavel, ou theologo distincto; os vice-reis, e depois o rei D. João, e tambem Pedro I costumavão assistir a taes solemnidades, qne erão as mais esplendidas que se fazião.

Erão os franciscanos mui respeitados pelo seu saber, virtudes e serviços que prestavão como capellães das fortalezas, no hospital da Misericordia, onde havia sempre dous religiosos chamados capellães da agonia, pelo que desde antiga data concorria a Misericordia com 1$280 réis cada anno para as despezas do convento; erão elles que acompanhavão os padecentes ao patibulo, erão elles os mestres mais autorisados e doutos (1).

Constitue um periodo de gloria o passado desta casa conventual; sob as suas abobadas hoje ennegrecidas e ermas, existirão pregadores notaveis, philosophos, sabios e santos varões; nesse edificio, hoje solitario e esquecido, viverão homens, que se avantajarão nas sciencias, nas artes, nas virtudes, e relevantes serviços prestarão á religião, á humanidade e á patria; foi um monumento de gloria esse claustro, mas hoje...poucos frades habitão-no e esses que alli vivem nessas cellas erguidas ha quasi tres seculos, são como sombras dos grandes vultos que alli existirão, e estão encarregados da triste missão de fechar as portas de seu convento, pois prohibio o governo a introducção de noviços.

Ainda nos ultimos annos de sua existencia ingloria contou esta casa conventual um religioso, frei Antonio do Coração de Maria Almeida, que além de ser pregador habil, procurou dar vida e alento á sua ordem; esforçou-se por conservar o convento em asseio, em lembrar a chronica brilhante, a historia desse edificio venerado pelo povo, mas esse prelado pereceu em 19 de junho de 1870, e se Monte

(1) Em 23 de setembro de 1831 foi o convento dispensado de ter a seu cargo as capellanias das fortalezas de Santa Cruz e Praia Vermelha por falta de religiosos.

Alverne havia feito o testamento do claustro com as suas obras; frei Antonio do Coração de Maria levou para o tumulo a chave do seu convento.

Pisando no pavimento da igreja, visitando a capella do capitulo, percorrendo as arcarias escuras, pesadas, tristes e solitarias do claustro encontraremos tumulos de doutos padres, de homens distinctos, que legarão serviços á patria, e seus nomes á posteridade. Levantemos as lages desses sepulchros, e recordemos á patria os feitos de alguns desses seus filhos.

Na igreja do convento sepultarão-se Gregorio de Moraes, irmão do governador Francisco de Moraes, o qual combatendo valorosamente contra os francezes, foi ferido por duas balas inimigas, que matarão-o em 19 de setembro de 1710; o governador Luiz Vahia Monteiro, appellidado o Onça, e fallecido em 19 de setembro de 1733; o ministro conde de Linhares, amigo dos brazileiros, o qual pereceu em 1812; o poeta sagrado Antonio Pereira de Souza Caldas que finou-se em 1814; o monsenhor Callepi, o primeiro nuncio apostolico enviado a esta côrte, que morreu em 10 de janeiro de 1817 e outros (1).

Encontra-se no claustro a sepultura de frei Fabiano de Christo homem virtuoso e santo, que durante longos annos servio de enfermeiro na enfermaria do convento, manifestando caridade, paciencia, resignação inexcediveis; era a sua cella perto da enfermaria, e alli não penetrava um gemido que o não despertasse; e se afastava-se dalli esse padre era para attender aos doentes, para consolar os agonisantes, e tranquilisar os aflictos, O povo venerava-o, seus conselhos erão ordens, sua protecção poderoso auxilio, e seus remedios considerados certos e infalliveis.

Guarda-se no convento um moringue de barro coberto de zinco, que pertenceu a frei Fabiano, e a agua dessa vasilha era tida pelo povo como milagrosa, e memoravão-se prodigiosas curas operadas por ella, tal era a fé que tributava o povo ao virtuoso monge.

O passamento de frei Fabiano, em 17 de outubro de 1747, causou consternação geral, o povo correu afflicto ao convento lastimando

(1) Veja a memoria intitulada Tumulos de um claustro, na Revista do Instituto Historico, tomo 29, pag. 263.

a morte do seu protector, e desejando possuir uma reliquia do santo varão dilacerou os tres primeiros habitos, que revestirão o cadaver; interveio a força armada para executar-se o enterro, ao qual assistirão o bispo D. frei Antonio do Desterro, o governador Gomes Freire de Andrade (1) e milhares de individuos de todas as classes e condições.

A sepultura do virtuoso frade traz o seguinte epitaphio :

Sepultura do servo de Deus frei Fabiano de Christo.
fallecido em 17 de outubro de 1747.

Procedendo-se á exhumação, ficou o sepulchro impedido pelo bispo, e os ossos do homem bom e justo forão depositados em uma caixa collocada na parede de um corredor, defronte da capella do Senhor dos Passos, gravando-se alli uma inscripção em latim composta por frei Francisco de S. Carlos.

Veio para o claustro em 1811 o cadaver de frei Marianho da Conceição Velloso chamado no seculo José Velloso Xavier, nascido e baptisado na villa de S. José, comarca do Rio das Mortes, em Minas, no anno de 1742.

Entrando para a escola na idade de 6 annos, frequentou o estudo primario, cursou as aulas, e matriculado no latim, familiarisou-se com as difficuldades dos classicos ; destinado pelos paes á vida monastica recolheu-se ao convento desta cidade, vestio o habito no convento de S. Boaventura em Macacú, em 11 de abril de 1761, e um anno mais tarde professou.

Resolvido a transformar sua cella em gabinete de estudo, consagrou-se ao cultivo da botanica classificando as flores, os arbustos, que enfeitavão o jardim do convento

Matriculou-se em 1766 na aula de philosophia do convento do Rio de Janeiro, e nesse mesmo anno conferio-lhe o bispo as ordens sacras ; occupou com brilho o pulpito, e em 1768 foi eleito pregador; em 27 de junho de 1771 foi escolhido para passante de geometria, do convento de S. Paulo, e mereceu o titulo de confessor.

(1) Veja os Francezes no Rio de Janeiro, romance historico pelo Dr. Moreira de Azevedo.

Favorecido pelo vice-rei Vasconcellos, emprehendeu viagens e excursões para estudar melhor o reino vegetal, levando comsigo o frade franciscano frei Solano, que encarregou-se de desenhar as plantas estudadas; e oito annos viajarão esses religiosos desprezando as fadigas, não attendendo ás intemperies do tempo; nas ilhas do Parahyba expoz-se frei Velloso a tão ardente sol, que sobreveio-lhe uma ophtalmia, que durou-lhe oito mezes. Regressarão em 1790, trazendo frei Velloso ao vice-rei um valioso mimo, a obra *Flora Fluminense* ou descripção das plantas que nascem espontaneamente no Brazil, ornada com desenhos de frei Francisco Solano

Animado pelo vice-rei resolveu frei Velloso levar a sua obra a Lisboa, onde elogiarão-na os melhores naturalistas e botanicos.

Longe da patria não se esqueceu della o douto frade; traduzio e escreveu diversos artigos sobre agricultura applicada ao Brazil; mereceu a protecção do conde de Linhares, relacionou-se com os sabios do paiz, tornou-se amigo de Bocage, e do principe regente recebeu a nomeação de director do estabelecimento typographico do Arco do Cego, onde imprimio-se a sua obra em onze volumes o *Fazendeiro do Brazil.*

Escolhido para um dos lugares de director da imprensa régia, á qual incorporara-se o estabelecimento do Arco do Cego, continuou a estudar e a escrever; compoz as seguintes obras: Instrucções para se transportar pelo mar as arvores, plantas vivas e outras curiosidades naturaes; Annuario brazilico ou galeria ornithologica das aves do Brazil; Relação das moedas dos paizes estrangeiros, o valor de cada uma reduzido ao dinheiro portuguez. Traduzio do hespanhol, italiano, francez e inglez, diversos trabalhos scientificos, e foi nomeado socio da academia das sciencias de Lisboa, e de outras sociedades. Alcançou do principe regente a pensão de 500$000 pelas suas descobertas, e as honras de ex-provincial, e regressando ao Brazil em 1809, apresentou um breve de Pio VII que permettia aos franciscanos a celebração da festa do Coração de Maria com o rito da segunda classe; e houve então pela primeira vez essa festividade no Rio de Janeiro, seguida de procissão, na qual appareceu frei Velloso carregando o andor da Virgem Immaculada

Affectado de hydropesia falleceu na enfermaria do convento na noite de 13 para 14 de julho de 1811, sendo a sua livraria offereci-

da pelos religiosos á Bibliotheca Publica, onde existem manuscriptos do douto frade.

Julgava-se perdida a *Flora Fluminense*, mas em 1825 o bispo de Anemuria encontrou-a na Bibliotheca Publica, e impressa por ordem de D. Pedro I, na typographia nacional, sob a direcção do bispo de Anemuria e do Dr. João da Silveira Caldeira, formou onze volumes, contendo a classificação de 1640 vegetaes pela maior parte de generos e especies novas, e 1700 gravuras abertas em Paris.

Tinha frei Velloso genio aspero, mas facilmente serenava a sua colera. Tenho genio máo, porém bom coração : dizia esse religioso, que foi litterato distincto, homem virtuoso, e muito deverão-lhe a sciencia, a religião e a patria.

Frei Dyonisio de Santa Pulcheria lente de philosophia e theologia, pregador e bom poeta ; falleceu repentinamente no convento da ilha Grande em 1811.

Fr. Antonio de Santa Ursula Rodovalho, natural de Taubaté, professou em 1762 ; distincto pregador, professor de philosophia do Seminario de S. José, censor régio, lente de prima em seu convento ; guardião do convento de S. Paulo, e provincial do convento do Rio de Janeiro ; nomeado bispo de Angola em 25 de abril de 1810, renunciou o bispado em 1812 ; falleceu em 2 de dezembro de 1817, escrevendo frei Sampaio no livro do registro do convento eloquentes palavras de elogio a esse douto padre (1).

Frei Joaquim de Santa Leocadia, nascido e baptisado na freguezia de S. José ; criado na casa de Antonio Alvares da Cunha, deveu a esse homem caritativo a instrucção que adquirio ; entrando para o convento distinguio-se logo pela sua intelligencia e amor ao estudo : foi guardião, secretario da provincia, lente de philosophia e theologia dogmatica durante seis annos ; alcançou reputação de bom pregador, e pereceu em 8 de maio de 1818.

Frei Francisco Solano, nascido na villa de Macacú ; padre virtuoso e excellente pintor ; além de outros trabalhos pintou para o convento quatro jarras de madeira imitando a porcellana da India.

(1) Veja a biographia de frei Antonio de Santa Ursula Rodovalho pelo Dr. Moreira de Azevedo no tomo XXVII da Revista do Instituto parte segunda pag. 187.

Frei Fernando Antonio de S. José Menezes, padre mestre, examinador synodal e provincial. Assistindo o conde de Rezende e uma das conclusões, em que orava frei Fernando, ordenou que recolhessem-no ao carcere do convento, por ter esse frade combatido a infallibilidade do papa, doutrina que então não soffria controversia.

Frei Francisco de S. Carlos, natural do Rio de Janeiro, onde nasceu em 13 de agosto de 1763, e destinado por seus pais á vida ecclesiastica, entrou aos 13 annos para o claustro, e no convento de Macacú a sua intelligencia, pureza de sentimentos, e conducta exemplar angariarão-lhe a estima dos prelados ; logo que teve idade sufficiente recebeu ordens sacras, e envolto no habito, encerrado na cella, só pensou no estudo ; vindo para o Rio de Janeiro começou a occupar o pulpito, e sua physionomia expressiva e bella, seus olhos pretos e grandes, sua presença imponente, sua voz doce e clara, o seu estylo elegante e poetico, forão dotes, que contribuirão para ser considerado o primeiro orador sagrado do Brazil. Em 1801 foi nomeado lente de eloquencia sagrada, e além de outros cargos, occupou o de guardião.

Foi um dos primeiros pregadores brazileiros, que orou em presença da familia real de Bragança, e foi eleito, pelo principe regente D. João, pregador regio.

Do pulpito dominava o auditorio ; se manifestava sentimento com suas palavras chorava o povo, se pintava o prazer, alegrava a todos os ouvintes.

Se não tinha tempo de estudar os sermões improvisava-os, e cada vez que descia do pulpito, podia dizer que havia ganho um triumpho. Muitos de seus sermões perderão-se, mas alguns correm impressos, entre outros o que foi pregado no anniversario da chegada do rei ao Brazil, e outro recitado nas exequias de D. Maria I, peça oratoria igual as de Massillon e Bossuet.

Tocava S. Carlos diversos instrumentos, compunha musica, e ha um hymno de S. Francisco que é trabalho seu.

Compoz o poema sagrado Assumpção, e de um assumpto arido e já tratado, tirou mimosos versos, enriquecendo o seu livro de lindos episodios, elegantes imagens e primorosas descripções da America, especialmente do Brazil; mas encontrarão os criticos defeito no poema, e o poeta attendeu-os, emendando e refundindo sua obra ; pouco depois

adoeceu, e na enfermaria indo visital-o o padre mestre Monte Alverne, mostrou-lhe o poeta um exemplar do poema todo riscado e emendado, com folhas manuscriptas entercaladas em diversos lugares, e declarou-lhe ha ver acrescentado alguns episodios e ampliado outros. Monte Alverne offereceu-se para publicar o manuscripto, mas S. Carlos disse-lhe que promettera-o a sua irmã.

Alguns dias depois pereceu S. Carlos em 6 de maio de 1829. Propoz o conego Januario á irmã do poeta a publicação do poema revertendo para ella os lucros; mas como esta pedisse-lhe 12:000$ pelo seu precioso legado, não pôde realizar-se a impressão, e até hoje se não imprimio o trabalho emendado e refundido pelo autor.

Em 8 de agosto de 1778 nasceu no Rio de Janeiro frei Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio, filho do negociante Manoel José de Sampaio, e de D. Helena da Conceição, que falleceu ao dar a luz este filho.

Nos estudos mostrou vocação e intelligencia; e tendo propensão para a vida religiosa, entrou para o convento desta cidade, professando, em 14 de outubro de 1793, no convento da ilha do Bom Jesus; no convento de S. Paulo applicou-se á philosophia, e no Rio de Janeiro, para onde regressou em 1802, com ordens de presbitero, obteve o diploma de lente de theologia e eloquencia sagrada; em 1808 foi nomeado pregador regio e examinador da mesa da consciencia e ordens. A sua voz clara e forte, sua figura nobre e expressiva, sua eloquencia facil e fecunda, o seu gesto imponente e grave davão aos seus discursos tanta magestade e belleza que o auditorio commovia-se, e enlevava-se de admiração e respeito pelo orador.

Nomeado pregador da casa, era muitas vezes convidado inesperadamente para orar em qualquer festividade, e se não recusava o talentoso monge, subia ao pulpito, e recitava uma oração sublime.

Sabia aproveitar-se de qualquer incidente para impressionar aos seus ouvintes. Aconteceu um dia, que occupava o pulpito, sobrevir furioso temporal, acompanhado de horriveis trovões e vivos relampagos; interrompeu frei Sampaio o sermão e em uma apostrophe arrebatou a multidão que atopetava o templo.

Quasi sempre que orava em presença do rei D. João VI, offerecia-lhe este um mimo, de ordinario uma boceta de ouro para rapé,

e conta-se que, quando o douto frade pereceu, encontrarão-se cinco ou seis bocetas offertadas pelo rei.

De vasta e fecunda intelligencia poucos oradores hão escripto tantos sermões como frei Sampaio, mas quasi todos desapparecerão da sua cella logo depois delle expirar.

Foi censor episcopal em 1813, deputado da bulla da santa cruzada em 1824, socio da academia das bellas letras de Munich e de outras sociedades litterarias.

Tomou parte activa na causa da independencia do Brazil, escreveu em diversos periodicos, e transformou a sua cella em conciliabulo politico; pereceu em sen convento em 13 de setembro de 1830.

Existe em poder do Dr. José Mauricio Nunes Garcia o craneo de frei Sampaio (1).

Frei Francisco de Monte Alverne, chamado no seculo Francisco José de Carvalho, filho do ourives João Antonio da Silveira, e de D. Anna Francisca da Conceição, nasceu no Rio de Janeiro em 9 de agosto de 1784. Entrou para o convento em 28 de junho de 1801, e professou em 3 de outubro de 1802; partio para S. Paulo em 1804, e lá recebeu ordens sacras das mãos do bispo D. Matheus de Abreu Pereira.

Applicando-se com muito estudo á philosophia, rhetorica e theologia, em pouco tempo passou de discipulo a mestre; em 1810 foi eleito passante de philosophia, e oppositor da cadeira de theologia; em 1813 era lente de philosophia no convento de S. Paulo; em 1816 lente de prima, e nesse mesmo anno, em 17 de outubro, alcançou o titulo de pregador regio. E era na tribuna sagrada, que havia de colher brilhantes triumphos e perpetuar o seu nome, como orador christão; era admirado no pulpito, e considerado como o primeiro orador sagrado do paiz.

Leccionou longo tempo philosophia no Seminario de S. José, e na cadeira do ensino não teve rival em seu tempo.

Occupou em sua ordem diversos cargos, e o Instituto de França, o Instituto Historico do Brazil, a sociedade Amante da Instrucção e outras sociedades litterarias admittirão-no em seu gremio.

(1) Veja nos Ensaios Biographicos de Moreira de Azevedo, a biographia de frei Sampaio.

Affectado de amaurosis deixou o pulpito, e a cadeira de Platão, e encerrou-se na cella do convento, onde viveu esquecido 12 annos, sem ao menos achar consolo em seus livros. Mas em 1848 fundando alguns moços a sociedade Gymnasio Brazileiro convidarão o cego Monte Alverne para assistir á inauguração da sessão litteraria, e offerecerão-lhe uma coroa de louros. Essa homenagem reanimou um pouco ao distincto orador, ao profundo philosopho.

Convidado pelo Imperador D. Pedro II para orar na festa de S. Pedro de Alcantara, na capella imperial, em 19 de outubro de 1854, fez Monte Alverne um magnifico sermão, que enthusiasmou a todos ; apezar de ter vivido cego por espaço de 18 annos, fechado em uma cella, conservara o fogo da imaginação, a robustez da intelligencia, a palavra divina, o gesto imponente.

Eramos estudante, mas faltando aos estudos, fomos ouvir Monte-Alverne nesse dia, em que elle recitou o brilhante panegyrico de S. Pedro de Alcantara, e enthusiasmado applaudimos, como todo o povo applaudio, as palavras eloquentes do distincto orador.

Em 1855 orou Monte Alverne na igreja da Gloria (1), e em 2 de dezembro de 1858 pereceu em Nictheroby de congestão cerebral. Embalsamado o cadaver foi conduzido á côrte em 4 de dezembro, assistindo aos seus funeraes, por ordem do Imperador, o mordomo da casa imperial e um seu ajudante de ordens.

Sepultado no claustro do convento, abrio-se uma inscripção na pedra do sepulchro (2).

Publicou Monte Alverne os seus sermões, que formão dous grossos volumes, e constituem um monumento de gloria para seu convento e para o Brazil.

Poderiamos citar muitos outros homens notaveis da ordem franciscana do Rio de Janeiro, como frei João Capistrano, pregador distincto, secretario da provincia, e lente no Seminario de S. José ; frei Francisco da Conceição Valle, elogiado por frei Sampaio no livro do registro do convento ; frei Caetano da Natividade, mestre de

(1) Veja o capitulo que trata da igreja da Gloria do Outeiro.

(2) Veja os Tumulos de um Claustro, memoria impressa no tomo 29 da Revista do Instituto pag. 263.

theologia, e prelado virtuoso; frei Bernardo, leigo, medico notavel e homem de virtudes; frei Manoel, leigo, distincto entalhador; frei Miguel de Santa Maria Frias, eloquente orador, e frei Antonio do Lado de Christo, pregador regio, padre sabio e virtuoso, fallecido em 1821 (1).

---

(1) Veja nos Ensaios Biographicos de Moreira de Azevedo a biographia de frei Antonio do Lado de Christo.

VI

CONVENTO DA AJUDA

No principio da rua dos Barbonos, no lugar em que faz angulo o muro da chacara das freiras, existio uma antiga ermida, consagrada á Nossa Senhora d'Ajuda. Não se sabe o anno da sua fundação, mas foi certamente uma das primeiras, que se erigirão nesta cidade, pois em 1600 foi reedificada.

Entre os devotos, que alli concorrião, notavão-se muitos christãos novos, que instituirão a solemnidade do jubilêo ; mas propalando-se ser o seu culto consagrado á uma certa Maria de Judá, diminuio muito o concurso dos fieis áquelle asylo.

Nessa ermida estiverão alguns mezes em 1607 os franciscanos, que procurarão mudar-lhe a invocação.

Contava o Rio de Janeiro em 1658, além do collegio dos jesuitas estabelecidos em 1568, tres conventos de frades, o dos benedictinos, o dos Carmelitas e dos franciscanos, mas ainda não possuia um convento de religiosas, que o povo muito desejava ; e por isso começou a concorrer com esmolas para erguer-se um edificio consagrado á clausura de mulheres. Era então administrador da diocese Manoel de Souza e Almada, que não conseguio realizar o intento do povo. Succedeu-lhe o prelado Francisco da Silveira Dias que, constando-lhe que D. Cecilia Barbalho, filha de Luiz Barbalho Bezerra.

que fôra governador da capitania, desejava entrar com suas filhas para uma clausura, combinou com seu irmão, frei Christovão da Madre de Deus Luz, guardião dos franciscanos, para construirem ambos um dormitorio junto á ermida d'Ajuda ; e concluida a obra em dous mezes, vierão para este recolhimento, em 9 de julho de 1678, D. Cecilia, tres filhas, e duas meninas, filhas de pessoas distinctas da cidade. Tomarão essas recolhidas o nome de conversas.

No mesmo dia, em que Cecilia e suas filhas iniciavão a vida de solidão e clausura, lançava o prelado a primeira pedra para um convento de freiras ; depois da ceremonia da benção, foi essa pedra carregada pelo governador Mathias da Cunha, o provedor da fazenda real Pedro de Souza Pereira, o guardião dos franciscanos, o custodio da provincia, frei João da Natividade, o vigario da Candelaria Sebastião Barreto de Brito, e o vigario de Irajá, Bento Pinheiro de Lemos.

Gravarão-se nessa pedra as palavras ; *Sancta Maria intercede pro devoto fœmineo sexu ; sentiant onnes tuum juvamen.*

Apezar de não ter ainda recebido de el-rei a licença para a construcção de um convento de mulheres, cuidava o povo em levantar o edificio destinado para este fim ; tal era o desejo que tinha dessa instituição, e tal a esperança de ve-la realizada. Havião sido remettidas diversas supplicas ao soberano para a creação de um convento de mulheres, e o alvará de 30 de outubro de 1694 concedeu-a ; ignorão-se, porém, quaes os embaraços, que suspenderão a execução do projecto, e entristecerão o povo, que em 1704 repetio o pedido, tendo a seu favor a camara e o bispo D. Francisco de S. Jeronymo.

Veio então a provisão de 19 de fevereiro (1) de 1705 permittindo a creação do convento com 50 freiras, podendo entrar nesse numero algumas das conversas ; as freiras não podião herdar, nem adquirir bens por titulo algum ; serião dotadas vitaliciamente, dando-se para sustento annual de cada uma 80$000, sendo essa quantia estabelecida em bens seguros e permanentes, para não soffrer dimi-

(1) Monsenhor Pizarro diz que a provisão foi de 19 de fevereiro, e Balthazar diz que foi carta regia de 15 de fevereiro.

nuição ; e por morte de cada uma passarião os bens á casa de seus paes, parentes ou pessoas, as quaes se devesse o dote.

Ficaria o convento sujeito ao ordinario ; professarião as freiras a regra capucha, e não terião criadas, por ser assim conveniente ao serviço de Deus ; mas esta ultima condição não prevaleceu, porque outros breves ampliarão essa restricção fundamental.

A provisão de 16 de abril de 1738 ordenou que se entregasse aos frades capuchinhos italianos o edificio, junto a ermida da Ajuda ; e vendo Gomes Freire de Andrade que esses religiosos achavão-se sem casa, ordenou ao ouvidor que, procedendo aos termos e as precauções necessarias, fizesse empossar na ermida os capuchinhos italianos, sob a condição de sahirem della, logo que o rei ordenasse ; mas divulgada essa noticia, começou o povo murmurar, e mostrar má vontade em vêr aquelle asylo, destinado para mulheres, occupado pelos frades italianos ; pelo que recusarão estes a ermida d'Ajuda.

Já naquelles tempos do mando e quero conhecião os frades judiciosamente que não é conveniente arrostrar a opinião publica.

Novos empecilhos, originados pelo cabido, sede vacante, vierão embaraçar a obra do mosteiro d'Ajuda, cuja construcção encontrou o bispo D. frei João da Cruz em muito atrazo no anno de 1741 ; mas, interessando-se elle e a camara pela instituição dirigirão-se a el-rei, e obtida a faculdade regia, lançou o bispo em 1745 a pedra fundamental do convento em lugar differente do antigo.

Estavão feitos os alicerces, quando tomou posse da diocose D. frei Antonio do Desterro, que mandou demolir a ermida d'Ajuda, e em quatro annos concluio a parte mais essencial do convento, que foi dedicado á Conceição de Nossa Senhora, sob o titulo d'Ajuda, em memoria da antiga capella.

Obtido o breve pontificio de 24 de janeiro de 1748 tratou o bispo de receber as novas religiosas, admittindo-as á profissão da regra de Santa Clara ; e vindo da Bahia quatro irmãs professas do convento da mesma santa, com ellas começarão as religiosas do convento d'Ajuda o seu noviciado em 3 de maio de 1750. Em 28 do maio de 1751 elegerão as religiosas as suas primeiras preladas ; forão nomeadas : abbadessa a madre Maria Leonor do Nascimento, vigaria a madre Marianna da Penha de França, mestra de noviças a

madre Catharina dos Anjos, e porteira a madre Francisca Custodia das Chagas.

Para patrimonio do convento applicou o bispo D. frei Antonio do Desterro as terras situadas, em Campos, legadas por José Serrão e Manoel do Rosario á Senhora d'Ajuda, com a pensão de diversas missas celebradas no altar da mesma Virgem.

Acha-se situado o convento d'Ajuda na rua do mesmo nome, esquina da do Passeio.

O dormitorio, que olha para esta ultima rua, apresenta dous andares, tendo o primeiro cinco janellas conventuaes e dez de cellas, e o segundo quatro conventuaes e onze de cellas (1).

Nas extremidades dessa face ha dous resaltos em fórma de pavilhão, dos quaes o da direita só mostra o alicerce, e sobre este o muro, que fecha a chacara do convento, e o da esquerda tem tres janellas em cada pavimento.

A face que se estende pela rua d'Ajuda, consta de um corpo de dous andares com seis janellas em cada um, as quaes dão para os còros do convento; segue-se a porta da igreja, para a qual sobe-se por uma escada de tres faces e de nove degráos de pedra; ha depois outra porta que abre-se para o corredor da sacristia e para a qual sobe-se por uma escada de seis degráos. Sobre a porta da sacristia córre um terraço coberto, onde estão as tribunas da capella-mór da igreja.

Em seguida continua a face do mosteiro com seis janellas no segundo andar, e no primeiro a portaria com uma escada de nove degráos, quatro janellas e duas portas que se abrem para aposentos de pessoas pobres; estende-se por fim o muro que fecha a cerca do convento, e que prolonga-se até quasi metade da rua dos Barbonos(2).

(1) Junto a esta face, por baixo do dormitorio das religiosas, construio-se no tempo de D. João VI um quartel para a 3ª. companhia de policia e um deposito de armas do 1º. batalhão de caçadores conhecido vulgarmente pelo nome de batalhão dos Henriques; ha dez annos estiverão alli algumas companhias do corpo policial, mas hoje é esse terreno occupado por algumas casinhas.

(2) Estendia-se esse muro em linha recta até a esquina da rua dos Barbonos: mas cedido pelas freiras o terreno para uma escola publica ficou o muro irregular, constituindo um angulo.

No muro, do lado da rua da Ajuda, ha um portão.

Apezar de não ter sido concluido, e de não apresentar boa architectura, manifesta este edificio um aspecto sombrio e monastico, que convem ao seu destino.

A igreja é alta, espaçosa e ornada de sete altares com obra de talha dourada; o pavimento da capella-mor era de tijolo em 1861, mas hoje é de mosaico de marmore; é tambem de marmore o presbiterio, onde ve-se uma grade, na qual recebem as religiosas a santa communhão. (1)

Estão no altar-mor as imagens do orago, de Santa Clara e S. Francisco, patriarchas da ordem. Ha na capella-mor duas portas das quaes uma vae para o confessionario, e a outra para a sacristia.

Pertence ao Senhor dos Afflictos o primeiro altar do lado do evangelho, o qual foi instituido pelo bispo D. frei Antonio do Desterro, que para sua conservação doou dous predios, sitos no fundo da cerca do convento, em frente ao hospicio, que foi dos padres italianos, com o encargo de uma missa perpetua celebrada no mesmo altar em todas as sextas-feiras do anno.

O altar de Santa Thereza, o ultimo do mesmo lado, levantou-o o padre Antonio José dos Reis Pereira e Castro, que foi vigario geral em 1755, e reitor do Seminario de S. José em 1767, o qual tambem concorreu para a construcção do muro, que circunda a chacara do mosteiro. Occupou este padre diversos cargos ecclesiasticos, e falleceu em 17 de junho de 1780, sepultando-se na igreja de S. Pedro.

Tem a igreja tres coros; o primeiro chamado inferior, o segundo grande côro, e o terceiro mirante.

No primeiro depositou-se o cadaver da infanta D. Marianna, tia do princepe regente D. João, fallecida em 16 de maio de 1813, com pouco mais de 76 annos de idade.

Logo que a infanta pereceu, seu sobrinho encerrou-se por 8 dias, tomou luto por 4 mezes, 2 pesado e 2 alliviado, e mandou celebrar missas em todas as igrejas da cidade concedendo a

(1) A's 2 horas da tarde do dia 16 de agosto de 1865 suicidou-se nas escadas desta igreja, com um tiro de pistola na cabeça, o cocheiro Antonio José Alves, attribuindo-se esse acto de loucura a infelicidade amorosas.

esmola de 640 reis. Conduzido o cadaver para a sala do docel começou ás 11 horas do dia 19 o officio de defuntos; á tarde comparecerão no Paço o clero e as corporações religiosas para celebrarem as orações do costume, e fizerão a encommendação os conegos da capella real, em presença do principe regente, do principe da Beira e o infante D. Miguel.

Formavão alas pelas ruas desde o Paço até a igreja do convento os regimentos de linha e de milicias; e sahindo o prestito funebre ás 8 horas da noite, acompanharão-o o principe D. João e seus filhos até ás escadas do palacio; derão as tropas as salvas do estylo. Chegado o cadaver ao convento recebeu-o a irmandade da Misericordia; repetirão-se as encommendações, e entregue o corpo ás religiósas, lavrarão-se dous termos do acto, salvarão as fortalezas, houve descargas das tropas, e terminou a ceremonia ás 11 horas da noite.

No trigesimo dia houve na capella real solemnes exequias pela alma da infanta.

Para o mesmo recinto veio o cadaver da rainha D. Maria I, fallecida em 19 de março de 1816.

Conservarão-se os navios em funeral, dobrarão todos os sinos; no dia seguinte houve beija-mão da soberana fallecida, celebrarão-se missas em todas as igrejas com a esmola de 800 reis; começarão no dia 23 as encommendações, e praticadas outras ceremonias foi o cadaver conduzido ao convento, atravessando alas de soldados e padres; então os officiaes da casa real quebrarão as suas insignias, e a meia noite findarão as exequias.

No dia 26 praticou o senado da camara a ceremonia da quebra dos escudos. Sahio o prestito do paço da camara; rompia a marcha um individuo vestido de pesado luto, de capa e chapéo desabado, do qual pendia um extenso crepe, e montado em um cavallo coberto com um manto negro, que beijava o chão; seguião-se diversos cidadãos guardando rigoroso luto, a pé e marchando em alas; após vinha o desembargador presidente do senado, Luiz Joaquim Duque Estrada Furtado de Mendonça, de beca, fumo no chapéo e vara preta na mão, e os vereadores Francisco de Souza e Oliveira, Luiz José Vianna Gurgel do Amaral e Rocha, Manoel Caetano Pinto, e o procurador Antonio Alves de Araujo, levando cada um o seu escudo; e fechavão o prestito os officiaes da camara e uma guarda da policia. Chegados

ao largo de Santa Rita, onde estava armado um tablado, subio o primeiro vereador, e em voz alta disse o seguinte :

— Chorai nobres, chorai povo, que morreu a vossa rainha D. Maria I de Portugal, Brazil e Algarves ; e quebrou o escudo atirando-o sobre o tablado. Igual ceremonia praticarão os outros vereadores nos tablados dos largos do Capim, do Rocio e da Lapa. Marcarão os editaes luto por um anno !

No nono dia o rei e os principes visitarão o tumulo da rainha, e em consequencia da festa da Paschoa celebrarão-se as exequias na capella real no dia 23 de abril, e em outras igrejas e conventos, sendo mui notaveis as que a camara mandou fazer no convento da Ajuda, em 10 de junho, com a assistencia da familia real.

Em 1821 forão trasladados para o convento do Coração de Jesus em Lisboa os despójos mortaes de D. Maria I e os de sua irmã.

Falleceu no dia 11 de dezembro de 1826 a imperatriz D. Maria Leopoldina Josefa Carolina. Içarão os navios e fortatezas as bandeiras a meio páo, e derão tiros de dez em dez minutos ; fecharão-se os tribunaes por oito dias, e marcou-se luto por seis mezes. No dia seguinte beijarão a mão da imperatriz defunta seus filhos, os fidalgos e criados do paço ; mas pela rapida decomposição do cadaver não houve beija mão publico.

Houve no dia 14 as encommendações, e, ás 9 horas da noite, sahio o prestito do palacio carregando o caixão os marquezes de Santo Amaro, de Inhambupe, de Baependy, de Nazareth, de Queluz, de Paranaguá, de Jundiahy, e o conde de Lages.

A rainha D. Maria II, acompanhou o corpo de sua mãi até o ultimo degráo da escada do palacio da Boa Vista. O carro funebre era tirado por animaes cobertos de mantos negros ; seguião-se uma guarda de tudescos commandada pelo marquez de Aracaty, o coche de estado, a guarda imperial de honra commandada pelo marechal José Manoel de Moraes, o coche da corôa, o do cura da capella imperial, e um piquete de cavallaria.

Formavão alas a tropa e o clero nas ruas, que o prestito funebre tinha de percorrer.

Na porta da igreja, ricamente ornada, foi o cadaver recebido pela irmandade da Misericordia, e collocado no primeiro pouso que tinha um degráo e seis tocheiros, o segundo dous degráos e dez to

cheiros, e o terceiro trez degráos e doze tocheiros, havendo outro ponso perto do côro das religiosas, e a um lado duas mezas cobertas de velludo verde, sobre as quaes estavão castiçaes de prata, e uma escrivaninha do mesmo metal.

Em consequencia do grande peso do caixão fizerão-se no mesmo pouso todas as encommendações, a primeira pela irmandade da Misericordia, a segunda pelo capellão do convento e clerigos adjunctos, e a ultima pelos conegos e pelo bispo. Afastando o panno que cobria o caixão, entregou-o o marquez de Jacarépaguá á irmandade da Misericordia, e carregado pelos fidalgos para o pouso junto ao côro, lavrarão-se dous termos da entrega do corpo, os quaes forão assignados pelo ministro da justiça o marquez de Caravellas, pelo mordomo e fidalgos, que pegarão no caixão e pela abbadessa. Salvarão as fortalezas e deu descargas a força militar, findando-se á uma hora da manhã o enterro.

Fallecera a imperatriz com pouco mais de 29 annos de idade ; era de genio affavel, instruida, e mui caritativa ; pelo que era presada pelo povo.

Recebendo a noticia da morte de sua consorte, partio D.Pedro I da capital do Rio Grande do Sul, entregando o commando do exercito ao marquez de Barbacena, e em 15 de janeiro de 1827 chegou ao Rio de Janeiro.

No primeiro anniversario da morte da imperatriz celebrarão-se no convento d'Ajuda exequias, orando o franciscano frei Sampaio ; e esse sermão, um dos mais eloquentes do famoso orador, guarda-se no archivo do seu convento.

Veio repousar em 1833 no mesmo recinto a princeza D. Paula Marianna nascida em 17 de fevereiro de 1823, e fallecida em 16 de janeiro de 1833 de febre perniciosa, depois de 21 dias de molestia.

Transportado o corpo em uma galeota da quinta da Boa-Vista para o paço da cidade, depositarão-no no quarto da princeza D. Januaria ; houve no dia seguinte o cortejo de despedida. Começarão as orações do clero no dia 18, e á noite houve o sahimento, dirigindo-se parte pela rua do Ouvidor, parte pela da Cadeia ; seguirão por esta as carruagens com os regentes, os ministros do Estado, o corpo diplomatico e varios titulares, e um parque de seis peças de artilheria ; e pela rua do Ouvidor o procurador da corôa a

cavallo, os membros do supremo tribunal de justiça e outras autoridades, que precedião o coche puchado a oito cavallos e ladeado de criados da casa imperial com tochas accesas ; cobria o carro funebre um manto de velludo carmesim franjado de ouro. Vinhão no couce do prestito o carro de estado, o do cura da capella imperial e esquadrões da guarda nacional e da cavallaria de Minas. Ladeavão as ruas do transito a guarda nacional, findando a ceremonia ás 10 horas da noite.

E' de madeira e com poucos ornatos o tumulo da imperatriz D Maria Leopoldina, tendo na parte superior a coróa imperial sustentada por dous anjos ; é tambem de madeira e mui simples o tumulo da princeza, apresentando em cima um florão.

Em 28 de julho de 1874 depositou-se no tumulo da primeira imperatriz do Brazil o cadaver da filha da princeza imperial D. Izabel, a qual, depois de doloroso e prolongado parto, viera ao mundo morta.

O Imperador D. Pedro II, acompanhado da côrte, vai todos os annos nos dias 11 de dezembro e 16 de janeiro ouvir missa no convento onde repousão sua mãi e sua irmã.

Ha no côro inferior a capella da Senhora das Dôres, e alli faz a freira o voto de deixar o mundo e de abraçar a vida do claustro, vestindo o habito, que deve ser a sua mortalha. E perto desse lugar ha um salão lugubre, triste, ladrilhado de tijolo, tendo nas paredes cruzes negras e no chão as lages, que fechão os tumulos das religiosas ; seguem-se o salão do refeitorio e a cozinha.

No segundo pavimento ha o côro grande, o salão chamado antecôro, onde está armado um lindo presepe, e erguem-se dous altares, o do Senhor do Horto e o do Espirito-Santo.

Outrora na noite dos reis reunia-se o povo na rua em frente do terraço das tribunas da capella-mór não só para ouvir os canticos religiosos senão os mottes dados pelas monjas, e glosados pelos repentistas nesses outeiros.

O côro grande é destinado para as orações e canticos das freiras, e o terceiro côro era o lugar das orações das educandas.

Ha no convento extensos corredores e muitas cellas ; junto ás tribunas da capella-mór está a elegante capella do Senhor da Columna.

Sahindo-se da capella-môr da igreja percorre-se um corredor abobadado para chegar-se á sacristia, cujo pavimento era coberto de tijolo em 1861; mas hoje é de mosaico de marmore; ha alli uma roda por onde passão os paramentos para os actos da igreja, e nas paredes os retratos dos bispos D. frei Antonio do Desterro e e D. José Joaquim Justiniano.

O salão da portaria communica-se com um pateo quadrangular, para o qual abrem janellas algumas das cellas do mosteiro, como a cella official da abbadessa; veem-se as portas dos parlatorios, e depois um outro salão formado por tres arcos de cantaria, no qual estão duas rodas, e a porta para o interior do convento.

Todas as janellas do edificio são revistidas exteriormente de grades de ferro e rotulas de madeira; as religiosas usão de habito branco, manto azul e veo preto; em 1861 existião vinte, e actualmente onze e diversas senhoras recolhidas, e muitas servas, quer livres, quer escravas. O convento é sujeito ao ordinario, e tem um capellão, sendo o actual um conego da capella imperial.

Apezar de estar o edificio em lugar plano avistão as religiosas de suas cellas a bahia, a entrada e sahida dos navios, o arvoredo do Passeio Publico; tem um terreno, onde podem passear e respirar ar puro e suave, e ouvem o bulicio, a agitação, que reina na cidade; mas não podem participar dessa animação, dessa vida que cerca as paredes ennegrecidas de seu claustro.

O verdadeiro amor de Deus existe no coração; póde-se ser tão bom religioso no interior de uma casa, como em um mosteiro, diz um sabio; parece que não consiste a religião em sujeitar-se o homem em clausura a certos preceitos, marcando as horas com orações e penitencias, supportando jejuns, e flagellações; não é por assistir ao côro em horas determinadas que se alcança o céo; muito mais merece de Deus a alma pura e virtuosa, que, lutando no mundo contra os vicios e maldades creu quando a descrença contaminou a todos, e dedicou-se ao amor, ao bem do proximo, quando outros só sabião o que erão o egoismo e a soberba.

VII

CONVENTO DE SANTA THEREZA

Em 15 de outubro de 1715, dia de Santa Thereza de Jesus, nasceu no Rio de Janeiro, uma menina que recebeu na pia da igreja da Candelaria, em 6 de novembro do mesmo anno, o nome de Jacintha.

Jacintha era filha de José Rodrigues Ayres, natural do Porto, e de D. Maria de Lemos Pereira, natural do Rio de Janeiro.

Teve sua mãi das primeiras nupcias quatro filhos, Sebastião, Antonio, Jacintha e Francisca, e das segundas um filho chamado José, que foi clerigo, e escreveu a vida de sua irmã Jacintha ; existindo este manuscripto no archivo do convento de Santa Thereza.

Narrando a vida de Jacintha, diz o Dr. Balthazar da Silva Lisboa que ella tinha visões, nas quaes conversava com Santa Thereza e o Menino Deus ; que um passaro branco vinha pousar-lhe nas mãos, e começava a cantar em latim ; que Jacintha era arrebatada do chão ou pela Divindade, ou pelo espirito máo ; que os animaes fallavão-lhe, e outras cousas semelhantes que não podem ser acreditadas.

Referem as chronicas que Jacintha, dotada de genio taciturno e melancolico, soffria de ataques nervosos, que duravão muitas horas, durante os quaes julgavão-na morta, sobrevindo depois convulsões, modôrra, symptomas de paralysia, e outros phenomenos nervosos.

Pode este estado morbido explicar as visões e extasis dessa donzella. Acresce qne a educação, que davão-lhe, era propria para exaltar-lhe nimiamente a imaginação; seu pai trazia-lhe celicios, asseverando que era o menino Jesus que enviava-os, e com elles apertava os bracinhos da pobre creança! Offerecia-lhe seu irmão José cruzes de madeira para carrega-las sobre os hombros, cingindo-lhe a cabeça com uma corôa de espinhos; de noite consentião que a infeliz menina se açoutasse com disciplinas de ferro. Frei Manoel de Jesus, carmelita descalço, seu confessor, era um padre supersticioso, e fanatico, que acreditava em tudo de sobrenatural e absurdo, que a menina referia-lhe, e concorria muito para exaltar-lhe o espirito e o temperamento.

Não admira, pois, que tivesse Jacintha extasis, nos quaes julgasse ver cousas sobrenaturaes e divinas.

Conta Hoffmann que uma mulher, que occupava-se constantemente em orações, cahia em completa catalepsia, sempre que ouvia um psalmo; e vio Saint-Hilaire, nas suas viagens á provincia de Minas, uma mulher chamada Germana que, soffrendo de hysterismo e entregando-se a exercicios religiosos, deixou de comer carne, começou a usar de pouco alimento, a jejuar em todas as sextas-feiras, e sabbados, e recolhida á capella da Piedade, ahi permanecia em extasis 48 horas com os braços e as pernas estendidos! Tomava na quinta-feira santa igual posição, e nella quedava-se até o domingo, sem pronunciar palavra e sem receber alimento! Tinha a o povo na opinião de santa, mas provou o Dr. Gomes que os extasis de Germana erão resultados de uma catalepsia.

Pode explicar-se do mesmo modo os extasis de Jacintha, que desde os primeiros annos cuidou em fundar um convento sob a regra de Santa Thereza.

Existia então no morro do Desterro uma ermida dedicada á Senhora do Desterro, construida por Antonio Gomes do Desterro antes de 1629, porque fallecendo o prelado administrador Matheus da Costa Aborim, em 8 de fevereiro daquelle anno, legou quarenta cruzados para as obras *actuaes* da referida ermida.

Em 1710 no ataque dos Francezes contra a cidade do Rio de Janeiro, diversos individuos guiados por frei Francisco de Menezes, religioso trino, disputarão perto dessa ermida a passagem do

inimigo para o centro da cidade, e foi este o primeiro revez, que experimentarão os Francezes, que tinhão de ser completamente derrotados nesse mesmo dia.

Chegando da Bahia em 15 de outubro de 1714 tres religiosos Mariannos chamados frei Custodio de Jesus Maria, frei Manoel da Purificação, e frei Affonso de Jesus Maria, forão hospedar-se na ermida do Desterro; mas ou por não terem encontrado protecção no povo que talvez julgasse já sufficientes as casas de religiosos existentes na cidade, ou por qualquer motivo, regressarão para a Bahia em 10 de setembro de 1716.

Depois de terem residido na capella da Conceição do morro, e na capella da mesma invocação da rua do Rosario, se passarão os capuchinhos italianos para a ermida do Desterro, onde permanecerão até 1739.

A' essa ermida vinha Jacintha ouvir missa todos os dias; e voltando um dia para a sua residencia depois do officio divino, notou no caminho de Mata-cavallos uma chacara abandonada, cercada de arvores de espinho, e tendo no centro uma casa derruida pelo tempo. Era a chacara da Bica pertencente ao tenente-coronel Domingos Rodrigues Tavora.

O retiro, o isolamento dessa casa despertou uma idéa religiosa em Jacintha, que resolveu logo executa-la; pedio a seu tio materno, Manoel Pereira Ramos, que comprasse a chacara, e de feito foi ella comprada em março de 1742 por 2:100$000.

Em 25 daquelle mez e anno declarou Jacintha a seu irmão José o desejo que tinha de retirar-se para aquella chacara, que até então estivera em abandono, e dous dias depois, tendo ouvido missa e commungado na ermida do Desterro, deixou Jacintha seus paes, seus irmãos, deixou o mundo, e foi encerrar-se naquella chacara isolada. Levando no seio uma imagem do Menino Deus, collocou-a em um nicho de arbustos e flores.

Pedio a seu irmão José que perguntasse a Francisca, sua irmã, se queria habitar com ella aquelle lugar ermo e triste; Francisca aceitou o convite, e desde então esquecerão-se essas virtuosas donzellas de tudo que ligava-as ao mundo, riscarão seus appellidos de familia, tomando Jacintha o nome de Jacintha de S. José, e sua irmã o de Francisca de Jesus Maria.

Pelos seus esforços derão principio a uma capella consagrada ao Menino Deus ; vendeu Jacintha seus brincos para comprar os primeiros materiaes para a obra, e de tarde ella e sua irmã carregavão pedras para a edificação da ermida.

Dera o bispo D. frei João da Cruz autorização para a construcção da ermida em 3 de abril de 1742, e o procedimento virtuoso e santo de Jacintha e sua irmã despertou de tal modo a veneração e a caridade publica, que em pouco tempo ergueu-se o pequeno sanctuario.

Chegando ao palacio de Gomes Freire a noticia do fervor religioso, da abnegação dessas mulheres, não tiverão ellas de esperar pelo seu auxilo, porque cuidou logo em arbitrar-lhes certa quantia mensal para seu sustento.

Em 31 de dezembro de 1743 benzeu a ermida do Menino Deus o conego Dr. Henrique Moreira de Carvalho, e no dia seguinte celebrou alli a primeira missa o carmelita descalço frei Manoel Francisco, apresentando-se as fundadoras da capella vestidas de capas e saias pardas para receberem a sagrada communhão

Duás vezes visitou-as o bispo D. João da Cruz, disse missa, e offertou-lhes uma imagem da Senhora do Carmo, e outra de S. João da Cruz, que ainda existem nos altares da igreja do mosteiro.

Cheias de fé e religião vivião essas servas de Deus, entregues ao exercicio do culto, como se fossem já freiras professas ; suas virtudes inspirarão a outras donzellas, que vierão ajudal-as nas orações e nos trabalhos do culto.

Em 13 de julho de 1748 perdeu Jacintha a sua irmã Francisca de Jesus, que falleceu de tuberculos pulmonares, e teve jazida na ermida, que ajudara a construir.

Visitando o bispo D. frei Antonio do Desterro e o governador Gomes Freire de Andrade á capella do Menino Deus presenciarão a pobreza e a santidade, em que vivião Jacintha e suas companheiras, e desde então cuidou Gomes Freire em fundar um convento para essas recolhidas, as qnaes concedeu o prelado o uso do habito de estamenha parda com capas de baeta branca, em attenção ao clima do paiz.

Já então contava o recolhimento doze donzellas perseverantes e dedicadas, que celebravão em sua capella os exercicios da religião,

as festas do Natal e de Santa Thereza com matinas, as quaes vinha assistir o governador que determinando levantar o novo convento junto da ermida do Desterro, demarcado o terreno pelo engenheiro Alpoim, lançou a primeira pedra em 24 de junho de 1750, assistindo ao acto o bispo, que benzeu a pedra, o senado da camara, as principaes pessoas da cidade e Jacintha e suas companheiras. Postado na ladeira do outeiro deu um regimento as salvas do estylo.

Depositou-se com a pedra fundamental a seguinte inscripção em pergaminho :

Reinando em Portugal o Mui Poderoso, Pio, Magnanino e Fidelissimo Rei D. João V, o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Gomes Freire de Andrada, do conselho de Sua Magestade, Sargento Mor de Batalha dos seus exercitos, Governador e Capitão General das capitanias do Rio de Janeiro e Minas, fez edificar este convento, debaixo da Invocação e Titulo de Nossa Senhora do Desterro, para religiosas, que hão de professar a regra de Santa Thereza, presidindo na Igreja de Deus o Santissimo Padre Benedicto XIV, Nosso Senhor, sendo Bispo desta Diocese o Exm. e Revm. Sr. D. frei Antonio do Desterro, da ordem de S. Bento, Rio de Janeiro, 24 de junho de 1850. Frei Antonio bispo do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrade, thesoureiro mor doutor José de Souza Ribeiro de Araujo, arcediago e vigario geral Manoel Pereira Correa, conego penitenciario Francisco Fernandes Simões, conego Ignacio de Oliveira Vargas.

Terminada a ceremonia regressou o governador para palacio, e enviou ás recolhidas um abundante jantar, no consistorio da igreja da Lapa, para onde ellas se tinhão retirado, voltando de tarde, em companhia do bispo e do governador, para a sua antiga habitação.

No dia em que se lançou a primeira pedra do convento recitou o padre frei Manoel de Nossa Senhora do Monte do Carmo o seguinte soneto dedicado a Gomes Freire de Andrade :

Esta pedra que vemos sepultada
Por vossa pia mão com sacro auspicio;
Para Deus é eterno sacrificio,
Para vós é estatua respeitada.

Nunca fama alcançou tão decantada
Vosso braço a que Marte é tão propicio,
Porque gloria maior, mais epenicio,
Merece ao heróe a religião, que a espada.

Nesta Pedra immortal, sagrada e pura.
Dará o mundo a ler a vossa historia,
Quanto amor da virtude em vós se apura.

Nella eterna fareis a vossa gloria,
Pois com ella erigis, rara ventura.
Thronos no empyrio, templos na memoria.

Interessou-se Gomes Freire pela obra do convento, que caminhou apressadamente, de sorte que em 24 de junho de 1751, Jacintha e suas irmãs, depois de ouvirem missa e receberem o pão dos anjós, deixarão a capella do Menino Deus, e vierão occupar a sua nova habitação no morro do Desterro, sendo recebidas pelo bispo e pelo governador. Começou então o seu noviciado.

Ficou abandonada a capella do Menino Deus, a qnal ainda existe bastante arruinada, na rua de Mata cavallos entre as dos Invalidos e do Lavradio.

Vê-se na frente um muro com um portão, que abre para um pateo, e deste passa-se para uma varanda que communica com a capella. Vê-se nesta um unico altar com a imagem do orago, e no presbiterio notão-se duas rotulas de madeira, que fechão as antigas tribnnas, onde Jacintha e suas companheiras vinhão orar. Neste humilde asylo de religião e paz, perdeu Jacintha a sua irmã; alli vierão encontral-a diversas companheiras; e alli iniciarão essas donzellas a sua vida de orações e penitencias.

Um breve dado em Roma, em 5 de Janeiro de 1750, ordenava que as recolhidas professassem a regra de Santa Clara, porque julgava o bispo que o paiz, pelos rigores do clima, não era apropriado a sustentar a regra de Santa Thereza; mas como Jacintha e o governador desejassem as instituições desta santa, não quizerão executar o breve, e, para alcançar o que ambicionava, sahio Jacintha de seu convento na noite de 13 para 14 de novembro de 1753, e embarcou para Portugal na companhia de seu irmão o padre Sebastião Rodrigues

Ayres e do padre Antonio Nunes, e foi supplicar a protecção de el-rei.

Alcançando o que desejava, regressou Jacintha ao Rio de Janeiro em 17 de abril de 1756, e immediatamente enviou ao bispo os dous padres, que levara em sua companhia, para participarem ao prelado a concessão do breve e do beneplacito regio. Mas nem assim cessarão os escrupulos e receios do bispo, que continuou a oppor-se aos desejos do conde de Bobadella e de Jacintha ; e nessas duvidas e embaraços dos poderes ecclesiastico e civil correu o tempo até que, em 1 de janeiro de 1763, falleceu o conde de Bobadella, tendo sepultura no presbiterio da igreja do convento. Não abrio-se epitaphio sobre seu tumulo.

Pezaroso morreu Bobadella por não haver conseguido o seu intento ; dizia esse distincto servidor do Estado :

— A casa de Bobadella fica feita, mas minhas filhas ficão ainda sem casa.

Sabia que seu cadaver teria jazigo na igreja do convento, mas não conseguira fazer de Jacintha e suas irmãs filhas de Santa Thereza.

Em 2 de outubro de 1768 pereceu Jacintha, e teve sepultura ao lado do tumulo de Bobadella.

Não chegou Jacintha a ser freira de Santa Thereza, mas foi ella quem iniciou a idéa de fundar-se o convento sob essa regra ; foi ella que attrahio para alli diversas donzellas, que mais tarde vestirão o habito, e ornarão-se com o veo da heroina d'Avila.

Em 11 de outubro de 1777 confirmou a rainha D. Maria I a licença e graça concedidas por D. José I, e approvou o patrimonio do convento ; pelo que tratou o bispo D. José Joaquim Justiniano de dar clausura canonica ás novas esposas de Christo.

Em 15 de junho de 1780 sahirão as religiosas em procissão do convento da Ajuda para o seu claustro. Encarava o povo com amor e respeito essas donzellas que, perseverantes e dedicadas havião conseguido preencher os votos de sua companheira Jacintha de S. José ; e ellas que já julgavão-se extranhas ao mundo, não ousavão erguer os olhos para a multidão, caminhavão timidas balbuciando as orações que tinhão por costume repetir em suas cellas. O bispo acompanhava as religiosas, que no dia seguinte receberão o habito de carmilitas. As que contavão vinte annos de recolhimento professarão em 23

de janeiro de 1781, e as outras em 19 de julho do mesmo anno, tomando os veos nos dias immediatos.

O bispo nomeou priora a madre Maria da Encarnação, que se encarregara do governo do claustro depois da morte de Jacintha, e sub-priora a madre Ignacia Catharina de Jesus. Desde então deu o povo ao outeiro do Desterro o nome de morro de Santa Thereza.

Falleceu Maria da Encarnação com mais de 95 annos em 12 de novembro de 1834, tendo exercido o governo no claustro durante 38 annos; e Ignacia Catharina de Jesus morreu em 4 de outubro de 1819, contando 82 annos.

Findo o primeiro triennio elegerão as freiras as suas preladas, e assim hão praticado até hoje.

No fim da rua dos Barbonos começa a ladeira, que vae ter ao convento de Santa Thereza edificio pequeno, de má architectura, composto de dous pavimentos, estando a face mais extensa voltada para o sul; ha nesta face dez janellas com grades de ferro e rotulas de madeira. A portaria fica na face anterior, lendo-se sobre o portico a inscripção seguinte:

Fundado em 1750.

Sobre a portaria ha uma janella. Estende-se o convento pela parte posterior da igreja, apresentando ao lado esquerdo da capella-mor tres janellas no segundo andar, e tres portas no primeiro.

Junto á portaria levanta-se a torre da igreja, que está voltada para a cidade, e tem a porta da entrada na parte lateral esquerda; sobre o portico estão as insignias do Carmello.

No interior é a igreja pequena, simples e ornada com tres altares, estando no centro a Sacra-Familia, no do lado da epistola Santa Thereza, Santa Ursula e Santa Barbara e no do lado do evangelho Christo, S. João de Deus e a Senhora do Carmo.

Ve-se no presbiterio uma pequena janella, onde pode apenas apparecer o rosto da religiosa para receber o pão sacramental.

Ha dous coros; no inferior recebe a freira o véo, e seu cadaver as ultimas orações; marcando esse lugar o começo e o fim da vida da religiosa; no superior entoa os seus hymnos e canticos junto de um altar, e no inferior as orações tristes da morte.

Fica ao lado esquerdo da capella-mor a sacristia com o pavimento coberto de mosaico; tem um oratorio, em cujas portas notão-

se dous lindos paineis com as imagens de S. Jorge e S. João ; e um esguicho de marmore. Proximo á sacristia ha um quartinho com uma roda pela qual passão os ornamentos para os actos divinos celebrados na igreja.

Reinão no interior do convento muito asseio e muita ordem.

Ha na portaria uma roda, ao lado da porta que vae ter ao salão chamado da portaria, onde vêem-se dous altares; desse salão passa-se para o claustro, que tem um pateo no centro com jardim e esguicho; ha no claustro dous altares, e communica-se com o capitulo, que tem um altar, com o refeitorio, despensa, cozinha, recinto das catacumbas e cerca ou quintal do convento. Ve-se no segundo pavimento um extenso corredor, que circunda o edificio, e para o qual abrem portas as cellas, que são vinte e uma para as freiras professas, e tres para as noviças ; ha no corredor diversos altares, e todas as cellas têm janellas para o pateo. Em cada cella ha um leito sem colchão, e um pequeno banco, onde a freira colloca o seu livro de orações. Nem a propria roupa guarda a religiosa em sua cella ; havendo em um salão um armario para a roupa de todas. A cella da priora é em uma das extremidades do corredor.

Junto á entrada, que ha no corredor para o côro de cima, veem-se os retratos do conde de Bobadella e de Maria da Encarnação.

Por ter sido esse fidalgo o fundador do convento concedeu-lhe o bispo o direito e privilegio de padroeiro ; pela provisão de 15 de julho de 1750 ordenou que dessem-lhe thurificações nas festividades e actos publicos, e uma cadeira no arco da capella-mor, onde destinou-lhe sepultura. Alem disso gosarião seus successores do privilegio de apresentar perpetuamente um lugar de freira sem dote.

Alem de muitos beneficios prestados ao convento dera-lhe o conde de Bobadella duas casas, sitas na rua de D. Manoel.

Tem o convento dous parlatorios, um no primeiro pavimento, proximo á sacristia, o outro, no pavimento superior, e do mesmo lado do primeiro, com uma capella, um commungatorio e uma roda.

Esta casa conventual só pode ter vinte e uma religiosas, sendo desoito de veo preto e tres de veo branco chamadas leigas ; as noviças trazem tambem veo branco.

O habito é de cor parda, o manto branco; não usão as freiras de meias, e andão de sandalias.

No interior do claustro não ha escravos, encarregando-se as monjas do serviço domestico.

Em 8 de dezembro de 1861 professou uma noviça, e foi a ultima, porque prohibio o governo as profissões nos conventos, quer de homens quer de mulheres.

Contava o convento em 1875 onze religiosas.

VIII

IGREJAS DO SACRAMENTO E DE S. SEBASTIÃO, NO CASTELLO, CAPUCHINHOS ITALIANOS

Na praia, junto do Pão de Assucar, lançou Estacio de Sá o fundamento da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, e na nascente cidade ergueu uma ermida de páo apique, coberta de palha, dedicada ao santo do nome do rei de Portugal.

Nesse pobre e mesquinho recinto sagrado, erguido pela devoção do guerreiro, veio elle dormir o somno da eternidade e da gloria, depois de haver pelejado valorosamente contra os Francezes.

Ferido por uma flexa dos indigenas no combate de 20 de janeiro de 1567, pereceu Estacio de Sá alguns dias depois.

Mem de Sá, seu tio, que viera em auxilio da praça, mudou a povoação do lugar, chamado Villa Velha, para o morro do Castello, e ausentando-se para a Bahia, entregou o governo a seu sobrinho Salvador Corrêa de Sá.

Levantada sobre o morro de S. Sebastião, e hoje do Castello, foi a cidade se estendendo, e nella edificou o governador uma ermida de taipa consagrada ao padroeiro; mas ausentando-se em 1572 ficou parada a obra da ermida, e só continuou no segundo governo de Salvador de Sá, que concluio-a em 1583.

Transferio para alli os ossos de seu primo Estacio de Sã, mandando abrir na campa esta inscripção:

Aqui jaz Estacio de Sá pro-capitão e conquistador desta terra e cidade, e a campa mandou a fazer Salvador Corrêa de Sá a seu Primo, segd Capitão e governador, com as suas Armas; e esta capella acabou no ano de 1583.

Em 1569 a ermida de Salvador Corrêa de Sá havia sido elevada a matriz da freguezia de S. Sebastião, a primeira creada na cidade do Rio de Janeiro, e 107 annos depois, era a igreja cathedral.

Vimos que por achar-se mui arruinada esta igreja, transferio-se o corpo capitular para outro templo; e, derruida pelos annos, tendo um simples capellão que della cuidava, ficou a igreja de S. Sebastião esquecida e desprezada pelo povo.

A igreja de S. Sebastião, a primeira que servira de matriz, que encerrava o tumulo do fundador da cidade, que acolhera o cabido e o bispo, cahira em ruinas, porque deixando o morro para virem estabelecer-se na planicie circumvisinha, o bispo, os conegos, o povo havião abandonado o templo, que acolhera a todos, e a todos abençoara.

Sendo vice-rei o conde de Rezende cuidou em reedificar o templo de S. Sebastião; de feito com esmolas do povo evitou que o antigo edificio desapparecesse, e restaurou tambem a irmandade de S. Sebastião, que pelos livros de obitos da freguezia constava existir em 1716.

Em 1842 foi entregue este templo aos capuchinhos italianos, que reedificárão-no com o auxilio do governo

Tal era o estado de ruina em que ficára a antiga igreja, que em consequencia do temporal, que cahio sobre a cidade, em 10 de novembro de 1861, estalou o madeiramento do tecto, e ficárão as paredes abaladas e fendidas.

Em 2 de dezembro de 1861 transferirão-se as imagens para a sacristia, e no dia 21 começárão as obras da reedificação; elevárão-se todas as paredes da igreja e da capella-mór, reconstruirão-se as torres, abrirão-se janellas lateraes no corpo da igreja e na capella-mór, levantou-se o côro, transformárão-se em columnas os pilares que dividião as naves do interior do templo; fizerão-se de novo os forros, os assoalhos, portas e grades; construirão-se duas capellas

fundas, pelo que ficou a igreja tendo nove altares, em vez de sete; preparou-se um pulpito, e ornou-se o templo com obra de talha.

Situada no morro do Castello apresenta esta igreja em sua construcção o gosto jesuitico.

Ha o portico de granito, uma janella e um oculo no côro, e um frontão recto; as torres tem uma porta no primeiro pavimento, e só uma tem pinaculo de fórma pyramidal.

O atrio é cercado com gradil de ferro, e junto ao cunhal da igreja, vê-se enterrado no chão um marco de pedra marmore de quatro palmos de altura; tendo em uma face as quinas portuguezas, e em outra a cruz de Christo.

Que recordará essa pedra enterrada ha seculos; indicará um tumulo ou será o marco da fundação da cidade!

Interiormente é o templo dividido em tres naves, com boas imagens, tendo desapparecido um S. Sebastião e um Santo Avelino, pintados por Manoel da Cunha, os quaes ornavão os altares.

Na capella mór ha um painel no tecto, e latteralmente quatro, sendo tres pintados por Leandro Joaquim, os quaes representão a Senhora de Belem, S. João. e S. Januario, vendo-se no fundo deste ultimo quadro os navios francezes, que vierão atacar o Rio de Janeiro em 1710.

Está aqui, como já dissemos, a sepultura de Estacio de Sá.

Aberto este jazigo em 16 de novembro de 1862, em presença do Imperador e dos membros do Instituto Historico, proceden-se a um exame physiologico e chimico sobre os ossos do valente guerreiro, os quaes, depois de encerrados em uma urna de páo brazil, fechada em um cofre de chumbo, forão collocados em 20 de janeiro de 1863 no carneiro de alvenaria construido para recebel-os, depositando-se conjunctamente o auto da exhumação, as gazetas publicadas no dia, diversas moedas de ouro e prata e medalhas, fechando a abertura uma lapida com esta inscripcção em lettras douradas:

Restos mortaes de Estacio de Sá
Exhumados desta sepultura em 16 de novembro de 1862.
A' ella restituidos em 20 de janeiro de 1863.

A pesada pedra da antiga campa veio ajustar-se sobre o carneiro, e assim terminou o acto em presença do Imperador, dos

membros do Instituto, e de muitas pessoas gradas, tendo havido antes a festividade de S. Sebastião, que nesse anno celebrou-se na igreja dos capuchinhos.

Por traz da igreja está o hospicio dos frades capuchos italianos, conhecidos vulgarmente pelo nome de Barbadinhos.

Em 1720 chegaram a esta cidade frei Antonio da Perusia e frei Jeronymo do Monte Real, que vindos da Italia para a missão de São Thomé, arribarão a este porto, e forão residir na ermida do Bom Jesus ; mas comprada esta ermida pela irmandade dos homens pardos, se passarão para o palacio episcopal, vago pela morte do bispo D. Francisco de S. Jeronymo.

Vindo o successor do bispo, buscarão asylo na ermida da Conceição, na rua do Rosario ; mas não lhes convindo essa residencia, doou-lhes o bispo a ermida do Desterro e casa annexa, que servio-lhes de hospicio até 1739.

Em 1738 havião constituido uma prefeitura.

Estando mui arruinada a capella do Desterro, ordenou a provisão de 16 de abril de 1738 que se desse áquelles padres a ermida da Senhora da Ajuda ; mas reconhecendo elles a má vontade do povo na mudança para a capella da Ajuda, recusarão, e começarão a residir em uma casa proxima á capella da Conceição ; mas sendo esta cedida, por haver el-rei feito mercê della ao bispo para creação do Seminario de S. José, determinou a ordem regia de 23 de outubro de 1739 o seguinte a Gomes Freire de Andrade :

—Desde o quintal do capitão João Antunes, até a ultima columna de pedra, que está no caminho, que vae para o Desterro, façaes tomar por avaliação tres casas terreas, que occupão um pedaço de morro baldio, e neste sitio mandareis edificar para os ditos padres barbadinhos um pequeno e humilde hospicio, com sua capellinha, mas sem fórma de convento, que na pobreza da fabrica corresponda á humildade e pobreza, com que tanto edificarão os ditos padres.»

Com o producto dos soccorros do erario e das esmolas erigio-se este hospicio da invocação da Senhora da Oliveira.»

Concluido o hospicio em 1742 o provedor da fazenda real Francisco Cordovil de Siqueira e Mello deu posse da nova casa áquelles frades, achando-se presente ao acto o governador Gomes Freire de Andrade e outras pessoas consideradas.

Na cerca deste hospicio levantou Francisco José da Fonseca, em 10 de março de 1757, uma capella da invocação de Santa Anna.

Em consequencia da edificação do hospicio a rua, denominada até então caminho dos arcos da Carioca, recebeu o nome de rua dos Barbonos.

Na horta destes padres plantarão-se os dous primeiros cafeseiros trazidos do Pará em 1771 pelo desembargador João Alberto Castello Branco (1).

Existio no hospicio dos Barbadinhos um pardo mui religioso, conhecido pelo nome de irmão Manoel; era donato, cosia batinas, e pedia esmolas para os santos; gosava de boa fama, e de ter cheiro de santidade, de sorte que, quando falleceu, muitos individuos forão ao hospicio pedir um pedacinho do habito, que envolvia o cadaver do irmão Manoel!

Neste hospicio foi sepultado em 5 de outubro de 1799 o distincto poeta, desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva, que viera de Portugal em 1790 para julgar os réos da conspiração do Tiradentes.

Vindo para o Brazil a familia real de Bragança mudarão-se os carmelitas para o hospicio dos Barbadinhos, que forão occupar o so-

(1) Em 1722 La Motte Aigrou introduzio essa planta em Cayenna; e dirigindo-se a essa colonia o brazileiro Palheta conseguio com diligencia e trabalho trazer á cidade de Belém no Pará algumas sementes desse vegetal.

Era então prohibida e exportação do café para paiz estrangeiro.

Pelos cuidados de Agostinho Domingues e outros multiplicarão-se os cafeseiros no Pará; em 1770 um desertor, cujo nome ignoramos, levou a planta para o Maranhão; e achando-se nessa capitania João Alberto Castello Branco resolveu trazel-a para o Rio de Janeiro, quando para aqui se dirigio no cargo de chanceller da Relação.

Colhidas algumas bagas dos dous cafeseiros plantados na horta dos Barbadinhos lançou-as João Hopman na terra da sua quinta, além do arrayal de Mataporcos, onde nascerão optimamente por não terem sido enterradas. Seguirão outros o exemplo de João Hopman sendo auxiliados pelos conselhos e providencias do marquez do Lavradio.

Grato deve ser o Rio de Janeiro ao desembargador João Alberto Castello Branco, pela introducção de tão util vegetal que constitue hoje um dos mais ricos productos do paiz.

brado n. 14 do adro da igreja da Gloria; mas havendo discussões com a irmandade da Gloria, forão habitar na igreja de Santo Antonio dos Pobres, que o imperador Pedro I ordenou se reparasse á custa do thesouro nacional, com as accommodações necessarias de poder serem habitadas por aquelles religiosos.

Retirando do altar-mór a imagem do orago, substituirão-na aquelles frades pela de S. Felix.

Em 1831 entregarão a igreja e retirarão-se para a Europa; *havendo-se invectivado contra elles de serem jesuitas disfarçados*, diz o Dr. Balthazar da Silva Lisboa:

Chegando ao Rio de Janeiro em 1842 alguns frades desta ordem, derão-lhes o governo e o bispo a igreja de S. Sebastião no Castello; alli depois de reconstruirem a igreja, edificarão seu hospicio, e por meio de concessões e artificios jesuiticos conseguirão apossar-se da praça chamada da Sé Velha, para cerca do seu convento.

O hospicio tem dous pavimentos havendo no primeiro a sala do refeitorio e sete cellas, e no segundo doze cellas, e a sala do relogio.

Instituira-se na igreja de S. Sebastião a irmandade do Sacramento, e transferido o cabido para a igreja da Cruz, tambem se passou para alli aquella irmandade; mas por falta de accommodação recolheu-se na igreja de S. José, onde celebrou com a irmandade deste Santo um contracto para concorrem ambas com a despeza dos sinos.

Em 1737 a irmandade do Sacramento acompanhou ao cabido na mudança para a igreja do Rosario, e alli ficou apezar da transferencia do cabido para a igreja dos carmilitas, a qual tornou-se capella real e igreja cathedral.

Estando arruinada a igreja do Rosario, e havendo questões entre os pretos e os irmãos do Sacramento, resolverão estes retirar-se para a igreja do Bom Jesus. O bispo chegou a expedir o aviso da mudança, que não realizou-se, não só porque erão necessarias grandes despesas para tornar aquella igreja capaz de servir de matriz, como tambem pela opposição da congregação do Bom-Jesus.

Pedio a irmandade a igreja que se começara a construir para sé no largo de S. Francisco de Paula, mas o governo recusou; pensou em comprar a capella da Conceição da rua do General Camara, mas a administração da capella pedio pelo edificio 60,000 crusados,

e se não chegou a um accôrdo. Considerando que não podia continuar na igreja do Rosario, e que não tinha outro asylo, onde abrigar-se, resolveu construir uma igreja; obteve as licenças necessarias, e em 1 de março de 1816 comprou por cinco contos, ao coronel José de Souza Meirelles, um terreno na rua do Erario, hoje do Sacramento, com 14 1/2 braças de frente e 28 de fundos.

Estivera este terreno em litigio entre o coronel Meirelles e Antonio José de Souza e Oliveira, e formava um profundo pantano coberto de tabúa; nelle entravão os meninos para apanhar rãs e cambuatás, e dalli nascia uma valla, que atravessava o largo do Rocio, e estendia-se até a rna dos Invalidos ou do Rezende. Em frente havia um extenso campo chamado da Polé, por haver alli uma polé, onde erão executados os soldados.

Em 3 de março de 1816 obteve a irmandade permissão do governo para a edificação da igreja, e em 1 de abril igual permissão do bispo.

Em 23 de abril começarão as obras, e concluida a capella-mor recebeu a benção em 4 de julho de 1820, e no domingo seguinte trasladarão-se as imagens em procissão solemne.

Como a imagem do Terço era uma das que ia na procissão, ornou-se com magnificencia a rua dos Ourives, como era de costume no dia desta procissão, qne sahia da igreja do Rosario.

Em 11 de fevereiro de 1816 determinara a irmandade construir o templo com sete altares, mas consultado o architecto João da Silva Muniz apresentara este o desenho do edificio, que devia ter cinco altares; e em 24 de fevereiro approvara a irmandade o plano que fôra-lhe proposto.

Concedeu o governo loterias para a construcção do templo; fizerão os irmãos donativos, e concorreu o povo com esmolas; e desse modo ergueu-se esta igreja matriz. Entre aquelles, que mais se esforçarão pela edificação deste templo, menciona-se José da Cruz Alvarenga, mestre das cozinhas do rei D. João VI. Além de abrir sua bolsa para a construcção da igreja, ia todas as tardes sentar-se no lugar das obras, a implorar esmolas para o mesmo fim; quando acompanhava o rei á fazenda de Santa Cruz, pedia aos fidalgos, em troca dos acepipes que lhes preparava, algumas moedas para as obras da igreja do Sacramento; Alvarenga re-

tirou-se com o rei para Portugal, e lá falleceu ; e se não vio concluido o templo, presenciou a entrada das imagens na capella-mor.

Em gratidão dos beneficios prestados por este bemfeitor, ás suas irmãs enviou a irmandade cem mil reis de cada loteria extrahida para as obras da igreja, sobre a qual o bispo, conde de Irajá, derramou a agua da benção sagrada, em 30 de junho de 1859 ; transferida a procissão das imagens, em consequencia da chuva, do dia 3 para o dia 10 de julho, sahirão nesse dia da igreja do Carmo os andores da Senhora das Dôres, da Piedade, da Pureza, do Terço, de S. Sebastião, S. Miguel e Santo Antonio, seguidos de diversas irmandades e confrarias; havendo nas ruas coretos de musica, e na igreja do Sacramento *Te-Deum* e sermão por frei Antonio do Coração de Maria.

Alguns dias depois houve a festividade do orago, assistindo ao *Te-Deum* o Imperador e a Imperatriz.

Edificada na rua do Sacramento, esquina da do Hospicio, tem esta igreja um atrio, que em 1876 cercarão com gradil de ferro e ladrilharão com mosaico de marmore.

A frontaria da igreja, mais saliente do que as torres, apresenta o portico de granito, as tres janellas do côro com vidraças e grades de ferro, e o entablamento, sobre este ergue-se outro corpo, que tinha uma janella de vidraça no centro, mas em 1875 substituirão-na por um nicho de pedra, onde collocou-se a imagem da fé em 1876, e construirão-se outros dous nichos aos lados do portco.

O frontão é recto tendo nas extremidades as estatuas da caridade e da esperança, e ha no tympano o cordeiro sobre o livro dos sete sellos, symbolisando os sete sacramentos.

Em 11 de junho de 1871 collocou-se a pedra terminal da torre do lado direito, trabalhada por Manoel José Gonçalves, e em 16 de julho benzeu-se e collocou-se a cruz sobre esta torre ; a do lado esquerdo ficou concluida em 1875. As torres têm uma porta no primeiro pavimento, uma janella igual as do coro, e os pinaculos em forma de agulha, construidos sob o desenho e direcção do habil architecto nacional Francisco Joaquim Bettencourt da Silva ; medem 52° e 80° da base ao apice, cada uma, e as agulhas, só por si, 22°, sendo digno de elogios o modo por que o artista harmonisou a architectura do templo com a ogival que deu aos coruchcos.

Ao lado esquerdo da igreja ha um muro com um portão, que

vae ter a officina, onde se tem preparado a cantaria do edificio. Entre a sacristia e a torre, do lado da rua do Hospicio, ha um terraço com gradil de ferro e um portico de granito.

O guarda-vento é simples porém elegante, e foi trabalhado por Antonio de Padua e Castro, auctor da obra de talha, que veste o templo. O pavimento debaixo do coro é de mosaico de marmore ; e do lado direito vê-se o baptisterio, que guarda a pia mais antiga da cidade, e um quadro do baptismo de Christo pintado pelo artista Raymundo da Costa, do qual encontrará o leitor rapida noticia no fim deste capitulo.

Ha cinco altares, os do lado direito pertencem á Senhora das Dôres e á S. Sebastião, e os do lado opposto á Senhora do Terço e á S. Miguel. A melhor imagem é a de S. Sebastião, esculpturada pelo alumno da academia das bellas-artes Candido Caetano dos Reis e Almeida.

E' antiga a devoção do Terço ; e ficando com poucos recursos a irmandade, entregou seu patrimonio á irmandade do Sacramento com a condição de festejar no dia da posse da mesa a Senhora do Terço, e celebrar em 4 de agosto de cada anno uma missa rezada, acompanhada de orgão, pelos devotos de S. Domingos, e em 4 de novembro, outra pelos devotos de S. Francisco, conservando-se estas imagens no mesmo altar. A irmandade do Sacramento aceitou estes encargos em 24 de novembro de 1853.

A irmandade de S. Miguel foi instituida em 1579, e esta assim como a do Sacramento são as duas corporações mais antigas dessas invocações instituidas no Rio de Janeiro. Concorreu ella com tres contos para a edificação da igreja, e tem compromisso approvado em 1842.

Está no altar de S. Miguel o Santo Antonio Menino do coro, do qual em 14 de novembro de 1824 quiz o juiz da irmandade de S. Miguel mudar a invocação, substituindo por habito preto a tunica encarnada e sobre-peliz branca, mas os devotos reclamarão contra esta transformação, que fazia de um sacristão um frade, e de um menino um homem.

Os pulpitos são cobertos, rendados e de forma curva; são elegantes e mimosas as sanéfas das quatro portas do corpo da igreja, e os ornatos das quatro tribunas.

E' bem ornada a parede fronteira ao côro, onde ha um coreto de madeira envernisada com duas escadas curvas e rendadas, e do mesmo gosto são os bancos dos musicos. Os ornatos do tecto são de máo gosto, mas não forão executados por Antonio de Padua.

O altar-mór é em forma de baldaquino com quatro columnas de ordem corinthia, sustentando um entablamento circular, sobre o qual ergue-se uma cupola rendada com a estatua da religião no centro, e havendo sobre as columnas as estatuas dos evangelistas. E' o unico altar deste genero de architectura que ha nas igrejas desta cidade, sendo de lastimar não ter a capella-mór mais extensão para tornar-se mais saliente e isolada esta peça architectonica. E' elegante a custodia; são de prata a banqueta e o frontal, e o presbiterio é de marmore.

Ha na capella-mór duas portas e duas tribunas, e a talha, que ornamenta as portas, forma com a tribuna, que fica-lhe superior, uma só peça de admiravel belleza e perfeição.

Logo que concluio seus trabalhos quiz o artista Antonio de Padua e Castro entregar a chave da porta principal da igreja, mas foi avisado para apresental-a á mesa administrativa reunida em 21 de fevereiro de 1859, que em gratidão offertou-lhe uma caixa de rapé de ouro, uma delicada refeição e enviou á sua familia lindas bandejas de doces. A caixa de ouro lavrado tem quatro brilhantes na tampa, um esmalte no centro com a firma do artista e circularmente o seguinte : *A irmandade do Santissimo Sacramento reconhecida.* Uma das portas da capella-mór vae ter á capella da Piedade, que durante as obras da igreja servio de matriz, tendo então no altar um painel da ceia pintado por Jorge Vedras, e no fundo do corredor um côro, que servia nas festividades parochiaes ; actualmente está occupada pela devoção da Piedade, que nasceu da zizania, que appareceu na confraria de igual invocação, instituida por senhoras, na igreja da Cruz. A obra de talha, que ornamenta este recinto, foi feita por Manoel Narciso de Figueredo.

Do lado opposto está a sacristia com um arcaz, nicho, e esguicho de marmore; communica-se com o corredor, que ladea o templo, e com a secretaria e quarto do cura.

No segundo pavimento ha dous consistorios ; o do lado da rua do Hospicio tem cinco janellas de sacada para esta rua, e um nicho

com a Senhora da Pureza, que longo tempo foi venerada em um oratorio da rua do Hospicio, esquina da rua da Uruguayana.

O consistorio do lado opposto serve de casa de arrecadação, e communica-se com a sala da administração.

Em 25 de abril de 1756 aceitou a irmandade dous mil cruzados do capitão Antonio Fernandes Maciel com a obrigação de destribuir, em 1 de novembro de cada anno, quinze esmolas de um mil reis por quinze pobres, com preferencia irmãos do Sacramento, e celebrar duas missas e dous responsos por alma delle instituidor ; pedio que cada pobre, que recebesse a esmola, ouvisse uma missa por sua alma, e se não pudesse, rezasse em casa um rosario, cumprindo a obrigação da missa em dia opportuno.

Além destas esmolas, que são destribuidas ha mais de um seculo, dá a irmandade, por meio de sorteio, doze esmolas de 50$000 no dia da festa do orago, as quaes forão instituidas por João José Lopes Ferraz, que era natural do Rio de Janeiro, e foi sepultado em 1 de abril de 1850, no jazigo 333 do cemiterio de S. Francisco de Paula. A irmandade aceitou o legado em 24 de novembro de 1853, e em gratidão a esse bemfeitor mandou gravar em uma lapida de marmore o seguinte :

À MEMORIA

Do irmão bemfeitor João José Lopes Ferráz, que legou em 1850 á irmandade do Santissimo Sacramento desta freguezia, além de um conto de reis para as obras, quinze contos em apolices de fundos publicos de 6 % para dos seus juros se dar, em 24 de março de cada anno, doze esmolas de 50$000, por meio de sorteio, a irmãos e a irmãs pobres desta irmandade.

Destribue tambem 11 esmolas de 20$000 cada uma legadas por João de Almeida Brito ; dá esmolas mensaes a 24 irmãos pobres, e faz o enterro dos irmãos indigentes.

Possue 14 predios e diversas apolices, e tem um pallio, que importou em 723$770, dado por diversos irmãos, com a condição de servir sómente nos actos da irmandade, e jamais ser emprestado, o que acontecendo, passará para a casa da Misericordia. A irmandade aceitou-o sob esta condição em 4 de abril de 1819.

O compromisso foi approvado pelo bispo em 8 de março de 1858, e confirmado pelo governo em 19 de março.

Outr'ora todas as igrejas parochiaes fazião a procissão de Corpus Christi mas esta, assim como outras parochias hão supprimido este acto.

Em 31 de maio de 1807 ia sahir a procissão, quando compareceu, na igreja do Rosario, o mestre de ceremonia do cabido, e disse ao provedor da irmandade.

— O senhor cabido manda perguntar a vossa mercê o lugar em que pretende ir na procissão.

— Atraz do pallio, como é uso, respondeu o provedor.

— Então não ha procissão.

— Porque ?

— Porque o senhor cabido não quer.

— Pois o senhor cabido, que não compareça, basta que leve o Sacramento o conego, que cantou a missa.

— Tambem não quer.

— Então conduzirá o Sacramento o cura ou o coadjutor.

Retirou-se o mestre de ceremonia sem dar resposta, e por não consentir o cabido, que o provedor fosse atraz do pallio, declarou este que não havia procissão, e despedio as irmandades e confrarias, que se tinhão apresentado para o prestito religioso.

Referimos este facto para provar que na igreja, como na vida civil, questiona-se por precedencia de lugares, por ir antes ou depois, atraz ou adiante. Eis por que na vida social, na politica, ha tantas dissenções, rivalidades e lutas; porque uns não querem descer, outros querem subir, este não quer estar de pé, nem aquelle deixar a cadeira.

Em 20 de fevereiro de 1569 foi nomeado vigario da freguezia de S. Sebastião do Rio de Janeiro o padre Matheus Nunes com o poder de reprehender, castigar e sentenciar a todos aquelles que vivessem mal, sentenciando-os até 10 cruzados sem appellação nem aggravo; conferio-se-lhe o direito de conhecer dos casos da inquisição, sentenciando segundo Deus o illuminasse, e appellando para o bispo ou o vigario geral; e seria condemnado a 30 cruzados e a pena de excommunhão toda e qualquer pessoa que o desobedecesse! Ao cargo de vigario reunio Matheus Nunes o de ouvidor ecclesiastico.

Succedeu-lhe Martim Fernandes, què, por uma certidão de baptismo consta, era collado em 1601.

Seguio-se o padre João Pimentel apresentado pelo governador geral Diogo Luiz de Oliveira, em 8 de outubro de 1628, e confirmado em 3 de novembro pelo prelado Matheus da Costa Aborim.

Em fins de 1629 succedeu-lhe o padre Manoel da Nobrega, que eve por successor Francisco da Silveira Dias em 20 de janeiro de 1665

No intervallo dos parochos referidos servirão nove encommendados. Creada a sé perdeu a parochia a natureza de collada, e com o titulo de cura substituirão sacerdotes amoviveis á parochia.

Vendo que seu sobrinho, o padre Antonio José Malheiros, não obtivera a parochia de S. José, o bispo D. frei Antonio do Desterro persuadio ao rei a conveniencia de ser collado o curato da sé, e pedio este lugar para seu sobrinho ; de feito creou-se o lugar em 30 de maio de 1753, e o candidato foi empossado delle.

Já naquelles tempos candidos e simples era bom ter um padrinho poderoso, um tio bispo.

Confirmado em 18 de agosto, tomou Malheiros posse de cura collado no dia immediato ; mas suscitando-se duvidas entre elle e o cabido sobre actos parochiaes, propoz o bispo a creação de uma conezia parochial, á que se unisse o curato da freguezia da sé. O decreto de 1 de dezembro de 1758 approvou a proposta do bispo, e apresentado o cura Malheiros em 11 de dezembro, foi confirmado em 21 de novembro de 1759, e no dia 25 entrou de posse da conezia parochial.

Para proteger ainda mais o seu sobrinho, por provisão de 19 de novembro de 1759 o bispo igualou a cadeira de conego cura as de prebenda inteira. Desde então o cura da sé tornou-se collado, e começou a gozar das prerogativas canonicaes, tendo assento e voto no cabido.

Motivos particulares obrigárão o conego Malheiros a desamparar por vezes o curato, que por fim permutou com Roberto Carr Ribeiro de Bustamante, vigario de S. José de Tocantis, em Goyaz, por contracto de 9 de dezembro de 1768 ; mas não permaneceu muito tempo nesta parochia, e, della ausentando-se, não houve mais noticia delle. Apresentado na conezia parochial em 7 de novembro de 1772, e confirmado em 9 de março do anno seguinte, entrou Bustamante de posse no dia 13.

Este padre, natural do Rio de Janeiro, falleceu em 6 de fevereiro de 1788, e sepultou-se na igreja de S. Pedro; delle diz Pizarro :

« Era portuguez velho, muito honrado em suas acções, e amigo tanto sincero como verdadeiro do seu amigo.

Durante as ausencias de Malheiros, e por morte de Bustamante, servirão o curato quatro encommendados.

Succedeu a Bustamante o conego Antonio Rodrigues de Miranda, qne provido em 9 de maio de 1788, começou a servir como encommendado. Questões suscitadas sobre o modo por que se devião satisfazer as pensões da cadeira parochial, fizerão com que Miranda só fosse apresentado em 19 de setembro de 1795; e confirmado em 22 de fevereiro do anno seguinte tomou posse em 25.

A Miranda succedeu o conego José Luiz de Freitas, natural do Rio de Janeiro, homem de memoria tão feliz, que sabia de cór a arte poetica de Horacio; tinha voz extensa e agradavel; falleceu com pouco mais de 56 annos, em 5 de dezembro de 1846, e sepultou-se na igreja de S. Pedro.

Em 20 de maio de 1847 tomou posse de conego cura o padre José Antonio Marinho, natural da provincia de Minas, homem lido e bom pregador; todos os domingos explicáva o evangelho e a doutrina, e a expensas suas celebravão-se missa cantada e sermão uos domingos de advento e quaresma; representou sua provincia em duas legislaturas na camara dos deputados, onde pela habilidade com que defendeu as questões religiosas, deu-lhe o papa as honras de monsenhor; fundou um bom collegio de instrucção primaria e secundaria, que muito tempo conservou seu nome, e pereceu com 48 annos, em 13 de março de 1853, tendo jasigo no cemiterio de S. João Baptista.

Empossado do lugar de conego cura o padre Antonio José da Silva, em 25 de setembro de 1853, occupou o beneficio até 5 de novembro de 1858 em que pereceu com 65 annos; tendo sido eleito deputado em uma legislatura pela provincia de Minas, donde era natural.

Foi seu successor o conego Antonio José Barbosa França, que entrou em exercicio do cargo em 30 de junho de 1859, e falleceu em 30 de agosto de 1861, havendo suspeita de ter sido envenenado.

Procedeu a policia a certas indagações, e soube que o conego

recebera, poucos dias antes de morrer, um prato de fios d'ovos, de que comera parte, sentindo-se logo mais incommodado; que uma cadelinha que provara do doce, perecera instantaneamente, e que fôra uma escrava da casa, quem recebera o presente da mão de outro escravo do finado; forão presos os dous escravos e um individuo com elles relacionado; mas, feita a autopsia no cadaver, parece que se não encontrárão indicios de envenenamento. Em testamento nuncupativo deixára o conego Barbosa França seus escravos como unicos herdeiros de seus bens.

Durante o tempo dos curas mencionados servirão a freguezia tres encommendados.

Em 20 de dezembro de 1861 foi nomeado conego cura João José da Silva Peçanha Baptista, que é o actual vigario.

Apresenta esta igreja a archictetura do começo do reinado de Luiz XVI, em que deu-se a passagem da architectura barroca para a chamada classica; mas houve pouco gosto, pouca belleza na execução da obra; todavia as alterações que soffreu a frontaria do templo, os nichos abertos aos lados do portico, e no corpo superior, os quaes devem encerrar as estatuas dos evangelistas S. João e S, Lucas, e os pinaculos das torres em fórma de agulha, tornárão mais elegante e imponente esta igreja que, considerada exterior e interiormente, é um dos templos mais regulares que a cidade possue.

RAYMUNDO DA COSTA E SILVA

Este artista, natural do Rio de Janeiro, era de côr parda, corpulento, e de estatura alta ; com seu pai aprendeu a esculptura, e para os antigos presepes do Rio de Janeiro fez muitas figuras ; distinguio-se como pintor, executando uma cabeça de S. João Baptista, que perdeu-se ; um painel sobre o vidro, que vimos na capella do morro do Livramento, um S. Sebastião para a igreja do Castello, o qual desappareceu ; é trabalho seu o painel da cêa da capella imperial ; o da Conceição do consistorio da igreja do Hospicio ; a Senhora do Carmo da portaria deste convento, e o painel da cêa, que havia na igreja do Sacramento.

Pintou diversos quadros para a varanda da coroação D. João VI. Era major de ordenanças, e mui devoto da Senhora do Carmo, que festejava todos os annos em sua casa.

Falleceu com 80 annos de idade, e por ingratidão da patria ignora-se o anno de sua morte, como em olvido ficou o do seu nascimento.

IX

IGREJA DA CANDELARIA

Sulcando os mares das Indias da Hespanha no seculo XVI, é um navio surprendido por violento temporal ; o perigo torna-se imminente, pelo que o commandante Antonio Martins da Palma, crendo que só o céo podia valer-lhe, volve para lá os olhos, e cheio de fé e esperança, promette erigir á Mãi de Deus, sob o titulo de Candelaria, com o qual era venerada na ilha de Palma, uma igreja na primeira terra em que aportasse, livre de naufragio.

Deus ouvio a snpplica ; o navio de Antonio Martins chegou salvo ao Rio de Janeiro, onde elle e sua mulher Leonor Gonçalves, edificarão, em terreno seu, a ermida da Candelaria, na vargem da cidade. Assim referem o monsenhor Pizarro e o auctor do Sanctuario Mariano ; mas diz Balthazar Lisboa que quando transferio-se a cidade para o morro chamado do Castello, era a vargea circumvisinha paludosa, o mar penetrava o pantanal, e tanto que, no lugar onde está hoje a igreja de Nossa Senhora da Candelaria, esteve antigamente encalhada uma náo daquelle nome, de cuja madeira foi organisada aquella igreja.

Será exacto o que refere Pizarro, ou do nome da náo proveria o nome da ermida levantada naquelle lugar ?

Certo é que a Virgem já venerada sob diversos titulos na nascente cidade, começou tambem a ser invocada pelo povo sob o titulo da Candelaria.

Crescendo a população da cidade, teve de crear-se segunda freguezia, existindo até então uma só, a de S. Sebastião, e estabeleceu-se a da Candelaria antes do anno de 1628 conforme refere Antonio Duarte Nunes no seu Almanack Historico.

Molestados por verem transformada em parochia a sua ermida, e tendo talvez de sustentar contendas com o vigario, doarão-a os fundadores Antonio Martins da Palma e sua mulher á santa casa da Misericordia, por escriptura publica de 4 de julho de 1639 com a condição de terem elles uma sepultura na capella-mor para si e seus descendentes, e, em quanto vivos fossem, mandar a Misericordia rezar todas as semanas uma missa consagrada a elles fundadores. Aceitou a Misericordia a doação; mas para evitar demanda estabeleceu o provedor uma concordata com o vigario da Candelaria, por escriptura de 10 de setembro de 1639, lavrada pelo tabellião João Antonio Corrêa, sob as seguintes condicções:

1.ª Que a igreja se denominasse d'alli em diante casa santa da Misericordia e freguezia de Nossa Senhora da Candelaria.

2.ª Que pela mesma casa seria administrada a capella-mór, corpo da igreja e covas della.

3.ª Que á Misericordia ficaria a obrigação de fazer á sua custa o officio de finados, por lhe ceder o vigario as esmolas ou offertas desse dia.

4.ª Que forneceria e comporia a igreja como casa da Misericordia.

5.ª Que ao vigario ficarião livres os sinos e os 8$000 da fabrica dados por S. Magestade.

6.ª Que na festa de Nossa Senhora, a 2 de fevereiro, diria o seu capellão a missa, no caso de não dize-la o vigario, porem dizendo-a, iria o capellão ao evangelho, e teria o primeiro lugar em todas as festividades ou officios.

7.ª Que haverião duas chaves da porta principal, uma das quaes conservaria o parocho e outra a Misericordia.

8.ª Que esta casa ficaria obrigada á fabricar a igreja por largar-lhe o vigario as offertas das covas.

Apezar dessa concordata ateou-se grande demanda entre a Misericordia e o parocho, e tendo este obtido sentença á favor, embargou-a a Misericordia; porém o provedor Thomé Corrêa de Alvarenga e o vigario João Manoel de Mello resolverão celebrar uma composição amigavel, assignando a escriptura de 25 de setembro de 1651 pela qual a Misericordia cedeu a igreja, mas recebeu um terreno para fazer um oratorio, e casa para tumbas e bandeiras para recolher as suas procissões, sendo commum o uso dos sinos.

O alvará de 16 de maio de 1636 concedera a parochia 23$920 para ordinaria, e o alvará de 24 de janeiro de 1645 mandou dar-lhe annualmente 12$000 para toalhas, lavagem de roupa e outras cousas necessarias ao seu asseio, tendo o vigario a congrua de 50$000, a qual em 20 de março de 1647 elevou-se a 200$000.

Estendia-se a ermida da Candelaria até a rua de S. Pedro, occupando o terreno em que erguem-se actualmente os predios ns. 27 e 29 pertencentes a irmandade (1).

Ao lado da epistola havia uma capella funda, junto do arco cruzeiro, dedicada a S. Pedro por seus fundadores Pedro Martins Negrão, e sua mulher Maria de Moura; nessa capella foi sepultado o general Duclerc, que viera atacar o Rio de Janeiro em 1710, e que foi assassinado, ás 8 horas da noite de 18 de março de 1711, por dous desconhecidos, na casa em que residia.

Apoderando-se da cidade em 1711 saquearão os Francezes a igreja da Candelaria, assim como outros templos, conventos e casas.

Estando mui arruinada a ermida de Martins da Palma, resolveu a irmandade do Sacramento, em 3 de junho de 1775, por proposta do provedor, o bispo D. José Joaquim Justiniano, edificar nova igreja matriz.

Concordou-se, achando-se presentes o bispo, o vigario collado João Pereira de Araujo e Azevedo, o vigario encommendado Sebastião Rodrigues Ayres e a irmandade do Sacramento, que esta gosaria de todas as regalias e privilegios de que até então gosara, e com ellas todas as honras de fundadora ; que na capella-mór haveria sepultura

(1) Veja os relatorios da irmandade do Sacramento desta parochia apresentados em 1873 e 1875.

para os provedores, defronte da do vigario, mais 30 sepulturas nas paredes para os irmãos, e sepultura na terra para seus escravos, sem por qualquer dellas pretender o vigario qualquer esmola para a fabrica, concorrendo elle com as sobras annuaes do rendimento da fabrica e esmolas, que pudesse obter.

A nova igreja seria executada pela planta delineada pelo sargento-mór engenheiro Francisco João Rocio, devendo a primeira pedra ser lançada em 6 de junho daquelle anno, dia do anniversario natalicio do rei D. João V.

De feito, no dia determinado, benzeu o bispo a primeira pedra, que foi encerrada com a inscripção seguinte :

« Aos seis dias do mez de junho de 1775, no consistorio da freguezia de Nossa Senhora, estando congregados o Exm. Rvm. Senhor Bispo Diocesano, provedor actual desta irmandade, com os irmãos de mesa abaixo assignados, para se sagrar a primeira pedra da nova igreja da Candelaria, como se determinou no termo deste livro a fl. o que com effeito se executou, pelo dito excellentissimo e reverendissimo senhor, na presença do illustrissimo e excellentissimo senhor marquez do Lavradio, vice-rei deste estado, com assistencia de todos os corpos ecclesiastico, militar e civil ; em cuja pedra se lançarão as moedas, que corrião no presente anno de todas as especies, com o padrão seguinte : — Padrão da nova igreja de Nossa Senhora da Candelaria do Rio de Janeiro, governando a santa e universal igreja de Deus o santissimo padre Pio VI, no primeiro anno do seu pontificado; reinando em Portugal, e em todos os seus dominios, o fidelissimo rei senhor D. José I no 25° anno do seu faustissimo reinado. Governando esta capital da America por 3.° vice-rei do estado do Brazil, o illustrissimo e excellentissimo senhor D. Luiz de Almeida Portugal Soares Alarcão Essa, Mello, Silva Mascarenhas, marquez de Lavradio, tenente general dos reaes exercitos, no 6.° anno do seu feliz governo. Sendo bispo desta diocese o excellentissimo e reverendissimo senhor D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco, natural e baptisado nesta parochia, no 2.° anno de seu bispado, no qual serve de provedor da irmandade do Santissimo Sacramento. Servindo de vigario collado o reverendo João Pereira de Araujo e Azevedo, e seu vigario encommendado o reverendo Sebastião Rodrigues Ayres. Servindo de escrivão da referida irmandade o capitão José Alvares Esteves, de

procurador o capitão Francisco de Araujo Pereira e de irmãos de mesa os que abaixo se assignão. Havendo-se arruinado a dita igreja da Candelaria, que serve de parochia, determinou a referida irmandade fundar esta nova igreja de Nossa Senhora da Candelaria, para a qual se sagra e lança a primeira pedra aos 6 de junho de 1775.

Na tampa da mesma pedra se poz a inscripção seguinte :

Deo Optimo Maximo
Beatissimœ Virgini
Mariœ
Sub titulo Candelariœ
Templum hoc Sacravit
Primum Lapidem
D. Josephus Joaquimus Justinianus Mascarenhas Castel-branco.
Hujus Dioccesis Episcopus
Et Solemni ritu
Jecit
An. MDCCLXXV
Die
VI Junii

E para a todo o tempo constar da referida sagração, mandou o dito excellentissimo e reverendissimo senhor provedor fazer este termo, que assignou com os irmãos de mesa. E eu José Alvares Esteves, escrivão actual da irmandade, que este fiz escrever, e s obscrevi e assignei. »

Em 1 de setembro de 1775 requereu a irmandade do Sacramento á Santa Casa da Misericordia licença para mudar a casa das tumbas por ser o terreno necessario para a construcção da igreja, obrigando-se a referida irmandade a conceder outra casa de igual dimensão.

Concluido o corpo da igreja, benzeu-o o vigario Luiz Mendes de Vasconcellos Pinto Menezes, em 8 de setembro de 1811, celebrando missa no altar-mór. Em 18 do referido mez trasladarão-se as imagens da sacristia da antiga igreja, para os novos altares, assistindo a este acto as irmandades do Sacramento das freguezias de S. José e da Sé, a de S. Domingos, da Mãi dos Homens, da Lapa e a da Conceição e Boa Morte da igreja do Hospicio, e tambem o regimento de milicias da Candelaria. Celebrou-se no dia seguinte a

festividade do Sacramento com missa pontifical pelo bispo de Moçambique, e sermão pelo padre Antonio Pereira de Souza Caldas, achando-se presentes o principe regente, seus filhos e o infante de Hespanha e sua esposa. Durarão as festividades oito dias

Foi a igreja construida com pedra extrahida de uma das pedreiras da Gloria, a qual recebeu por isso o nome, que ainda conserva, de pedreira da Candelaria.

Em 5 de fevereiro de 1834 requereu a irmandade do Sacramento da Candelaria á Santa Casa da Misericordia que desistisse da posse da casa das tumbas, que tinha naquella matriz ; nomeou a Misericordia uma commissão para tratar deste assumpto, e o mesmo praticou a irmandade, que por escriptura de 21 de outubro de 1834, comprou aquella casa pela quantia de 650$000 reis.

Ergue-se a igreja matriz da Candelaria na rua do mesmo nome, entre as de S. Pedro e General Camara, e estende-se até a da Quitanda. Apresenta um atrio de pedra com quatro degráos e sem gradil. O vasto frontespicio é de aspecto magestoso ; o corpo central, mais saliente, tem tres portas coroadas de bellas cornijas, e divididas por duas pilastras, que sustentão o entablamento ; ha no pavimento superior as tres janellas do côro separadas por pilastras ; segue-se o frontão recto com a cruz sobre alta peanha, vendo-se no tympano os emblemas da Virgem e a corôa portugueza. Os capiteis das pilastras inferiores são doricos, os das superiores de fantasia.

Entre o corpo da igreja e as torres ha um segundo corpo com uma janella no primeiro pavimento, e um mesanino elliptico no segundo. Têm as torres, que são as mais altas que ha na cidade, cinco pavimentos desiguaes, os corucheos são de forma pyramidal, e sustentão a cruz e um globo com uma seta atravessada ; encerrão escadas cochleadas de granito, e em uma dellas ha um relogio comprado em 1866.

A cor ennegrecida do granito, que reveste a frontaria desta igreja, na qual predomina o estylo barroco, a belleza dos ornatos, e a elevação das torres dão a este edificio um aspecto imponente e grave, e melhor seria apreciado, mais grandioso apresentar-se-hia, se, demolidas as casas fronteiras, rasgassem alli uma praça.

Este templo ainda não está concluido ; achão-se em construcção o zimborio e a lanterna, que devem elevar-se sobre a capella-mór.

na qual deve haver, de cada lado, uma capella funda, alem do altar principal.

Em 1870 o engenheiro Dr. Ferro Cardoso, por meio de um apparelho simples e rapido, collocou na balaustrada, que ornamenta exteriormente o tambor do zimborio, as estatuas de marmore de S. Matheus, S. Marcos, S. João, S. Lucas e as da religião, fé e caridade.

Este zimborio, que tem sido edificado sob a direcção de diversos engenheiros, elevar-se-ha á grande altura, dominando os edificios da cidade, e, quando concluido, tornará o templo em que se ergue, um dos nossos melhores monumentos.

Pertencem á ordem corinthia os ornatos do interior do edificio, dos quaes alguns forão executados pelo mestre Valentim ; ha sete altares; e das imagens que nelles se ostentão, é notavel a da Senhora das Dôres pela belleza e perfeição da esculptura.

Na noite de 5 para 6 de junho de 1871 o francez João Tiloux penetrou occultamente nesta igreja, e alta noite arrombou o sacrario, saqueou os altares apoderando-se de muitos objectos preciosos; e forçando uma das portas da frente, quiz fugir com o roubo, mas foi preso pelos rondantes, e no dia 7 veio o bispo desprofanar o templo, conduzindo em procissão o Sacramento.

Necessitando o edificio de uma restauração interna, mandou executa-la a irmandade do Sacramento, e em 1º de outubro de 1873 reabrio aos fieis com matinas solemnes e festas.

Essa irmandade, que se ha incumbido de erigir a igreja, tem despendido em obras desde 1775 a 1875 a quantia 1,762:742$158.

Não tendo a fabrica cumprido a obrigação de dar á irmandade do Sacramento as sobras do seu rendimento, e havendo fallecido o fabriqueiro, padre Domingos Alexandre Fidelis de Araujo, por escriptura de 15 de outubro de 1808, o vigario Luiz Mendes de Vasconcellos Pinto e Menezes cedeu áquella irmandade a administração da fabrica por si e seus successores, e até hoje ha exercido esse encargo, sem tirar vantagem delle, pois a despeza com a fabrica é superior á receita.

Possue a irmandade diversos predios, e a fabrica dous, um doado em 1744 por Manoel Antunes de Azambuja, e o outro por Maria Pereira em 1808.

Administra a irmandade do Sacramento a pia instituição deno-

HOSPITAL DOS LAZAROS

Vagando pela cidade diversos individuos atacados de elephantiasis dos Gregos, ou mal de S. Lazaro, assustou-se o povo do contagio da molestia, e a camara supplicou a el-rei, em 4 de novembro de 1637, a igreja da Conceição e casas annexas, onde é hoje a residencia do bispo, para estabelecimento de um lazareto ; mas nada resolveu o governo ; os pobres enfermos, desfigurados, exhalando máo cheiro, vivião abandonados nas ruas da cidade, até que veio a carta regia de 20 de outubro de 1698 mandando ouvir o governador Arthur de Sá e Menezes sobre os meios da sustentação do hospital, e permittindo a sua creação ; porém tudo ficou nisto, e continuou o governo a dormir o somno da indifferença e do lethargo.

Caritativo, como era, recolheu o conde de Bobadella a maior parte dos leprosos em umas casinhas em S. Christovão, deu-lhes um enfermeiro, e com sua caridade os sustentava. Fallecendo este governador, o bispo D. frei Antonio do Desterro pedio á instituição da caridade, annexa á do Sacramento da freguezia da Candelaria, que se encarregasse do asylo dos lazaros, o que começou ella a cumprir em 13 de fevereiro de 1763.

Em 19 de dezembro desse anno dirigio o vice-rei conde da Cunha uma carta ao ministro de estado Francisco Xavier de Mendonça Furtado declarando-lhe que o mal da morphéa progredia ; que não havia praça em que se não encontrassem leprosos, nem fonte ou ribeiro, em que elles se não banhassem ; que se encarregara a irmandade do Sacramento da Candelaria do curativo dos enfermos, mas que não tendo rendimento para sustentar o hospital, mantinha apenas 52 leprosos em umas casinhas ou choupanas em S. Christovão, assistidos por tres en-

fermeiros donatos de Santo Antonio, ajudados de algumas negras, que por crimes graves forão mandadas da cadeia para aquelle ministerio; e propunha o vice-rei para lazareto uma casa do districto de S. Christovão, pouco distante do sitio em que estavão os morpheticos, a qual pertencera aos jesuitas, e estava deshabitada, tendo commodos para cem enfermos, capella no centro, proxima do mar, com o rio para o remedio dos banhos, chão para horta, pasto para vaccas de leite, e em lugar alto e lavado dos ventos.

Declarava mais o vice-rei que pelas resoluções de 27 de agosto de 1760, e 5 de novembro de 1761, determinara el-rei que se edificasse em sitio conveniente um lazareto, applicando-se para este fim aquella porção, que a companhia do alto-douro queria restituir á esta cidade, mas que essa quantia, que era de 6:412$920, não era bastante para a edificação do hospital; todavia podia ser applicada no augmento da casa, que fôra dos jesuitas; e tambem que a contribuição que pagava cada casa do povo de 20 reis annuaes para os lazaros, cada casa de pessoas que gosavão de privilegios da nobreza de 40 réis annuaes, e cada casa de pessoas, que tinhão alguns dos fóros da casa real, de 80 réis annuaes, não era sufficiente, pois só importava em 140$660; e que assim propunha que não em cada anno, mas em cada mez, concorressem os moradores com a mesma esmola.

Acrescentava o conde da Cunha que a mercê concedida por el-rei aos lazaros para terem pedidores nesta capitania e na de Minas, por tempo de tres annos, para com estas esmolas construir-se o hospital, lhe parecia inutil, *porque não conhecia parte alguma do mundo em que houvesse menos caridade que no Brazil*, e assim a referida graça só podia servir para ajuda do sustento dos morpheticos; que podia a irmandade da Candelaria continuar a gerir o estabelecimento, tendo, porém, a pessoa que governar a capitania, com o parecer da camara, o direito de dar a administração a quem melhor entender, no caso de qualquer irmandade, a quem se entregar, não governar o hospital com acerto e zelo.

Approvou o ministro em todas as suas partes o projecto do vice-rei, por carta de 31 de janeiro de 1765.

Em 17 de fevereiro de 1766 deu o conde da Cunha estatutos para o regimen do estabelecimento, onde preparou commodos para homens, mulheres e escravos; creou um capellão com a congrua de

100$000 e ração diaria, residindo no hospital e encarregado de confessar e sacramentar os doentes antes de serem admittidos, e guial-os e assistil-os nos momentos necessarios ; devia tambem morar no hospital um cirurgião, e haver um medico para fazer duas visitas por semana ; conservou como enfermeiros os donatos Bernardo do Rosario e Theodoro do Menino Jesus e mais dous companheiros.

Em 29 de março de 1815 forão modificados estes estatutos; nomeado juiz conservador do hospital o intendente do ouro da côrte e cidade do Rio de Janeiro, e permittio-se aos doentes que tivessem meios, tratarem-se em suas casas, não constragendo-os a residirem no lazareto, como legislara o conde da Cunha. Extincto o lugar de intendente do ouro, em 15 de setembro de 1827, passou a sua jurisdicção sobre o hospital, para o juiz provedor de capellas.

O aviso de 2 de outubro de 1817 removeu os lazaros para a ilha das Enxadas, e o hospital foi transformado em quartel, vindo para alli o batalhão de numero tres de caçadores ; pela resolução de 23 de janeiro de 1823 fôrão os lazaros transferidos para a ilha do Bom-Jesus ; mas em 1832 deliberou a assembléa que elles fôssem recolhidos ao seu antigo hospital onde, feitos os preparos convenientes, forão elles recebidos em 18 de fevereiro de 1833.

Entre os bemfeitores, que ha tido este estabelecimento, devemos mencionar o conselheiro Alexandre Maria de Mariz Sarmento, que legou-lhe seis apolices de conto de réis, e o marquez de Bomfim que legou-lhe dez. Do primeiro bemfeitor já ha o retrato no hospital, e trata-se de mandar fazer o do segundo.

O decreto de 6 de outubro de 1869 concedeu a este asylo dez loterias sem onus ; e tendo sido este auxilio obtido por esforços do ministro do Imperio, o conselheiro Paulino José Soares de Souza, mandou a administração da casa tirar o retrato do referido ministro para colloca-lo no salão do hospital.

Concorre o governo annualmente com a subvenção de dous contos para a manutenção desta casa pia, que possue diversos terrenos no campo de S. Christovão, dos quaes recebe fôros, 442 apolices, e tem parte em diversos predios.

Em 1874 contou o hospital 61 doentes, sendo 43 homens e 18 mulheres.

E' calçada a ladeira, que vae ter ao edificio, situado em S. Christovão, proximo ao mar.

Uma escada de tijolos de marmore conduz ao atrio ladrilhado de tijolo, cercado de um parapeito com assentos, erguendo-se nos angulos da face voltada para o mar uma columna oitavada de alvenaria; a casa do hospital é de dous pavimentos havendo no primeiro oito janellas e uma porta, e no segundo nove janellas dividida s por columnas; no pavimento inferior estão os homens, no superior as mulheres; no primeiro ha a capella do Rosario onde celebra-se a festa da Trindade, abrindo-se o hospital á visitação do publico, e no segundo a capella da Senhora das Dôres com as imagens do orago, de S. Lazaro e S. José; sobre esta capella eleva-se um zimborio, que domina o telhado do edificio, tendo aos lados quatro pyramides, semelhando exteriormente uma torre; ha uma casa forte, refeitorio, botica, quartos para banhos, abundancia d'agua encanada e chacara para recreio dos infelizes alli recolhidos.

X

IGREJA DE S. JOSÉ

A tradição aponta o ermitão Egas Muniz como o fundador da ermida de S. José, da qual fazem menção, já em 1633, os livros da primeira matriz instituida nesta cidade.

Por não poder concluir a capella com paredes de pedra e cal como principiára, ou por outro qualquer motivo, doou-a o fundador aos devotos de S. José.

Estevão de Vasconcellos e sua mulher derão, por escriptura lançada a fl. 141 do livro de notas servido de 1640 a 1641, á confraria de S. José, da qual era juiz Salvador Corrêa de Sá e Benevides, cinco ou seis braças de terra com fundos até o mar. Deu-se então maior extensão a ermida, cuja capella-mór havia sido edificada quasi dentro d'agua.

Em 3 de abril de 1652 tomára posse do governo do Rio de Janeiro o mestre de campo Luiz de Almeida, que em 1658 doou á referida confraria nove braças de terra com fundos para o mar, na rua Direita do Carmo, sendo essa doação confirmada por D. João IV.

Espalhando-se a cidade pela varzea circumvisinha ao morro do Castello, e achando-se arruinada a igreja matriz, edificada naquelle morro, e afastada do centro da povoação, resolveu o prelado Manoel de Souza e Almeida transferir o sacrario e a pia para a ermida de S. José; do que tendo noticia a camara conferenciou com o governador.

e de accordo com este enviou, em 3 de agosto de 1659, uma carta ao prelado administrador, pedindo-lhe que nada fizesse sem a determinação de el-rei.

Julgando que o senado queria limitar-lhe a jurisdicção, irritou-se o prelado, e respondeu á camara nos seguintes termos:

— Advirto á vossas mercês que em duas excommunhões da bulla da cêa incorrerão, e não me restava mais que declara-las, se não entendera que vossas mercês não advertirão.

Feitas outras observações, acrescentava:

— Agora lhes digo que se em tres dias, que lhes dou pelas tres canonicas admoestações, que começaroã da entrega desta, não revogão o assento que fizerão, os hei de declarar, aos que se achão assignados nas suas cartas, por incorridos na excommunhão da bulla da cêa. A igreja matriz mudo pelas razões que a vossas mercês são publicas e notorias, e que vossas mercês approvarão tantas vezes que ao mesmo vigario persuadirão a mudança, e vossas mercês forão as primeiras que começarão a fazer as festas do estado em a do bemaventurado S. José. Em todo anno não ha quem vá um domingo á matriz, e agora lhes chegou este zelo. Leem-se as cartas de excommunhão ás paredes, correm-se os banhos, fazem-se as festas da paschoa e natal aos negros do vigario, e sobretudo está o Santissimo na igreja, e tem a chave della um secular thesoureiro da confraria, que entra nella de dia e de noite, e nisto se não adverte. Tudo o que ha na igreja matriz hei de mudar para baixo, e só o altar de S. Sebastião com o santo, sua fabrica e confraria, e um sino hei de deixar na matriz, para que no dia do santo se lhe faça sua festa e procissão; para ter cuidado da igreja hei de pôr um ermitão. Se os moradores tiverem devoção, sempre terão a porta aberta e ordem para dizer missa, e mostraráõ a devoção que até agora manda o vigario fazer o caminho para os dias de festa.

Dous dias depois respondeu a camara, em 6 de agosto, declarando que não era intenção sua atacar a jurisdicção ecclesiastica, porém para acudir á sua obrigação por ser a matriz de S. Sebastião igreja do padroado real, e assim esperava que não tivesse effeito a censura notificada.

Moveu-se o prelado a suspender a excommunhão pelos pedidos do governador Thomé Corrêa de Alvarenga, mas mudou a pia e o

sacrario para a ermida de S. José, pois por uma disposição testamentaria de Manoel Vaz de Leão, sabe-se que essa capella servia de matriz antes de 1661.

Em 6 de novembro de 1659 levara a camara uma representação ao rei, relatando o procedimento do prelado, e pedindo-lhe nomeasse no Rio de Janeiro pessoa que podesse servir de juiz dos feitos reaes, porquanto o que existia na cidade da Bahia não podia pela distancia acudir ás violencias, que costumavão fazer os ecclesiasticos, senão depois de passados seis mezes ou um anno. De feito, corridos alguns annos, ordenou o rei que o ouvidor geral do Rio de Janeiro servisse de juiz dos feitos da corôa para reprimir os excessos dos ministros ecclesiasticos.

Requerendo o juiz da irmandade de S. José, João de Souza da Silva, que a camara cedesse á referida confraria o terreno, que se estendia da capella-mór até ao mar, cujas aguas havião recuado, attendeu a camara, cedendo, em 17 de dezembro de 1688, todo o chão necessario para se acrescentar a igreja, ou tribuna, ou o que fosse preciso á dita igreja, com a condição, porém, que não farião casas para alugar nem morar.

Invadindo os Francezes o Rio de Janeiro em 1711 saquearão as igrejas e as casas; e da ermida de S. José, alem de objectos de valor, desapparecerão antigos documentos e titulos da confraria de S. José; os templos só forão respeitados depois da capitulação, sendo então arcabuzados, por ordem do general francez, 18 soldados, que havião desacatado uma igreja.

Em 1725 a 1729 fizerão-se diversas obras na ermida de S. José, e occupando por esse tempo, ou annos depois, o cargo de juiz, doou Cosme Velho Pereira, em 12 de novembro de 1749, um orgão á ermida. Era Cosme Velho homem rico e conceituado; e deixou seu nome a um dos arrabaldes da cidade, que ainda é assim conhecido.

Transferida a cathedral para a igreja da Cruz, forão para alli removidos em 1734 o sacrario e a pia, que estavão na ermida de S. José ha mais de setenta annos.

De dia para dia esboroava-se essa ermida, as paredes fendidas parecião vacillar nos alicerces e desabar sobre os fieis, o cupim corroera o madeiramento, e prestes desappareceria a capella de Egas Muniz, se a irmandade de S. José não cuidasse em reconstruil-a; de feito em

13 de julho de 1806 resolveu a irmandade levantar, no lugar da antiga capella, um templo vasto e digno do culto, e em sessões de mesa de 25 de janeiro, e 21 de junho de 1807 foi a obra approvada.

Collocado em uma caixa de chumbo e esta em uma de pedra o padrão da igreja, e juntamente uma moeda de ouro de 6$400, outra de prata de 640 rs. cunhadas em 1808, e outra de cobre antiga de 40 rs. praticou o vigario Ignacio Pinto da Conceição, seguido de outros padres em 22 de dezembro de 1808, a ceremonia da introducção da respectiva caixa na parede do arco da capella-môr do lado do evangelho.

Eis o padrão:

NA IGREJA DE S. JOSEPH

« Gouvernando a suprema Igreja Catholica Romana o Santissimo Papa Pio VII no VIII anno de seu Pontificado: Reinando na monarchia portugueza A Fidelissima Rainha D. Maria I, Nossa Senhora, por Seu Filho o Principe Regente, N. S. D. João: Sendo Bispo deste Bispado o Excellentissimo e Reverendissimo D. Joseph Caetano da Silva Coutinho, Capellão-Mór da Casa Real: E vigario desta freguezia o Reverendo Ignacio Pinto da Conceição: Servindo de Juiz na nossa Irmandade o irmão Tenente-Coronel Joaquim Ribeiro de Almeida, e de Secretario, Thesoureiro, Procurador, Assistentes e irmãos de meza os abaixo assignados: Por resolução das mezas conjunctas de 13 de julho de 1806, e 26 de janeiro e 21 de junho de 1807 accordárão, a custa dos rendimentos da dita irmandade, reparar as ruinas, e aperfeiçoar as antiguidades deste templo, fundado em nove braças de terreno na frente com os fundos até o mar, na rua Direita do Carmo para a Misericordia, por doação, que no anno de 1608 (1) fez o Illustrissimo D. Luiz de Almeida, sendo governador nesta capitania, confirmada pelo memoravel Senhor Rei D. João IV.

Em 9 de janeiro de 1751 foi creada terceira freguezia nesta capital. Para assim constar se faz o presente padrão em perpetua memoria

(1) Ha sem duvida engano na data 1608, pois vimos que Luiz de Almeida começou a governar em 1652; nem naquella data podia a doação ser confirmada por D. João IV. Tambem os chronistas dão a creação da freguezia em 30 de janeiro e não em 9.

na reedificação e construcção da igreja dedicada á Gloria e Veneração de S. Joseph, pela devota irmandade, na Capital do Reino de Portugal, no Rio de Janeiro, aos 22 dias do mez de Dezembro do anno de NDCCCVIII. E eu João Lopes da Silva Couto, secretario actual da dita irmandade o fiz escrever e assignei. João Lopes da Silva Couto, Joaquim Ribeiro de Almeida.

Começárão as obras pela sacristia ; que, estando concluida, recebeu as imagens da igreja, em 24 de dezembro de 1815.

Demolida a antiga ermida, deu-se principio á construcção do corpo da igreja, dirigindo a obra o artista Felix José de Souza, que foi substituido pelo architecto da casa real João da Silva Muniz.

Apresentou este o desenho do novo templo, e approvando o que tinha sido feito, propoz se alargasse mais tres palmos o corpo da igreja, pelo que destruirão-se os pegões que já estavão começados.

Escasso era o patrimonio da irmandade para a construcção da igreja, mas confiando na caridade publica, não se illudio ; o povo concorreu com esmolas, e entre outros fieis, distinguio-se o portuguez Manoel José Teixeira, serralheiro, residente na rua da Assembléa, homem devoto, que festejava annualmente em sua casa a invenção da Santa Cruz, tendo pregada na frente do seu domicilio uma cruz, que servia á via sacra, que sahia da igreja de S. Francisco da Penitencia. Manoel Teixeira, alem de fornecer todas as ferragens para a igreja, dava 80 reis por cada carrada de pedra que se gastava na obra ; e tinha em casa um cofre onde recolhia os quebrados das contas que pagava ou recebia, applicando esse dinheiro á construcção da matriz ; repetia esse velho :

— Não hei de morrer em quanto não terminarem as obras da igreja de S. José.

De feito falleceu em 16 de abril de 1845 com 117 annos de idade, tres annos depois de concluido o templo.

O aviso de 8 de outubro de 1813 concedeu quatro loterias para a continuação da obra; constando a primeira loteria de 8000 bilhetes do custo de 8$000 cada um ; a roda andou em 29 de outubro de 1814, restando 500 ou 600 bilhetes, que não forão vendidos. Vendo-se que era morosa e difficil a venda dos bilhetes, reduzirão-se a 7000, custando cada nm 9$600.

Em 1824 um devoto offereceu para ajuda das obras uma rifa

de 40 bilhetes de 640 reis cada um, mas apezar dessas esmolas a construcção da igreja caminhava com lentidão, e teve de parar por algum tempo.

O decreto de 31 de maio de 1826 concedeu quatro loterias para as obras da matriz, e um anno depois forão decretadas mais seis loterias.

Havião recomeçado as obras, e concluido o templo, foi benzido em 10 de abril de 1842 ; no dia 17 trasladarão-se as imagens, e no domingo seguinte houve a primeira festa do orago.

Edificada na rua da Misericordia, esquina da rua de S. José e do becco da Natividade, não tem atrio esta igreja por estar no nivelamento das casas.

Duas pilastras sustentando o entablamento separão das torres o corpo central, que apresenta o portico de granito, as tres janellas com grades de ferro pertencentes ao côro, o entablamento, sobre este um outro corpo no centro do qual ha um emblema de pedra com as letras J. M. J. e um frontão curvo.

As torres têm uma janella de peitoril no primeiro pavimento, outra de grades de ferro, na altura das do côro, e os corucheos em fórma de pyramides achatadas, sustentando no apice uma esphera e uma cruz. Em uma das torres ha sinos e uma escada de cantaria ; na outra ha uma escada de madeira, que principia no corredor superior.

A face voltada para a rua de S. José tem no primeiro pavimento nove janellas de peitoril e duas portas, e no segundo onze janellas de sacada, ornando a primeira, junto a torre, um frontão curvo. Sobre cada porta e janella do primeiro pavimento ha um mesanino elliptico com varões de ferro.

E' semelhante a esta a face voltada para o becco da Natividade.

Quando era cadêa a casa que serve hoje de paço da camara dos deputados, e havia forca armada na praia de Santa Luzia, vinhão os padecentes adorar a Eucharistia na porta da igreja de S. José.

Que idéas tristes, que martyrios e angustias não acabrunharião esses infelizes ao dobrar os joelhos em terra ; quantos gemidos e suspiros não soltarião ao adorar a Deus pela ultima vez no mundo ; quantas lagrimas não molharião o limiar da porta desta antiga igreja !

Deu-se na porta da antiga ermida aqui edificada um facto curioso.

Enviados alguns indios ao vice-rei, conde de Rezende, encarregou este ao major Joaquim Xavier Curado de leval-os á igreja de S. José para serem baptisados, mas recusando o padre Manoel dos Santos baptisal-os antes de celebrar outro baptisado, oppoz-se o major ; do que resultou uma contenda, na qual impellio elle o sacerdote, que immediatamente excommungou-o. Receando cahir na condemnação publica, e ser prejudicado em sua carreira militar, sujeitou-se o major, alguns dias depois, á disciplina das varas na porta do templo, sendo publicamente absolvido da excommunhão !

O pavimento da igreja, debaixo do côro, é coberto de mosaico de marmore ; ha quatro altares, seis tribunas e quatro portas no corpo da igreja, e duas portas e quatro tribunas na capella-mor.

Os altares do lado do evangelho pertencem ao Coração de Jesus e Santa Apollonia o primeiro, e o segundo á Senhora das Dôres.

Já em 1722 existia a devoção de Santa Apollonia ; em 1842 collocou-se no mesmo altar o Coração de Jesus, que constitue uma irmandade, cujo compromisso foi approvado em 1847. Houve neste altar a imagem da Senhora das Barroquinhas.

Construida a igreja se destinara o segundo altar para a Senhora do Terço, cuja confraria havia sido erecta em 24 de fevereiro de 1722 por letras patentes do mestre geral da ordem dos pregadores frei Agostinho Pepia, dadas emRoma em 10 de julho de 1721, sendo 1º juiz da confraria o governador do Rio de Janeiro Ayres de Saldanha de Albuquerque Coutinho Mattos e Noronha.

Em 17 de dezembro de 1722 a imagem do Terço foi collocada na capella velha do Sacramento ; duas vezes por semana sahia desta igreja e das do Rosario e Mãi dos Homens a procissão do Terço, na qual contemplavão-se os mysterios da Virgem, e entoava o povo padre-nossos e ave-Marias. Os meninos acompanhavam a procissão levando cada um, uma especie de candieiro de folha de flandres, chamado caçamba, espetado em um páo. Logo que o bico de cêra chegava ao meio apagavão-no os garotos, e occultando-o, pedião outro ao regente, que era um individuo, que carregava um saco cheio de bicos de vela. Irritava-se o regente, chamava os rapazes de furta-bicos, mas fornecia-lhes outro pedaço de cêra.

Vindo para o Brazil a familia de Bragança começárão os criados da casa real, aos quaes appellidava o povo de toma-larguras, pelas

casacas compridas de abas largas de qne usavão, a escarnecer dos devotos do terço, d'onde originárão-se contendas e lutas ; transformando-se em cacetes os lampeões dos rapazes. Essas desordens forão afugentando os devotos, e por fim cessarão semelhantes rezas pelas ruas, que nem erão decentes, nem proprias e edificantes. Em 1842 a imagem do Terço foi transferida para a capella do Senhor dos Passos, vindo substitui-la a imagem das Dôres.

Os altares do lado da epistola pertencem á Senhora do Amparo e a S. Miguel.

Não se sabe, onde começou a devoção do Amparo; consta ter existido na igreja da Candelaria ; mas sabe-se que em 1633 approvou o prelado Antonio de Marins Loureiro o compromisso desta devoção, que já em 1676 estava estabelecida na igreja de S. José, tendo sido a antiga imagem esculpida pelo preto João Vermelho habil esculptor, porém dado á embriaguez, pelo que o senhor não deixava-o sahir á rua ; e como tinha officina de imagens encarregava outro escravo de troca-las ; mas reparando que um Santo Antonio nunca sahia do taboleiro, quiz examina-lo, e descobrio ser postiça a cabeça, e estar o santo cheio de aguardente. Servia a imagem de botija a João Vermelho !

Outrora festejava-se com muita pompa a Virgem do Amparo, sendo o compromisso da irmandade approvado em 1839.

Instituida em 1759 tem a irmandade de S. Miguel o compromisso approvado em 1848.

Ha no côro um orgão comprado por seis contos pelas irmandades de S. José e do Sacramento.

O pavimento da capella-mór é ladrilhado de mosaico de marmore, e de marmore é o presbiterio ; na boca do throno estão as imagens de Jesus, Maria, José, sobre o throno o Sacramento, e na parte superior do retabulo do altar as estatuas da fé, esperança e caridade.

O compromisso da irmandade do Sacramento foi approvado em 1853.

Antiquissima é a irmandade de S. José, cujo compromisso foi reformado em 1716 ; nelle se declara que cada irmão dará dous mil réis de entrada, vinte réis de cada irmão ou mulher de irmão que fallecer, e vinte réis mensalmente para os gastos e fabrica da irman-

dade. E tambem se declara que não será admittido quem tiver raça de judeu, mouro ou mulato !

Antigamente certos operarios, antes de sujeitarem-se a exame, tinhão de dizer se pertencião a esta irmandade, cujo compromisso actual foi approvado em 1843.

Destribue esta irmandade, em 19 de setembro de cada anno, por dez irmãs viuvas e pobres, dez esmolas de 6$000 cada uma em cumprimento da verba testamentaria de Candido Fernandes Lima.

Ornou de talha esta igreja o artista Semião José de Nazareth, do qual encontrará o leitor traços biographicos no fim deste capitulo.

As portas lateraes da igreja vão ter aos corredores, que ladeão-na, os quaes são ladrilhados de marmore, e atravessão a ante-sacristia e a sacristia, cujo pavimento é coberto de marmore ; e ha alli um altar com a imagem de Christo, um arcaz, um esguicho e paineis nas paredes.

Da ante-sacristia principia uma escada, que conduz a um vão, ou a um segundo corredor, allumiado pelos mesaninos ellipticos ; servindo o do lado da rua de S. José de casa de arrecadação da irmandade do Amparo, tendo na extremidade a casa forte da irmandade de S. José ; e o opposto de casa de arrecadação das irmandades do Sacramento e S. Miguel, tendo na extremidade a casa forte daquella irmandade.

A escada que conduz ao segundo corredor, dá subida para os terceiros corredores, um de cada lado do templo, os quaes vão ter ao consistorio, onde ha uma capella com um painel representando Jesus, Maria e José.

Disse-nos o pintor Bonifacio que conta mais de 90 annos, ter sido autor deste quadro o artista Raymundo da Costa.

O irmão José Joaquim Borges Monteiro offertou a cortina encarnada, franjada de ouro, que encobre esta capella, onde colloca-se na quinta-feira santa, a ambula, e d'alli sae em procissão o Sacramento. Além da capella, ha no consistorio uma peça de madeira simulando um armario, porém não é mais que uma escada, que conduz ao altar-mór.

Communica-se o consistorio com a sala do archivo de S. José, á qual dão luz tres janellas voltadas para o becco da Natividade.

Na saleta do corredor, que corre desse lado, ha um antigo painel dos desposorios de S. José.

O augmento da população e da cidade levou o bispo a representar ao rei pedindo a creação de duas freguesias, além da do curato da sé e da Candelaria ; em 9 de novembro de 1749 attendeu-se á requisição do bispo, que não só devia escolher as igrejas, que provisoriamente servirião de matriz, precedendo o beneplacito dos donos ou padroeiros, como marcar os limites das freguezias.

Em 30 de janeiro de 1751 estabeleceu o prelado os limites das parochias, e indicou as igrejas de S. José e Santa Rita, o que approvou o alvará de 10 de maio de 1753.

Nomeado vigario encommendado da freguesia de S. José o padre Antonio José Malheiros Reimão, sobrinho do bispo, em 29 de janeiro de 1751, dous dias depois tomou posse.

Pretendia a mesma freguesia o vigario de Nazareth, do bispado de Marianna, padre Luiz Jayme de Magalhães Coutinho Cardoso, que, com o seu contendor, dirigio-se a Lisboa em 1752, e levou-lhe a palma, sendo escolhido e apresentado em 10 de maio de 1753 na referida freguesia, que duos dias antes se tornara de natureza e classe dos beneficios perpetuos ; confirmado em 23 de agosto, empossou-se em 12 de julho de 1756.

Elevada a igreja á parochia arrebentou longa contenda entre a irmandade de S. José e o vigario ; aquella por julgar-se offendida em seus direitos de posse da igreja, dos sinos e das sepulturas, este por querer assumir poder temporal e espiritual, julgando-se senhor de tudo ; pelo que mandava fechar sepulturas abertas no templo sem consentimento seu ; e vingava-se a irmandade retirando da sacristia uma commoda onde estavão paramentos pertencentes ao vigario.

Alegrou a irmandade a sentença favoravel, dando-lhe a posse da igreja, em 12 de novembro de 1756, sentença annunciada por luminarias e repiques de sino. Mas a carta regia de 5 de maio de 1759 entregou a igreja ao parocho, e até 1761 prolongou-se a demanda, concordando nesse anno o vigario em tirar da sacristia a commoda, e a irmandade em ceder-lhe o uso e emolumentos dos jazigos, e as chaves do arcaz e armarios.

Fallecendo em 2 de janeiro de 1790 o vigario Luiz Jayme, commissario do santo officio, entrou em concurso a freguesia ; concor-

rendo os padres Ignacio Pinto, João de Almeida Carvalho e João de Andrade Veiga, forão os dous ultimos approvados, mas obteve o beneficio o padre Ignacio Pinto ; e *apaixonados da sem razão desse procedimento*, diz monsenhor Pizarro, *fallecerão em pouco tempo aquelles padres*.

Provido em 5 de junho foi apresentado o padre Pinto em 28 de março de 1792, e confirmado em 25 de setembro.

O alvará de 1 de outubro de 1807 provera, por graça regia, na futura successão dessa igreja, o padre João Baptista Gervasio Picaluga, filho do desembargador desse appellido, que residindo em frente do Passeio Publico, e havendo uma arvore nesse jardim que interceptava-lhe a vista, mandou decepal a Censurou-o o vice-rei Vasconcellos por esse procedimento, e havendo contenda entre elle, e, o vice-rei, foi o desembargador reprehendido por carta regia.

Ainda hoje apparecem Picalugas, vandalos que decepão arvores, destroem vegetaes dos jardins publicos , e o que é mais de notar, não são punidos e castigados severamente.

Achando-se valetudinario o vigario Ignacio Pinto, substituio-o em 7 de outubro de 1810, o padre Picaluga, conego honorario ; e a este succedeu por decreto regio e ex-frade benedictino Bernardo José da Silva Veiga, que pereceu com a idade de 90 annos em 9 de setembro de 1855.

Servio como encommendado o vigario de Itaborahy, Dr. José Antonio Caldas, até 5 de maio de 1856, em que foi eleito vigario o padre João Procopio da Natividade Silva, que empossado em 18 de maio, ainda hoje gosa do beneficio.

Vimos que João da Silva Muniz foi tambem o architecto da igreja do Sacramento.

Contemplando estes edificios vê-se que já passou o enthusiasmo religioso, que longe vae a epoca em que Christophe Wreen concebeu o soberbo monumento de S. Paulo, em Londres ; em que Miguel Angelo elevou a cupola de S. Pedro, em Roma; o bispo Durham mandou construir a cathedral Salisbury com tantas janellas quantos dias no anno, e tantas portas quantos mezes ; em que Affonso Domingues o cego, edificou o convento da Batalha, em Portugal, e entre nós elevarão-se as igrejas da Cruz e da Candelaria.

Ao contemplarmos as duas igrejas S. José e Sacramento vemos

que a architectura, as artes não têm tido entre nós uma marcha progressista; pois nada têm esses templos de grandioso.

No em tanto é nas igrejas, que se póde estudar o adiantamento artistico de um povo; alli cada columna, cada mainel, arco ou lavor deve exprimir uma idéa, inspirar uma oração; o templo deve ser uma maravilha da arte, e um livro que patenteie a grandeza e sublimidade da religião; e deixai que digamos, deve ser um monumento que falle, e pregue eternamente; deve ser a biblia de povo. E para isso necessita que a arte erga-o magnifico, monumental, grandioso como o mar, o céo, como Deus, do qual é altar e recinto.

Felizmente as recentes modificações, que o architecto Bettencourt da Silva imprimio na frontaria da igreja do Sacramento, ornando-a com cinco estatuas e dando as torres altos corucheos, tornarão esse edificio imponente e digno de sua missão christã.

SEMEÃO JOSÉ DE NAZARETH

Semeão José de Nazareth nasceu no Rio de Janeiro, baptisou-se na freguezia da Candelaria, e era seu pai um boticario, que depois tomou ordens sacras.

Enviado para a officina de Valentim da Fonseca e Silva, afim de aprender a arte de entalhador, apresentou-se mui bem vestido, com camisa de babadinhos no peito e nos punhos, como então se usava. Vendo-o tão bem trajado, disse-lhe o mestre :

— Está bonito, mas tenha cuidado nos babadinhos para não amarrotal-os, e veja se assim chega a ser artista.

Referindo este gracejo a seu pai, não voltou o menino á officina, e matriculou-se em uma aula de musica.

Informado dessa resolução, retorquio Valentim :

— Ir estudar uma arte, cujo mestre, ao contrario dos outros, repete : desembarece-se, cante, menino, *perca a vergonha !* (1).

Levado por esse gracejo, e por conselhos de Valentim, voltou Semeão para a officina, dedicou-se ao trabalho, e tornou-se mestre.

Ornou de talha a igreja parochial da villa de S. João Marcos, e a de S. José desta côrte, sendo seu trabalho simples, porém elegante e bem acabado. Semeão era de côr parda, baixo, magro, e em consequencia de uma molestia perdeu as cartilagens do nariz ; falleceu em setembro de 1858 tendo mais de 80 annos, e sepultou-se no cemiterio de S. Francisco Xavier.

(1) Veja Mosaico Brazileiro pag. 39.

XI

IGREJA DE SANTA RITA

As devoções sinceras, puras e vehementes são sempre uteis á religião ; augmentão as esmolas dos pobres, fazem prosperar as obras pias, e dão nascimento a altares, capellas, que os annos ou Deus transformam em igrejas, em templos magnificos.

Os devotos de Santa Rita Manoel Nascentes Pinto e sua mulher D. Antonia Maria festejavão annualmente em sua casa a imagem dessa santa, que conservavão em painel ; mais tarde transferirão-na para a igreja da Candelaria, constituirão uma irmandade, e obtiverão a exposição do Sacramento no dia da festa, que celebravão.

Resolutos a levantar uma capella em terreno proprio, Nascentes Pinto e sua mulher derão principio ao seu religioso intento, e o bispo D. Francisco de S. Jeronymo veio lançar a primeira pedra do edificio. Concorrerão os moradores da cidade com esmolas, e em pouco tempo estavão edificados a capella-mór, a sacristia e o consiztorio ; por escriptura de 13 de março de 1721 os fundadores cederão a capella com os ornamentos de seu uso e alfaias ao juiz, ao escrivão, thesoureiro e procurador da festa da santa, obrigando-se aquelles a concorrerem annualmente com 16$000 para a ajuda do sustento de

um capellão, e com igual quantia para guisamento do vinho, hostias e roupa lavada ; reservando para si, alem de outras condições exaradas na escriptura, o titulo de padroeiros perpetuos, que passaria a seus descendentes, preferindo o varão, e uma sepultura na capella mor para elles e seus descendentes. Fallecendo Manoel Nascentes tornou-se padroeiro da capella o seu filho Ignacio Nascentes que continuou a venerar a santa da devoção de seus pais.

Creada a freguezia de Santa Rita, juntamente com a de S. José, como vimos, comprehendeu o bispo que encontraria opposição na entrega da capella de Santa Rita, que destinara para parochia dessa freguezia ; pelo que enviou uma pastoral a Ignacio Nascentes Pinto para, sob pena de excommunhão, entregar a igreja em 24 horas.

Era a excommunhão uma arma que então vencia tudo, triumphava de todos os obstaculos, amedrontava e anniquilava os adversarios da igreja ; tornava o padre absoluto, e ai daquelle que reagisse ; desafiava contra si a ira, a maldição do povo.

Ignacio Nascentes entregou a igreja, mas tratou de demandar, e longos annos durou a demanda ; obteve algumas sentenças favoraveis; mas no calor da contenda elle adoeceu, ficou paralytico, sem poder mover-se, nem fallar, nem ouvir; conservando, porem, a vista e a razão.

Persuadirão-lhe, ou elle mesmo acreditou, ser a molestia um castigo por sustentar demanda com o bispo, e embaraçar a vinda do Sacramento para a igreja ; pelo que prometteu desistir, se por ventura se restabelecesse. No fim de 40 dias levantou-se da cama ; recuperou a voz, a audição, e a demanda cessou.

Seu filho Antonio Nascentes respeitou o voto do pai, e quando perguntavão-lhe porque não proseguia na demanda, respondia.

— Meu pai prometteu desistir della.

— Mas elle é morto.

— Não importa, devo respeitar a sua vontade em veneração á sua memoria.

Tornou-se sagrado para a familia o voto de Ignacio Nascentes ; era um testamento de consciencia que todos herdeiros cumprirão, e nunca mais apparecerão os autos da demanda.

No largo de Santa Rita, na esquina da rua dos Ourives, eleva-se a igreja parochial de Santa Rita, havendo nesse largo um chafariz, no

lugar em que existio um cruzeiro de marmore, pois era alli um cemiterio de escravos.

Um soldado fazia sentinella no cemiterio para prohibir que fossem alli depositar cadaveres; mas conta-se que em uma noite tres homens de braço dado aproximarão-se da porta da igreja, e se ajoelharão; decorrido algum tempo retirarão-se dous e ficou um de joelhos, e vendo que este permanecia muito tempo nesta posição, o soldado aproximou-se delle, e ordenou se levantasse. Não teve resposta; fez-lhe nova observação, bateu-lhe no hombro, mas com esse movimento o devoto cahio no chão, e examinando-o vio a sentinella, que era um cadaver que os dous embuçados havião deixado encostado no cunhal da igreja.

Não deve causar muito reparo a astucia desses homens, pois hoje, havendo mais recursos, abandonão-se á voracidade dos cães, nas ruas e praças da cidade, cadaveres de recemnascidos!

A igreja não tem adro, o portico é de marmore, e são pequenas as janellas do côro; sobre o entablamento ha um oculo com varões de ferro; segue-se um segundo corpo que apresenta no centro arabescos de alvenaria, e fecha a fachada um frontão curvo com uma cruz de granito. A torre, ao lado direito, é menos saliente que o corpo da igreja; tem uma porta no primeiro pavimento, uma janella na direcção das do côro, o mostrador de um relogio que não existe, a abertura dos sinos e o corucheo de fórma pyramidal. O temporal de 10 de novembro de 1861 lançou por terra uma das quatro pyramides, que ha aos lados do pinaculo da torre.

Foi o capitão-mór José da Motta Pereira quem mandou concertar o maior sino que ha alli, o qual tem na circumferencia a seguinte inscripção:

De Santa Rita fui
De Santa Rita sou,
O senhor capitão-mór
Me reformou.

José da Motta que foi bemfeitor da Misericordia e Manoel Jorge, seu socio no commercio, concorrêrão com donativos para as obras da igreja de Santa Rita.

Manoel Jorge era muito esmoler ; dava mensalmente 20$000 ao coadjutor de Santa Rita para entregal-os a algum pobre, que tivesse de receber o Santo Viatico, e pedia-lhe segredo da esmola. Indagava onde residião familias pobres, e ao amanhecer ia depositar esmolas por debaixo das portas, ou por entre as rotulas das janellas das casas dos necessitados. Uma mulher, que encontrava sempre debaixo da porta uma moeda, quiz saber quem era seu bemfeitor ; acordou cêdo e ficou quêda junto á rotula ; Manoel Jorge passou e atirou a moeda ; a mulher abrio o postigo e agradeceu ; voltou-se o bemfeitor, tomou nota do numero da casa, e nunca mais deitou esmola alli.

Queria praticar a caridade occultamente, fazer o beneficio sem ostentação, e tornar a esmola um segredo ; considerando a caridade um dever, desprezava os agradecimentos ; com os olhos voltados para Deus e a mão para os desvalidos largava a esmola, desejando conhecer todos os pobres para soccorrel-os, mas não querendo que elles o conhecessem. A Misericordia conta este santo varão entre seus bemfeitores.

Apresenta a igreja de Santa Rita a côr ennegrecida, o aspecto triste, que o tempo imprime aos velhos edificios.

Estende-se a igreja até a rua das Violas, e do lado da rua dos Ourives, junto á parede da capella-mór, ha um pequeno terreno triangular fechado com um muro, onde havia, desde a fundação da igreja, um coqueiro que deceparão em 1870.

Transposto o portico vê-se o guarda-vento construido em 1825 por Bento José de Almeida ; do lado do evangelho está o baptisterio, sendo a pia do tempo da creação da freguezia.

Ha cinco altares ; o primeiro do lado do evangelho, pertence á Senhora da Graça, a Santa Barbara e Santa Luzia, e vê-se tambem alli a imagem do Santo Christo dos Milagres, cuja irmandade, composta de senhoras foi creada ha 15 annos pouco mais ou menos (1). O segundo altar é de S. Miguel, Santo Antonio e Santa Quiteria.

(1) Em junho de 1873 lançou-se no largo do Gambâ, hoje do Santo Christo, a primeira pedra de uma capella, que tenciona a irmandade construir para seu orago, que em 8 de setembro de 1876 foi transferido para a igreja da Lampadosa.

O primeiro do lado da epistola pertence á Senhora do Loreto, á Senhora das Dôres, á S. Thiago e á S. Lazaro. Concluida a igreja pedio Paulo Fernandes Vianna ao fundador para collocar em um dos altares a Senhora do Loreto, o que sendo-lhe concedido, tornou-se o altar propriedade de sua familia.

A imagem das Dôres pertence á irmandade do Sacramento, e depois de ter estado em um altar por debaixo do consistorio desta irmandade, e no altar do consistorio, passou em 1846 para o lugar em que se acha, precedendo licença do bispo e da familia de Paulo Fernandes.

O Espirito-Santo, Sant'Anna, S. José e S. Joaquim occupão o segundo altar da epistola. Foi em 24 de abril de 1759 que o parocho da freguezia concedeu licença á irmandade do Espirito-Santo para collocar alli a imagem do seu orago.

A parede que sustenta o côro é de abobada; as seis tribunas da igreja não tem serventia; entre os altares ficão os pulpitos, nos quaes orou repetidas vezes o douto padre Antonio Pereira de Souza Caldas, do qual encontrará o leitor, um resumo biographico no fim deste capitulo.

No throno da capella-mor expõe-se o Sacramento, e latteralmente estão Santa Rita e Santo André, tendo sido a imagem do orago esculpida no tempo do vigario Antonio José Corrêa.

O vigario Ferreira de Aguiar mandou fazer um presbiterio de madeira para occultar o de granito, e este presbiterio, feito provisoriamente, durou até 1870 !

Está na capella-mór a sepultura dos fundadores da igreja, com esta inscripção :

Sepultura Perpetua
De Manoel Nascentes Pinto
E de sua mulher
E ascendentes
Fundador desta igreja.

A talha que orna o templo interiormente é muito antiga, de máo gôsto e de estylo barroco.

Da capella-mór passa-se para a sacristia, onde veem-se um

arcaz muito velho, um nicho igual ao arcaz, um esguicho antiquissimo, e um relogio bastante velho.

A imagem que está no nicho pertenceu a Manoel Nascentes Pinto, é de roca e possuia uma cruz e resplandor de ouro, e uma palma com tres corôas de pedras preciosas, indicando os tres estados da santa, solteira, casada e viuva. Todos os annos, em 13 de maio, ia esta imagem para a casa dos Nascentes, e depois de ricamente vestida e adornada, voltava no dia 21 para assistir á ultima novena; mas em um anno roubarão-lhe as alfaias avaliadas em 40:000$000.

Outr'ora era de guarda, na respectiva freguezia, o dia de Santa Rita.

Em frente ao arcaz ha tres portas; uma vae para a sacristia da irmandade do Sacramento, a outra para o recinto das catacumbas, construidas em 1818, e a ultima para um poço que havia em um pateo triangular; mas edificado o consistorio da irmandade do Sacramento, ficou inutilisado o poço, cujas aguas erão tidas pelo povo como mui proveitosas em molestias de olhos.

Tem a sacristia uma porta e duas janellas para a rua das Violas e uma porta para um pateo, existente entre a igreja e o paçal do vigario, Que tem uma porta e uma janella para o largo e quatro janellas para o pateo.

A sacristia da irmandade do Sacramento deita uma porta e uma janella para a rua das Violas, e o consistorio da mesma irmandade, por cima da sacristia da igreja, tem cinco janellas de sacada para a mesma rua.

Em 27 de abril de 1763 resolveu a irmandade construir este consistorio, onde tudo attesta a sua antiguidade, maior de um seculo, o altar de talha dourada, as cadeiras, a mesa, e os grossos e nodosos varões de ferro que guarnecem as janellas.

Creada a freguezia constituira-se a irmandade do Sacramento, tendo sido o primeiro provedor o bispo frei D.Antonio do Desterro; e em 27 de fevereiro de 1821 foi confirmado o compromisso que está em execução.

Creada a freguezia de Santa Rita, foi escolhido para vigario o padre João Pereira de Araujo e Azevedo, que apresentado por carta de 29 de maio de 1753, foi confirmado em 8 de agosto seguinte;

tendo exercido a vigararia por dez annos, foi parochiar a freguezia da Candelaria.

Apresentado em 14 de novembro de 1764, e confirmado em 28 de junho de 1765, foi Antonio José Corrêa o segundo vigario ; era promotor do juizo ecclesiastico, doutor em canones, natural de Famelicão em Portugal, homem justo, energico e virtuoso. Falleceu em 24 de junho de 1801 e sepultou-se na capella-mór da sua parochia. O pouco que deixou repartio em testamento com os dous coadjutores, porque tudo mais estava com anticipação na mão dos pobres ; declarou que cada padre, que lhe resasse o officio de defuntos, depois de sua morte, teria um cruzado, isto é 80 reis mais do que era uso pagar-se, para não conversar durante a oração. (1)

Apresentado em 12 de dezembro de 1801 foi o padre José Caetano Ferreira de Aguiar confirmado em 23 de dezembro de 1802, e no dia seguinte tomou posse. Occupara os lugares de vigario da igreja do Rosario da Meia Ponte e a vigararia geral de Goyaz. Seu amigo, o bispo D. José Joaquim Justiniano, quiz faze-lo conego, mas não conseguio. Havia sido apresentado na conezia cathedral em 1796 o padre José Baptista Darrigue, natural do Rio de Janeiro, que ausentando-se de Lisboa para tomar posse do beneficio, teve em viagem grave molestia dos olhos do que proveio-lhe a cegueira. O bispo descontente do provimento deste padre, sem a sua intervenção, quiz prevalecer-se da cegueira do infeliz para oppor-se á sua confirmação, apezar dos avisos da secretaria de estado, que ordenavão a confirmação e posse.

Deu o bispo por vago o canonicato, e propoz para elle o padre José Caetano Ferreira de Aguiar, mas José Baptista Darrigue reclamou a el-rei contra a injustiça do prelado, e sendo attendido, entrou na posse do beneficio em 12 de junho de 1802, e occupou-o até 31 de julho de 1810, em que falleceu, tendo sepultura nas catacumbas da igreja de S. Pedro.

Se não pôde dar ao seu protegido a cadeira de conego, deu-lhe o bispo a vigararia de Santa Rita, e o uso e privilegio da mursa de conego.

(1) Veja Mosaico Brazileiro pag. 17.

Ferreira de Aguiar, licenciado em canones, empunhou a vara de promotor do juizo ecclesiastico ; por portaria de 4 de maio de 1808 foi eleito procurador da mitra, foi vigario geral, censor e governador do bispado na ausencia do bispo D. José Caetano ; foi eleito senador em 1826 e falleceu em 27 de julho de 1836, sendo sepultado na igreja de S. Pedro. Ha na Misericordia o seu retrato entre os dos bemfeitores dessa casa.

Era elle vigario quando pereceu o coadjutor Manoel Gonçalves Pereira, e desde então, o segundo coadjutor, Agostinho Baptista da Fonseca, amigo intimo do finado, não quiz mais tomar alimento algum, encerrou-se em casa, e oito dias depois pereceu. Ambos forão enterrados na capella-mór da igreja, um defronte do outro, não tendo podido a morte separa-los.

Foi apresentado em 22 de dezembro de 1836, confirmado em 24, e entrou em exercicio em 1 de janeiro de 1837 o padre José Francisco da Silva Cardoso, qne exerceu a vigararia até fevereiro de 1851, tendo jasigo no cemiterio de S. Francisco Xavier.

Em 1 de agosto de 1851 foi apresentado o padre Manoel da Silva Lopes que confirmado no dia 9, no dia seguinte entrou de posse, e falleceu em 26 de abril de 1876 ; sendo nomeado pro-parocho o padre Urbano do Monte que já antes exercia esse cargo em consequencia do estado valetudinario do proprietario.

Pertence ao gosto barroco a igreja de Santa Rita, que é pequena e de aspecto mesquinho.

Em uma capital tão importante como é a cidade do Rio de Janeiro não devia servir de parochia uma simples capella construida por devotos ; a igreja parochial, que guarda o sacrario e o baptisterio, deve ser vasta e elegante, para conter os parochianos e patentear o gosto artistico do povo.

Soffrendo esta igreja alguns reparos, em 25 de março de 1870 reabrio-se aos fieis ; mas pouco melhorou exterior e interiormente ; tornou-se todavia mais decente e apropriada ao culto, o que não acontecia antes em consequencia de contendas entre o parocho e a irmandade do Sacramento, contendas que já desapparecêrão ha muito, como convinha á moralidade e á religião.

Outrora festejava-se com muita pompa o Espirito-Santo não só nesta igreja como nas de Santa Anna, Mataporcos, e Lapa dos Carmilitas.

No sabbado de alleluia sahia das igrejas de Santa Anna, e da Lapa a folia do Divino composta de rapazes vestidos de calção de côr, jaqueta ou casaca de chita ou de seda, sapatos debruados de fitas e chapeos com plumas. Um levava a bandeira, quatro tocávão pandeiro, dous tocávão viola e um rufava o tambor ; seguia-se o imperador com casaca de seda, calção, cabello apolvilhado, espadim e medalha do Divino pendente do peito. Dous individuos revestidos de opa encarnada, pedião esmolas ao povo. Cantávão os foliões pelas ruas, e entrávão nas casas para cantar e dançar. Entre outros repetião estes versos:

Oh Divino Espirito Santo
Pai dos pobres, amoroso,
Ponde, Senhor, no meu peito
Um coração fervoroso.

O Divino Espirito Santo
E' Santo consolador ;
Cousolai a nossa alma,
Quando deste mundo fôr.

O Divino qnando pede
Não péde por carecer,
Péde para experimentar
Quem seu devoto qner ser.

Tantas moças na janella
Não fazem senão olhar,
O Divino pede esmola,
Mas ellas não sabem dar.

O Divino Espirito Santo.
E' um Senhor que vai e vem,
Elle anda de casa em casa
Para vèr quem lhe quer bem.

O sol entra pela janella,
O luar pela vidraça
Meu Divino pela porta,
Enchendo tudo de graça.

Viva o cravo, viva a rosa,
Viva a flôr que floresceu,
Viva a dona desta casa,
Que a bandeira recebeu.

Deus lhe pague pela esmola
Dada de boa vontade ;
No céo terá o premio
Da Santissima Trindade.

A bandeira se despede
Com toda a sua folia ;
Viva a dona desta casa
E toda a companhia.

No dia da paschoa do Espirito Santo havia grande festividade, que durava tres dias, terminando na terça-feira, que se chamava a segunda oitava, sendo a primeira dia de guarda e a segunda dia santo dispensado.

Armavão-se no campo de Sant'Anna o imperio do Espirito Santo e barracas de madeira, onde tiravão-se sortes, vião-se theatrinhos de bonecos, magicas, danças, durando esses festejos muitos dias com grande concurrencia publica, que alli se acumulava para assistir aos fogos de artificio, e apreciar variados e saborósos acipipes.

Sentadas em esteiras esperavão as familias pelo fogo artificial ; algumas apreciando opiparas cêas, outras ouvindo modinhas cantadas ao som da guitarra ou da viola. Os passeios, as conversas, os assobios ao fogueteiro, as danças dos foliões, as cantatas, os gracejos do leloeiro, tudo agradava e entretinha o povo.

Mas já desapparecêrão essas festas populares, esses costumes simplices, que indicavão a tranquillidade em que vivia o povo, e tinhão uma côr nacional, que de dia para dia se vae perdendo pelos habitos, que vamos importando do estrangeiro. Hoje o domingo de pentecostes passa quasi desapercebido.

ANTONIO PEREIRA DE SOUZA CALDAS

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 24 de novembro de 1762 Antonio Pereira de Souza Caldas, filho do negociante Luiz Pereira de Souza e D. Anna Maria de Souza ; baptisou-se na freguezia de Santa Rita.

Era criança, e já manifestava gôsto pelos livros, propensão para a leitura ; um dia desceu á loja de seu pai, e perguntou ao caixeiro :

— Que é preciso para lêr os livros ?

— Estudar o A, B, C, respondeu o caixeiro. E compondo um abecedario, entregou-o ao menino, que em pouco tempo decorou-o.

De tenra idade, e de compleição fraca e delicada, começou Souza Caldas a entregar-se ao estudo, pelo que sobriviérão-lhe padecimentos, e chegou a deitar escarros de sangue ; seu pai assustado, receioso, enviou-o a Lisbôa, onde ficou entregue aos cuidados de um tio.

Continuou com igual dedicação pelas lettras, e tão applicado foi que, matriculou-se na universidade de Coimbra, pedindo-se dispensa de tres annos de idade.

E' o talento como o sol, brilha entre as nuvens que o cercão ; Souza Caldas sobresahio a todos seus condiscipulos, e seu nome adquirio reputação ; mas esse echo, como um facho de luz, deslumbrou o sombrio tribunal do santo officio, que, ordenou a prisão do estudante ! Seu tio protegeu-o, e por ordem do governo, enviou-o para o convento de Rilha-folles, onde devia de fazer exercicios por seis mezes.

Quando Souza Caldas sahio do convento deixou em cada monge um amigo, e de lá veio resoluto a vestir a batina de padre.

Foi a Pariz, voltou para Lisbôa, concluio em Coimbra seus estudos, graduando-se em leis, e rejeitando o cargo de juiz de fóra do Rio de Janeiro dirigio-se a Roma para receber ordens sacras.

Visitou o Rio de Janeiro em 1801 para minorar as saudades que tinha de sua mãi e de sua patria; regressando a Lisbôa recusou diversas abbadias, rejeitou o bispado do Rio de Janeiro, onde veio estabelecer-se quando a côrte emigrou para o Brazil.

Deixara em Portugal o nome de homem douto, pregador eloquente e de sacerdote virtuoso, e a estes titulos e qualidades unio a reputação de poeta, traduzindo os psalmos, e compondo muitas poesias sagradas e profanas, que correm impressas.

Todos os dias fazia uma homelia na igreja de Santa Rita, e os homens doutos, o povo agglomeravão-se na igreja para admirar a eloquencia, o saber, a linguagem philosophica e persuasiva do padre Caldas.

Fazia um dia a sua pratica, quando teve de sahir o Sacramento para um enfermo; Souza Caldas largou de mão o assumpto de que orava, e começou a dissertar sobre a Eucharistia. Residia o doente na praia da Gambôa, e quando voltou o viatico ainda o orador occupava-se do pão sacramental, arrebatando os ouvintes por suas doutrinas sãs e philosophicas.

Era o pregador das grandes solemnidades.

« Este padre, diz o conego Januario, encatava, persuadia e levava aos corações dos seus ouvintes as verdades do christianismo, arrebatado de um santo fervor e de tanta facundia, que parecia inspirado. »

Não recebia paga das homelias, dos sermões que recitava, nem esmola de missa; uma só vez aceitou dinheiro por um sermão pregado na trasladação das imagens para a igreja da Candelaria; mas ao sahir do templo, a quantia que recebêra já estava nas mãos dos pobres.

Era virtuoso, desinteressado e humilde; raras vezes deitava o chapéo na cabeça.

Um amigo abastado quiz na hora da morte, legar-lhe a herança dos bens, mas o virtuoso clerigo recusou e persuadio ao moribundo que distribuisse a fortuna por outro amigo que era pobre e

carregado de filhos. Quando não tinha comsigo dinheiro para dal-o ao mendigo, que estendia-lhe a mão, offertava qualquer objecto de valor; a um deu um lindo anel com que presenteara-o sua tia D. Antonia Vianna. Conversando com alguns amigos no Passeio Publico, chegou-se delle um pobre e pedio-lhe esmola; Souza Caldas não trazia dinheiro, mas seguio o infeliz, e ao regressar notarão que faltavão-lhe as fivellas de prata dos sapatos; questionarão-no, porém não respondeu, e só mais tarde souberão que arrancara as fivellas para da-las ao mendigo.

Era homem crente e mui religioso; incerrava-se desde o sabbado de Ramos no convento de Santo Antonio, e alli praticava todos os exercicios do claustro até domingo de paschoa.

Os estudos assiduos, as vigilias prolongadas deteriorarão mais e mais a constituição debil deste sacerdote, que pereceu em 2 de março de 1814, tendo sepultura na casa do capitulo, no convento de Santo Antonio.

Exhumados os ossos e encerrados em uma urna, mandou José Eloy Ottoni gravar nella o seguinte epitaphio que compoz e traduzio:

Brasiliœ splendor, verbo, sermone tonabat,
Fulmen erat sermo, verbaque fulmen erant.

Traducção

Do Brazil explendor da patria gloria,
Discorrendo ou fallando trovejava,
O discurso, a dicção, a essencia, a fórma,
Tão veloz como o raio se inflamava.

Procurando o Instituto Historico e Geographico Brasileiro obter os ossos do padre Caldas, não foi possivel encontra-los no convento de Santo Antonio. Com o tempo se distruira a urna de madeira que guardava esses restos mortaes, e reunidos com outros ossos de finados se confundirão e misturarão!

Mas em uma das suas poesias diz o padre Caldas:

Não cuides que o homem desce
Todo inteiro á sepultura.

Desappareceu o esqueleto, confundirão-se com outros os ossos desse sabio ; o tumulo occultou o que lhe tinhão confiado ; mas uma sombra ficou á beira do tumulo, não entrou lá ; o homem não desceu inteiro ao sepulchro ; o padre Caldas deixára no mundo o seu nome.

XII

IGREJA DA GLORIA

A resolução da assembléa legislativa, sanccionada pelo decreto d 9 de agosto de 1834, creou a freguezia de Nossa Senhora da Gloria desmembrada da de S. José ; autorizou o governo a marcar-lhe os limites, e prescreveu que o provimento da igreja só se realizaria depois que estivesse preparada a matriz com a necessaria decencia.

O decreto de 30 de outubro do mesmo anno determinou os limites da nova freguezia, confinando por um lado com os da freguezia da Lagôa no fim das ruas do Senador Vergueiro e Marquez de Abrantes, e por outro lado, com os da freguezia de S. José, tendo por devisa uma linha que, partindo do muro do Passeio Publico ao becco do Imperio, se estendesse até o alto do morro de Santa Thereza, junto ao aqueducto da Carioca. e

Era então juiz de paz daquelle districto o cidadão Antonio Joaquim Pereira de Velasco, que possuindo uma capella, consagrada á Senhora dos Prazeres, em sua chacara da rua das Larangeiras esquina da do conselheiro Pereira da Silva, offereceu-a para servir provisoriamente de matriz.

Em 26 de janeiro de 1835 reunirão-se varios cidadãos importantes da nova freguezia, em casa do juiz de paz, e resolverão fundar a irmandade do Sacramento da respectiva freguezia ; de feito, convocados em 15 de fevereiro sob a presidencia do juiz de paz, procederão a eleição da primeira mesa administrativa, e admittirão provisoriamente o compromisso da irmandade do Sacramento da freguezia de S. José.

Em 19 de março a administração da irmandade aceitou a capella de Velasco para matriz provisoria, porém, reconhecendo ser esse edificio de acanhadas dimensões, encarregou ao provedor Domingos José Teixeira e ao escrivão João Silveira do Pilar de comprarem uma capella erguida em 1720, na face meriodional do largo do Machado, e que reconstruida em 1818 pela rainha Carlota, que residira na casa proxima, passára a ser do dominio de Antonio José de Castro.

Comprada essa capella em 4 de abril de 1835 por 2:000$000, para dar-lhe a decencia necessaria, como determinara o decreto da creação da freguezia, dispendeu a irmandade 3:050$686, que com o custo da capella e despezas de transmissão, fez subir o dispendio a 5:187$686 (1).

Trasladarão-se para alli as imagens ; mas apezar de ser essa capella maior do que a de Pereira Velasco, de achar-se em um ponto mais central e mais populoso da nova freguezia, vio-se que, augmentando de dia para dia a população da parochia, não tinha esse recinto religioso proporções para servir de matriz ; assim resolveu a irmandade dar principio á construcção de um templo vasto, e, em sessão de 23 de abril de 1837, autorizou ao irmão provedor a obter um terreno pertencente a Domingos Carvalho de Sá situado com frente para o largo do Machado e rua das Larangeiras, onde podia ser levantada a igreja parochial.

Oppoz-se Carvalho de Sá á venda do terreno ; firme porém em seu intento, obteve a irmandade a concessão de cinco loterias por decreto de 20 de outubro de 1837 para a edificação da igreja, e por decreto de 28 de abril de 1840 a autorização para a camara muni-

(1) Agradecemos ao Sr. Fernando Antonio Pinto de Miranda os documentos que forneceu-nos, quer relativos à esta igreja, quer á matriz da freguezia da Candelaria.

cipal ceder-lhe um terreno de dez braças, que possuia no largo do Machado.

Offereceu então Carvalho de Sá dez braças de terreno contiguas ás precedentes, achando-se comprehendidas nellas uma nesga de terra pertencente á Francisco Marques Lisboa, com a condição de, fundada a matriz em treze braças para o largo e vinte para o fundo, dar-lhe a irmandade os dous pequenos terrenos que devião ladear a igreja.

Aceitou a irmandade a offerta com todas as condições; mas em janeiro de 1842 a mulher de Francisco Marques Lisboa, com consentimento deste, deu procuração ao conselheiro José Antonio Lisboa para annullar aquella transacção, por ter sido cedido o terreno a Carvalho de Sá sem outorga sua.

Felizmente serenou esta questão sem prejuiso da irmandade, por que em 20 de fevereiro de 1842 declarou Carvalho de Sá, em mesa conjuncta, que cedia á irmandade todo o terreno ao lado daquelle em que se levantasse a matriz, e confirmada essa cessão por sua mulher em 26 de fevereiro de 1842, foi rectificada em agosto de 1861 por todos os herdeiros.

Ficou determinado em 26 de junho de 1842 que, em 17 de julho, se lançaria a primeira pedra do novo templo; de feito celebrada nesse dia a festa do Sacramento, comparecerão ao lugar o Imperador, o bispo e a irmandade, e com as ceremonias do estylo, collocou-se a pedra fundamental com a seguinte inscripção:

DEBAIXO DA PROTECÇÃO DIVINA
OS PIEDOSOS FREGUESES
DA FREGUEZIA DA GLORIA
SE REUNIRÃO PARA LEVANTAR ESTA FREGUEZIA
EM HONRA
DA BEATISSIMA VIRGEM MARIA
DEBAIXO DO ESPECIOSO TITULO
DA
SENHORA DA GLORIA
PRECEDENDO DOAÇÕES PUBLICAS E PARTICULARES.
A PEDRA FUNDAMENTAL DESTE TEMPLO
SENDO CONDUZIDA PELO SENHOR
D. PEDRO II
IMPERADOR CONSTITUCIONAL E DEFENSOR PERPETUO DO BRAZIL

E

PRIMEIRAMENTE BENTA CONFORME O RITO
PELO
EXM. E REVM. BISPO CAPELLÃO-MÓR
D. MANOEL DO MONTE RODRIGUES DE ARAUJO
FOI LANÇADA NO LUGAR DO SEU DESTINO
PELAS MÃOS DO SOBREDITO SENHOR
PARA
GLORIA DE DEUS E DA VIRGEM MARIA
SERVINDO DE PROVEDOR DA DITA FREGUEZIA
ANTONIO JOAQUIM PEREIRA VELASCO,
NO DIA 17 DE JULHO
DE 1842.

Em commemoração do acto cunhou-se uma medalha de prata.

Para isolar a igreja dos predios circumvisinhos na parte posterior, autorizou a mesa conjuncta de 8 de agosto de 1845 a compra de sete braças de terreno, que fôrão vendidas em 6 de outubro de 1847 por Domingos Carvalho de Sá e sua mulher.

Levantadas as paredes da capella-mór, e construidas no corpo da igreja accommodações provisorias para a collocação de dous altares, trasladárão-se para alli as imagens em 6 de abril de 1856. (1)

Proseguirão as obras, mas por falta de recursos tiverão de parar em 1864; todavia eleita dous annos depois nova administração, entrarão como thesoureiro José Baptista Martins de Souza Castellões, e como procurador o padre Joaquim José da Costa Guimarães que, envidando todos os esforços, agenciarão donativos, obtiverão esmolas e legados, e derão rapido impulso ás obras em 1868. Em 19 de junho de 1869 collocou-se a cumieira do templo, benzendo-se nessa occasião uma cruz, que foi erguida no centro do telhado, ao som de repiques de sino, de toques de musica e gyrandolas de foguetes; em 28 de setembro de 1872 benzeu o bispo diocesano a igreja e todas as ima-

(1) A antiga capella da rainha Carlota foi demolida, e, posto em leilão o terreno, solicitou-o com fervor religioso o commendador José Baptista Martins de Souza Castellões que, obtendo-o, edificou alli um lindo predio para sua residencia.

gens, que estavão em seus respectivos andores, e expôz diversas reliquias de santos martyres, seguindo-se as matinas ; no dia 29 sagrou o altar-mór, ceremonia executada pela primeira vez nesta côrte; e depois de conduzir em procissão a urna em que estavão aquellas reliquias, encerrou-as em um relicario de prata e depositou-as no altar-mór.

No dia seguinte houve a procissão da trasladação das imagens ; sahirão da matriz os andores do Senhor da Agonia, da Senhora da Gloria, da Conceição, das Dôres e da Cabeça, e o de S. Miguel, e dirigindo-se á igreja do convento dos Carmelitas, encorporarão-se aos andores de S. Henrique, S. José, S. Luiz, S. Boaventura, S. João Baptista, S. Pedro, S. Manoel, S. Francisco de Salles, S. Sebastião, S. Joaquim e Santo Antonio, que para alli tinhão ido na vespera ; e todas estas imagens em 17 andores, formando extensa e esplendida procissão, vierão para o novo templo.

Em 6 de outubro abrio o novo edificio suas portas aos fieis com a festa da padroeira, havendo missa pontifical celebrada pelo bispo, sermão pelo padre-mestre, pregador regio, Joaquim José da Costa Guimarães, e achando-se presentes as pessoas imperiaes ; de tarde cantou o *Te-Deum* o internuncio monsenhor Domingos Sanguigni, orou o padre João Manoel de Carvalho, e queimou-se um fogo artificial offerecido pelos parochianos.

Concedeu o bispo um anno de indulgencias aos que assistirão á benção do novo sanctuario, e 40 dias nos anniversarios aos que o visitarem, e o internuncio permittio por um breve aos irmãos da Santissima Virgem a faculdade de usarem de uma medalha, tendo de um lado a imagem do orago da parochia, e do outro a custodia, emblema do Sacramento.

Acha-se a igreja matriz da Gloria situada na face occidental da praça, que desde 29 de novembro de 1869 mudou o nome de largo do Machado para o de praça Duque de Caxias.

Uma escadaria de treze degráos de cem palmos de comprimento dá subida para o vestibulo do templo formado por oito columnas de granito de 15 palmos de circumferencia por 46 de altura, com capiteis da mesma pedra, da ordem classica, as quaes sustentão o entablamento sobre o qual está o frontão recto ; tendo nas extremidades as estatuas de S. Pedro e S. Paulo e no apice a cruz. Orna o tympano

um painel em alto relevo, obra do artista hespanhol Francisco Mutido, representando a coroação da Virgem, segundo um quadro que se acha na academia das bellas-artes de Lisboa.

Veem-se no fundo do vestibulo o portico e duas portas lateraes no primeiro pavimento, e no segundo sete janellas quadrangulares com vidraças entre pilastras de pedra correspondentes ás columnas do vestibulo.

Pouco distante do frontão levanta-se a torre com 265 palmos de altura e 50 de largura em cada face terminando em um terrado na altura de 190 palmos, o qual acha-se guarnecido de uma balaustrada de marmore, sustentando nos angulos quatro estatuas, a da religião, fé, esperança e caridade; apresenta doze sineiras para as quaes sobe-se por uma escada de 150 degráos de pedra lavrada, sendo parte em fórma de leque e parte de carocol. No centro do terrado eleva-se o pinaculo em fórma de agulha, tendo na base quatro sineiras. Concluio-se a torre em 1875, e em 11 de julho desse anno collocou-se alli um sino; mas ha a idéa de collocar outros sinos afinados para tocarem por musica.

Nas faces lateraes da igreja contão-se treze janellas quadrangulares no segundo pavimento, e sete janellas rasgadas e duas portas com escadaria de pedra no primeiro pavimento, erguendo-se entre as portas e janellas pilastras de pedra com capiteis da ordem classica. Na face do fundo não ha janellas nem portas. Tem o edificio 113 palmos de argura por 240 de comprimento, e circumda-o um jardim fechado com gradil de ferro.

Quando tratou-se de erguer a igreja opinarão alguns que se empregasse o marmore, outros o granito do paiz, e esta ultima opinião, sustentada por José Clemente Pereira, foi a que prevaleceu.

Encarregado de apresentar o plano da nova igreja o marechal do exercito Francisco José de Souza Soares de Andréa, depois barão de Caçapava, incumbio dessa tarefa aos engenheiros Kohler e Rivière, e em sessão de mesa de 20 de novembro de 1842, exhibio as plantas alta e baixa do edificio, feitas por aquelles engenheiros, as quaes fôrão approvadas com ligeiras modificações relativas ás entradas para o côro e baptisterio ; mas posteriormente fizerão-se novas alterações, resultando talvez disso a irregularidade que se nota na construcção deste monumento.

No interior é outra a architectura que predomina, é o estylo barroco. O tecto da igreja e dos corpos lateraes é de abobada, um pouco abatida, de tijolo tubular, sendo notavel a do corpo da igreja pela largura e comprimento. Ha sete altares, constituindo o do Sacramento uma capella funda, e os ornatos e as imagens do Senhor da Agonia, de S. Boaventura e S. Antonio, que alli estão, pertencerão ao convento de Macacú ; doados pelo provincial dos franciscanos frei Antonio do Coração de Maria, fôrão trazidos para a côrte pelos esforços do padre procurador Joaquim José da Costa Guimarães e do thesoureiro José Baptista Martins de Souza Castellões, que escaparão de ficar esmagados sob as ruinas daquelle antigo convento, quando tratarão de desarmar o altar.

As imagens dos outros altares fôrão feitas no Porto e em Braga, em Portugal, por varios artistas.

Pende do tecto da igreja um lustre de bronze dourado e crystal, com 120 luzes, construido em Pariz. Ha seis tribunas no corpo da igreja, e dous pulpitos arrendados, tendo superiormente uma estatua, e na parte inferior um anjo, e fôrão trabalhados pelo artista Francisco Mutido.

Na parede do arco cruzeiro veem-se dous paineis, e superiormente dous nichos com as estatuas de marmore de S. Lucas e S. João Evangelista, e sobre o arco um painel em alto relevo, representando a Assumpção da Virgem, obra do artista nacional Chaves Pinheiro. O arco que constitue a abertura do côro é acanhado e sem elegancia.

Ha no corpo da igreja uma grade circumdando os altares, e bancos de palhinha para os fieis.

Quatro columnas constituindo um baldaquino encerrão o altar-mór, cuja obra de talha e a dos altares lateraes forão feitas pelo artista nacional Antonio Jacy Monteiro ; no apice do baldaquino eleva-se a estatua de Moyses, e sobre cada columna da frente vê-se um anjo.

E' de marmore a urna do altar, e no lugar em que estão encerradas as reliquias dos santos martyres, ha uma chapa de prata com a seguinte inscripção :

R. P. P. M. de Lacerda
consecravit
A. D.
MDCCCLXXII.

Na capella-mór ha duas tribunas e duas portas, das quaes uma vae ter á casa forte, e a outra á sacristia.

Dous corredores ladrilhados de mosaico de marmore ladeão a igreja; o do lado esquerdo vae ter á capella do Sacramento, e á casa forte, onde guardão-se um rico manto de velludo azul da Senhora das Dôres, um paramento bordado a ouro feito em Pariz, uma ambula de ouro e platina offertada pelo irmão Diogo Andréw, um par de brincos de brilhantes no valor de cinco contos, dado pela irmã vice-provedora D. Anastacia Ubelhart Rodrigues, e outros objectos de valor.

No corredor do lado direito vê-se, na ante-sala que o precede, o baptisterio com um painel do baptismo de Christo, offertado pelo Dr. Joaquim José Teixeira; termina esse corredor na sacristia, e pendentes de uma das paredes lateraes apresenta os retratos dos bemfeitores José Luiz Dias Diniz, D. Francisca Fagundes de Oliveira, José Baptista Martins de Souza Castellões e do vigario encommendado Joaquim José da Costa Guimarães.

José Luiz Dias Diniz, fallecido em 10 de dezembro de 1867, além de muitos donativos pecuniarios, deu a pia baptismal, o frontal do altar-mór e outras alfaias.

D. Francisca Fagundes de Oliveira offertou em 1858 uma lampada de prata e dous alfinetes de topasios, em 1860 um rico pallio, varas, cruz, castiçaes e um conto de réis para um sino; e, fallecendo em 25 de agosto de 1870, legou oito contos de réis para serem applicados em obras, ornatos e alfaias da igreja; á irmandade do Sacramento quatorze apolices de conto de réis para a celebração de 125 missas annualmente por diversas intenções, e para distribuir-se todos annos, na festa do Sacramento, 15 esmolas de 20$000 cada uma por 15 viuvas pobres; mais dez apolices de conto de réis para o dote de 10 meninas pobres, orfãs e honestas, sendo o dote entregue quando se casarem; á repartição da caridade da freguezia da Gloria dez apolices de igual valor para se distribuirem 24 esmolas annualmente de 20$000 cada uma, sendo 12 na quinta feira santa a 12 viuvas pobres, que tenhão filhos menores, e 12 no dia da festividade da Senhora da Gloria por 12 virgens orfãs e pobres; á igreja da Gloria mais 16 apolices para serem exclusivamente empregadas em obras, ornatos ou alfaias da mesma igreja, e á irmandade do Sacramento desta freguezia mais 5 apolices para todos os annos celebrar dous officios solemnes um

por todos os irmãos fallecidos, e o outro por todos os fieis defuntos. Deixou ainda apolices a diversos legatarios com a condição de reverterem á repartição da caridade se fallecerem antes de completar 25 annos, e sem filhos legitimos; tambem concedeu á mesma repartição o rendimento de todas suas apolices do 1º semestre, que se vencesse depois de sua morte. Tem a irmandade cumprido fielmente as imposições desses legados, e creou uma capellania expressa para as missas instituidas por tão caridosa bemfeitora.

Inaugurarão-se os retratos de D. Francisca Fagundes de Oliveira e de José Luiz Dias Diniz em 30 de junho de 1867, e os do padre-mestre Joaquim José da Costa Guimarães e do commendador José Baptista Martins de Souza Castellões em 6 de outubro de 1872.

A sacristia é espaçosa, tem um altar com diversas imagens, um esguicho de marmore feito pela administração da irmandade do Sacramento de 1872, e o pavimento com mosaico de marmore.

Sobre a sacristia, no segundo pavimento, está o consistorio, onde guarda-se um livro chamado de ouro, no qual achão-se inscriptos os nomes dos bemfeitores, que concorrerão com donativos para as obras do templo, havendo-se dispendido com essas obras, desde 1838 até 31 de dezembro de 1872, 555:183$217.

Entre os nomes daquelles que mais se esforçarão pela construcção deste elegante edificio devem-se mencionar o padre Joaquim José da Costa Guimarães e o commendador José Baptista Martins de Souza Castellões. Nomeado procurador da irmandade encarregou-se o padre Guimarães com toda dedicação e actividade da construcção da igreja, da qual era parocho; zeloso e intelligente venceu obstaculos insuperaveis, economisou avultadas quantias dirigindo elle proprio a edificação do templo; o que os outros só podião fazer com muito dispendio, e em muito tempo, elle com perseverança e vontade realizava com muita economia de dinheiro e em breve espaço; ao mesmo tempo que dava o plano para erguer uma pilastra, ou para enfeitar-se um capitel, estendia a mão aos fieis supplicando esmolas, donativos para levantar a casa de Deus. Elle e José Baptista Martins de Souza Castellões só descansarão quando virão erguido o novo sanctuario. Nomeado thesoureiro em 1866 José Baptista Martins de Souza Castellões tornou inexhaurivel o cofre da irmandade, cogitava de dia

para dia em novos meios para obter dinheiro, pedia muito, e colhia muito porque pedia para uma obra de Deus, e por sua solicitude e piedade não só conseguio levantar o templo, senão comprar duas apolices, as primeiras que a irmandade da padroeira possuio, com as sobras dos rendimentos.

Em remuneração dos serviços prestados por esses dous benemeritos irmãos mandou a irmandade tirar-lhes os retratos, inaugurando-os no dia da primeira festividade celebrada na matriz.

Mas se admiramos a intelligencia do digno sacerdote Joaquim José da Costa Guimarães, que apezar de não ter estudos especiaes, incumbio-se de dirigir as obras, julgamos seria melhor que, limitando-se á sua missão evangelica, encarregasse os profissionaes da construcção do novo templo, que talvez não apresentasse os defeitos que encerra ; assim sendo muito abatida a abobada do corpo da igreja em relação a da capella-mór parece o templo acaçapado ; se o exterior é rigorosamente classico, o interior differe desde o mosaico dos pavimentos até os ornatos dos altares ; o primeiro corpo da torre é assaz largo, e o pinaculo em forma de agulha é extranho á architectura estampada na frontaria da igreja; ha, portanto, irregularidades e inconveniencias da arte que, se passão desapercebidas a olhos profanos, são visiveis aos filhos das artes.

Rigida a principio pelo compromisso da irmandade do Sacramento de S. José, nomeou a irmandade do Sacramento desta freguezia, em 2 de agosto de 1835, os irmãos José Clemente Pereira e João Silveira do Pilar para formularem um compromisso, que foi approvado pelos poderes civil e ecclesiastico ; em 1872 foi reformado, e teve approvação dos poderes competentes. Em abril de 1837 o Imperador D. Pedro II aceitou o titulo de protector perpetuo da irmandade.

Possue a irmandade da Senhora da Gloria um predio legado pelo irmão Placido José Sanches, diversas apolices, e administra a repartição da caridade creada por proposta do irmão provedor João Manoel Pereira da Silva que, em seu nome e dos senhores José Machado Coelho, padre Francisco Martins do Monte, Antonio Ferreira Neves, Diogo Andrew, marquezas de Monte-Alegre e de Abrantes, D. Maria Eliza Pereira da Silva e D. Maria Antonia de Bulhões Ribeiro offereceu á irmandade a quantia de 7:616$900, sobra das es-

molas tiradas em favor dos pobres da freguezia, por occasião da epidemia do cholera-morbus, e propoz se comprassem apolices, cuja administração ficasse annexa á mesa da irmandade, para distribuir annualmente os juros em esmolas pelos pobres da freguezia. Aceito o encargo, e compradas as apolices, instituio a irmandade a repartição da caridade, que auxiliada pelo legado da bemfeitora D. Francisca Fagundes de Oliveira, conta já dezoito apolices, e destribue todos os annos esmolas de 3$000 a 25 pobres.

O primeiro sacerdote que parochiou esta freguezia foi o conego Joaquim de Mello Castello Branco, que pouco tempo exerceu essas funcções, sendo substituido pelo vigario collado padre Manoel da Piedade Vallongo, que occupou o beneficio durante dezeseis annos; fallecendo foi escolhido por concurso o padre Marcos Cardoso de Paiva, que como vigario collado dirigio a freguezia por vinte annos, até que em 1873 resignou-a, e recolheu-se á vida privada. Substituio-o como vigario encommendado o padre Joaquim José da Costa Guimarães, que ainda se acha em exercicio, tendo antes occupado cerca de doze annos, com muito zelo religioso e dedicação, o lugar de coadjuctor.

XIII

IGREJA DE S. FRANCISCO DA PENITENCIA

A primeira ordem terceira estabelecida nesta cidade foi a de S. Francisco da Penitencia, fundada pelos noviços da congregação de S. Francisco da cidade de Lisboa, Luiz de Figueiredo e sua mulher Antonia Carneiro.

Dirigindo-se ao padre custodio do convento de Santo Antonio, frei Paulo de Santa Catharina, professarão Figueiredo e sua mulher, em 20 de março de 1619, assistindo a este acto o guardião do convento, frei Bernardino de Santiago, e toda a communidade.

Desejosos de ver instituida nesta cidade a ordem terceira de S. Francisco, á qual pertencião, envidarão Luiz de Figueiredo e sua mulher todos os esforços; gastarão dinheiro, pedirão esmolas, e em pouco tempo edificarão, dentro da igreja do convento dos franciscanos, a capella da Conceição, onde celebrarão a primeira festa do patriarcha da ordem, em 17 de setembro de 1622, sendo nesse mesmo dia eleito ministro da ordem o fervoroso devoto Luiz de Figueiredo.

Durante setenta annos servio a capella da Conceição de igreja á ordem terceira de S. Francisco; mas querendo ter um templo mais vasto, os irmãos terceiros conseguirão em 1653 dos frades franciscanos um terreno ao lado esquerdo da igreja destes, para alli fundarem a sua igreja, obrigando-se a dar a esmola de 50$ ao convento.

Derão principio naquelle anno á construcção do edificio; concluio-se a capella-mór em 1700; em 2 de dezembro de 1702 deu-se começo aos altares lateraes, encarregando-se Gonçalo Ferreira Souto de preparar um altar, com a condição de servir para a imagem de S. Gonçalo, que de feito foi alli collocada; o altar de Santo Ivo foi construido em virtude da verba testamentaria do padre Dr. Francisco da Motta, fallecido em 4 de março de 1704.

Desabando a parede da igreja do lado da rua do Piolho foi reerguida em 22 de janeiro de 1714, incumbindo-se da obra o mestre Paulo Ribeiro ao preço de 5$000 por braça quadrada; no anno seguinte principiou a construcção do paredão, que fórma o adro do templo, o qual importou em 24:000$000; mas em 1716 pararão as obras em consequencia de contendas entre os frades e os terceiros de S. Francisco. Cada dia reclamava o convento uma prerogativa, cada dia querião os irmãos terceiros alcançar uma isenção; já erão os frades que recusavão sanccionar a nomeação da mesa eleita pela ordem, já era a ordem que oppunha-se ás determinações dos prelados do convento; lavrou a intriga, arrebentou a desordem, e houve desunião, formando-se dous partidos entre os irmãos terceiros, dos quaes um defendia os religiosos, e o outro guerreava-os; e dous factos vierão exasperar mais o partido adverso aos frades. Destruirão estes uma parreira, pertencente á ordem dos terceiros, a qual era cuidadosamente conservada por serem então mui raras no Rio de Janeiro, e deixarão morrer sem confissão cinco irmãos terceiros.

Então o partido contrario aos frades, tendo á sua frente Francisco Seixas da Fonseca, abandonou immediatamente a igreja da ordem, e foi estabelecer-se, em 5 de agosto de 1720, em uma ermida de páo a pique, construida na rua do Rosario, para onde conduzio as imagens e as alfaias da casa, e elegeu um sacerdote com o titulo de commissario para celebrar os officios sagrados.

Ficara o outro partido na igreja da ordem, prestando obediencia ao convento; mas essas contendas e desavenças embaraçavão a con-

strucção da igreja; nada podia fazer-se, porque não havia uma vontade, uma lei que guiasse todos; a rivalidade inutilisava todo o esforço nobre, ou qualquer idéa util que appareceu. Felizmente terminou o schisma em 4 de setembro de 1725; sujeitarão-se os dous partidos ao provincial do convento, e foi eleito ministro da ordem o padre Bartholomeu de França.

Em 1726 continuárão as obras da igreja; em 1727 assentou-se, apezar de grande reluctancia dos religiosos, a porta principal do edificio, que ficou concluido em 1772; e no anno seguinte celebrou-se alli a primeira festa das chagas de S. Francisco.

A fachada deste edificio pertence ao gosto barroco; o corpo central, que propriamente constitue o templo, apresenta um elegante portico de marmore, duas janellas no côro, o entablamento sobre o qual ha um oculo ou luneta, e por fim o frontão de fórma caprichosa com a cruz no apice. Tem os corpos lateraes uma porta no primeiro pavimento, e duas janellas no segundo iguaes as do côro.

A talha dourada, que veste a igreja interiormente, é mui elegante; guarda o mesmo estylo de architectura que ha no exterior; foi trabalhada em 1735; e nesse mesmo anno dorou-a o artista Caetano da Costa Coelho, que ajustou essa obra, e a pintura da igreja, por 6:100$000.

A pintura do tecto da capella-mór, assim como a do tecto da igreja, é obra de José de Oliveira, do qual encontrará o leitor, no fim deste capitulo, traços biographicos, assim como do pintor Manoel Dias.

São tambem de José de Oliveira os paineis que vestem todo o interior deste recinto sagrado.

O pavimento da capella-mór e o presbiterio são de marmore; no altar-mór estão as imagens de S. Francisco das Chagas, da Senhora da Conceição, de Santa Isabel e de Santa Rosa. A imagem da Conceição, collocada sobre um globo de prata, foi offertada por um irmão e honra o artista que esculpturou-a.

Em geral as imagens das nossas igrejas não primão em perfeição e belleza, e algumas ha, em que a arte muito teria que notar; as melhores são as antigas; entretanto ha grande utilidade em ornar-se os templos com objectos primorosos de esculptura e pintura que impressionem o christão, e despertem a sua contemplação, e sentimento re-

ligioso. Exalta a imaginação, eleva o nosso pensamento até Deus a obra primorosa do artista, e assim como influe muito sobre a sensação, que deve produzir em nossa alma, a maneira por que é illuminado um corpo, assim tambem os ornatos, as imagens, as estatuas, os paineis, que ornamentão os templos attrahem, despertão-nos veneração, alimentão-nos a fé; em cada linha, em cada contorno, em cada florão de um trabalho artistico lê-se uma idéa, aviva-se um sentimento, e repete-se uma oração; o homem crê, óra, e louva ao Senhor, que deu-lhe a intelligencia, e ensinou-lhe a fazer da madeira e do granito objectos maravilhosos. Vê-se pois, quanto convem enriquecer os templos com maravilhas, que a arte póde produzir; além disto é nos templos que lê-se a historia de um povo, que se aprecia seu sentimento religioso e tambem sua civilisação e moralidade.

Ha na capella-mór um jazigo com uma escada, que desce para um subterraneo, onde existião seis tumulos para os ministros da ordem terceira da Penitencia. Aqui sepultou-se, em 17 de março de 1746 Ignacio da Silva Medella que foi ministro da ordem em 1732 e 1733 e legou-lhe nove predios. Tambem sepultou-se nesta capella-mór um preto chamado o irmão José, que era venerado pelo povo, e chegara a incutir em alguns a idéa de que era santo! Sobre seu sepulcro accendião uma vela, mas o provincial dos franciscanos frei Antonio de S. Bernardo Monção acabou com esse uso contrario aos preceitos da igreja.

A grade, que fecha a capella, é de jacarandá com embutidos de metal, e foi construida em 1742. No arco cruzeiro ha as imagens de S. Domingos e S. Francisco de Assis.

A igreja tem tres altares de cada lado, nos quaes estão as imagens da Senhora das Dôres, de Santa Magdalena, S. Roque, Santo Ivo, S. Vicente Ferrer, e S. Gonçalo. Entre os altares levantão-se as estatuas de S. Lucio, Santa Delphina, S. Roque, S. Luiz, Santa Bona e S. Elisiario.

Debaixo do côro ha lindos retabulos, em um delles lê-se: *o beato Pedro Pictenario filho da 3ª Ordem.*

Em outro:

O Veneravel Tovelo de Castro Pupi da 3ª Ordem.

Dous outros representão a morte de um santo, e S. Lucio e Santa Bona.

No tecto do côro lê-se em um painel :

Santa Margarida de Crotona filha da 3ª ordem.

No outro

Santa Isabel, filha do rei da Hungria e da 3ª Ordem.

No outro :

A veneravel Benevenuta.

Ha ainda outro representando Santa Isabel rainha de Portugal.

A igreja de S. Francisco da Penitencia é pequena, porém a primorosa obra de talha, que ornamenta-lhe as parêdes, dá-lhe um aspecto grave, imponente que impressiona o visitante.

Do lado do evangelho ha um corredor que vae ter á capella do Sacramento, cuja obra de talha foi trabalhada por Antonio de Padua e Castro, e dourada por Antonio da Cunha Pereira ; é um recinto sombrio, silencioso, proprio para a meditação do homem religioso e crente.

Seguindo-se por esse mesmo corredor vae-se ter á capella da Conceição, fundada por Luiz de Figueiredo, e que tanto tempo servio de igreja aos irmãos terceiros ; é dividida da igreja dos franciscanos por uma alta grade de ferro ; guarda em seu recinto o tumulo de marmore do infante de Hespanha D. Pedro Carlos, e junto á porta, que abre communicação com o atrio, tem uma sepultura, onde acredita-se ter sido enterrado Luiz de Figueiredo.

Na igreja do lado da epistola ha a porta que vae para a sacristia, que é espaçosa, com retabulos no tecto e ornada de tres altares, dous na parte anterior, e um lateral ; ha uma ante-sacristia, onde veem-se um painel representando um pontifice a beijar o pé de São Francisco, e dous retratos pintados pelo artista João Maximiano Mafra em 1868 ; um é o retrato do bemfeitor Medella, e o outro o do bemfeitor padre Francisco da Motta que, fallecendo em 4 de março de 1704, deixou á ordem grande patrimonio, constante de 25 braças de terreno na rua dos Ourives, onde edificarão-se dez propriedades, as da rua das Violas 87 e 89, as da rua dos Ourives, ns. 138 a 152, o trapiche, que existia onde se acha o actual, e que foi demolido em 1710 por ordem do governador, para alli se não fortificarem os Francezes, e mais doze casas, seis terreas e quatro de meia agua, cobertas de telhas e duas de sapé, e alguns escravos e terrenos na Prainha.

Os principaes encargos desta herança fôrão edificar na igreja da ordem um altar a Santo Ivo, doutor, e celebrar 600 missas annualmente, 500 por alma do testador, 50 por alma de sua mãi e 50 por alma de seu irmão Manoel da Motta; o que a ordem até hoje tem cnmprido.

Reedeficado o trapiche pela ordem foi arrendado em 1713 por 500$000 por anno, e hoje rende mais de 78:000$000 annualmente, constituindo por si só quasi um terço da renda total do patrimonio da ordem terceira.

Devia a ordem prestar uma homenagem publica a tão generoso bemfeitor; mas corrêrão 164 annos sem nada fazer-se em memoria daquelle, que enriquecêra a instituição, em que se alistára como irmão terceiro, de sorte que, quando incumbirão ao artista de pintar o retrato do bemfazejo padre, idéou o pintor um semblante, porque do reverendo Dr. Francisco da Motta nada existia,... senão a avultada herança deixada a seus irmãos confrades.... Havia na sacristia dous paineis pintados por Manoel Dias: um descrevia o nascimento de S. Francisco, o outro mostrava este santo recebendo as chagas. Sobre a sacristia está o consistorio, onde ergue-se um grande altar; fôrão estes edificios edificados em 1735, e concluidos em 1747; no primeiro pavimento tem uma porta e oito janellas, e no segundo nove janellas, que abrem para um terrado ornado de grades de ferro, e construido sobre arcarias de pedra.

Da sacristia estende-se um passadiço, que communica com a casa dos irmãos sacristães, e com as catacumbas, que começadas a construir em 22 de março de 1814 fôrão embargadas pelo convento, do que proveio uma demanda que durou até 24 de abril de 1824, continuando então a obra que ficou concluida em 1840; vê-se alli uma capella edificada pelo mestre pedreiro Francisco Pereira de Santa Anna. Prohibidos os enterramentos na cidade cuidou a ordem em fundar um cemiterio, comprando por 45:000$000 um terreno em 18 de julho de 1857, na chacara do Morundú, na praia de São Christovão. Construio um cemiterio provisorio, que servio durante dez annos, mas em 9 de julho de 1871 lançou a pedra fundamental do novo cemiterio e capella; assistindo a este acto o bispo D. Pedro de Lacerda, diversos sacerdotes e irmãos terceiros; e actualmente proseguem as obras com actividade sendo já elevada a quantia que se tem despendido.

Outr'ora os individuos que fallecião erão amortalhados em habitos franciscanos, que vendião-se no convento a 4$000 e 6$000 cada um ; mas reclamarão contra esse uso os irmãos da Penitencia, desejando ser amortalhados em seus proprios habitos, do que resultou uma contenda com os frades a qual terminou em 1813.

Grande luta travou-se tambem entre a ordem e o convento por causa da torre da igreja ; quizerão os irmãos terceiros construir uma torre, mas oppuzerão-se os frades ; appellarão aquelles para Roma, d'onde viérão tres breves permittindo a edificação ; ainda assim recalcitrarão os frades allegando que, por se achar a igreja dos terceiros em um monte alto e batido pelos ventos, era perigosa a construcção de uma torre ; e só depois de cinco annos de contendas, assignárão os monges e os irmãos da Penitencia um convenio, pelo qual obrigárão-se os franciscanos a fazer no seu campanario os dobres funebres e festivos de que precisasse a ordem, que teria de concorrer com a metade do custo dos sinos novos, ou do concerto delles, e de sua collocação ; e ainda subsiste semelhante convenio, não tendo a igreja dos terceiros torre ; mas ha uma escada cochleada de granito, que vae ter ao côro da igreja, a qual consta ter sido feita quando houve a idéa de levantar-se o campanario.

O atrio da igreja tem o pavimento coberto de mosaico de marmore, e entre essa igreja e a do convento ha um muro com um portão.

Da ordem da Penitencia sahia annualmente a procissão de Cinza, instituida em 1647, constando a principio de 20 andores, depois de 15 e por fim de 10.

Conta-se que em 1798 choveu tanto no dia da procissão, que diversos andores tivérão de recolher-se ás igrejas da Cruz e da Candelaria, ficando o Santo Lenho no oratorio de D. Joanna Maria, na rua dos Pescadores ; alguns andores regressárão para a igreja inteiramente damnificados, mas o ministro Manoel José da Costa Rego mandou reformal-os e preparar novas imagens para a procissão.

Sendo ministro Manoel José Gonçalves Machado Junior em 1861 escreveu em seu relatorio o seguinte :

« As procissões são infelizmente, nesta época de impiedade e materialismo, motivo e occasião para actos de revoltante irreverencia e de escandalosa immoralidade da parte de muitos, que assistem ao

solemne transito das imagens, por distracção e divertimento, e como se presenciassem o mais commum e profano espectaculo, e da parte de alguns devotos, que as acompanhão, scenas burlescas; e ao recolherem-se alarido, tumulto, confusão e desordem, que já tem sido mister çohibir com a presença de força armada, o que offende a Deus, aflige, vexa e indigna os verdadeiros penitentes. »

Desde então supprimio-se esta procissão que era de todas, que se fazião na cidade, a mais apparatosa, e que mais concurrencia attrahia.

Em outras épocas era tão ardente o sentimento religioso, que em todas as casas rezava-se a noite o terço, nas esquinas das ruas e praças erguião-se oratorios, diante dos quaes orava o povo quotidianamente com fervor e fé; a religião dominava; os templos vivião abertos; de quasi todos sahião procissões, e esses actos e as solemnidades do culto atrahião respeito e veneração, e despertavão contricção e penitencia. Mas hoje mudados andão os custumes, deminuio a crença, apagou-se a fé que avivava a credulidade de nossos pais, e assim já não podem as procissões produzir os resultados beneficos de outrora.

A ordem da Penitencia tem o seu hospital no largo da Carioca, erigido em virtude da provisão, com faculdade regia, de 12 de março de 1720, alcançada pelo ministro da ordem, o provedor da fazenda real, Francisco Cordovil de Siqueira e Mello.

Em 27 de março de 1748 resolveu-se dar começo a obra, e nesse mesmo anno, em 14 de maio, benzeu o bispo D. frei Antonio do Desterro a pedra fundamental, a qual foi conduzida ao seu lugar pelo tenente-general Gomes Freire de Andrade ouvidor, Dr. Francisco Antonio Berquó da Silveira Pereira, juiz de Fóra Dr. Luiz Antonio Rosado da Cunha, e mestre de campo Mathias Coelho de Souza; parte do terreno do hospital foi comprado por um conto de reis, e deu o risco para a obra o mestre Aseitão.

Em 1745 o irmão Antonio da Silva Pinheiro legara á ordem, para ser applicada ao tratamento dos pobres do hospital, quando o houvesse, a quantia de 2:400$000 e mais a 6ª parte dos remanescentes de seus bens, que produzio quantia maior de seis contos, recebida pela ordem em 1750, sendo os juros applicados, em quanto se não abrisse o hospital, no dote de uma orfã. Ainda não lembrou-se

a ordem de prestar um tributo á memoria desse irmão, que foi o primeiro que beneficiou o hospital, que abrio-se em 12 de abril de 1763.

Fôrão alli recebidas as recolhidas do Parto, quando deu-se o incendio deste edificio em 24 de agosto de 1789.

Em 4 de dezembro de 1794 fôrão presos, por ordem do conde de Rezende, Marianno José Pereira da Fonseca, depois marquez de Maricá e outros individuos, sendo alguns delles recolhidos ao hospital da ordem da Penitencia.

Havendo difficuldade em 1808 em organizar-se um hospital de marinha, a ordem da Penitencia offereceu 50 leitos para os individuos da armada, o que o ministro do reino, conde de Linhares, agradeceu em nome do rei, em aviso de 22 de abril do mesmo anno.

Os criados da casa real tiverão neste hospital uma enfermaria.

Este edificio, que ha soffrido diversas modificações, exterior e interiormente, é quandrangular e de tres pavimentos ; a face, que olha para o largo da Carioca tem quatorze portas de arcada no primeiro pavimento, igual numero de janellas de peitoril no segundo e outras tantas de sacada no terceiro ; um attico coroa o edificio

O portão da entrada ao lado direito do edificio, proximo ao chafariz da Carioca, apresenta duas pilastras de granito, que sustentão as estatuas de marmore da fé e da caridade, com dez palmos de altura ; entra-se em um pateo lageado de pedra onde houve um cemiterio ; dahi principia uma escada de cantaria dividida em dous lanços, com grades de ferro, e pilastras de pedra ornadas de pinhas de marmore ; em frente á porta do hospital estende-se segunda escada dividida tambem em dous lanços, a qual vae ter á ladeira do convento.

Produziria bella e agradavel perspectiva se a escada, que começa no portão, se prolongasse em linha recta até o atrio da igreja.

Do lado direito da escadaria ha um jardim, cujo portão é ornado com duas estatuas, que estiverão outrora no antigo portão da entrada, o qual era pequeno e estreito, tendo sido construido em 1762, anno em que os frades permittirão que se rasgasse o muro alli existente.

Veem-se nas pilastras do jardim, do lado da escada, os 12 apostolos, trabalhados em marmore, 16 vasos de marmore, e, em um taboleiro superior, a casa de banhos frios e de chuva para os doentes do hospital. As estatuas, vasos e pinhas de marmore de que temos fallado importarão em 1860 em 4:350$000.

Antes de transpor a porta dessa casa de caridade devemos fixar a vista em uma columna levantada aos fuudadores da ordem da Penitencia.

Em 22 de junho de 1874 deliberará essa ordem erguer um monumento aos fundadores Luiz de Figueiredo e sua mulher D. Antonia Carneiro: e approvada essa deliberação em 3 de julho, mandou-se fazer a obra que foi solemnemente inaugurada em 9 de julho de 1876. Nesse dia achando-se presentes as commissões das ordens terceiras de S. Francisco de Paula, Terço, Carmo, Conceição, e Boa Morte, das sociedades portuguezas de Beneficencia e Caixa de Socorros D.Pedro V.,os ministros da fazenda e da marinha e outras pessoas gradas,celebrou-se um memento por alma d'aquelles fundadores,e findo esse acto pegarão nos cordões pendentes do véo que encubria o monumento quatro ministros jubilados da ordem;o actual ministro pronunciou uma allocução, e feita a leitura do acto da inauguração cahio o véo e ficou patente o monumento, que commemora a gratidão da ordem para com seus fundadores. A columna é de marmore branco de Lisboa; e nas quatro faces do pedestal leem-se as seguintes inscripções:

« A' memoria de Luiz de Figueiredo e sua mulher D. Antonia Carneiro. Fundadores da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia no Rio de Janeiro em 1619 ».

« Merecido reconhecimento a tão distintos missionarios da religião e da caridade. »

« Deliberação de 22 de de Junho de 1874, sanccionada em 3 de Julho do mesmo anno. »

« Inaugurada pela administração de 1875 a 1876. »

Durante a ceremonia uma banda de musica executou variadas peças e foi numerosa a concurrrencia do povo.

Interiormente é o hospital mui espaçoso ; outr'ora tinha enfermarias rasgadas, mas hoje é dividido em 50 quartos, que podem accommodar 100 doentes,tem duas capellas : a mortuaria e a em que os doentes ouvem missa, a sala de respeito com os retratos em corpo inteiro de SS. MM., feitos em 1858 pelo artista A. da Motta ; a sala de operações com um arsenal cirurgico, duas boticas, sala de arrecadação, da secretaria, sala principal com o retrato do visconde de S. Salvador de Matosinhos, que occupou durante annos o cargo de ministro da ordem ; uma bibliotheca para recreio dos doentes, uma

enfermaria para irmãs pobres da ordem, inaugurada em 15 de setembro de 1872; no centro um jardim com esguicho de marmore, e na parte posterior uma grande horta que se estende pelo morro.

Além do tratamento allopathico, emprega-se a homœopathia, que foi introduzida em 28 de outubro de 1858 por proposta de 25 de agosto dos irmãos Manoel José Gonçalves Machado Junior, e Ferreira Leite Guimarães. O hospital está estabelecido no segundo e terceiro pavimentos do edificio, servindo o primeiro de moradia de diversos individuos.

O patrimonio da ordem consta de 169 predios, inclusive o trapiche chamado da ordem, na rua da Saude, entre as do Escorrega e Velha de S. Francisco, e de 40 apolices.

No tempo do conde de Rezente esteve a ordem ameaçada de soffrer grande prejuizo, porque esse vice-rei enviou, em nome da rainha, um aviso para os irmãos terceiros venderem seus predios; lastimarão-se elles, mas sendo forçoso obedecer, tratarão de avaliar os predios, se não esquecendo, porém, de implorar a protecção da rainha, ao mesmo tempo que offerecião 4:000$000 ao Estado. Avaliadas as casas e postas em praça não houve quem as arrematasse, retirando-se o juiz, escrivão e pregoeiro sem nada haverem feito; foi correndo o tempo, vierão outros vice-reis até que, em outubro de 1800, chegou de Lisboa a noticia de que tinhão sido aceitos os 4:000$000, e podia a ordem conservar seus predios!

Já que estamos fallando desta questão vem de molde o conflicto, que appareceu nesta corporação em maio de 1864.

Uma parte dos membros que compunha a administração precisou da acta de uma das sessões da mesa e requereu-a, não ao irmão ministro, mas ao juiz da provedoria, em razão de dissidencias antigas; mandou o juiz intimar o irmão para em 24 horas dar a certidão pedida; este, porém, respondeu que ainda não lhe tendo sido requerida tal certidão pelas partes interessadas, não a daria por uma intimação, que reputava illegal.

O juiz repetio a intimação mas continuou a recusa, e o resultado foi proceder-se ao arrombamento da porta da secretaria para desta tirar-se o respectivo livro, que ahi não estava, mas em casa do secretario. Levantou-se grande discussão pela imprensa sendo publicado o seguinte soneto:

Ruge a tormenta nos jornaes do dia,
Desaba a *penitencia* desta feita,
Todo o bichinho a rabiscar se ageita,
E soffra a gente tal sensaboria !

Em disputar a posse da fatia,
A turba dos carolas se deleita,
E não ha, justos ceos, não ha receita
Qne ponha um termo a tão feroz mania.

Razão tem o juiz e a commissão,
A maioria com a razão se abraça,
Tem razão o servente e o hortelão ;

E para digno fim ter a chalaça,
Levará S. Francisco a demissão,
Irá pedir esmolas a quem passa.

E' de lastimar que em uma corporação religiosa, digna de respeito, dêem-se desavenças e contendas semelhantes.

Propoz o irmão Manoel José Gonçalves Machado Junior em 10 de dezembro de 1860 que se elevasse a 12$000 a menor esmola, que a ordem tivesse de conceder ao irmão, que cahisse em pobreza, e assim se decidio.

Em 1874 a ordem concedeu esmolas a 406 irmãos pobres, e os soccorros prestados a todos os irmãos quer em esmolas, e em curativo no hospital, quer em suffragios e enterramentos absorverão naquelle anno a somma de 115:443$478. No mesmo anno importou a receita em 349:943$903 e a despeza em 339:117$932.

Pertence á ordem da Penitencia a capella de S. Francisco da Prainha, construida em virtude da resolução da mesa de 4 de novembro de 1738, para facilitar aos moradores da Prainha os soccorros espirituaes, e augmentar o valor do patrimonio da corporação naquelle bairro.

Esta capella edificada no morro da Conceição, em frente ao trapiche da Ordem, substituio a que alli existio, e foi demolida com o trapiche em 1710, por ordem do governador para prevenir que os Francezes desembarcando se fortificasssem nessa posição.

Ficou concluida em 1740; exteriormente não tem architectura, apresenta o portico, para o qual se sobe por tres degraos, duas janellas no côro com vidraças, um oculo ou luneta no tympano e o frontão recto.

E' no interior despida de ornatos e tem tres altares; no maior está, á bocca do throno, a imagem de S. Francisco, no alto a do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, e lateralmente as de S. Lucio e Santa Bona, os Bem-Casados. Nos altares lateraes, junto ao arco cruzeiro, estão as imagens da Conceição e da Senhora da Bonança, tendo sido esta ultima imagem retirada de um oratorio, que havia na rua de S. Bento esquina da da Prainha.

Esses altares ficarão concluidos em 1834, sendo o do lado da epistola levantado pelo irmão vice-ministro Antonio José da Cruz Rangel.

A sacristia fica ao lado direito; tem um altar e dous lindos retabulos, e sobre esta parte da capella está o campanario. O padre Antonio Antunes Pita eleito pela ordem em 1741 foi o primeiro capellão desta capella, a qual fica isolada das casas visinhas e é mui ingreme a ladeira que lhe dá subida.

JOSÉ DE OLIVEIRA

José de Oliveira era natural desta cidade, mas não se sabe o dia do seu nascimento, nem o de sua morte !

Foi o primeiro pintor nacional que tornou-se notavel no Rio de Janeiro, e assim deve ser considerado chefe da escóla fluminense de pintura.

Ornou a casa das armas da fortaleza da Conceição, mas a broxa do caiador destruio a obra do artista ; decorou a sala das audiencias do palacio de Bobadella, pintura que muitos annos depois foi substituida por uma allegoria de Manoel da Costa.

E' de José de Oliveira o painel que orna o tecto da capella-mór da Capella Imperial, representando a Virgem do Carmelo ; no tempo da reforma dos carmelitas escusarão-se os mais habeis artistas retocar esse painel, mas descobrirão os frades um caiador que destruio a pintura ; no tempo do rei D. João encarregarão ao pintor Raymundo da Costa de retocar o quadro, e elle executou semelhante trabalho, do qual até então se recusára.

A pintura do tecto da igreja da Penitencia representa a apotheose do patriarcha da ordem e está hoje inteiramente estragada, porque nem um pintor ha ousado incumbir-se de sua restauração.

Procedendo-se a um concerto na igreja ha mais de 70 annos, pedio o empreteiro da obra João Antonio Turco, ao pintor José Gonçalves, o aleijadinho, que retocasse aquella tela ; mas parece que este artista só restaurou alguns quadros da capella-mór.

« A sciencia de perspectiva, a valentia do claro escuro, e uma riqueza de imaginação poetica, diz o artista Porto-Alegre, fórmão o apanagio daquella grande obra ».

Os retabulos, que estão debaixo do côro fôrão restaurados ha annos pelo artista Narciso da Silva Coelho.

Deixou José de Oliveira um discipulo, que foi bom pintor scenographo, chamado João Francisco Muzzi.

MANOEL DIAS DE OLIVEIRA

Manoel Dias nasceu na villa de Macacú no meiado do seculo passado ; os annos da infancia corrêrão para elle no lugar de seu nascimento; mas, apenas moço, veio para o Rio de Janeiro aprender a arte de ourives, e então enthusiasmárão-no as pinturas de Leandro Joaquim e de outros artistas, de sorte que, dedicando-se pouco a arte de ourives, procurou estudar o dêsenho, e esforçou-se por ir a Lisbôa para ouvir as lições dos bons pintores. Alcançando a protecção de um negociante, para o qual fizera diversas obras de prata, dirigio-se com elle á cidade do Porto ; porém logo depois falleceu o seu protector, e sem amparo ficou o artista, que vio-se obrigado a servir de criado de outro negociante, que estivéra no Brazil.

Levado por seu amo a Lisbôa conseguio a amizade do Maniqui, pôde ir estudar na casa Pia, e matriculou-se na academia do Castello.

Rapidos fôrão seus progressos e por isso foi o escolhido para estudar em Roma, onde teve por mestre o artista Pompeo Battoni, principe da academia de S. Lucas.

Em consequencia da invasão franceza deixou Roma e foi para Genova, onde vio-se em extrema miseria.

Voltando a Portugal obteve ser nomeado professor régio de dejsenho e pintura na cidade do Rio de Janeiro, cargo que exerceu até ubilar-se.

Estabeleceu em sua casa, emfrente á igreja do Hospicio, a aula do nú, que era frequentada pelos poucos artistas, que então havia ; e fez diversos trabalhos notaveis, que quasi todos se hão perdido ; assim um quadro representando a caridade, pertencente á

galeria de Manoel José Pereira Maia ; diversos retratos, paisagens, flôres e bosquejos de factos historicos e allegoricos ; um delles representava o nascimento de D. Maria II de Portugal, o outro era allegorico á morte da imperatriz D. Maria Leopoldina ; pintou um painel para a varanda da coroação de D. João VI, uma Senhora Santa Anna, que se guardava na casa da moeda, a qual foi retocada por outro pintor, conservando apenas do original a idéa da composição, uma Senhora da Conceição, que está na academia das bellas-artes, e uma cabeça de S. Paulo em chapa de marfim, trabalho admiravel pelo desenho e pelo colorido.

Manoel Dias de Oliveira era appellidado o romano ; calvo, de estatura regular, pai de numerosa familia, homem de excellentes qualidades, de caracter independente, prezava e respeitava sua arte; pelo que muito padeceu naquelles tempos de tanta indifferença e desprezo pelos artistas.

Em 1831 retirou-se para Campos, onde abrio um collegio para poder viver, e . . . lá findou seus dias.

Deixou bons discipulos entre outros Manoel José Gentil retratista e naturalista, e Francisco Pedro do Amaral pintor de decoração.

XIV

IGREJA DO CARMO

Reunidos, em 19 de julho de 1648, em um dos salões do convento do Carmo, alguns irmãos terceiros desta ordem, professos em Portugal, deliberárão fundar no Rio de Janeiro uma confraria semelhante.

Fizerão no mesmo dia a eleição dos irmãos da mesa, sendo eleito prior o Dr. Balthazar de Castilho Andrade, sub-prior o vigario da Candelaria João Manoel de Mello, secretario André da Rosa, commissario frei Ignacio da Purificação e zelador Francisco Nunes.

Procedeu-se em 16 de outubro de 1649 á eleição da priora, qno fôi D. Ignez Henriques, sub-priora D. Maria do Nascimento, e mestra de noviças D. Maria da Fonseca.

Instituida a ordem, estabeleceu-se uma missa em todos os dias de festa de Nossa Senhora, outra aos domingos pelos irmãos vivos e defuntos, 15 pelo irmão fallecido, que, sendo pobre, devia ser enterrado á custa da ordem; e no dia de S. Thomé um officio por todos os irmãos fallecidos.

Exercião os terceiros o seu culto na igreja do convento, mas em 1661 a prior João Dias da Costa determinou edificar uma capella, no fundo da igreja do mosteiro, dentro da cerca dos religiosos, sem com-

municação exterior ; de feito em 30 de novembro daquelle anno se passárão os terceiros para a sua ermida denominada capella da Paixão de Christo, a qual ficou concluida em 1669.

Sendo pequena a ermida para a celebração da via-sacra e passos do Senhor, impetrou a ordem terceira licença aos religiosos para construir no claustro oito capellas, quatro de cada lado, as quaes communicarião com a ermida, tendo cada uma duas chaves, uma para ser guardada pelo irmão vigario do culto divino, e a outra pelo prior do convento. Lavrou-se deste contracto uma escriptura em 5 de dezembro de 1692.

Vê-se que estava então a ordem inteiramente sujeita ao convento e nada podia obter sem o beneplacito dos frades. Além destes quiz o bispo tambem ter jurisdicção parochial sobre a ordem terceira, mas o breve de 30 de agosto de 1727 confirmou-lhe seus direitos e isenções.

Augmentado o patrimonio da ordem, e o numero dos irmãos, pensou em 1749 o prior Gonçalo Gonçalves Chaves (1) em edificar uma capella mais vasta e elegante com frente para a rua Direita ; mas decorrerão tres annos, e era prior Pedro da Rocha, quando, em 28 de janeiro de 1752, reunirão-se os irmãos e resolverão dar começo a obra ; tres dias depois obtiverão a provisão do bispo D. frei Antonio do Desterro para a edificação da igreja, e em 11 de setembro, dirigindo-se a Portugal o procurador da ordem Pedro Corrêa Lima, incumbirão-o de encommendar em Lisboa a cantaria de marmore para o templo, levando consigo quatro mil cruzados, e sendo-lhe mais tarde remettidas outras sommas.

Convocando mesa conjuncta no anno seguinte ponderou o prior Manoel Pires Fernandes que se não devia approvar o que fizera a administração anterior, não só por não se haver obtido do bispo a isenção do ordinario na provisão da edificação da igreja, senão por estar a ordem onerada com a divida de vinte e cinco mil cruzados ; e assim se decidio. Mas houve protestos e contra-protestos entre os irmãos terceiros, dos quaes uns erão contra a edificação do templo,

(1) Foi este prior, que doou á ordem um terreno no largo da Carioca, o qual foi cedido pelo preço da avaliação á ordem da Penitencia para a edificação de seu hospital.

outros clamavão pela necessidade da obra; e havendo 306 irmãos concorrido com o melhor de vinte mil cruzados, alem das promessas de pedra, cal e trabalho, resolveu-se, em sessão de mesa de 5 de maio de 1754, construir a igreja.

De feito em 16 de julho de 1755, em que a igreja reza da Senhora do Carmo, reunida a ordem com os frades carmilitas, os desembargadores e outras pessoas da nobreza, dirigio-se ao lugar, onde devia ser lançada a pedra fundamental, dentro da qual collocou-se um pergaminho em latim, encerrado em um coîre de chumbo, o qual declarava os nomes do papa, do monarcha portuguez, do bispo do Rio de Janeiro, do governador geral do estado do Brazil, do provincial e prior do convento, do prior da ordem e membros da mesa; e benzida a pedra pelo provincial frei Francisco de Santa Maria Quintanilha foi levada em um andôr carregado pelo governador das armas José Antonio Freire de Andrade, o desembargador chanceller João Soares Tavares, o governador da justiça, desembargador superintendente geral João Alvares Simões, e provedor da fazenda real Francisco Cordovil de Mello e Menezes até o arco cruzeiro; erão prateados o martello e a colher que servirão no acto, e cobrirão com cal a pedra o mestre da obra João Duarte, o mestre canteiro José da Maya e Diogo Luiz.

Demolira a ordem alguns predios seus, comprara, para demolir, outros, afim de obter terreno para a construcção de sua igreja, e fechara um becco obrigando-se a abrir outro ao lado esquerdo do templo, porém tinha um máo vizinho, que encarava com ciume a construcção do novo templo, e já se receiava podesse-lhe escapar a autoridade absoluta que fazia pesar sobre aquella corporação; era o convento, e sob o pretexto de que a obra dos terceiros damnificava-lhe a igreja e prejudicava-lhe uma das janellas do côro, embargou-a em 1755. Abrio-se um pleito, ferveu uma demanda, que só terminou em 1760, pelos esforços do conde de Bobadella, que insinuou aos irmãos terceiros para offerecerem aos frades tres mil cruzados, desistindo elles do embargo. Aceitarão os religiosos a offerta, e de harmonia com os terceiros forão assistir, em 14 de janeiro de 1761, ao benzimento do medalhão de marmore que ornamenta o portico da igreja destes.

A obra do templo progredia, em quanto os frades vião sua igreja arruinada, derruida pelos annos; e calculando que indo celebrar na igreja dos terceiros podião a todo tempo apossar-se della, impetrarão em 1763 a graça de praticarem alli os officios divinos; receiando-se, porém, a ordem de tão ambiciosos companheiros, negou a licença; todavia para não descontentar aos religiosos offertou-lhes 8,000 cruzados para a reedificação de seu templo.

Trabalhava-se no adro e na collocação da porta, que olha para o becco dos Barbeiros, quando o senado da camara embargou a obra por exceder o adro dous palmos sobre a serventia do becco ficando este mais estreito do que aquelle que a ordem inutilizara para construir o seu templo; esforçou-se a ordem terceira para levantar o embargo, porém não conseguio senão depois de permittir que na chacara que pertencia-lhe, a qual estendia-se desde a rua chamada hoje do Visconde do Rio-Branco até a do Senhor dos Passos, e da praça da Constituição á da Acclamação, se abrissem as ruas, que alli existem.

Estando concluidas as obras mais urgentes da igreja, resolveu a ordem manifestar sua gratidão ao mestre da construcção Manoel Alves Setuval enviando-lhe em 1768 o titulo de irmão terceiro, e o habito, e isentando-o de pagar annuaes, e ao contra-mestre Luiz da Fonseca um corte de vestido de fazenda de lã honesta, um chapéo fino e um par de meias de seda.

Contractou no mesmo anno com o mestre Luiz da Fonseca Rosa a obra de talha, que veste o interior do edificio.

Em 11 de julho de 1770 o provincial dos Carmelitas frei Innocencio do Desterro Barros benzeu a nova igreja e no dia seguinte celebrou a primeira missa; no dia 22 trasladarão-se as imagens em solemne procissão, á qual assistirão os frades carmelitas, benedictinos, franciscanos, diversos conegos, desembargadores, outras pessoas de jerarchia e muito povo.

Estavão as ruas alcatifadas de folhas e flores, as portas e janellas ornadas com cortinas e colchas, e ao sahir ao entrar da procissão e salvarão os navios e duas náos inglezas, que ancoravão no porto.

Apparecerão quatro andores da Senhora do Amor Divino, de Santa Thereza, de Santo Elias e da Senhora do Carmo; o provincial dos carmelitas levava o Sacramento sob o pallio; havia deseseis anjos,

e junto á casa da irmã priora, D. Angela da Silveira Pereira, um lindo coreto preparado á sua custa. Seguirão-se tres dias de festas, ás quaes assistirão o vice-rei e muitas pessoas da nobreza; e no primeiro dia orou frei Antonio Gonçalves Cruz, no segundo frei Francisco Timotheo de Santa Thereza, e no terceiro frei João dos Santos Coronel. O bispo não compareceu por achar-se doente, mas concedeu quarenta dias de indulgencia, a quem acompanhasse a procissão, e quarenta dias a quem assistisse e visitasse a igreja no triduo da festividade. Em todas as tres noites houve luminarias pela cidade, fogueiras, e fogos de artificio.

Despendera a ordem 91:088$995 com a construcção do templo; e despida de recursos, resolveu parar com a obra, em 4 de setembro de 1770.

Tinhão-se levantado as torres até o entablamento, e ainda não tendo sinos, servião-se os terceiros dos sinos dos religiosos; mas vindo para o Brazil a familia real, e transformado em palacio o convento, e em capella real a igreja dos frades, fizerão os irmãos do Carmo em 1810 um campanario de madeira, na torre do lado do evangelho, para collocarem os sinos, que comprarão.

Recomeçando em 1814 a obra das torres, ficou concluida a do lado da epistola até a abertura dos sinos; e sendo prior em 1845 João Baptista Lopes Gonçalves agenciou uma subscripção entre os irmãos da ordem, concorreu elle só com 4:000$000, offereceu um risco feito por Manoel Joaquim de Mello Côrte Real, e dando começo a obra em 16 de julho de 1847, vio concluida uma das torres em 14 de outubro de 1849, e a outra em 14 de outubro de 1850. Despendera a ordem nesta construcção 111:553$890, dos quaes 42:264$126 obtivera por subscripção.

Em 1816 encommendara para Londres o gradil de ferro, que cerca o adro, o qual importara em 1:764$100.

Ergue-se a igreja do Carmo no principio da rua Direita, hoje Primeiro de Março, e separa-a da Capella Imperial um corredor fechado por dous portões, que estabelecem communicação entre as ruas Direita e do Carmo, e do lado esquerdo corre o becco dos Barbeiros, que tambem vae de uma rua á outra.

Tem o atrio quatro degráos de pedra, é cercado com gradil de ferro, que substituio o de madeira, que alli houve, entre pilastras de

granito, as quaes forão removidas para a calçada junto ao atrio, onde ainda se achão.

A frontaria da igreja, de estylo barroco, apresenta um corpo central mais saliente, dividido das torres por um grupo de duas pilastras de ordem jonica, que sustentão o entablamento; o frontão é curvilineo, tem no vertice uma cruz metallica, e no tympano o mostrador de um relogio. O portico é de marmore, sustenta na parte superior um emblema de primorosa execução, representando a Senhora do Carmo; e igual trabalho, porem em menor dimensão, ornamenta a porta, que abre-se para o becco dos Barbeiros; tem portadas de marmore as tres janellas do côro.

Os pinaculos das torres, de forma espherica, cobertos de azulejo azul, não parecem estar em harmonia com o gosto architectonico, que predomina no templo, cujo telhado é circundado de um extenso e elegante terraço.

A cor escura do granito que reveste toda a fachada denuncia o perpassar de 120 annos, que conta este edificio.

E' de estylo barroco e mui primorosa a obra de talha, que aformosea o interior. Ha sete altares que commemorão os passos da paixão de Christo e forão esculpturadas por Pedro Luiz da Cunha as imagens que elles guardão.

Quando gessou-se a igreja do Carmo pela primeira vez, um padre irmão da ordem, incumbio-se de mandar dourar os altares; mas para ficar occulto este serviço, exigio que o artista Bonifacio José da Trindade, encarregado da obra, o não revelasse, sob pena de perder metade da quantia pela qual ajustasse o trabalho, ficando este incompleto. Em quanto o padre viveu cumprio o artista sua palavra; mas fallecendo o padre declarou á ordem que convinha rezar uma missa pela alma de Paulo Mascarenhas Coutinho, que encarregara-se de pagar o douramento dos altares.

Paulo Mascarenhas, natural do Rio de Janeiro, bacharel formado, foi parocho em Minas; em 25 de dezembro de 1748 tomou posse da segunda cadeira de meia prebenda da creação da sé; foi examinador synodal, commissario do santo officio e da bulla da cruzada, e falleceu em 29 de junho de 178[illegible], sepultando-se na capella mór da igreja do Carmo.

Em 1854 o prior João Teixeira Bastos mandou gessar e dourar o templo, e vestir de talha as pilastras que separão os altares, in-

cumbindo deste trabalho ao artista Antonio de Padua e Castro, que harmonisou a sua obra com a antiga. Sobre o arco cruzeiro ha um lindo trabalho de esculptura colorido, e em frente de cada altar uma lampada de prata, que conserva-se sempre accesa, em virtude de um legado de Francisco de Souza Pinto, fallecido em 19 de janeiro de 1788.

E' elegante o orgão, e concertando-o, ha muitos annos, addicionou-lhe Antonio José dous anjos, que tocavão cornetas, e dous que tocavão campainhas e ferrinhos; mas ha muito que supprimio-se esta orchestra de anjinhos.

Tem o corpo da igreja quatro portas de jacarandá com portadas de marmore, e duas na capella-mór, que é dividida do templo por uma linda grade de jacarandá. O presbiterio e o pavimento desta capella são de marmore; recebe luz de uma clara-boia que, ornada a principio com obra de talha, depois com uma pintura do artista brazileiro Bernardino de Sá Ferreira, tem actualmente enfeites de gesso, que, além de improprios em semelhante lugar, não guardão harmonia com os outros ornatos da igreja. Em 178 collocou-se no altar-mór o Senhor Crucificado, passando para a boca do throno a Senhora do Carmo; substituirão-se as columnas direitas por outras cochleadas, fez-se o nicho para a Virgem do Carmo, incumbindo-se destas obras o mestre Valentim da Fonseca e Silva. Aos lados do orago da igreja estão Santa Thereza e Santa Emerenciana. São de prata o frontal, que foi construido em 1738, e a banqueta, que foi feita em 1820 por Antonio Gomes da Silva. Por trás do frontal está a imagem do Senhor Morto, que é exposta á adoração dos fieis ás sextas-feiras. Ha na capella-mór duas lampadas de prata.

A porta da capella-mór do lado da epistola abre-se para a capella do noviciado, edificada em 1773, e benzida em 25 de março desse anno por frei Domingos Corrêa de Santa Anna Barros. E' abobadada, ornada de talha, que foi dourada em 1852, e de lindos retabulos restaurados nesse anno; tem dous altares, um em frente ao côro, que é da Senhora do Amor Divino, e outro do lado direito, que pertence á Senhora das Dôres; communica-se na frente com o corredor que ladêa a igreja, e do lado direito com a sacristia por um corredor estreito, onde ha um altar, tendo sido alli a antiga capella do noviciado.

A porta do lado esquerdo da capella-mór dá para a sacristia,

que tem um altar de S. Miguel, cuja imagem, vinda de Roma, é a maior deste santo que ha nos templos desta cidade; possue um esguicho de marmore de estylo barroco; desde 1852 tem o pavimento coberto com mosaico de marmore; communica-se com o corredor que corre lateralmente á igreja, o qual é ornado de antigos paineis, e separado por arcarias de pedra do corredor que divide esta igreja da capella imperial.

Em 1658 instituio esta ordem terceira a procissão do Enterro, a qual, além do esquife, levava cinco andores dos passos da paixão de Christo; mas corridos alguns annos, separou esses cinco andores, reunio-lhes mais dous, e formou a procissão do Triumpho que com o andôr da Senhora das Dôres, sahia na sexta-feira antes do domingo de Ramos. Vião-se na procissão do Enterro S. João, Maria Magdalena, as tres Marias, José de Arimathea e Nicodemos, uma guarda de judeos, e muitos anjos, o que dava ao acto um aspecto profano e ridiculo; mas ha tres annos supprimio-se esta procissão, e ha seis annos a do Triumpho.

No tempo do rei D. João vinha recolher-se no Carmo a procissão da bulla, que sahia da casa do esmoler-mór; e ha trinta ou quarenta annos, que cessou a procissão da rasoura, na qual apparecia a Senhora do Carmo em todos os segundos domingos de cada mez.

No dia da festividade de Santa Thereza dota a ordem do Carmo com 800$000 a uma orfã por casar, filha do irmão mais pobre, em virtude do legado instituido em 1855 por Antonio José Ribeiro; e na sexta-feira do triumpho distribue á sorte, por sete irmãs pobres, 35$000, deixados por D. Marciana Izabel de Oliveira Guimarães. Foi na igreja do Carmo que celebrárão-se em abril de 1792, missa pontifical e *Te-Deum* á tarde, ao qual assistirão o vice-rei, o bispo, a camara, a nobreza e o povo, em acção de graças por ter morrido na forca o revolucionario de Minas, alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes!

Em tempos remotos erão as sepulturas no recinto das igrejas, e nesta que descrevemos, havia na capella-mór o jazigo dos priores, para o qual se descia por uma escada collocada por trás do altar principal; mas em 1782 resolveu a ordem construir catacumbas, no lugar em que existira a antiga capella da Paixão de Christo; em 15 de agosto de 1785 forão bemzidas, e servirão até 16 de março de 1850

em que forão prohibidos os enterramentos no recinto da cidade.

Em 21 de março de 1850 estabeleceu a ordem um cemiterio provisorio na Ponta do Cajú ; em 1857 e 1862 comprou á Misericordia terrenos para seu cemiterio definitivo, que acha-se situado na praia de S. Christovão, esquina da rua de José Clemente, tendo recebido a benção da igreja em 11 de março de 1859.

Nas antigas catacumbas do Carmo, entre outros individuos notaveis, alli sepultados, devem-se mencionar o regente do imperio João Braulio Muniz em 21 de setembro de 1835, e José Bonifacio de Andrade e Silva, em 8 de abril de 1838. Tinha este recinto mortuario, em cujo terreno edificou-se ha annos uma casa de banhos, uma porta, que abria-se para o corredor que ha entre as igrejas do Carmo e Capella Imperial no qual veem-se tres portões, dous nas extremidades e um no centro ; este de madeira construido em 1832, e os outros de ferro, construidos em 1872 para substituir os de madeira, que alli havia.

Sobre o portão da rua do Carmo ergue-se o oratorio da Senhora do Cabo da Boa Esperança, ha muitos annos removido da esquina do hospital da ordem ; é allumiado todas as noites, e é o unico que existe nas ruas da cidade.

Neste corredor defronte do antigo recinto das catacumbas ha uma porta, que vai ter á secretaria e ao consistorio da ordem.

Era aqui o antigo hospital do Carmo fundado em 1733 pelo prior João Gonçalves Preto, constando de algumas salas e de duas enfermarias abobadadas. Na porta principal, como ainda se póde ver, havia um brasão com a corôa de Nossa Senhora e a seguinte inscripção:

« Esta Hobar foi levantada Em Dos de Fro do Na de 1733.»

Vê-se que o edificio começou a ser edificado em 2 de fevereiro de 1733 e em 1745 concluio-se ; dous annos antes, porem, abrira-se aos irmãos, tendo importado a construcção em mais de 33:381$357.

Existindo então sómente o hospital da Misericordia para doentes pobres, erão alguns desvalidos recolhidos a este asylo ; entre outros alli esteve por ordem do conde de Bobadella, e do bispo Desterro, e alli falleceu o ex-jesuita padre Francisco de Araujo.

Occupava o hospital o primeiro e segundo pavimentos da casa, que tinha o n. 18 na rua do Carmo, mas por aviso de 23 de junho

de 1821 teve de limitar-se ao primeiro pavimento, deixando o segundo para bibliotheca publica, e em 3 de novembro de 1812 foi removido para o antigo recolhimento do Parto, na rua do Ourives.

Foi o bispo D. frei Antonio do Desterro quem deu principio a este recolhimento, applicando em seu beneficio 40,000 cruzados deixados por Estevão Dias de Oliveira, para serem distribuidos a bem da sua alma, depois de satisfeitos certos legados.

Começado o edificio em 1742 tornou-se asylo de mulheres, que, havendo peccado no mundo, ião, na solidão, supplicar ao céo o perdão e o esquecimento de suas faltas; apezar da solicitude do fundador que, ainda em seu testamento, legou 100$000 para este asylo, foi elle decahindo por falta de recursos; porem o vice-rei Luiz de Vasconcellos reconstruio o recolhimento e o templo que ficava-lhe annexo, o qual havia sido levantado em 1653 por João Fernandes, homem pardo, natural da ilha da Madeira. E ainda trabalhava-se no interior da igreja, quando o acaso ou o crime deu origem a um incendio, nas primeiras horas do dia 24 de agosto de 1789, o qual consumio a igreja, e teria destruido o recolhimento, se não fossem as promptas e energicas providencias do vice-rei. Apenas extincto o fogo, cuidou este no dia 25 em reconstruir os edificios incendiados, encarregou da direcção da obra ao artista Valentim da Fonseca e Silva, concluindo-se a reedificação em 3 mezes e 17 dias ; em 8 de dezembro vierão as recolhidas em procissão para a sua casa, acompanhando a imagem da Senhora do Parto que, tendo sido a unica que se salvara das chammas, fôra depositada no convento dos franciscanos ; sustentavão o andor da Mãe de Deus o vice-rei e as pessoas mais graduadas da cidade. Houve no dia seguinte pomposa solemnidade.

Para augmentar o patrimonio do recolhimento mandou Luiz de Vasconcellos construir alguns predios junto á sacristia da igreja.

Extincto o recolhimento em 1812 forão as recolhidas transferidas para a Misericordia, e nesse anno como vimos, o recolhimento transformou-se em hospital.

Collocado na rua dos Ourives estende-se o edificio do antigo recolhimento do Parto da rua de S. José a da Assembléa ; tem tres pavimentos;são de peitoril as janellas do segundo e terceiro pavimentos e não ha architectura, nem belleza nessa construcção

A face do edificio,que olha para a rua de S. José,tem duas janel-

las no segundo pavimento e duas no terceiro e a que está voltada para a rua da Assembléa tem igual numero de janellas. Le-se ahi a seguinte inscripção em um escudo:

« Esta obra foi feita por ordem e protecção do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Luiz de Vasconcellos e Souza, Vice-Rei do Estado.

« Anno 1787. »

Quando servia este edificio de hospital do Carmo tinha duas capellas, a de Santa Theresa no côro inferior da igreja do Parto, e a do Sacramento no côro superior, notando-se na primeira um painel da Senhora do Carmo, pintado pelo habil artista Raymundo da Costa; contava o hospital 57 quartos, botica, sala de operações, um pequeno jardim, e era illuminado a gaz. Na sala da administração havia o retrato do prior João Baptista Lopes Gonçalves, pintado em 1852 por João Maximiano Mafra, o qual alem de diversos serviços prestados á ordem, legou-lhe em testamemto 2:000$000.

Actualmente é occupado este edificio pela inspectoria da instrucção publica, pelo archivo publico, e instituto vaccinico.

A igreja do Parto une-se ao edificio do antigo recolhimento, e tem a porta de entrada para a rua de S. José. E' ornada com cinco altares; no principal está o orago, e pertencem os outros á Santa Cicilia, a S João Evangelista, a Santo Eloy e á Senhora das Mercês. Erão as imagens representadas em paineis, pintados por Leandro Joaquim; mas em 1868 substituirão-se os paineis por imagens em vulto; e collocou-se no altar de S. João a imagem da Senhora das Dores, que occupava uma capellinha qne ha na capella-mor onde guarda-se actualmente o Sacramento.

Veem-se ainda as grades, que fechavão os coros da igreja, onde vinhão orar as recolhidas, e o locutorio, por baixo do coro dos musicos, onde as recolhidas erão sepultadas.

A sacristia fica por trás da igreja assim como o consistorio, no segundo pavimento, com janellas de grades de ferro.

Ha na sacristia o retrato do bispo conde de Irajá, do capuchinho frei Francisco de Genova, do vice-rei Luiz de Vasconcellos, pintado este ultimo por Leandro Joaquim, assim como são deste

artista os dous retabulos historicos, que alli estão, tendo um delles a seguinte inscripção na circumferencia :

« Fatal e rapido incendio, que reduzio a cinzas em 23 de agosto de 1789 a igreja, suas imagens e todo o antigo recolhimento de Nossa Senhora do Parto, salvando-se unicamente illesa de entre as chammas a milagrosa imagem da mesma Senhora. »

Apresenta o outro quadro a inscripção :

« Feliz e rapida reedificação da igreja e todo o antigo recolhimento de Nossa Senhora do Parto, começada no dia 25 de agosto de 1789, e concluida no dia 8 de dezembro do mesmo anno.»

Dissemos que se estabelecêra no antigo recolhimento o hospital da ordem terceira do Carmo ; mas necessitando o governo deste edificio, a ordem comprou por escriptura de 12 de março de 1864, os predios ns. 17 e 19 da rua do Riachuelo, e demolido o predio n. 19, construio alli o seu hospital, lançando a primeira pedra em 15 de outubro de 1866 ; deu o plano do novo edificio o engenheiro Luiz Hosxe, que é fallecido.

Em 19 de junho de 1870 trasladarão-se em solemne procissão para esse hospital as imagens de Santa Thereza e do Carmo ; no dia 24 inaugurou-se o edificio em presença da familia imperial, e de grande concurso de povo, celebrando-se solemne *Te-Deum*, e ficando o hospital exposto ao publico durante quatro dias. Em 16 de julho mudarão-se para alli os doentes. Tem este edificio dous pavimentos, o primeiro com dez janellas e tres portões, e o segundo com treze janellas ; occulta o telhado um attico, e sobre o corpo central e os lateraes ha um frontão curvo. Ha no primeiro pavimento quatro enfermarias para homens, duas para mulheres, sala de recreio, jardim, sala da administração e capella mortuaria ; e no segnndo tres enfermarias, refeitorio, cozinha, casa de banhos, sala de operações, botica, quarto para doudos, e uma capella com as imagens da Senhora do Carmo e de Santa Thereza; vendo-se tambem nesse recinto os retratos dos commendadores João Baptista Lopes Gonçalves e Antonio Dias Guimarães, que, sendo prior, deu principio as obras do hospital, e conseguio concluil-o occupando aquelle cargo.

O edificio é illuminado a gaz, tem agua em abundancia, e conta ordinariamente 90 a 100 doentes ; recebe todos os irmãos doen-

tes, excepto os leprosos e bexiguentos, que são tratados em hospitaes competentes.

E' de lastimar que se construisse mais este hospital no centro da cidade, em lugar mui habitado e concorrido, além disto junto de um morro, em terreno humido e pouco lavado dos ventos ; declarárão os professionaes as inconveniencias do sitio ; mas, apezar disso, ergueu a ordem o edificio sem as condicções hygienicas, sem as vastas e amplas proporções, que devem ter taes estabelecimentos.

XV

IGREJA DE S. FRANCISCO DE PAULA

Tendo particular devoção com S. Francisco de Paula, resolveu o bispo D. frei Antonio do Desterro fundar a ordem dos Minimos n cidade do Rio de Janeiro, pelo que elle e outros devotos requerêrão ao geral da ordem, frei João Prieto, a competente licença; e logo que obtivêrão-a publicou o bispo a provisão de 9 de julho de 1756 instituindo a ordem. Alguns mezes depois, em 11 de outubro, revestido do habito de S. Francisco, conferio-o o bispo aos primeiros irmãos na capella de seu palacio.

Não tendo a imagem do santo ermida que lhe pertencesse, foi collocada na igreja da Cruz dos Militares.

Em 22 de janeiro de 1757 professou nessa igreja como irmão da ordem, o bispo Desterro; celebrou-se nesse acto um *Te-Deum*, com o qual despendeu-se 15$680. Declarou-se o prelado protector da ordem, e para si e seus successores reservou o titulo de commissario, nomeando para vice-commissario o capuchinho frei Anselmo Bertrand.

Tratando-se de construir uma ermida para o orago, deu-se principio a obra em 4 de abril de 1757, e nesse mesmo anno, em 29 de dezembro, era conduzida para alli a imagem de S. Francisco. Em

de janeiro de 1758 concluio-se essa ermida, cuja construcção importou em 1:518$716 ; e em março desse anno celebrou-se alli o primeiro *laus perenne*.

Não convinha que a ordem creada por um bispo permanecesse em uma capella mesquinha e pobre ; era isso prejudicial á dignidade episcopal, á fé viva daquelles tempos ; pelo que pensou o diocesano em transformar a ermida em igreja ; e para ser esta edificada doarão elle e seu irmão, o mestre de campo João Malheiros Reimão, o terreno sufficiente, comprehendendo não só o chão occupado pela igreja actual e hospital, mas tambem o que se estende até á casa n. 11 da rua do Theatro.

Começárão os trabalhos preliminares da construcção do templo em 18 de outubro de 1758, e no dia 5 de janeiro do anno seguinte lançou-se a primeira pedra na presença de D. frei Antonio do Desterro, do cabido, das ordens regulares, do governador interino José Antonio Freire de Andrade, e de outras pessôas de jerarchia. O governador deitou tres colheres de cal para fechar a caixa, que encerrava a inscripção, e o chanceller desembargador, João Soares Tavares, segurou na pá da cal. Estavão postados no largo, chamado então da Sé Nova, os regimentos que dérão tres descargas de mosqueteria e artilheria, sendo commandados pelo coronel Patricio Manoel de Figueiredo.

O pergaminho escripto em latim, e collocado na cava da primeira pedra, indicava os nomes do papa Clemente XIII, do rei D. José I, do bispo Desterro, do governador Gomes Freire de Andrade, do governador interino José Antonio Freire de Andrade, do 1º corrector padre Ignacio Manoel da Costa Mascarenhas, vigario da Candelaria, do 1º vice-corrector padre Dr. João Pereira de Azevedo e Araujo, vigario de Santa Rita, do 1º secretario padre Luiz Jayme de Magalhães Coutinho Cardoso, vigario de S. José, do 1º syndico capitão José Rodrigues Godinho, e dos primeiros definidores.

Pela provisão de 1 de junho de 1763 collocou o prelado a ordem sob sua immediata jurisdicção para que em tempo nenhum os visitadores, ou outro qualquer ministro, pudessem ter sobre ella direito de visita, reservando para sua pessôa o poder tomar conhecimento della.

O breve de 2 de setembro de 1779 de Pio VI approvou a insti-

tuição da ordem, com a clausula de ficar sujeita ao superior dos frades Minimos, logo que se fundasse nesta cidade alguma casa conventual da mesma religião ; e confirmou as prerogativas declaradas na provisão de 1 de junho, quanto á isenção da jurisdicção ordinaria ; o beneplacito régio, expedido no aviso de 13 de outubro de 1779, confirmou o breve pontificio.

Concluida a parte mais essencial do templo, foi trasladada para elle a imagem de S. Francisco, correndo o anno de 1801.

Receiosa a ordem de vêr o cabido em sua igreja, sendo esta transformada em cathedral, pois servia provisoriamente de sé a igreja do Rosario, supplicou ao conselho ultramarino um salvo conducto, que a livrasse dos conegos ; o aviso de 18 de maio de 1805 mandou ouvir a este respeito o vice-rei do Brazil, que enviou sua informação em 16 de setembro, á qual seguio-se o aviso régio de 24 de dezembro, em virtude do qual alcançou a ordem a provisão de 30 de janeiro de 1806, declarando que o templo edificado pelos terceiros de S. Francisco de Paula não poderia ter, sem seu consentimento, destino diverso daquelle para que fôra construido. Confirmou esta deliberação o aviso da secretaria de estado de ultramar de 8 de maio de 1806, concedendo a ordem o privilegio solicitado, isto é, que o cabido ou parocho não se pudesse introduzir na igreja erigida a S. Francisco de Paula.

Para separar-se a capella-mór do corpo da igreja, que estava em construcção, fez-se uma parede de tijolo, junto ao arco cruzeiro, com tres portas ; ficou estreita e escura a capella, mas apezar disso encerrava tres altares, o principal e dous lateraes, com as imagens da Senhora da Conceição e S. Miguel. Occupava a capella-mór o lugar da antiga ermida.

Progredião as obras, não obstante ter a ordem pequeno rendimento, porque superavão todas as difficuldades a caridade e dedicação dos irmãos ; cada um delles fazia um donativo ; cada fiel deixava uma esmola ; e ergueu-se assim esse templo, que é hoje considerado um dos melhores do Rio de Janeiro.

O artista Florencio Machado foi longo tempo o carpinteiro das obras ; e preparou os ornatos da capella-mór o artista Valentim da Fonseca e Silva.

Entre os irmãos que mais se esforçarão pela edificação da igreja, deve memorar-se o nome de João de Siqueira da Costa, que exerceu o cargo de syndico 31 annos deixando-o em 14 de julho de 1811, quando falleceu; contava então 78 annos de idade. Quando alguns desanimavão por não haver dinheiro para as obras, mostrava-se João de Siqueira tranquillo, e dizia aos que parecião afrouxar :

— Tranquillizem-se, tenhão fé nos prodigios do nosso santo patriarcha. Mas, occultamente, quando todos dormião, um homem dirigia-se ao atrio da igreja, e aproximando-se da caixinha das esmolas, despejava alli o dinheiro, que trazia na carteira. No sabbado, ao fazer-se a feria dos trabalhadores, ia-se á caixinha das esmolas, e encontrava-se dinheiro sufficiente para o pagamento. Dava-se o prodigio, o dinheiro apparecia, porque um devoto, um homem, cujo nome os anjos hão de ter muita vez repetido, ia leva-lo nas horas occultas da noite.

Siqueira da Costa fazia mais; considerava haver nos navios, que possuia, uma praça com o nome de Francisco de Paula, e pagava á igreja do santo da sua devoção a soldada desse marinheiro ficticio. Construida pelo zelo religioso de nossos pais, pela caridade do povo ergue-se a igreja de S. Francisco de Paula ao lado direito do largo do mesmo nome. Subindo uma larga escadaria, que contava dez degráos, mas agora tem só oito, chega-se ao atrio lageado de pedra, e cercado de grades unidas por pilastras de granito. Deu o risco da gradaria o artista Francisco Pedro do Amaral, e correu a despeza da obra por conta do capitão-mór Leandro José Marques de Carvalho. Outrora fôra o atrio cercado com balaustres de marmore.

Dous factos recordão-nos estas grades, um crime ou uma deshumanidade e um roubo.

Encontrou-se em 5 de abril de 1857, envolvido em uma colcha, e alli pendurado, o cadaver de uma criança com indicios de morte violenta. Seria um infantecidio ou uma deshumanidade, ter-se-hia abandonado um recemnascido, ou um cadaver! Não sabemos se a policia indagou do facto.

Na noite de 23 de agosto do mesmo anno, quando a cidade repousava, um ou mais ladrões encaminhárão-se para esta igreja, saltárão ás grades, e roubárão o cofre das esmolas cravado na parede junto ás portas do templo. Não se descobrirão os criminosos; mas, passados

dous mezes, esgaravatando um mendigo o lixo da praia de Santa Luzia, encontrou enterrado na arêa aquelle cofre, sem apresentar tentativa de roubo, respeitado do tempo e das ondas; e aberto achou-se dentro dinheiro em papel, prata e cobre. Vio o povo neste facto um milagre, e desejando muitos, como reliquia, as moedas alli encontradas, derão por ellas o dobro e mais do seu valor. O cofre foi pregado em seu antigo lugar.

A fachada do edificio é devidida em tres corpos por quatro pilastras de ordem dorica romana; o corpo central, que constitue propriamente a igreja, apresenta tres portas que tinhão as vergas como as portas dos corpos lateraes, lendo-se sobre a principal a palavra *charitas*. Era o portico de máo granito e acaçapado, mas actualmente é de marmore de Lisboa. Consta de duas columnas, uma de cada lado, junto á pilastras, as quaes sustentão um entablamento e frontão; fôrma este corpo um alpendre, que cobre a porta, cuja verga é de archivolta; sobre o alpendre corre uma balaustrada guarnecendo a janella do centro. Este portico, todo de marmore e da ordem composita, tem ornatos apropriados aos do interior de templo.

Mudárão-se tambem as portadas de granito das portas lateraes por portadas de marmore, tendo a verga de archivolta. Seguem-se o entablamento, as tres janellas do côro com grades de ferro, o frontão curvilineo, e o tympano com tres aberturas semicirculares, e no centro um escudo com a palavra *charitas* e uma corôa de granito.

Os corpos lateraes da frontaria constituem as torres. Ha no primeiro pavimento uma porta com as portadas de granito; no segundo uma janella igual ás do côro, o mostrador de um relogio, a abertura dos sinos; segue-se uma varanda quadrangular, de cujo centro ergue-se uma pyramide conica de fórma particular, e que sustenta, em uma torre, a cruz e o gallo, e em outra a cruz e uma aguia. São altas e elegantes essas torres, e em uma dellas ha um relogio offertado por Leandro José Marques Franco de Carvalho, tendo importado em 3:958$790. Nessa mesma torre ha um sino grande, doado pelo irmão Manoel José, com a condição de dobrar sómente no fallecimento dos irmãos da ordem, do bispo e das pessoas da familia real.

O boticario Manoel José era visto frequentemente ao balcão a quebrar pevides, trajando robe de chambre de chita com o habito

de Christo pendente do peito ; sepultou-se em uma das capellas do claustro do convento de Santo Antonio.

A's dez horas dobrão ao recolher os sinos da igreja de S. Francisco e do mosteiro de S. Bento. E' tambem o sino daquella igreja, que annuncia os incendios da cidade, determinando o numero das badaladas a freguezia em que ha o fogo ; assim uma badalada indica a freguezia do Sacramento, duas a de S. José, tres a da Candelaria etc. Dadas as badaladas dobra o sino e tambem o da igreja parochial, em cuja freguezia da-se o incendio.

Outr'ora dobravão todos os sinos quando havia incendio ; mais tarde collocou-se no morro do Castello uma peça de artilheria, que ainda lá está, para dar um tiro na occasião de incendio, e um mastro onde se içava uma bandeira encarnada, se o incendio era de dia, e uma lanterna da mesma côr, se era de noite ; mas o tiro da peça amedrontava os moradores, abalava as casas, e estalava os vidros das vidraças ; alem disto emquanto se subia a ladeira para levar a noticia, lavrava o fogo com violencia.

Houve tambem a lembrança de construir-se um apparelho, que foi experimentado em 20 de dezembro de 1857, para tocar o sino sem subir-se á torre. Em 1875 pensou-se em collocar apparelhos electricos nas ruas e casas para annunciar rapidamente os incendios. Mas apezar de todos estes projectos, da creação de um corpo de bombeiros, que tem postos onde estacionão bombas, não ha ainda inteira perfeição na extinção dos fogos ; todavia vae melhorando gradualmente este serviço, e é de esperar que mereça do governo todo o cuidado e disvelo.

Convem aqui consignar que ultimamente se tem repetido incendios na cidade, especialmente em casas de negocio. Parece ser este um meio de liquidação, ou de obter avantajado lucro pelo seguro das mercadorias ; de qualquer modo commette quem pratica tão criminosa acção um attentado contra a fortuna e a vida de seu semelhante, e provado o delicto, merece exemplar castigo.

Desabando na tarde de domingo 10 de novembro de 1861 sobre a cidade forte temporal, acompanhado de chuva de pedra, cahio um raio, que partio a pedra sobre que se sustenta o gallo da torre, na igreja que descrevemos ; correu pelo telhado do edificio, e arrancou a clara-boia da capella-mór, despedaçando-a de encontro ao telhado do

hospital da ordem ; na mesma tarde cahio outro raio em uma casa do morro do Castello, outro na casa n. 15 A da rua de S. Lourenço, e outro na typographia do Jornal do Commercio.

Em 1 de fevereiro de 1868 estalou tambem sobre a cidade violenta trovoada, cahindo um raio na torre do lado esquerdo desta igreja, o qual sem offender o sino, desprendeu-lhe da cabeça a pesada guarnição de madeira, e do entablamento da torre arrancou uma pedra de cantaria de cerca de tres palmos de comprimento, que foi arrojada no meio do largo.

Em 19 de janeiro de 1868 um pardo escravo, subindo a uma dessas torres para dobrar o sino grande, perdeu o equilibrio e cahio, resultando dessa queda a morte instantanea para o infeliz.

Desejando ornar elegantemente o interior de seu templo, a ordem encarregou o artista Antonio de Padua e Castro desse trabalho, que começado em 1856 concluio-se em 1865, e em 2 de abril recebeu o elegante edificio a benção solemne.

Erguem-se no interior dez columnas, cinco de cada lado, com capiteis de ordem composita, sustentando um entablamento resaltado e quartelado. Ornão as columnas lindos festões e outros enfeites artisticos executados por Valentim da Fonseca e Silva, que falleceu quando trabalhava na obra de talha da igreja, deixando algumas peças acabadas, outras esboçadas e muitas em principio ; mas Antonio de Padua e Castro restaurou esses ornatos, e collocou-os no meio dos seus trabalhos, ligando seu nome ao daquelle mestre.

Erão os antigos altares, encerrados em pequenos arcos, junto ás paredes, e entre pilastras de pedra; mas o artista Padua, sem offender á segurança do templo, rasgou arcos maiores e mais fundos, e desse modo transformou cada altar em capella funda, dando ao recinto religioso um aspecto sombrio e imponente. Substituio á antiga gradaria que circulava os altares, deixando um corredor de cada lado, como é uso em nossas igrejas, por uma grade, que vae de columna a columna, e fecha cada altar.

Occupão os seis altares as imagens da Senhora das Dores, da Conceição, S. Miguel, S. José, S. João Baptista e S. Francisco de Salles, sobresahindo entre ellas a de S. João como trabalho de esculptura.

Sobre o entablamento, na direcção de cada columna, ergue-se a

estatua de um apostolo, e sobre cada altar ha um painel em esculptura memorando os passos principaes da vida de S. Francisco de Paula. Commemora o primeiro painel o nascimento do santo, que é visto nos braços de sua mãi, entoando os anjos, envolvidos em nuvens, hymnos de gloria.

No segundo painel despede-se o santo de seus pais e do mundo para encerrar-se em um claustro.

No terceiro o santo resuscita o filho de uma mãi extremosa, milagre que extasia a um seu confrade.

No quarto atravessa sobre seu habito o pharo de Messina.

No quinto apresenta-se na côrte de Napoles, e no sexto morre entre os frades de seu convento.

Quatro destes paineis forão executados por Caetano dos Reis e Almeida, discipulo da academia das Bellas-Artes do Rio de Janeiro, e dous por Francisco Manoel Chaves Pinheiro, que tambem é o auctor dos apostolos que ornão as columnas.

As quatro portas do corpo da igreja, duas junto ao arco cruzeiro, e duas junto ao côro são arrendadas com sanefas salientes; as quatro tribunas ornadas com muito gosto, e são elegantes e primorosos os pulpitos abertos em uma das columnas.

O tecto é coberto de florões dispostos com muita symetria e belleza, e do centro pende um lustre de crystal e bronze dourado para cento e vinte luzes.

Junto ao arco cruzeiro elevão-se duas misulas, uma de cada lado, com lindos ornatos feitos por Antonio de Padua.

O antigo côro era sem elegancia e mal ornado, mas em 1856 recebeu nova fórma, mimosos ornatos, lindas quartellas para sustental-o, vendo-se na parêde fronteira diversos instrumentos executados por Padua com muita pericia e arte.

O arco cruzeiro que foi elevado por occasião das obras de 1856 a 1865 sustenta sobre a archivolta um painel representando a apotheose do santo; S. Francisco sobe ao céo entre nuvens, seraphins e raios de luz, e inferiormente erguem-se as estatuas de Moysés e da caridade. Idéou o pensamento deste quadro o Dr. Antonio José de Araujo.

Antonio de Padua elevou o tecto da capella-mór, deu-lhe mais extensão, fazendo apparecer a terceira tribuna, que existia desde a

fundação do templo, mas que os irmãos terceiros havião-na occultado, receiosos de que os conegos se agradassem dessa extensa capella; tornou elegante o throno, augmentou mais dous degráos aos cinco que tinha o presbiterio; collocou a urna do altar sobre dous degráos, abrio um zimborio sobre o altar; conservou os ornatos feitos por Valentim da Fonseca e Silva, mas deu-lhes as proporções que devião ter e collocou seis misulas com bellos ornatos, tres de cada lado, para sustentarem o entablamento formado pela emposta do arco cruzeiro.

O presbiterio é de marmore; o nicho do orago descança sobre tres degráos e o throno tem sete, vendo-se superiormente em um nicho com espaldar Christo Crucificado.

Possue o orago um resplandor de ouro fabricado por Ignacio Luiz da Costa, e offertado em 1834 por José de Lemos Magalhães. Conta-se que comprando José de Lemos um bilhete de loteria, prometteu fazer um donativo ao santo, se tirasse o maior premio, e tendo-o conseguido, cumprio a promessa.

No corpo da igreja e na capella-mór ha bancos para os fieis. Dous corredores, lageados de mosaico, ladeão o templo; no do lado direito existe o retrato de Antonio de Padua e Castro, do qual verá o leitor a biographia no fim deste capitulo; segue-se o salão dos bemfeitores com os seguintes retratos: do capitão-mór João de Siqueira da Costa, sepultado nas antigas catacumbas da ordem, o qual, além do que já havemos dito, legou a ordem 12:000$000; do ex-corretor Antonio Alves da Silva Pinto, que propoz a fundação do hospital e falleceu em 1855 legando a ordem 12:000$000; do ex-corrector Manoel Pinto da Fonseca, nascido em Portugal em 1804, e fallecido em Paris em 20 de agosto de 1855; propoz a compra da chacara do cemiterio, dando para esse fim 5:000$000; conseguio por meio de uma subscripção introduzir agua no hospital, e legou a ordem 10:500$. do ex-corrector conde da Estrella; do ex-sindico Manoel Machado Coelho, que exerceu esse cargo 38 annos, fez muitos donativos á ordem, e falleceu em fevereiro de 1862, com 74 annos, tendo sepultura no cemiterio de Catumby; do ex-corrector graduado José Machado Coelho; do irmão bem-feitor Antonio Ernandes, cujos ossos estão em um jazigo preparado pela ordem; do ex-corrector visconde de Mirity, sepultado no cemiterio de Catumby, que dôou uma banqueta

para o altar-mór, e em testamento 20 apolices provinciaes ; do ex-corretor e definidor perpetuo marquez do Bom Fim, que deixou 40 esmolas de 30$000 cada uma para serem destribuidas por meio de sorteio pelas irmãs pobres ; do irmão bemfeitor Francisco de Figuereido.

Communica-se o salão dos bemfeitores com a sacristia, que é espaçosa, tem uma porta e janellas para o jardim, uma capella com as imagens do Senhor da Cana Vêrde, de S. Gaspar e S. Nicoláo; tendo outr'ora além destas, as da Senhora do Carmo e da Gloria, em competentes nichos ; assim como nos altares da igreja havia em diversos nichos varias imagens, pois era costume outr'ora servir cada altar para muitos santos. Ha alli um arcaz, um esguicho de marmore, e dous lindos paineis, um da Senhora da Conceição, e outro de S. Francisco ; não sabemos, porém, quaes os autores desses paineis, porque a indifferença ou ignorancia dos nossos antepassados sepultou no esquecimento essas lembranças historicas.

Sobre a sacristia está o consistorio com o altar do Senhor dos Passos, e os retratos dos bispos D.frei Antonio do Desterro e D. José Caetano da Silva Coutinho.

Este prelado assignou 1:000$000 na subscripção promovida em 1826 para a fundação de um collegio de orphãos, que a ordem tencionara estabelecer, e em quanto viveu concorreu annualmente com 200$000 para o mesmo fim.

O corredor do lado opposto vae ter á capella do Noviciado, cujo orago é a Senhora da Victoria. Começou o noviciado em 1 de maio de 1771, pois até então, como hoje se pratica, professava o irmão no mesmo dia, que alistava-se na ordem. Benzida a imagem da Virgem no palacio episcopal, em 16 de setembro de 1772, foi conduzida no dia 19 para a igreja do Hospicio, donde sahio em procissão no dia 21, tendo ido buscal-a a imagem de S. Francisco, o clero, o cabido, e diversas confrarias ; e, collocada no altar-môr da igreja, houve festividade no dia seguinte com missa cantada e sermão.

Por não estar concluida a capella que era-lhe destinada, esteve a imagem na sacristia até 21 de fevereiro de 1779, em que recolheu-se á sua capella, havendo missa cantada e sermão.

Vasta, elegante, e com ornatos de talha dourada preparados pelo mestre Valentim, guarda esta capella as imagens da Senhora da Victoria, de S. Francisco e S. Miguel ; tem no tecto um painel re-

presentando a Virgem entre anjos e nuvens, e nas paredes seis paineis dos milagres de S. Francisco, os quaes forão pintados pelo artista Manoel da Cunha, do qual verá o leitor ligeira noticia nas ultimas paginas deste capitulo ; junto desta capella está o quarto do irmão mestre.

No corredor fronteiro vê-se do lado esquerdo uma porta, donde começava um passadiço, que conduzia ás catacumbas, construidas em 1805 a 1806, e concluidas em 1810 ; tendo havido antes antigas sepulturas na igreja, e em um subterraneo, que se estendia da capella-mór até ao salão, occupado actualmente pelos retratos dos bemfeitores.

Desprezando preconceitos, velhos habitos, prejuisos infundados, não attendendo a interesses particulares, e só á conveniencia publica, foi a ordem de S. Francisco de Paula a primeira que cuidou em fundar um cemiterio extra-muros. Sendo corretor Manoel Pinto da Fonseca propoz se comprasse uma chacara em Catumby para cemiterio ; pedio-se licença ao governo, e ouvida a academia de medicina, veio a licença em 30 de março de 1849.

Agenciada em dous dias por Manoel Pinto da Fonseca uma subscripção, que elevou-so a 42:100$000 : comprou a ordem a chacara n. 22 em Catumby a Dionisio Oriost ; em 19 de outubro approvou o governo a planta e regulamento do cemiterio.

Apparecendo em 1850 a febre amarella no Rio de Janeiro, tornou-se o flagello truculento, a cidade cobrio-se de dor e de luto, encherão-se os jazigos das igrejas, elevando-se a mortalidade em quatro mezes a tres mil tresentos e quinze individuos. Para melhorar o estado doentio da cidade, tratou o governo de afastar os enterramentos do centro da povoação. Em 5 de março officiou o chefe de policia á ordem dos Minimos, pedindo-lhe désse sepultura no seu cemiterio naquelle mesmo dia, se fosse possivel, aos cadaveres alli apresentados ; tres dias depois recebeu a ordem do ministerio do imperio outro aviso semelhante. Em 30 de março solicitou o chefe de policia, que construisse a ordem em seis dias uma capella provisoria no cemiterio, para serem alli encommendados os defuntos. Prestou-se a ordem a estas requisições, abrio seu cemiterio, que tornou-se publico, e desde 26 de março de 1850 cessarão os enterramentos no centro da povoação. Mas foi preciso que uma epidemia lembrasse essa medida que a

razão e a hygiene já divião ter feito comprehender ha mais tempo. Já em 1811 apparecera no Rio de Janeiro uma memoria sobre o perigo das sepulturas dentro das igrejas; assim reclamava a sciencia ha longo tempo esse melhoramento, que só realizou-se em 1850.

Benzido o cemiterio, em 19 de março de 1850, já no dia seguinte descansavão alli 19 cadaveres; construio-se a capella provisoria em seis dias, porém mais tarde elevou-se no mesmo lugar melhor edificio com um altar, para a imagem de Christo, doada pelos frades carmelitas; o cemiterio occupa uma alta collina, tem muitas ruas, elegantes tumulos, capellas mortuarias, e outros monumentos com que a vaidade dos homens procura ataviar a morada dos mortos.

Estabelecido esse recinto de mortos reclamou o vigario de Santa Anna por serem as encommendações feitas alli, estando o cemiterio em sua parochia, mas o bispo, conde de Irajá, decidio a questão em favor dos privilegios e prerogativas da ordem. Julgando o provedor José Clemente Pereira que o cemiterio de Catumby, por sua approximação á cidade, era inconveniente e prejudicava aos outros cemiterios em seus interesses ponderou em 1850 ao governo a necessidade de remove-lo para a Ponta do Cajú; mas os irmãos terceiros representarão, e depois de longa discussão encetada no senado, conseguirão conservar no mesmo lugar o seu campo santo; convem, porém, observar que seria melhor terem-no removido dalli em 1850 pois pela extensão, que tem tido a cidade, está hoje essa habitação de mortos no meio da povoação.

Apezar de dever ao seu syndico mais de nove contos, deliberou a mesa, por proposta do irmão secretario Antonio Alves da Silva Pinto, construir em 1813 um hospital para os irmãos pobres da ordem.

Em 2 de abril de 1814 lançou-se a pedra fundamental do edificio, e juntamente um pergaminho com o nome do papa Pio VII, da rainha D. Maria I, do principe regente seu filho, do bispo do Rio de Janeiro D. José Caetano, do pro-commissario Januario da Cunha Barbosa, e dos irmãos que então exercião cargos. Fizerão os irmãos terceiros subscripções, alcançarão esmolas, e assim edificarão o hospital que abrio-se em 21 de dezembro de 1828; e os irmãos pobres, que então erão recolhidos a Misericordia, ou perecião á mingua, tiverão um hospital commodo e vasto, onde encontrarão remedio, dieta, medico e muita caridade. Da palavra *charitas*, gra-

vada no habito do orago da ordem, rutilarão novos raios de luz, de esperança e vida para os irmãos terceiros.

Propoz em 5 de julho de 1829 o corrector Joaquim José Cardoso Guimarães que a mesa subscrevesse a quantia de 4:870$000, para sustentação do hospital; assim resolveu-se, e desde então cada definidor encarrega-se da despeza mensal dos doentes que se em 183) era de 10)$)00 excede actualmente a 1:000$000.

E ha 47 annos que os irmãos definidores cumprem tão penosa tarefa; ha 47 annos que esse gasto é feito por elles, e durante esse longo periodo tem a ordem encontrado homens que, aceitando o piedoso cargo de definidor, abrem seus cofres para pagar remedio, dieta e medica aos doentes pobres do hospital.

E dizem que não ha caridade entre nós, que o povo não attende ao clamor da pobreza! Praticão-se esses actos e outros semelhantes, mas ficão occultos, não ha quem delles falle, quem os commemore e louve. Atirão-se flôres á ostentação, á vaidade, mas a verdadeira caridade passa desapercebida,

Eis uma das razões que incitou-nos a escrever estas chronicas; para que no futuro se avalie melhor a geração que passou, e sirvão as boas acções de exemplo e incentivo a nossos filhos.

Acha-se o hospital ao lado direito do templo, tendo uma face voltada para o largo, outra, mais extensa, para a travessa de S. Francisco de Paula, e a ultima para a rua Sete de Setembro; consta de dous pavimentos. A face que olha para o largo devide-se em tres corpos; o central tem uma porta larga e duas janellas de peitoril no primeiro pavimento, e tres janellas com uma grade inteiriça no segundo; os lateraes apresentão duas janellas de sacada no segundo pavimento, não havendo no primeiro symetria no numero de portas e janellas.

Coroa o corpo central um frontão recto, lendo-se no tympano a palavra *charitas*, e sobre a janella do meio, gravado na pedra, o distico *Hospital da Ordem Terceira dos Minimos MDCCCXIII.*

Era nesta face a portaria, mas em 1844 a 1845 mudarão-a para a face da travessa.

Occupa esta face toda a extensão da travessa, e tem um corpo central e dous lateraes; o central com uma porta larga e duas janellas de peitoril no primeiro pavimento, tres janellas com uma grade corri-

da no segundo, um frontão, e no tympano a palavra *charitas*. Nos corpos lateraes ha 18 janellas de sacada no segundo pavimento, em cada um, e diversas portas e janellas no primeiro, que é occupado por casas de negocio e de moradia. A face da rua Sete de Setembro tem no segundo pavimento quatro janellas de peitoril e uma de sacada e no primeiro tres portas e duas janellas.

Não ha elegancia, nem belleza neste edificio não tem architectura os frontões, que são desproporcionados, patenteando a ignorancia de quem deu a traça de semelhante obra. Entre nós ainda se attende pouco a isso que se chama belleza de construcção; qualquer carpinteiro transforma-se em architecto, e produz esses aleijões de pedra e cal, que dão uma idéa desvantajosa de nossa civilisação e gosto artistico.

Convem, porém, declarar que, ha quatro ou cinco annos, nota-se entre os particulares mais cuidado e gosto na edificação dos predios, que vão dando á cidade aspecto mais alegre e elegante.

O vestibulo do hospital é lageado de marmore, e tem no fundo tres portas fechadas com grades de ferro, e de cada lado duas portas, dando as do lado direito para a secretaria, preparada pela administração da ordem de 1844 a 1845 (1).

Das portas da face da frente partem duas escadas, qne unem-se em um patamar, donde começão outras duas em sentido opposto. A porta central entre as escadas vae ter ao quarto do porteiro.

Ao subir o segundo lanço de escadas leem-se nas paredes lateraes as palavras *fraternidade e beneficencia* e na parede fronteira veem-se as figuras da fé e da esperança.

A ordem abrio o hospital a seus irmãos que, ao transporem essa casa, devem ter fè e esperança; eis o que significão esses disticos e essas figuras.

As escadas terminão em um corredor central, vendo-se logo em frente a sala do receituario, onde está o retrato do capitão-mór Leandro José Marques Franco de Carvalho, fallecido em 24 de setembro de 1838, e sepultado nas catacumbas da ordem. Este homem que occupara os cargos de definidor, procurador, vice-corrector e correc-

(1) Agradecemos ao Sr. escripturario Luiz José da Rocha a bondade com que facilitou-nos os documentos relativos á ordem de S. Francisco de Paula.

tor, deu a esmola de 400$000, quando abrio-se o hospital e logo depois uma apolice de conto de reis. Até fallecer usou de calções.

Ha tres corredores, estando no central os quartos dos doentes que são 44, e todos têm janellas para os corredores lateraes; os do lado da travessa servem para as molestias internas, e os do opposto para as externas.

Finda o corredor do meio em dous salões, servindo o do lado direito de capella com a imagem da Conceição, doada pelo ex-secretario Antonio Lopes Rodrigues, vendo-se alli dous paineis, um da resurreição de Lazaro, e o outro apresenta S. Francisco a receber de S. Miguel o emblema *charitas*

O salão do lado esquerdo é chamado sala de respeito; tem os retratos do Imperador e da Imperatriz, e uma mobilia de mogno offertada por Francisco José Gonçalves Agra; communica-se com a igreja por uma escada.

Ha uma sala de operações, o salão do refeitorio onde veem-se dous quadros, que mostrão Christo em casa de Maria e Martha, e S. Francisco na côrte de Fernando, rei de Napoles, que opprimindo o povo com pesados tributos, procura o santo aconselha-lo e, praticando em presença do rei o milagre de verter sangue de uma moeda, diz-lhe: — Senhor, este sangue que sae das entranhas desta moeda é o sangue dos pobres vassallos; e assim não póde ser do agrado de Deus o methodo com que V. M. se tem conduzido no seu reinado.

Junto do refeitorio estão a despensa e a cozinha lageada de marmore, e com as paredes cobertas de asulejo; tendo sido a administração de 1844 a 1845 que edificou o refeitorio, reformou a cozinha, e construio no pavimento terreo uma casa forte para os doentes alienados.

Entre o hospital e a igreja ha um pateo para recreio dos doentes, um jardim, na parte posterior do templo, o qual é fechado com muro do lado da rua Sete de Setembro.

Em 10 de maio de 1840 proposerão os irmãos Manoel Pinto da Fonseca e Francisco José Ramos que se introduzisse agua no hospital; para realizar esse melhoramento abrio Manoel Pinto uma subscripção, que elevou-se a dez contos; e concedendo o governo duas pennas d'agua, encarregou-se de trazel-as ao jardim, á sacristia e ao hospital o carpinteiro José Antonio da Trindade que, por ter prestado esse serviço gratuitamente, assim como por ter assentado as grades

do adro e o marmore da igreja por debaixo do côro sem exigir paga de seu trabalho, deu-lhe a ordem, e tambem á sua mulher, o diploma de irmãos.

O hospital é illuminado a gaz, e para usar-se desse melhoramento forneceu o accessorio necessario o Dr. Isidro Borges Monteiro.

A administração de 1847 a 1848 deu muito impulso ás obras deste edificio ; por meio de subscripções construio mais dez quartos, o salão da capella, estando esta outrora no salão opposto, e no sotão do hospital preparou alguns quartos, que são occupados, quando ha maior numero de doentes. Concluirão-se então as obras desse edificio, dando-se a coincidencia de ser corrector naquelle anno o Dr. Antonio Alves da Silva Pinto, filho do corrector, que propuzera ha 35 annos, a fundação de tão pio estabelecimento.

Visitão-se os doentes ás terças, quintas e domingos das 9 horas da manhã ao meio-dia, e das 3 ás 5 da tarde.

Outrora, no dia da festividade do orago, era exposto ao publico este edificio, ornavão-se com cortinas os leitos dos doentes, cobrião-se de folhas e flores aromaticas as enfermarias, os salões, os corredores, e uma multidão inquieta e curiosa percorria os aposentos perturbando o socego, e augmentando os soffrimentos dos enfermos, a agonia dos moribundos ; transformava-se o hospital em casa de festa, de luxo, de vaidade e tumulto ; mas no dia seguinte desapparecia tudo, e mostravão-se as enfermarias simples e despidas ; e se já se não ouvião as vozes, os risos dos visitantes, percebião-se gemidos, que parecião mais dolorosos.

Reconheceu a ordem dos Mininos a necessidade de supprimir essa festa de ostentação ; de feito em 1854 houve a ultima visitação.

No anno compromissal de 1829 a 1830, primeiro do exercicio desta casa pia, entrarão 53 irmãos doentes, sahirão curados 46, fallecerão 3 e ficarão 4.

Não ha enfermarias para mulheres; porém, são soccorridas em seus domicilios pelos medicos da ordem.

A primeira receita, que teve a ordem, proveio da venda de uma escrava, doada pela mulher de um mercador em 4 de novembro de 1757, a qual foi vendida por 64$000 ; actualmente consta seu patrimonio de 26 predios, e de 200 apolices, além de 233 que pertencem ao hospital, e 157 ao collegio dos orfãos.

Com a primeira festa do orago, no anno compromissal de 1757 á 1758, despenderão-se 23$360.

Desde 1856 distribuem-se nesta solemnidade nove esmolas de 40$ pelas viuvas e meninas pobres irmãs da ordem, instituidas por Ignacio Joaquim Theodoro Madeira, que para esse fim legou 10 apolices de 1:00 $000, sendo 4 para a ordem, e 6 para applicar-se os juros áquellas esmolas. Theodoro Madeira falleceu em 1 de setembro de 1854, e estão seus ossos em um jazigo preparado pela ordem.

Alem destas esmolas distribuem-se sete de 25$714 legadas por D. Luiza Clara de Oliveira, fallecida em fevereiro de 1870, e doze de 60$000 pelo conselheiro Alexandre Maria de Mariz Sarmento.

Tambem em 28 de outubro de cada anno, dá a ordem cinco esmolas de 50$000 legadas por D. Henriqueta Amalia Barbosa dos Santos.

Dá esmolas mensaes a seus irmãos pobres, despendendo annualmente mais de 16:000$000.

Festeja annualmente seu orago, a Senhora da Victoria, e da Conceição, certos actos da semana santa, e em 1838 instituio a procissão de Enterro, que abolio em 1866.

Nesta igreja executou o senado da camara em 21 de janeiro de 1816 pomposa solemnidade pela elevação do Brazil a reino em 16 de dezembro de 1815.

Montados a cavallo sahirão os almotaceis com criados seus conduzindo cavallos á dextra, acompanhavão-nos muitos criados da casa real; e precedião-nos, e seguião-nos duas bandas de musica e uma escolta de cavallaria de policia.

Chegados em frente do paço, leu o pregoeiro o edital da festividade em presença das pessoas reaes, repetio-o em outras ruas, e ao mesmo tempo era o edital affixado nas esquinas, ao som da musica e ao ruido dos foguetes. No dia 21 postou-se no largo de S. Francisco de Paula uma guarda de honra; ás 10 horas chegou o senado da camara, acompanhado de muitos cidadãos vestidos a côrte, com as capas bandadas e chapéos com plumas, precedendo o estandarte conduzido por um cidadão. O templo regurgitava de gente, estando presentes o bispo, o corpo diplomatico, e pessoas de jerarchia. Trazendo quatro batedores com as espadas em punho, sahirão do paço o principe regente e seus filhos em carro puxado a seis; seguião-

se a guarda de cavallaria, o coche de estado e mais dous tirados a seis cavallos conduzindo os gentis-homens e guarda-roupas.

Ornavão as janellas e portas das casas das ruas Direita e Ouvidor sanefas de sêda de diversas côres ; um monsenhor disse a missa, orou o padre mestre Sampaio, e regeu a musica da missa e do *Te-Deum* o padre José Mauricio.

Em maio de 1822 houve nesta igreja um solemne officio funebre em suffragio das victimas de 17, 18 e 19 de fevereiro desse anno na Bahia ; esteve presente o principe real D. Pedro, e orou frei Sampaio.

Em 25 de março de 1831 celebrou o povo neste templo um *Te-Deum* em festejo do anniversario do juramento da constituição Tinha havido *Te-Deum* na Capella Imperial, cortejo no paço e parada no campo d'Acclamação, commandando Pedro I a tropa. Ao anoitecer começou o *Te-Deum* em S. Francisco de Paula, onde repentinamente appareceu o imperador, sem ser esperado e convidado ; de pé acompanhado de seus semanarios, assistio ao acto religioso, tendo recebido uma vela accesa, que offerecêrão-lhe.

Quando chegára, fôra saudado com vivas — emquanto constitucional, aos quaes respondêra :

— Sou e fui sempre constitucional.

Orou o padre mestre Monte Alverne ; tendo-se construido no largo um corêto, no qual cantou-se um hymno composto para esta occasião, glosando alguns vates o seguinte motte :

Pelo Brazil dar a vida,
Manter a constituição
Sustentar a independencia
E' a nossa obrigação.

Em 6 de outubro de 1831 declarara-se uma insurreição no corpo de artilheria de marinha estacionado na fortaleza da ilha das Cobras ; mas promptas fôrão as providencias do governo ; enviou á ilha 600 homens, guardas municipaes, e o batalhão de officiaes soldados, assestou uma bateria no adro do mosteiro de S. Bento, dispoz convenientemente os navios de guerra, e investio contra os rebeldes ; o tenente-coronel Jacintho Pinto de Araujo Corrêa, escalando

as muralhas, penetrou na praça ; seguirão-no outros officiaes e soldados; e intimada a rendição, sujeitarão-se os revoltosos. Mas, no assalto da fortaleza, uma bala atravessou o pescoço do guarda municipal Estevão de Almeida Chaves, que no dia 8 foi sepultado com grande pompa na igreja de S. Francisco de Paula, sendo o ataúde do finado conduzido da rua de S. Pedro á igreja pelo commandante geral das guardas municipaes, e juizes de paz ; atopetavão o largo mais de cinco mil pessôas ; os regentes, os ministros de Estado e outras pessoas de jerarchia achavão-se no templo, que estava ornado de preto, muito illuminado, com um catafalco no centro, e orchestra no côro. Jámais presenciára o Rio de Janeiro acto funebre tão solemne, pelo sentimento e pela concurrencia do povo ; e tudo foi pago por uma subscripção popular.

Ordenou o governo que a camara inscrevesse no livro, destinado a transmittir á posteridade os grandes acontecimentos, o nome do cidadão Estevão de Almeida Chaves (1).

Em 7 de maio de 1826 propoz o irmão secretario Antonio José Ribeiro da Cunha que se fundasse um collegio para os filhos dos irmãos pobres da ordem dos Mininos ; approvou-se unanimimente a idéa, que passou em mesa conjuncta de 18 de março de 1827 ; tendo, porém, a ordem de erguer o hospital, não pôde dar principio ao edificio do collegio. Em mesa conjuncta de 8 de março de 1846 pugnou o Dr. Antonio José Coelho Lousada pela realização de tão util instituição ; e para esse fim abrio-se uma subscripção, que elevou-se a mais de 18:000$000, que fôrão empregados em apolices. Em 1855 opinárão alguns irmãos, para que em vez das obras da igreja se désse começo ao asylo, que seria construido ao lado esquerdo do templo, onde existe uma casa antiga com uma porta no primeiro pavimento e tres janellas no segundo, a qual serve de moradia do sacristão ; mas assim não se decidio, e o collegio ainda não foi começado.

A ordem dos Minimos tão humanitaria, e que por emblema tem a palavra *caridade*, ella que ampara seus irmãos indigentes, dá-lhes um leito na doença, um jazigo no cemiterio, senão deve esquecer dos

(1) Veja na Revista do Instituto Historico, tomo 34, pag. 276 a memoria intitulada Sedição Militar na ilha das Cobras em 1831 pelo Dr. Moreira de Azevedo.

meninos desamparados, filhos daquelles, que fôrão seus irmãos, que alistados na mesma confraria, esforçarão-se por engrandecer a religião de Christo, e propagar as virtudes do santo ermitão da Calabria.

Educar o orphão, fazer do menino desvalido um cidadão util, é praticar uma acção sublime, e a ordem de S. Francisco de Paula, que tantas vezes repete nas frontarias de seus edificios a palavra *charitas*, deve dar a esta expressão todas as significações sublimes, que ella póde ter ; exprima esse vocabulo no portico da igreja *religião*,— na portaria do hospital *misericordia*, — nos umbraes do cemiterio —*piedade*, e no frontão do collegio — *instrucção*.

ANTONIO DE PADUA E CASTRO

Nasceu Antonio de Padua e Castro em 7 de março de 1804, na villa, hoje cidade de Magé, e fôrão seus pais João Francisco Lourenço e D. Quiteria Vicencia da Conceição ; baptisou-se na igreja da Piedade da mesma cidade.

Retirando-se para o Rio de Janeiro seus pais entregárão-no aos estudos, e resolvidos a dar-lhe a vida da clausura no convento de Santo Antonio, acrescentárão ao seu nome o appellido de Padua ; mas quando ião satisfazer seu desejo, cumprir talvez o voto que fizerão de consagrar ao claustro o filho que a Providencia lhes concedera, cahirão doentes, primeiro um, logo após outro, e em pouco tempo ambos succumbirão.

Ficou Antonio do Padua orfão, pobre, sem amparo e sem futuro ; mas Deus que guia os orfãos ao caminho do bem e do trabalho, fez com que o menino encontrasse uma segunda mãe em uma mulher caridosa, que dispensou ao orfão carinhos e afagos, e entornou-lhe na alma lições proveitosas, conselhos uteis.

Antonio de Padua foi com a idade mostrando decidida propensão pelas artes, e ao mesmo tempo que manifestava repugnancia pela vida ascetica do claustro, despertava-lhe viva satisfação o trabalho artistico.

Resoluto a não seguir a carreira que seus paes havião-lhe distinado, trocou a vida tranquilla e ociosa da cella pela occupação trabalhosa do artista, e começou a estudar a arte torentica com Braz de Almeida.

O menino que estava destinado a cingir o habito de religioso, envolveu-se na blusa do operario e em vez de ir viver na solidão entre frades, quiz permanecer no meio da agitação, do movimento dos artezãos.

O desejo de aprender a arte que ensinavão-lhe, e o seu talento dêrão-lhe azas ; aprendeu; ou antes adevinhou o que devia aprender ; seu mestre reconheceu-o mestre ; declarou-lhe que nada mais sabia para ensinar-lhe ; não satisfeito, porém Antonio de Padua, julgando ter aprendido pouco, e desejoso de devassar os segredos e as difficuldades da arte, como se para elle, que nascera artista, houvessem difficuldades, procurou os mestres Francisco de Paula Borges, e Francisco Xavier Soares, e delles recebeu lições proveitosas ; de sorte que em pouco tempo igualava em mestria áquelles artistas, discipulos do afamado artista Valentim.

O primeiro trabalho seu foi um nicho para a Senhora das Dôres, que se venera na igreja da Candelaria.

Tendo de restaurar-se o trem do paço para servir no segundo casamento do imperador Pedro I, encarregou-se Antonio de Padua do reparo e concerto da obra de talha, collocando no coche imperial uma misula nova, em harmonia com o estylo barroco da obra ; e é este o coche, que ainda serve nos dias da abertura e encerramento da assembléa legislativa

Dirigio a obra da capella mór da igreja matriz da ilha do Governador, e a da igreja de Irajá, ornou os dous altares da igreja da Mãe dos Homens, na rua da Alfandega ; vestio de talha as pilastras entre os altares da igreja do Carmo, igualando seu trabalho ao que existia ; ornou a capella do noviciado da ordem da Penitencia e a capella do Sacramento do hospital da Misericordia.

Dirigio a obra, e fez os ornatos da cimalha para baixo, que ornamentão o interior da igreja parochial do Sacramento (1).

Incumbido em 1855 de ornar de talha o interior da igreja de S. Francisco de Paula, deu principio a esse trabalho no anno seguinte.

Aproveitou algumas peças executadas por Valentim, concluio outras apenas esboçadas e muitas principiadas por esse distincto mestre ; harmonisou os ornatos, multiplicou os festões, as folhagens das quartelas ; ornou elegantemente os capiteis, as columnas e as pilastras ; vestio com arte e belleza os arcos, as côrnijas, os pulpitos,

(1) Veja o capitulo VIII.

as portas, os altares e as misulas, e executou outros trabalhos, interior e exteriormente, que já mencionámos.

Concluida a obra, foi o artista convidado pela ordem para assistir á festa do orago em 7 de maio de 1865 e recebeu um officio, em que se declarava que, em sessão da mesa de 30 abril daquelle anno, resolvêra a ordem, em signal de reconhecimento, gradua-lo definidor, mandar tirar o seu retrato para ser collocado em lugar honroso, e obsequia-lo com um mimo.

Cumprio a ordem o que havia determinado ; mandou tirar o retrato do artista, o qual representa-o em pé, junto de uma columna ; offertou-lhe uma caixa de ouro para rapé com quatro brilhantes nas extremidades, e a firma do artista tambem em brilhantes no tampo, pelo lado externo.

Antonio de Padua summamente commovido agradeceu o mimo em termos obsequiosos.

Nomeado lente de esculptura da academia das bellas artes em 1865, recebeu de seus amigos e admiradores, como prova de consideração e estima, o seu retrato lythographado com esta inscripção :

Orgulhoso o Brazil da tua gloria
Uma pagina marcou da sua historia.

Encarregou-se este artista da direcção da obra e dos novos ornatos da igreja da Lapa dos Mercadores, e deu á esta igreja mais belleza na frontaria, ornando-a com estatuas ; elevou e deu nova architectura ao campanario, tornou mais vasta e elegante a capella-mór e fez outros trabalhos.

Actualmente dirige a obra do exterior da igreja parochial de S. Francisco Xavier, e reveste de talha o interior.

MANOEL DA CUNHA (1)

Este artista nasceu escravo da familia do conego Januario da Cunha Barbosa, começou a estudar a pintura com João de Souza, no Rio de Janeiro, e, vendo a vocação que elle tinha para essa arte, seu senhor levou-o comsigo á Lisboa, onde o misero escravo estudou e aperfeiçoou-se.

Voltando para a patria desejou resgatar-se do captiveiro, e com algum peculio seu, e com o que forneceu-lhe o negociante José Dias da Cruz, alcançou a liberdade.

Era José Dias da Cruz homem bemfazejo, amigo dos pobres, e dos infelizes; fallecendo legou á Misericordia elevada quantia; pelo que vê-se seu retrato entre os dos bemfeitores daquelle casa pia.

Manoel da Cunha, de escravo tornou-se cidadão, de operario transformou-se em artista; e começou a trabalhar e a honrar seu nome.

Pintou um painel, representando o descimento da cruz, para o tecto da capella do Senhor dos Passos, unida á Capella Imperial.

E' trabalho seu o retrato de Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadella, que orna a sala das sessões da camara municipal.

Os paineis da capella da Senhora da Victoria, o santo Avelino da igreja de S. Sebastião, no Castello, diversos quadros do mosteiro de S. Bento, e alguns retratos de bemfeitores da Misericordia fôrão

(1) Veja a Revista do Instituto Historico vol. 33 pag. 206.

pintados por elle. Pintou alguns paineis da paixão de Christo, que apparecião na procissão dos fachos, na quinta-feira maior.

Estabeleceu em sua casa uma aula para doze aprendizes ; porém, mais tarde, cançado de atura-los, reduzio a seis ; no fim de sete annos dava-os por promptos, e só então começávão a ganhar 240 réis diarios. A aula de pintura era no sotão da casa, e no pavimento terreo residião o mestre e suas filhas, que erão peritas em tecer rendas.

Falleceu este artista de congestão cerebral em 26 de abril de 1809.

Com fadiga e trabalho encontrámos nos livros de obitos dos irmãos da ordem terceira da Conceição e Boa Morte, no Hospicio, o assentamento seguinte.

« O irmão Manoel da Cunha veio sepultar-se nesta igreja, amortalhado em habito de Santo Antonio, conduzido em uma sege, recebido pelos seus irmãos, encommendado e recommendado pelo coadjutor da Candelaria em 27 do mez de abril de 1809. »

XVI

IGREJA DO HOSPICIO

Não é raro vir sentar-se a discordia nos umbraes da igreja, apparecer a zizania entre aquelles que, congregados pelos laços da religião, fórmão essas corporações, confrarias, irmandades cujos membros se denominão christãos. O ciume, o odio, a cobiça e outras paixões dividem muitas vezes áquelles que, entregues ás cousas do culto, se esquecem todavia da excellencia da doutrina de Christo que recommenda a mansidão do cordeiro, a misericordia sem fim, a paz e concordia, a paciencia e resignação. E quando penetrão a deshar monia e a desordem nas corporações religiosas, soffrem a moral e a religião ; o culto decahe, a fé esfria, e a casa de Deus sem paz e sem ordem dá ao mundo um espectaculo triste.

Vimos que os terceiros de S. Francisco da Penitencia, por contendas entre si e os religiosos, dividirão-se em dous partidos, dos quaes um, tendo á frente o ministro Francisco de Seixas da Fonseca, transferio-se para a ermida da rua do Rosario. O alvará regio de 12 de março de 1721 autorizou a ordem na ermida do Rosario, onde com as imagens e alfaias para alli conduzidas, e nomeado um sacerdote sob o titulo de commissario, celebrárão-se as festividades competentes.

Os irmãos, que havião abraçado o partido dos religiosos nomeárão

sob a influencia destes outra administração ; mas, em 4 de setembro de 1725, reconciliárão-se os dous partidos, recolhendo-se Francisco de Seixas e seus partidarios á igreja da ordem. A carta regia de 20 de dezembro daquelle anno mandou que se fizesse restituir á antiga e propria capella dos terceiros de S. Francisco todas as imagens, ornamentos e mais paramentos, que della se havião mudado para a do Rosario

Residirão nesta ermida dous religiosos italianos, que em beneficio das missões o governador Ayres de Saldanha de Albuquerque retève nesta cidade.

Esse recinto tão pequeno e mal collocado não podia convir a frades, que mais que todos parecem apreciar os commodos da vida ; de feito deixárão a ermida de Francisco de Seixas, e fôrão recolher-se a do Desterro, legando á primeira habitação o nome de Hospicio, que ainda conserva.

Havia na antiga Sé a irmandade da Conceição, composta de homens pardos libertos, e fundada por Antonio Pinheiro, Jorge de Castro, Eugenio Ribeiro da Costa, Antonio Dutra e Francisco Coelho de Brito, tendo compromisso approvado em 19 de julho de 1700 pelo cabido sede vacante. Vendo que por achar-se mui arruinada a igreja cathedral de S. Sebastião, tratara o bispo de transferir a sé para outro templo, receiou essa irmandade não obter lugar para si na nova cathedral, pelo que cuidou em comprar a ermida do Hospicio, que foi-lhe cedida com todas as alfaias, e uma casa annexa, chamada do noviciado, pela quantia de 3:160$000. Realizou-se a compra por pagamentos, conforme a escriptura de 9 de janeiro de 1729, no cartorio do tabellião Jorge de Souza Coutinho.

Dispondo de mui poucos recursos decorrerão muitos annos sem que a irmandade pudesse saldar o preço da compra ; em 6 de maio de 1801 foi executada pela quantia de 1:978$000, que ainda devia ; e para receber essa somma penhorou a ordem terceira da Penitencia uma casa na rua dos Ourives, pertencente á irmandade da Conceição, que só em 10 de setembro de 1807, teve quitação geral do pagamento.

Liga-se a historia da irmandade da Conceição á da irmandade da Assumpção e Boa-Morte existente no convento dos carmelitas. Erecta em 1663 foi seu compromisso approvado, em 13 de junho d'esse

anno, pelo prelado administrador Manoel de Souza e Almada ; e decorridos cincoenta e seis annos, reformarão-se estes estatutos com approvação do bispo D. Francisco de S. Jeronymo em 31 de janeiro de 1720.

Achando-se alguns irmãos da Senhora da Assumpção e Boa-Morte em desharmonia com os frades, resolverão deixar a igreja do convento, mas combinarão em segredo o seu plano ; começarão a occultar alguma prata sob o pretexto de leva-la a concerto, e esperarão occasião azada para arrebatar a imagem ; de feito no dia da procissão da Virgem, percorreu a imagem diversas ruas, e ao chegar á da Quitanda, esquina da do Rozario, em vez de descerem para dirigir-se ao convento, apressarão os irmãos o passo, subirão pela rua do Rozario, e, penetrando na ermida da Conceição, fecharão as portas. Conta-se que houve tumulto e contenda, velas quebradas, habitos rôtos intervindo a força armada, mas a imagem ficou.

Repetirão-nos esta noticia muitos homens de avançada idade e bom conceito; e accrese que em uma certidão passada em 17 de janeiro de 1812, pelo religioso carmelita frei Thomé da Madre de Deus, diz elle ser tradição em seu convento que, em uma noite, os irmãos da Boa-Morte carregárão a imagem da Virgem para a ermida do Hospicio ; óra a procissão da Boa-Morte foi sempre celebrada á noite, e talvez o religioso não quizesse referir fielmente a tradição, no que parecia-lhe desairoso ao decóro monacal.

Déra-se a mudança da imagem para a ermida do Hospicio em 1734, e em 19 de dezembro desse anno, unirão-se as irmandades da Boa-Morte e da Conceição ; porém os irmãos da Boa-Morte, que permanecêrão no convento, constituirão uma nova irmandade chamada da Senhora da Assumpção, cujo compromisso foi approvado pelo poder competente, ficando reservado o nome de Boa-Morte ao partido da irmandade, que se ausentara para a ermida do Hospicio.

A concordia, a harmonia que começou a reinar entre as irmandades da Conceição e Boa-Morte, deu-lhes impulso e prosperidade, e resolvendo edificar um templo vasto e elegante, no lugar da antiga ermida, lançárão a primeira pedra em 25 de março de 1735, dando o brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim a traça do edificio. Progredirão as obras, apparecêrão devotos que concorrerão com esmolas ; mas no fim de alguns annos a discordia e o ciume separarão as

duas corporações; as obras cessarão, o culto diminuio, e as duas irmandades cahirão em estado de perturbação e regresso, proprio de dous partidos que lutão. Um motivo frivolo originava uma contenda violenta; não se discutia, disputava-se; não se diliberava, guerreava-se; uma confraria queria subrepujar a outra, destrui-la, anniquila-lá para ficar só!

A' irmandade da Conceição deixara Felix Martins Rates um orgão; e por serem communs os bens, quiz a da Boa-Morte usar do instrumento, mas os irmãos da Conceição negavão-lhe as chaves; requereu ao poder competente, que permittio se arrombasse o orgão, se as chaves não fossem entregues; em 10 de abril de 1791, na occasião da missa da Boa-Morte, comparecêrão os irmãos seguidos de um alcaide, exigirão as chaves, levantárão-se contendas, mas, aberto o orgão, celebrou-se a missa

Pertencia á irmandade da Conceição o sino grande da torre, o qual foi recusado á da Boa-Morte, que teve de comprar o sino chamado Braga, que pertencera á igreja do Rosario, quando servira de sé.

Na festa da purificação da Virgem conservavão as duas irmandades o Sacramento em sacrario para distribui-lo aos fieis; e querendo celebrar e dar communhão antes que a irmandade da Conceição, dirigirão-se os irmãos da Boa-Morte á igreja, ás 3 horas da manhã do dia 2 de fevereiro de 1798, e apezar de acharem o altar preparado para a outra confraria e com o competente pavilhão, arrearão este, e hastearão o seu; apresentou-se o thesoureiro da irmandade da Conceição para retirar do altar uma toalha, mas um irmão da Boa-Morte oppoz-se, e com a açucena de um castiçal ferio-o; houve tumulto, interrompeu-se o acto religioso, fechou-se a igreja, e o vigario geral Villas-Boas condemnou o sacrilego em 20$000, e excommungou-o.

Houve contendas sobre a construcção das catacumbas; os da Conceição não querião ceder o terreno do lado da rua do Hospicio, os da Boa-Morte não querião aceitar o terreno do lado da rua do Rosario, porque, construida a torre, ficaria reduzido.

Uma das irmandades guardava as chaves da igreja em certos mezes, a outra em outros; e se acontecia uma dellas necessitar das chaves em mezes contrarios, negava-se a outra, e tinhão-se de arrombar as portas.

Era uma luta sem tregnas; transformara-se a casa de Deus em arena de contendores; o recinto da oração se não differençava da praça publica; e durante essa luta decahio o culto, e a edificação do templo não progredio.

Convem dar certos esclarecimentos antes de declarar como findou essa contenda.

Por provisão de junho de 1747, requerida pelo missionario capuchinho, frei Anselmo Bertrand, teve estabilidade a irmandade da Conceição, que em 17 de novembro de 1764 reformou seu compromisso, pelo qual só podião ser irmãos os que fossem legitimamente pardos, não se comprehendendo disso que serião excluidos os homens brancos; e cada irmão daria na entrada 1$600 e annualmente 480 reis. Confirmado em 22 de março de 1765 pelo bispo, foi esse compromisso revalidado pela mesa da consciencia e ordens, em provisão de 24 de março do 1767, por terem sido declaradas sem vigor as erecções de semelhantes sociedades pelos ordinarios, e tambem as confirmações de suas leis, pelas provisões de 17 de novembro de 1766 e 12 de setembro de 1767 daquelle tribunal.

Em 30 de janeiro de 1816 confirmou-se em Roma o diploma do breve apostolico elevando a irmandade da Conceição á ordem terceira com a regra da ordem terceira dos Minimos de S. Francisco de Paula; e confirmada pelo bispo em 31 de julho de 1816, foi essa graça approvada pelo beneplacito régio. Preparando novo compromisso a ordem terceira da Conceição approvou-o em 17 de dezembro de 1817, e a mesa da consciencia e ordens confirmou-o em 8 de julho de 1819.

Continuava a luta entre as duas corporações, sem poder applacal-a nem as admoestações dos mais prudentes, nem os conselhos que vinhão do pulpito; propuzera o juiz da irmandade da Conceição, Francisco Ferreira de Sampaio, em 25 de julho de 1815, a reunião das duas irmandades, mas em 31 de julho o juiz da Boa Morte, Domingos José Ferreira Braga, recusára a conciliação. Felizmente para a religião e para a moralidade publica raiou o dia da concordia e da paz; porque apresentada, em 9 de março de 1820, a proposta da reunião das duas confrarias, depois de animada discussão por 48 horas, foi approvada. Dous dias depois lavrou-se a escriptura em notas do livro 171, no cartorio do tabellião Joaquim José de Castro, a

qual veio revalidar a união das duas corporações, que desde então constituirão uma só sob o titulo de Ordem Terceira da Conceição e Boa Morte. Era então corrector da ordem da Conceição Nicoláo Viegas de Proença, e juiz da irmandade da Boa Morte, Domingos Alves Pinto, os quaes esforçarão-se por terminar uma luta de 60 annos, restabelecendo a concordia e a paz no recinto da oração.

Propoz Carlos José de Almeida, em seu relatorio de 1861 que a ordem mandasse celebrar cada anno, em 9 de março, uma missa por aquelles bemfeitores, que de feito prestarão relevante serviço, plantando a harmonia entre duas corporações, que se ião anniquilando.

Em 3 de abril de 1820 houve solemne festividade em louvor da fusão das duas confrarias, que prepararão novo compromisso; approvado, em 13 de novembro de 1830, foi confirmado em 3 de dezembro do mesmo anno.

Fundidas as duas corporações cuidou-se em melhorar o templo, em levantar o culto, que nos dias de anarchia cahira em deleixo; correrão, porém, alguns annos em que nada se fez, por não haver dinheiro, pois estavão exhaustos os cofres; o que prova quanto são nocivas as lutas entre homens, entre associações, cujos esforços devem ser dirigidos para o mesmo fim.

Em sessão de 21 de fevereiro de 1838 o corrector Antonio Fernandes Vaz determinou dar principio ás obras da igreja, e nomeado procurador Antonio Machado Nunes, escolheu-se para mestre carpinteiro a José Maria da Trindade, e para mestre pedreiro a Francisco Pereira de Santa Anna; fechou-se o templo, e os actos religiosos começárão a celebrar-se na sacristia.

Acontecendo ficarem fendidas duas pilastras, que sustentão os arcos da nave da igreja do lado da rua dos Ourives, pareceu imminente o perigo para as paredes do templo, porém mandou José da Trindade escorar os arcos, e com pericia e cuidado levantou novas pilastras; e por haver concluido o trabalho com felicidade derão elle e Santa Anna um jantar, e fizerão celebrar uma missa.

Trindade e Santa Anna administrarão gratuitamente as obras da igreja, que ficou concluida em 1842. Mas estando o interior do edificio despido de ornatos, e sem a decencia conveniente ao culto, corridos alguns annos, emprehendeu a ordem novas obras; mandou

fazer um guarda vento, banquetas para os altares, reformar as tribunas do corpo da igreja, as quaes constituião uma extensa varanda, dar fórma mais elegante ao côro, que teve um orgão novo, substituir os pulpitos portateis por outros abertos nas pilastras, que sustentão o arco cruzeiro, os quaes fôrão dourados á custa de um irmão, e vestir de talha o recinto do templo, encarregando-se dessa obra o artista Manoel Francisco dos Santos Deveza, que não só não harmonisou seu trabalho com o retabulo do altar-mór executado por Valentim, como tambem não apropriou-o á architectura do edificio, ao caracter grave que nelle predomina, tornando-se mais saliente esse defeito nas capellas fundas, onde havia espaço para elevarem-se altas columnas, estatuas magestosas, em vez de ornatos improprios e mesquinhos.

Além de varios objectos de ornatos, como açucenas, tapetes, laços de velludo, ramos de flôres, grinaldas e vestimentas de imagens fizerão-se resplandores, corôas e outras peças de prata para os santos ; e desses artefactos encarregou-se gratuitamente o ourives José de Oliveira Coutinho, fornecendo a ordem a prata ; e assim poupou no feitio de taes obras a quantia de 1:405$000. O antigo resplandor da imagem de Christo do altar-mór era de folha de flandres

A imagem da Assumpção sobre o arco cruzeiro foi substituida por um emblema com as lettras C. B. M.

Por meio de uma subscripção agenciada pelo irmão Ignacio Joaquim dos Santos dourárão-se as capellas fundas e o altar-mór, sendo os outros altares dourados á custa de diversos irmãos. Construio-se o parapeito de granito, que sustenta a gradaria do adro.

Concluidas as obras, benzeu o bispo, conde de Irajá, em 4 de dezembro de 1853, a sacristia, e querendo o sacerdote, que conduzia a cruz, abrir a porta do templo, retorquio-lhe o irmão José Maria dos Reis, que se incumbira de inspeccionar as obras:

— Não abra, eu fechei, eu quero abril-a.

Na tarde desse dia vierão em procissão do templo de S. Francisco de Paula para esta igreja as imagens, que havião sido encarnadas.

Acha-se a igreja do Hospicio na rua do Rosario, esquina da dos Ourives ; tem o atrio lageado de pedra, e cercado de gradil de ferro; tres portas dão entrada para o recinto do sanctuario, lendo-se no

friso da do centro a data 1785 em letras douradas, e no tympano do frontão barroco que a enfeita, a antiphona *Janua cœli* : As janellas do côro têm grades de ferro ; seguem-se um segundo corpo com uma luneta envidraçada, e o frontão recto. A broxa do caiador cobrio de azul o granito que ha no rosto deste edificio que não tem architectura, nem belleza.

Não ha torre, e só um campanario para o qual sóbe-se por uma escada de cantaria.

Interiormente é o templo dividido em tres naves com sete altares e duas capellas fundas.

Se nota-se aqui o sombrio mysterioso, a magestosa construcção das antigas basilicas, não encontrão-se a harmonia, o rythmo das linhas e contornos que tornão bellos taes edificios ; são pesadas as fórmas, não ha belleza nem elegancia nas pilastras das naves e a falta de ornatos, de flôres, de estatuas torna este templo monotono, pesado, sem poesia e vida.

Nos altares venerão-se as imagens de S. Miguel, S. José, S. Francisco de Paula e da Senhora da Assumpção, do Soccorro e a de Santa Anna.

O arco cruzeiro e o arco da capella-mór sustentão o zimborio alumiado por uma lanterna octogona. Sob o zimborio estão as capellas fundas com as imagens da Senhora das Dôres, da Boa-Morte e a de Christo-Morto junto ao supedaneo do altar; ha ahi quatro tribunas, duas do lado do arco cruzeiro, e duas do lado da capella-mór, e no pavimento terreo quatro portas.

Pertence o altar-mór ás imagens da Conceição e de Christo que veio substituir a da Boa Morte que alli havia.

Em 11 de outubro de 1795 o coronel Claudio José Pereira da Silva deu 500$000 para o retabulo deste altar, cujo frontal é de prata.

Das portas que ha sob o zimborio principião dous corredores ladrilhados de mosaico de marmore que vão ter á sacristia, que é espaçosa e com duas janellas para a rua dos Ourives e tres janellas e uma porta para a rua do Hospicio. Ha na sacristia o altar da Conceição e Boa-Morte, um esguicho de marmore construido em 1855 á custa de irmãos da ordem, a capella do noviciado com tres portas de archivolta edificada sob a direcção do artista Antonio de Padua e Castro, e ben-

zida em 8 de dezembro de 1875, e os retratos dos ex-correctores José Maria dos Reis e Joaquim José de Castro de Araujo Sampaio.

Depois de incessantes esforços e despezas obteve José Maria dos Reis o breve de 19 de setembro de 1856 confirmado pelo bispo e o governo, em 22 de dezembro do mesmo anno, isentando a ordem da sujeição e dependencia do vigario da Candelaria; e transferida nesse anno a festa da Conceição celebrou-se já sem licença do parocho officiando o internuncio Vicente Massoni, que auxiliara a promulgação do supracitado breve (1)

Em 22 de julho de 1857 propoz o irmão Carlos José de Almeida que se mandasse tirar o retrato de José Maria dos Reis, pelo beneficio prestado a ordem; e sendo approvado, pintou o artista Moreau o retrato em 1860. (2)

Fallecendo em 19 de agosto de 1867 deixou Joaquim José de Castro de Araujo Sampaio um legado para por meio de sorteio destribuirem-se 12 esmolas de 20$000 cada uma, no dia da festividade da Conceição, pelos irmãos e irmãs pobres da ordem.

Junto á sacristia estava a casa da arrecadação, mas em 1875 a ordem levantou alli um predio com janellas para a rua do Hospicio; e alugando o pavimento terreo, estabeleceu no pavimento superior o consistorio.

No fundo deste predio ha um terreno que foi um antigo cemiterio com catacumbas benzidas no 1º. de novem bro de 1813, as quaes sendo insufficientes resolveu a ordem em 12 de fevereiro de 1843 edificar outras no lugar onde depois fez-se a casa da arrecadação, mas não chegou a concluir essa obra por terem sido prohibidos os enterramentos nas igrejas.

Nos antigos jazigos desta igreja sepultou-se Martinho de Brito que foi o melhor ourives de martello de seu tempo; foi elle o autor das lampadas de prata existentes no mosteiro de S. Bento e em outros

(1) Este internuncio falleceu de febre amarella no Rio de Janeiro em 3 de junho de 1857, e a ordem da Conceição e Boa-Morte, que fizera preces pelo seu restabelecimento, acompanhou o cadaver até á igreja de S. Sebastião no Castello, e celebrou solemnes exequias.

(2) Falleceu José Maria dos Reis em 2 de agosto de 1875.

templos do Rio de Janeiro. Era de cor parda, alto, magro, capitão do quarto regimento de milicias, chamado dos pardos, e chegou a reformar-se em sargento-mor e pereceu contando mais de cem annos. Eis o seu obito por nós encontrado em livros antigos:

« O irmão sargento-mor Martinho Pereira de Brito veio sepultar-se nesta igreja da ordem terceira da Conceição e Boa-Morte, amortalhado em habito da ordem, conduzido em sege, no caixão da mesma ordem por ser pobre, encommendado e recommendado pelo nosso padre procommissario, com licença do parocho da freguezia do Sacramento, em 4 de julho de 1830. Jaz na catacumba nº 7. »

O antigo cemiterio transformou-se em jardim com tanque de marmore. Por cima da sacristia córre um sobrado com tres janellas de sacada para a rua dos Ourives e quatro para a do Hospicio, onde ve-se um salão com o altar das imagens do Christo Crucifixado e do Senhor dos Passos, que estiverão em um dos altares da igreja; e tambem dous paineis, um da Conceição, trabalho do artista Raymundo da Costa, e o outro da Boa-Morte, pintado por Leandro Joaquim, do qual verá o leitor uma rapida noticia no fim deste capitulo.

Festejão-se na igreja do Hospicio a Senhora da Conceição e a da Boa-Morte, destribuindo-se na primeira, alem das esmolas já mencionadas, 240$000, juros de 4 apolices legadas para esse fim pelo irmão Luiz Vieira de Leão, que falleceu em 22 de março de 1846; os irmãos da ordem conduzirão a mão o seu cadaver desde a rua da Alfandega á igreja que descrevemos, onde foi sepultado.

Sahia deste templo em 14 de agosto, a procissão da Senhora da Boa-Morte, e erão os padres que carregavão o esquife; mas desejando fazer o acto apressadamente, oppuzerão-se os irmãos, e em sessão de 10 de julho de 1831, resolverão carregar elles mesmos o andor.

Tambem na procissão do Enterro, que sahia da igreja do Carmo carregavão os padres o esquife, mas havendo contendas em 1859 entre elles e os irmãos da ordem, por exigirem maior esportula, e quererem levar a seu geito o corpo de Christo, determinarão os irmãos terceiros dispensar os sacerdotes. Em 1873 supprimio-se a procissão da Senhora da Boa-Morte, na qual outrora não havia anjo-cantor, mas as devotas armavão palanques, donde cantavão hymnos ao transitar da procissão.

Havia nesta igreja, no tempo de D. João VI, a festa da

Senhora das Dôres, chamada das Damas, por ser celebrada pelas damas do Paço.

Os irmãos da Conceição usavão de opa branca e murça azul, e os da Boa-Morte de opa e murça brancas ; pela provisão de 23 de agosto de 1814, e beneplacito regio de 2 de novembro do mesmo anno, começarão a usar de habitos talares de lã com tunica branca e capa azul, e em 1847 admittirão tunica, capa e cordão pretos, e escapulario azul tendo no peito as iniciaes C. B. M; possue esta confraria diversos predios e apolices, e dá esmolas mensaes aos irmãos pobres.

Em 1861 propoz Carlos Jóse de Almeida uma tabella de esmolas para os irmãos que, tendo occupado cargos na ordem, cahirem na pobreza, como se pratica nas outras corporações

E' louvavel essa idéa, porque é precaria a fortuna ; e assim o irmão que mais despender com a ordem, mais deve receber, quando cahir em indigencia; se as ordens, as confrarias religiosas não desamparão os seus confrades pobres, com mais razão devem favorecer áquelles que, alem de pobres, prestarão serviços á corporação; acresce que se a gratidão é um dever, uma virtude, é nas instituições religiosas que a sua pratica deve ser mais seguida e de mais exemplo.

LEANDRO JOAQUIM

Ignoramos o anno do nascimento e da morte de Leandro Joaquim.

Outrora, e ainda hoje, erão os artistas desprezados no Brazil, vivião na obscuridade, trabalhavão, apresentavão as suas obras, mas não ouvião um elogio ; e a sociedade que d'elles se esquecera em vida, não ia indagar para onde ião seus cadaveres.

O berço e o tumulo do artista era um segredo para a patria; ninguem indagava onde nascera, ninguem ia gastar uma flor no chão de seu sepulchro ; vivia o misero esquecido e morria desprezado

Leandro Joaquim tinha um pincel ameno ; para a igreja do Parto pintou uma Santa Cecilia e um S. João que desapparecerão ; tendo a mesma sorte um quadro da Senhora das Mercês, e outro de Santo Eloy, trabalho seu.

Já dissemos que são d'elle os quadros arredondados que se guardão na sacristia daquella igreja, os quaes relatão o incendio e a reconstrucção do recolhimento do Parto, e o retrato que alli se vê do vice-rei Vasconcellos (1).

Pintou diversos paineis para a igreja de S. Sebastião do Castello, dos quaes já desapparecerão alguns.

Era Leandro Joaquim quem dourava melhor as fitas, que como medidas dos santos, destribuião-se nas festividades.

Appareceu no governo de Luiz de Vasconcellos, no Rio de Janeiro, uma epidemia, que ceifou muitas vidas. Era uma febre de máo caracter, e de natureza nervosa que, se não matava, deixava deformidades physicas, e paralysias.

(1) Veja os capitulos VIII e XIV.

Para afastar o mal mandou o vice-rei executar algumas medidas hygienicas, queimar alcatrão pelas ruas, limpar as vallas, etc. Recebeu esta molestia em Lisboa, onde se manifestou, e donde veio para o Brazil, o nome de Zamparine, por causa da cantora Zamparine que, contratada por Galli, banqueiro da curia romana, viera á Lisboa como prima-dona de uma companhia italiana, e alli conservou-se até 1774, recebendo entao ordem do marquez de Pombal para ausentar-se de Portugal.

Leandro Joaquim teve a Zamparine, e d'ella resultou-lhe uma paralysia, que impossibilitava-o de trabalhar ; mas cheio de fé e crença, implorou a protecção da Virgem da Boa-Morte, promettendo representa-la em painel, logo que se restabelecesse; de feito, recuperou a saude, e pintou o painel que guarda-se na igreja do Hospicio.

XVII

IGREJA DO BOM JESUS

Nesses antigos tempos de devoção e fé, via-se facilmente surgir uma ermida, um sanctuario, porque desejava cada devoto ser o fundador de um altar, de uma capella, ou de uma igreja.

Em tempos remotos, construio José de Souza Barros, em seis braças de terra que possuia na cidade, uma ermida ao Senhor Bom Jesus; era um pequeno recinto com uma só porta, uma só janella, um só altar, com um campanario junto ao frontão, e occupava o lugar onde está hoje a capella-mór da igreja que descrevemos.

Deste sanctuario tornou-se protector o bispo D. Francisco de S. Jeronymo, que, determinando transformar em igreja a ermida de Souza Barros, lançou em 1719 a primeira pedra do edificio; onde no anno seguinte vierão residir dous capuchinos italianos.

Fallecendo o bispo, quando a igreja estava em principio, legou-lhe em testamento 25,000 cruzados, e mais 3,000 para compra de alfaias; doando assim 11:200$000, quantia mui avultada para aquella epoca. Ficara encarregado de receber e despender o legado o deão Gaspar Gonçalves de Araujo, amigo particular do testador. Este sacerdote, graduado em leis pela universidade de Coimbra, era homem erudito; delle diz Pizarro:

— Nunca vergarão com o peso dos empenhos, nem desmentirão do prumo á força de obsequios, as varas da justiça sustentadas por aquellas mãos. »

Ah bons tempos e bons homens da tempera antiga! Como vergão, quebrão-se, e se despedação hoje as varas da justiça com o peso dos empenhos; que não conseguem os obsequios desviar do prumo! Talvez fosse hoje difficil ao deão Gaspar Gonçalves superar o peso dos empenhos, desprezar o patronato!

O legado do bispo permittio a continuação das obras da igreja, que abrio-se ao culto divino; comprada pelos homens pardos começou a ser conhecida com o nome de Hospicio dos Parceiros; formarão elles uma confraria em 1724, prepararão um compromisso que, approvado pela provisão de 3 de setembro de 1732, mais tarde, depois de reformado, teve a confirmação da mesa da consciencia e ordens. Mas poucas noticias podemos dar da antiga congregação do Bom Jesus, porque um capellão lançou ao fogo os livros velhos que encontrou na secretaria, julgando-os inuteis.

Recorda-nos este facto o dito de um doudo chamado Romualdo que houve nesta cidade no tempo do marquez do Lavradio, o qual entrando na sé, e vendo um conego muito velho, exclamou:

— Dizem que o que é velho deita-se fóra, e porque não lanção fora aquelle conego, que está tão velho.

Os capitulares olharão uns para os outros e sorrirão.

As esmolas dos fieis, os donativos dos irmãos da confraria facilitarão a continuação das obras da igreja; em 1772 deu Antonio de Avila da Fonseca 700$000, para o fórro do templo, cujas paredes, nesse anno, chegarão á frente; dando-se principio ao frontispicio, ficou concluido até o entablamento em 1775.

Exhausto o cofre da irmandade pararão as obras; mas offertando o sargento-mór Caetano José Pinheiro, em 1783, 200$000 para a porta da igreja, e 300$000 para a continuação da torre, progredio a construcção do edificio, cuja fachada ficou concluida em 1796.

Um decreto vindo de Lisboa em 1799 ordenava a venda dos bens religiosos, sendo o dinheiro recolhido para pagar os juros de emprestimo, e outras despezas militares e de marinha; pelo que teve a confraria do Bom-Jesus de vender diversos predios, diminuindo seu patrimonio e rendimento. As obras do templo cessarão e, recomeçadas

depois, caminharão algum tempo com tanta lentidão que em treze annos só fizerão-se os fórros da igreja e do corredor, a escada do côro, o guarda vento e o lageamento do adro.

Em 1813 a irmandade reformou o compromisso, que vigorou até 1829 e tratou de construir catacumbas junto á sacristia; em 8 de fevereiro de 1829 o procurador geral Agostinho da Silva Pinheiro propoz a elevação da irmandade em ordem terceira, e a mesa conjuncta de 15 do mesmo mez e anno approvou essa proposta. Sanccionarão-a o breve pontificio de 11 de março de 1830, o beneplacito imperial de 19 de setembro, e o edital do bispo de 22 de setembro daquelle anno.

Formulado novo compromisso foi approvado pela carta de 30 de agosto de 1831; mas encarregada de reformal-o em 1837 uma commissão de cinco membros teve approvação, em 14 de dezembro do mesmo anno, e em 19 de janeiro e 5 de fevereiro de 1838 a confirmação da igreja e do governo; lutou, porém, a ordem trinta annos para libertar-se da sujeição do parocho da freguezia, o que conseguio pelo breve de 18 de maio, e provisão do bispo de 21 de julho de 1860.

Levanta-se a igreja do Bom Jesus na rua do General Camara, esquina da rua da Uruguayana.

Tem o atrio um degráo e é fechado com grades de ferro presas a pilastras de pedra. Reedificada a igreja em 1854 a 1860 reformarão-se as grades do atrio, construio-se o parapeito de granito, que as sustenta, e assentou-se o mosaico que cobre o pavimento.

A frontaria do templo é de estylo barroco; ha o portico, as tres janellas do côro, duas com vidraças e a central com grade de ferro; o frontão recto e o tympano com um oculo ou luneta. Era de marmore com raios de metal a cruz hasteada sobre o frontão; mas ha sessenta annos, em dia da Assumpção, um raio partio essa cruz, que foi substituida pela de granito, que alli ha.

Ergue-se ao lado esquerdo, a torre que é baixa tem o pinaculo de forma pyramidal, e encerra uma escada cochleada de granito que conduz aos sinos. Interiormente é o edificio elegante e bem ornado.

Em 22 de fevereiro de 1854 resolvera a ordem reconstruir a sacristia e a capella-mór; terminadas estas obras, reedificou o corpo da igreja, que, estando concluido, recebeu a benção do pro-

commissario em 24 de agosto de 1860, havendo dous dias depois, solemne *Te-Deum* em acção de graças.

Deu-se mais elevação e extenção á capella-mór; alargarão-se as tribunas, abrindo-se entrada para as do lado direito; cobrio-se de marmore o presbiterio, o pavimento de mosaico; reformou-se a obra de talha; abrio-se na capella-mor uma clara-boia, destruindo-se um painel da Ascenção que alli havia, feito por José Leandro, e circumdado de vasos de flôres pintadas pelo filho desse habil artista.

Havia no altar-mór, além da imagem de Christo, as de S. João Baptista e S. João Nepomuceno, mas actualmente veem-se Magdalena abraçada á cruz, S. João Evangelista e a Senhora da Soledade; tendo sido estas imagens offertadas por irmãos da ordem. Fecha a boca do throno um painel pintado pelo artista Bragaldi, representando a santa cruz.

Reconstruido o corpo da igreja em 1854 a 1860, elevou-se o tecto, deu-se entrada ás tribunas do lado direito, circumdou-se os altares com uma grade de jacarandá, cobrio-se de mosaico o pavimento por debaixo do côro; tirárão-se os altares que havia nos cantos, junto ao arco cruzeiro e levantárão-se dous além dos pulpitos; preparou-se novo guarda-vento, e o artista Antonio Devêza encheu com obra de talha alguns lugares, que não tinhão ornatos.

Os altares do corpo da igreja pertencem á Senhora das Dôres, da Piedade e ao Senhor dos Passos e da Cana Verde.

Vião-se no altar da Senhora das Dôres as imagens de Santa Anna, S. Joaquim e S. José; porém, doando Antonio Teixeira de Carvalho, zelador da imagem das Dôres, que se venerava na igreja do Rosario, dous predios á ordem do Bom Jesus, com a obrigação de festejar annualmente, na sexta-feira do triumpho, aquella imagem, aceitou a ordem o legado pela escriptura de 13 de fevereiro de 1836 do tabellião João Caetano de Oliveira Guimarães; e no fim de alguns annos conduzio a referida imagem para sua igreja.

No altar do Senhor da Cana Verde havia a Senhora da Soledade, e no do Senhor dos Passos a imagem de S. Miguel.

O corpo da igreja tem quatro tribunas, quatro portas, e dous pulpitos. Pendia em frente de cada altar, uma lampada; mas na noite de 11 de dezembro de 1833 arrombárão os ladrões as fechaduras do corredor e sacristia, subirão ao côro, por uma corda descêrão á

igreja, e roubárão cinco lampadas, tres calices, um dito lavrado, dourado e rico, com as competentes patenas e colheres ; uma custodia grande, uma cruz que servia para a ordem, quando sahia encorporada, uma ambula, tudo de prata, um diadema de cobre dourado da Senhora da Piedade com estrellas cravadas de pedra, e um do mesmo metal pertencente ao Senhor que está nos braços da Virgem. Encontrado quebrado na praia do Sacco do Alferes o resplandor da Virgem da Piedade uma devota mandou concerta-lo e restitui-lo á igreja ; e conta-se ter se achado na Prainha o calix (1).

O irmão vigario e sacristães que servirão de 1858 a 1871 offertárão a harmonica do côro.

Ha na capella-mór duas portas, uma para um pequeno corredor construido em 1854 a 1860, e a outra, que dá entrada para a ante-sacristia. Extensa, lageada de marmore guarda a ante-sacristia os tumulos de dous bemfeitores da ordem ; o padre Miguel Affonso e Geraldo de Siqueira Bastos, havendo sobre o jazigo deste uma concha de agua benta. Tem duas portas, uma para o corredor que ladêa a igreja, e a outra para a sacristia, cujo pavimento é de mosaico de marmore ; tendo um nicho com a imagem do orago, um arcaz, dous armarios de jacarandá, e um esguicho de marmore. Era alli a capella do noviciado, mas em 1854 a 1860 construio-se outra capella para esse fim, junto ao corredor lateral ao templo, tendo a entrada no pateo, que separa a igreja do hospital. Guarda essa capella as imagens de S. Francisco de Paula, S. Miguel e da Senhora da Conceição, e possue um rico frontal doado pelo mestre de noviços Manoel Moreira Duarte Mattos.

Da ante-sacristia principia a escada que vae ás seis tribunas da capella-mór, e ao novo consistorio edificado em 1854 a 1860.

No corredor ao lado esquerdo do templo, veem-se os seguintes retratos :

Do bispo D. Francisco de S. Jeronymo feito por Jorge Vedras, e offertado em 1839 por Manoel do Rosario e Gabriel José do Rosario ;

(1) Veja o Jornal do Commercio de 12 de dezembro de 1833.

De José de Souza Barros, fundador da ermida do Bom Jesus, pintado por Jorge Vedras, e offerecido á ordem no mesmo anno pelos referidos individuos;

Do padre Miguel Affonso, nascido na capitania de Minas, em 29 de setembro de 1738, doutor pela universidade de Coimbra. Era alto de estatura, residente na rua dos Ferradores n. 90, hoje da Alfandega ; jovial no trato e de procedimento irreprehensivel ; não sahia á rua sem a samarra e o chapéo de tres ventos, e frequentemente dizia missa no altar do Senhor dos Passos desta igreja, de que foi bemfeitor. Quando via mulheres junto do altar, regava com agua benta o supedaneo, e não celebrava, em quanto ellas não se afastavão. Pereceu em 7 de dezembro de 1828, pedindo em testamento que seus escravos conduzissem seu cadaver á igreja do Bom Jesus para ser sepultado, legando a essa ordem quatro predios, dous de sobrado e dous terreos, para dos seus rendimentos celebrarem-se duas missas semanalmente por sua alma e de seus parentes, e o resto dividir-se por 24 viuvas e orfãs pobres, sendo doze esmolas destribuidas por sorte no dia da festa do orago, e doze do mesmo modo no dia da festividade da Senhora da Piedade. A ordem tomou posse do legado em 19 de dezembro de 1831, e em 30 de janeiro de 1833 repartio pela primeira vez as esmolas ; cuja quantia tem variado em consequencia de concertos e alterações dos alugueis dos predios; mas actualmente estão fixadas em 60$000 cada uma, as doze que se distribuem na festa do orago ; e em 50$000 cada uma, as doze dadas na outra festividade. Na pauta em que escrevem-se os nomes das viuvas e orfãs favorecidas pela sorte, leem-se estes versos :

Recebe, oh alma, que habitas,
Na do céo pura mansão,
Das que proteges na terra,
Os votos de gratidão.

Ao tempo extranho existe em toda a idade
Padrão que tem por base — a caridade.

Foi o padre Miguel Affonso quem deu a cantaria para a construcção da torre da igreja ;

Do ex-corrector jubilado Geraldo Siqueira Bastos, homem rico,

religioso e beneficente. Residia em um sobrado da rua do Sabão, e habitava nas lojas uma mulher pobre chamada Maria Batatinha, protegida por elle. Pedro Hespanhol, que se fizera chefe de uma quadrilha de salteadores, teceu relações amorosas com Maria, e como sabia que esta era encarregada de certos serviços em casa de Geraldo Bastos, tentou roubar este negociante, penetrando por uma porta que communicava a loja com o sobrado e revelou seu plano a Maria, que, grata a Siqueira Bastos, não quiz sujeitar-se ao acto infame do salteador. Contrariado em sua ambição determinou este vingar-se, pelo que convidou a pobre mulher para um passeio ao morro de Santa Thereza, donde ella não voltou mais.

Em 13 de agosto de 1832, publicava o *Jornal do Commercio* o seguinte :

« No dia 9 de agosto de 1832 levárão á Misericordia o cadaver de uma parda, da qual a cabeça foi achada separada do tronco. Este cadaver foi encontrado no aqueducto de Santa Thereza, no lugar denominado Dous Irmãos ; os braços cheios de cutiladas, e as mãos atacadas principalmente nas juntas, indicão que a victima se defendeu com a energia do desespero, e que acabou com as angustias mais horrendas. Levava um vestido de merinó azul, sapatos côr de rosa, e meias de sêda. »

A voz publica indicou como autor deste crime o salteador Pedro Hespanhol, e na victima reconheceu a infeliz Maria Batatinha

Offertou Geraldo de Siqueira Bastos 40 castiçaes para o altar-mor da igreja do Bom Jesus ; pagou em quanto viveu, a cêra que se gastava na festa da Virgem da Piedade, e em testamento legou cinco predios, para dos seus rendimentos destribuirem-se 20 esmolas de 12$000 por irmãos pobres na festividade da Senhora das Dôres, e celebrarem-se missas pela sua alma;

Do ex-corrector jubilado Patricio Ricardo Freire, que convocou as mesas ordinaria e conjuncta para resolver-se a edificação do hospital, e agenciou uma subscripção para essa obra, concorrendo com 1:000$000 ;

Do ex-corrector jubilado Antonio Alves da Silva Pinto, que lançou a primeira pedra do hospital ; mandou abrir em 15 de janeiro de 1851 a travessa do Bom Jesus, sendo a ordem a primeira que passou por alli em procissão ; demolindo para abrir essa

travessa quatro predios, um que pertencia-lhe, o outro doado pelos irmãos Joaquim José do Rosario e João José Rodrigues Leitão, e dous comprados por meio de subscripções e donativos entre os irmãos; exerceu Silva Pinto cinco annos consecutivos o cargo de corrector, e em testamento legou 8:000$000 e mais 600$000 para a reconstrucção de dous altares da igreja. O seu retrato foi pintado pelo artista Francisco de Souza Lobo;

Do ex-corrector jubilado José Alves Corrêa, fallecido em 8 de dezembro de 1853; deu a prata que guarnece a cruz de Christo do altar-mór, e legou em testamento 60 apolices, 30 para patrimonio do hospital, e 30 para serem os juros destribuidos por diversos individuos, passando por morte destes á differentes confrarias, irmandades e ordens terceiras (1);

Do ex-corrector jubilado Joaquim José de Castro de Araujo Sampaio, que além de outros beneficios, deu a telha para a capella-mór da igreja e para o hospital; pintou este retrato o artista João Maximiano Mafra;

Do ex-definidor José Lopes, fallecido em 21 de outubro de 1867. Este homem, natural de Lisbôa, era um avarento; vivia miseravelmente, mal trajado, e mais de uma vez deitárão-lhe esmola no chapéo, tomando-o por mendigo; em quanto vivo jámais beneficiou a alguem, mas perecendo deixou pequenos legados a seus sobrinhos, e 110 apolices de 1:000$000 á ordem do Bom Jesus para destribuir, no dia 19 de março de cada anno, 100 esmolas de 40$000 a viuvas pobres maiores de 58 annos, 4 dotes de 600$000 cada um a orfãs pobres, filhas de irmãos da ordem, e determinou que os remanescentes de seus bens, reduzidos a apolices, pertencessem ao hospital da mesma ordem. Elevou-se assim a 217 o numero das apolices legadas; mas em consequencia de uma demanda encetada por um cessionario destes bens, ainda não está a ordem de posse delles.

Seria José Lopes mesquinho em quanto vivo, supportaria privações, para ter a gloria de legar aos pobres e aos orfãos avultadas quantias afim de tornar seu nome abençoado; accumularia com trabalho e martyrio essa immensa fortuna, para destribuil-a quando morto, em obras pias; legaria tantas esmolas levado simplesmente

(1) Veja Mosaico Brazileiro pelo Dr. Moreira de Azevedo pag. 147.

por um sentimento de vaidade; ou seria apenas um avarento, um deshumano, com amor e apego sordido ao dinheiro do qual só pôde separar-se na hora extrema? Só Deos o sabe;

Do corrector jubilado e bemfeitor Antonio Dias Guimarães, que ainda vive; pintou este retrato e o do José Lopes o artista Rocha Fragoso.

Além das esmolas já mencionadas distribue a ordem por sorteio, no dia da festividade da Conceição, a irmãs e irmãos pobres, doze esmolas de 20$000, em virtude do legado de seis apolices deixadas em 1846 por Jacintho José da Silva. Revelara este homem aos escravos que em seu testamento deixava-os livres e com bens; pelo que estes, ingratos e ambiciosos, envenenarão-o, sendo o infeliz sepultado na igreja de S. Pedro em 4 de outubro de 1846. Quatro dias depois a policia exhumou o cadaver, e descobertos pela autopsia os signaes do crime, fôrão os assassinos presos, tendo sido o veneno propinado pela escrava Isabel, que recebêra-o do seu irmão Innocencio.

Sahião desta igreja as procissões dos Passos e do Enterro, a primeira instituida em 1841, e a segunda em 1849. Na procissão dos Passos havia, em frente do Palacio Imperial, o encontro do andor da Virgem com o de Christo, indo a imagem das Dôres para a igreja da Cruz, donde sahia a encontrar a outra imagem; e attrahia esse acto tanta concurrencia, que originavão-se disturbios, roubos e desacatos. Achando-se a ordem onerada com avultadas despezas por causa da reconstrucção da igreja e edificação do hospital deliberou suspender essas procissões em 22 de fevereiro de 1854.

« O mundo caminha, diz Pelletan, a civilisação marcha, as idéas crescem e se aperfeição, os seculos se differenção, o que em um se chama obscuridade, em outro denomina-se luz; o obscuro passa a ser claro, o rudimentario completo, as trevas somem-se, a luz resplandece e a humanidade progride. »

Eis porque, em vez de procissões e romarias, veem-se os homens servindo e venerando Deus na esmola, que dão ao pobre, na educação que facilitão ao orfão, no asylo que levantão para o desvalido; gasta-se em escolas o que devia ser despendido em procissões, em actos sem expressão, sem propriedade e decencia, e trata-se de substituir o andor pelo altar, o acto ridiculo e luxuoso pelo culto decente e digno. Se o povo necessita de religião, não é por presenciar um pas-

seio de imagens, que tornar-se-ha mais crente; semelhante lição não é proveitosa, nem duradora; reforme-se o clero, eduque-se e instrua-se o padre, se quizerem semeiar doutrina sã e pura. E será o nosso clero moralisado e instruido? Cremos que não.

Tratando-se no concilio de Trento da reforma dos cardeaes, disse um delles:

— Os illustrissimos e reverendissimos cardeaes não necessitão de reforma.

Ouvindo isto, elevou a voz o arcebispo de Braga, clamando:

— Os illustrissimos e reverendissimos cardeaes necessitão de uma illustrissima e reverendissima reforma.

Não haverá tambem necessidade de semelhante reforma no nosso clero!

Ao lado esquerdo da igreja levanta-se o hospital.

Convocando a mesa em 20 de junho de 1845 o corrector Patricio Ricardo Freire, reunio os irmãos Manoel Antonio Picanço, Antonio José Machado Corrêa, Antonio Alves da Silva Pinto, Luiz José Nogueira, José da Silva Pereira, Geraldo Siqueira Bastos, João Luiz Barbosa, Francisco Luiz da Silva, José Feliciano de Outeiro Costa, José da Costa Ferreira, e José Ricardo Vieira, e todos concordarão na edificação de um hospital para os irmãos pobres.

Reunida em 13 de julho a mesa conjuncta, composta de 35 irmãos os mais graduados da ordem, depois de longa discussão não sobre a utilidade da obra, porém sobre a sua opportunidade, resolveu-se a edificação com a condição de não encetar-se a obra com o fundo menor de 10:000$000. Nomeada para agenciar donativos uma commissão dos irmãos Patricio Ricardo Freire presidente, José Machado Coelho, secretario, Antonio Alves da Silva Pinto, thesoureiro, José Alves Corrêa e Bernardo José da Silva adjunctos, arrecadou a somma de 14:409$760. A primeira esmola recebida foi o de um menino de 12 annos de idade, filho de José Telles da Silva, o qual offertou um mil réis. Deu o que tinha, e deu mais que todos, porque, como diz Santo Ambrosio, *mais vale um dinheiro tirado do pouco, do que um thesouro tirado do maximo.*

A esmola dessa criança duplicou-se, e multiplicou-se. e em pouco tempo subio a somma de 14:409$760.

Começarão as obras em 31 de agosto de 1846, e não se podendo

lançar a primeira pedra em 17 de janeiro, dia do nome de Jesus, em consequencia da chuva, transferio-se a ceremonia para o dia 24, no qual realizou-se em presença do bispo, conde de Irajá, e de muitos irmãos e pessoas gradas.

Em uma caixinha forrada de velludo collocarão-se uma moeda de ouro de quatro oitavas do valor de 16$000, com a effigie de D. Pedro II; outra de prata com a mesma effigie, cunhada naquelle anno, do valor de 1$200; uma medalha de prata de 22 e 1/2 oitavas com a inscripção no verso: « A Veneravel Ordem Terceira do Senhor Bom Jesus do Calvario e Via Sacra fundou este edificio para hospital dos seus irmãos pobres; e no reverso: o Exm. e Revm. Bispo Capellão-mór Conde de Irajá lançou a pedra fundamental em 17 de Janeiro de 1847.»

E tambem um pergaminho com a presente inscripção impressa em portuguez e latim:

« Para maior gloria do Santissimo Nome de Jesus, e debaixo de sua poderosisima protecção, foi solemnemente lançada pelo Exm. Revm. Sr. D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, bispo do Rio de Janeiro, conde de Irajá e capellão-mór de S. M. I., a primeira pedra do hospital, que com esmolas de muitas pessoas, e louvavel deliberação da mesa conjuncta, manda construir a Veneravel Ordem Terceira do Senhor Bom Jesus do Calvario e Via Sacra, para socorrer seus irmãos pobres e enfermos, sendo esta pedra fundamental, depois de benzida no ritual romano, conduzida ao lugar de sua collocação pelas dignidades da ordem; celebrou-se esta solemnidade com geral applauso de toda a cidade pelas diligencias do prestantissimo corrector actual, o irmão Antonio Alves da Silva Pinto, no dia 17 de Janeiro de 1847, 16º do reinado do Senhor D. Pedro II, Imperador e Defensor Perpetuo do Brazil e primeiro do pontificado de Nosso Santo Padre Pio IX. Permitta o céo que esta obra de tanta piedade vá sempre em augmento para o futuro. »

Encerrada a caixinha de velludo em uma de chumbo, e posta na cavidade da pedra fundamental, collocou-se esta em uma padiola, sendo conduzida ao lugar destinado, que era debaixo da soleira da porta principal, pelo corrector Antonio Alves da Silva Pinto, Antonio José de Souza e Almeida, Patricio Ricardo Freire e Joaquim José de Castro de Araujo Sampaio.

Findá a ceremonia o corretor offereceu ao bispo uma medalha semelhante a que tinha sido enterrada com a primeira pedra.

Tem o hospital quatro faces ; a principal voltada para a rua do General Camara, a outra mais extensa, para a travessa do Bom Jesus, a terceira para a rua de S. Pedro, e a ultima para a rua da Uruguayana, ladeando este edificio a igreja e circumdando-a pela parte posterior. Cercado de gradil, e ladrilhado de mosaico de marmore, é o atrio separado do da igreja por uma grade de ferro, e não sendo o templo parallelo á rua, para dar-se ao hospital a mesma direcção, tornou-se o atrio mais largo do lado da travessa do Bom Jesus. Ladrilhou-se o atrio de marmore em 1861 a 1862.

A frontaria é dividida em tres corpos ; o central com tres portas de arcada no primeiro pavimento, tres janellas com uma grade de ferro corrida no segundo, lendo-se sobre a do centro a data 1847; segue-se o entablamento, vendo-se no friso o distico com letras douradas : *Hospital da Ordem 3ª do Senhor Bom Jesus do Calvario e Via Sacra.*

Coroa este corpo um frontão curvo, ornando o tympano os emblemas da ordem.

Os corpos lateraes têm uma janella de peitoril no primeiro pavimento, uma de sacada no segundo, o entablamento, e acroterios sustentando duas estatuas.

A face voltada para a travessa apresenta desesete portas no primeiro pavimento, desesete janellas de sacada no segundo e trese no terceiro.

Tem a face, que olha para a rua de S. Pedro, tres corpos ; o do centro com tres portas de arcada no primeiro pavimento, tres janellas com uma grade inteiriça no segundo ; e os lateraes com seis portas no pavimento terreo, e seis janellas de sacada no superior.

A face voltada para a rua da Uruguayana, tambem divide-se em tres corpos ; tendo o do meio no primeiro pavimento uma porta que dá entrada para a sacristia, e duas janellas de peitoril, tres janellas de sacada no segundo e um frontão recto ; lateralmente ha tres janellas de sacada no pavimento superior, e no terreo, em um dos corpos, tres portas e no outro tres janellas de peitoril.

Um attico occulta todo o telhado do edificio, que foi construido pelos artistas Ignacio Fereirra Pinto e contra-mestre Severiano Francisco Xavier, que tambem trabalharão na reedificação da igreja.

O vestibulo é lageado de marmore, e dá entrada para a secretaria, para o quarto do sacristão, e para o primeiro andar, onde ha tres salões, um corredor com dez quartos, cada um com janella ou para a travessa ou para o pateo que separa a igreja do hospital, e mais dous quartos juntos aos salões. Ha ainda no primeiro andar mais dous quartos do lado da rua de S. Pedro, despensa, cozinha e latrinas.

Veem-se no terceiro pavimento dous salões notando-se em um delles uma capella, um corredor com oito quartos com janellas, e cinco cubiculos. (1)

Respeitarão-se as regras hygienicas na construcção deste edificio; ha agua, luz e ventilação sufficientes; os corredores são largos, os quartos espaçosos, as escadas claras, os salões vastos, e não ha aposento que não tenha janella, tendo-se consumido mais de 200:000$000 nesta casa de caridade; porém, para elevar esse monumento, demolio a ordem as catacumbas dos irmãos, que havía por trás da sacristia, e as dos fieis ao lado esquerdo da igreja, assim como diversas casas de seu patrimonio, e por não ter rendimento sufficiente não tem podido até hoje abrir essas enfermarias aos seus irmãos doentes, estando o hospital alugado desde 1867 a um medico, que alli estabeleceu uma casa de saude.

Teria sido mais conveniente construir a ordem diversos predios no lugar dos antigos jazigos, do que esse grande edificio, não tendo patrimonio para franquea-lo a seus confrades; ou se desejasse levantar o hospital, mais judicioso seria se tivesse preferido, não o centro da cidade, lugar entre ruas estreitas, mas algum arrabalde, sitio mais salubre e hygienico; e muito é de lastimar que demandas e certos encargos da ordem lhe não tenhão permittido abrir essa casa de caridade aos irmãos pobres, amparando-os na miseria e na doença. (2)

---

(1) Visitando este edificio em 1861 vimos um caixão encerrando o cadaver de Carlos Martins Penna, do qual encontrará o leitor um resumo biographico, no fim deste capitulo.

(2) Agradecemos ao Sr. José Antonio Barbosa de Siqueira, secripturario da ordem do Bom-Jesus, a bondade com que facilitou-nos os documentos relativos a essa igreja.

CARLOS MARTINS PENNA

Não sabemos o anno do nascimento nem os nomes dos pais de Carlos Martins Penna.

Destinado por seus pais á carreira commercial, pouca instrucção recebeu esse moço ; mas não era para a vida dos algarismos, das cifras e transacções, que nascêra elle ; amava o estudo, a meditação, e por isso erão suas horas de descanso gastas na leitura dos prosadores de boa nota, dos poetas mimosos e elegantes. O caixeiro estudioso compoz uma comedia intitulada o Juiz de Paz da Roça, que depois de muitas contrariedades e obstaculos, conseguio vêl-a representada em 1837, quando mui raras erão as composições nacionaes que apparecião em scena ; representavão-se sómente dramas traduzidos, que erão tidos como optimos, e por isso com má vontade e constrangimento receberão os emprezarios a comedia de Martins Penna ; o povo, porém, sahio de sua indifferença pelas cousas nacionaes, e applaudio com enthusiasmo o trabalho do joven Brazileiro.

Animado pelo acolhimento popular preparou o autor outras comedias, como a Festa da Roça, Os Dous ou o Inglez Machinista, o Irmão das Almas, o Judas em Sabbado de Alleluia, o Caixeiro da Taverna, Quem Casa quer Casa, Noite de S. João, o Dilitante, a Barriga de Meu Tio ; o Noviço, em 3 actos, representada pela primeira em 12 de agosto de 1845 ; Viteza ou o Nero da Hespanha, drama em verso, em 5 actos e 1 prologo, representado em 14 de setembro de 1845, e os Casados Solteiros, comedia em 3 actos, posta em scena em 14 de novembro do mesmo anno.

Ha em todas estas comedias muito espirito, naturalidade, moralidade, e perfeito estudo dos costumes nacionaes. Ainda nem um autor brazileiro pintou no theatro os usos e costumes do paiz com

mais graça e verdade do que Martins Penna, cujas comedias ainda hoje são apreciadas e applaudidas.

Desejandó viajar para adquirir instrucção e estudar os costumes dos povos, conseguio obter um emprego na secretaria de estrangeiros, donde pensou ser facil entrar para a carreira diplomatica. Assim aconteceu : foi nomeado addido da legação brazileira em Londres ; mas quando sonhava em dias felizes e de gloria, quando expandia a sua imaginação, enriquecia a sua intelligencia, pensando regressar á patria rico de sciencia, a morte surprendeu-o em Lisbôa em 7 de dezembro de 1848.

Quiz o destino aproximar seu jazigo do tumulo do poeta dramatico Antonio José da Silva, condemnado ás fogueiras da inquisição.

Embalsamado o cadaver do infeliz moço, foi remettido ao Rio de Janeiro, e depositado na igreja do Bom Jesus, e por fim em um dos quartos do hospital !

Reclamado por um parente do finado, foi esse cadaver recolhido a um sepulchro do cemiterio de S. João Baptista da Lagôa, onde talvez poucos saibão que dorme o somno sem fim esse moço, cuja vida está ligada á historia do nosso theatro.

A indifferença, o desprezo publico que acompanha o que é do paiz, torna-se fatal entre nós ; em geral não se louva o merito, não se aprecião os esforços, a dedicação dos que trabalhão pela gloria da patria. O Rio de Janeiro, cidade essencialmente commerciante, só cuida na alta e na baixa do cambio ; a praça absorve a cidade, o calculo o pensamento !

XVIII

IGREJA DA CRUZ

No lugar, em que ergue-se esta igreja, houve um antigo forte, denominado Santa Cruz, construido em 1605 pelo capitão Martim de Sá, governador do Rio de Janeiro. Levantado dentro do mar, já se achava arredado delle, e mui arruinado em 1623, época em que resolvêrão os officiaes e soldados da guarnição da cidade edificar nas ruinas do forte uma capella, onde fossem sepultados; requerêrão permissão a Martim de Sá, e sendo attendidos, construirão a ermida, que concluida em 1628, recebeu a invocação de Santa Vera Cruz.

Concorrendo os officiaes superiores com 100 réis mensaes, os subalternos com 50 réis, e os soldados com 20 réis reunirão-se em irmandade, e elegerão para juiz a Martim de Sá.

Na capella de Vera Cruz começárão os commerciantes e navegantes a festejar S. Pedro Gonçalves; e por serem mui diminutos os recursos da irmandade dos militares, determinou esta ceder aos festeiros de S. Pedro Gonçalves metade da ermida, com a condição de concorrêrem elles com metade de todas as despesas ordinarias e das obras, que se fizessem. Lavrou-se do ajuste escriptura publica em 18 de março de 1682, no cartorio do tabellião José Corrêa Ximenes, sendo juiz da irmandade o capitão Manoel da Costa Cabral.

Formulou a irmandade dos militares seu primeiro compromisso em 12 de julho de 1700, occupando o cargo de juiz o governador do Rio de Janeiro Arthur de Sá e Menezes.

O juiz da irmandade o governador Francisco de Tavora cedeu-lhe, por carta de sesmaria de 12 de fevereiro de 1716, confirmada por carta régia de 3 de outubro de 1722, e mandada executar em 9 de setembro de 1723, toda a terra que então existisse, e aquella que o mar fosse deixando, em toda a largura do terreno occupado pela capella.

Por estar mui arruinada a igreja de S. Sebastião, no morro do Castello, a qual servia de sé, esforçou-se o bispo em obter a capella da Vera Cruz para sé e cathedral ; e tendo-a conseguido, participou a el-rei em 13 de setembro de 1703 ; mas antes de dar-se a transferencia, começou o diocesano a celebrar na capella dos militares os actos divinos, não só receioso do máo estado da igreja cathedral, senão para evitar a subida da ladeira ; arrependendo-se, porém, de terem cedido sua ermida, representárão os militares a el-rei que prohibio ao bispo servir-se da capella da Vera-Cruz, até resolver-se semelhante negocio.

Por ser espaçosa essa capella e estar edificada no meio da povoação, continuou o bispo a requisital-a para sé ; mas encontrando opposição dos militares lembrou a igreja da Candelaria para cathedral ; todavia era na igreja da Vera-Cruz que querião estar o bispo e os conegos ; de feito conseguio D. frei Antonio de Guadelupe o alvará de setembro de 1733 ordenando a transferencia da cathedral para essa igreja, cujo nome seria supprimido, e collocado no altar-mór um painel da imagem de S. Sebastião, para que continuasse a ser o titular da cathedral, ficando o dito templo pertencente ao padroado, como pertencião todas as cathedraes das conquistas. Determinou a provisão de 14 de novembro do mesmo anno que os 20,000 cruzados destinados para as obras da igreja da Candelaria fôssem gastos na capella da Vera-Cruz, afim de servir para cathedral.

Apoiando-se na carta régia de 12 de outubro de 1680, que determinára que, se o bispo perturbasse a posse de conservar-se a sé na igreja de S. Sebastião, representasse a el-rei, tratou a camara, talvez de combinação com o governador, de oppôr-se á mudança da

cathedral; mas apezar dessa opposição e da de alguns conegos, tendo consentimento do prelado, o cabido conduzio occultamente para a capella da Vera-Cruz a imagem de S. Sebastião na noite de 23 de fevereiro de 1734.

Não recebendo participação desse acto julgárão-se offendidos o governador e a camara, e representárão a el-rei que, em 14 de dezembro de 1734, censurou ao cabido a demasiada pressa e pouca decencia com que, á horas nocturnas, conduzio a imagem de S. Sebastião, sem convidar o governador e a camara ; mas tambem fez vêr á esta que nenhum direito tinha de impedir a mudança de imagens e de outros objectos sagrados.

Não podião viver em boa harmonia os padres e os militares ; e julgando-se aquelles senhores absolutos da capella que occupavão, começárão a impôr pesadas condicções aos donos da casa ; entre outras que, em lugar das sepulturas, que a irmandade tinha no pavimento do edificio, se fizesse um cemiterio, reservando-se aquelles jazigos para ecclesiasticos. Irritou-se a irmandade, e representou a el-rei requisitando a igreja, e declarando subrepticio o alvará que o cabido obtivera da mudança da cathedral.

Uma das razões que afugentara os conegos da igreja do morro do Castello, começou a exercer sobre elles pesada influencia na capella da Cruz ; de dia para dia ia se derruindo a antiga ermida de Martim de Sá e receiosos tratárão de afastar-se do velho edificio, indo abrigar-se em 1737 na igreja do Rosario.

A capella dos militares e commerciantes servira de Sé tres annos, cinco mezes e oito dias.

A ermida, que substituira o forte cahia em ruinas, assim como este, ia desapparecer e sumir-se de sorte que, corridos alguns annos, apagar-se-hia a lembrança de ter havido alli um sanctuario onde existira tambem uma praça de guerra; mas assim não aconteceu; se dos muros do forte pendera com o tempo o estandarte, não pendeu a cruz, porque teve para sustental-a a devoção dos militares, que da velha ermida resolverão fazer uma igreja regular e imponente. Convocarão os festeiros de S. Pedro Gonçalves para concorrerem com a metade das despezas; mas recusarão-se estes, e deixarão de festejar o seu patrono.

Volverão-se alguns annos, quando em 20 de janeiro de 1780 determinou a irmandade dar principio a sua igreja, e reunidos os

festeiros de S. Pedro Gonçalves para deliberarem sobre a posse dos predios que, quer por doação quer por compra, pertencião ás duas confrarias, declararão os festeiros ceder aos militares, a parte que tinhão nos predios, com a obrigação de celebrarem elles annualmente uma festa a S. Pedro Gonçalves, cuja imagem teria um altar no novo templo.

Em 1º. de setembro de 1780 lançou-se a primeira pedra do edificio que foi construido sob a direcção e plano do brigadeiro José Custodio de Sá e Faria. Era então juiz da irmandade José da Silva Santos e protector o vice-rei Luiz de Vasconcellos.

Concluida a igreja, que havia sido erguida no lugar da antiga, foi sagrada em 28 de outubro de 1811, com a invocação de Santa Cruz, havendo missa solemne com a assistencia do principe regente D. João, que aceitou o titulo de protector da irmandade, cujo juiz era o marechal João de Barros Pereira do Lago Soares de Figueiredo Sarmento.

Alguns trabalhos exteriores do templo, e toda a talha que reveste o interior, forão feitos pelo artista brazileiro Valentim da Fonseca e Silva.

Acha-se a igreja da Cruz na rua Primeiro de Março, do lado do mar, na esquina da do Ouvidor. Cerca o atrio um gradil de ferro preso a pilastras de pedra. E' de estylo barroco, porém propenso ao gosto classico a fachada deste templo, que de todos da cidade é que apresenta architectura mais regular.

Formão o portico duas columnas de pedra com capiteis de marmore, as quaes sustentão uma balaustrada de marmore, que guarnece a janella central, tendo esta na parte superior ornamentos de granito e marmore. Lateralmente ao portico ha dous nichos, e no pavimento superior outros dous com estatuas de marmore, seguindo-se o frontão recto e a cruz.

Separados do corpo central por duas ordens de pilastras, têm os corpos lateraes uma porta no primeiro pavimento, depois o entablamento, e por fim um ornato, que liga-os ao corpo central. São delineados com muito gosto e arte os ornatos, as linhas, as areas, os perfis deste frontespicio, e bem combinada a mistura do granito com o marmore.

Levanta-se a torre no fundo da igreja do lado da rua do Ouvidor subindo-se para ella por uma escada cochleada de pedra.

A talha que ornamenta o corpo da igreja representa troféos e instrumentos militares e a da capella-mór os martyrios da paixão e morte de Christo.

Ha tres altares, o principal occupado pela Cruz sobre o monte Calvario, e a Senhora da Piedade, o da Senhora das Dôres e o de S. Pedro Gonçalves.

São lindos os ornatos dos pulpitos e do tecto, e memorão o nome do habil artistaque preparou-os.

Junto do arco cruzeiro veem-se dependuradas dez bandeiras paraguayas tomadas ao inimigo na batalha do Avahy, em 11 de dezembro de 1868, as quaes forão offerecidas pelo marquez hoje duque de Caxias para serem alli depositadas.

A bula de 27 de setembro de 1822 concedeu indulgencia plenaria a quem visitar esta igreja no dia da sua invocação, a exaltação da Santa Cruz, que é festejada em 21 de setembro, assistindo a festa as pessoas imperiaes. Fazem-se em seguida as festividades da Senhora das Dôres e de S. Pedro Gonçalves, e na sexta feira seguinte a do Senhor Desaggravado.

Originou-se esta ultima solemnidade do seguinte facto, que muita sensação causou na cidade.

Em 29 de julho de 1845, estando a igreja em obras, o caiador Augusto Frederico Corrêa, natural dos Açores, de 22 annos de idade, aproximou-se do altar do consistorio, onde havia uma imagem de Christo Morto, e desacatou-a, dirigindo-lhe improperios; reprehendederão-no os companheiros, mas retorquio Corrêa que aquillo era um pedaço de madeira, e só acreditaria em Deus, se Elle o matasse ás 3 horas daquelle dia.

A's badaladas das tres horas, mais ou menos, ouvio-se um grito, que echoou na igreja; espavoridos correrão os operarios, e vierão encontrar o caiador Augusto Frederico cahido em frente do altar da Senhora das Dôres, sem falla e em horriveis convulsões. Conduzido para a sua residencia, á rua do Senado n. 48, restabeleceu-se no fim de tres dias.

Participado o acontecimento ás autoridades, e ao bispo D. Manoel

do Monte, dirigio-se este, em 12 de agosto, ao lugar do delicto, e acompanhado do clero, entoou preces em desaggravo do desacato commettido, achando-se presente Frederico Corrêa que, ajoelhado e contricto, pedio perdão á imagem que offendêra. O povo atopetava o templo e lugares circumvisinhos; e percebendo que contra o delinquente levantava-se a ira popular, tomou-o sob sua protecção o vigario geral do bispado, monsenhor Narciso da Silva Nepomuceno que conduzio-o occulto para sua casa (1).

Desde então começou a haver grande devoção á imagem do Senhor Desaggravado; e o coronel Manoel José de Castro doou 2:000$000 para do seu producto celebrar-se ás sextas-feiras uma missa no altar da Senhora das Dôres estando exposta aquella imagem, que hoje é apresentada ao povo sob o altar-môr (2).

São os pintores sujeitos ás colicas saturninas, mas a coincidencia da molestia com o desacato á imagem, deu ao acontecimento grande brado, e subida importancia.

Uma devoção de senhoras festeja nesta igreja a Virgem da Piedade.

Assolada em 1855 a cidade do Rio de Janeiro pelo cholera morbus, nas portas da igreja da Cruz vierão algumas senhoras esmolar para os pobres atacados da epedimia, e guiadas pela Virgem da Piedade que inspirara-lhes aquelle sentimento, deliberarão, reunidas em devoção, celebrar uma missa rezada todos os sabbados, e uma festa annualmente em louvor da Mãe de Deus.

Progredio essa devoção, mas em 1870 houve um schisma, retirando-se algumas devotas para a igreja do Sacramento, onde instituirão outra devoção semelhante.

O decreto de 3 de dezembro de 1828 concedeu á irmandade dos militares o titulo de imperial, declarando-se Pedro I, em 21 de setembro desse anno, seu protector; e tambem é o actual Imperador protector desta corporação, composta de cidadãos brazileiros, officiaes

(1) Veja a brochura intitulada Castigo de Deus por Francisco de Paula Brito, 3ª edição.

(2) Abrindo-se a caixinha de esmolas desta imagem, em outubro de 1874, encontrou-se 1:000$000; envolvido em papel, sem assignatura. São frequentes as esmolas avultadas feitas a essa imagem.

da primeira linha do exercito, pertencente á guarnição da côrte e provincia do Rio de Janeiro. Recebião as viuvas dos officiaes generaes, irmãos da confraria, a pensão caridosa de 9$560, ás dos officiaes superiores de 6$400 e ás dos subalternos 3$200 mensaes; mas o compromisso de 4 de julho de 1830 abolio essas pensões, e creou a pensão compromissal correspondente á quarta parte do soldo; o compromisso de 14 de julho de 1853 elevou essa pensão á terça parte, e sendo provedor o marechal Antonio Nunes de Aguiar fôrão as pensões elevadas a meio soldo.

Contribue cada irmão mensalmente com metade do soldo de um dia, e paga de entrada uma joia correspondente á sua idade e patente militar.

Ladeão o templo dous corredores ladrilhados de marmore; o do lado da rua do Ouvidor conduz á sacristia que tem um altar defronte do arcaz, e o pavimento de mosaico de marmore; ha alli uma porta que dá entrada á torre. No pavimento superior estão as tribunas. Do corredor do lado opposto passa-se para um salão, ladrilhado de marmore, onde veem-se pendentes das paredes seis escudos de marmore indicando em lettras douradas os nomes de Martim de Sá, Arthur de Sá e Menezes, Francisco de Tavora, José da Silva Santos, José Custodio de Sá e Faria, e Francisco de Paula e Vasconcellos.

Já vimos que foi o capitão Martim de Sá quem permittio se transformasse o antigo forte de Santa Cruz em ermida; e foi o primeiro juiz da irmandade dos militares.

Foi o general Arthur de Sá e Menezes, quem preparou em 1700 o primeiro compromisso que regeu a irmandade cento e trinta annos.

Foi o general Francisco de Tavora quem doou á irmandade o terreno do fundo da igreja até ao mar, e regressando á Lisboa conseguio ser essa doação confirmada por D. João V.

O juiz da irmandade, o brigadeiro José da Silva Santos, alcançou em 1779 dos festeiros de S. Pedro Gonçalves toda a posse dos predios que tinhão em commum as duas confrarias, e emprehendeu em 20 de janeiro de 1780 a edificação da actual igreja.

Além de dar o desenho da igreja, dirigio e fiscalisou a obra o brigadeiro José Custodio de Sá e Faria, e zelando o dinheiro da irmandade evitou grandes despezas.

Occupando o cargo de provedor da irmandade o marechal do exercito Francisco de Paula e Vasconcellos, organisou o compromisso de 4 de julho de 1830 elevando a pensão das viuvas e filhas dos irmãos á quarta parte do soldo; marcou as mensalidades e joias de entrada, e prestou outros serviços á corporação.

Em gratidão e respeito á memoria desses notaveis bemfeitores resolveu a irmandade em 1860 gravar seus nomes em escudos de marmore collocando-os em sua igreja em lugar honroso e patente.

Está no mesmo salão o retrato em corpo inteiro do brigadeiro, Antonio Nunes de Aguiar, inaugurado em 21 de setembro de 1864; o qual tendo exercido diversas vezes o cargo de provedor, alem de outros serviços, mandou assoalhar de marmore os corredores da igreja, preparou o esguicho da sacristia, cobrio de marmore o presbiterio, rasgou a clara-boia do altar-mór, construio no segundo pavimento a capella do Sacramento, elevou as pensões a meio soldo, formulou novo compromisso e augmentou consideravelmente os redditos da irmandade.

Le-se na base do retrato o seguinte:

A irmandade de Santa Cruz dos Militares.

A seu benemerito irmão o Illm. Exm. Sr. conselheiro brigadeiro Antonio Nunes de Aguiar

Em signal de reconhecimento e veneração.

Falleceu o marechal Antonio Nunes de Aguiar em junho de 1876.

No segundo pavimento, que se estende sobre o corredor, estão as tribunas, o consistorio e a capella do Sacramento.

XIX

IGREJA DA GLORIA DO OUTEIRO

Em 1671 o ermitão Antonio de Caminha construio em um outeiro, então bem longe da cidade e inteiramente deserto, uma ermida de madeira e barro, dedicada á Virgem da Gloria. Assevera o autor do Sanctuario Mariano que o proprio ermitão esculpio a imagem do orago.

Quarenta e tres annos permaneceu a ermida isolada no monte, attrahindo até lá os devotos, que ião implorar a protecção da Mãe de Deus; mas, apezar das esmolas e esforços de fervorosos fieis, de dia para dia foi se arruinando.

Em 1699 recebeu a irmandade, instituida nesse sanctuario, um valioso donativo. Compareceu em 20 de junho desse anno, perante os irmãos da Senhora da Gloria, o Dr. Claudio Gurgel do Amaral, e na presença do vigario geral Dr. Manoel da Costa Cordeiro, do tabellião Manoel Alves do Couto e testemunhas, declarou que fazia doação á Senhora da Gloria de um outeiro de terras, que possuia por titulo de compra, que fizera ao capitão Gabriel da Rocha Freire, para no dito outeiro edificar-se uma ermida á mesma Senhora, que fosse permanente ; e não sendo assim, ficaria revogada a doação e sem mais condição de que na dita ermida darião sepultura a elle doador e a todos os seus descendentes, e a quem lhes parecesse.

Lavrada a escriptura da doação pelo tabellião respectivo assignárão-a o doador, o vigario geral, e como testemunhas o padre João de Lima e João de Souza Pereira. Corridos alguns annos ordenou-se *in sacris* o Dr Claudio Gurgel do Amaral.

Estando derruida a antiga ermida resolveu reconstruil-a o conego Francisco da Costa Corvenil, mas a morte surprendeu-o em 23 de dezembro de 1711.

Tres annos depois dava a irmandade principio a uma igreja no lugar em que existira a ermida de Antonio de Caminha, e taes erão já os recursos de que dispunha, que naquelle mesmo anno iniciou as magnificas obras do adro, da cisterna e da ladeira, servindo-se do granito de uma das pedreiras da visinhança.

E' de crer que tão importantes e dispendiosas obras só ficassem concluidas muitos annos depois ; nem as chronicas marcão o tempo ; e só talvez em 1739 fosse a nova igreja aberta aos fieis, pois foi nesse anno que erigio-se de novo a irmandade de Nossa Senhora da Gloria. Em 9 de outubro de 1739 fizerão os devotos da Virgem uma petição ao bispo D. frei Antonio de Guadelupe, concebida nestes termos:

« Dizem os devotos da Virgem Nossa Senhora da Gloria, cuja capella ou igreja se acha sita nesta cidade, extra-muros, que elles para maior obsequio, serviço, culto da mesma Senhora, arrecadação e administração das esmolas com que os fieis concorrem para o mesmo culto e veneração, têm assentado erigir sua irmandade ou confraria com o titulo da mesma Senhora ; para regra della tambem determinão fazer seu compromisso, que ha de ser approvado e confirmado por V. Ex. ; e como a querem erigir com a autoridade de V. Ex., portanto pedem a V. Ex. em attenção ao culto da mesma Senhora, lhes faça mercê conceder licença para erigirem a dita irmandade, e mandar para o mesmo effeito passar provisão de erecção na fórma do estylo. E. R. M. »

Em resposta a esta petição lavrou o bispo a provisão seguinte :

« D. frei Antonio de Guadelupe, por mercê de Deus e da santa sé apostolica, bispo do Rio de Janeiro, do conselho de Sua Magestade, que Deus guarde etc.

Aos que esta nossa provisão virem saude e paz em o Senhor, que de todos é verdadeiro remedio e salvação.

Fazemos saber que, attendendo nós ao que por sua petição retro nos enviarão a dizer os devotos de Nossa Senhora da Gloria desta cidade, extra-muros, elles por serviço de Deus e da mesma Senhora, querião erigir de novo a irmandade da dita Senhora, e para o que pedião dessemos nossa autoridade e consentimento para o fazerem, a qual sendo por nós vista, havemos por bem de dar licença e consentimento aos ditos para erigirem de novo a sobredita irmandade de Nossa Senhora da Gloria, interpondo nossa autoridade. E depois de erecta farão seu compromisso em ordem ao bom governo della. Dada nesta cidade do Rio de Janeiro, sob nosso signal e sello da nossa chancellaria aos dez dias do mez de outubro de 1739. E eu Antonio da Fonseca Lopes, escrivão da camara ecclesiastica, que a subscrevi. »

Erecta a irmandade tratou de fazer seu compromisso, que, organisado em 24 capitulos, foi escripto naquelle anno por Bento Pereira da Luz em um livro de 53 folhas.

Vimos este livro escripto com muita paciencia e perfeição ; a lettra parece de imprensa ; orna o principio de cada capitulo uma lettra com um emblema colorido, e no fim vêem-se pintados com muita arte flôres, fructos, animaes ou aves, parecendo recente a pintura pelas côres vivas que conserva. Estão neste livro, encadernado em velludo encarnado, os documentos acima transcriptos. Declara esse antigo compromisso que, para ser irmão de Nossa Senhora da Gloria, dava-se a esmola de 640 reis, e pagava-se annualmente 480 reis. Lê-se no capitulo II o seguinte :

Não se aceitará por irmão desta irmandade pessoa, em que haja suspeita ou rumor de infesta nação, nem pardos ; no que ha de haver grande cuidado ! »

Diz o capitulo XII :

« Os irmãos d'esta irmandade não acompanharão os irmãos defuntos á sepultura por causa da distancia que ha da cidade á igreja. »

Em 16 de dezembro de 1739 requererão os devotos da Senhora da Gloria a approvação de seu compromisso, que approvado pelo bispo em 7 de janeiro de 1740, dous dias depois mandou este que Felix Maria de Moura numerasse e rubricasse as folhas do livro em que estava escripto.

Havendo-se extraviado os livros antigos pertencentes á ermida

da Gloria, se não póde determinar o anno em que essa irmandade erigio-se pela primeira vez, mas sabe-se que em 1699 já ella existia, porque o Dr. Claudio Gurgel do Amaral fez a doação do outeiro perante os irmãos de Nossa Senhora da Gloria.

Trinta e cinco annos depois de approvado pelo bispo o compromisso appareceu o aviso de D. José I. de 10 de agosto de 1775 assignado pelos deputados da mesa da consciencia e ordens João de Oliveira Leite de Barros e Romão José Rosa Guião declarando que sendo-lhe apresentado o compromisso de Nossa Senhora da Gloria que os irmãos da mesma confraria por ignorancia o tinhão confirmado pelo ordinario do bispado, cuja incompetencia reconhecerão depois, por ver que era da jurisdição de el-rei, como governador e administrador da illustrada cavallaria e ordem de Nosso Senhor Jesus Christo, e pedindo que o rei o approvasse, assim o houve por bem approvar; declarando, porem, que as eleições de juiz, e mais mesarios da irmandade serião feitas na presença e com intervenção do vigario da freguezia, a que pertencesse a capella de N. Senhora da Gloria.

Ergue-se esta capella em alto outeiro, cuja subida começa na praça da Gloria que formou-se em 1858, deitando-se abaixo algumas casinhas antigas, que constituião uma rua até á do Cattete.

A ladeira que vai ter á igreja é mal calçada e de difficil subida; é bordada de um e de outro lado de elegantes casas até a primeira volta, porem d'ahi para cima só ha casas do lado esquerdo, e do opposto grades e muros pertencentes ás chacaras do alto do morro. Em frente ás escadas do adro ha um largo orlado de muro e grades de ferro, o qual communica-se por uma rua com a praia do Flamengo.

Constão as escadas do adro de dous lanços de vinte e tres degraos cada um com portões e grades de ferro construidos em 1847, e vão terminar em um patamar, onde começa uma escada de seis degráos, que finda em frente do portico da igreja.

E' o adro espaçoso, lageado de pedra, circumdado de um parapeito com assentos de pedra e sobre o qual elevão-se lampeões de gaz, que accenderão-se pela primeira vez em 5 de agosto de 1861. Tem do lado esquerdo na parte posterior uma cisterna mui profunda, cuja agua era utilizada em quanto não houve encanamento trazido das ruas da cidade; tem uma borda alta de granito, uma grade de ferro em cima e varões com a roldana que suspendia o balde d'agua.

Abre-se na parte posterior do adro um portão de ferro, construido em 1847, o qual apresenta uma escada de dez degráos que dá para uma travessa.

E' esse adro uma das obras mais bellas do Rio de Janeiro, não só pela segurança e perfeição, pois apezar de construido ha mais de um seculo, parece ter sido concluido ha pouco tempo, como pela vista linda e agradavel que dalli se goza. Veem-se a cidade de Nictherohy, a bahia com as ilhas, que enfeitão-na e povoada de navios de todas as nações; as fortalezas, o Pão de Assucar que parece querer antepor-se ao mar que ruge a seus pés, a cidade do Rio de Janeiro na parte que se estende do morro de Santo Antonio ao de S. Bento, o Passeio Publico, a praia de Santa Luzia, o hospital da Misericordia; e do lado esquerdo as montanhas de Santa Thereza, as rochas de granito da Gloria, donde extrahe-se a melhor pedra de cantaria e a rua do Cattete orlada de predios magnificos. Outrora quando menos povoado era o Rio de Janeiro, e poucas distracções tinha o povo, não era raro dirigirem-se familias, em noite de luar, ao adro da Gloria para apreciarem em lugar tão pitoresco uma lauta ceia.

Circulou em 1857 a idéa de erguer-se alli a estatua do marquez de Paraná, a qual devia ser feita por subscripção, e chegaráo as listas a correr pela cidade; mas parece que a irmandade da Gloria oppoz-se á collocação da estatua naquelle lugar e o projecto do monumento desappareceu.

Bons serviços prestou á patria o marquez de Paraná, e gravado está seu nome na historia politica do paiz.

E' o outeiro da Gloria a continuação de um monte, que estende-se até a rua do Principe, e largo do Valdetaro; e se outrora apresentava só por entre denso arvoredo a capella da Gloria, sanctuario solitario e triste, levantado pela devoção de um ermitão, sustenta hoje palacetes, casas de campo, que circulão a igreja elevando-se esta acima de todos os edificios, como para ainda indicar que em outros tempos era só seu este outeiro.

O rio das Larangeiras, que envia um braço á praia do Flamengo circumda o morro pelo lado direito, indo ter ao mar junto ao edificio do mercado da Gloria.

Do centro do adro surge a igreja que se é pequena é bem construida e com alguma elegancia. Participa d'aquella architectura bastarda de

Luiz XV, que no original era ao menos galante, caprichosa, mas que depois *traduzida* para Portugal em *prosa chilra*, como disse Garret, chegou a nós mais imperfeita e degenerada.

E' um polygono de oito faces; formão o portico dous pilares de granito constituindo tres arcos, e sustentando o campanario, que occupa a frente do edificio; ha a janella do côro, um pequeno oculo, a cornija, a abertura dos sinos, e a cupola em forma de abobada, tendo no centro a cruz e o gallo.

O portico tem portadas de marmore e trabalhos de esculptura. De cada lado, em outra face do polygono, vê-se uma porta com portadas de marmore, a qual vae ter ao interior do templo.

No segundo pavimento estão as janellas das tribunas, que são tres de cada lado; e como só havia passagem para a tribuna junto ao côro, collocou-se em agosto de 1861 uma grade que circumda exteriormente a parede da igreja, e abre caminho para as duas ultimas tribunas.

No interior ha dous arcos, um que constitue a capella-mór e o outro o côro, e de cada lado tres faces divididas por pilastras de pedra, que cobrirão com uma pintura de granito á fingir pedra!

Eis como se traduz o senso esthetico de nossa terra; tambem na igreja de Santo Ignacio de Loyola, no Castello, mancharão com tinta duas columnas de marmore, que sustentão o côro; e não é raro ver-se uma porta ou janella de linda madeira do paiz, mascaradas de tinta fingindo madeiras que jamais existirão!

Sustentão aquellas pilastras arcos de pedra, que estendem-se pela abobada da igreja.

Ha tres altares, o da capella-mór, o de Santo Amaro ao lado da epistola, e o de S. Gonçalo ao lado do evangelho, occupando estes altares o lado do polygono junto ao arco cruzeiro. Outrora festejava-se o Santo Amaro com matinas, mas essa devoção cahio.

Em 27 de janeiro de 1857 a irmandade concedeu licença ao seu sacristão José Gonçalves Valle Brandão, para collocar a imagem de S. José no altar de S. Gonçalo; em 22 de maio desse anno festejou Valle Brandão seu patrono, e sempre ha procedido assim; mas soffreu grande decepção em 19 de junho de 1859, porque um larapio, entrando na igreja, furtou a imagem com todos as peças de prata, que trazia comsigo, e apoderando-se dellas, entregou o santo a um

preto, que não sabendo o que fazer delle, levou-o para a casa de seu senhor, na rua do Principe do Cattete. Dando pela falta da imagem dirigio-se Valle Brandão ás autoridades, fez pesquizas, e tendo suspeitas de um *devoto*, que na vespera vira na igreja, foi ao inspector, denunciou-o, deu-se busca na casa do ratoneiro, que encontrado escondido em um forro, foi preso e confessou o crime ; regressando a imagem do santo para o seu lugar de honra. Junto dos altares lateraes ha grades de jacarandá.

As tribunas abrem-se nas faces lateraes do polygono ; e na do centro estão os pulpitos. O côro é pequeno, estreito, tem uma harmonica, apresenta na parte inferior algum trabalho de talha dourada, e na superior um emblema com as palavras *religião* e *throno* que indicão a devoção dos soberanos do Brazil pela Virgem do Outeiro da Gloria, e recordão factos de piedade e religião praticados pelos membros da casa de Bragança desde 1819 até hoje.

Sobre o arco cruzeiro, que é todo de pedra, ha um oculo com vidraça e as armas do Brazil de madeira dourada offerecidas á irmandade em 1857 por José Gonçalves Valle Brandão. Pendem d'alli tres lampadas de prata, das quaes duas fôrão offertadas por D. Pedro II, e uma pela Imperatriz D. Thereza Christina que de seu bolsinho paga o azeite consumido por uma dessas lampadas, que conserva-se accesa nos sabbados e domingos. Em tempos remotos roubárão duas grandes lampadas de prata desta capella e tambem roubárão uma, doada pela imperatriz D. Maria Leopoldina.

De forma arredondada tem a capella-mór o tecto pintado, vendo-se no centro o painel da Assumpção ; veste a parte inferior das paredes uma barra de azulejo azul representando factos da escriptura; ha quatro tribunas que são occupadas em dias de festividade pelas senhoras que exercem o cargo de aias da Virgem Maria. Ornamenta o altar-mór, assim como os do corpo da igreja, obra de talha dourada, feita pelo artista brazileiro Anselmo, tenente do terço dos pardos no tempo dos vice-reis.

A imagem do orago é bem esculpida, e passa para os habitantes do Rio de Janeiro por muito milagrosa. Da parede do lado esquerdo pende um painel, do qual mais tarde falláremos.

Lembranças historicas se dispertão ao encarar-se o altar da Virgem do Outeiro, onde scenas tocantes e ternas se hão dado ; porque

junto dessa imagem têm vindo os soberanos do Brazil implorar a protecção do céo para o principe que nasce.

Nascendo em 4 de abril, domingo de Ramos, em 1819, no Rio de Janeiro, a primeira filha do principe D. Pedro, contava um mez menos um dia quando foi baptisada, recebendo os nomes de Maria da Gloria, Joanna, Carlota, Leopoldina da Cruz, Francisca Xavier de Paula, Isidora, Michaela, Gabriella, Raphaela, Gonzaga! Houve solemnes festividades nos dias do nascimento e baptismo da princeza, que no domingo, 27 de junho de 1819 foi conduzida por seu avô ao sanctuario da Gloria, e apresentada á Nossa Senhora.

Desde a vespera decorára-se a igreja com magnificencia, acendêra-se alli brilhante illuminação, e queimara-se muito fogo de artificio, cousa indispensavel em toda a festa real daquellas épocas. O rei, a rainha, os principes e a princeza recemnascida, recebidos na ladeira pela nobreza e pela côrte, entrárão no templo, fizerão oração, ouvirão missa pontifical, sermão, e assistirão a um *Te-Deum*, findo o qual salvárão as fortalezas, os navios, estalárão foguetes, e repicárão os sinos.

O poeta frei Francisco de S. Carlos descreveu esse piedoso acto no canto VI do seu poema a Assumpção. Igual acto praticou Pedro I levando aos pés desse altar o seu filho, que occupa hoje o throno sob o nome de Pedro II.

Seguindo o exemplo de seus antecessores D. Pedro II encaminhou-se no dia 5 de abril de 1845 á igreja da Gloria, e tendo seu filho nos braços, collocou-o no altar, e de joelhos supplicou para o recem-nascido a protecção da mãe do Redemptor.

Ornão este altar lindas jarras de porcellana, com ramos de flôres de papel trabalhados pelas princezas D. Isabel e D. Leopoldina, que offertárão-os em 15 de agosto de 1861, tendo annos antes feito igual mimo.

São de granito o pavimento e o presbiterio da capella-mór. Felizmente conserva aqui a pedra a sua côr natural; ainda nenhum pintor atreveu-se a cobrir de tinta esses degráos construidos ha mais de um seculo.

Da capella-mór ha portas para a sacristia, que exteriormente fórma com o corpo da igreja, um polygono oitavado, apresentando no primeiro pavimento de um lado uma janella, do outro uma porta,

e no segundo pavimento duas janellas com vidraças. Ha junto das paredes da sacristia uma pia com torneira construida em 1854, e assentos de pedra, que tambem circuitão a igreja.

A sacristia é pequena ; encerrava tres sepulturas para os irmãos, as quaes desapparecêrão, quando em 1859 assoalhou-se de mosaico de marmore o pavimento, assim como o dos corredores, que principião na capella-mór. No tecto ha um painel allusivo a Assumpção ; veem-se o arcaz de jacarandá, o espaldar com os paineis de S. Gregorio, Santo Agostinho, S. Jeronymo e Santo Ambrosio, um nicho com a imagem de Santa Anna ; e em frente um painel da cêa com esta inscripção :

« Offerecido á digna, estimavel e amabilissima mesa da respeitavel irmandade de Nossa Senhora da Gloria em 1845 a 1846.»

Pendem das paredes pernas, braços, mãos e outros objectos de cêra, que commemorão milagres operados pela Virgem da Gloria ; ha um quadro offerecido por José Venancio da Assumpção em 28 de outubro de 1854, que representa-o deitado e a Virgem da Gloria em lugar elevado ; outro mostra lutando com as ondas a galera *Theodora*, cujo capitão, André Antonio da Fonseca, julgou-se salvo do naufragio por intervenção da Mãe do Redemptor.

Fallando dessas promessas diz S. Carlos em seu poema :

Aqui nautas virão cumprir o voto,
Trazendo em hombros o velacho roto ;
C'o a roupa mal enxuta, inda assustados,
Dos euros e escarcéos encapellados.
Viráõ tambem Romipetas trazidos
Da devoção, de offertas opprimidos.

Dos corredores que partem da sacristia começão escadas de pedra, que vão ter ao pulpito, ás tribunas, ao côro, e a um salão no segundo pavimento, onde ha armarios de arrecadação.

As paredes da sacristia, assim como as da igreja são guarnecidas de uma barra de azulejo, obra mui antiga.

Fica por debaixo do côro a casa forte onde guardão-se as joias, as alfaias e objectos de valor; pois collocada esta capella em lugar retirado, e tendo sido mais de uma vez visitada por ladrões, necessita ter em segurança os objectos valiosos que possue.

Nasce do côro uma escada cochleada de quarenta e tres degráos de pedra, a qual vai ter ao terrado, sobre a igreja, ladrilhado de tijolo, com declive para os lados, e circumdado de peanhas de granito; sustenta na parte posterior uma cruz de pedra de seis a sete palmos, e na anterior communica-se com a abertura dos sinos da torre, dos quaes o maior foi collocado em 1856.

Linda e poetica é a perspectiva que se descortina desta elevação; vê-se quasi toda a cidade, admira-se a vastidão da bahia, avista-se o Corcovado, as montanhas que circulão a praia de Botafogo, e dilata-se a vista pelo mar, pelos montes, e pelas planicies.

Não podemos asseverar qual o architecto da capella da Gloria; mas revelou-nos o brigadeiro Feliciano José Neves Gonzaga que sua avó referia-lhe ter sido essa igreja assim como a de S. Pedro, construidas pelo architecto o tenente coronel José Cardoso Ramalho, que tendo vindo de Lisboa, aqui tivera uma filha, a avó de Feliciano José Neves Gonzaga, e fallecera na colonia do Sacramento em serviço militar. Parece que essa noticia merece ser acreditada, não só pela pessoa que referio-a que é mui circumspecta, mas tambem por haver semelhança na construcção das duas igrejas.

Em 27 de dezembro de 1849 recebeu esta irmandade o titulo de imperial. Determinara a mesa conjuncta de 20 de julho de 1853 a reforma do compromisso, e admittida essa reforma em mesa de 6 julho de 1854 foi o novo compromisso sanccionado em 30 de julho, dando-se desde então ao juiz o titulo de provedor; o bispo approvou-o em 6 de setembro de 1854, e o governo em 22 do mesmo mez e anno.

Possuia a irmandade em 1861 metade do morro, em que tem a sua igreja, cinco predios na rua Detrás do Adro, parte de uma casa da rua d'Ajuda e 75 apolices; é filial á igreja matriz da Gloria.

O quadro que guarda-se na capella-môr e que foi pintado em 1827 por um artista francez, representa Pedro I fardado, sustido por um anjo que com seu escudo afugenta a morte que quer aproximar-se do monarcha; ao lado direito está a imperatriz D. Maria Leopoldina a cavallo á supplicar a protecção da Virgem da Gloria, que ostenta-se na parte superior do painel.

Recorda esta pintura a queda que deu D. Pedro em 30 de junho de 1823.

Recolhia-se o imperador da fazenda do Macaco, quando ao chegar á ladeira proxima ao paço de S. Christovão, correu o selim para a garupa do cavallo, em que vinha montado, que começou a corcovear-se e disparou. Receiando resvalar com o selim, e ser maltratado pelos couces do animal, especialmente faltando-lhe o apoio da crina, que se rebentara pelo esforço que praticara para deter o cavallo, tomou D. Pedro a resolução de deitar-se abaixo, o que executou para o lado esquerdo. Na violenta queda bateu com as costas em barro duro, e só depois de muito esforço pôde levantar-se e pedir soccorro, que prestarão-lhe os soldados do telegrapho.

Chegando a imperatriz com o seu criado apeou-se e tratou de conduzir o imperador para o paço, onde examinado pelos medicos Drs. Domingos Ribeiro de Guimarães Peixoto e Antonio Ferreira França reconhecerão estes que havia fractura na septima costella do lado direito, na terceira do lado esquerdo, dias thaseincompleta na extremidade external da clavicula esquerda, grande contusão no quadril com forte tensão nos musculos da articulação, e dôres gravativas no nervo sciatico.

Na occasião da queda ficara amassado um punhal, que o imperador trazia comsigo.

Reunidos á meia noite em conferencia os medicos do paço Drs. Francisco Manoel de Paula, Vicente Navarro de Andrade, Ferreira França, cirurgiões Jeronymo Alves de Moura, Florencio Antonio Barreto e Guimarães Peixoto, e apresentando D. Pedro febre, dôres agudas e irritação do systema nervoso, resolvêrão os facultativos sangra-lo, o que foi praticado pelo Dr. Guimarães Peixoto; e depois da sangria o imperador adormeceu. No dia seguinte applicárão desenove sanguesugas ao quadril, onde havia dôr agudissima, e ventilou-se a sangria; e tambem fôrão applicadas doze sanguesugas sobre a 12ª costella e sobre o dorso; com este tratamento e apparelhos convenientes foi de dia para dia alliviando o doente, que restabeleceu-se.

Em 10 de julho enviou a assembléa constituinte uma deputação de sete membros ao paço de S. Christovão para significar ao imperador o pezar de que se achava possuida, pelo desastre que acontecera-lhe. Em 17 vestio-se D. Pedro para dar alguns passos em sua quinta; em 7 de agosto tirou-se pela ultima vez o apparelho das

ligaduras, e dous dias depois dava o monarcha audiencia no paço da cidade.

A officialidade de diversos corpos da guarnição da côrte dirigira-se a cavallo á S. Christovão para acompanhar o imperador até a cidade, o qual depois de ouvir missa na igreja da Gloria do Outeiro deu audiencia; e terminada esta, visitou os arsenaes de marinha e guerra, regressando a S. Christovão com numeroso sequito.

Provão estes factos a actividade, do fundador do Imperio que, depois de tão penosa enfermidade no primeiro dia que sahia, julgava-se com forças para fazer prolongados exercicios.

Na noite desse dia a cidade illuminou-se geralmente.

No dia 11 foi o monarcha felicitado por uma commissão da assembléa constituinte, e respondendo á deputação disse.

« As provas de amor á minha imperial pessoa, e de interesse de minha saude que a assembléa geral constituinte e legislativa deste Imperio tem dado, são tantas alem desta que penhoram meu imperial coração, e o obrigão a agradecer-lhe, e certificar-lhe que em quanto vida tiver, hei de defender a patria dos inimigos internos e externos; as attribuições que de direito me competem como imperador constitucional e defensor perpetuo do Brazil, o decoro da mesma assembléa e os interesses da briosa nação brazileira, que tão credora é de todos os sacrificios, que poderem fazer aquelles que verdadeiramente amarem ao Brazil, e forem tão brazileiros como eu sou e me preso ser. »

Em 24 de agosto a guarda de honra do imperador mandou celebrar na igreja de S. Francisco de Paula um *Te-Deum* em regosijo do restabelecimento do soberano, orando nesta solemnidade o padre mestre Monte Alverne.

Julgando a imperatriz, mui devota da Senhora da Gloria, que por seu patrocinio se salvara o imperador mandou fazer o quadro relatando o facto da queda e colloca-lo na igreja do Outeiro. Tem o painel uma inscripção em latim.

Em 7 de dezembro de 1829 D. Pedro deu outra queda, que foi seguida de incommodos graves.

Passavão o ex-imperador, a imperatriz D. Amelia, o seu irmão o principe Lechtemberg, e a princeza D. Maria, depois rainha de Portugal, pela rua do Lavradio, de volta para a quinta da Boa Vista, quando descendo aquella rua, perto da do Senado, quebrou-se a lança

da carroagem, e em consequencia da inquietação dos cavallos, da difficuldade de dirigil-os, e de uma sobre-roda, virou-se o carro, e cahirão as pessoas imperiaes; cahio o ex-imperador sobre o lado direito, e tal foi a violencia da queda, que perdeu os sentidos por cinco minutos. Voltando a si, e recolhendo-se á casa do marquez de Cantagalo, na rua do Lavradio esquina da do Senado, reconhecerão os cirurgiões da camara, que estavão fracturadas a sexta e a setima costellas, que havia uma contusão na fronte e alguma distensão no quadril direito.

Não apresentava a imperatriz lesão sensivel, mas experimentara grande abalo e susto. O principe Augusto de Leuchtemberg, duque de Santa Cruz, soffrera luxação e fractura nos ossos do braço direito; a princeza D. Maria uma contusão na face e na cabeça, e a baroneza de Sterfeder violentas contusões, que produzirão-lhe desmaio.

Comparecerão os Drs. Antonio José Lisboa, Tavares e Jacintho Pereira Reis, que por haver sangrado o monarcha, foi nomeado cirurgião da camara.

Apezar da coragem que manifestava D. Pedro em todas as occasiões criticas, quiz confessar-se e o seu desejo foi satisfeito.

O duque de Santa Cruz, depois de reduzida a luxação, foi transportado em cadeira para a sua quinta em Botafogo, incumbindo-se do seu tratamento o Dr. Casa-Nova.

Cobrio-se a rua do Lavradio com camadas de arêa para impedir o ruido das rodas dos carros sobre as pedras da calçada, e em frente da casa do marquez de Cantagallo collocou-se uma guarda de honra.

Apresentarão-se outros medicos e cirurgiões, fizerão-se conferencias, receitarão-se medicamentos e incisou-se um tumor do quadril direito do imperador; e restabelecida a familia imperial retirou-se no dia 1 de janeiro de 1830 para a quinta de S. Christovão acompanhada de fidalgos e altos funccionarios, entre outros do marquez de Cantagallo a cavallo ao lado direito da carruagem, ao qual em recompensa da hospitalidade entregou-lhe D. Pedro, ao chegar á S. Christovão, uma carta em que distinguia-o com a honra de grande dignitario da ordem da rosa, de que offereceu-lhe ricas insiguias, e a imperatriz offertou-lhe o seu retrato primorosamente desenhado pelo artista brazileiro Simplicio Rodrigues de Sá, e circulado de preciosos brilhantes.

Em regosijo ao restabelecimento da familia imperial mandou celebrar a guarda de honra um *Te-Deum* na capella da Gloria, em 9 de ja-

neiro, com sermão, sendo a musica composta por D. Pedro, e regida por Mazioti. No dia 16 houve por igual motivo outro *Te-Deum* na Capella Imperial ; no dia 18 na igreja do Carmo, orando Monte Alverne ; no dia 24 na de S. José, e no dia 31 na da ordem de S. Francisco da Penitencia.

Tinha a primeira imperatriz do Brazil particular devoção á Virgem da Gloria ; vimos que ao nascer a sua primeira filha lembrou-se logo de apresental-a á rainha dos anjos ; deu á essa menina o nome de Maria da Gloria ; ia todos os sabbados ouvir missa na capella do Outeiro, e depois do acto religioso seu capellão, o padre Boiret, distribuia esmolas aos pobres ; fazia valiosas offertas á capella ; e além de uma lampada de prata, offereceu a Virgem, alli venerada, uma vestimenta de velludo, e um adereço de brilhantes. Adoecendo a imperatriz, a irmandade grata a tão boa devota, conduzio em procissão a imagem da Senhora da Gloria para a Capella Imperial, acompanhando-a muitos officiaes do exercito, povo e criados da casa imperial, e apezar da chuva executou-se com toda devoção essa procissão de prece, ficando a imagem alli depositada; mas dous dias depois pereceu a imperatriz.

Tributava D. Pedro verdadeiro culto á Virgem do Outeiro ; dous dias depois de receber na Capella Imperial as bençãos matrimoniaes, do seu segundo casamento, dirigio-se em 19 de outubro de 1829, com a imperatriz D. Amelia á igreja da Gloria para implorar a protecção da Virgem. Enviava cada anno muita cêra para a festividade de sua protectora ; e por gratidão a esse bemfeitor celebra a irmandade em 24 de setembro de cada anno uma missa com *libera-me* pela sua alma.

Nos poucos annos, que residio no Brazil, patenteou a segunda imperatriz particular devoção á Senhora da Gloria, e doou á igreja um calix de prata dourada, no qual ha esta inscripção :

« Dado á igreja da Gloria pela imperatriz Amelia em memoria do feliz regresso do seu irmão Augusto á Europa, em 15 de junho de 1830.

« Offerecido em 15 de agosto de 1830. »

Tem-se perpetuado na familia imperial essa devoção.

Em 29 de outubro de 1833 D. Pedro II encaminhou-se á essa capella para dar graças ao Omnipotente pelo restabelecimento da sua saude. Em 29 de agosto de 1840 assistio alli a um *Te-Deum* por ha-

ver sido declarado maior, orando neste acto o conego Januario da Cunha Barbosa. Em 6 de outubro de 1849 o Imperador e a Imperatriz inscrevêrão seus nomes entre os dos irmãos da Senhora do Outeiro e em 15 de agosto de 1860 as princezas D. Isabel e D. Leopoldina fizerão o mesmo, lavrando-se os termos em um livro de sêda bordado a ouro, denominado o livro de ouro.

A imperatriz D. Thereza Christina, além de outras offertas, deu para o altar-mór uma rica toalha ; e a princeza de Joinville um pluvial branco com flôres de matiz. Assim como fazia sua avó, começárão em 6 de novembro de 1858 as princezas D. Isabel e D. Leopoldina a ouvir missa todos os sabbados, ás 7 horas, na capella do Outeiro; e praticarão essa devoção até casarem-se.

Festeja-se annualmente em 15 de agosto a Senhora da Gloria, e é, de todas as solemnidades religiosas celebradas na cidade, a que atrahe maior concurrencia, notando-se nos trajos muito luxo e ostentação ; e é antigo o costume da romaria do povo ao Outeiro da Gloria, e naquelles tempos em que a cidade não se estendia até lá, e poucos meios de conducção havia, erguião-se junto a ladeira da igreja, e por trás do adro, casinhas chamadas dos romeiros, que emprestavão-se ás familias, que occupavão-nas 15 dias ou um mez antes da festa ; mais tarde começárão a ser alugadas para o mesmo fim, porém crescendo a cidade e facilitadas as commnnicações com o bairro do Cattete, tiverão essas casas alugadores constantes.

Assistião os vice-reis a festividade ; o mesmo fazião D. João VI e D. Pedro I, as princezas D. Isabel e D. Leopoldina ouvião a missa, que ha antes da festa, e D. Pedro II e sua esposa concorrem ao *Te-Deum*, que celebra-se ás 5 horas ; e então é uso o provedor da irmandade offertar á imperatriz dous ramos de cravos que são retirados das mãos do Menino Jesus e de Nossa Senhora ; recebendo as pessoas imperiaes medalhas de ouro e fitas, por serem irmãos da confraria. De tarde é maior a concurrencia do povo, e ainda que a igreja fosse muitas vezes mais vasta, não conteria metade dos devotos que lá desejão penetrar ; e tal é a devoção que tributa-se ao orago, que nos dias das novenas e no da festa, recolhem-se quasi 2:000$000 de esmolas, e mais de 800 libras de cêra. Termina a funcção com um fogo de artificio, onde notão-se sempre um castello, dous navios, o sol, a lua e outras peças, que depoem contra a imaginação dos nos-

sos artistas pyrotechnicos ; tambem em geral a patuléa comprimenta o fogueteiro com assobios e fóras.

Durante alguns annos deu o negociante Manoel Lopes Pereira Bahia, depois barão de Mirity, pomposo baile no dia dessa festividade em seu palacete, assistindo as pessoas imperiaes, e as de mais alta jerarchia da côrte ; e hoje não é raro haver, nesse mesmo palacete, em tal occasião, algum baile offerecido pelo ministerio a SS. Magestades e ao corpo diplomatico (1).

Em 1855 orou na festividade da Gloria, por convite do Imperador, o distincto orador sagrado Monte Alverne.

Quem vio Monte Alverne nesse dia, que pela ultima vez subia á tribuna da igreja, gosou de uma scena triste e sublime. O velho sacerdote, cégo, com a fronte pallida, a face macilenta, tendo-se levantado havia um mez do leito da doença, parecia mais um resuscitado, que um ente da terra ; os braços cahião-lhe inertes, o corpo vergava-se para o chão ; elle queria elevar a voz, porém a fraqueza entorpecia-he a lingua, queria fazer um gesto, porém os musculos mostravão-se rouxos ; era uma luta do espirito e da materia, da alma e do corpo. A doença e a velhice abafavão a intelligencia do illustre sabio, a qua ainda resplandecia brilhante como o sol, porém como o sol no occaso ; o orador lutava e lutava muito ; daquella cabeça de fogo os raios que partião tinhão luz, mas já não tinhão calor.

Consternado disse o philosopho :

« Longe, bem longe vão esses tempos em que fortalecido da mocidade, devorado do mais acendido enthusiasmo, celebrei aqui mesmo a glorificação dessa creatura incomparavel, a quem o Imperado considera sua ineffavel protectora. »

Ha trinta e dous annos subira Monte Alverne ao pulpito da capella da Gloria ; então sorria-lhe a vida, sobravão-lhe as forças, e trasbordava-lhe a intelligencia. Concluido o sermão o velho cegó desceu tacteando as escadas do pulpito, e sem ouvir uma palavra dose, sem receber um elogio, recolheu-se para sua cella, que tornou-se seu tumulo.

(1) Funcciona actualmente neste palacete a secretaria de estado dos negocios estrangeiros.

— Minha missão neste mundo acabou, disse elle, ao transpor os umbraes do convento, e pouco mais de tres annos depois pereceu de congestão cerebral !

Na igreja do outeiro da Gloria escreveu Monte Alverne a ultima palavra de seu livro immortal, dalli fallou pela ultima vez ao mundo ; foi esse pulpito a ultima cadeira sagrada em que subio, e depois emmudeceu e pareceu. Terminaremos estas paginas repetindo uns versos de um amigo de Monte Alverne, nos quaes está descripta a igreja da Gloria do Outeiro.

Diz frei Francisco de S. Carlos :

Por marmoreas escadas a subida
Conduz ao alto e ao portico da ermida.
Sobre lagedos de granito em quadro
Descança a base, que alli tem um adro.
Dos lados peitoris; descanço e meio
Dos olhos pastearem seu recreio.
Situação risonha, sobranceira
Ao mar, entre a vaidosa cordilheira
De rochas e de serras mil erguidas,
De palmas e arvoredo abastecidas.

XX

IGREJA DE S. PEDRO

Teve começo na ermida de S. José a irmandade dos clerigos de S. Pedro, ignorando-se a época de sua fundação ; mas parece haver sido nos primeiros annos do seculo XVII, porque fallecendo Gonçalo Lopes de Tavora em 7 de março de 1639, por verba testamentaria, mandou dizer algumas missas a S. Pedro, na igreja de S. José.

Viveu a irmandade algum tempo sem compromisso, até que concedeu-o o prelado ecclesiastico Manoel de Souza e Almada antes do mez de agosto de 1661, pois determinando em testamento Francisco Dutra de Leão, fallecido em 25 de agosto de 1661, que o acompanhasse a irmandade de S. Pedro dos Clerigos, não executou-se essa disposição por não estar *em uso*, e apenas acompanharão o finado alguns padres ; e segue-se que *para não estar em uso* era necessario que muito antes daquelle anno já estivesse a irmandade regularmente estabelecida.

Originando-se contendas entre os irmãos de S. José e de S. Pedro, retirárão-se estes para a igreja do Parto, por deliberação de 23 de setembro de 1705, approvada pelo bispo D. Francisco de S. Jeronymo; e o padre José Carvalho Dias, fallecido em 1 de outubro de 1706, legou á irmandade de S. Pedro 200$000 para as obras, que estava fazendo na igreja do Parto.

Tendo o padre Francisco Barreto de Menezes doado, por escriptura de 9 de outubro de 1732, lavrada no cartorio do tabellião Manoel Salgado da Cruz, dez e meia braças de terreno com treze de fundo, na rua do Carneiro, para os clerigos construirem alli sua igreja, resolvêrão estes em 2 de agosto de 1733, dar principio a obra; de feito lançou o bispo D. frei Antonio de Guadalupe a primeira pedra, e para a construcção do edificio offereceu alguns mil cruzados. Era então provedor da irmandade o padre João Alvares de Barros, vigario collado na freguezia de Nossa Senhora do Pilar em Iguassú, o qual, perecendo em 9 de setembro daquelle anno, foi o primeiro irmão, que pedio para ser sepultado na nova igreja, cuja construcção estava em principio.

Construida a igreja de S. Pedro na rua do Carneiro, recebeu essa rua o nome de S. Pedro, que ainda conserva; tendo recebido a antiga denominação de D. Antonia Carneiro, mulher de Luiz de Figueiredo, instituidora da ordem terceira de S. Francisco da Penitencia, a qual habitara alli entre as ruas da Quitanda e dos Ourives (1).

Não se sabe o anno em que S. Pedro foi para seu novo templo, mas parece que foi antes de 1741, porque em 7 de outubro desse anno lavrarão os clerigos, por supplica do padre João de Araujo e Macedo, o termo da irmandade de S. Gonçalo de Amarante, *cuja imagem o bispo fundador fizera collocar no altar do lado da epistola*. Ausentando-se para Lisboa o bispo Guadalupe, decahio a devoção de S. Gonçalo, cuja imagem ficou a cargo da irmandade dos clerigos. Edificada na rua de S. Pedro, esquina da dos Ourives, é a igreja de S. Pedro elegante e de architectura romana; o corpo do templo, mais

(1) O monsenhor Pizarro, dá a essa senhora o nome de Anna Carneiro, mas em todos os papeis da ordem terceira de S. Francisco, que consultei vi escripto Antonia Carneiro.

saliente do que as torres, fórma uma rotunda; o portico é de marmore, e tem na parte superior os emblemas do pontificado; aos lados, no segundo pavimento, abrem-se as duas janellas do côro com grades de ferro e logo acima ha um entablamento; sobre este ergue-se outro corpo, que tem um oculo na parte inferior e um entablamento na superior, e coroa o edificio um zimborio com uma lanterna, que eleva-se acima das torres. São estas de fórma arredondada com quatro pavimentos e os pinaculos abobadados. Cerca o atrio uma grade de ferro, que formava um semi-circulo em frente da porta do edificio, mas para dar-se regularidade á rua, tornárão-na recta. O exterior do templo indica a fórma do interior, que é uma rotunda com quatro arcos, constituindo a capella-mór, o côro e os altares lateraes.

O presbiterio é de marmore; na boca do throno do altar-mór está a imagem do orago, e na parte superior a do Senhor da Agonia, que occupava outrora o altar do lado do evangelho; pertence este altar á Senhora da Boa-Hora, e o do lado da epistola a S. Gonçalo de Amarante.

Levantão-se os pulpitos entre a capella-mór e os altares menores; e entre estes e o côro ha de cada lado uma tribuna.

Orna a igreja elegante obra de talha dourada, de estylo barroco, ignorando-se o nome do artista que executou-a.

Os pavimentos da capella-mór, dos corredores que vão ter á sacristia e o desta são de mosaico de marmore, vendo-se na sacristia a imagem do principe dos apostolos, trabalhada em marmore pelo artista Despré, a qual substituio ha cinco ou seis annos a imagem de Christo que alli havia; tem um nicho e tres retratos dos quaes mais tarde fallaremos.

Não podemos repetir com certeza o nome do architecto deste edificio, mas diz a tradição ter sido o tenente coronel José Cardoso Ramalho (1).

Se tivessem estendido a igreja até á rua do Sabão, obtendo o terreno, que actualmente pertence á irmandade, seria este um dos nossos melhores templos; não prevendo, porém, o grande desenvolvimento que teria a cidade do Rio de Janeiro, fizerão os clerigos um edificio pequeno; e consta que dissera o bispo fundador:

(1) Veja o capitulo XIX.

— E' sufficiente este templo para os padres do Rio de Janeiro.

Ha alli um côro de treze sacerdotes, que rezão duas vezes por dia as horas canonicas, instituido por Manoel Vieira dos Santos morador em Minas-Geraes. Desejara Manoel Vieira crear uma collegiada em uma das igrejas de Minas; mas, por motivos que se desconhecem, não realizando seu intento, tratou de leva-lo a effeito na igreja de S. Pedro desta cidade.

Dirigindo-se ao cartorio do tabellião Thomaz Gomes de Almeida, no arraial de Nossa Senhora da Penha, em Minas, passou Manoel Vieira dos Santos, em 13 de junho de 1764, uma procuração a seu irmão Domingos Thomé da Costa residente no Rio de Janeiro; e este, em 2 de agosto do mesmo anno, compareceu no consistorio da igreja de S. Pedro, e em nome do seu constituinte, doou á irmandade dos clerigos 42,000 cruzados para estabelecer-se um côro de seis sacerdotes, servindo para patrimonio do dito côro 40,000 cruzados, que serião postos a juros, ou em bens estaveis e rendosos, e 2.000 gastos no preparo do mesmo; que seria a irmandade *in perpetuum et solidum* administradora da instituição; que pedia o instituidor se lhe designasse na capella-mór da igreja sepultura para jazigo do seu corpo, se acontecesse fallecer nesta cidade, e se em Minas mandaria a irmandade trasladar para a dita sepultura seus ossos; que para preencher qualquer vaga, que se désse de alguma capellania, se preferisse, em iguaes circumstancias, o candidato que fosse parente ou consanguineo do instituidor; que, por desejar favorecer os estudantes, e mais pessoas pobres, que se quizessem ordenar, recommendava que, para occupar as capellanias, fosse nomeada qualquer pessoa de *limpo sangue*, tendo 21 annos de idade e dahi para cima, obrigando-se a tomar ordens dentro de dous annos inclusive; vinhão especificadas na procuração outras condições relativas ao regimen do côro, e suffragios pela alma do instituidor que por ser cego por elle assignara a procuração Antonio Gonçalves Jordão.

Declarou a mesa da irmandade aceitar todas as obrigações especificadas na escriptura, pelo que Domingos Thomé da Costa entregou os 42,000 cruzados em *boas moedas de ouro*, que o procurador da irmandade, o padre Antonio de Oliveira, e *mais mesarios receberão, contarão e acharão certo sem falta alguma*.

Em 11 de novembro de 1764 concedeu o bispo D. frei An-

tonio do Desterro a licença para estabelecer-se o côro, declarando que em tempo algum poderia a irmandade dispor do patrimonio e do rendimento para despezas extranhas áquella instituição.

Em gratidão a Manoel Vieira dos Santos mandou a irmandade tirar o retrato desse bemfeitor, pelo artista Manoel Pereira Reis, para colloca-lo na sacristia ; e gravar em uma pedra marmore posta no arco, que sustenta o côro da igreja, o seguinte :

A' Memoria
de nosso irmão
Manoel Vieira dos Santos
Instituidor do côro desta
Irmandade de S. Pedro
Fallecido na provincia de Minas.

Cantate Domino et benedicite nomini ejus
annuntiate de die in diem salutare ejus.

Pela alma de tão benemerito e piedoso varão canta-se cada dia um memento no fim do côro ; applica-se a missa que cada capellão celebra diariamente, e ha todos os annos um officio funebre.

E' justo que aquelles que recebem soccorros dessa instituição, lembrem-se sempre em suas orações do seu magnanimo bemfeitor. Instituio o conego Manoel Freire mais um lugar de capellão no côro da igreja, doando para subsistencia dessa capellania uma casa na rua do Ouvidor, com a condição de rezar-se uma missa no anniversario de sua morte, e um memento cantado no côro ; a irmandade aceitou o legado, do qual lavrou termo em 18 de setembro de 1770. Doou o mesmo conego para o altar da Senhora da Boa Hora e do Senhor da Agonia, uma lampada, que conservar-se-hia todo o anno accesa, legando para esse fim um predio na rua do Ouvidor, junto ao que já havia dado á irmandade, obrigando-se esta a rezar uma missa perpetua, ás sextas-feiras, naquelle altar pelas almas dos agonisantes. E declarou o doador que se o predio se arruinasse completamente, ficarião sem effeito os encargos, mas se o estrago fosse apenas parcial, ainda que cessasse a obrigação da lampada accesa, subsisteria a da missa. Pereceu Manoel Freire em 20 de outubro de 1774, e sepul-

tou-se junto ao altar da Senhora da Boa Hora. Conserva a irmandade o retrato desse bemfeitor.

Teve o côro mais um capellão pelo legado de uma casa na rua da Quitanda, feito por Melchior Soares de Aguiar e sua mulher em 1790; e por alma desses instituidores ha cada semana uma missa rezada.

A provisão de 29 de novembro de 1764 concedeu estatutos ao côro, organisados pelo bispo Frei Antonio do Desterro; a provisão de 21 de janeiro de 1817 do bispo D. José Caetano modificou o regimen e a reza e elevou o numero dos capellães a dez, e a provisão de 23 de fevereiro de 1854 do bispo D. Manoel do Monte, conde de Irajá, permittio a reforma dos estatutos que de feito forão reformados e approvados em 27 de outubro de 1854.

A irmandade de S. Pedro está isenta da jurisdicção parochial, como vê-se confirmado no capitulo VI de seu antigo compromisso, reformado em 1732 pelo bispo D. frei Antonio de Guadalupe; mas não attendendo a esse direito, quiz o vigario da freguezia da Candelaria, Ignacio Manoel da Costa Mascarenhas, que acompanhassem o enterro de Braz Dias, irmão secular da ordem, sacerdotes que não erão irmãos, e de mistura com o corpo da irmandade; oppoz-se a mesa da irmandade e representou ao bispo D. frei Antonio do Desterro, que pela provisão de 13 de julho de 1762, ordenou ao vigario que acompanhasse com a cruz e clerigos a sua ovelha, diante da cruz da irmandade, ou atrás do procurador da mesma, como determinavão os estatutos desta; e declarou ao provedor e mesarios de S. Pedro que entre os irmãos do corpo da irmandade não admittissem outros clerigos que não fossem irmãos.

Desejando prevenir questões semelhantes lavrou o bispo Desterro a provisão de 15 de setembro de 1762 declarando e confirmando a isenção da igreja de S. Pedro, onde poder-se-hião celebrar todas as solemnidades e officios ecclesiasticos pelo provedor da irmandade *pro tempore existente* ou por quem suas vezes fizesse, sem dependencia ou assistencia do parocho do districto. O papa Pio VI confirmou essa provisão pelo breve de 8 de março de 1776, que pelo aviso da secretaria de estado dos negocios do reino, de 18 de agosto de 1780, obteve o beneplacito regio, e foi executado nesta

cidade e julgado por sentença definitoria do Ordinario, publicada em 7 de junho de 1781.

Determinava o compromisso da irmandade que os irmãos sacerdotes levassem á sepultura os irmãos seculares que perecessem, mas suscitando duvidas a esse respeito o padre José da Fonseca Lopes, mestre de ceremonias do bispado, suspendeu-se essa disposição até ser consultada a congregação dos Ritos, que decidio a questão a favor da irmandade, como asseverou o mestre-escola da cathedral do Rio de Janeiro e procurador da mitra em Lisboa, por carta de 7 de maio de 1757. Attestou o bispo Antonio do Desterro este documento, ordenando que se executasse o capitulo dos estatutos sobre o dever que tinhão os irmãos clerigos de conduzirem á sepultura seus finados confrades. Usa esta irmandade de cruz pontificia, como dizem os estatutos; não acompanha procissão alguma, e só concorre aos actos funebres de seus irmãos, quando vêm encommendar-se em sua igreja, ao do bispo diocesano e aos das pessoas da familia imperial.

Era difficil em outros tempos inscrever-se qualquer secular entre os irmãos de S. Pedro; necessitava ser pessoa de importancia social, e concorrer com a somma de 400$000; assim o primeiro irmão secular da ordem foi o provedor da fazenda real Pedro de Souza Pereira e *debaixo de certas condições*; o segundo foi o sargento-mór Martim Corrêa Vasqueanes, natural do Rio de Janeiro, filho de Duarte Corrêa Vasqueanes, que por vezes governou esta capitania e de D. Martha Borges; cavalleiro professo na ordem de Christo, o qual, conduzido no esquife da irmandade dos clerigos, sepultou-se na igreja dos jesuitas desta cidade. O terceiro foi Martim Corrêa Vasques, nascido no Rio de Janeiro, mestre de campo de um terço de infanteria, fidalgo da casa real, cavalleiro de Aviz, governador do Rio de Janeiro em 1697, e fallecido em 25 de junho de 1710; sendo seu cadaver conduzido no esquife da irmandade dos clerigos á igreja da ordem de S. Francisco da Penitencia. Mas necessitando obter dinheiro para a construcção da igreja deixarão os padres de ser tão escrupulosos e exigentes na admissão de irmãos seculares, e desde 6 de novembro de 1733 reduzirão a 200$000 a esmola de entrada.

O padre que quer entrar para esta corporação, tendo menos de

trinta annos, dá 30$000, de trinta a sessenta 60$000, e mais de sessenta 100$000.

Distribue a irmandade no dia da festa de todos os santos dese-seis esmolas de 1$000 por outros tantos pobres mais necessitados, á eleição da mesa e com preferencia dos proprios irmãos, as quaes forão instituidas, pelo secular Antonio Fernandes Maciel, que para esse fim legou em 25 de julho de 1756, 800$000, com a pensão de quatro missas annuaes e dous responsos pela sua alma.

Está a cargo desta irmandade uma instituição mui util e importante devida á caridade e religião de Alexandre Dias de Rezende.

Alexandre de Rezende, natural do Rio de Janeiro, era de côr parda, alto, olhos grandes, soffria de strabismo, tinha um pequeno signal no rosto, e as pernas inchadas, era homem rico, estimado de todos, pertencente a muitas irmandades, irmão confrade de Santo Antonio, e tão devoto deste santo padre, que á sacristia do convento dos franciscanos offereceu uma caldeirinha de prata para agua benta de subido valor. Capitão do terço dos pardos reformou-se em sargento mór e teve o habito da ordem de Santiago da Espada. Desejando pertencer á irmandade de S. Pedro, apresentou sua petição que foi indeferida por ser o pretendente *pardo*.

Attendia-se então muito á côr, mais ou menos escura dos individuos, e originavão-se por isso questões ridiculas e indecorosas, como a que vamos narrar.

Tinha Alexandre de Rezende um vizinho, que era-lhe desafeiçoado ; o qual, para molesta-lo, maltratava um escravo seu que era *mulato*, repetindo esta palavra em voz alta para que Alexandre de Rezende ouvisse. Em represalia comprou este um cavallo russo, e quando avistava seu vizinho, ou sabia que podia ouvir o que dissesse, gritava para os escravos.

— Apanhem o *branco*, deitem-lhe o selim, que por andar manhoso o *branco* precisa de trabalho e de castigo.

E os escravos que já sabião de quem se tratava, trazião o cavallo ajaezado, no qual montava Rezende para passear, caminhando em frente da casa do vizinho.

Ficou Alexandre de Rezende mui pezaroso por não haver sido admittido na confraria de S. Pedro ; mas occultando seu resentimento tratou de vingar-se nobremente daquelles que havião-no repellido ;

de feito fallecendo em 9 de agosto de 1812, abrio-se o seu testamento, e nelle leu-se a verba seguinte :

« Declaro que entre os bens que possuo, são duas moradas de casas, que fazem dous sobrados no canto da rua de S. Pedro, uma com frente para a rua Direita, e outra com frente para a dita rua de S. Pedro, as quaes deixo á irmandade de S. Pedro, para esta tomar logo conta dellas, e fazer assistencia aos reverendos sacerdotes, que se acharem enfermos, sem poderem celebrar, fazendo-se-lhes uma mesada ao arbitrio da mesma irmandade, para sustentação dos ditos impossibilitados sacerdotes, ficando a mesma irmandade obrigada a pagar a decima; e no caso que a dita irmandade as queira vender, então passárão para a Misericordia, oppondo-se esta a tal determinação, e tomando logo conta dellas para do seu rendimento se sustentarem os pobres clerigos ».

Esquecidos da côr escura do finado, e solicitos em receber o legado, que lhes deixara, conduzirão os clerigos seu cadaver da rua dos Pescadores, em frente ao becco dos Cachorros, para a igreja de S. Pedro; rezarão-lhe um officio de corpo presente, e de tarde seguio o enterro para o convento de Santo Antonio ; vinhão no prestito quasi todas as irmandades existentes na cidade, ás quaes pertencera Alexandre de Rezende ; trazião todos tochas accesas, e nas esquinas das ruas depositado o caixão sobre bancos de madeira, entoavão os padres um responso cantado; chegado o feretro ao cruzeiro na ladeira de Santo Antonio, vierão os frades recebe-lo, e derão-lhe sepultura no claustro, por ter sido o morto irmão confrade.

No mez de novembro de cada anno celebra a irmandade de S. Pedro um officio solemne com missa pela alma do pio instituidor do patrimonio dos clerigos pobres, do qual propoz em 1852 o padre Agostinho José da Silva que se tirasse o retrato, e approvada á idéa unanimemente encarregou-se do trabalho o artista nacional João Maximiano Mafra. Dizem, porém, as pessoas que conhecerão Alexandre de Rezende que era este de côr escura e gordo, e não como está no retrato, mas deve attender-se que o habil artista executou o seu quadro por informações, não tendo nem desenhos, nem copias ao seu dispôr.

Mandára a ordem de S. Pedro exhumar os ossos desse bemfeitor, e collocal-os em uma urna, e ha cinco ou seis annos deposi-

tou-os no arco que sustenta o côro lendo-se sobre a pedra marmore, deste jazigo o distico seguinte :

Aqui jazem
os ossos do sargento-mór
Alexandre Dias de Rezende
Instituidor do patrimonio
dos clerigos pobres
Fallecido em 9 de agosto de
MDCCCXII
Manum suam aperuit inopi et
palmas suas extendit ad pauperem.

(Salomão.)

Não necessitamos elogiar a pia instituição de Alexandre de Rezende, porque reconhecem todos sua utilidade, e admirão a idéa nobre e humanitaria desse homem, que soube tornar-se bemfeitor perpetuo de uma classe inteira. E' esta instituição um monte-pio administrado pela mesa da irmandade, tendo thesoureiro e procurador especiaes ; por ella são soccorridos os sacerdotes pobres ainda que não sejão irmãos da ordem, uma vez que se achem neste bispado, e impossibilitados de celebrar o sacrificio da missa por molestia, prisão, suspensão de ordens ou outra qualquer cousa que o embarace.

Outros bemfeitores têm augmentado o patrimonio dos clerigos pobres ; como Manoel Rodrigues dos Santos que legou, em 1827, 2:000$000 ; Antonio Rodrigues dos Santos, irmão do precedente, que, em 1829, legou 4:000$000 ; o conego Alberto da Cunha Barbosa, que deixou, em 1845, 2:000$000 ; monsenhor Antonio Vieira Borges, ex-delegado da curia romana, que legou, em 1845, 2:000$000, deixando quasi toda a sua fortuna aos pobres ; e Luiz Antonio Muniz dos Santos Lobo, que legou, em 1857, 2:000$000. Este sacerdote occupou lugar distincto na politica do paiz, honrou o pulpito, e falleceu e sepultou-se na cidade de Magé (1).

(1) Ha poucos annos falleceu o conego José Luiz Gomes de Menezes legando um sobrado para patrimonio do monte-pio dos clerigos pobres.

Por proposta do padre Agostinho José da Silva, em 1857 mandou a irmandade tirar os retratos dos bemfeitores Cunha Barbosa, Vieira Borges e Santos Lobo, e depositou-os no consistorio, que fica superior á sacristia, tendo janellas de sacada com grades de ferro para a rua dos Ourives. Ha alli um altar com a imagem de S. Pedro representada em painel, e, ao redor da mesa, cadeiras de jacarandá com encosto e assento de couro lavrado, construidas em data muito remota. Nas paredes ha dous paineis; um da Assumpção da Virgem pintado por Pedro Americo de Figueiredo e Mello, o outro de Nossa Senhora da Boa Morte, pintado por Manoel Pereira Reis, professor de desenho da escola de Marinha.

Junto ao salão do consistorio ha uma pequena sala, onde veem-se um painel da cêa do Senhor, obra do artista Reis ; um retrato do bispo D. Jose Caetano da Silva Coutinho, e um de D. João VI pintado por José Leandro de Carvalho. Havia tambem ahi os retratos dos bispos D. frei Antonio de Guadalupe, frei Antonio do Desterro e de D. José Joaquim Mascarenhas Castello Branco, que, por estarem arruinados, fôrão substituidos pelos que estão na sacristia.

Prestou bons serviços á irmandade dos clerigos o bispo Desterro ; doou uma lampada de prata, e quasi todas as peças desse metal que possuia, para fazer-se a banqueta do altar-mór ; offertou um calix de prata com a sua firma, e em beneficio da irmandade applicou os remanescentes da testamentaria do padre Francisco de Sampaio, que importárão em 1:273$000.

Depois de minuciosas pesquizas descobrimos que veio repousar nesta igreja em 1 de novembro de 1814 o poeta Manoel Ignacio da Silva Alvarenga (1).

No presbiterio do lado da epistola abrio-se o tumulo do bispo de Azoto, D. Antonio Rodrigues de Aguiar, que, sagrado em 29 de setembro de 1816, foi uma das testemunhas do juramento prestado por D. João VI no acto da sua acclamação, e pereceu no terceiro dia

(1) Veja no tomo 38 e pag. 151 da Revista do Instituto Historico a noticia da sepultura de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga.

de viagem para á sua diocese em 2 de outubro de 1818, vindo o cadaver em um coche da casa real.

Fôrão aqui sepultados os padres José Mauricio Nunes Garcia, e Luiz Gonçalves dos Santos, dos quaes vamos occupar-nos nas paginas seguintes.

Tem a irmandade cemiterio de sua propriedade na Ponta do Cajú.

JOSÉ MAURICIO NUNES GARCIA

Filho de Apollinario Nunes Garcia e de D. Victoria Maria da Cruz, nasceu José Mauricio no Rio de Janeiro em 22 de setembro de 1767. Orfão de pai aos seis annos de idade, não esqueceu-se sua mãe de envial-o aos estudos e reconhecendo a propensão que elle manifestava pela musica matriculou-o na aula de Salvador José; cursou o latim com o padre Elias, a philosophia com o Dr. Goulão, e inclinado á vida da igreja, que outr'ora absorvia os espiritos mais elevados, as intelligencias mais esclarecidas, recebeu as ordens de diacono, e em 1792 cantou missa; em 1798 teve licença para pregar, e para aprimorar sua educação litteraria, frequentou a aula de rhetorica de Silva Alvarenga, estudou a historia, a géographia, e se não tornou extranho ás linguas franceza, italiana, ingleza, grega e hebraica.

José Mauricio era pobre, e para viver necessitava empregar-se no ensino da musica, e tão precarias erão as suas circumstancias, que não podendo comprar um cravo, servia-se de uma viola de cordas metalicas para ensinar a sua arte.

Em 1798 foi nomeado mestre de capella da cathedral com o ordenado de 600$000; em 26 de novembro de 1808 obteve o emprego de inspector de musica da real capella com o mesmo ordenado de 600$000.

Extasiado D. João VI das lindas variações de piano que o padre José Mauricio repetia nas salas do paço deu-lhe, por occasião de um saráo, o habito da ordem de Christo, collocando-o com suas proprias mãos na casaca do artista. Em remuneração de seus serviços, e por ter-lhe particular estima concedeu-lhe o rei uma ração de criado particular do paço, que mais tarde foi convertida em 32$000 mensaes.

Escreveu José Mauricio para o theatro de S. João, hoje de S. Pedro, a opera *Le Due Gemelle* que perdeu-se ; compoz uma missa e credo para a festa de Santa Cecilia ; a missa e credo da desollação de S. João Baptista ; escreveu muitas missas, credos, Te-Deums, psalmos, ladainhas, antiphonas, mottetes, responsorios, matinas, novenas, officios funebres, modinhas e hymnos, e deixou muitos discipulos entre outros Geraldo Ignacio Pereira, Lino José Nunes, Francisco Manoel da Silva, Francisco da Luz Pinto e João Antonio Gonçalves que falleceu em Campos em abril de 1874 com oitenta annos de idade.

Depois de haver prestado relevantes serviços á patria e á arte da musica, da qual fóra interprete divino e mestre, falleceu José Mauricio em 18 de abril de 1830, entoando o hymno de Nossa Senhora. O distincto litterato Porto Alegre tirou uma mascara em gesso de suas feições, a qual guarda-se no Musêu Nacional ; a irmandade de Santa Cecilia encarregou-se do enterro executando-se na ceremonia funebre uma symphonia do illustre finado.

O Dr. José Mauricio Nunes Garcia mandou exhumar os ossos de seu saudoso pai, e recolhe-los á uma urna, que guarda-se na igreja do Sacramento ; e de tão notavel e prestimoso artista guarda a patria lembrança gloriosa (1).

---

(1) No tomo 34 pag. 293 da Revista do Instituto Historico vem impressa a biographia que fizemos deste artista.

LUIZ GONÇALVES DOS SANTOS

E' o proprio Luiz Gonçalves quem escreve :

« Nasci nesta cidade do Rio de Janeiro aos 25 dias de abril de 1767 ; fôrão meus pais José Gonçalves dos Santos, ourives de profissão, e sua mulher Rosa Maria de Jesus ; fui o primogenito dos seus filhos, dos quaes dous morrerão na infancia. Fui baptisado na igreja de Nossa Senhora do Rosario, que servia de cathedral, aos 9 de maio do mesmo anno. Depois de instruido nas primeiras letras, passei a estudar a lingua latina, na idade de dez annos, com o professor José Furtado de Mendonça ; e na idade de quinze annos fui para a aula de philosophia, em Santo Antonio, sendo meu mestre o reverendo Rodovalho ; nesta aula passei tres annos, e estudei no quarto logica. Depois aprendi a lingua grega com o professor João Marques Pinto por tres annos ; e simultaneamente rhetorica com o incomparavel Dr. Manoel Ignacio de Alvarenga.

Passei a frequentar segunda vez o curso de philosophia com o Dr. Goulão. A minha felicidade foi ter grandes mestres, e de ter aproveitado alguma cousa do que então se ensinava na minha patria.

Sem esperar nem pedir, o excellentissimo bispo diocesano, por informação que derão de mim, encarregou-me da cadeira de grammatica latina do Seminario de Nossa Senhora da Lapa, em 9 de agosto de 1794. No seguinte anno tomei as primeiras ordens, e cantei a

primeira missa no dia do Espirito-Santo de 1796. Continuei por mais dous annos o magisterio no Seminario, até que no anno de 1798, por nomeação do Dr. Goulão, e despacho do vice rei, conde de Rezende, sahi do Seminario, bem contra a vontade do bispo, para reger a cadeira de philosophia, em cujo exercicio estive até o anno de 1809, em que fiz opposição a uma das cadeiras de grammatica latina, vaga pelo fallecimento de seu proprietario Manoel T. da Rocha. Entreguei a substituição da cadeira de philosophia, por ordem do Dr. Goulão, ao mais distincto dos meus discipulos, o reverendissimo Januario da Cunha Barbosa, actualmente conego da igreja cathedral e Capella Imperial.

Foi a minha carta de professor de grammatica latina assignada por S. A. R. o Sr.D. João VI, então principe regente, aos 5 de junho de 1809. Continuei a ensinar segunda vez grammatica latina com o ordenado respectivo, até que fui jubilado nesta cadeira pelo imperador D. Pedro I, no anno de 1825, estando inteiramente incapaz de ensinar pela surdeza e outras molestias, que padeço até agora, e que me têm tirado todas as forças do corpo, mas não do espirito, graças a Deus. Neste mesmo anno, a 13 de outubro, fui condecorado pelo imperador o Sr. D Pedro I com o habito da ordem de Christo, mas não professei, nem é necessario tal profissão no Imperio do Brazil.

Quando menos pensava, alguns amigos se interessarão por mim para que o Sr. regente, hoje conde de Olinda (1), me nomeasse conego da cathedral e capella imperial, em novembro de 1839; bem a meu pezar, visto o estado deploravel da minha saude, aceitei tão honrosa dignidade, da qual tomei posse a 9 do mesmo mez.

Tive tambem a honra de ser nomeado no anno de 1839, socio honorario do Instituto Historico e Geographico do Brazil, como tambem socio da sociedade amante da Instrucção, no anno de 1841. Mas o que sobretudo preso é ter tido a honra de ser nomeado thesoureiro do patrimonio dos clerigos pobres no anno de 1814, em que a irmandade se encarregou da administração do mesmo patrimonio logo que tomou posse delle, e me conservou ha vinte e nove annos, á excepção de tres annos que não servi por assim julgar decoroso á minha honra. »

(1) Falleceu com o titulo de marquez em 7 de junho de 1870. (Nota do Auctor).

Terminão aqui os apontamentos biographicos escriptos pelo padre Luiz Gonçalves.

Deixara elle de occupar o lugar de thesoureiro do patrimonio dos clerigos pobres, por ter sido nomeado provedor da irmandade de S. Pedro.

Sentindo-se muito abatido de forças, quasi sem poder sahir de seu quarto, pedio os santos sacramentos, recebendo-os com a sua costumada devoção ; obtendo melhoras, continuou a entregar-se a seus trabalhos litterarios, porém quatro mezes depois, augmentando-se-lhe as molestias de que padecia, veio a fallecer ás 2 horas da tarde do dia 1 de dezembro de 1844 com 77 annos, 7 mezes e 6 dias de idade. Conduzido o cadaver em sege da rua Nova de S. Bento, onde residira o conego Luiz Gonçalves, para a igreja de S. Pedro, fizerão-lhe os padres um officio de corpo presente, e derão-lhe sepultura nas catacumbas da irmandade.

Tinha o padre Luiz Gonçalves dos Santos o rosto comprido, boca pequena, testa extensa, cabellos raros, finos e pretos, que começarão a encanecer pouco antes de sua morte ; olhos bastante grandes e animados ; a cabeça alargava-se dos ossos temporaes para cima ; era de estatura alguma cousa menos da ordinaria, muito magro e de pouca comida ; usava sempre das vestes sacerdotaes trazendo sobre a batina o habito de Christo ; como era muito loquaz recebêra dos condiscipulos a alcunha de Perereca.

Era um escriptor incansavel, e um sacerdote virtuoso e douto ; sabia o latim, o grego, o francez, inglez, italiano, hespanhol e começou a aprender o hebraico com o franciscano padre mestre Salazar.

Compoz muitas obras e traduzio muitas ; vivia escrevendo, apezar de soffrer de asthma e de outras molestias ; velho e doente arrastava-se até a mesa para escrever uma obra religiosa e moral, ou uma obra util á patria ; e distribuia gratuitamente seus escriptos, mostrando que se escrevia era só por amor a seu paiz.

XXI

PALACIO EPISCOPAL

Existia em um dos montes desta cidade uma ermida da Conceição, fundada em 1634 por Miguel Carvalho Cardoso ou de Souza, como quer Pizarro, e por sua mulher Maria Dantas (1) que doou-a, por escriptura de 6 de junho de 1655, aos frades do Carmo para estabelecerem alli um convento de religiosos recoletos da mesma ordem, com a condição de darem sepultura na capella-mór aos filhos, herdeiros e successores della doadora, e rezarem annualmente cincoenta missas por sua alma e de seu marido.

Em 1637 a camara supplicara a el-rei que concedesse essa capella e casa annexa para hospital de morpheticos, que vivião em communicação com o povo ; não attendeu,porém, o rei a esta requisição ; e desprezada pelos frades alguns annos permaneceu a ermida esquecida e isolada.

Não julgando sufficientes os frades existentes na cidade, pedio a camara ao rei a remessa de capuchos francezes, que de feito che-

(1) Veja Santuario Marianno pag. 32, vol 10.

gárão ao Rio de Janeiro em 1659, e fôrão residir na casa contigua á ermida de Maria Dantas. Erão dous os religiosos, mas vierão mais tres, e transformárão-se em missionarios de indios. A camara agradeceu a vinda desses padres, que não fixárão-se nesta cidade, porque veio de Portugal uma ordem de D. Pedro II para retirarem-se do Rio de Janeiro os religiosos estrangeiros; de sorte que entregarão os frades francezes ao cabido em 1701 a casa e a ermida do morro da Conceição.

Julgou o bispo D. Francisco de S. Jeronymo ser o lugar da ermida apropriado para residencia episcopal; de feito, aproveitou o que existia, construio novos aposentos, e, recebendo da fazenda real 8,000 cruzados, edificou o palacio de sua residencia.

Já vimos que em 1721. por fallecimento do bispo, habitárão ahi dous religiosos italianos.

O bispo D. José Joaquim Justiniano reformou o palacio episcopal, reconstruio parte da frente, e parte que olha para a praça da Acclamação e fez accommodações na face posterior.

Seu successor substituio as paredes lateraes, que erão de adobe com pilares, por paredes de pedra e cal, e na parte posterior edificou a cozinha separada do palacio.

Subindo-se por uma rua ingreme e mal calçada chega-se ao palacio episcopal, situado no morro da Conceição, tendo a face principal voltada para o mar. E' agradavel a perspectiva que se descortina deste edificio; avista-se parte da bahia, e quasi toda a cidade, onde erguem-se os templos, que parecem permanecer submissos aos pés do palacio do bispo.

Sete degráos de pedra dão subida para o atrio, que o bispo, conde de Irajá, mandou ladrilhar de marmore e cercar com gradil de ferro. Divide-se a frontaria em tres corpos; o central com uma porta e duas janellas de peitoril no primeiro pavimento, e tres janellas com sacada no segundo; ha um frontão recto e no tympano as insignias do bispado. Os corpos lateraes têm uma porta e tres janellas de peitoril no primeiro pavimento, e quatro janellas de sacada no segundo. O bispo, conde de Irajá, substituio por grades de ferro as rotulas de madeira das janellas do andar superior.

E' um edificio acaçapado, sem architectura, nem belleza, e parece mais uma casa particular do que o palacio de um principe da igreja.

No primeiro pavimento ha uma sala occupada pela camara ecclesiastica, e outra que dá entrada para a capella. Era outr'ora a entrada da capella por um arco, que havia na frente do edificio, mas o bispo, conde de Irajá, mandou demolil-o, não só por ser de máo aspecto, mas tambem por que servia de refugio aos vagabundos. Tem a capella tres altares, os lateraes com paineis, e o principal com a imagem da Conceição trabalhada em madeira ; o bispo D. José Caetano deu-lhe maior altura e mandou abrir os oculos das paredes lateraes. Dormem ahi o somno da eternidade quatro bispos (1).

Ha na sacristia um altar com o Senhor dos Passos.

No segundo pavimento do palacio estão do lado esquerdo a sala de espera com os retratos de frei Bartholomeu dos Martyres, dos papas Clemente XIV e Xisto V, e os bustos do conde de Irajá feito pelo artista brazileiro Quaresma, e dos papas Pio VII e Pio IX ; a sala dos retratos com os retratos de todos os bispos da diocese fluminense ; a sala do docel com os retratos de D. Pedro II e do conde de Irajá, e um painel de Santa Catharina ; os aposentos do bispo, havendo em uma saleta um altar com a imagem da Conceição, onde o diocesano celebra a missa quotidiana. Do lado direito veem-se a sala dos exames com os retratos do pai, mãe e irmão do conde de Irajá, e a sala da livraria.

No centro do edificio abre-se um pateo quadrangular com uma grande cisterna.

Outr'ora estendia-se o palacio para o lado esquerdo até a cocheira, havendo inferiormente dous arcos com portas, que interceptavão a passagem para a casa das armas, que ha no alto do morro, mas D. José Caetano mandou demolir essa parte do edificio, e abrir a rua que corre desse lado.

---

(1) No fim deste capitulo encontrará o leitor a noticia historica dos prelados administradores e bispos do Rio de Janeiro

PRELADOS ADMINISTRADORES E BISPOS

O breve de 19 de julho de 1576 de Gregorio XIII desannexou o territorio do Rio de Janeiro do bispado da Bahia, instituindo um prelado administrador com poderes e faculdades quasi episcopaes; e a carta régia de 11 de maio de 1577 nomeou o presbytero do habito de S. Pedro, Bartholomeu Simões Pereira, para o cargo de prelado administrador. Ignora-se o dia em que começou a governar, mas sabe-se que perseguido pelo povo, que se irritára contra a demasiada autoridade que o prelado arrogára a si, retirou-se este em 1591 para a capitania do Espirito-Santo, onde assistio e orou nas exequias do padre Anchieta.

Succedeu-lhe no cargo o presbytero secular, bacharel João da Costa, que, odiado e perseguido pelo povo, retirou-se para S. Paulo, onde foi deposto e falleceu.

Havia sido eleito prelado o Dr. Bartholomeu Lagartho; mas desistindo do lugar foi nomeado o Dr. Matheus da Costa Aborim, que tomou posse em 2 de outubro de 1607, obtendo a graça de nomear os padres para os lugares vagos de sua administração. Vexou o povo com monitorias e excommunhões; excommungou os vereadores por quererem demolir uma casa dos frades benedictinos, a qual embaraçava o embarque e desembarque dos moradores da Prainha; tratou de restringir a autoridade de um desembargador que, por ordem do governador geral do Brazil, viera da Bahia syndicar nesta cidade;

negou a confirmação ao vigario Manoel da Nobrega, provido pelo rei na igreja matriz de S. Sebastião, o que extranhou-lhe o soberano em carta de 27 de maio de 1627; e por estes e outros factos adquirio inimigos, vindo a morrer envenenado em 8 de fevereiro de 1629.

Para acabar com o governo interino nomeou o bispo da Bahia ao monge benedictino, Maximo Pereira, prelado do Rio de Janeiro em 3 de julho de 1629. Este frade, que viera de Portugal como visitador de seu convento, foi eleito abbade ; mas em 1630 renunciou este cargo, e tambem a prelazia, retirando-se para Portugal.

Reunido o clero na igreja matriz de S. Sebastião elegeu para prelado ao provisor e vigario geral Pedro Homem Albernaz, que governou até 1632, em que foi nomeado por Felippe IV o Dr. Lourenço de Mendonça.

Havião os primeiros administradores ecclesiasticos abusado tanto de sua autoridade, que descontente o povo procurou logo vêr-se livre do novo prelado, chegado de Lisboa em 1633 ; de feito, poucos dias dèpois do seu desembarque, introduzio um barril de polvora com quatro murrões junto de seu leito ; e se Lourenço escapou, ardeu a casa em que residia. Não cessárão de perseguil-o os moradores da cidade , accusárão-no perante o bispo da Bahia e o tribunal da Santa Fé ; e tentárão leval-o preso em um navio desapparelhado até fóra da barra, e abandonal-o ao furor das ondas ; mas informado dessa traição, refugiou-se Lourenço em um barco que conduzio-o para Portugal em 1637.

Patenteão esses planos nefandos e crueis a rudeza de costumes, a perversão e ignorancia do povo.

Em Portugal foi Mendonça absolvido dos crimes que havião-lhe imputado ; obteve a nomeação de prior do convento de Aviz, e desejando o rei crear o bispado do Rio de Janeiro, foi escolhido para esse cargo, mas receioso de voltar ao Brazil, não aceitou-o. Em 1640 abandonou a causa de sua patria, e abraçou o partido de Hespanha onde alcançou ser nomeado bispo do Annel, no arcebispado de Toledo.

Antes de ausentar-se do Rio de Janeiro, nomeára Lourenço de Mendonça, para substituil-o na prelazia, a Pedro Homem Albernaz, que segunda vez exerceu tal emprego, no qual foi confirmado em 2 de setembro de 1639 ; mas resoluto a vestir o habito de jesuita, abdicou a autoridade prelaticia ao padre José Coelho.

Em 8 de outubro de 1643 foi eleito prelado o prebistero secular Antonio de Marins Loureiro, que tomou posse em 8 de junho de 1644. Para conhecer o territorio de sua jurisdicção começou a visitar os lugares distantes da capital, e chegou a S. Paulo, onde ou pela perversão do povo, ou pela arrogancia do prelado, foi este perseguido; refugiou-se no convento dos franciscanos, mas o povo cercou o claustro; do qual, conseguindo evadir-se, veio Marins Loureiro para o Rio de Janeiro, e sempre odiado foi para a capitania do Espirito Santo, onde administrárão-lhe veneno, e por isso perdeu o juiso, retirando-se nesse estado para Portugal.

Seria o veneno que alterara a razão desse homem; ficaria assim pelas perseguições que soffrêra, ou já não era seu juizo concertado e recto de si?

Após os governos interinos dos padres Manoel de Araujo e José de Castro, escolheu o rei para prelado do Rio de Janeiro, em 12 de dezembro de 1658, o Dr. Manoel de Souza e Almada que depois de curto governo começou a ser guerreado pelo povo, que accusou-o perante o rei. Residia o prelado entre a igreja de S. José e a cadêa, e na frente de sua casa appareceu, na noite de 5 de março de 1688, uma peça de artilheria carregada com bala, a qual disparou, empregando-se a bala na parede da casa. Procedeu-se a devassa, e provou-se que tudo proviéra do proprio Almada para patentear a guerra que fazião-lhe; pelo que foi condemnado a pagar as custas da alçada e do processo; e tendo disistido de seu cargo, ou chamado á côrte, retirou-se para Portugal.

Deixára na prelazia o Dr. Francisco da Silveira Dias, natural do Rio de Janeiro, vigario geral, e parocho da igreja matriz de S. Sebastião. Confirmado por carta régia de 7 de março de 1671, começou este prelado a ser perseguido pelo povo em consequencia de haver publicado tremenda excommunhão contra os que cortavão mangue nas marinhas fronteiras ás terras dos jesuitas; accusárão-no de symoniaco pelo beneficio parochial; visitou as igrejas de sua jurisdicção, e abdicando o posto, deixou no governo da prelazia o vigario da Candelaria, Sebastião Barreto de Brito. Creada a sé foi Silveira Dias nomeado deão em 1685, de cujo cargo empossou-se em 1687; e falleceu em 1690, pedindo para ser sepultado na capella-mór da igreja de S. Bento, onde jazião seus paes; legou á sé dous escra-

vos, e seus livros aos conventos de Santo Antonio da côrte e de S. Boaventura de Macacú.

Erão os prelados commissarios do santo-officio e da bulla da cruzada. Além de atormentarem o povo com penitencias e excommunhões, entremettião-se em negocios extranhos á sua jurisdicção; mandavão visitar os navios que buscavão o porto, e indagar donde vinhão, para onde ião, e qual sua nação; impedião que sahisse da alfandega qualquer genero sem licença sua; tomavão parte, como os jesuitas, na liberdade dos indios ou levantavão bandeiras contra elles, e em outras questões alheias á sua missão. Accresce que tinhão pouca instrucção e moralidade.

Não primava tambem o povo em moderação e bons costumes, era desmoralisado e anarchico; e assim devera acontecer, porque o governo portuguez mandava degradados para povoarem o Brazil; de sorte que era em geral o colono homem vicioso, corrupto e criminoso. Colonisação semelhante fazião os donatarios, e havia em cada capitania o direito de couto e homisio. Vê-se que de taes elementos não podia nascer boa sociedade; e por isso difficil seria regêl-a.

A bulla de 16 de novembro de 1676 elevou a arcebispado o bispado da Bahia, e creou os bispados do Rio de Janeiro e Pernambuco.

Devia estender-se o bispado do Rio de Janeiro da capitania do Espirito Santo ao Rio da Prata, correndo a costa do mar, e nesta extensão toda a terra central, até entestar com as do dominio hespanhol; mas, apezar dessa demarcação, julgou-se tambem territorio desse bispado a capitania de Porto-Seguro, por chegar até lá a jurisdicção do governo do Rio de Janeiro.

Nomeado bispo do Rio de Janeiro frei Manoel Pereira, provincial da ordem dos pregadores e inquisidor da mesa grande, foi sua eleição confirmada pelo papa em 16 de novembro de 1676; mas em 1680 renunciou o bispado, e conservando-se em Lisboa, foi nomeado secretario de estado e deputado da junta dos tres estados.

Eleito bispo D. José de Barros de Alarcão, lente oppositor em Coimbra, e promotor do tribunal da fé na inquisição de Leiria, foi confirmado em 19 de agosto de 1680, tendo por congrua 800$000.

Chegado ao Rio de Janeiro em 1 de junho de 1682, fez sua entrada publica no dia 13, havendo oito dias de festejo; visitou algu-

mas parochias ; foi a Santos e S. Paulo, onde creou um recolhimento de mulheres sob o titulo e regra de Santa Thereza ; conferio ordens sacras a diversos individuos, sagrou o sino do convento de Santo Antonio ; creou a sé em 19 de janeiro de 1685, estabelecendo regras para o regimen do côro ; em 4 de novembro de 1687 obteve uma ajuda de custo para as visitas ordinarias da diocese, tendo já obtido em 1684 120$000 para residencia, que era no morro do Castello proximo da cathedral. Chamado á côrte em 1689 deixou o governo da diocese ao vigario da Candelaria, Thomé de Freitas da Fonseca ; e recusando o governador e ouvidor entregar a quantia destinada á aposentadoria, por estar o bispo ausente, mandou a ordem de 12 de janeiro de 1692 pagar a referida somma, e tambem a congrua durante a ausencia.

Em 28 de março de 1700 voltou D. José de Barros Alarcão para o seu bispado, onde falleceu em 6 de abril do mesmo anno com pouco mais de 66 annos de idade, tendo sepultura no presbiterio da igreja de S. Bento ; mas dous annos depois fôrão seus restos mortaes trasladados para Portugal.

Vindo para o Rio de Janeiro o primeiro bispo, cessou a guerra entre o poder civil e o ecclesiastico ; recebeu o clero melhor direcção, tendo por chefe um homem prudente e douto, que plantou a disciplina na igreja ; os padres fôrão-se moralisando, e com elles o povo ; exerceu o bispo influencia e prestigio sobre as autoridades civis ; attendeu a côrte ás reclamações do diocesano,. que esforçou-se por administrar justica, e applicar remedios promptos ás necessidades publicas.

Já não era necessario recorrer o povo ao bispo da Bahia para decisão dos negocios publicos ; o clero começou a constituir um corpo, e conservando-se no circulo de sua jurisdicção, tornou-se a autoridade episcopal respeitada, e incutio fé e religião ao povo, que educou-se e moralisou-se.

Em 10 de dezembro de 1700 foi nomeado bispo do Rio de Janeiro frei Francisco de S. Jeronymo, natural de Lisboa, filho de Francisco de Andrade e Mello e D. Isabel da Silva ; era da congregação dos conegos de S. João Evangelista, doutor pela universidade de Coimbra, homem douto, autor de obras philosophi-

cas e theologicas, eloquente no pulpito, reitor do seu collegio, e recusara o bispado de Macáo. Confirmando em 6 de agosto de 1701, sagrado em 27 de dezembro, chegou ao Rio de Janeiro em 8 de junho de 1702, e 3 dias depois tomou posse. Mandou demarcar os limites do bispado por terra dentro, cuja extensão ambicionavão alguns ecclesiasticos do arcebispado da Bahia, e escolheu para essa commissão homens habeis, como o conego Gaspar Ribeiro Pereira. Em 1704 visitou as freguezias do interior ; creou 40 freguezias em Minas-Geraes; obrigou o clero ao estudo da moral, e só concedia ordens sacras ao candidato que exhibia attestado de frequencia de dous annos na aula de moral dos padres da companhia de Jesus. Ergueu no morro da Conceição o palacio episcopal ; exerceu em 1704, 1708 e 1709 o governo da capitania por ausencia dos governadores ; esforçou-se por transferir a sé para a igreja da Cruz, mas não conseguio ; fundou o convento das freiras da Ajuda ; lançou a primeira pedra das igrejas do Bom Jesus e Santa Rita ; declarou, em 19 de novembro de 1710, dia santo e de guarda para os habitantes do Rio de Janeiro o dia de S. Januario, notavel naquelle anno pela victoria ganha sobre os Francezes, que commandados por Duclerc atacarão a cidade ; mas supprimidos em 1853 alguns dias santos, foi tambem eliminado o de S. Januario. Jamais quiz abandonar sua igreja, e o rei em 27 de janeiro de 1717 agradeceu-lhe o interesse, em que tomava seu cargo ; do pulpito doutrinava o povo ; mas como commissario do santo officio contribuio para que fossem enviados a Portugal muitos infelizes condemnados por terem sangue de judeu, ou por qualquer delicto inventado pelo fanatismo dos inquisidores ! Falleceu com 83 annos de idade em 7 de março de 1721, e sepultado na capella do seu palacio, gravou-se no tumulo o epitaphio :

« *Sub tuum præsidium* ».

Succedeu-lhe na diocese fluminense D. frei Antonio de Guadalupe, que nascera na villa de Amarante em 27 de setembro de 1672, tendo por progenitores Jeronymo de Sá da Cunha e D. Maria Cerqueira. Graduado bacharel em Coimbra aceitara o cargo de juiz de fóra de Trancoso ; mas arrepiando carreira, encerrou-se no convento dos franciscanos, onde professou em 23 de março de 1701, e ahi

recebeu o baculo de bispo em 25 de janeiro de 1722; confirmado em 21 de fevereiro de 1725, chegou ao Rio de Janeiro em 2 de agosto, e no dia 4 fez sua entrada publica. Acompanhado dos frades frei Antonio Perusia e frei Jeronymo visitou em 1726 as igrejas de sua diocese; repetio a visita em 1733 e 1735, abrio-se em 1728 conferencias de moral com assistencia dos ecclesiasticos; mudou a cathedral para a igreja da Cruz; prohibio que os religiosos confessassem sem ter a approvação ordinaria; sujeitarão-se os benedictinos e carmelitas a essa determinação; os franciscanos, porém, reagirão, e rasgarão a pastoral pregada nas igrejas da Cruz e Candelaria; mas suspendeu-os de ordens o bispo, e desse modo chamou-os ao dever. Nomeado em 8 de março de 1738 visitador do convento de Santo Antonio plantou a disciplina e ordem no claustro; fundou a igreja de S. Pedro; os seminarios de S. Pedro e de S. José, e edificou a prisão para os padres.

Vivia com simplicidade, revestido sempre do seu habito, e se era talvez um pouco rigoroso com os culpados, era muito caritativo com os pobres.

Nomeado bispo de Vizeu em 12 de fevereiro de 1739, deixou o Rio de Janeiro em 25 de maio de 1740; em 26 de agosto chegou a Lisboa, e cinco dias depois falleceu com 68 annos, tendo sepultura em seu convento.

Veio occupar a mitra fluminense em 11 de fevereiro de 1739, D. frei João da Cruz, nascido em Lisboa, em 28 de dezembro de 1694, de D. Antonio Salgado e D. Angela Pastor de Castilho; vestira o habito de carmelita descalço em 22 de junho de 1713, professara em 24 de junho do anno seguinte, e occupara em sua ordem o cargo de mestre. Sagrado bispo em 5 de fevereiro de 1741, chegou ao Rio de Janeiro em 3 de maio, tomou posse por seu procurador o deão Gaspar Gonçalves de Araujo, e no dia 9 fez a entrada publica. Visitou as igrejas da cidade, e em 1743 dirigio-se a Minas, onde patenteou tanto rigor, e exorbitou tanto que o povo arrancou os badalos dos sinos para não repicarem á sua passagem! Em 1745 renunciou o bispado, e, informado dessa decisão, o governador Gomes Freire supplicou a el-rei que aceitasse a renuncia, pois era excessivo o descontentamento do povo mineiro contra o procedimento indiscreto do prelado. Em 14 de outubro de 1745 deixou o Rio de Janeiro.

chegando a Lisboa em 22 de janeiro de 1746, e contra elle sustentou longa demanda o cabido por haver o bispo se assenhoreado de um frontal de prata e de um crucifixo de ouro, e de outros objectos preciosos, assim como de 30,000 cruzados deixados por seu antecessor.

Eleito bispo de Miranda em 1750 commetteu D. frei João da Cruz desvarios, e perseguidas por elle deixarão as religiosas o claustro, e de cruz alçada forão queixar-se ao governador Pereceu em 20 de outubro de 1756, e sepultado na igreja da sé do seu bispado, causou seu passamento alegria e contentamento, pois tinha sido frei João da Cruz máo pastor.

Em 1745 teve a mitra do Rio de Janeiro o bispo de Angola D. frei Antonio do Desterro nascido em Vianna de Lima em 13 de junho de 1694, tendo por paes Ventura Malheiros Reimão e D. Pascoa Pereira. Vestindo o habito de benedictino professara em 1711, doutorara-se em Coimbra, e fôra mestre e orador notavel em sua ordem. Em viagem para o bispado de Angola aportara ao Rio de Janeiro em 1740, e se hospedara no mosteiro de S. Bento, onde pontificara no dia do transito do patriarcha.

Era esperado no Rio de Janeiro em 1746, quando divulgou-se a noticia de que arribara ás ilhas de Maricá o navio, que conduzia-o; immediatamente o governador Gomes Freire enviou em um hiate o sargento-mór José Fernandes Pinto Alpoim para conduzir a seu bordo o prelado, mas alguns dias depois regressou o navio sem trazer noticia de D. Antonio do Desterro. Houve inquietação e susto sobre a sorte do novo bispo até que em 1 de dezembro de 1746, a fortaleza de Santa Cruz annunciou sua entrada. Apressarão-se em comprimentalo a bordo o governador e o clero, e D. frei Antonio foi hospedar-se no mosteiro de S. Bento. Em posse do bispado em 11 de dezembro por seu procurador o conego Henrique Moreira de Carvalho, em 1 de janeiro de 1747 realizou sua entrada solemne acompanhado do governador, senado nobreza e povo, achando-se as ruas ornadas com sete arcos de notavel architectura.

Publicarão-se nesse anno, na primeira typographia estabelecida nesta cidade, pertencente a Antonio Isidoro da Fonseca, uma memoria composta pelo juiz de fóra Antonio Rosado da Cunha, relatando a entrada do bispo, um opusculo intitulado « romance heroico em applauso do Exm. Rvm. Sr. D. frei Antonio do Desterro Malheiros, dignissi-

mo bispo desta diocese, e uma collecção de onze epigrammas em latim e um soneto em portuguez sobre o mesmo assumpto.

Ordenou o bispo aos parochos que procedessem com cuidado em fazer os assentamentos de baptismos, casamentos e obitos, e recolhessem á camara ecclesiastica os documentos authenticos a taes respeitos; prohibio os enterramentos nas igrejas filiaes sem licença dos parochos respectivos; ordenou, pela pastoral de 6 de março de 1755, que os professores de medicina e cirurgia obrigassem os doentes a receberem os sacramentos no principio da molestia, e desenganando-os opportunamente lhes facilitassem occasião para tratarem da salvação da alma, e deliberação do testamento; em 14 de março de 1767 prohibio as conversas e ajuntamentos nas portas e adros das igrejas, especialmente em dias festivos e de concurso; e que as mulheres fossem á igreja desde a ave-maria até ao amanhecer, excepto as pobres, que quizessem ouvir missa ou confessar-se.

Os antigos reis de Portugal tambem legislarão sobre taes assumptos; ordenou D. João IV, em 1 de abril de 1648, ao desembargo do paço, para providenciar contra os que fallavão com mulheres nas igrejas e portas das mesmas. Decretou Affonso VI em 15 de janeiro de 1657 contra os homens, que fallavão com as mulheres nos adros, nas portas ou no recinto dos templos, e em 16 de janeiro de 1658 prohibio que os homens esperassem as mulheres naquelles lugares para as verem, ainda que não lhes fallassem.

Mudados vão os tempos; hoje não só no adro, mas no interior dos templos, conversa-se, discute-se e namora-se; ás portas das igrejas trocão-se phrases indecentes, e entregão-se cartas amorosas; junto dos altares mulheres e homens occupão-se em passatempos frivolos, e em galanteios ridiculos.

Em 1754 visitou algumas freguezias do interior, em 1756 e 1757 occupou o pulpito do mosteiro de S. Bento durante a quaresma, procurando chamar o povo á penitencia e á oração; na quaresma de 1759 orou no convento da Ajuda; exerceu o cargo de visitador e reformador apostolico da companhia de Jesus; depois do terremoto em Lisboa em 1755, instituio *laus-perenne* no tempo quaresmal nas igrejas da cidade, e á sua custa fornecia cêra ás igrejas, que não tinhão rendimento sufficiente; em 20 de fevereiro de 1773 prohibio os penitentes de açoutes nas procissões de quaresma, os quaes com

seus vestuarios, superstições e gatimanhos ridicularisavão os actos sagrados. No mosteiro de S. Bento edificou á sua custa a capella da Conceição ; concluio o convento da Ajuda ; lançou a primeira pedra do edificio destinado para igreja cathedral, instituio a ordem de S. Francisco de Paula, e lançou a pedra fundamental dessa igreja.

Em consequencia de um sedenho que trazia no ventre, deixára desde 1759 de ir á cathedral, e encerrado em seu claustro, do qual era procurador geral, tinha por vestimenta o habito, e jámais deixára a corôa de regular.

Fallecendo o conde do Bobadella governou interinamente com o brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim e o chanceller João Alberto Castello Branco as capitanias do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas.

Durante dez annos de enfermidade jámais deixou de ouvir missa em um só dia, e de confessar-se em tempo competente ; affectado de repetidos ataques de erysipela, foi para o leito em 15 de agosto de 1773, e pereceu com resignação e piedade em 5 de dezembro de 1773.

Embalsamado o cadaver, e exposto tres dias no palacio episcopal, houve as orações do costume ; em cinco altares da sala celebrarão-se missas, e conduzido para o claustro do mosteiro benedictino, teve sepultura ahi como pedira em testamento. O marquez de Lavradio, o conde de Valladares, que se recolhia do governo de Minas, e outras pessoas de jerarchia assistirão as exequias do prelado, e o abbade frei Lourenço da Expectação Valladares mandou collocar uma lapida de marmore com uma inscripção em latim sobre o jazigo desse bispo que foi homem bom e esmoler, teve misericordia do culpado, dó do pobre e do orfão, e mereceu a estima e o respeito do povo.

Com indulto do papa deixou 100$000 para os mendigos, que acompanhassem seu cadaver até á igreja em que fôsse sepultado, dando-se 100 réis a cada um; igual quantia para repartir-se com pessoas pobres recolhidas ; 4,000 cruzados para uma sua irmã solteira e pobre ; igual quantia á uma sobrinha em identicas circumstancias ; ás suas irmãs religiosas 100$000 a cada uma, e satisfeitos estes legados, o restante de 30,000 cruzados dividir-se-hia por viuvas e orfãs honestas e pobres, não excedendo cada esmola de 12$800. A seus capellães e familiares deixou os provimentos do seu sustento, e os moveis do palacio episcopal e os da fazenda do Rio Comprido : a

cada familiar um vestido de luto ; a seu mosteiro 200$000 ; á mitra a quinta do Rio Comprido com as casas, pomares e terras, e tambem a sua livraria.

Impossibilitado o bispo Desterro de cumprir os deveres de seu cargo pelas molestias, que affligião-no, pedio um coadjutor, que foi o padre Vicente da Gama Leal, nomeado em 1755 com o titulo de bispo de Hetalonia, mas achando-se empregado na capella real de Villa-Viçosa, não veio Gama Leal ao Brazil, e em Portugal falleceu em 27 de setembro de 1691, sendo sepultado na freguezia de Espinhal, onde nascêra em 22 de setembro de 1713.

Em 1773 foi escolhido para coadjutor e futuro successor do bispo do Rio de Janeiro o Dr. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco.

Filho do tenente-coronel João de Mascarenhas Castello Branco, que exercêra o cargo de governador da fortaleza da ilha das Cobras, e de D. Anna Theodora, nasceu José Joaquim Justiniano no Rio de Janeiro em 23 de agosto de 1731, e em 6 de setembro baptisou-se na igreja da Candelaria. Depois de haver cursado as aulas da companhia de Jesus, seu tio o vigario da Candelaria, Ignacio Manoel da Costa Mascarenhas, enviou-o á Coimbra, onde o joven estudante alcançou o gráo de licenciado em canones, e tomando ordens sacras, rezou a primeira missa no convento de Odivelas. Em 1762 foi nomeado deputado da inquisição de Evora, e depois promotor ; em 13 de julho de 1765 tomou posse do cargo de deão da sé do Rio de Janeiro ; e por estar ausente quiz o cabido dar-lhe sómente a congrua, mas a ordem régia de 10 de julho de 1771 mandou fôsse contemplado tambem nas distribuições quotidianas, officios e outros emolumentos. Partindo de Lisboa na fragata Nossa Senhora da Guia, em 21 de fevereiro de 1774, chegou ao Rio de Janeiro em 15 de abril, e no dia 16 desembarcou já como proprietario da mitra, por haver fallecido o bispo Desterro. Acompanhado do marquez de Lavradio seguio para o seminario de S. José, onde hospedou-se por estar em obras o palacio episcopal. Feita a protestação de fé nas mãos do chantre Manoel de Andrade Verneck, entrou de posse do bispado no dia 29 por seu procurador e tio o conego Paulo Mascarenhas Coutinho.

Em 28 de maio fez sua entrada solemne ; vindo a camara ás varas do pallio, e achando-se as ruas ornadas com arcos de elegante

architectura, e no dia seguinte, na festa da Trindade, celebrou em presença do arcebispo primaz do Oriente, do vice-rei, nobreza e povo.

Publicou a pastoral de 11 de março de 1775 chamando o clero a exame de theologia moral para conhecer da sua instrucção ; os frades capuchos recusarão obedecer-lhe, pelo que prohibio-lhes o bispo o uso da predica em todo o bispado, ainda dentro de suas proprias igrejas, sob pena de excommunhão maior ; humilharão-se os religiosos ao prelado, que alcançou o alvará regio de 29 de abril de 1799, ordenando não ser licito nem permittido aos regulares o uso do confessionario e do pulpito, sem faculdade expressa dos bispos. Visitou algumas parochias de sua diocese, chrismou na de Marapicú, determinou que as despezas da visita corressem por conta da mitra ; instituio conferencias de moral em seu palacio em beneficio do clero, e para evitar o incommodo da subida da ladeira transferio-as para a igreja de S. Pedro, e depois para o seminario de S. José, sob a direcção do franciscano frei João Capistrano de S. Bento, a quem tributava muita consideração, como prova-se pelo facto seguinte.

Presidindo aos exames do seminario de S. José, vio um alumno timido e incerto nas respostas ; quiz da-lo por incapaz, mas apresentando o estudante uma opinião de frei João Capristano, bateu o bispo na mesa e disse :

— Basta, está approvado.

Em 24 de março de 1781 ordenou que não seria admittido a exame para confessar o padre que não exhibisse certidão de frequencia da aula do professor de moral do seminario de S. José. Abrio neste seminario em 1791 aulas publicas de rhetorica, philosophia, geographia, cosmologia e historia natural ; ordenou que nos seminarios se ensinassem o canto chão e ceremonias ecclesiasticas ; deu clausura ás freiras de Santa Thereza ; lançou a primeira pedra da igreja da Candelaria, foi visitador e reformador do convento do Carmo, cedeu aos parentes os bens do seu casal.

Acommettido de um insulto apopletico em 1802 passou o governo da diocese ao vigario geral Francisco Gomes Villas Boas, e decorridos mais de dous annos de padecimentos, falleceu em 28 de janeiro de 18 5 ; e sendo sepultado na capella do seu palacio, gravou-se no jazigo o seguinte :

Sancta Maria ora pro nobis.

Pedio em testamento que não alterassem as disposições sobre a simplicidade dos seus funeraes, tanto por aborrecer naturalmente o excesso e vaidade de semelhantes pompas, como por não ter tido outros lucros no bispado senão seu rendimento e as pequenas congruas de Sua Magestade para seu decente tratamento e das suas obrigações. Legou á mitra os melhoramentos feitos no palacio episcopal, e todos seus moveis, e 128$000 para serem divididos em esmolas aos pobres.

Assumindo o cabido o governo da diocese, nomeou para vigario capitular o deão Francisco Gomes Villas Boas; mas fallecendo este em 18 de junho de 1806, reassumio a administração da diocese até a posse do novo bispo, que foi D. José Caetano da Silva Coutinho, natural da villa das Caldas da Rainha, e bacharel em canones.

Nomeado bispo em 4 de novembro de 1805, confirmado em 1806, e sagrado em 15 de março de 1807, chegou ao Rio de Janeiro em 25 de abril de 1808, em 28 empossou-se do bispado por seu procurador o conego Antonio Rodrigues de Miranda, e no dia 13 de maio celebrou sua entrada, sahindo da igreja de Santa Rita em procissão solemne até a cathedral, onde esperavão-no as pessoas reaes, apezar de ser dia de gala. Por carta regia de 13 de junho de 1808 foi nomeado capellão-mór da casa real, visitou todo o bispado; creou diversas freguezias e comarcas ecclesiasticas; em virtude da bulla *Venerabiles* de 15 de dezembro de 1750 declarou dispensados os dias santos para nelles se poder trabalhar, a excepção de alguns que a bulla mandára guardar, e de outros que ficarão sujeitos á observancia antiga; cuidou na catechese dos indios, embrenhando-se em matas cerradas, em tribus de selvagens; para pagamento das cadeiras de ensino que creou no seminario de S. José doou ainda em sua vida a este estabelecimento vinte apolices de 1:000$000 e um predio na rua da Assembléa, e por sua morte mais 10:000$000 em dinheiro; favoreceu muitas obras pias, e concorreu para a edificação de muitos templos e reparo dos velhos.

Seperado o Brazil de Portugal, occupou D. José Caetano o lugar de deputado da constituinte, da qual foi presidente; foi eleito deputado á assembléa legislativa por mais de uma provincia; escolhido senador

pela provincia de S. Paulo, occupou no senado a cadeira da presidencia ; coroou o primeiro imperador do Brazil, do qual recebeu a grã cruz de Christo e a da Rosa. Era homem estudioso, dado ao cultivo das lettras, caritativo e de caracter sisudo e honesto. Constando-lhe que um sacerdote dizia duas missas por dia, mandou chama-lo e perguntou-lhe :

— Porque commette esta falta ?

— Por necessidade, por não ter pão para comer.

— Pois venha jantar todos os dias á nossa casa, e mensalmente receberá uma quantia, retorquio-lhe o bispo.

Indo ao paço, em dia de cortejo, vio por um espelho certos acenos ridiculos, que fazia-lhe um fidalgo ; desde então não compareceu mais nos dias de gala.

Affectado de hepatite, de derramamento no ventre, e de erysipelas, disserão-lhe os medicos que convinha receber os sacramentos, ouvio com calma essa noticia, e resignado disse para os que cercávão-no.

— A providencia aqui me poz, e ella bem sabe se ainda sou ou não necessario.

Antes de receber o pão dos fortes fallou aos que cercávão-no da sua indignidade, pedio-lhes perdão, e agradeceu-lhes serviços. Pouco antes de fallecer mandou lêr os psalmos penitenciaes, commentou-os, e declarou esperar a salvação pela misericordia infinita do Eterno ; pereceu em 27 de janeiro de 1833 ; derão os navios e fortalezas as salvas do estylo, tangerão os sinos das igrejas ; occupou o atrio do paço episcopal uma guarda de honra ; embalsamado o cadaver pelo Dr. Meirelles, foi exposto ao publico, e no dia 30 houve os funeraes, aos quaes assistirão os regentes, o corpo diplomatico e o clero ; sendo o cadaver encerrado em um jazigo da capella episcopal sobre o qual gravou-se um epitaphio em latim.

Nomeado vigario capitular o monsenhor Francisco Corrêa Vidigal, exerceu esse cargo até 11 de abril de 1838 em que falleceu; sendo eleito para substitui-lo o monsenhor Narciso da Silva Nepomuceno, que governou a diocese até a posse do novo bispo em 27 de abril de 1840.

Em 10 de fevereiro de 1839 obteve a diocese fluminense D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, natural de Pernambuco onde

nasceu em 17 de março de 1796 sendo seus paes o negociante João Rodrigues de Araujo e D. Catharina Ferreira de Araujo.

Vencera com pouca idade os primeiros estudos, e tal intelligencia e aproveitamento manifestara que julgarão-no seus paes digno da vida ecclesiastica, então seguida pelos mais robustos talentos.

Estudura philosophia com os padres da congregação do oratorio, e mathematicas com os frades carmilitas ; em 1817 partira para Olinda, onde matriculando-se no seminario episcopal, applicara-se tanto á theologia, que na ausencia do professor, passara do banco de alumno para a cadeira de lente.

Ordenado no Rio de Janeiro, regressara para sua provincia na qual alcançara em concurso publico e com exhibição de provas brilhantes a cadeira de lente de theologia do seminario episcopal. Eleito deputado por Pernambuco em 1834, bispo em 1839, foi confirmada a eleição em 23 de dezembro de 1839, e sagrado em 24 de maio de 1840 na Capella Imperial em presença do Imperador, ainda menor, das princezas, do regente, do tutor, mordomo mór e outros empregados do paço ; presidindo a sagração o bispo de Cuyabá, e orando o conego Januario da Cunha Barboza.

Em 1844 elegeu-o deputado a provincia do Rio de Janeiro ; em 1845 visitou a diocese ; abençoou o consorcio de D. Pedro II com D. Thereza Christina; celebrou o matrimonio das princezas D. Januaria e D. Francisca ; baptisou todos os principes filhos de D. Pedro II ; em 1850, na epedimia da febre amarella, esmolou de porta em porta o pão da caridade para os doentes pobres ; alcançou a dignataria da ordem da Rosa, a grã-cruz de S. Januario e de Francisco I de Napoles, o titulo de conde de Irajá e o de prelado domestico ao solio pontificio. Varão virtuoso e sabio, conseguio a estima e veneração do povo ; estudioso e modesto dedicou-se ao cultivo das lettras, e publicou obras de theologia e direito ecclesiastico, que merecêrão elogios dos doutos ; fez do seu palacio um asylo de caridade, do qual se não afastava o pobre sem esmola, nem o afflicto sem consolação ; e se pelo seu saber, caridade e virtudes honrou o solio episcopal, pelos seus serviços á patria tornou seu nome distincto entre os dos seus concidadãos. Falleceu em 11 de junho de 1863; embalsamado o cadaver, fizerão-se solemnes exequias, ás quaes assistirão todo o clero, e commissões de sociedades scientificas, pois

era o finado socio do Instituto Historico e de outras associações ; orou na cerimonia funebre o conego Fonseca Lima, tendo sepultura o cadaver do prelado na capella episcopal.

Elegeu o cabido para vigario capitular o monsenhor Felix Maria de Freitas Albuquerque.

O decreto de 1 de fevereiro de 1868 nomeou para bispo ao padre Dr. Pedro Maria de Lacerda, nascido no Rio de Janeiro em 31 de janeiro de 1830 ; em 10 de janeiro de 1869 foi sagrado na cathedral da cidade de Marianna em Minas ; em 31 do mesmo mez tomou posse do bispado por sen procurador o governador do bispado monsenhor Felix Maria de Freitas Albuquerque; em 1 de março chegou ao Rio de Janeiro, e sete dias depois executou sua entrada solemne sahindo em procissão da igreja de S. Pedro, acompanhado das irmandades, confrarias, ordens terceiras, communidades religiosas e collegiadas das freguezias, do cabido e dos vereadores, que pegavão ás varas do pallio, sob o qual vinha o novo bispo, revestido dos habitos pontificaes, abençoando o numeroso concurso de fieis, que se grupavão de ambos os lados do prestito; ao entrar na cathedral ao som do hymno *Ecce sacerdos magnus*, tomou assento no solio e assistio ao *Te-Deum*, cantado em acção de graças por ter cessado a viuvez da igreja fluminense. Um batalhão da guarda nacional em grande uniforme, fez a guarda de honra da procissão, e postado á porta da Capella Imperial deu as descargas do estylo.

Suscitou este bispo o conflicto com a maçonaria suspendendo o padre Almeida Martins, que ostentara pertencer áquella associação ; dahi prolongou-se a luta, estendeu-se ás provincias do Pará e Pernambuco, cujos bispos, lançando interdictos á diversas corporações religiosas, entrárão em contenda com o poder civil, que prendeu-os e processou-os, e condemnados pelo supremo tribunal de justiça fôrão reclusos o de Pernambuco na fortaleza de S. João, e o do Pará na ilha das Cobras ; mas no fim de alguns mezes fôrão amnistiados, assim como outros ecclesiasticos que se achavão envolvidos no conflicto ; suspendendo o Papa os interdictos lançados ás irmandades.

Mas a questão dos poderes civil e religioso não serenou, pelo contrario mostra-se vehemente e exaltada ; porém mui recente não póde ser estudada e meditada com calma ; todavia deve observar-se que convem aos dous poderes marcar os limites de sua jurisdicção, evitando lutas, que são fataes á sociedade e á religião.

XXII

SEMINARIO DE S. JOSÉ

Fundou este seminario o bispo D. frei Antonio de Guadalupe, que desse modo prestou relevante serviço á sua diocese. De feito tinha então o clero pouca sciencia, e não primava em moralidade; se já não era tão desmoralisado e arrogante, como nos tempos dos prelados administradores, era ignorante por não ter onde pudesse receber instrucção apropriada.

Ficando devolutos á corôa em 1734 os bens da ermida do Desterro, requisitou-os o bispo, em 12 de abril desse anno, para patrimonio do seminario, que, conforme o concilio tridentino, devia haver nas dioceses para servir de escola de religião e disciplina ecclesiastica. Attendeu o governo ao pedido do prelado nas provisões de 27 de outubro de 1735 e 6 de agosto de 1738, com a condição, porém, de mandar o bispo que se rezasse no seminario uma missa a Virgem Santa em todos os sabbados.

Eis a provisão da creação do seminario:

« D. frei Antonio de Guadalupe, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica, bispo do Rio de Janeiro e do conselho de S. M. Fidelissima que D. G. etc.

Logo que principiámos a servir este bispado, trouxemos sempre no coração um ardente desejo, de que nesta cidade houvesse um seminario, assim para satisfazer ao que ordenou o concilio tridentino na sess. 23 capitulo V. 8 de *reformat;* como por vêr que nesta diocese teria a mesma utilidade que o dito concilio considerou para todas, e experimentão aquellas, onde se tem instituido ; pois sendo tão importante que hajão parochos e pastores idoneos para a direcção das almas, é necessario que aquelles moços que se destinão ao estado sacerdotal, sejão de longe criados e instruidos nas lettras e virtudes, como que dignamente possão subir a tão alto ministerio e fazerem-se capazes para bem servirem as igrejas, o que se consegue nos seminarios, occorrendo-se ao contagio dos vicios com que o mundo costuma perverter a primeira idade ; do que resulta, que quando os moços querem pretender ordens, se achão sem as qualidades necessarias para esse fim, o que (não sem grande sentimento) experimentámos nesta diocese, na qual achamos tantos sacerdotes inuteis, ignorantes e mais dextros e exercitados nos tractos seculares que nos empregos da igreja. Agitados pois deste desejo fizemos quanto em nós está para conseguirmos a fabrica e instituição de um seminario, alcançando para isso licença de S. Magestade e applicação dos bens pertencentes á capella de Nossa Senhora do Desterro, sita nos suburbios desta côrte.

Portanto com o favor de Deus Nosso Senhor e conselho dos RR. Dr. Lourenço de Valladares Vieira, thesoureiro-mór da nossa sé, e José de Souza Ribeiro de Araujo arcediago, os quaes deputamos para o governo do seminario, creamos, erigimos e instituimos nesta cidade, na chacara que fica nas costas da capella de Nossa Senhora da Ajuda, a qual comprámos por dous mil cruzados ao alferes Manoel Pereira, e casa, que para esse effeito mandámos fabricar, um seminario ecclesiastico na fórma do sobredito concilio tridentino, e escolhemos para seu tutor e padroeiro o glorioso patriarcha S. José, esposo da Virgem Nossa Senhora, a cujo cargo poz o eterno pai a criação de seu unigenito filho feito homem, encommendando-lhe nós tambem a criação dos moços do dito seminario. Nelle serão educados os moços, que se receberem em competente numero ás rendas que por ora e pelo tempo houver, em bons e virtuosos costumes, na lingua latina, no canto da igreja, nos computos

ecclesiasticos, na lição dos livros sagrados, e sobre tudo isto na theologia moral necessaria para saber administrar os santos sacramentos.

E para sustentação dos mesmos estudantes, de seu reitor que os governe, e das mais pessoas necessarias, lhe assignamos perpetuamente os bens, que pertencião á capella de Nossa Senhora do Desterro, que consistem em varias moradas de casas nesta cidade, e algum dinheiro que anda a juros em mãos de pessoas abonadas, com as seguranças necessarias, dos quaes bens e dos mais que para diante, acrescerem o reitor que nomearmos, e mais alumnos do seminario, tomarão posse, autoridade propria, e os seus rendimentos, sem outra licença, poderão despedir no seu sustento e utilidade do mesmo seminario. O que tudo fazemos na melhor forma de direito e para honra e gloria de Deos. Esta instituição será lida na nossa sé, e registrada de verbo ad verbum na nossa camara. Dada nesta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro aos cinco dias do mez de septembro 1739 annos. E eu o padre José da Fonseca Lopes escrivão da camara eclesiastica a subscrevi (1)».

Em 3 de maio de 1740 organisou o bispo os estatutos do seminario, e estabelecido este tiverão os frades capuchinhos italianos de largar a capella da Conceição por haver el-rei feito mercê della ao bispo para a creação de um seminario (2).

O bispo D. frei João da Cruz na visita pessoal feita a este estabelecimento em 10 de maio de 1742, reformou os estatutos, que soffrêrão outra reforma de D. frei Antonio do Desterro em 11 de outubro de 1748; D. José J. Justiniano estabeleceu diversas cadeiras de ensino; seu successor reformou o methodo dos estudos e o regimen das aulas; creou algumas cadeiras além das que havia que erão as de latim, philosophia, theologia dogmatica, theologia moral, lithurgia e cantochão. O bispo, conde de Irajá, creou as cadeiras de francez, geographia, historia, rhetorica, poetica, mathematicas ele-

(1) Veja manuscriptos ineditos offerecidos ao Instituto Historico pelo socio correspondente Dr. Maximiano Marques de Carvalho.

(2) Veja Annaes do Rio de Janeiro do Dr. Silva Lisboa, vol. 7 pag. 368.

mentares, inglez, instituições canonicas, historia sagrada e ecclesiastica, e theologia exegetica ; e na reitoria do padre Pedro Celestino de Alcantara Pacheco, estabeleceu-se a cadeira de grego. O vigario capitular monsenhor Felix Maria de Freitas Albuquerque reformou o plano de estudos, dividindo o curso em dez annos; seis para as materias que são propriamente preparatorios, e quatro para as do curso theologico. No curso preparatorio incluio o latim, historia sagrada e profana, doutrina, francez, grego, mathematicas, philosophia, rhetorica, cosmographia, physica e chimica ; no curso theologico a lithurgia, historia sagrada, lugares theologicos, historia ecclesiastica, dogma, theologia moral, instituições canonicas e canto.

Nomeou para reitor em 25 de junho de 1863, ao padre José Gonçalves Ferreira que augmentou o numero dos volumes da bibliotheca, construio uma sala para os reitores um passadiço para a aula de latim, novas latrinas, uma grossa muralha, junto ao morro, para divisão dos terrenos do seminario, outra muralha na chacara que pertence ao estabelecimento ; calçou a rua que vae ter á portaria, e a que corre em frente da capella, ladrilhou de marmore o pavimento do alpendre da portaria, ajardinou o terreno fronteiro ao edificio ; mandou vir da Europa um orgão para a capella, estabeleceu uma typographia que começou a imprimir em 1866 o periodico *Apostolo*, e mandou tirar os retratos dos bispos D. Antonio de Guadalupe e D. Antonio do Desterro e collocal-os em lugar honroso.

O bispo D. Pedro Maria de Lacerda dimittio os antigos lentes do estabelecimento, entregou-o a padres estrangeiros, e estabeleceu um curso preparatorio na chacara da mitra no Rio Comprido ; eis o que nos consta actualmente deste seminario, onde parece mais se cuida em lêr o breviario e recitar ladainhas, do que no cultivo e pratica das sciencias.

Situado na encosta do morro do Castello, no principio da ladeira a que dá seu nome, apresenta o seminario um portão que abre-se para um jardim, no fundo do qual está o edificio, que consta de dous pavimentos tendo de um lado a portaria com alpendre no primeiro pavimento, e no segundo duas janellas de peitoril ; e do outro uma porta no primeiro pavimento, e duas janellas no segundo. No centro está a capella, com o portico, duas janellas no côro, frontão recto e um oculo no tympano.

Estão de um lado do edificio os aposentos do vice-reitor, a enfermaria, um dormitorio, a botica, o refeitorio e a cozinha no primeiro pavimento ; e no segundo o salão dos reitores e a sala da bibliotheca que conta mil volumes. No salão dos reitores estão os retratos dos bispos frei Antonio de Guadalupe, frei Antonio do Desterro, D. José Caetano e D. Manoel do Monte.

Tendo passado para o convento de Santa Thereza os bens que constituião o patrimonio do seminario, doou o bispo D. frei Antonio do Desterro á este estabelecimento a fazenda da Jurujuba, comprada a seu irmão o marechal de campo João Malheiros Reimão. O bispo D. José Caetano legou á esta instituição diversos predios e apolices, como vimos, e o bispo D. Manoel do Monte enriqueceu o patrimonio da casa com vinte e quatro apolices de 1:000$000 cada uma.

Do lado opposto da capella estão as salas das aulas, vendo-se na aula de philosophia a antiga cadeira magistral honrada por doutos mestres, como o padre frei Antonio Rodovalho, frei Francisco de Monte Alverne e outros.

Corre na parte posterior do edificio um dormitorio de dous andares, construido pelo reitor monsenhor Manoel Joaquim da Silveira, depois arcebispo e conde de S. Salvador.

A capella consta de um só altar com as imagens da Sacra Familia, de um pulpito e uma tribuna, e nas paredes lateraes tem dous paineis antigos.

O edificio é illuminado a gaz desde o tempo do reitor Pedro Celestino de Alcantara Pacheco. Usão os alumnos ordinariamente de gabinardo preto, e nos actos publicos de beca e capa-roxa, excepto os minoristas que trazem batina preta. Determinavão os antigos estatutos que o gabinardo fosse feito de baêta preta. Chamão-se numeristas os alumnos pobres educados á custa do seminario.

Entre os antigos reitores desta casa menciona-se o padre José de Souza Marmello, natural de Irajá.

Nomeado secretario do bispado em 1 de dezembro de 1754, foi apresentado em 20 de junho de 1755 na segunda cadeira de meia prebenda da creação da sé, e confirmado no cargo em 6 de dezembro; foi encarregado de visitar as igrejas do reconcavo em 1756 ; apresentado em 1759 na quarta cadeira de prebenda inteira, nomeado arcediago, thesoureiro-mór em 1784, foi incumbido de redigir o

livro do tombo do cabido, cujo trabalho concluio em 1789 sob o titulo de memoria da origem e progressos do cabido. Escolhido para reitor do seminario de S. José deu ordem e disciplina ao estabelecimento, que chegou a um gráo de esplendor, a que até então não attingira; augmentou o patrimonio, comprando predios e arrecadando escrupulosamente os redditos da casa, que encheu-se de alumnos, dos quaes era o reitor bom guia, bom preceptor e bom pai. Mas logo que elle deixou esse cargo, começou o seminario a decair, desappareceu a ordem, ficarão os estudos sem direcção, os alumnos sem mestre, o estabelecimento sem prestigio e assim permaneceu longo tempo, de sorte que, fallando desta casa de educação, diz o padre Luiz Gonçalves dos Santos, em suas Memorias Historicas :

— Este edificio interiormente mais parece morada de Plutão do que de Minerva.

Apresentado no cargo de chantre o conego Marmello, não chegou a exerce-lo, porque falleceu em 13 de junho de 1790, tendo sepultura na igreja de S. Pedro. Aberta em 12 de abril de 1793 a catacumba, em que fora sepultado, vio-se o cadaver inteiro e flexivel, e as vestes sacerdotaes com pequena damnificação, diz monsenhor Pizarro. Cobrio-se o corpo com cal e vinagre, e fechou-se o sepulcro. Era o conego Marmello homem de costumes sãos e honestos (1).

Terá o seminario voltado aos antigos tempos em que deixou de ser reitor o conego José de Souza Marmello !

---

(1) Veja Mosaico Brazileiro pag. 41.

XXIII

HOSPITAL DA MISERICORDIA

Fundada a cidade do Rio de Janeiro estabeleceu-se logo depois em 1568 ou em 1569 o hospital da Misericordia, como se infere de um documento conservado no archivo da Santa Casa, do qual adiante fallaremos; mas o padre Vasconcellos e o autor do Santuario Marianno tratando do principio desse hospital escrevem :

« Pelos annos 1582 se entende teve principio a Casa de Misericordia do Rio de Janeiro, ou poucos annos antes ; porque neste chegou áquelle porto uma armada de Castella, que constava de deseseis náos, em que ião tresentos hespanhões, de que era general Diogo Flores Baldez. Com os temporaes padeceu muito esta armada, porque lhe adoeceu muita gente ; e assim chegarão ao Rio, bem necessitados de remedio e de agazalho. Achava-se naquella occasião, e nesta cidade, o veneravel José de Anchieta, visitando o collegio da sua religião, fundado em 1567. Como o veneravel padre era varão levado da caridade tomou muito por sua conta a cura e o remedio de todos aquelles enfermos, dando traça como se lhes assignasse uma casa, em que podessem ser curados todos e assistidos ; para o que destinou alguns religiosos, assistindo tambem elle ao mais com as medicinas, medico e cirurgião. Com esta occasião teve principio o hospital da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro. »

A provisão de 1 de julho de 1591 do prelado administrador, Bartholomeu Simões Pereira, prohibio ao vigario da freguezia existente na cidade intremetter-se nas eleições da irmandade da Misericordia, por estar isenta de sua jurisdicção.

Gozando deste e de outros privilegios começou esta irmandade a prosperar, e tratou de requerer a el-rei nos seguintes termos :

« Dizem o provedor e irmãos da Santa Casa da Misericordia da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, partido do Brazil, que ha sessenta annos têm feito casa com seu hospital para enfermos, sacristia, palratorio, e é uma das boas da costa, e a algumas faz vantagem notavel com sempre ter sua irmandade, guardando o compromisso, fazendo muitas esmolas, casando orfãs, e dando suas ordinarias todos os sabbados, conforme a possibilidade da terra ; e porquanto até agora não tem provisão para ser Misericordia, pedem a Vossa Magestade lhes mande passar provisão para que aquella casa possa gozar de todos os privilegios e graças, honra e liberdades que têm e gozão as casas desta cidade de Lisboa e a da villa de Setubal, e as mais deste reino, e receberá mercê. »

Enviou o rei o seguinte alvará :

« Eu El-rei, faço saber aos que este alvará virem, que, havendo respeito ao que na petição atrás escripta dizem o provedor e irmãos da Santa Misericordia de S. Sebastião do Rio de Janeiro, partes do Brazil, e vistas as causas que allegão, hei por bem e me apraz que elles possão gozar e usar de todas as provisões e privilegios concedidos á Casa de Misericordia desta cidade de Lisbôa, e isto naquellas cousas em que se lhes poderem applicar ; e mando ás justiças a quem este alvará fôr mostrado, e o conhecimento pertencer, o cumprão como nelle se contém ; o qual hei por bem que valha como carta feita em meu nome, por mim assignada sem embargo da ordenação do 2º L., tit. 40 em contrario. João Feio o fez em Lisbôa a 8 de outubro de 1605. Duarte Corrêa o fez escrever. Rei. Alvará por que V. Magestade ha por bem que o provedor e irmãos da Santa Casa de Misericordia da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro possão gozar e usar de todas as provisões e privilegios concedidos á Misericordia da cidade de Lisbôa, e aquellas cousas em que se lhes pódem applicar. Para Vossa Magestade vêr.

Cumpra-se esta provisão de Sua Magestade, assim como nella se

contém.—*André Gauzão Menezes*, juiz dos orfãos.—Cumpra-se como nella se contém.—Rio de Janeiro 13 de agosto de 1630.—*Pedro Homem Albernaz*.— Cumpra-se.— *Administrador*.— Cumpra-se.— o provedor, *Duarte Corrêa Vasqueanes*. »

Concordamos com Antonio Duarte Nunes, autor do *Almanack Historico*, que suppõe engano de quem lavrou o alvará, porque comparando-se a era da fundação da cidade em 1567 com a do cumpra-se do alvará em 1630, encontra-se uma differença de sessenta annos ou pouco mais, que são os sessenta annos da posse que allegão os irmãos da Misericordia, assim parece que logo depois da fundação da cidade, creou-se o hospital, e decorrido aquelle tempo requerêrão a el-rei pedindo privilegios e graças que fôrão concedidos pelo alvará já citado, cuja data julgamos não ser exacta, porque não é de crêr que lavrado em 1605 em Lisbôa, só tivesse o cumpra-se no Rio de Janeiro em 1630 ; acresce que admittindo-se semelhante data, é necessario dar a fundação do hospital antes do anno de 1545 isto é, mais de vinte annos antes da fundação da cidade.

O alvará de 22 de maio de 1642 concedeu á Santa Casa os dizimos de frangos e ovos por tres annos, graça que outras ordens estendêrão por mais tempo ; a resolução de 23 de agosto de 1760, cedeu-lhe os dizimos de todos os generos á excepção do assucar, por seis annos, que annualmente rendião 332$000, e sendo arrematado o contracto dos dizimos em 1765 por Manoel Alvares de Mira obrigou-se este a dar 400$000 á Santa Casa annualmente pelo resto dos seis annos. Em virtude das bullas do Papa Pio VI que mandarão applicar aos hospitaes dos enfermos e expostos os legados não cumpridos, começou a Misericordia a gozar deste privilegio, cuja execução autorizou o alvará de 5 de setembro de 1786 ; o alvará de 18 de outubro de 1806 mandou reger pelo compromisso da casa de Misericordia de Lisbôa os hospitaes do reino e dominios ultramarinos ; o alvará de 27 de junho de 1808 isentou da decima os predios da Misericordia, assim como erão isentas suas rendas da contribuição do sello, pelo alvará de 20 de maio de 1811 ; o alvará de 8 de julho de 1811 deu-lhe juiz privativo das suas causas, a quem arbitrou-se o ordenado de 400$000 pagos pelo rendimento da propria Misericordia.

Erão neste hospital medicados os soldados da guarnição da

cidade, os das guarnições dos navios de guerra, e os presos doentes, para cujo tratamento contribuia a fazenda real annualmente com 1:000$000, em quanto se não estabeleceu o hospital militar.

Edificado no largo da Misericordia, sem architectura, mui pequeno e acaçapado tornou-se, com o angmento da cidade, insufficiente o hospital da Santa Casa, pelo que construirão-se novas enfermarias; mas sendo algumas dessas enfermarias abaixo do nivel do chão, quasi sem ar e sem luz, não tendo o hospital esgoto, apezar de estar perto do mar e nem agua para o serviço interno, e levantado junto de um cemiterio, que recebia cada anno perto de tres mil cadaveres, determinou o provedor José Clemente Pereira construir um novo edificio. Propoz em sessão de mesa conjuncta de 30 de julho de 1838 que se fizesse a planta de um novo hospital, e se transferisse o cemiterio da praia de Santa Luzia para a Ponta do Cajú. Approvadas essas deliberações, ficou encarregado do desenho do edificio o tenente-coronel de engenheiros Domingos Monteiro; e comprado por 10:000$000 a João Goulart o terreno para o cemiterio começou a funccionar, sob o nome de Campo Santo, em 2 de julho de 1839, tendo sido preparado sob o desenho do engenheiro Domingos Monteiro.

Destinado o terreno do antigo cemiterio para a edificação do novo hospital lançou-se em 2 de julho de 1840 a primeira pedra do edificio em presença do Imperador menor, das princezas e do regente do Imperio. O bispo deu a benção á pedra fundamental que, depositada em uma padiola de arirabá rosa, foi conduzida ao lugar que era-lhe destinado pelo Imperador, pelo regente, ministro de imperio e o provedor; collocando-se juntamente uma moeda de ouro de 6$400, outra de prata de 1$200 cunhadas no reinado de D. Pedro II, e alguns pergaminhos com a seguinte inscripção:

« Com o auxilio da Divina Providencia e debaixo do patrocinio de N. S. da Misericordia, o Sr. D. Pedro II, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil, regendo o Imperio em seu nome o Illm. Exm. Sr. Pedro de Araujo Lima, lançou a pedra fundamental do novo hospital, que a Santa Casa da Misericordia da muito leal e heroica cidade do Rio de Janeiro, intenta edificar para amparo dos enfermos pobres; pelo sobredito Senhor ajudada a conduzir, e previamente benta segundo o ritual romano, pelo Exm. e Rev. Sr. Bispo Capellão-Mór

D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, em o anno X do Pontificado do Papa Gregorio XVI, servindo de Provedor da dita Santa Casa José Clemente Pereira, no dia 2 do mez de julho de 1840. »

Serviu neste acto o mestre pedreiro Francisco Pereira de Santa Anna.

Cunhou-se uma medalha de bronze para commemorar o principio dessa obra de caridade publica, tendo no verso a effigie do Imperador, e circularmente o distico: *D. Pedro II Imp. Const. e Def. Perp. do Braz.* e no reverso a fachada do edificio do hospital, e por baixo esta inscripção:

Lançou a pedra fundamental do novo hospital da Santa Casa da Misericordia.

2
18—40
7

Em 27 de junho de 1852 monsenhor Marcianno benzeu o novo edificio, que exposto tres dias ao publico, recebeu os doentes no dia 30; no dia 2 de julho houve a festa de Santa Izabel, e a visita do Imperador ao hospital; dous dias depois trasladou-se para a capella ahi edificada o santo viatico, que veio em procissão solemne formada pelas irmandades da Misericordia, Espirito-Santo da Lapa, do Sacramento de S. José, dos frades bentos, carmilitas e franciscanos e por mais de cem recolhidas; o Imperador achava-se na porta do hospital para acompanhar o Sacramento até á capella, onde assistio a um *Te-Deum*.

Collocado na praia de Santa Luzia é o hospital da Misericordia um edificio de estylo classico, e representa um parallelogrammo rectangulo dividido em tres corpos. O corpo da frente, levantado segundo o desenho do engenheiro José Maria Jacintho Rebello, que modificou em alguns pontos a planta primitiva do engenheiro Domingos Monteiro, compõe-se de tres corpos apresentando o central, uma escada de pedra, que dá subida para o atrio, que é de cantaria, e fechado com balaustres de marmore; ha sete portas no primeiro pavimento devididas por columnas de granito, e no segundo sete janellas separadas por columnas da mesma pedra; segue-se um frontão recto e no tympano um baixo relevo, obra do artista Luiz Giudice formando tres paineis. O do centro é um medalhão de 13 1/2 palmos

de diametro, no qual em proporções maiores do que o natural, está figurada a Misericordia, como santa e carinhosa protectora de todos os infelizes. Seus braços levantados sustentão o manto que aberto offerece protecção e abrigo a todos os desvalidos. De um lado ha um velho aleijado, e já curvado pelo peso dos annos, tendo ao pé de si uma infeliz mãe, que aperta contra o seio um filhinho que vae abandonar; do outro uma matrona que symbolisa a caridade, sustenta no regaço um innocente, a quem alimenta; a um e outro lado da Misericordia, mas em segundo plano, algumas figuras de infelizes de ambos os sexos, e de diversas idades preenchem o painel. Na parte inferior veem-se dous escudos, um repousando sobre uma cruz e tendo esculpidas as cinco chagas, o outro representando o brazão das armas do Brazil. Ornão os dous escudos as plantas do café e do tabaco. Ha no centro, entre um e outro escudo, as settas de S Sebastião, padroeiro desta cidade.

Os baixo relevos lateraes representão emblemas allusivos á religião e a medicina. Figurão de uma parte, entrelaçados com ramagem o calíce eucharistico, a cruz, o baculo, o livro dos evangelhos e a estola, e de outra parte, engatados com plantas medicinaes, o livro da sciencia, a caveira e a ampulheta, segnificando o estudo e o tempo; a cobra e o espelho symbolisando a saude e a verdade. Uma graciosa moldura fecha, como quadro os tres baixos relevos.

Toda a obra esculpturada em pedra lioz tirada das pedreiras de Pero Pinheiro em Lisboa, onde foi esboçada sob a direcção do artista Luiz Giudice, que modelara todos os originaes, concluio-a o mesmo artista nesta côrte. Dirigio o trabalho da ascenção da grande peça em 2 de julho de 1868, sob a inspecção do engenheiro architecto da Santa Casa, Francisco Joaquim Bethencourt da Silva, o mestre Joaquim Pedro de Alcantara.

Contão os corpos lateraes trinta e oito janellas de peitoril no primeiro pavimento, e igual numero no segundo, porém de sacada com grades de ferro.

Une-se esta parte do edificio com a parte central por um passadiço coberto sobre columnas, e latteralmente por um gradil de ferro, que fecha as areas que se abrem entre o corpo da frontaria e o seguinte.

A parte central do edificio fórma tambem por si um parallelo-

grammo rectangulo, apresentando na face da frente um corpo central com uma porta e duas janellas no primeiro pavimento, e no segundo tres janellas e lateralmente duas galerias com oito janellas em cada andar separadas por um terceiro corpo com tres janellas em cada andar e um frontão recto, e nas extremidades do edificio dous toreões de tres andares com tres janellas em cada pavimento.

As quarenta e seis janellas do primeiro pavimento são de peitoril, e as quarenta e sete do segundo são de sacada de grades de ferro.

Cada torreão communica-se com o que fica-lhe na parte posterior por uma galeria de oito janellas em cada pavimento, e tambem a parte central une-se com a parte posterior do edificio por uma galeria de oito janellas em cada andar, vendo-se de cada lado um espaçoso jardim com esguicho e tanque de marmore, e plantado com symetria e gosto.

A face posterior do hospital apresenta prespectiva igual á da parte central e pela porta do centro, que tem no primeiro pavimento, communica-se com o edificio das cozinhas que é inteiramente separado do hospital, e consta de dous pavimentos.

Coroando a parte central do edificio eleva-se um zimborio com uma lanterna octogona sustentando uma cruz, o qual foi executado pelo risco do engenheiro Joaquim Candido Guilhobel; porém convem observar que parece-nos baixo em relação á largura e extensão do monumento.

Transposto o portico entra-se em um vasto vestibulo, ornado de columnas, o qual por um passadiço coberto, como vimos, e sustentado tambem por columnas abre communicação para o hospital.

A parte anterior de tão vasto edificio é occupada no primeiro pavimento pela pharmacia, por um dormitorio de meninas orfãs, pela secretaria, archivo e empreza funeraria, estabelecida em virtude do decreto de 18 de outubro de 1851 que encarregou a Misericordia pelo tempo de 50 annos do serviço dos enterros na cidade, estando tambem a seu cargo a estatistica mortuaria.

Do lado esquerdo do vestibulo começa uma escada, que vai ter ao segundo andar, vendo-se aos lados as estatuas em gesso do jesuita José de Anchieta e de frei Miguel Contreiras, o fundador do hospital de Misericordia de Lisboa; forão esculpturadas pelo artista Pettrich.

No pavimento snperior estão a sala de honra e o salão dos bemfeitores.

Em 2 de julho de 1874 inaugurou-se a sala de honra que está em relação com a magnificencia do edificio. Dão entrada para ella tres portas, ás quaes corre spondem outras tantas no fundo ; tem sete janellas de sacada e sete portas interiores. As paredes são pintadas a oleo fingindo damasco, e as portas a branco porcellana com filetes de ouro. O tecto de estuque apresenta um baixo relevo feito pelo artista Chaves Pinheiro, e é sustentado por doze columnas, em cujo centro veem-se os bustos dos doze apostolos a oleo. No fundo se acha a estatua do Imperador em grande uniforme, feita pelo estatuario Francisco Manoel Chaves Pinheiro. Contiguo á sala ha o gabinete da Imperatriz, pintado a oleo e mobiliado com moveis de jacarandá, estofado de brocatel carmezim ao gosto de Francisco I, feito na casa de Correcção.

O salão dos bemfeitores é extenso e simples de ornatos, apresentando pendentes das paredes os retratos dos principaes bemfeitores da Misericordia e dos respectivos provedores cujos nomes, titulos e servicos mencionaremos no fim deste capitulo.

Conta o hospital 25 enfermarias: 13 no primeiro pavimento para molestias externas, e 12 no segundo para molestias internas, tendo cada enfermaria 140 palmos de vivo de comprimento e 32 de vivo de largura, com 32 leitos collocados no vão de duas janellas ; ha 16 quartos para os doentes que pagão ; salas de operações, casas de banhos, latrinas, corredores largos circumdando o edificio, e estabelecendo correntes de ar, aposentos para as irmãs de caridade, salas de rouparia, de arrecadação, e duas capellas, uma collocada em um salão onde as irmãs de caridade fazem as orações quotidianas, e a outra sob o zimborio, tendo interiormente lindos retabulos com os retratos dos quatro evangelistas pintados pelo artista brazileiro Carlos Luiz do Nascimento.

Os soalhos e tectos são envernisados e as escadas largas e com bastante luz. Todo o edificio é illuminado a gaz, com bastante agua encanada para o consumo e tem esgoto para o mar.

Além das enfermarias, onde são tratados os doentes pobres, ha á entrada do hospital o consultorio, chamado sala do banco, no qual

annualmente são examinados e recebem remedios gratis mais de sete mil doentes pobres.

Recebe o hospital cada anno de doze a quatorze mil doentes, dos quaes metade pelo menos são estrangeiros. Além das enfermarias para homens, mulheres e crianças, existem duas para a maternidade e molestias de olhos.

Nos quartos particulares paga-se a diaria de 2$400 ou 3$000 e nas enfermarias pagão os senhores de escravos 1$600 diarios.

O serviço medico é exercido por dezoito facultativos clinicos, sendo os cirurgiões auxiliados por doze alumnos da Faculdade de Medicina, pensionistas effectivos do hospital, os quaes são obrigados a ajudar as operações, fazer os necessarios curativos etc. Os facultativos são substituidos pelos adjuntos ou pelos medicos internos. Ha um director do serviço sanitario que é actualmente o Dr. Pedro Affonso de Carvalho Franco, nomeado por despacho de 6 de dezembro de 1871. O serviço economico está a cargo das irmãs de caridade, que são tambem auxiliares do serviço sanitario.

Estão as cozinhas do hospital em um vastissimo salão na parte posterior do edificio, havendo quatro fogões, dous com fornos e estufas, e dous com seis caldeiras cada um, e todos com capacidade para cozinhar para quatro mil pessôas; são de duas frentes e do systema de chamma virada. A fumaça percorrendo uma extensão de 84 metros abaixo do solo sobe por uma chaminé de 161 palmos de altura construida com 36,000 tijolos de fogo inglezes

Ao lado da chaminé uma mangueira a vapor suppre d'agua quente todo o hospital; ha na cozinha quatro grandes mesas e dous lavatorios de marmore.

Com a construcção deste edificio monumental se ha gasto desde o assentamento da primeira pedra até o fim de junho de 1872 a quantia de 2,861:592$730.

No anno compromissal de 1874 a 1875 orçou a receita do hospital em 939:915$388 e a despeza em 888:848$947. Provém a receita dos alugueis de predios urbanos e rusticos, fóros e arrendamentos, de apolices, acções do Banco do Brazil, de quatro loterias annuaes concedidas pelo governo, de legados, do curativo dos doentes tratados a sua custa, do direito de 63 réis sobre cada litro de vinho, do direito de 315 réis por cada marinheiro de navio transathlantico

em troca do seu tratamento gratuito no hospital, e do premio de 12 °/₀ sobre o producto de todas as loterias.

A administração superior do hospital está a cargo de um procurador, escrivão e thesoureiro, eleitos annualmente dentre os irmãos da Santa Casa de Misericordia, os quaes têm de entender-se com o provedor que, eleito pelos conselheiros de mesa, é a suprema autoridade da instituição.

E' o hospital da Misericordia um edificio vasto e elegante, tendo apenas o defeito de ter o pé direito baixo em relação ao tamanho das enfermarias, pelo que parece acaçapado ; todavia é um bello monumento, que perpetuará o nome de José Clemente Pereira, o fundador desse pio estabelecimento. Não só gravou José Clemente Pereira seu nome na primeira pedra dessa casa, como tambem deixou de seus serviços tão grata lembrança, e tão nobre exemplo que aquelles que após elle, hão sustentado a vara de provedor, têm procurado imital-o, esforçando-se por concluir o edificio destinado ao curativo dos indigentes ; os marquezes de Paraná e de Abrantes mostrárão-se dignos successores daquelle conspicuo varão no afanoso cargo de provedor, e substituidos em 28 de julho de 1866 pelo conselheiro Zacharias de Góes e Vasconcellos, conseguio este concluir o hospital inscrevendo seu nome entre os dos irmãos benemeritos da Santa Casa de Misericordia.

Homem de vontade energica, destinado para a luta e para o poder, tem o conselheiro Zacharias reunido á outros dotes e meritos, que o elevão na arena politica e parlamentar, a distincção honrosa de bemfeitor da humanidade; e se da toga de tribuno tem colhido gloria, o balandráo de provedor lhe ha servido de capa de triumpho.

Já resolveu o actual provedor estabelecer quartos particulares para enfermos do sexo feminino, quartos fortes para os doentes que, accometidos de alienação mental, devem ser observados antes de ser remettidos para o hospicio de Pedro II, collocar pára-raios e bombas para incendio no edificio, crear uma bibliotheca para uso dos enfermos ; e outras obras importantes ha realizado nesta casa pia, e em outras instituições, que estão sob a administração da Santa Casa da Misericordia.

Mantem e administra a Santa Casa o hospital geral, o hospicio de Pedro II, o recolhimento das orfãs, a roda dos expostos, a enfer-

maria de Nossa Senhora da Saude, no morro da Gambôa, estabelecida na chacara, que pertenceu a Mariano Procopio Ferreira Lage, comprada por 79:288$000 como consta da escriptura de 9 de fevereiro de 1866, quatro consultorios gratuitos e o serviço dos enterros, estando por isso sob sua inspecção os cemiterios de S. João Baptista da Lagôa, e S. Francisco Xavier na Ponta do Cajú, chamado outr'ora Campo Santo da Misericordia, fundados pela Santa Casa em virtude de lei de 5 de setembro de 1850 (1). Dá esmolas a viuvas pobres na quinta-feira santa, conforme a instituição do conego Gaspar Ribeiro Pereira ; veste a doze pobres que assistem ao lava-pés em virtude da instituição de Ignacio da Silva Medella, e a mais doze em 24 de março de cada anno, anniversario do fallecimento em Portugal do conde de Ferreira, e sustenta na igreja da Misericordia um côro de horas canonicas.

Esta igreja acha-se situada no largo da Misericordia entre os edificios do antigo hospital, e do recolhimento das orfãs, que actualmente está occupado por enfermarias de invalidos, e pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Tem o portico de marmore, duas janellas no côro, e sobre este o campanario corôado por um frontão curvo ; ornão-lhe o interior cinco altares, uma pia baptismal, e além das tribunas da capella-mór e do corpo da igreja, tem uma de madeira construida na capella-mór, donde assistem as pessôas imperiaes á festividade de Santa Isabel.

Além dessa festividade celebrão-se neste templo certos actos da semana santa, e a festa da Senhora do Bom Successo, padroeira da Misericordia.

O côro de tres sacerdotes, que alli existe, foi instituido pelo capitão Ignacio de Andrade Souto-Maior que fallecendo em 4 de março de 1703, dôou em testamento a quantia de 7,000 cruzados, (3:500$000), sem clausula mais do que revertêr a dita quantia para seus herdeiros, se no prazo de tres annos, se não estabelecesse o referido côro. Recebida a qnantia e posta a juros, aconteceu que, fallecendo em 3 de outubro de 1703, Manoel Pinto dos Santos nomeou a Misericordia herdeira dos remanescentes de seus bens para com o

(1) O decreto de 3 de agosto de 1861 approvou o regulamento para os cemiterios publicos e particulares do Rio de Janeiro, serviço dos enterros e taxas funerarias.

rendimento delles crear-se o côro da Santa Casa, com a condição de cantar-se no mesmo côro, de manhã e a tarde um respouso por sua alma, pronunciando-se por seu nome, ficando ao arbitrio da mesa o numero de capellães e a administração. Importou o remanescente dos bens em 11:737$000, que reunido ao dinheiro que já existia, e a outras esmolas dadas para o mesmo fim, completou a somma de 18:445$330. Em 22 de fevereiro de 1704 resolveu a irmandade da Misericordia estabelecer e organisara o côro, que começou em 1 de abril do mesmo anno, no dia da festa da Senhora da Encarnação, com doze cadeiras, tendo por primeiro presidente o padre Balthasar Gonçalves, o capellão mais antigo da Misericordia.

Em 6 de janeiro de 1709 augmentou-se a cadeira de mestre da capella, deu-se regimento a instituição, marcando-se as seguintes multas; por cada vez que faltassem os capellães á procissão das segundas-feiras 80 réis de multa; por cada enterro 150 réis; pela falta de um dia inteiro de côro 100 réis, e sendo o dia em que se reza o officio de Nossa Senhora ou de defuntos mais 80 réis; dia de missa cantada 180 réis; vesperas cantadas 60 réis; ladainha de Nossa Senhora aos sabbados de tarde 40 réis, e por cada uma das horas que faltassem a este respeito. Em 4 de agosto de 1793 reduzirão-se as cadeiras a onze, e, após outras reformas, ficou reduzido a tres desde 4 de junho de 1861.

O actual provedor conselheiro Zacharias de Góes e Vasconcellos, mandou ha poucos annos concertar e gessar este templo, gastando na obra e em outros accessorios a quantia de 13:437$000 (1).

Mas segundo o plano geral da obra do hospital deve ser construida na praia de Santa Luzia, lado esquerdo do hospital, a nova igreja da Misericordia, cuja primeira pedra foi lançada em 14 de setembro de 1873 no dia da festa da Senhora do Bom Successo.

Benzida pelo vigario geral monsenhor Felix Maria de Freitas Albuquerque, encerrou-se nella uma caixa de madeira contendo um exemplar da *Constituição* do Imperio, moedas de ouro, prata, nichel e cobre, os jornaes do dia e uma discripção da ceremonia, escripta em pergaminho; collocada em uma padiola foi conduzida ao lu-

(1) Foi sepultado em 7 de setembro de 1675 na entrada da porta principal desta igreja, como determinara, o governador desta cidade e provedor da Misericordia Thomé Corrêa de Alvarenga.

gar destinado pelo senhor D. Pedro II, pelo provedor conselheiro Zacharias de Góes e Vasconcellos, thesoureiro barão de Andarahy e pelo chefe de policia da côrte. O desembargador Travassos escrivão da irmandade, acompanhou a Imperatriz até ao pavilhão que ahi se erguêra para esse fim.

A igreja será consagrada á Senhora do Bom Successo, e erguida sob o desenho do architecto nacional Francisco Joaquim Bettencourt da Silva.

No dia em que a irmandade da Misericordia executou essa ceremonia entregou o provedor a carta de aposentadoria com todos os vencimentos ao antigo mestre das obras da Santa Casa, José Joaquim Pedro de Alcantara que, por seu estado valetudinario, achava-se impossibilitado de continuar no exercicio daquelle cargo, que tantos annos occupára com muita honradez e muito zelo.

BEMFEITORES DA MISERICORDIA

Gonçalo Gonçalves Onnoso e sua mulher Maria Gonçalves. Anno de 1620.

José de Souza Barros. Anno de 1722.

Ignacio da Silva Medella, instituidor do Lava-pés e de outras obras pias. Falleceu em 18 de março de 1746.

Repartio este bemfeitor os seus bens com a Santa Casa da Misericordia, com os expostos, as recolhidas, os orfãos do seminario de S. Joaquim, hoje collegio de Pedro II, e com a irmandade dos clerigos de S. Pedro e a ordem terceira de S. Francisco da Penitencia.

Para a ceremonia humilde do Lava-pés na Misericordia legou uma bacia grande de prata, e determinou que faria o Lava-pés o provedor, na sua falta o escrivão, e por impedimento deste o thesouveiro, ou outro irmão de mesa, á doze pobres escolhidos pela mesa, dando-se a cada um uma vestia e calção de panno azul ordinario, e em falta deste de baeta ou serafina da mesma côr, camisa de panno de linho ordinario, um chapéo da terra, um par de meias de lã azul e um par de sapatos.

Determinou que a missa das indulgencias, cantada na quinta-feira, seria por tenção delle instituidor.

Eis a verba do testamento, na qual contemplou as instituições pias já mencionadas.

« Deixo uma morada de casas de sobrado, que tenho na rua do Passo do Succussará, que partem com as casas do provedor da casa

pedimento do provisor e vigario geral Villas-Bôas, servio ambas as varas, em que o proveu o cabido sede vacante em 1805; por nomeação do bispo D. José Caetano, continuou a occupar os mesmos cargos.

Foi examinador synodal, commissario da bulla da santa cruzada, cavalleiro professo e commendador da ordem de Christo; e teve sepultura nas catacumbas da igreja de S. Pedro.

O monsenhor Antonio Rodrigues dos Santos. Nasceu a 10 de junho de 1769, e falleceu em 1 de outubro de 1829.

O coronel João Lopes Baptista. Falleceu em 25 de outubro de 1826 com sessenta e oito annos, quatro mezes e dous dias de idade.

Francisco Antonio Leite. Falleceu em 6 de julho de 1832.

O Dr. José Caetano Ferreira de Aguiar senador do imperio e vigario collado de Santa Rita. Falleceu em 27 de julho de 1836 (1).

O commendador Domingos Antunes Guimarães. Falleceu em 17 de maio de 1831.

Conego Alberto da Cunha Barbosa. Falleceu a 19 de setembro de 1845.

O padre João de Capistrano. Falleceu a 1 de setembro de 1845.

José Antonio de Mattos. Nasceu a 11 de agosto de 1765 e falleceu a 27 de maio de 1846.

Joaquim de Babo Pinto. Nasceu na villa de Canavezes (provincia do Minho) a 18 de maio de 1777 e falleceu a 17 de abril de 1847.

Legou á Misericordia um patrimonio de trinta e dous predios para ser applicado o respectivo rendimento do seguinte modo: 1/3 para dotes de orfãs, que se casarem nos dias 10, 11 ou 12 de novembro de cada anno em memoria do dia em que o bemfeitor aportou ao Brazil; 2/9 para o sustento dos enfermos do hospital; 2/9 para o recolhimento das orfãs, e 2/9 para os alienados do hospicio de Pedro II. Legou mais á Misericordia 14 apolices.

Thomé Ribeiro de Faria, barão de Guapemerim, grande do imperio, natural de Portugal. Nasceu em 22 de janeiro de 1770, e falleceu no Rio de Janeiro em 16 de novembro de 1850.

Além de diversos donativos offereceu a quantia necessaria para se concluir e decorar a sala imperial do hospicio de Pedro II, e em

---

(1) Veja a descripção da igreja de Santa Rita.

testamento legou 28:000$000 á Misericordia e 6:000$000 ao hospicio.

D. Luiza Rosa Avondano Pereira, natural da cidade do Porto. Nasceu a 6 de janeiro de 1779, e falleceu a 8 de maio de 1850.

Legou á Misericordia diversos predios e 190:000$ em apolices, pelo que resolveu a Santa Casa levantar-lhe um mausoléo, no cemiterio de S. Francisco Xavier em 2 novembro de 1859, cumprindo o pedido, que em testamento lhe fizera a doadora, de serem seus ossos reunidos aos de seu marido Antonio Fernandes Pereira.

Joaquim Antonio Ferreira, visconde da Guaratiba. Nasceu em 4 de fevereiro de 1777 na villa de Valença do Minho, em Portugal, e falleceu no Rio de Janeiro em 11 de março de 1859.

O irmão da Santa Casa da Misericordia, conselheiro Alexandre Maria de Mariz Sarmento. Nasceu em 9 de novembro de 1799 e falleceu em 7 de outubro de 1870.

José Francisco de Mesquita, marquez do Bomfim. Falleceu a 11 de dezembro de 1873.

Não se encontra entre os retratos dos bemfeitores o do conego Gaspar Ribeiro Pereira.

Nasceu este sacerdote no Rio de Janeiro, em 16 de junho de 1686 tomou posse da 4.ª cadeira de conego da sé, acompanhou a Lisboa ao bispo D. José de Alarcão, e regressando com o prelado foi nomeado visitador das igrejas do reconcavo pelo cabido sé vacante em 18 de junho de 1701 ; nesse mesmo anno fez segunda viagem a Portugal para tratar de negocios da diocese.

Em 1703 dirigio-se a Minas-Geraes munido de todos os poderes episcopaes delegados pelo bispo D. Francisco de S. Jeronymo, não só para visitar as igrejas do districto, como tambem para fazer a divisão do bispado por aquelle continente com o arcebispado da Bahia. Apresentado na dignidade arcediagal em 13 de novembro de 1714, empossado do cargo de thesoureiro-mór em 27 de abril de 1716, occupou as varas do bispado por provimento da sé vaga em 1721 até a posse do bispo D. frei Antonio de Guadalupe. Fallecendo em 8 de janeiro de 1734 foi sepultado na capella-mór da igreja de Santo Antonio em jazigo perpetuo, que recebera antes o cadaver de seu irmão o conego Antonio de Sá Pereira. Em testamento legou a sé 6,000 cruzados para serem empregados ao arbitrio

e disposição do bispo, com o parecer do cabido, em beneficio da fabrica. Com 450$000 dessa quantia comprou o cabido em 1737 uma casa terra na rua do Rosario, esquina da dos Latoeiros; e havendo necessidade de uma casa para deposito de alfaias e trastes da fabrica, da só, levantou alli um sobrado, gastando na obra 3:725$000. Instituio Gaspar Ribeiro uma esmola perpetua de 2$000, que a Misericordia distribue na quinta-feira maior por doze pobres, que assistem ao Lava-pés; e para curativo dos doentes na mesma santa casa, além da quantia de 200$000, legou duas casas nobres na rua do Sabão.

No salão dos bemfeitores estão os retratos dos seguintes provedores:

José Clemente Pereira desembargador, senador e conselheiro de Estado. Nasceu aos 17 de fevereiro de 1787 e morreu aos 10 de março de 1854, foi provedor da Misericordia desde 25 de julho de 1838 até o dia de seu fallecimento.

O marquez de Paraná, senador do imperio, grã-cruz da ordem de Christo, da Conceição da Villa Viçosa e da Aguia Branca da Russia, official da imperial ordem do Cruzeiro, conselheiro de Estado, ministro dos negocios da fazenda e presidente do conselho de ministros. Nasceu em 11 de janeiro de 1801 e falleceu em 3 de setembro de 1856.

Miguel Calmon du Pin e Almeida, marquez de Abrantes, conselheiro de Estado ordinario, senador do imperio, provedor da Santa Casa da Misericordia. Nasceu em 1796 e falleceu em 5 de outubro de 1865.

XXIV

RODA DOS EXPOSTOS

Vendo a impiedade e o abandono em que erão deixados os meninos orfãos, sendo lançados á rua, onde perecião de inanição e frio, representou o governador Antonio Paes de Sande a el-rei pedindo providencias, pois, referia o governador, que a Misericordia os não recolhia por não ter rendimento, e não mostrava o senado da camara interessar-se na criação daquelles innocentes, que, sendo educados, podião tornar-se uteis á religião e ao Estado. Em resposta enviou o rei a carta de 12 de dezembro de 1693 ordenando que os engeitados fossem alimentados pelos bens do concelho, e que não tendo este redditos, puzesse uma contribuição no que fosse mais suave. Em 8 de outubro de 1694 e em 5 de novembro de 1696 de novo recommendou o governo a criação dos engeitados, ordenando se impuzessem as fintas precisas para tão pio e interessante encargo.

Começou a camara a empregar as sobras de alguns impostos na criação dos expostos, e em uma casa chegou a ter quarenta e dous, gastando 4$800 mensalmente com cada um; mas elevando-se essa despeza a 2:361$600, e tendo pouco rendimento para attender a todas as necessidades do municipio, representou a camara varias

rezes a el-rei pedindo a administração de certos impostos, para ter meios de criar os engeitados.

Vendo o povo onerado de imposições e impostos, não quiz a camara lançar a finta que o rei permittira para a criação dos expostos; mas attendendo que erão as crianças lançadas ao desamparo nas ruas, e algumas tragadas pelos cães, officiou a Gomes Freire de Andrade, em 13 de novembro de 1737, pedindo-lhe mandasse pagar com o producto do donativo, isto é, com a quantia que era enviada para dotes dos principes de Portugal, o que se devia da criação dos engeitados; attendeu o governador á esta petição.

Incumbira-se a camara da criação dos expostos; mas sem rendimento certo, sem casa propria para recolhel-os, acontecia que muitos perecião á mingoa de trato, nas ruas e ás portas dos edificios publicos; e commovendo o coração magnanimo de Romão de Mattos Duarte o abandono e miseria das crianças sem pae e sem mãi, para criação dellas doou, em 14 de janeiro de 1738, 32,000 cruzados á Misericordia, que aceitou o legado e concedeu ao piedoso bemfeitor o titulo de irmão da Santa Casa, compromettendo-se a dar-lhe casa, alimento e botica se viesse a necessitar de semelhantes soccorros. Lavrou a escriptura da doação o tabellião José de Vargas Pizarro, sendo provedor da Misericordia o Dr. Manoel Correa Vasques.

Estabeleceu-se a roda em uma das enfermarias do hospital da Misericordia, e alguns bemfeitores começarão a concorrer com esmolas para a criação dos expostos; entre outros Ignacio da Silva Medella deixou-lhes a terça parte do rendimento dos predios, que legou á Misericordia.

O alvará de 8 de outubro de 1778 ordenou que a camara concorresse com 800$000 annualmente para as despezas dos expostos, e o alvará de 3 de novembro de 1803 applicou os legados não cumpridos em beneficio dos engeitados e dos enfermos.

Doando José Dias da Cruz aos expostos um terreno no largo da Misericordia, construio-se ahi uma casa para onde forão elles transferidos em 3 de março de 1811.

Era o edificio acanhado, construido sem as condições hygienicas, e pouco zelo havia na administração, do que resultava grande mortalidade. Visitando este estabelecimento vio D. Pedro I o máo estado

da instituição ; e na falla que dirigio á assembléa constituinte, em 3 de maio de 1823, expressou-se assim :

« A primeira vez que fui á roda dos expostos achei, parece incrivel, sete crianças com duas amas, sem berços, nem vestuario. Pedi o mappa e vi que em treze annos tinhão entrado perto de 12,000 e apenas tinhão vingado 1,000, não sabendo a Misericordia verdadeiramente aonde ellas se achavão.

Agora, com a concessão da loteria, edificou-se uma casa propria para tal estabelecimento, aonde ha trinta e tantos berços, quasi tantas amas quantos expostos, e tudo em muito melhor administração.»

Tendo o governo concedido uma loteria para esta instituição, comprou a Misericordia dous predios contiguos ao edificio da Roda, em 20 de março de 1821, e, demolindo-os, construio uma casa mais vasta, a qual ficou concluida em 1822.

Situada no largo da Misericordia em frente da igreja, era esta casa mal edificada, sem as condições hygienicas, sem um pateo que lhe desse ar e luz, e defronte do hospital e proximo do quartel do Moura. Reconhecendo taes defeitos o provedor José Clemente Pereira propoz a mudança da roda para a casa n. 7 da rua de Santa Thereza, o que approvado pela mesa conjuncta de 24 de janeiro de 1840, em julho forão os orfãos removidos para essa casa, que era espaçosa, bem localisada e com agua encanada para o consumo.

Em 1 de abril de 1840 José Clemente deu novo regimento á casa dos expostos, e projectando edificar um hospital com todas as accommodações para asylo das crianças, lançou os alicerces no terreno do becco do Imperio, entre o largo da Lapa e a rua de Santa Thereza.

Em 1852 removerão-se os orfãos para a casa n. 46 da rua da Lapa, e para regularisar o terreno, onde devia erguer-se o novo edificio, demolio-se a casa n. 7 da rua de Santa Thereza ; mais tarde reconheceu-se a inconveniencia deste local para asylo de engeitados ; e não convindo tambem a casa da rua da Lapa por ser mal dividida, humida e em lugar de muito pó, removêrão-se os expostos para o predio n. 66 da rua de Evaristo da Veiga, realizando-se a abertura em 10 de junho de 1860 em presença da familia imperial.

Este edificio, de dous pavimentos, servira em 1855 de Escola de medicina.

O vestibulo é ladrilhado de marmore, tem de um lado a sala de pagamento das amas externas, e, do outro a sala da roda, onde permanece constantemente uma irmã de caridade para recolher as crianças que são expostas ; aos lados da escada central erguem-se as estatuas de S. Vicente de Paula e a da Caridade. No primeiro pavimento estão o refeitorio, a sala de recreio, a sala do engommado, a cozinha, tanques de lavagem e jardim ; no segundo pavimento a capella, a sala dos berços com quarenta berços, o dormitorio das expostas com quarenta e dous leitos, a sala de leitura, a de costuras, aposentos das irmãs de caridade, gabinete da irmã superiora, a botica e a sala da administração.

Veem-se nesta sala os retratos de Pedro I e da imperatriz D. Maria Leopoldina, de D. Pedro II e da Imperatriz D. Thereza Christina, de Romão de Mattos Duarte, do sargento-mór Joaquim de Paiva Barreto, fallecido em 8 de maio de 1820, de D. Luiza Rosa Avondano e o de José Clemente Pereira ; e na sala dos berços ha o retrato de uma criança hydrocephalica que, lançada á roda em 20 de junho de 1847, falleceu em 2 de agosto, tendo sido baptisada com o nome de Felippe.

Os expostos são baptisados aos sabbados ; a administração do estabelecimento é confiada a um thesoureiro, a um escrivão e a um procurador, irmãos da Misericordia, e eleitos annualmente pela mesa da irmandade ; ha um medico interno e dous externos, e onze irmãs de caridade.

Para dar commodos necessarios á casa da roda, o zeloso provedor Zacarias de Góes e Vasconcellos arrematou em março de 1874 o grande predio de dous andares contiguo ao edificio dos expostos, e annexou-o ao estabelecimento. Outr'ora as expostas, logo que completavão oito annos, erão remettidas para o recolhimento das orfãs onde erão tratadas a custa da casa da roda ; mas tendo o actual edificio espaço para recolher as expostas, continuão ellas a residir ahi, onde aprendem a lêr, contar, escrever, a doutrina, historia sagrada, a grammatica, trabalhos de agulha e a engommar ; as que se casão recebem um dóte arbitrado pela mesa da irmandade.

Em 28 de agosto de 1860 as princezas D. Isabel e D. Leopol-

dina enviarão á Santa Casa da Misericordia dous bahús contendo diversas vestimentas feitas por suas proprias mãos para uso dos expostos, revelando com tão caridoso acto a bondade de seus corações.

Em junho de 1872 existião na roda 154 crianças, e nesse anno regulou a mortalidade na rasão de 41, 33°/o.

A receita orçou em 207:600$000 e a despeza em 108:506$057.

Esta instituição tem tido diversos melhóramentos, mas ainda não está convenientemente regularisada ; ha poucas amas para a criação dos engeitados, não ha enfermarias para as crianças doentes, que ficão na mesma sala em que estão as sãs ; as expostas são tratadas no proprio dormitorio, e não tendo sido o edificio construido para o fim a que está destinado, faltão-lhe as accommodações, que a hygiene e a sciencia recommendão.

Descrevendo este edificio não podemos deixar de clamar contra as mães desnaturadas que lanção os filhos vivos á rua, á immundicia, como se atira o lixo, ou o resto da mesa á voracidade dos cães ; esquecendo-se de que ha um asylo para os innocentes que têm o infortunio de serem repellidos desde o berço, arremessão-os á rua, á lama, ou entregão-os á morte dolorosa pelo frio, pela inanição, pelas garras dos animaes damninhos, ou pela roda do primeiro carro que tem de despedaçar o craneo ainda molle desses infelizes. As féras amparão o fructo de seu ventre, e essas mães ou antes esses entes, que são peiores que féras, abandonão á fome, ao frio, ao perigo e á morte o innocente, cujo palpitar sentirão junto de seu seio durante mezes. Em 1874 fôrão encontradas abandonadas nas ruas doze crianças que a policia remetteu para a roda.

Offende tambem á moral, á religião a pratica escandalosa de lançarem no lagedo das ruas, nas pedras da calçada cadaveres de recemnascidos; em 1874 encontrarão-se seis cadaveres de recemnascidos nas ruas da cidade. Este acto é tanto mais reprehensivel quanto a policia facilita a remessa dos cadaveres para a Misericordia afim de serem sepultados ; é um abuso que póde occultar crimes, que depõe contra a moralidade publica e patentea a crueldade daquelles, que não receião entregar cadaveres de criancinhas aos dentes dos cães.

XXV

RECOLHIMENTO DAS ORFÃS

Ha poucas noticias deste estabelecimento.

A fadiga ainda nos não fez interromper o afanoso trabalho de cólligir noticias das cousas patrias, mas a incuria ; o deleixo dos nossos maiores nos fôrão fataes ; nossos archivos são pobres. De que servem papeis velhos, repetião os homens de outr'ora que não comprehendião a utilidade do arado, quanto mais do papel empoeirado e roido da traça.

Em 15 de outubro de 1739 Marçal de Magalhães Lima e o capitão Francisco dos Santos doárão 52,000 cruzados para fundação e patrimonio de um recolhimento de orfãs, sendo 20,000 para as obras do edificio, e 32,000 para o patrimonio necessario ao sustento de quinze orfãs e uma regente.

Começado o edificio gastárão-se não só os 20,000 cruzados, como tambem mais 6,000, que se tomarão de emprestimo ; e em 15 de setembro de 1740, dia da festividade da Senhora do Bom Successo, abrio-se o recolhimento com cinco orfãs, das quaes foi nomeada regente D. Isabel Ferreira de Mendonça.

Instituira-se o recolhimento com o caridoso fim de servir de amparo ás orfãs desvalidas, mas pelo andar do tempo, forão admittidas no mesmo estabelecimento as expostas da casa da roda.

Por escriptura de 23 de novembro de 1738, lavrada pelo tabellião Francisco Xavier da Silva, creara Ignacio da Silva Medella um dote perpetuo de 200$000 para todos os annos se casar uma orfã pobre, legando para este fim um sobrado na rua Primeiro de Março com as seguintes condições; que a eleição da orfã seria delle instituidor, preferindo suas afilhadas e por sua morte seria á nomeação de sua comadre e cunhada Anna de Faria, dando sempre preferencia ás suas afilhadas de baptismo, e na falta destas se seguirião os parentes de sua mulher e da dita Anna de Faria, e depois da morte destas pertenceria á mesa da Misericordia, a quem recommendava que não esquecesse preferir suas afilhadas, principiando pelas mais velhas, e na falta destas e de parentes de sua mulher passaria ás expostas.

A mesa conjuncta de 24 de agosto de 1835 deliberou que, para se conferir esse dote aos parentes da mulher de Ignacio Medella era indispensavel sentença de habilitação.

Reconhecendo José Clemente Pereira que a casa do recolhimento era insufficiente para as orfãs, deu começo, no largo da Misericordia, no mesmo lugar do antigo estabelecimento, a um edificio mais vasto, cuja primeira pedra lançou-se em principios de fevereiro de 1839, e tres annos depois estava a casa concluida; em 2 de julho de 1840 introduzio-se agua no estabelecimento e em 24 de agosto de 1842 recebeu novos estatutos, que fixarão em 48 o numero das orfãs, e prohibirão fosse recolhidas áquelle asylo mulheres de idade superior, a que permettirão os fundadores, e sem moralidade de costumes.

Este edificio construido no largo da Misericordia e occupado actualmente pela Faculdade de medicina do Rio de Janeiro, e por enfermarias da Misericordia, consta de tres pavimentos divididos em tres corpos, com dez janellas de peitoril nos pavimentos superiores, e uma porta e aberturas quadrangulares no pavimento inferior.

Em mesa de 19 de janeiro de 1849, e na de 6 de fevereiro de 1850, a Santa Casa da Misericordia elevou a 800$000 o dote das orfãs, o que foi confirmado por decreto de 11 de julho de 1850.

Na epidemia da cholera-morbus em 1855 forão as recolhidas para uma casa do arrabalde das Larangeiras, e em outubro do mesmo anno se passarão algumas para a casa do conselheiro

Joaquim Pereira de Faria, na rua do Marquez de Abrantes, offerecida pelo proprietario para alojamento das orfãs durante a epidemia.

Em 30 de dezembro de 1858 transferirão-se as orfãs para uma casa da rua do Imperador em S. Christovão; em 15 de outubro de 1866 para o edificio do recolhimento de Santa Thereza (1) tendo sido elevado seu numero a cem.

---

(1) Creado por decreto de 14 de março de 1852 para servir de asylo às meninas indigentes, cuja admissão não se podesse verificar no recolhimento das orfãs, por lhes faltar algumas condicões exigidas nos estatutos desse estabelecimento, foi o recolhimento de Santa Thereza installado em 4 de julho daquelle anno dentro do recolhimento da Santa Casa, com o numero de nove meninas desvalidas. Em 14 de março de 1853 transferio-se para uma casa, que lhe havia sido doada na rua do Hospicio de Pedro II; mas estando este predio arruinado, e sendo necessario demoli-lo para se construir o novo edificio do recolhimento forão as meninas remettidas, em 12 de abril de 1854, para o recolhimento da Santa Casa. Em 29 de março de 1853 lançou-se a pedra fundamental daquelle edificio, a qual benzida pelo bispo, conde de Irajá, foi conduzida em uma padiola pelo Imperador, pelo presidente do conselho de ministros e pelos conselheiros José Clemente Pereira e visconde de Abrantes, do lugar da benção ao da obra começada, onde foi depositada com as solemnidades do estylo, assistindo ao acto desesete meninas desvaidas pertencentes ao novo recolhimento.

Começada a obra com o producto da subscripção aberta para se solemnisar de um modo permanente e util o triumpho das nossas armas no Rio da Prata tem sido favorecida pela caridade publica; o edificio acha-se concluido; é de architectura modesta, de um só andar, tendo ao rez do chão e por baixo do sobrado, commodos espaçosos para o serviço da casa; têm bons dormitorios e uma linda capella com paineis da escriptura santa. Deve dar asylo a 120 meninas desvalidas, que receberão a educação religiosa, moral e fabril, que as habilite a ganharem honestamente a vida e a serem uteis á sociedade.

A mesa administrativa do recolhimento foi installada em 29 de maio de 1852 no consistorio da Santa Casa, e o aviso do ministerio do imperio de 4 de maio daquelle anno mandou executar as instrucções para o regimento economico e administrativo do estabelecimento.

A irmandade do Divino Espirito-Santo da Lapa concorreu com vinte apolices de conto de reis cada uma, dando quinze para patri-

Em 15 de outubro de 1873 na rua do Hospicio de Pedro II, junto ao terreno do recolhimento de Santa Thereza, lançou-se a pedra fundamental do edificio que a Misericordia pretende edificar para o recolhimento de suas orfãs.

Depois da missa celebrada no recolhimento de Santa Thereza, foi benzida a pedra pelo bispo D. Pedro Maria de Lacerda, e em seguida conduzida em uma padiola para o lugar designado pelo provedor conselheiro Zacharias de Góes e Vasconcellos, escrivão da administração das orfãs João José Duarte, thesoureiro João Antonio da Silva Guimarães, e procurador Francisco da Costa Faria. Assistirão ao acto a irmandade da Misericordia, as meninas do recolhimento da Santa Casa e de Santa Thereza e muitas senhoras, encerrando-se com a pedra fundamental uma caixa de chumbo, e dentro desta outra de vinhatico contendo moedas de ouro, prata, nikel e cobre, um exemplar da constituição do Imperio, uma nota escripta em pergaminho e as folhas do dia.

Achava-se postada junto ao terreno uma guarda de honra do batalhão de engenheiros, tocando durante a ceremonia a musica do 1.º batalhão de linha.

Deu a planta do edificio, que se vae construir, o habil engenheiro architecto Francisco Joaquim Bettencourt da Silva.

Possue o recolhimento diversos predios, e 334:400$000 em apolices da divida publica.

Entre seus bemfeitores devem ser mencionados Joaquim do Babo Pinto, que legou 1|3 do rendimento dos predios deixados á Misericordia para dote das orfãs, que se casarem nos dias 10, 11 ou 12 de novembro de cada anno, em memoria do dia em que o bemfeitor aportou ao Brazil e mais 2|9 daquelle rendimento para sustento das orfãs; D. Luiza Rosa Avondano Pereira, que tambem legou a este estabelecimento, parte do rendimento dos predios e apolices deixados á Misericordia.

Ha no recolhimento onze irmãs de caridade e conta actualmente 122 orfãs.

---

monio do asylo e cinco para a creação de um cofre de dotes para as meninas, que por parte da mesma irmandade forem admittidas ao recolhimento. Tem essa instituicão mais dez apolices doadas pelo Imperador, cinco pela Imperatriz, e vinte pelo marquez de Abrantes.

XXVI

HOSPICIO DE PEDRO II

No relatorio apresentado em 25 de julho de 1840 disse o provedor da Misericordia José Clemente Pereira.

« Não sei que espirito de previdencia me inspira, a chacara do vigario geral ha de um dia converter-se em hospicio de alienados.»

E um anno depois realizavão-se os presentimentos caritativos do benemerito cidadão.

Em 15 de julho de 1841 dirigio José Clemente o presente officio ao ministro do imperio.

« O zelo de melhorar a sorte dos infelizes que, tendo a desgraça de perderem o juizo, não encontrão nesta capital hospital proprio, onde possão obter tratamento adequado á sua molestia, por serem insufficientes as enfermarias, onde são recebidos no hospital da Santa Casa, me faz lembrar a necessidade de dar-se principio a um hospital destinado privativamente para tratamento de alienados; e debaixo destas vistas dei principio a uma subscripção applicada ao dito fim, que monta já á quantia de 2:560$000; e espero que hoje mesmo esteja elevada a mais, segundo informações de pessoas encarregadas de a promoverem em diversos lugares desta provincia. Felizmente os meus votos são hoje auxiliados por outra subscripção, que a commissão da praça do commercio desta côrte acaba de pôr á dis-

posição de S. M. o Imperador para ser applicada á fundação de um estabelecimento de caridade, que fôr mais de seu imperial agrado.

E como nenhum outro possa ser mais importante; e S. M. o Imperador se dignasse de declarar-me que deseja ardentemente proteger esta instituição, apresso-me em pôr á disposição do mesmo Senhor a sobredita quantia, que existe já arrecadada, com a qual, junta a da subscripção promovida pela commissão da praça do commercio, se póde dar principio a obra, na certeza de que a piedade dos fieis lhe dará andamento com generosas esmolas.

E como seja indispensavel lugar salubre e apropriado, com terreno sufficiente para as commodidades e larguezas, que estabelecimentos de semelhante natureza exigem, poderá o referido estabelecimento fundar-se na chacara que a Santa Casa da Misericordia possue na praia Vermelha, denominada do Vigario Geral, e onde existe já uma enfermaria de alienados que têm obtido melhoramentos, e alguns até um total restabelecimento; e ha a possibilidade de comprar-se uma casa para enfermarias de homens, que se vende por 6:000$000. E porque em taes fundações a construcção do edificio é pouco em comparação da despeza ordinaria para sustento dos estabelecimentos, a Santa Casa da Misericordia não terá duvida em tomar esta a seu cargo, uma vez que se lhe confie a administração, como será de razão, e até conveniente, pois fornecerá o terreno e a subsistencia futura do novo hospital; acresce que gosa do merecido conceito de administrar bem seus estabelecimentos, que todos prosperão por uma maneira espantosa. Digne-se V. Ex. de levar todo o referido á soberana presença de S.M. o Imperador, para que haja por bem ordenar o que fôr mais do seu imperial agrado; e fará um acto que eternisará o fausto dia da sagração e coroação do mesmo augusto Senhor, a fundação de um hospital de alienados, que poderia bem tomar o nome de Hospicio de Pedro II. D. G. a V. Ex. Santa Casa da Misericordia 15 de julho de 1841. Illm. Exm. Sr. Candido José de Araujo Vianna, ministro e secretario de estado dos negocios do imperio. José Clemente Pereira.»

Em 18 de julho de 1841, dia da sagração e coroação do segundo imperador do Brazil, assignou-se o seguinte decreto:

« Desejando assignalar o fausto dia da minha sagração com a creação de um estabelecimento de publica beneficencia: hei por bem

fundar um hospital destinado privativamente para tratamento de alienados com a denominação de Hospicio de Pedro II o qual ficará annexo ao hospital da Santa Casa da Misericordia desta côrte, debaixo da minha imperial protecção, applicando desde já para principio da sua fundação o producto das subscripções promovidas por uma commissão da praça do commercio, e pelo provedor da sobredita Santa Casa, além das quantias com que eu houver por bem contribuir. Candido José de Araujo Vianna do meu conselho, ministro e secretario de estado dos negocios do imperio o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro, 18 de julho de 1841, 20º da Independencia e do Imperio. Com a rubrica de S. M. o Imperador. Candido José de Araujo Vianna ».

Em 6 de agosto remetteu-se o decreto ao provedor da Misericordia, que apresentou-o á mesa da irmandade no dia 24, sendo aceita a annexação do hospicio ao hospital da Misericordia, com a condição de que só serviria para tratamento de alienados, e nunca para outro destino diverso ; que se creasse uma repartição separada, denominada administração do hospicio de Pedro II, composta de escrivão, thesoureiro e procurador ; que o novo edificio fosse construido na chacara da praia Vermelha, pertencente ao patrimonio do hospital ; que o irmão provedor e a mesa ficassem autorisados para comprar, e fazer encorporar quaesquer predios rusticos ou urbanos para a construcção do hospicio, que seria mantido com o rendimento da Santa Casa da Misericordia.

Em 3 de setembro de 1842 lançou-se a primeira pedra do edificio e no dia 5 começarão as obras.

Em 1846 o cidadão José Ribeiro Monteiro offereceu ao Imperador o terreno da chacara da capella da praia Vermelha, e outros contiguos por elle comprados para serem metade encorporada ao hospicio, ficando a outra metade á disposição do monarcha ; e por aviso do ministerio do imperio de 14 de setembro ordenou o Imperador se cumprisse a vontade do doador.

Em 19 de junho de 1850 a assembléa provincial do Rio de Janeiro concedeu duas loterias para as obras do hospicio, e o decreto de 10 de julho do mesmo anno votou 20 loterias em beneficio das obras do mesmo edificio e para manutenção dos alienados.

Em 30 de novembro de 1852 benzeu-se o edificio, e sagrou-se a respectiva capella, assistindo o Imperador ao acto ; e cinco dias depois, em presença das pessoas imperiaes, do corpo diplomatico, ministros de estado, irmãos da Santa Casa e muitos convidados inaugurou-se o estabelecimento ; celebrou pontifical o monsenhor Narciso da Silva Nepumoceno, que, accommettido por um accidente repentino, não terminou o acto; orou o padre mestre frei Antonio do Coração de Maria, e regeu a orchestra o mestre Francisco Manoel da Silva. Terminado o acto religioso leu o escrivão da Santa Casa, Dr. Thomaz José Pinto de Cerqueira, no salão imperial, as actas das sessões da mesa conjuncta da irmandade, de onde constava ter a administração tomado a si a tarefa da construcção do hospital, e a elevação de uma estatua ao Imperador para perpetuar a memoria da fundação. Finda a leitura cahio o véo, que cobria a estatua. Seguirão-se discursos recitados por José Clemente Pereira, Drs. José Martins da Cruz Jobim, director da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Francisco de Paula Candido, membro da academia de medicina, e por outras pessoas gradas ; e por fim aceitarão SS. MM. uma delicada refeição preparada pela irmandade, havendo outra mesa para os convidados.

Em 8 de dezembro começou a funccionar o hospicio com cento e quarenta alienados, sessenta e sete que vierão da enfermaria provisoria da praia Vermelha, e setenta e tres do hospital da Misericordia. Em 1855 concluirão-se as obras do edificio.

A lei provincial de 29 de outubro de 1856 concedeu uma loteria annual a este hospital, emquanto não tiver a provincia do Rio de Janeiro um estabelecimento semelhante, e o decreto de 10 de setembro do mesmo anno concedeu trinta loterias para patrimonio do mesmo estabelecimento.

Ergue se o hospicio de Pedro II na praia Vermelha, outr'ora praia de Santa Cecilia, em uma superficie de 1,562 braças quadradas. O portico revestido de cantaria, apresenta uma escadaria de dez degráos ; quatro columnas de pedra com capiteis doricos sustentão uma balaustrada de marmore, havendo entre as columnas tres portas. Ha no segundo pavimento quatro columnas de ordem jonica, coroando o corpo um frontão recto, e ornando o tympano as armas imperiaes trabalhadas em marmore ; entre as columnas abrem-se

tres janellas. Os corpos lateraes constão de vinte janellas de peitoril no primeiro pavimento, cuja architectura é da ordem dorica do theatro de Marcello em Roma, e de vinte no segundo pavimento, que é da ordem jonica sob o systema do templo de Minerva Poliada na Grecia; treze janellas têm sacada de grades de ferro e sete são de peitoril. Todas as janellas são de archivolta e guarnecidas de varões de ferro. Um attico, ornado de estatuas e vasos de marmore, occulta o telhado do edificio.

Nas faces lateraes ha treze janellas em cada pavimento, tendo sete janellas do segundo pavimento sacadas de grades de ferro; na face do fundo veem-se quatro torreões com tres janellas em cada andar, ligando os torreões corpos de um só pavimento com seis janellas de peitoril. No centro do edificio eleva-se a capella.

Deu o desenho deste monumento o engenheiro Domingos Monteiro, excepto o do portico que é do engenheiro Guilhobel, e o engenheiro José Maria Jacintho Rebello modificou o plano primitivo.

O vestibulo tem o pavimento ladrilhado de marmore, e encerra as estatuas dos sabios Esquirol e Pinnel, trabalhadas pelo esculptor Pettrich, as quaes importarão em 1:400$000. Communica-se por um lado com a sala da administração, e por outro com o consultorio gratuito para os doentes pobres daquelle arrabalde da cidade.

Concorrendo ao consultorio da Misericordia muitos doentes pobres, resolveu o provedor, marquez de Abrantes, autorisado pela mesa, franquear aos pobres mais tres consultorios, e em julho de 1859 abrio um no hospicio de Pedro II, outro na enfermaria da Saude, outro na Gambôa, e o terceiro no recolhimento das orfãs em S. Christovão.

Ha no fundo do vestibulo tres portas começando na do centro uma escada, que vae ter á capella, e nas lateraes outras duas, que se dirigem ao andar superior. A escadaria é illuminada por uma clara-boia primorosamente construida pelo architecto Rebello.

A capella de gosto simples e grave, sem ornatos de luxo, impressiona quem busca semelhante recinto; encerrado em uma rotunda está o altar com a imagem de marmore de S. Pedro de Alcantara, feita por Pettrich, a qual custou 5:000$000; abrem-se de cada lado quatro tribunas, donde ouvem missa os doentes, que pódem assistir a este acto.

O lado direito do edificio é occupado pelos homens, e o esquerdo pelas mulheres; no primeiro pavimento do lado direito estão a secretaria, a rouparia, quatro dormitorios, a enfermaria, oito quartos de pensionistas, casa de banhos, construida em 1860, com dez banheiros de marmore para banhos quentes, frios, de chuva e a vapor, a sala do refeitorio dos pensionistas, com as estatuas de S. Vicente de Paula e S. José, a sala do refeitorio dos doentes pobres, a cozinha, despensa, quartos para doudos furiosos, e dous pateos com jardim e tanques.

Ha no lado esquerdo os mesmos aposentos para as mulheres; mas, em vez da rouparia e secretaria, ha o consultorio gratuito, e os aposentos das irmãs de caridade. Os corredores são ladrilhados de marmore.

As divisões do segundo pavimento são iguaes as do primeiro, mas no lado esquerdo ha a sala da costura, e a sala onde expõem-se á venda trabalhos dos alienados, como flores de panno, cestas de contas etc; e no lado direito ha a sala de visitas, onde os doudos fallão com as pessoas que procurão-nos, e a sala do fundador. Pertence esta sala á ordem corinthia, é ornada de pilastras caneladas com capiteis dourados, e com seu respectivo entablamento, é decorada a claro-escuro com arabescos simples, e tem no tecto dous ovaes com as armas do Imperio, lendo-se em um, *18 de Julho de 1841* e em outro, *5 de Setembro de 1842*; dão-lhe luz cinco janellas de cada lado.

Em um dos extremos ergue-se sobre alto pedestal de pedra a estatua em marmore de D. Pedro II revestido de capa e sceptro, lendo-se na base uma inscripção em latim, cuja traducção textual é a seguinte:

A Pedro Segundo
Honra e Defeza do Brazil
E deste Hospicio
Protegido pela gloriosa sombra de seu nome
Fundador:
Este testemunho de um animo agradecido
Os Irmãos do Hospital da Misericordia
Levantarão
No anno do Senhor de 1852,
Em 15 de Dezembro.

Esta estatua trabalhada pelo esculptor Pettrich importou em 10:711$984.

De fronte da estatua do Imperador apresenta-se a de José Clemente Pereira com o balandráo e vara de provedor da Misericordia; é de marmore, assim como o pedestal, e tem por inscripção o seguinte:

Decreto de 13 de Março

Tres dias depois de ter fallecido José Clemente Pereira appareceu seguinte decreto:

« Querendo dar testemunho pessoal do apreço em que tenho os serviços prestados á humanidade pelo fallecido provedor da Santa Casa da Misericordia José Clemente Pereira, hei por bem que pela mordomia da minha imperial casa se mande fazer a sua estatua, que será collocada defronte da minha, na sala do Hospicio do meu nome. José Maria Velho da Silva, de meu conselho, mordomo interino da minha imperial casa o tenha assim entendido. Palacio do Rio de Janeiro em 13 de março de 1854, 33º da Independencia e do Imperio. Com a rubrica de Sua Magestade o Imperador. José Maria Velho da Silva.»

Esta estatua, feita por Pettrich, e erguida pelo Imperador como um testemunho pessoal de apreço aos serviços humanitarios de José Clemente Pereira, ha de perpetuar o nome do provedor da Misericordia e do monarcha do Brazil; dupla será sua missão, pois recordará sempre dous homens, porque mandando levantar esta estatua e gravar-lhe no pedestal a epigraphe: *Decreto de 13 de Março*, ergueu o Imperador um monumento de gloria para si e para o provedor da Misericordia.

Inaugurou-se esta estatua em 19 de junho de 1857 em presença das pessoas imperiaes que, recebidas pela irmandade da Misericordia, dirigirão-se á capella para orar, e chegadas á sala do fundador, correu-se a cortina de damasco verde, que cobria o monumento. O provedor da Misericordia Camillo Faro pronunciou uma allocução de agradecimento ao Imperador, e o escrivão Dr. Thomaz José Pinto de Serqueira leu o elogio de José Clemente Pereira, do qual encontrará o leitor uma noticia biographica no fim deste capitulo. Terminado o acto aceitárão o Imperador e a Imperatriz uma refeição offerecida pelo provedor, e examinárão os trabalhos expostos dos alienados.

Aos lados da estatua de José Clemente estão os bustos em marmore do barão de Guapemerim e de Joaquim de Babo Pinto. O primeiro bemfeitor offereceu a quantia necessaria para se concluir e decorar esta sala e legou 6:000$000 ao hospicio, além de outros beneficios prestados á Misericordia; Joaquim do Babo Pinto legou diversos predios á Misericordia para ser applicado 2/9 do rendimento no tratamento dos alienados. Em mesa conjuncta de 22 de novembro de 1852 propoz José Clemente Pereira, que se collocassem na sala nobre do hospicio, os bustos destes bemfeitores, precedendo approvação do governo, que foi concedida no dia 29 do mesmo mez. Importou cada busto em 600$000 e fôrão esculpidos por Pettrich.

A construcção do hospicio importou em 1,313:451$481.

Destinado para asylo, tratamento e curativo dos alienados de ambos os sexos de todo o Imperio recebe-os sem distincção de condição, de naturalidade e religião. Em virtude do decreto de sua fundação e da incorporação á Santa Casa da Misericordia, é igual em direitos, prerogativas e isenções aos outros estabelecimentos pios da mesma Santa Casa; sua administração consta de escrivão, thesoureiro e procurador, eleitos annualmente pela mesa da irmandade da Misericordia e a ella subordinados.

O primeiro escrivão que teve o hospicio foi o Dr. Diogo Soares da Silva de Bivar, o primeiro thesoureiro o barão do Bomfim, e o primeiro procurador Francisco José da Rocha Junior.

Ha tres medicos encarregados do serviço sanitario e vinte irmãs de caridade. O primeiro director do serviço clinico, Dr. Manoel José Barbosa, escapou de ser assassinado por um doudo por haver-lhe recusado alta; sahia o medico da enfermaria quando o doente accommetteu-o com uma thesoura, mas não perpetrou o ferimento, porque um enfermeiro deteve-o, ficando este ferido.

Admittem-se gratuitamente neste hospital as pessoas indigentes, os escravos dos senhores, que não possuirem mais de um, sem meios de pagar as despezas do tratamento e curativo, e os marinheiros de navios mercantes; os que pagão são recebidos como pensionistas; e o aviso do ministerio do imperio de 11 de agosto de 1862 elevou as quotas diarias nos termos seguintes: para os pensionistas da 1ª classe 5$000, para os da 2.ª 3$000, para os da 3ª 2$000 e para os escravos. 1$600. O hospital pode admittir 350 alienados.

Quando construia-se este edificio mais de um desasisado e inreflectido lançou o ridiculo sobre José Clemente, julgando mui extenso o hospital, e inutil o erguer-se um palacio para encerrar doudos; mas o sarcasmo e a ignorancia de alguns não abalarão o animo do digno provedor da Misericordia, que, inspirado pelo anjo da caridade, continuou em sua missão, e em dez annos construio um hospital para os doudos. Cedo reconheceu-se o erro daquelles que julgavão mui vasto o edificio, porque um anno e nove mezes depois de aberto, já encerrava o hospicio um numero de alienados superior ao da lotação. Pedio o provedor providencias ao governo que, por aviso de 4 de setembro de 1854, prohibio a remessa dos alienados das provincias sem previa autorisação do ministerio do imperio, ouvida a provedoria da Santa Casa.

E' certo que das provincias remettião idiotas e paralyticos, e de uma só provincia veio uma familia de idiotas.

Ha neste hospital, além dos alienados, algumas meninas, filhas de mulheres pobres, que morrem no hospital da Misericordia, as quaes alli recolhidas aprendem a ler, a escrever e a trabalhos de agulha.

Além dos quatro jardins que ha nos pateos do palacio, ha na parte posterior uma extensa chacara, e na frente um jardim cercado com alto e elegante gradil de ferro.

Aos lados do hospicio estão as casas das officinas dos doudos, creadas em 27 de janeiro de 1854 por solicitação do Dr. Manoel José Barbosa. Constão essas casas de uma porta e quatro janellas de peitoril, tendo um frontão recto e um oculo no tympano. Estão de um lado as officinas de sapateiro, alfaiate, marceneiro, florista, e de desfiar estopa, que são as dos homens, e do lado opposto a lavanderia com machinas a vapor, sala de engommado sendo estes serviços feitos pelos alienados, que lavão e engommão a roupa do hospital.

Quando crearão-se as officinas de alfaiate e sapateiro havia no hospicio sete sapateiros e cinco alfaiates, e havendo tambem quatro musicos, ordenou o provedor José Clemente se comprassem uma rabeca, uma flauta, uma clarineta e uma requinta como meio de distracção, e talvez de cura.

O serviço interno do hospital é regulado pelo regimento de 14 de março de 1858 ; ha asseio, ordem e disciplina no estabecimento,

os alienados são tratados com humanidade, e andão decentemente trajados; ao domingo pôde o edificio ser visitado.

Já passou o tempo em que ninguem se atrevia a entrar em um hospital de doudos, receioso de penetrar em enxovias, em gaiolas de ferro, onde erão encarcerados os miseros, como se fossem feras. Acorrentados, presos ao tronco, tendo o chão frio por leito, o pão duro por alimento, o azorrague como remedio, vivião estes infelizes em subterraneos, em um corredor escuro e humido do hospital da Misericordia, onde nada lhes servia de lenitivo, antes tudo se conjurava para exaspera-los, e obscurecer-lhes mais a razão.

Desde 1830 clamava a sociedade de medicina, depois academia imperial de medicina, por não haver um asylo especial para os doudos; o Dr. De-Simoni publicou uma memoria provando a necessidade da creação de um hospital separado, em que os alienados podessem ser submettidos a um tratamento conveniente, e tambem representarão no mesmo sentido algumas commissões da camara municipal encarregadas da visita dos hospitaes. Ouvindo José Clemente os brados da sciencia e da humanidade, fundou um elegante e vasto hospital para os que perdem a razão, onde são elles tratados pelos meios, que a philosophia e a medicina ensinão; e se alli muitos não recuperão a razão, de muitos são minorados os soffrimentos.

JOSÉ CLEMENTE PEREIRA

Nasceu José Clemente Pereira em 17 de fevereiro de 1787 no bispado de Pinhel, em Portugal. Seus paes José Gonçalves e D. Maria Pereira se não descuidarão de sua educação ; acostumarão-o cedo a considerar os livros como mestres e amigos ; das escolas passou o estudante para a universidade de Coimbra, onde graduou-se em direito e canones. Deixando os bancos da universidade teve de tomar a espada para repellir os Francezes, que invadirão Portugal ; elle e seus collegas despirão o gabinardo, largarão a penna, e singirão a espada, e de estudantes transformarão-se em soldados ; do batalhão academico era commandante José Bonifacio de Andrade e Silva.

Em Bussaco, em Vimeiro o filho da universidade mostrou-se soldado aguerrido ; foi promovido a capitão, e a commandante de uma das guerrilhas, que mais damno causou ao inimigo.

Vendo-se perseguidos, os soldados de Napoleão deixarão Portugal, e só depois de estar a patria livre e resgatada, o soldado academico embainhou a espada.

A côrte portugueza viera asylar-se no Rio de Janeiro, e para não estar longe do centro da monarchia, José Clemente, moço intelligente e avido de gloria, dirigio-se para o Rio de Janeiro, onde chegou em 12 de outubro de 1815.

Alguns annos viveu da advocacia ; mas, creada em 10 de maio de 1819, a villa real da Praia Grande, foi nomeado juiz de fóra, e

encarregado do plano da respectiva povoação; alinhou, e medio todo o terreno, abrio ruas e praças, abasteceu d'agua a população, e construio uma capella para matriz, que demolio-se, quando edificou-se a nova parochia.

O alinhamento regular e simetrico da cidade de Nictherohy manifesta ainda hoje o zelo e a intelligencia do primeiro juiz de fóra da villa real da Praia Grande; e para recompensar tão relevante serviço, dedicou-lhe a camara municipal de 1840 uma rua com a seguinte declaração:

Dedicada ao Illm. Exm. Sr. José Clemente Pereira como primeiro juiz de fóra, creador e edificador da villa, e pelos muitos beneficios de que lhe é devedora esta cidade.

A rua recebeu o nome de S. José.

D. João VI concedeu a José Clemente o habito da ordem de Christo.

Em 30 de maio de 1821 foi nomeado juiz de fóra da côrte.

Exigindo a divisão portugueza em 5 de junho de 1821 que o principe D. Pedro jurasse as bases da constituição portugueza, nomeasse uma commissão militar para o mando das armas, e uma junta governativa responsavel perante ás côrtes portuguezas, como presidente do senado da camara, patenteou José Clemente muita energia nesse dia de sedição, oppondo-se tenazmente ás exigencias do partido portuguez, e por este acto de civismo recebeu um documento assignado por seus collegas elogiando sua coragem e dedicação.

Em 9 de janeiro de 1822 dirigio-se o senado da camara á presença do principe D. Pedro pedindo-lhe permanecesse no Brazil; e depois de alguma hesitação, de uma resposta dubia, resolveu o principe ficar no Brazil. Era José Clemente Pereira o presidente do senado da camara, e foi elle quem fez a mensagem a D. Pedro, e quem annunciou ao povo a resposta do regente do Brazil.

Tão notavel se tornára a dedicação de José Clemente, tão importante papel representára nos ultimos acontecimentos, que enviou-lhe o principe D. Pedro uma portaria, em 27 de julho de 1822, pedindo-lhe não se aproveitasse da licença, qne obtivera como juiz de fóra, pois não podia prescindir de seus valiosos serviços.

São variaveis as phases da politica, cujas idéas e principios mudão com os homens, que predominão. José Clemente foi desterrado-

mas curto lhe foi o ostracismo ; e não despindo a tunica de Nesso, continuou na politica.

Nas primeiras eleições para deputado foi eleito pelo Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas. Nomeado intendente geral da policia, e chamado em 1828 ao ministerio do imperio, procurou abastecer d'agua a capital.

Escolhido para ministro da guerra mostrou muita actividade e energia, conseguindo abater com promptidão o movimento revolucionario, que arrebentára nas provincias de Minas e S. Paulo ; em 31 de dezembro de 1842 obteve uma cadeira no senado pela provincia do Pará ; e no parlamento prestou valiosos serviços, elucidou questões importantes, tornando-se sua palavra de alto peso e criterio nas discussões dos codigos criminal e commercial. Organisado o tribunal do commercio, foi nomeado presidente em 4 de setembro de 1850, e dez dias depois tinha assento no conselho de Estado ; chegára na magistratura a desembargador, e merecêra da munificencia imperial a dignitaria da ordem do Cruzeiro, e a grande dignitaria da ordem da Rosa.

Se na politica attingio aos mais elevados cargos, empunhando a vara de provedor da Misericordia desde 25 de julho de 1838 até fallecer, dedicou-se José Clemente ao amôr do proximo, ao amparo do infeliz, do engeitado, do pobre e do alienado ; sua missão era praticar o bem ; se fundáva um hospital para os doentes pobres, pensava ao mesmo tempo em erguer um asylo para orfãs, um hospicio para loucos ; não descansava em sua tarefa caridosa ; dos infelizes tornou-se pae e protector ; quando sahia da sala do conselho de Estado, do recinto do senado, ou do palacio do imperador, ia aos hospitaes, ás enfermarias, aos recolhimentos, á casa dos orfãos e dos pobres, e transformava em véo de caridade o balandráo de provedor. Foi o fundador do novo hospital da Misericordia, do edificio de recolhimento das orfãs, do hospicio de Pedro II e dos cemiterios extramuros.

Encarregado em 1850 do serviço sanitario durante a epedimia da febre amarella, multiplicou José Clemente sua actividade e dedicação pelo proximo, abrio enfermarias em diversos lugares, enviou soccorros aos domicilios, facilitou meios de transportes para os doentes, e deu-lhes asylo, remedio e dieta.

Em 10 de março de 1854 acompanhou a procissão dos Passos que sae da igreja da Misericordia, e recolhido á casa, tendo deixado ha pouco a vara de provedor para pegar da penna, afim de entregar-se aos trabalhos da Santa Casa, foi acommettido de uma congestão cerebral, e ás onze horas da noite expirou.

Feita a autopsia no cadaver pelos Drs. Antonio da Costa e José Mauricio Nunes Garcia descobrirão os peritos lesão na aorta abdominal e thoracica.

Espalhada a noticia de seu fallecimento a camara municipal suspendeu a sessão do dia 11 e mandou fechar o paço municipal, e numerosissimo foi o prestito que acompanhou ao jazigo os despojos mortaes do benemerito cidadão.

A Santa Casa da Misericordia, o recolhimento das orfãs e a roda dos expostos collocárão o retrato do finado provedor em lugar de honra; ergueu-se o seu busto de marmore no hospital da Misericordia, e em 2 de dezembro de 1858 no cemiterio de S. Francisco Xavier inaugurou-se um mausoleo á memoria de José Clemente, tendo na parte superior a estatua da virtude, que immortalisou-o,—a caridade.

O Imperador além de mandar levantar a estatua do preclaro cidadão no hospicio de Pedro II, deu á sua viuva o titulo de condessa da Piedade.

Nas paginas da historia do Brazil e em diversos monumentos da cidade do Rio de Janeiro deixou José Clemente Pereira gravado seu nome, que se os homens repetem com veneração, os anjos o ouvem com amôr.

XXVII

PAÇO DA CAMARA DOS DEPUTADOS

O edificio em que se reunem, ha mais de meio seculo, os representantes da nação, servio em outras eras de paço municipal e de cadeia.

Vem mencionado seu principio na descripção do paço municipal.

Occupavão as prisões o pavimento terreo, e para beneficio dos presos se construira a capella de Jesus, por esmolas deixadas no testamento de João Ribeiro Corrêa, a qual, benzida em 22 de dezembro de 1710 pelo conego Miguel de Noronha da Camara, servia para a celebração da missa em dias de preceito, deixando para esse fim o bemfeitor Corrêa um predio situado defronte da cadeia. No fim de alguns annos a capella desappareceu, e por isso instituio-se dentro do edificio da cadeia um altar, cujo capellão era sustentado pelo referido patrimonio. Não se sabe hoje de que lado ficava a capella de Jesus, e qual a applicação dada ao patrimonio de Ribeiro Corrêa. O edificio da camara e cadeia apresentava do lado da rua da Misericordia uma escada de dous lanços com um patamar na parte superior ; pela escada voltada para a igreja de S. José subia o Sacramento e descião os padecentes, e em frente dessa escada estava o pelourinho, que em 1808 foi removido para o largo do Rocio.

Por essa escada desceu revestido de alva e capuz o alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, para ser enforcado no largo de S. Domingos, depois de ter ouvido repetir na cadeia e nas ruas sua sentença de morte, que mandava conduzil-o á forca com baraço e pregão, e que depois de morto lhe fosse cortada a cabeça e levada á Villa Rica, onde, em lugar mais publico della, seria pregada em um poste até que o tempo a consumisse; seu corpo seria devidido em quatro partes e pregadas em postes pelo caminho de Minas, nos sitios de maiores povoações, até que o tempo as consumisse, ou os abutres as devorassem; o réo declarado infame e tambem seus filhos e netos, seus bens confiscados, sua casa arrasada e salgada, levantando-se alli um padrão pelo qual se conservasse a memoria e a infamia deste abominavel réo!

Em 21 de abril de 1792 executou-se essa sentença, festejada por ordem do senado da camara, com tres noites de luminarias, missa e Te-Deum! (1).

Fugindo para o Brazil a familia de Bragança reunio-se ao palacio, por meio de um passadiço, o edificio da camara e cadeia; mas em 1823 destruio-se o passadiço, e destinou-se o edificio para a reunião da assembléa constituinte, que abrio-se em 3 de maio desse anno.

Então um co-réo do Tiradentes que, como este estivera preso e fora condemnado á morte, ouvindo ler a barbara sentença que levava-o ao patibulo, compareceu em 3 de maio de 1823 como representante da nação, na mesma casa, em que trinta e um annos antes fôra sentenciado á forca; José de Rezende Costa Filho, o réo da inconfidencia, e cuja sentença de morte fôra commutada em 10 annos de degredo para a ilha de Cabo-Verde, era agora membro de uma assembléa, e representante de um povo livre.

A assembléa constituinte, a primeira representação nacional, que teve o Brazil, convocada por decreto de 3 de junho de 1822, fez sua primeira reunião em 17 de abril de 1823, com cincoenta e tres deputados; aberta em 3 de maio foi dissolvida em 12 de novembro, sendo presos á porta da assembléa cinco deputados e um em sua casa, os quaes forão desterrados no dia 20 para a França (2).

(1) Veja Curiosidades Noticias e Variedades Historicas Brazileiras, pag. 89.

(2) Veja Escriptos Historicos e Litterarios do Dr. Homem de Mello pag. 32.

A assembléa geral que se reunira extraordinariamente em 2 de abril de 1829, foi encerrada, depois de calorosos debates que havião desgostado o imperador ; em 3 de setembro do mesmo anno, pronunciando D. Pedro I a seguinte desusada e laconica falla de encerramento :

« Augustos e Dignissimos Senhores Representantes da Nação. Está fechada a sessão.

Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil. »

Era a primeira vez que se convocava extraordinariamente a assembléa legislativa; a segunda vez foi em 8 de setembro de 1830 ; e no actual reinado já se convocou tres vezes, em 1833, em 1840 e em 1875.

Recebendo D. Pedro o voto de graças por occasião da sessão extraordinaria de 1830, respondeu á deputação da camara o seguinte : — Fico inteirado.

O presidente da camara nenhuma observação fez á referida resposta, como é de estylo.

Desde 1823 tem servido de paço da camara de deputados o antigo edificio da municipalidade e da cadeia ; e apezar disso reunio-se alli, em 11 de abril de 1856, o tribunal do jury para julgar os réos do processo do barão Villa Nova do Minho, durando o julgamento tres dias e tres noites consecutivos.

Ha mais de meio seculo que os representantes da nação se reunem nessa casa de tão tristes e lugubres recordações, e durante esse longo periodo se não tem cuidado em erguer um palacio para a representação nacional. Cada anno fazem-se pequenos concertos e remendos, que absorvem muito dinheiro, mas fica o edificio com o mesmo aspecto informe e ridiculo.

Entre nós o particular facilmente transforma o casebre em palacete ; mas o governo... ahi estão dos tempos coloniaes os aleijões, as monstruosidades de pedra e cal chamados edificios publicos !

Inteiramente isolado dos predios circumvisinhos, tem o edificio do paço dos deputados a face principal voltada para o palacio imperial, vendo-se no primeiro pavimento uma porta com uma escada de pedra de tres degraos e alpendre, e tres janellas de peitoril, e no segundo pavimento quatro janellas de sacada e uma de peitoril. A face que olha para a igreja de S. José tem seis janellas de peitoril no

primeiro pavimento, uma de peitoril e tres de sacada no segundo e mais acima duas janellinhas de peitoril.

Na face fronteira á rua da Misericordia ha quatro portas e cinco janellas de peitoril no primeiro pavimento, nove janellas de sacada e duas menores de peitoril no segundo, e no centro um terceiro pavimento com as tres janellas da galeria.

A face opposta apresenta uma porta e oito janellas no primeiro pavimento, no segundo dez janellas de sacada, e no centro em terceiro pavimento as tres janellas da galeria do mar. Ao lado das janellas da galeria ha duas ou tres janellinhas diversas em feitio das que temos mencionado.

O edificio é um quadrado oblongo e pela descripção do exterior vê-se que não pertence a nenhum genero de architectura ; é uma casa sem gosto, nem symetria, que indica o destino primitivo que teve, e o tempo em que levantárão-no.

O pavimento superior é occupado pela camara dos deputados, abrindo-se no centro o salão das sessões com o throno, as cadeiras em semi-circulo, as galerias de mar e terra, as tribunas da imperatriz, dos senadores, do corpo diplomatico, das senhoras, e mais quatro para altos funccionarios publicos. Junto desse salão ha a sala dos ministros, a sala de espera, onde vê-se um busto em gesso de D. Pedro II, a sala do passeio, a do porteiro, e os aposentos da secretaria da camara ; nos sotãos do edificio trabalhão as commissões da assembléa.

No pavimento terreo, occupado outr'ora pelo correio, depois pela typographia nacional, que em setembro de 1860 foi removida para o edificio da rua da Guarda Velha, estão, desde 4 de novembro de 1861, a caixa economica e o monte do soccorro ; e para segurança de taes estabelecimentos collocárão-se grades de ferro nas janellas do lado da rua da Misericordia ; e assim este edificio, feito para presos, parece ter por destino trazer varões de ferro nas portas e janellas.

XXVIII

PAÇO DO SENADO

Em tempos remotos findava a cidade na rua denominada hoje da Uruguayana, e além estendia-se um grande campo, no meio do qual erguia-se a capella de S. Domingos, que dava seu nome ao campo; mas levantada a capella de Santa Anna, por provisão episcopal de 30 de julho de 1735, a requerimento dos pretos crioulos da cidade, e de outros devotos daquella santa, e construindo-se casas nas visinhanças da ermida de S.Domingos, ficou esta, não em uma praça, mas cercada de ruas e casas, e o resto da praça, dominado pela outra capella, começou a ser conhecido pelo nome de campo de Santa Anna.

No principio deste seculo era o campo de Santa Anna um vasto arêal coberto de herva rasteira, havendo em alguns lugares pantanos com os arbustos dos mangues. Nas tres faces da praça havia casas separadas por muros de jardins e quintaes, e do lado septentrional corria uma cerca de espinhos que terminava em frente á capella de Santa Anna.

Era o campo de Santa Anna o lugar destinado para os exercicios da tropa de linha e de melicias ; e para os festejos do Espirito Santo.

Celebrando-se no palacete, que houve nesta praça, a acclamação do primeiro imperador do Brazil, proveio-lhe disso o nome de Acclamação.

Em 6 de abril de 1831 reunio-se na praça da Acclamação numerosa multidão, apoiada por diversos corpos militares, e pronunciou-se contra o ministerio escolhido na vespera pelo imperador, exigindo sua demissão, e a reintegração do de 20 de março.

A's tres horas da tarde havia na praça mais de duas mil pessoas desarmadas, porém resolutas a resistirem. Dividião-se em grupos guiados por differentes chefes liberaes, pugnando uns pela monarchia federativa, outros pela republica, e aquell'outros sómente pedião a demissão do ministerio. Convocados os juizes de paz no quartel da praça enviou o commandante das armas, Francisco de Lima e Silva, ao paço de S. Christovão, o major Miguel de Frias Vasconcellos para participar ao imperador os factos occorridos na cidade. Pedro I dirigio uma proclamação ao povo, que nenhum effeito produzio. A's 8 horas fôrão os juizes de paz ao paço e expuserão a vontade do povo, isto é, a demissão do ministerio e reintegração do de 20 de março; firmado em suas prerogativas constitucionaes o imperador não quiz ceder; não attendeu ao proprio general das armas, que se encaminhára para S.Christovão; e vendo este que o tumulto tomava maiores proporções, e que diversos batalhões fraternisavão com o povo, mandou segunda vez ao paço o major Miguel de Frias. Era pouco mais de meia-noite. Depois de alguma demora entregou-lhe o imperador o decreto da abdicação, dizendo-lhe:

« Aqui tem a minha abdicação; estimo que sejão felizes. Eu retiro-me para a Europa, e deixo este paiz que muito amei e ainda amo. »

Pedro I estava profundamente commovido.

Elle, sua esposa, a rainha de Portugal, sua filha, o duque e duqueza de Loulê e alguns fieis criados recolhêrão-se, ao romper da aurora do dia 7, a bordo da náo ingleza Warspite.

Chegando á praça o major Frias com o decreto da abdicação, foi immediatamente acclamado pelo povo o Imperador D.Pedro II, que por ser menor, reunirão-se no paço do senado vinte e seis senadores e trinta e seis deputados e elegerão uma regencia provisoria composta do marquez de Caravellas, do senador Vergueiro e do general Francisco de Lima e Silva; foi chamado ao poder o ministerio de 20 de março, e

no dia seguinte publicou a assembléa geral, reunida no paço do senado, uma proclamação para tranquillisar o espirito publico.

No dia 13 deixou D. Pedro o Brazil retirando-se para a Europa na fragata ingleza Volage, para onde se passara no dia 10 com sua consorte; indo D. Maria II e o duque e duqueza de Loulê na corveta franceza Le Seine.

Por decreto de 6, evidentemente ante datado, nomeára D. Pedro ao conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva tutor de seus filhos, que ficavão no Brazil.

A tropa e o povo conservárão-se no campo até o dia 14, esforçando-se os chefes do partido liberal em conter os espiritos, pregando concordia e moderação ; de feito não houve commoções, disturbios, e o sangue não manchou o triumpho popular.

Poucos momentos depois da noticia da abdicação, alguns patriotas assentárão em que se devia mudar o nome da praça, que servira de theatro aos acontecimentos de 7 de abril; uns quizerão que fosse chamado campo da Regeneração, outros campo da Abdicação, e outros preferirão o nome de campo da Liberdade. Um anonymo conciliou as opiniões escrevendo com carvão em grandes caracteres, em uma das paredes do palacete, *Campo da Honra*. Esta lembrança foi geralmente adoptada, e desde então começou o campo da Acclamação a ser conhecido por aquelle nome (1).

Dando-se em 14 e 15 de julho de 1831 uma sedição na cidade, appareceu pregado nas paredes do palacete do Campo da Honra o seguinte pasquim :

Da Honra fui campo outr'ora
Muito que vêr inda temos ;
Tudo serei, mas agora
Sou campo do—Nós queremos
E campo do Fóra—Fóra.

Mas o nome de Campo da Honra, escripto em dias de excitação popular, não prevaleceu muito tempo, e permaneceu o nome historico de praça da Acclamação.

---

(1) Veja Historia da Revolução do Brazil por um membro da camara dos deputados, 1831.

Ergue-se nesta praça o edificio do senado.

Pertencêra este palacete ao conde dos Arcos que, tendo sido nomeado em 1810 governador da Bahia, procedeu com tanto tino durante sua administração, já abrindo estradas e canaes, já estabelecendo fabricas, uma typographia, uma bibliotheca, um theatro, um passeio publico, pelo que mereceu a estima do povo, e gratos a esse administrador offertárão-lhe os negociantes uma espada de bainha e guarnição de ouro, fabricada em Londres, do valor de 1:400$000; collocárão seu retrato no salão da praça do commercio, e determinárão offerecer-lhe um palacete no Rio de Janeiro.

Havendo na praça da Acclamação um sobrado de janellas de peitoril com grande chacara, que se estendia até a rua das Flores, comprárão aquelles negociantes esse sobrado a Francisco Ferreira de Sampaio, que era o procurador do proprietario Anacleto Elias da Fonseca, homem rico e tão pretencioso, que nunca declarára a idade, e quando era necessario mencional-a em papeis de justiça, dizia ser maior de quarenta annos.

Junto ao sobrado de Anacleto Elias, na esquina da rua do Areal, determinárão os negociantes levántar o palacete; e vindo da Bahia os materiaes para a obra, construirão o edificio o pedreiro João Antonio da Trindade e o carpinteiro Luiz de Macedo e Castro.

Concluido o edificio forão entregues as chaves ao conde dos Arcos pelo corpo do commercio da Bahia, e ahi residio esse fidalgo até 1821, em que retirou-se para a Europa.

A carta imperial de 25 de outubro de 1824 autorisou a compra dos predios, que pertencião ao conde dos Arcos, e avaliados o sobrado, uma casa terrea contigua e a chacara, forão comprados ao procurador do conde, o sargento-mór João Alves da Silva Porto, pela quantia de 44:568$000; e lavrada a escriptura pelo tabellião Castro, em 8 de março de 1825, no dia seguinte a fazenda nacional houve posse daquelles bens.

Creára a constituição o poder legislativo composto de duas camaras a dos senadores e a dos deputados; o decreto de 26 de março de 1824 convocara a primeira legislatura da assembléa geral, mandando proceder a eleição de senadores e deputados pelas instrucções da mesma data; e necessitando-se de um edificio para paço do senado, destinou o governo para esse fim o antigo palacete do conde dos Arcos.

Em 22 de janeiro de 1826, anniversario natalicio da imperatriz D. Leopoldina, nomeou Pedro I os primeiros senadores.

Nove dias depois fallecia o senador Antonio José Duarte Araujo Gondim, sem haver tomado assento ; e tanto pezar sentio sua esposa, que cahio gravemente enferma. Essa virtuosa matrona, D. Carlota Joaquina de Seixas de Mello Gondim, pereceu em 27 de fevereiro, victima da saudade e constancia de seu amor conjugal.

Determinou o decreto de 25 de abril de 1826 que no dia 29 se celebrasse a primeira sessão preparatoria de senadores e deputados nas respectivas camaras.

Feitas no edificio da praça da Acclamação as obras necessarias para o fim, a que fôra destinado, houve no dia marcado a primeira sessão preparatoria, achando-se presentes trinta e um senadores, sendo eleito presidente o visconde de Santo Amaro, e secretario o visconde de Barbacena.

No dia 6 de maio, e não no dia 3 como determinára a constituição, o imperador, acompanhado da imperatriz e da rainha de Portugal, abrio no paço do senado a primeira assembléa geral legislativa.

Reunidos no paço do senado em 2 de agosto de 1826 trinta e nove senadores e sessenta e oito deputados lavrou-se o acto do reconhecimento do herdeiro do throno, hoje D. Pedro II, e no dia 24 recebeu o imperador na quinta da Boa-Vista a deputação da assembléa geral, que apresentou-lhe o acto do reconhecimento do successor do throno.

Tendo abatido o tecto de estuque do salão do paco do senado, celebrou-se em 1829 o encerramento da assembléa geral no paço da camara dos deputados ; o mesmo aconteceu em 1831 ; em 1832 o acto da abertura e do encerramento executou-se no paço da camara dos deputados, e tambem em 1837 por estar o edificio do senado em obras.

Na noite de 20 de janeiro de 1830 houve no paço do senado um pomposo baile, dado pela côrte e criados do paço, em applauso á chegada e consorcio da segunda imperatriz do Brazil. Fizerão-se no edificio vastas e elegantes construcções, alcatifárão-se os salões ; ás 8 horas girandolas de foguetes annunciárão a chegada das pessoas

imperiaes ; e as dansas, as cantorias e uma esplendida ceia prolongárão a funcção até ao romper d'alva (1).

Em 9 de maio de 1831 apresentou o senador Manoel Caetano de Almeida e Albuquerque o projecto para se mudar o paço do senado para outro edificio, que pudesse ser frequentado com mais facilidade pelo povo.

Em 17 de junho de 1831 reunirão-se neste edificio trinta e cinco senadores e oitenta e oito deputados para elegerem a regencia permanente, que ficou composta do brigadeiro Francisco de Lima e Silva com oitenta e um votos, do deputado José da Costa Carvalho, depois barão, visconde e marquez de Monte-Alegre, com setenta e cinco votos, e do deputado João Braulio Muniz com sessenta e cinco votos.

Estando arruinado o edificio do senado, resolveu-se escolher outra casa para a celebração das sessões.

Houve a idéa de transferir o senado para a casa occupada pela typographia nacional, que se achava estabelecida na academia das Bellas-Artes, e nomeou-se uma commissão dos senadores Manoel Caetano de Almeida e Albuquerque, do marquez de Barbacena e de Bento Barroso Pereira para examinar se aquelle edificio podia servir para as sessões da camara vitalicia. Propuzerão alguns senadores que se transferisse o senado para o edificio do museu, ontros para a casa da rua da Guarda Velha, a qual fôra edificada para thesouro das joias da corôa ; aquelles que no lugar occupado pelo edificio da academia militar se levantasse um palacio, que servisse para a reunião das duas camaras ; não realizou-se, porém, nenhum desses projectos.

Tornára-se todavia urgente a necessidade de mudar a camara vitalicia para outra casa ; pelo que nomeou-se em agosto de 1831 uma commissão dos senadores Bento Barroso Pereira, do marquez de Barbacena e de José Ignacio Borges para examinar qualquer edificio publico com as proporções necessarias para servir interinamente de paço do senado. Tendo visto diversos

(1) Houve sete dias depois, em festejo do consorcio imperial, um grande fogo de artificio na praça da Acclamação, feito á custa e por ordem do imperador, e desenhado e dirigido pelo engenheiro Domingos Monteiro.

edificios, propoz a commissão se transferisse interinamente o senado para a casa da Relação, na rua do Lavradio ; de feito em 12 de agosto de 1831 passárão as sessões dos senadores a ser celebradas na sala do supremo tribunal de justiça.

Ficára em abandono o palacio do senado, e houve a idéa de transformal-o em casa de correcção (1); mas assim não aconteceu, e reedificado esse palacio para elle voltárão os senadores ; em 9 de outubro de 1835 fez-se ahi a apuração dos votos para a regencia do imperio, que segundo o acto addicional seria só de um membro; obtendo 2,826 votos o padre Diogo Antonio Feijó, que tomou posse do cargo em 12 de outubro.

Reconhecida a princeza D. Januaria herdeira do throno, em 31 de maio de 1836, em 4 de agosto prestou o juramento na camara dos senadores, que achava-se ornada, estando postada na porta do edificio o batalhão de artilheria da guarda nacional. Reunidos trinta senadores e sessenta e sete deputados chegou, ás 11 horas, a princeza trazendo sobre o peito a grã cruz do Cruzeiro ; era acompanhada do almirante Francisco Maria Telles, servindo de mordomo-mór, de Ignacio Alves, servindo de estribeiro mór, e do veador João Pedro Carvalho de Moraes ; tomando assento em uma cadeira de espaldar collocada logo abaixo do ultimo degráo do throno ; ficarão de pé os cortezãos que acompanharão-na. Convidada a prestar o juramento, levantou-se a princeza, e com a mão sobre o evangelho repetio:

« Juro manter a religião catholica apostolica romana, e observar a constituição politica da nação brazileira e ser obediente ás leis e ao mperador.»

Lavrado o termo do juramento pelo secretario, o conde de Valença, assignarão-o a princeza e os membros presentes.

Tendo o cupim damnificado o edificio, forão as sessões celebradas de novo na casa da Relação ; e encarregado do plano e direcção da reedificação do palacete o engenheiro Miguel de Frias e Vasconcellos, levantou o edificio que ainda existe.

Em 12 de maio de 1840 o deputado Honorio Hermeto Carneiro Leão, depois visconde e marquez de Paraná, propuzera uma emenda

(1) Veja o capitulo em que vem descripta a casa de correcção.

ao voto de graças para que se supprimissem as palavras e *vendo com prazer aproximar-se a maioridade de V. M. I.*

No dia seguinte appareceu no senado o projecto declarando maior o Imperador D. Pedro II. Encetou-se a questão em ambas as casas do parlamento, e houve longas e calorosas discussões; em 18 de maio propoz Honorio Hermeto a reforma do artigo 101 da constituição, afim de que fosse declarado maior o Imperador, antes de completar desoito annos; no dia 20 vae o projecto de maioridade ao senado, e cae por dous votos.

Continuavão os debates, estava agitado o espirito publico, quando leu-se na camara dos deputados o decreto que adiava a assembléa geral para o dia 20 de novembro; exasperarão-se os animos, cresceu a agitação, houve tumulto na sala e nas galerias, e muitos deputados se dirigirão á camara vitalicia, onde se achavão reunidos alguns senadores. Enviarão os representantes da nação uma commissão de oito membros ao paço de S.Christovão para pedir ao Imperador, que entrasse desde logo no exercicio de suas attribuições. As galerias do senado e a praça da Acclamação estavão atopetadas de povo, que dava vivas á maioridade; e vierão tambem tomar parte na agitação popular os corpos da guarda nacional e os estudantes da academia militar. O Imperador depois de haver deliberado, respondeu que se as circunstancias do paiz o exigião, queria ser acclamado logo. (1)

Foi repetida esta resposta no recinto do senado no meio de vivas e applausos, e enviou-se immediatamente uma commissão ao regente, pedindo a convocação da assembléa geral para o dia seguinte 23 de julho; o regente annuio.

Os representantes da nação conservarão-se em sessão permanente até o dia seguinte, em que o Imperador seria acclamado, e prestaria o juramento; ficou toda a noite aberto o palacete do senado; na praça conservarão-se o povo e a guarda nacional, a cidade illuminou-se, e bandas de musica percorrerão as ruas, dando vivas á maioridade do monarcha.

---

(1) Em sessão do Instituto Historico, de 3 de julho de 1863, declarou o Sr. D. Pedro II que quando foi consultado para aceitar a coroa em 1840 não disse: Eu quero já, e sim respondeu como acima asseveramos.

A's 10 horas da manhã do dia 23, reunida a assembléa geral no paço do senado, o presidente marquez de Paranaguá proclamou maior a D. Pedro II, e soltou vivas á maioridade do Imperador, e ao Imperador, que forão correspondidos pelos representantes da nação e pelos expectadores.

Pouco depois das 3 horas da tarde chegou o Imperador acompanhado de suas irmãs; e dirigindo-se para o throno, prestou este juramento:

« Juro manter a religião catholica, apostolica romana, a integridade e indivisibilidade do Imperio, observar e fazer observar a constituição politica da nação brazileira, e mais leis do Imperio, e prover ao bem geral do Brazil, quanto em mim couber. »

Repetio o presidente os vivas, e o Imperador e as princezas vindo para o palacio da cidade, desfilou a tropa em continencia á vista do monarcha e da côrte.

O decreto de 18 de julho de 1841 concedeu aos senadores o tratamento de excellencia, e á commissão que ao paço enviou o senado para agradecer essa graça, disse D. Pedro II:

« Aprecio em muito os sentimentos do senado, e não perderei occasião de mostrar a minha imperial benevolencia para com os senhores representantes da nação. »

Tiverão os senadores um uniforme para os actos publicos e funcções da côrte, por decreto de 19 de janeiro de 1843.

Em 29 de julho de 1860 prestou juramento, no palacio do senado, de herdeira do throno, a princeza D. Isabel, assistindo ao acto, além dos representantes da nação, o ministerio e o corpo diplomatico; em 20 de maio de 1871 a mesma princeza prestou neste recinto o juramento de regente do Imperio na ausencia do Imperador que se retirara em passeio á Europa.

No acto da abertura e encerramento da assembléa geral o Imperador, revestido do manto imperial e sceptro, sae do palacio de S. Christovão em um coche ornado de talha dourada, e puxado por oito cavallos; a Imperatriz vem em outro carro que tem lindos lavores de prata. Rompe o prestito o carro de estado, seguem-se os carros do mordomo-mór, do estribeiro-mór, do ministro do imperio, dos semanarios da casa imperial, o corpo de cavallaria do exercito e os criados do paço. Na praça Onze de Junho está postado o corpo

de archeiros, que, ladeando o carro imperial, acompanha-o até o senado, onde fica postada uma guarda de honra. Recebido por uma commissão de senadores e deputados, cinge o Imperador a corôa, sobe ao throno, e recebendo do ministro do imperio a falla da abertura ou do encerramento, a pronuncia perante a assembléa geral. A imperatriz assiste ao acto de sua tribuna.

O primeiro imperador compareceu sempre a este acto, e o mesmo tem feito o segundo, excepto nas occasiões em que tem estado fóra do Imperio.

Pedro I nomeou cincoenta e sete senadores, o governo da regencia de 1831 a 1840 vinte e tres, e o actual soberano tem escolhido setenta e oito.

Cinco senadores têm fallecido sem tomarem assento, dous não forão admittidos pelo senado; um, o visconde de Aracaty, depois marquez, por haver sahido do Imperio sem licença, foi julgada vaga a sua cadeira, e o senador padre Domingos da Motta Teixeira pedio e obteve escusa do cargo. Actualmente o senador mais antigo é o visconde de Suassuna nomeado em 1839; todos os outros, que existem, forão eleitos no actual reinado.

Terminada esta narrativa historica convem descrever o edificio dos senadores.

Acha-se situado na face occidental da praça da Acclamação na esquina da rua do Areal. A face voltada para a praça tem cinco janellas no primeiro pavimento, e cinco no segundo divididas por pilastras com capiteis corinthios; a face que olha para a rua do Areal tem no primeiro pavimento quatro portas e quatro janellas, e no segundo oito janellas tambem separadas por pilastras. Um attico occulta o telhado. Junto á face da rua do Areal ha um sobrado de architectura diversa com tres janellas no segundo pavimento, e duas janellas e uma porta no primeiro, e é esta a entrada para o recinto do senado!

Interiormente ha a sala do relogio ornada com uma mobilia de elegante feitio, tendo sido o relogio fabricado no paiz; a sala azul com cortinas nas janellas, mobilia com estofos de seda azul, um rico aparador de acajù, espelho de moldura dourada, e um quadro da proclamação da independencia no Ypyranga; a sala amarella com cortinas nas janellas, mobilia de acajú com encosto de palhinha, o retrato

de Pedro I, feito pelo artista nacional Pedro Americo. Nestas dua salas fallão os senadores ás pessoas que os procurão. Communica-se a sala amarella com a imperial que tem as paredes vestidas de damasco verde com guarnições douradas, as portas e janellas com cortinas do mesmo damasco com borlas de ouro, uma mobilia de talha dourada com estofos de damasco verde, um espelho, um lustre de cristal, o retrato de D. Pedro II feito pelo artista Chevrel, e um tapete de lindo desenho; aqui descansa o Imperador quando abre ou fecha o parlamento. Dá entrada para o salão das sessões, de forma semi-circular, porém mui estreito, com as paredes forradas de damasco carmezim e pilastras com capiteis corinthios dourados, as quaes sustentão o entablamento; ha no tecto retratos de alguns oradores celebres; no lado fronteiro ás galerias dos espectadores estão o throno com cortinas de velludo e seda verdes, logo a baixo a mesa do presidente e defronte as cadeiras dos senadores. A tribuna da imperatriz fica ao lado direito do throno, a do corpo diplomatico do lado esquerdo, havendo mais duas menores para deputados e outras pessoas de jerarchia. Pende de uma das paredes um painel do artista Tironi representando o acto do juramento de herdeira do throno prestado pela princeza D. Isabel.

Occupava outrora a secretaria do senado um sobrado de janellas de peitoril construido no lado esquerdo, mas não no mesmo nivelamento; actualmente, porém, está no pavimento terreo do proprio edificio, assim como estão ahi o archivo, e a livraria. Ha na secretaria um busto de D. Pedro II offertado em 1839 pelo director da academia das Bellas-Artes, e o retrato do conselheiro Geraldo Leite Bastos, que nomeado official da secretaria em 17 de agosto de 1835, passou a official-maior em 30 de maio de 1846, e perecendo em 16 de junho de 1863 alguns senadores mandarão tirar-lhe o retrato para colloca-lo na secretaria.

Sendo presidente da camara vitalicia o visconde de Abaeté mandou fazer obras no edificio; no pavimento terreo abrio diversas salas occupando essa parte da casa que estava abandonada; no sobrado alterou as divisões, e de corredores escuros fez salas espaçosas e arejadas; comprou moveis, encanou agua e gaz em 1865, e foi por sua ordem e diligencia que o recinto do senado ornou-se com lindas molias, tapetes, sanefas, cortinas, espelhos, lustres, e paineis, e assim,

se o exterior é mesquinho e feio, ha no interior gosto e decencia, por se haver tornado solicito o venerando senador em aformosear o templo dos paes da patria. Exteriormente, porém, como dissemos, é este edificio pobre, irregular, sem belleza e sem architectura; no em tanto com a compra, reedificação e ornatos, gastou o governo de 1824 a 1872 316:276$838.

A instituição mais elevada do paiz, o primeiro corpo do systema representativo não deve reunir-se em uma casa de aspecto mesquinho, em um recinto estreito e feio, necessita de um monumento que no portico, nas columnas, nas magnificencias da arte indique ser o palacio dos supremos legisladores do paiz, dos principes da nação. Espelhos de pedra devem os edificios retratar em seu prospecto, as idéas, as instituições que representão, porque não é expressivo o monumento, quando não ostenta e photographa a idéa, a instituição que inspirou-o. Erija-se pois um palacio, um monumento em que o marmore, o granito e o bronze apresentem as grandezas e maravilhas da arte, e chame-se a este edificio o *paço do senado* (1)

---

(1) Appareceu na exposição de 1875 o prospecto de um grandioso e monumental edificio para palacio do corpo legislativo.

XXIX

PAÇO DA CAMARA MUNICIPAL

Com a fundação da cidade do Rio de Janeiro teve principio o corpo da camara, não se podendo marcar exatamente o anno, porque no incendio, que devorou a maior parte do archivo municipal em 1790 desappareceu o livro, que determinava o anno da fundação; não obstante, por um extracto de todos os livros que havia sido feito por um vereador, sabe-se que no livro primeiro, servido de 1566 a 1590, achavão-se registrados os provimentos e as posses de varias autoridades creadas com a cidade, entre as quaes era a do escrivão da camara provido em Diogo de Oliveira.

Confirmão esta noticia a doação das terras concedidas pelo capitão-mór Estacio de Sá, em 16 de julho de 1565, para rocio do concelho, e a posse dellas tomada em 24 do mesmo mez e anno.

O alvará de 10 de fevereiro de 1642 concedeu á camara, cidadãos e moradores da cidade do Rio de Janeiro, as mesmas honras e

privilegios, de que gozavão a camara e cidadãos da cidade do Porto, em Portugal.

O alvará de 27 de setembro de 1644 autorisou a camara a nomear governador interino, quando acontecesse fallecer o governador, e não houvesse vias que declarassem a successão.

Já em abril de 1644 a camara elegera para governador, na falta de Luiz Barbalho Bezerra, a Francisco de Souto Mayor, sem outra autoridade para isso que não fosse o bem publico; mas, como vimos, pouco depois foi-lhe conferida essa graça.

A carta regia de 5 de dezembro de 1646 mandou cumprir os privilegios concedidos em 1642, que forão confirmados pela provisão de 14 de outubro de 1670, mandados guardar pelas cartas regias de 7 de janeiro de 1709, e de 15 de novembro de 1720; a provisão de 6 de agosto de 1733 ordenou ao juiz de fóra que os fizesse cumprir, e de novo forão confirmados pelo alvará de 7 de março de 1757.

O decreto de 6 de junho de 1647 concedeu á cidade do Rio de Janeiro o titulo de leal, e permettio a camara, por ausencia do governador ou alcaide-mór da praça, fazer o officio de capitão-mór e tomar as chaves da cidade.

Por um bando, em nome do povo, tomou a camara o governo da praça, em 8 de fevereiro de 1661, conservando-o até 11 de abril do mesmo anno. Tambem, por ausencia do governador Duarte Teixeira Chaves em 1683, assumio a camara o governo, em virtude da carta regia de 17 de janeiro de 1682.

Representando a camara, em 22 de agosto de 1677, contra abusos praticados pelos jesuitas, irritarão-se estes, e seu reitor Barnabé Soares persuadio ao prelado Francisco da Silveira Dias para excommungar á camara por consentir no livre exercicio dos mangues, onde ia o povo buscar o marisco, o carangueijo, a lenha e a madeira, e aquelles padres fulminarão excommunhão sobre o povo se fizesse uso dos mesmos mangues, mas a carta regia de 4 de dezembro de 1678 ordenou ao governador fizesse conservar aos moradores a posse em que estavão dos mangues (1).

---

(1) Veja a descripção da igreja parochial de S. José.

Patenteia essa questão o zelo que manifestava a camara pelo bem publico.

Sabendo el-rei que soffrião os vereadores palavras injuriosas, e outras offensas dos governadores, quando não lhes concedião o que não era da lei, ordenou, em 7 de novembro de 1685, que os vereadores não pudessem ser presos nem vexados durante seus cargos, salvo nos casos comprehendidos nas leis e ordenações do reino, e que se guardassem os privilegios, que havião-lhe sido concedidos.

Em tempos differentes concorrera a camara para se construir a fortaleza da Lage, e reparar as de Santa Cruz, Garagoatá e Villegaignon, cujos serviços o rei agradeceu em cartas de 30 de outubro de 1695 e 10 de novembro de 1696, enviando em recompensa seis peças de artilheria para defeza da cidade.

Não tendo a camara casa propria, o governo mandou applicar, pela carta regia de 10 de dezembro de 1701, a quantia de 1:600$000 para erigir-se um edificio capaz e digno da respeitavel corporação, e igual quantia para a construcção da cadeia; em 27 de fevereiro de 1717 ordenou que para construcção desses edificios se concedesse 1:000$000 em cada um de tres annos succesivos, que a camara de suas rendas contribuisse com 400$000 por cada anno do triennio; a carta de 26 de dezembro de 1718 augmentou estas consignações com 1:000$000 de qualquer rendimento, excepto o da casa da moeda; e a ordem de 24 de janeiro de 1721 estendeu essa prestação por tres annos.

Feito o orçamento e arrematada a obra do edificio da camara e cadeia, conforme a nova planta levantada em 1729, parece que já em 1733 achava-se mui adiantado o edificio, porque a provisão de 28 de outubro de 1733 mandou applicar á fortificação da praça da Colonia os 5,000 cruzados, que havião sido destinados para a construcção da cadeia; mas continuou a trabalhar-se neste edificio, pois a ordem de 5 de novembro de 1735 declarou se applicasse para a obra da casa da camara a quantia de 4:525$252, que se achavão em ser da consignação para o soldo dos governadores, e a provisão de 16 de abril de 1747 determinou que a camara concorresse para ella com 400$000.

A carta regia de 19 de fevereiro de 1720, mandou o cabido da sé dar ductos á camara nas festas reaes, quando a ellas assistisse em

corporação; e o decreto de 2 de julho de 1725 regulou os assentos dos vereadores nas igrejas, onde assistissem o bispo e o cabido. E acontecendo que o chanceller e os desembargadores da Relação desta cidade tomassem os lugares, que competião á camara, celebrando-se na cathedral um triduo, em festejo do casamento da princeza D. Maria com seu tio o infante D. Pedro, veio a carta regia de 4 de novembro de 1761 censurando o procedimento do chanceller e desembargadores.

A carta regia de 22 de maio de 1734 mandou observar o estylo de darem os parochos ou seus coadjuctores agua benta á camara.

A ordem de 20 de janeiro de 1736 declarou que os officiaes da camara não devião ser obrigados a visitar os governadores em corpo de camara, quando não houvesse ordem expressa que assim o determinasse.

A provisão de 6 de setembro de 1745 ordenou que a camara teria o lugar immediato ao governador assistindo a alguma festividade religiosa, e a de 27 de junho de 1748 declarou que na festa de Santa Isabel, se devia tomar a venia á camara, e não ao governador, estando encorporada com a mesa da Misericordia.

A provisão de 11 de março de 1748 fez mercê á camara de se denominar senado, declarando ao mesmo tempo as formalidades de seus despachos, e os lugares em que os havia de lançar, abaixo dos requerimentos, a exemplo da camara de Lisboa, evitando desse modo que se dessem queixas semelhantes ás da camara da Bahia contra os desembargadores daquella Relação, por havel-a reprehendido em um accordão no uso de pôr despachos no alto das petições, cuja prerogativa só competia a Sua Magestade ou aos tribunaes, que despachassem em seu nome.

O despacho de 6 de fevereiro de 1818 deu á camara o tratamento de senhoria, e o juiz de fóra e vereadores de então forão nomeados fidalgos cavalleiros, e o procurador e escrivão commendadores da ordem de Christo.

Em 21 de junho de 1822 o principe D. Pedro concedeu ao senado da camara a entrada na sala do docel, quando comparecesse no paço em corpo de camara, e o decreto de 9 de janeiro de 1823 deu-lhe o tratamento de illustrissima.

Estas e outras honras e privilegios davão grande importancia e

prestigio á municipalidade, cujas regalias erão immensas, extensa sua alçada, e grande sua preponderancia. E semelhantes privilegios e garantias havião sido concedidos em troca de bons serviços.

Nas circumstancias mais melindrosas do paiz, no estado mais critico e precario do povo, era o senado da camara que lembrava a providencia mais util, delle partia o primeiro recurso ; se era necessario construir-se uma fortaleza, concertar outra, fornecia a camara o dinheiro; estabelecendo contractos como os dos subsidios grande e pequeno dos vinhos, das aguas ardentes, do tabaco, do azeite doce e outros obtinha dinheiro para pagar o ordenado dos governadores, o soldo da tropa, para fortificar a praça, formar expedições e armar esquadras; se tinha de enviar-se algum donativo para Portugal agenciava á camara o dinheiro; se o povo soffria, se havia alguma calamidade publica, advogava os interesses dos cidadãos, escrevendo ao rei, enviando emissarios a Lisboa ; lembrava as providencias uteis, as obras necessarias, esforçava-se por exterminar abusos, e mantinha a paz e a felicidade publicas.

E não é preciso sacudir o pó dos livros antigos, percorrer as chronicas de eras mui remotas para numerar serviços importantes do senado da camara.

Foi o senado da camara que foi pedir ao principe D. Pedro que se não embarcasse na fragata União, que devia transporta-lo a Lisboa, conforme as ordens trazidas pelo brigue S. Sebastião. Em 9 de janeiro de 1822 ouvio o principe a falla do presidente do senado, e depois de uma resposta dubia, que não agradou aos Brazileiros, pronunciou as seguintes palavras :

« Como é para bem de todos e felicidade geral da nação estou prompto ; diga ao povo que fico.»

Desobedecendo aos decretos das côrtes, unio-se D. Pedro aos Brazileiros, e preparou a independencia do Brazil. (1)

Foi a camara que, em 13 de maio de 1822, offereceu ao principe D. Pedro, em nome do povo, o titulo e encargo de defensor perpetuo do Brazil, que o principe aceitou para si e seus successores ; em 23 de maio de 1822 requereu a D. Pedro a prompta convocação

---

(1) Veja a memoria intitulada — O dia 9 de janeiro de 1822 no tomo 31 da Revista do Instituto Historico.

de uma assembléa geral de representantes de todas as provincias; e em 5 de janeiro de 1824 pedio ao imperador dia e hora para se jurar a constituição do Imperio.

Era o mez de janeiro a quadra dos grandes serviços do senado da camara; em 4 de janeiro de 1822 pedira ao principe a execução de uma lei de liberdade de imprensa, cinco dias depois supplicara-lhe que não deixasse o Brazil, e tendo assim pedido a liberdade e a monarchia independente da metropole, pedio em 1824 a constituição. Em 1825 propoz erigir uma estatua equestre a D. Pedro I e decorridos trinta e sete annos realizou seu intento.

Compunha-se o antigo senado da camara de tres vereadores e de um procurador, tinha um escrivão, diversos officiaes, e dous juizes almotaceis, que servião durante tres mezes. O juiz de fóra era o presidente do senado, e o primeiro que occupou este cargo foi Francisco Leitão de Carvalho, nomeado por carta de 14 de março de 1703. A ordem de 28 de fevereiro do mesmo anno consignou-lhe 200$000 de ordenado, e a de 2 de março seguinte 50$000 de ajuda de custo; a provisão de 18 de março de 1729 mandou dar-lhe 40$000 de aposentadoria annual; a de 15 de julho de 1816 determinou que o juiz de fora não podia intrometter-se na jurisdicção da camara, e, intendendo que ella procedia mal, ficar-lhe-hia recurso de dar conta ao desembargo do paço.

Este cargo foi extincto pelo codigo do processo criminal.

Os vereadores e almotaceis usavão de calção preto, meia e collete da mesma côr, de capa e volta, trazião os primeiros vara branca, e os segundos vara vermelha. Nos grandes actos publicos usavão os vereadores de collete branco, meia da mesma côr e chapeo meio abado com plumas brancas.

Quando se tinha de annunciar algum festejo real ou acontecimento de publico regosijo sahião em bando os officiaes e almotaceis, percorrião as ruas a cavallo, e procedião nos lugares publicos á leitura do edital, que annunciava a festividade. Se a camara sahia encorporada para ir ao paço em dias de cortejo, ou para assistir á solemnidades religiosas, era o procurador quem levava o estandarte; em certas funcções religiosas recebião os vereadores algumas libras de cera.

Os vereadores servião por um anno. De tres em tres annos reunião-se conjunctamente com os que já tinhão sido vereadores, com os

homens bons, e presididos pelo ouvidor da comarca, formavão uma lista dos cidadãos aptos para serem vereadores. Desta lista tiravão-se doze nomes com os quaes se formavão tres listas de quatro nomes; chamava-se a este processo *limpar a pauta*. Estas tres listas, designando cada uma tres vereadores e um procurador, depois de lacradas, erão enviadas á camara, no mez de dezembro, collocavão-nas em uma urna, donde um menino tirava á sorte quaes os vereadores, que devião servir no anno seguinte; chamava-se a isto *fazer pelouro*. Conhecidos os novos vereadores, participava-lhes a camara que viessem tomar posse em 7 de janeiro. No segundo anno praticava-se o mesmo processo, e no terceiro não era mais necessario tirar á sorte, porque só havia uma lista, que indicava os vereadores para esse anno. Os vereadores erão classificados por suas idades; o mais velho era o primeiro, substituia o juiz de fóra em seus impedimentos, recebendo então o titulo de juiz de fóra pela lei. Quando vagava algum lugar de vereador era chamado para preenchel-o qualquer cidadão que já houvesse exercido semelhante cargo, e dava-se o nome de *vereador de barrete* a este substituto, que ainda que fosse o mais moço, ia occupar o lugar do vereador mais velho, se porventura fôra este que vagara (1).

Os juizes almotaceis tinhão jurisdicção contenciosa em causas de pequenos valores, nos embargos de obras novas, e nas condemnações por infracções de posturas, para o que sahião em correcção com o arrematante das rendas da camara, que preenchia as funcções dos actuaes fiscaes; fiscalisavão a matança do gado, e tinhão como propina certa quantidade de linguas de rezes, que se matavão ao sabbado.

A lei de 1º de outubro de 1828 reformou o antigo senado da camara; determinou que as camaras das cidades se comporião de nove membros e de um secretario; que a eleição de vereadores far-se-hia de quatro em quatro annos, no dia 7 de setembro, em todas

---

(1) Em 1707 dirigirão os Portuguezes residentes no Rio de Janeiro uma representação ao rei queixando-se do procedimento que contra elles tinhão os filhos da terra nas eleições dos officiaes do senado da camara, como se póde ver no vol. 10 da Revista do Instituto Historico pag. 108.

as parochias dos respectivos termos das cidades, nos lugares em que as camaras designassem, o que quinze dias antes annunciarião por editaes affixados nas portas principaes das ditas parochias; que terião voto na eleição de vereadores os que tivessem-no na nomeação dos eleitores de parochia, conforme determina a constituição, e que poderião ser vereadores todos que podessem votar nas assembléas parochiaes, tendo dous annos de domicilio dentro do termo etc.

Determinou o seguinte processo de eleição de vereadores:

Formadas as mesas parochiaes procede-se a chamada dos votantes, apresentando cada cidadão uma lista de nove nomes para vereadores e uma para juizes de paz; recolhidas as cedulas, procede-se á apuração, e levado á camara municipal o resultado da eleição de cada freguezia, prepara a camara a apuração geral, e então declara vereadores os nove cidadãos mais votados, sendo designado para presidente o que recolher maior numero de votos. Enviados os diplomas aos novos vereadores, são estes convidados a tomar assento em 7 de janeiro, prestando o seguinte juramento:

« Juro aos Santos Evangelhos desempenhar as obrigações de vereador da cidade de.... promover quanto em mim couber os meios de sustentar a felicidade publica.

Os vereadores podem ser reeleitos, mas podem escusar-se sendo a reeleição immediata; não recebem do thesouro remuneração alguma do cargo que exercem (1).

Posta em execução a lei de 1º de outubro installou-se a primeira camara municipal em 16 de janeiro de 1830, havendo na tarde desse dia um *Te-Deum* na igreja de Sant'Anna, mandado celebrar pelo povo em acção de graças pela installação de tão util e liberal corporação; orou no acto o padre Marcellino Pinto Ribeiro Duarte, cujo discurso foi impresso gratuitamente na typographia da *Astréa* na rua da Alfandega. Apezar de estar o tempo chuvoso foi a ceremonia mui concorrida, e logo que os vereadores sahirão do paço municipal estalarão no ar mais de trinta girandolas de foguetes, e seguidos de muito povo chegarão á igreja.

---

(1) O decreto n. 2675 de 20 de outubro de 1875 reformou o systema eleitoral.

Eis os nomes dos vereadores e supplentes da primeira camara municipal:

Bento de Oliveira Braga, presidente.
Antonio Pereira Pinto.
José Pereira da Silva Manoel.
Francisco Luiz da Costa Guimarães.
Henrique José de Araujo.
Francisco Antonio Leite.
Joaquim José Pereira de Faro.
Antonio José Ribeiro da Cunha.
José de Carvalho Ribeiro.

Supplentes que tiverão exercicio:

Simplicio da Silva Nepomuceno.
João José da Cunha.
Joaquim José da Silva.
Antonio Gomes de Brito.
João Silveira do Pilar.
Domingos Carvalho de Sá.
Venancio José Lisboa.
João Martins Lourenço Vianna.
Manoel dos Passos Corrêa.
Manoel da Cunha Barbosa.
Manoel Lopes Pereira Bahia.
Manoel Gomes de Oliveira Couto.
Todos estes cidadãos são fallecidos.

Concedeu a lei de 1 de outubro extensas attribuições ás camaras municipaes; estavão sob sua alçada a inspecção directa das cadeias e carceres civis e ecclesiasticos; a distribuição da instrucção primaria, o seminario de S. Joaquim, hoje collegio de Pedro II; competião-lhes dar parte annualmente, ou quando lhes conviessem, das infracções da constituição, e das prevaricações e negligencias dos empregados publicos; emfim estavão a seu cargo tudo que diz respeito á policia e economia das povoações e seus termos, pelo que vê-se quanto era ampla sua jurisdicção. Entretanto com o andar do tempo foi a camara desprezando suas prerogativas e privilegios; o ministerio do imperio foi-lhe usurpando de dia para dia seus direitos, e tendo poucos rendimen-

tos e diante de si as necessidades urgentes de uma grande capital, que vae em augmento quotidiano, porém pouco podendo fazer, começou a camara a cahir na censura, no desagrado publico ; deixou de ser respeitado o cargo de vereador, e por isso decahio e mereceu o menoscabo publico esta corporação.

Comprehendemos que a camara municipal não podia gozar actualmente de todas as prerogativas do antigo senado, pois seria estabelecer um estado no estado, e dar a uma só corporação attribuições que, pelo systema que nos rege, devem estar divididas ; todavia julgamos que, reformada a municipalidade, podia ainda prestar bons e uteis serviços. Que defeituosa é sua organização já o tem reconhecido o governo do paiz mais de uma vez. Na falla com que o Imperador abrio a terceira sessão da decima legislatura, em 10 de maio de 1859, lê-se o seguinte :

«A instituição das municipalidades não tem produzido ainda todas as vantagens e beneficios que della se devião esperar.

Tornar a acção destas corporações mais activa e efficaz, como requerem as necessidades sempre crescentes de administração e policia de nossas capitaes, cidades e villas, é uma das medidas, que mais se recommendão a nossa consideração. »

A antiga casa da camara cadeia era, como já dissemos, na rua da Misericordia no edificio occupado actualmente pela camara dos deputados ; estavão as prisões no pavimento terreo, excepto a sala livre que era no superior occupado pelo senado da camara ; antes, porém, de 1790 deixara a camara essa casa e fôra occupar o predio pertencente ao Dr. Francisco Telles Barreto de Menezes, edificado na praça do Carmo, na esquina da rua conhecida mais tarde com o nome de rua do Mercado, e viera a Relação celebrar suas sessões naquelle antigo edificio que ficou conhecido com o nome de casa das audiencias.

A's duas horas da manhã de 20 de julho de 1790 um incendio devorou a casa onde se reunia o senado da camara ; começou nas lojas, onde residia um individuo chamado Francisco Xavier, que tinha ahí um belchior, e por esse mesquinho negocio davão-lhe uma alcunha que a decencia manda calar ; baldados forão os esforços para apagar o incendio que destruio os predios velhos e arruinados que se estendião até o Arco do Telles ; desappareceu nas chammas

a maior parte do archivo municipal, contendo livros importantes á historia da cidade do Rio de Janeiro, salvando-se apenas os que estavão com o escrivão da camara e com o juiz de fóra Dr. Balthazar da Silva Lisboa ; e assim consumio o fogo documentos preciosos ao estudo dos tempos coloniaes.

Levado pela cubiça não quiz Francisco Xavier afastar-se em tempo do incendio, de sorte que pereceu nas chammas juntamente com uma creança. Salvarão-se a imagem de S. Sebastião, que guardava-se no paço municipal, por estar na officina de Antonio José Castrioto, afim de adornal-a para o dia da festividade, e o estandarte municipal, por achar-se em casa do procurador Manoel de Souza Murelli, para por esse concertar outro estandarte mais antigo.

Quatro dias depois do incendio a camara participou ao vice-rei o acontecimento, e a destruição do archivo, e pedio-lhe permissão para extrahir dos livros da secretaria alguns documentos, que podessem servir-lhe ; e em 29 de julho respondeu o vice-rei permittindo a copia dos documentos (1).

Começou a camara a celebrar suas sessões em casa do ouvidor da comarca, na rua do Ouvidor, e depois regressou á sua primitiva residencia, na rua da Misericordia ; mas annunciada a vinda da familia de Bragança para o Rio de Janeiro, deixou o paço municipal para augmento do palacio do rei, e foi aboletar-se na casa de Domingos Francisco de Araujo Roso, na rua Direita n. 8, cujo aluguel principiou em 26 de janeiro de 1808.

Quando desembarcou a familia real no Rio de Janeiro erão vereadores Manoel José da Costa, Francisco Xavier Pires, Manoel Pinheiro Guimarães, procurador José Luiz Alvares e presidente Agostinho Petra de Bettencourt.

Em vereação de 30 de setembro de 1809 declarou o procurador ao senado da camara que arrendára o consistorio da igreja do Rosario por 329$650 por anno, principiando de 16 do dito mez, para paço municipal ; de feito transferio-se para alli, onde conservou-se até 6 de junho de 1812 ; mas estando damnificada pelo tempo a casa

(1) V. Tombo das terras municipaes pelo Dr. Haddock Lobo, volume 1.

do consistorio, em 27 de maio determinou a camara ao seu procurador que visse outra casa para vereação, e alugado o predio da rua do Rosario n. 78 pela quantia de 519$000, para elle se passárão os vereadores. Desta casa regressárão para o consistorio da igreja do Rosario em 17 de maio de 1820, e ahi permanecerão até 12 de julho de 1825 (1).

Não tendo o senado da camara edificio proprio para celebrar suas sessões, residindo em casas alugadas, resolveu construir um paço municipal ; em 20 de julho de 1816 o vereador Francisco de Souza e Oliveira apresentou a proposta da construcção do palacio municipal, a qual sendo approvada resolvêrão os vereadores leval-a ao conhecimento do rei, mas tratarão logo da escolha do terreno e do levantamento da planta.

Em 30 de outubro determinou-se officiar a el-rei sobre a proposta de Francisco de Oliveira, e em 14 de novembro el-rei approvou o plano da obra. Em 19 de janeiro de 1817 o procurador pedio para as obras da casa municipal as madeiras, que tinhão servido nas exequias de D. Maria I, e como primeira prestação para construcção do edificio, mandou a camara passar a quantia de 1:200$000 para o cofre das obras, e em 12 de fevereiro ordenou se entregasse ao vereador Francisco de Souza e Oliveira a quantia de 128$000 para pagamento do desenho do edificio, cuja construcção começou nesse anno.

Estiverão algum tempo paradas as obras; concorrendo, porém, alguns cidadãos com avultadas quantias, continuarão com promptidão, de sorte que em 1825 estava concluida a maior parte do edificio ; em 28 de maio pintou-se, e em julho installou-se nelle o senado da camara; ahi conservou-se até 1874, mas achando-se mui arruinado pelo cupim, teve de deixa-lo, retirando-se temporariamente para o sobrado da rua do Conde d'Eu, na esquina da praça da Acclamação.

Em dezembro de 1875 começou-se a demolir este edificio, e em 1876 deu-se principio, no mesmo lugar, á construcção de um palacio mais vasto e elegante para a municipalidade.

O antigo paço municipal era uma casa quasi quadrangular, edifi-

---

(2) Veja os recibos existentes no archivo municipal.

cada na face oriental da praça da Acclamação, entre as ruas do General Camara e de S. Pedro, tendo de cada lado um jardim com gradil de ferro, que se estendia até a esquina daquellas ruas. Constava de dous pavimentos, divididos cada um em tres corpos; o corpo central mais saliente apresentava o portico com uma escada semicircular de tres degráos e duas janellas de peitoril no primeiro pavimento, tres janellas com uma varanda de ferro de uma só peça no segundo, o frontão recto e no tympano as armas do Imperio de metal amarello.

Logo que deu-se principio a este edificio fez-se uma corôa portugueza de marmore branco para collocar-se na fachada; mas concluida a obra quando o Brazil já era imperio, não pôde servir a corôa portugueza, que conservou-se muitos annos em um canto dos jardins lateraes.

Constavão os corpos lateraes de uma porta com uma escada semicircular de tres degráos e duas janellas de peitoril no primeiro pavimento, e tres janellas de sacada no segundo.

A face voltada para a rua do General Camara apresentava seis janellas de peitoril e uma porta no primeiro pavimento, e sete janellas no segundo, sendo uma de sacada e as outras de peitoril; a face opposta era igual, mas no primeiro pavimento havia duas portas.

Na face do fundo abrião-se sete janellas no segundo pavimento, tendo sido embargadas duas pelo morador visinho, por não ficarem distantes do seu muro no espaço marcado pela lei.

Occupavão o pavimento terreo a thesouraria, a directoria de obras, o instituto vaccinico e o archivo.

Vião-se no archivo o antigo pallio de seda amarella, que servia na procissão de S. Sebastião; o pallio de seda branca bordado a ouro sob o qual Pedro I veio no dia de sua acclamação do palacete do campo de Sant'Anna para a capella imperial; os antigos estandartes da camara no tempo que o Brazil era colonia, e dous feitos depois da epocha da independencia; os primeiros de seda branca, tendo de um lado a corôa portugueza, e do outro a imagem de S. Sebastião, e as armas da cidade, e os ultimos de seda verde com a corôa nacional e a imagem de S. Sebastião; as varas de que usavão os vereadores e almotaceis, e uma estante em fórma de oratorio, com diversos livros tendo na parte superior escripta deste modo a palavra — *Arquivo.*

O archivo communicava por uma porta com o instituto vacci-

nico, creado em 1811, sob a inspecção do intendente geral da policia e do physico mór. Em 1804 appareceu pela primeira vez no Rio de Janeiro o virus vaccinico; mas foi em 1811 que se começou a fazer um acentamento regular dos vaccinados. Estabelecido a principio no consistorio da igreja do Rosario, depois no paço municipal, acha-se actualmente no predio do governo, na rua dos Ourives n. 1.

Na sala principal deste instituto vê-se um busto de marmore sobre um pedestal tambem de marmore, com esta inscripção:
« Felisberto Caldeira Brant, Marquez de Barbacena, introduzio a vaccina no Brazil em 1804. Offerta de sua filha a Viscondessa de Santo Amaro ao Instituto Vaccinico do Rio de Janeiro, em 8 de Fevereiro de 1860. »

Outr'ora funccionou no pavimento terreo do paço municipal o tribunal do jury, que em 1857 foi transferido para o pavimento superior da casa do Aljube, onde ainda se acha; e em 1855, por occasião da epidemia da cholera morbus, estabelecerão-se enfermarias militares nas salas do primeiro pavimento do paço da camara, e uma enfermaria para os pobres creada pelos vereadores. Uma escada de pedra de quatorze degraus conduzia ao segundo pavimento, onde havia a sala de espera, a de S Sebastião com um painel deste santo, e onde desde 14 de outubro de 1861 a academia imperial de medicina celebrava suas sessões, a sala das sessões ornada e pintada em setemdro de 1854, por occasião da inauguração do retrato de D. Pedro II, feito pelo artista nacional Francisco de Souza Lobo e collocado na cabeceira da sala em 2 de dezembro de 1854.

Essa sala era pintada a fresco; via-se no centro do tecto um painel representando o Brazil, o commercio, a industria e a abundancia, com as insignias imperiaes, e sentado no throno recebia o Brazil ao commercio e á industria, que apresentavão-lhe a abundancia; ladeavão este painel as armas do Imperio e as armas da cidade do Rio de Janeiro. O arqueamento do tecto era occupado do um lado por tres medalhões que encerravão os retratos de Estacio de Sá, primeiro governador e fundador da cidade de S. Sebastião, de D. Pedro I, primeiro imperador do Brazil, e de José Bonifacio de Andrade e Silva, primeiro ministro depois da independencia; de outro lado os medalhões continhão os retratos de Luiz de Vasconcellos, do conde de Bobadella e de D. João VI; entre os medalhões havia um ornato fingindo baixo-

relevo, vendo-se de um lado o commercio e as artes, e do outro a navegação e a agricultura. Na sanca do tecto, nas cabeceiras da sala, via-se de um lado um painel representando a força sob a allegoria de um leão brincando com cinco meninos, e do lado opposto outro simulando a justiça sob a allegoria de cinco meninos, um vendado com a espada e a balança, outro lendo, outro escrevendo, este ouvindo, e aquelle outro com um facho na mão.

Da parede do lado direito pendião dous retratos, o de D. Pedro I e o de Gomes Freire de Andrade; o primeiro pintado por Simplicio Rodrigues de Sá, e collocado na cabeceira da sala por deliberação tomada em sessão extraordinaria de 4 de junho de 1825, depois de obtida a licença do soberano; mas nos dias de commoção e anarchia, que se seguirão á revolução de 7 de abril de 1831, alguns exaltados, que não comprehendião liberdade sem ordem, amaldiçoando o passado glorioso do paiz, apearão de seu lugar de honra o retrato do imperador, que já havia deixado o paiz. Tambem em 1873 os communistas francezes arrancarão do apice da columna Vandome a estatua do imperador Napoleão e destruirão-na.

Mas em 1837 a camara reparou a injustiça praticada com o fundador do Imperio, mandando restaurar seu retrato pelo artista Carlos Luiz do Nascimento, e collocal-o na sala das sessões.

O retrato de Gomes Freire de Andrade, pintado por Manoel da Cunha, foi restaurado em 1842 por Carlos Luiz do Nascimento. Tem na parte inferior esta inscripção:

« Gomes Freire de Andrade do Conselho de S. M. Mestre de Campo General de seus exercitos, Vice-Rei e Capitão General das Capitanias do Rio de Janeiro, Minas-Geraes, Matto-Grosso e S. Paulo.

Arte regit populos, bello præcepta ministrat,

Mavortem cernis milite, pace Numam ».

Apezar da provisão de 10 de janeiro de 1689 haver prohibido que se collocassem pinturas, estatuas ou memorias semelhantes de algum governador em lugares publicos, permettio o rei, em 13 de agosto de 1760, que se collocasse, e perpetuamente se conservasse no senado da camara desta cidade, o retrato de Gomes Freire de Andrade, para estimulo e exemplo dos futuros governadores.

As cadeiras e canapés de gosto antigo, que ornavão esta sala, pertencerão ao antigo senado da camara, excepto a do presidente que

foi dos jesuitas; e a mesa em fórma de bilhar póde ser desmanchada quando se quizer dar mais extensão a sala.

Estavão no pavimento superior do edificio a contadoria e a secretaria.

Sem belleza, nem architectura parecia este edificio uma casa particular, e era acanhado por haver-se inutilisado muito terreno com os jardins lateraes; felizmente trata-se de erguer um palacio digno da municipalidade; e assim deve ser, pois o paço municipal é daquelles edificios que mais attrahem a attenção dos estrangeiros. O hotel de Ville, incendiado pelos communistas, era um palacio que podia acommodar mais de cinco mil pessoas, e no reinado de Napoleão III gastarão-se mais de quinze milhões de francos em obras, ornatos, decorações, pinturas, mobilias e mais objectos deste monumento. E' certo que não era occupado só pela municipalidade; porém tambem o paço municipal da capital do Imperio, sendo vasto, póde abrigar o tribunal do jury, o instituto vaccinico, a junta de hygiene, e as sociedades litterarias e scientificas.

E' necessario que a capital do Brazil possua edificios monumentaes para apresentar o aspecto pomposo das capitaes da Europa; nos edificios grandiosos lê-se a historia dos povos; diz o escriptor nacional Porto Alegre;

« Não ha uma pedra posta pela mão do homem no centro de suas cidades, que não exprima uma idéa, que não represente uma lettra do alphabeto da civilisação. »

E' o engenheiro José de Souza Monteiro o autor do plano do palacio municipal, cuja construcção principia agora.

Deve a frontaria deste monumento constar de tres corpos; o central mais saliente, com tres portas e duas janellas de peitoril no primeiro pavimento, cinco janellas com balaustres de marmore no segundo, cinco janellas com sacadas de marmore no terceiro, um attico ornamentado com figuras, e no centro as armas da cidade; os lateraes com tres janellas de peitoril no primeiro pavimento e tres com balaustres de marmore no segundo, seguindo-se o attico sustentando vasos de marmore. Entre as janellas elevão-se pilastras com capiteis de phantasia; em frente ás tres portas centraes ha uma escadaria corrida; as janellas e portas do primeiro pavimento são de archivolta, as dos outros pavimentos de verga direita, ornando as do

segundo frontões curvos; o primeiro pavimento revestido de cantaria apresenta na parte inferior mesaninos de forma elegante.

As faces voltadas para as ruas lateraes devem ter uma porta com escada de pedra e duas janellas de peitoril no primeiro pavimento, e tres janellas no segundo, seguindo-se o attico e ornatos convenientes.

O palacio deve abranger o espaço de rua a rua; mas como o terreno é irregular, de um lado ou de outro, ficará um pequeno jardim.

O decreto de 26 de agosto de 1857 concedeu aos vereadores, para os actos solemnes da camara e da côrte, o uniforme seguinte, farda verde direita com oito botões, bordada na golla, no peito, punhos e nas costas junto aos botões, collete branco com botões amarellos, cinto de velludo verde bordado, e borlas de ouro, calça de casimira branca com galão, espadim e chapéo com plumas brancas.

Em 1859 creou a camara municipal o periodico intitulado Archivo Municipal, publicado por Francisco de Paula Brito, no qual encontrão-se muitos documentos grupados sob certa ordem e apartados de toda outra materia extranha; mas, corridos alguns annos, desappareceu esse periodico, e desde então publicão-se nas folhas diarias as actas das sessões.

O vereador Dr. Domingos de Azeredo Coutinho de Duque Estrada leu em sessão de 25 de maio de 1860 a proposta e estatutos de uma caixa de soccorros publicos; em sessão do dia 30 foi a proposta unanimimente approvada, e em 29 de julho, em presença de SS.MM., installou-se a caixa municipal de beneficencia do municipio da côrte. O provedor desta associação é o Dr. Duque Estrada, seu digno fundador; em cada freguezia ha uma commissão de prestantes cidadãos encarregada de promover o augmento da caixa municipal, que dá mensalidades a familias pobres, e dota annualmente com 2:000$000 uma moça pobre, de exemplar conducta, que se casa.

Tem esta humanitaria sociedade se incumbido de promover o consorcio de moças pobres, de honrado comportamento, dotando-as, de attenuar os soffrimentos das familias dos militares, empregados publicos e artistas, e de fundar um asylo de mendigos. (1)

---

(1) Em 1871 a princeza regente D. Isabel collocou a pedra fundamental do asylo de mendigos no arrabalde de S. Christovão.

Enxugar o pranto da miseria, estender a mão ao indigente, levar soccorro ao enfermo, pão ao pobre, roupa ao orfão, vida ao engeitado, afastar a donzella da prostituição, a mulher da vergonha, o desgraçado do crime são os mais santos encargos, que se podem cumprir perante Deus e os homens.

Em auxilio da caixa municipal fundou o Dr. Duque Estrada a congregação de Santa Thereza de Jesus, installada em 15 de outubro de 1861, no paço municipal, sendo eleita superiora geral a baroneza de Gurupy, secretária e thesoureira D. Rita Pinto Martins Bernardes e D. Urbana Candida Felisbina dos Reis Perdigão.

Procedendo-se em 7 de setembro de 1860 á eleição de vereadores, sahirão eleitos o tenente-coronel de engenheiros Manoel de Frias e Vasconcellos, e o tenente assistente do cirurgião-mór do exercito Dr. Adolfo Bezerra de Menezes. Consultando a camara ao governo em 10 de outubro, sobre essa eleição, decidio o conselho de Estado, em 30 de novembro, que de conformidade com o preceito do decreto legislativo de 25 de junho de 1831, que confirmou o que o governo expedio em 21 de janeiro de 1830, para a execução das leis então em vigor, não podião aquelles cidadãos exercer o cargo de vereador, pois que o desempenho das funcções deste cargo era incompativel com o serviço dos militares da primeira linha do exercito.

Em conformidade dessa decisão forão excluidos aquelles cidadãos; mas exonerado a seu pedido do lugar de medico militar, tomou o Dr. Bezerra posse do cargo de vereador em 9 de abril de 1861.

Suspensos e mandados responsabilisar os vereadores de 1873 pelo ministerio de agricultura, por não haverem cumprido um aviso do mesmo ministerio, forão absolvidos pela Relação, e em 24 de outubro do referido anno reassumirão seus lugares, começando por dimittirem os fiscaes nomeados pelos supplentes liberaes, reintegrar os antigos, e dimittirem os addidos ás repartições municipaes, nomeados pelos mencionados supplentes.

Em 2 de dezembro de 1876 inaugurou-se no paço municipal uma bibliotheca popular, creada por proposta do presidente Antonio Barroso Pereira, a qual conta já 14,000 volumes.

Consta a secretaria da camara de um secretario, dous chefes de secção, quatro officiaes, um porteiro e dous continuos: a contadoria de um contador, dous chefes de secção, seis officiaes e um continuo;

a directoria de obras de um director da primeira secção e inspector das marinhas, um dito da segunda, dous escripturarios e dous avaliadores e arruadores de terrenos. Há um thesoureiro, um escrivão, um advogado, um procurador; cada freguezia tem um fiscal e guardas pagos pela municipalidade, excepto a da Lagôa que tem dous, um para cada districto.

Determinou a lei de 1 de outubro de 1828 que em cada anno fossem quatro as sessões ordinarias, que durarião os dias que fossem precisos, nunca menos de seis, mas para tornar o trabalho menos fastidioso, resolveu-se que houvesse sessão nos dias designados pela camara, durando cada sessão quatro horas, em cumprimento da lei citada. Actualmente ha duas sessões cada mez.

A receita da camara municipal eleva-se actualmente á pouco mais de mil contos, e em igual somma anda a despeza.

Todos reconhecem que a cidade do Rio de Janeiro ainda não é tão limpa e asseiada como deve ser uma grande capital; não ha serio cuidado nos preceitos hygienicos, em remover o lixo, as immundicias, em varrer e irrigar as ruas, em aterrar os pantanos, em sombrear de arvoredo as ruas e praças, e aformosear a cidade, melhorar suas condições locaes, suas habitações, suas praças e jardins. Desculpa-se a camara de pouco emprehender, por lhe não sobrarem auxilios do governo, por ter mesquinho orçamento á vista das necessidades que reclama uma grande capital, o maior municipio do Imperio; mas parece que se interesses pessoaes e politicos não arredassem os vereadores de seus deveres, se houvesse mais zelo e dedicação pelo serviço publico, a municipalidade teria conservado o prestigio de que gozou em tempos já idos.

Por faltarem a camara recursos para todos os encargos que são de sua competencia, tem o governo chamado a si attribuições municipaes, assim a limpeza e irrigação da cidade estão a cargo do ministerio do imperio.

Este systema ha contribuido para o descredito da instituição municipal; que enfraquecida e nullificada, tem cahido na indifferença publica e merecido censuras mais ou menos justas.

Parecia que seria mais conveniente dar o governo uma organisação especial á municipalidade do Rio de Janeiro, que por sua exten-

são, população, commercio, industria e riqueza, devia ter uma camara municipal especial e importante na ordem administrativa.

Fallando da camara municipal da côrte disse o ministro José Antonio Saraira no relatorio de 1861:

«Uma lei de que lhe proviesse mais vida, dando-lhe mais unidade e energia de acção, seria á um grande bem, antes mesmo de se lhe fornecer mais recursos e mais meios de beneficiar os povos.»

A instituição municipal é um elemento de ordem e de liberdade publica, e a mais habilitada para conhecer os melhoramentos de que necessitão as localidades ; e por isso dar-lhe importancia e consideração é habilital-a á cumprir sua missão, e tornal-a digna representante do povo.

Entre as importantes attribuições da camara municipal nota-se o abastecimento de carnes verdes.

Era o antigo matadouro na praia de Santa-Luzia, na casa que serve actualmente de asylo de mendigos. Houve tambem um matadouro na cidade nova.

Collocado no centro da povoação em lugar em que os ventos constantes do mar acarretavão para dentro da povoação as exhalações putridas, era o antigo matadouro um foco de infecção, pelo que cuidarão a camara e o governo em removel-o dalli; em 12 de novembro de 1833 ordenou o ministro do imperio que a camara informasse com urgencia qual o lugar mais proprio para estabelecimento do matadouro publico, que convinha estar fóra da povoação, e que desde logo se removesse para a ilha do Damasceno, as pontas e caudas das rezes, que se depositavão na praia de Santa Luzia. Corridos alguns annos a camara comprou em 1842, por 20:000$000 um terreno na chacara do cortume, em S. Christovão, para onde resolveu remover o matadouro. A lei de 18 de setembro de 1845 autorizou a municipalidade a contrahir um emprestimo de 300:000$000 cujo producto devia ser exclusivamente empregado na construcção do novo matadouro. Em janeiro de 1846 começarão as obras, e em 1 de agosto de 1853 principiou a funccionar o estabelecimento, cuja construcção importara em 293:389$655.

Situado na rua de S. Christovão tem o matadouro na entrada principal a seguinte inscripção :

« A Illma Camara Municipal que servio do anno de 1844 a 1848 fez construir este edificio. »

Matão-se diariamente para consumo da cidade de 250 a 300 rezes ; ha no estabelecimento um administrador, um escrivão, dous cirurgiões, um ajudante, um feitor e varios magarefes e serventes

Sendo baixo e alagadiço o terreno em que está este matadouro, pouco lavado dos ventos, e sem agua sufficiente para a limpeza, pensou-se em removel-o para a fazenda de Santa Cruz ; de feito, no dia 19 de março de 1876 começarão as obras no campo de S. José, collocando-se com a pedra fundamental o seguinte auto de inauguração :

« Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1876, aos 19 dias do mez de Março, no Reinado do Muito Alto e Muito Poderoso Senhor D. Pedro Segundo, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil, sendo Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio o Exm. Sr. conselheiro José Bento da Cunha Figueiredo, foi neste lugar collocada a primeira pedra dos edificios mandados erigir pelo anterior Ministro do Imperio, o Exm. Sr. Dr. João Alfredo Corrêa de Oliveira, em contracto de 25 de Julho de 1874, confirmado por decreto referendado aos 12 de Dezembro do mesmo anno, pelo Exm. Sr. Visconde do Rio Branco, Presidente do Conselho e Ministro interino do Imperio, sendo o contracto e o decreto resultantes da lei de 25 de Agosto de 1873, que mandou construir estes edificios para o serviço do novo Matadouro Publico da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

E' collocada esta pedra em tempo em que é mordomo-mór da casa imperial o Exm. Sr. conselheiro barão de Nogueira da Gama ; superintendente da imperial fazenda o Illm. Sr. Dr. Pedro Fiel Monteiro Bettencourt, e engenheiro fiscal das obras por parte do governo o Illm. Sr. Dr. Aarão Leal de Carvalho Reis. E' esta pedra benta pelo Revd. cura Damaso do Rego Barros, assim como o são as caixas de madeira e chumbo dispostas para encerrar este auto, um exemplar impresso do contracto celebrado para execução destas obras, os jornaes do dia publicados na côrte, e uma moeda de cada uma das de ouro, prata, nickel e cobre, correntes actualmente, devendo depois esta caixa ser, acto continuo, soldada, incluida na pedra fundamental, e esta coberta por outra pedra igualmente soldada e chumbada

E para constar, eu Hygino José dos Santos, lavrei este auto que foi firmado pelos cidadãos presentes, cujas assignaturas se seguem.»

Ha um matadouro particular construido em 1858 na rua de S. Leopoldo, esquina da do Visconde de Sapucahy, onde matão-se os porcos, recebendo a camara por cada um trezentos e vinte réis, tendo para cobrança desse imposto um empregado especial no estabelecimento.

XXX

AQUEDUCTO DA CARIOCA, E CHAFARIZ DA PRAÇA DE D. PEDRO II

Nascido na serra da Tijuca, percorrendo os valles de Botafogo e Larangeiras, dava o rio Carioca agua ao povo, que ia busca-la na distancia de tres quartos de legua da cidade. Tendo de procurar tão longe a agua, afligia-se o povo, e se esforçava por abrir poços na cidade; mas era a agua da Carioca mui superior, e por isso desejavão os governadores, a camara e a população traze-la a lugar proximo e conveniente.

Além da distancia em que estava o rio, acontecia que alguns moradores da visinhança represavão as aguas em beneficio seu, ou alteravão-as roteando a terra.

Para evitar taes abusos julgou a camara que se devia comprar aquellas terras e mattas para ficarem perpetuamente livres, não podendo em tempo algum serem aforadas; mas tão util providencia não executou-se por falta de dinheiro.

Cuidou-se em trazer a agua á cidade pela encosta do morro das Larangeiras; e para esta obra destinou a carta regia de 6 de maio de 1672 o subsidio pequeno dos vinhos, e metade do rendimento das despezas da justiça.

Era governador João da Silva e Souza, quando em 1673 deu-se principio ao encanamento do rio Carioca.

No lugar, em que começarão as obras, ergueu-se um altar, no qual houve missa em presença do governador, da camara, nobreza e povo; tomou o governador uma alavanca, afastou com ella alguma terra, e desse modo indicou dar principio a obra. Forão nomeados mestres do encanamento João Fernandes e Albano de Araujo, dando-se ao primeiro 500$000 por trazer a agua até ao morro do Desterro, e ao segundo 120$000; sendo empregados no serviço cincoenta indios, aos quaes dar-se-hia comida, e sete varas de algodão por mez a cada um.

Marchou a obra com lentidão quer por falta de recursos, quer pelas questões suscitadas entre os jesuitas e os vereadores, exigindo os primeiros se désse o salario de oitenta réis diarios a cada um indio, além do sustento e das costumadas varas de algodão para o vestuario; mas representou o senado da camara contra a exigencia do reitor dos jesuitas.

Em 3 de junho de 1677 ordenou el-rei se proseguisse na obra encetada, segundo o plano escolhido. Em 1679 escreveu o rei a D. Manoel Lobo, governador do Rio de Janeiro, ordenando-lhe que não se divertisse para outra cousa alguma, o que estava applicado para a obra da Carioca; mas em 7 de agosto desse anno, ponderou a camara que erão escassos os redditos do subsidio pequeno dos vinhos.

Chegara o encanamento até a ermida do Desterro, e a camara que, em carta de 6 de junho de 1675, implorara a protecção do governo para a ultimação da obra, procurara cobrar em auxilio della o imposto de quatrocentos réis sobre a aguardente; mas o governo da metropole, em carta dirigida a Duarte Teixeira Chaves, recommendou-lhe que não permittisse por fórma alguma tal contribuição para as obras da Carioca, que tinhão consignação certa e abundantissima.

Em carta, enviada á camara em 26 de maio de 1682, fez o governo igual recommendação sobre o imposto da aguardente, e tambem estranhou á camara seu descuido e o dinheiro mal gasto. E parece ter fundamento a censura de el-rei, pois queixava-se Duarte Teixeira Chaves, em 30 de junho de 1683, que a obra da Carioca estava parada por o senado da camara lhe divertir os effeitos consignados a ella.

Em arcos de pedra e cal, sobre os quaes collocarão-se canos de telha, conduzio-se a agua pelas encostas dos morros das Larangeiras,

Cattete e do Desterro, com direcção á ermida da Ajuda, que então erguia-se no canto da rua, que hoje tem o nome de Evaristo da Veiga; mas para continuar a obra vira-se a camara obrigada a tomar dinheiro a juros, aggravando seus cofres.

Além de feito vagarosamente, era mal encaminhado o encanamento; pelo que o governador Arthur de Sá resolveu suspender a obra, applicando o subsidio, que era-lhe destinado, ao concerto dos canos; o que, participando a el-rei, foi approvado em 23 de outubro de 1700.

Reconhecendo ser insufficiente o subsidio pequeno dos vinhos para as obras do aqueducto, substituio-o o rei pelas sobras da casa da moeda, e mais tarde mandou applicar ao mesmo fim o subsidio dos vinhos, a que dera destino diverso.

Diminuindo de dia para dia os indios, que trabalhavão no encanamento, resolveu o governador Alvaro da Silveira e Albuquerque comprar escravos á custa da fazenda real para ultimar a obra; o que o rei approvou em 8 de janeiro de 1704.

As invasões dos Francezes de 1710 e 1711 fizerão parar as obras do aqueducto, por ter de applicar-se as consignações em fortificações e pagamentos do resgate da cidade; mas, sciente disto, o rei mandou restituir a somma, que se tomara da verba do aqueducto, continuando-se na arrecadação do imposto que era-lhe destinado, e ordenou que um engenheiro da praça riscasse a planta do encanamento, para seguir-se o que fosse mais certo e conveniente.

Enviada á Lisboa, a nova planta pareceu ser mui dispendiosa; e por isso, e por ter tido a obra, desde seu começo, pessima direcção, exigirão-se certas modificações; tambem para augmento da subvenção applicou-se a importancia da passagem do rio Parahyba do Sul, e declarou-se ao governador procurasse persuadir aos moradores das vantagens, que podião colher-se com o trabalho de seus escravos nos dias, que menos oneroso lhes fosse.

Advertido pelo tenente general Felix de Azevedo Carneiro e Cunha dos defeitos do antigo plano, projectou o governador Ayres de Saldanha d'Albuquerque abraçar outro mais perfeito e economico; o governo da metropole, porém, ordenou a suspensão de qualquer melhoramento projectado até novo aviso.

Reconhecendo Ayres de Saldanha a inconveniencia de seguir

um plano errado e dispendioso, tomou sob sua responsabilidade a execução do novo desenho, obrigando-se o empreteiro a abater 20,000 cruzados da somma total, em que se avaliasse a reedificação da obra antiga, e a trazer a agua para dentro da cidade em o praso de um anno.

Contratou o governador com Custodio da Silva Serra e Vicente Lopes Ferreira a direcção do encanamento, que, no prazo fixado, chegou ao campo da Ajuda ; mas parecendo este sitio arredado do centro da cidade, representou Ayres de Saldanha a el-rei a conveniencia de trazer a agua ao campo de Santo Antonio importando esta despeza em 38:000$000 ; o rei approvou a deliberação, e determinou se mandasse fazer em Lisboa o chafariz, na forma requerida pelo governador.

Em 1720 encommendou Ayres de Saldanha para as olarias da Bahia 8,948 canos, que importarão em 3:555$545 pagos pela fazenda real.

Com grande satisfação e regosijo saudou o povo em 1723 o chafariz collocado na cidade, e que, por dezeseis bicas de bronze, despejava agua crystalina e pura.

Em carta de 18 de outubro de 1724 participou o senado a el-rei que já chegavão á cidade as aguas da Carioca, mas que, se não tendo dado sahida para o mar, succedera que, além de arruinarem as casas, occasionavão as aguas muitas molestias malignas, como era constante pelo parecer dos medicos ; pelo que se fazia indispensavel um cano de pedra, com sahida para o mar, e igualmente se fazia mister formarem-se tanques para lavagem de roupa.

Attendeu el-rei em 21 de abril de 1725, ordenando se abrisse o indicado esgoto em direcção á Prainha passando pelo campo de S. Domingos, e que servisse de limite á cidade. De feito fez-se o cano na direcção da rua, que recebeu o nome de rua da Valla, e hoje da Uruguayana.

Em 20 de fevereiro de 1731 concedeu o governo uma sentinella para o chafariz da Carioca, vencendo a quantia de 40$000 annuaes ; e por essa mesma carta ve-se que se despendera com o aqueducto a quantia de 600,000 crusados em cincoenta annos.

Apezar de ter-se consumido tão elevada somma, mal executada tinha sido a obra, de sorte que em 1735 já se achava arruinada em

varias partes, por ser do seu principio feita com pouca precaução, experimentando-se muita falta da agua na cidade.

Havia um conservador das obras com o ordenado de 200$000 annuaes; mas descuidara-se tanto de suas obrigações, e tão irregularmente procedera que, intimado para prestar contas ao governador José de Souza Paes, fugio; além disto o povo ignorante damnificava e o mpia os canos, sendo necessario, para cohibir semelhante vandarlismo, lerem os juizes da vintena um bando impondo a pena de galés e açoites contra taes scelerados.

Nomeado Gomes Freire de Andrade governador do Rio de Janeiro, mandou collocar uma sentinella constante no chafariz da Carioca, quer para evitar desordens dos pretos que concorrião ao lugar, quer para conservação das bicas que o povo damnificava.

Vendo a pouca solidez, que apresentava o aqueducto, e a má direcção que havião-lhe dado, tratou Gomes Freire de reconstruil-o com pedra do paiz, em vez de empregar pedra vinda de Lisboa, que tornava-se mais dispendiosa aos cofres publicos, e encaminhar as aguas do morro de Santa Thereza, para o de Santo Antonio por meio de uma dupla arcaria de pedra e cal com quarenta e dous arcos.

Em uma inscripção gravada no principio do aqueducto deixou Gomes Freire seu nome impresso na obra mais monumental emprehendida no Rio de Janeiro durante os tempos coloniaes. Diz a inscripção:

«*Reynando El-Rey D. João V. N. S. E Sendo Gor E Capm Gl Destas Capas E Da Das Mas Ges Gomes Fr.e De Andra Do Seo Conço Sargto Mayor de B.a Dos Seos Exertos. Ano 1744.*

Na magestosa arcaria sobre a qual despeja-se a agua do morro de Santa Thereza até ao coração da cidade, lê-se em um dos arcos no principio da rua do Riachuelo esta inscripção em pedra marmore: « *El-Rey D. João 5º N S R Mandou fazer esta obra pelo Illmo E Exmo Sr. Gomes Freire de Andrada Do Seu Cons Sarg Mor de Batalha de Seus Ex-ercit Govr E Capit Genrl das Cap Ptns do Rio de Janr e Minas Gers. Anno MDCCL.*

Lembrou Gomes Freire ao governo a necessidade de ser o aqueducto coberto não só para puresa das aguas, senão para evitar desvio dellas; de feito começou essa obra, que foi concluida no vice-reinado do conde de Rezende.

Por decreto de 8 de agosto de 1817 mandou o governo coutar de madeira, lenha e mato todos os terrenos do alto da serra, que estão ao redor das nascentes das aguas da Carioca, e ao longo do aqueducto até o morro de Santa Thereza, ficando igualmente coutado o espaço de tres braças de terreno de cada um dos lados do mesmo aqueducto.

Demolido o antigo chafariz da Carioca construio-se no mesmo lugar em 1830 um de madeira e provisorio com quarenta torneiras que começarão a despejar agua, em 15 de maio de 1830 ; era pintado imitando o granito, e tinha no frontespicio o seguinte :

15 de maio de 1830.

Havia sido erigido por esforços do intendente geral da policia, Luiz Paulo de Araujo Bastos.

Estando arruinado pelo tempo o chafariz de madeira, resolveu o governo levantar no mesmo lugar outro de pedra, e em 5 de fevereiro de 1833 deu principio a obra ; mas privado o povo desse chafariz, e dando-se em 1833 grande secca, houve muita falta d'agua na cidade, o que obrigou os juizes de paz a publicarem editaes ordenando a todos os moradores, que tinhão poços em suas casas, para franquea-los ao publico.

Achando-se prompto o tanque, e a caixa correspondente á terça parte das bicas do novo chafariz da Carioca, começou a dar agua ao povo em 7 de abril de 1834, e algum tempo depois ficou concluido.

Apresenta este chafariz, levantado no largo da Carioca, a fórma de uma casa de pedra lavrada com tres portas entre duas pilastras de feitio particular e apoiadas sobre extensa e alta base para a qual se sobe por uma extensa escadaria de degráos mui estreitos.

Na base abrem-se trinta e cinco bicas, que despejão agua em tanques estreitos e cumpridos. Corôa a construcção altaneira platibanda em forma de throno.

E' um chafariz monumental, o maior da cidade, porem sem belleza de construcção e sem arte; parece uma parede de pedra nua, uma rocha lavrada.

No centro do largo, em que está este chafariz, ergue-se uma columna quadrangular de pedra com um vaso de marmore na parte supe-

rior e lateralmente quatro tubos de metal com torneiras, onde os aguadeiros enchem d'agua as carroças.

Para trazer á cidade mais agua evitando as seccas que, em certas epocas do anno, flagellavão os habitantes, como a que se dera em 1833, determinou o governo encanar tres novas fontes descobertas no lugar denominado Paineira, as quaes começarão a correr no encanamento da Carioca, em 2 de dezembro de 1833, dia anniversario natalicio do Imperador, e por isso deu-se á primeira daquellas fontes o nome de Natal, conservando as outras os de Sipó e Cascatinha.

Para este melhoramento muito concorrera o ministro Aureliano de Souza Oliveira Coutinho, depois visconde de Sepetiba, ao qual dedicarão naquelle anno o seguinte soneto.

D'entre as matas longinquas se avisinhão
O murmurio das aguas, que correrão,
Ao despontar da aurora em que nascerão
Gloria e esperança que o Brazil não tinha.

Do Natal, do Sipó, da Cascatinha,
Perennes fontes que a abundancia gerão,
De Pedro no natal ao povo derão
Prazer que lhe roubou secca mesquinha.

Por tantas bocas quantas correm hoje
Bicas na fonte, que extinguio a sede,
Dos feitos teus pregão a fama arroje ;

Respeitai Brazileiros, nações vede
Como ainda na infancia o Lethes foge
De quem já ao poder o tempo cede.

Começa o aqueducto da Carioca em uma grande rocha pela qual corre a agua ; chama-se a este lugar a mãi d'agua, e alli construirão-se tres tanques de pedra para reservatorios. Vem ter nestes reservatorios o aqueducto descoberto chamado do Silvestre.

Prolonga-se o encanamento pelas encostas dos morros do Cosme Velho e Larangeiras, e no lugar chamado Segundos Dous Irmãos, que

são duas pyramides triangulares, muda de direcção, passa do lado direito para o lado esquerdo da estrada. Aqui vem ter ao mesmo aqueducto o encanamento da Lagoinha.

Continua o aqueducto como uma enorme serpente estendida ao longo da estrada, mostrando-se ora mais elevado ora mais baixo, conforme o declive do terreno ; se em certo ponto se submerge no centro da terra, em outro surge, notando-se de espaço em espaço torneiras de metal, que fornecem agua aos habitantes da visinhança. No lugar chamado os Dous Primeiros Irmãos que são duas pyramides de pedra iguaes as que já mencionámos, desvião-se as aguas para o outro lado da estrada; correm ao lado do convento de Santa Thereza e por meio de uma dupla ordem de arcaria de volta inteira, a qual mede uma altura maxima de 17m,6 a cima do nivel do solo, chegão ao morro de Santo Antonio, e dalli ao chafariz da Carioca, tendo percorrido mais de 8 kilometros de extensão.

No principio da rua dos Arcos substituirão-se, ha poucos annos, os dous arcos por um só, gastando-se nessa obra 39:449$000.

E' a agua da Carioca a mais pura e de mais agradavel temperatura que vem á cidade ; na crença dos indios tem a virtude de dar boas vozes aos musicos, e de feito conta-se que os indios tamoyos, que habitavão o Rio de Janeiro, erão inclinados á musica e á poesia ; no poema a confederação dos Tamoyos diz o poeta Gonçalves Magalhães :

« Doçura derão do Carioca as aguas. »

Do grande chafariz que despeja agua desse aqueducto, nasceu para os fluminenses o appellído de Cariocas.

E' agradavel e pitoresco o passeio do aqueducto da Carioca. Subindo-se a montanha de Santa Thereza veem-se o encanamento do lado direito da estrada, a agua a precipitar-se com grande ruido, a vegetação que vae-se tornando esplendida, lindas casas de campo, ora mais proximas ora mais afastadas, a perspectiva da cidade com suas igrejas, seu labyrinto de ruas e praças ; as praias, o mar, as ilhas, os navios e as fortalezas, a vegetação vae-se tornando cerrada e brilhante nos valles e nos montes circumvisinhos, avistão-se os arrabaldes de Catumby, Engenho Velho, Andarahy, Cosme Velho e Larangeiras, vê-se na encosta de um outeiro o cemiterio de S. Francisco de Paula, com os tumulos brancos entre as arvores como se fossem vultos de finados a caminhar a esmo ; diante do expectador ergue-se o Corcovado, como

um guia de pedra para dirigir aquelles que buscão semelhante solidão, e ao redor diversas montanhas mais ou menos elevadas, que parecem prestar vassalagem ao alto pincaro; de outro lado prolonga-se o mar, surge o Pão d'Assucar, escancara-se a barra, e perde-se a vista no ceo sempre azul e sempre sereno.

Outrora erão mui frequentes os passeios a esse aqueducto e muitas familias ião almoçar ou jantar á mãi d'agua. Dava então o povo nomes poeticos e especiaes á diversos lugares; junto dos Segundos Dous Irmãos havia um lugar mais largo, circumdado de um lado por uma muralha, a que dava-se o nome de *varanda de Pilatos*; mais adiante a um lugar sombrio, quer pela approximação das montanhas, quer pelas altas arvores que sombreavão o caminho, chamava-se *a abobada escura*; alem estava *a escada dos enforcados*, e a pedra banhada pela agua na mãi d'agua recebera *o nome de fonte do beijo*.

Não só Gomes Freire de Andrade reconstruio o aqueducto da Carioca, deu-lhe solidez, melhor direcção e belleza, como tambem tratou de levantar outro chafariz junto da marinha da cidade para satisfazer aos desejos da camara que reclamava semelhante beneficio.

Requerendo a camara a el-rei a faculdade de erguer o chafariz, veio a licença régia em 8 de outubro de 1734, e em attenção ao governador, resolveu-se edifical-o na praça do Carmo, onde Gomes Freire construira seu palacio; impetrando-se a competente licença foi approvada em 21 de maio de 1744.

Destinando fundos para a obra, ordenou a carta regia de 2 de maio de 1747 que o chafariz fosse construido pelo risco desenhado em Lisboa. Veio de Portugal o marmore preparado, e, principiada a obra, ficou concluida depois de 1750.

Para aformosear a praça e deixal-a livre ás manobras militares removeu Luiz de Vasconcellos este chafariz do centro da praça, e á face do mar preparou outro com pedra do paiz, sendo encarregado do desenho e direcção da obra o artista Valentim.

Consta de um corpo que denominaremos prisma, apezar de não serem planas as suas faces, e de uma pyramide triangular que eleva-se sobre outro prisma menor; o primeiro corpo é quadrangular, sobre as arestas correm pilastras circulares que, depois de soffrêrem as modificações do entablamento, terminão no ultimo filete da cornija, e vão ainda servir de base a delicados vasos.

Sobre a base superior do prisma corre uma balaustrada de marmore, que cerca uma varanda.

No centro dessa varanda ergue-se outro prisma muito menor que serve de base a uma pyramide triangular, que sustentava no vertice as armas portuguezas trabalhadas em marmore, mas em 1842 substituirão-as a corôa brazileira e uma esphera de metal.

Na frente principal do chafariz ha no primeiro prisma, a seguinte inscripção em um oval de marmore :

Ignifero curru populos dum Phœbus adurit Vasconcellus aquis ejicit urbe sitim.

Phœbe retro propera ; et Cœlli statione relicta Præclaro potius nitere adesse Viro.

Da parte do mar ha, em outro escudo de marmore, a seguinte inscripção :

Mariæ Iª
Portugalliæ Reginæ
Piæ, Optimæ, Augustæ
E navibus in terram facto excensu,
Reciprocantis aestus infracto impetu,
Ingenti mole
Constructis publice sedilibus,
Foro, fonte immutatis,
In angustiorem, et commodiorem formam
Redactis.
Regalibus maximis impensis ;
Aloysio Vasconcello Souza
Brasiliæ Vice-Regis gerenti,
Cujus auspicüs hæc sunt perfecta,
Hoc monumentum
Pos.
Tot, tantisque ejus beneficüs
Gratus
Populus Sebastianopolis
VI Kal Aprilis
Anno MDCCLXXXIX.

Por estar a beira-mar, era neste chafariz que os marinheiros vinhão fazer aguada ; porém os aterros e obras do caes que está em execução, afastárão-o tanto do mar que póde dizer-se que de novo regressou o chafariz para o centro da praça. E' cercado de um gradil de ferro.

XXXI

O PASSEIO PUBLICO E O JARDIM BOTANICO DA LAGOA

Amigo das lettras e das artes exerceu o vice-rei Luiz de Vasconcellos um governo benefico na colonia da America, e nas obras que executou no Rio de Janeiro deixou de seu nome lembrança perduravel.

Havendo nas proximidades do convento da Ajuda, uma lagôa, chamada do Boqueirão da Ajuda a qual infeccionava a cidade, determinou o vice-rei aterral-a, e mandando arrazar o outeiro das Mangueiras, que erguia-se no lugar em que hoje corre a rua do visconde de Maranguape ontr'ora das Mangueiras, aterrou a lagôa destruindo esse fóco de infecção. Fizera o que era necessario ; quiz, porém, fazer mais, transformando em jardim publico esse terreno outr'ora inutil e pestifero. Encarregou da direcção da obra do jardim ao mestre Valentim da Fonseca e Silva, do qual verá o leitor a biographia nas ultimas paginas deste capitulo.

Era Vasconcellos amigo do mestre Valentim ; quasi todas as obras que emprehendeu em seu governo fôrão executadas sob a direcção desse artista, do qual levou para Portugal diversos trabalhos, entre outros um oratorio que, fechado era uma mesa, mas a taboa da mesa abria-se, transformava-se em docel e as imagens

apparecião em nichos. Da Europa escreveu ao artista mais de uma vez, e enviou-lhe dinheiro.

Necessitando de dinheiro e de trabalhadores para executar as obras que desejava emprehender, decretou o vice-rei um recrutamento na cidade, e presos muitos vadios forão remettidos para a prisão da ilha das Cobras ; os que tinhão officio, exercião-no na prisão, recolhendo-se o seu salario a um cofre ; e esse dinheiro, e o que se obtinha dos senhores pelos castigos, que mandavão applicar aos escravos no calabouço, era empregado em obras publicas, nas quaes ião trabalhar os vadios que não tinhão officio. Assim construio Vasconcellos o Passeio Publico e outras cousas uteis na cidade.

No fim de quatro annos de trabalho estava concluido o Passeio que abrio-se em 1783, talvez em algum dia de festejo real ; e desde então tornou-se um lugar de recreio publico, e o ponto preferido pelo povo que ahi ia espairecer, apreciar o luar limpido, o bater das ondas, o aroma alpestre do arvoredo, e o gorgeio dos passarinhos. De noite nos bancos de pedra collocados sob as arvores ouvia-se tanger a viola, ou gemer a rabeca ao som melodioso de alguma voz que entoava cantigas em voga, como a seguinte :

Quem me vê estar cantando
Pensa que eu estou alegre
Meu coração está tão negro.
Como a tinta que se escreve.

Todas cantigas que sei
Todas o vento levou,
Só uma do meu' bemzinho
No coração me ficou.

Pr'a bem longe vou-me embora.
Do meu bemzinho innocente
Peço que não admittas
No coração outra gente.

Vou-me embora, vou-me embora,
E' mentira não vou, não ;

Inda que meu peito vá,
Meu coração não vai, não.

Vou-me embora, vou-me embora,
Qne me dás para levar ?
Saudades, penas e lagrimas
Eu levo para chorar.

A' sombra das arvores apreciava o povo saborosos manjares, abençoando o nome do vice-rei, que soubera attrahir para um ponto até então infecto e solitario a população tranquilla da cidade.

Em uma canção dedicada a Vasconcellos em 8 de outubro de 1785 diz o poeta Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, referindo-se ao Passeio Publico :

Lago triste e mortal, no abysmo esconda
Pestiferos venenos,
E o leito, onde dormia a esteril onda,
Produza os bosques e os jardins amenos,
Que, adornando os fresquissimos lugares,
Dêm sombra á terra, e dêm perfume aos ares.

Em frente do portão do Passeio abrio Luiz de Vasconcellos uma rua a que deu o povo o nome de Bellas-Noites porque por alli em noites de luar se dirigia ao jardim para gozar do ar fresco e perfumado das plantas ; no fim de alguns annos, porém, trocou-se aquelle nome pelo de Marrécas, em consequencia do chafariz edificado pelo vice-rei em frente da mesma rua.

Construindo o convento de Santa Theresa, lembrára-se Gomes Freire de Andrade de levantar um chafariz no largo da Lapa ; mas não conseguio seu intento. Preparado o Passeio Publico, e tornando-se mais habitado aquelle lado da cidade, urgente pareceu a Vasconcellos a fundação do chafariz que foi construido sob a direcção de Valentim.

Collocado na rua do Evaristo da Veiga, defronte da das Marrécas, é esse chafariz circumdado na parte posterior por um muro

semi-circular, que termina em um corpo central ornado com as armas de Luiz de Vasconcellos. Ha de cada lado uma pilastra junto ao muro sustentando as estatuas de Echo e Narciso ; na face anterior vê-se uma escada de pedra de oito degráos e lateralmente um tanque tambem de pedra ; no plano superior ha uma grade de ferro, e um tanque de pedra, onde despejão agua cinco marrecas de bronze (actualmente só existem tres) e na parede do corpo central a seguinte inscripção:

Maria Prima
Et Petro Tertio regnantibus,
Pestifero quondam exsiccato lacu
Et in Ambulationis formam redacto
Ingenti mure marinis propulsatis aquis
Fontanis inductis vomente ære.
Parietibus perruptis in viam verso Horto.
Domibus mirabili symetria constructis
Aloysio Vasconcello de Souza Prorege
Cujus auspiciis haec sunt perpetrata
Fluminis Januarii Populus grati animi ergo
Pridie kalendas Augusti anno
MDCCLXXXV

Traducção(1).—*Reinando Maria I e Pedro III foi dessecado um lago outrora pestifero e transformado em um Passeio, construindo-se uma grossa muralha para suster as aguas do mar. Preparado um encanamento edificou-se um chafariz, no qual se veem marrecas de bronze vomitando agua ; abrio-se, depois de demolidas antigas construcções, uma rua fronteira ao jardim na qual se edificárão casas de igual prospecto. Todas estas obras forão executadas sob os auspicios do vice-rei Luiz Vasconcellos e Souza. O povo fluminense agradecido mandou abrir esta inscripção em 31 de julho de 1785.*

Construido no Boqueirão da Ajuda entre o campo da Ajuda e largo da Lapa, era o Passeio fechado com um muro quadrangular, que ia terminar no terrado ou varanda do lado do mar ; o muro apresentava de espaço a espaço janellas com balaustres de madeira,

(1) Traduzimos esta inscripção por dar noticia não só do chafariz como tambem da construcção do Passeio e rua das Marrecas.

e ornadas superiormente com vasos de alvenaria. Preso a pilastras de pedra com vasos de marmore tinha o portão de ferro da entrada um medalhão de bronze dourado na parte superior com as armas de Portugal em uma face, e na outra as effigies de D. Maria I e Pedro III com o seguinte distico : *Maria I et Petro III. Brasiliæ Regibus.* 1783.

Interiormente era o Passeio dividido em dez ruas ladeadas de arvores, e formando triangulos, que no fim de alguns annos cercarão-se com estacas de páo. A rua fronteira ao portão ia ter a um largo collocado no centro do jardim, e atravessando-o terminava em uma cascata sobre cujas pedras e arbustos pousavão passarinhos de bronze, que dos bicos gotejavão agua ; erguia-se no centro da cascata um coqueiro de ferro, pintado ao natural, e com fructos, e na base vião-se dous jacarés entrelaçados vomitando agua que, assim como a que corria dos bicos dos passaros, cahia em um tanque semi-circular produzindo um murmurio sonoro e brando.

Esses jacarés forão desenhados por Valentim, e fundidos sob sua direcção. Falhára a primeira fundição pelo que se irritara o vice-rei, mas encarregou-se de dirigir a segunda aquelle artista, e participou ao vice-rei, que se ouvisse no dia marcado atacar alguns foguetes podia ir á casa do Trem que encontraria promptos os jacarés ; assim aconteceu ; estavão perfeitos os jacarés, tendo ajudado a fundil-os um sentenciado a galés.

Quando correu pela primeira vez a agua das bocas desses jacarés o Dr. Bartholomeu Antonio Cordovil recitou uma poesia a Luiz de Vasconcellos na qual leem-se estes versos :

Amphibios jacarés de agudo dente
Darão, que o Pindo, mais feliz enchente ;
Suas aguas darão em poucos annos
Homeros novos, novos Mantuanos.

Em frente da cascata elevavão-se no centro de dous lagos duas pyramides triangulares de granito, tendo cada uma um esguicho que alimentava o lago, e lendo-se em uma o distico : *A Saudade do Rio*, e em outra *Ao Amor do Publico.*

Aos lados das pyramides vião-se mesas e bancos de pedra sob caramanchões de jasmineiros da India.

Na parte posterior do jardim estava o terrado ou varanda, para o qual se subia por duas escadas por tras da cascata, e por outras duas junto ás extremidades do muro; lageada de fios de cantaria e de marmore era a varanda cercada com um parapeito com assentos de pedra, interrompido de espaço a espaço por grossas grades de bronze. Sobre o parapeito havia vasos de marmore e o busto de Phebo tambem de marmore, do lado do mar. Nos extremos da varanda erguião-se dous pavilhões quadrangulares com duas portas de vidraça de cada lado, elevando-se sobre um delles a estatua de Mercurio, e sobre o outro a de Apollo; e nos angulos do attico que, occultava-lhes o telhado, vasos de marmore com ananazes de ferro primorosamente executados.

O sargento Francisco dos Santos Xavier conhecido pela alcunha de Xavier das Conchas fora encarregado por portaria de 18 de outubro de 1787 de ornar interiormente esses pavilhões; de feito dividira o tecto de um em cinco quadros, o central quadrado, e os outros trapezoides, representando flores, arabescos e palmas formados de pennas de passaros de diversas cores; o do lado opposto com ornatos iguaes porém feitos de conchas e mariscos; nas sobre-portas de um havia baixos relevos feitos de pennas, e nas do outro de escamas e conchas;(1) das paredes de um pendião quadros ellipticos representando fabricas do Brazil, como engenhos de assucar, de mandioca, e de extrahir o ouro das pedras pelo choque dos pilões, e scenas maritimas, embarcações vindas ao Rio de Janeiro, incendio de navios, vista do largo do Paço em dia de parada da tropa, e outros panoramas da cidade. Pintara esses quadros o artista nacional Leandro Joaquim.

Por tras da cascata levantava-se um paredão, que sustentava as armas de Vasconcellos trabalhadas em marmore, e junto desse paredão do lado da varanda, via-se um menino de marmore com um kagado na mão que lançava agua em um barril de pedra; o menino es-

---

(1) Falleceu este Brazileiro no posto de tenente-coronel, no Rio de Janeiro, a 5 de julho de 1804.

tava nú e circumdado de uma facha com o distico : *Sou util inda brincando.*

Fôra o artista Valentim o autor do desenho do jardim, e de todos os objectos que o ornamentavão ; o menino, os jacarés, o coqueiro, os passarinhos, as estatuas, tudo fôra ideado, e executado por esse habil artista, ou sob sua direcção.

Oito lampeões illuminavão o terrado, e em duas casas construidas dentro do Passeio guardavão-se outros, que servião em noites de festejo real. Não havia flores, porem arvores que ladeavão as ruas e enchião os massiços triangulares.

Celebrarão-se ahi pomposos festejos em 1785 por occasião do casamento do principe D. João, depois D. João VI, com D. Carlota filha do rei da Hespanha ; seis carros triumphaes a saber de Vulcano, Jupiter, Baccho, dos Mouros, das Cavalhadas Serias e das Burlescas, ideados por Antonio Francisco Soares, percorrerão as ruas, e no Passeio armarão-se palanques para danças grotescas, arcos e columnas.

No vice-reinado do conde de Rezende não soffreu o Passeio transformação alguma ; máo e colerico foi este vice-rei mui differente de seu antecessor, e por isso quando soube-se no Rio de Janeiro que ia ser rendido, fez-lhe o actor José Ignacio da Costa, o seguinte soneto :

Parabens que se vai D. Marisapula,
Esse herdeiro da casa Rezendecula,
A quem a Fama ao som da negra tecula,
Canta as acções, que prende em torta escapula.

Creio irá demandar a côrte Napula,
Onde dos dotes seus bem mostre a recula,
Pois um heroe de seculorum seculá
E' justo admire a mesma curia Papula.

Nasceu para reger povo Meotico,
Porem lançando a sorte o marfim cubico,
Deste mal nos livrou Astro Beotico.

Fôra bem que o gozasse o imperio Nubico,
Porque, quem nos regeu por modo gothico,
Só na Nigricia deve andar em publico.

A chuva e o tempo arruinarão o coqueiro da cascata, que no governo do conde dos Arcos foi substituido por um busto de marmore de Diana. Não só o tempo se incumbira de estragar as obras do Passeio, porém tambem o deleixo e descuido dos successores de Vasconcellos, os quaes não cuidarão em conservar aquelles ornatos e trabalhos executados com muito esforço e boa vontade; desapparecerão os passaros que enfeitavão a cascata.

Com a vinda da familia real não melhorou a sorte do Passeio, cujos lampeões forão removidos para as illuminações do paço do rei!

A incuria da administração publica produz a morte precaria dos edificios e estabelecimentos publicos, que o tempo facilmente deteriora e arruina quando não ha quem delles cuide. Foi o que aconteceu ao Passeio; os annos havião damnificado as obras, e não reparando-as o governo, cahirão em ruinas O mar destruira tanto o terrado que, tendo de fazer-se em 1817 um concerto, demolirão-se os pavilhões por ameaçarem ruina, e com elles desapparecerão os lindos trabalhos de Xavier das Conchas e de Leandro Joaquim. Vagarosamente caminhou a reconstrucção da varanda e dos pavilhões octogonos, que vierão substituir os antigos.

A unica cousa util feita no tempo de D. João VI no Passeio Publico foi a creação de uma aula de botanica estabelecida em uma casa dentro do Passeio, e regida pelo carmelita frei Leandro do Sacramento.

Em 1815 preparou o intendente geral da policia Paulo Fernandes Vianna, por ordem do principe regente, um jardim na praça da Acclamação, no espaço comprehendido entre as ruas do Conde d'Eu e Areal; era quadrangular, com cem braças de extensão em cada face, e cercado com um gradil de madeira preso a pilastras de tijolo de seis palmos de altura, e distantes entre si duas a tres braças; mas em 1821 o povo demolio esse jardim por julgar que o intendente queria transforma-lo em recreio particular.

No reinado de Pedro I continuou o Passeio Publico a permanecer em abandono.

Exaltado o espirito publico em 1831 commetteu excessos; ar-

rancarão-se do portão do Passeio as armas e effigies dos reis portuguezes, e tambem as armas de Luiz de Vasconcellos forão profanadas pelo povo que ao mesmo tempo, que festejava sua autonomia, deixava-se arrastar pela vertigem do triumpho e praticava actos que são communs em dias de effervescencia publica. Mas restabelecida a calma voltarão as armas de Vasconcellos para seu competente lugar, assim como o medalhão trazendo em uma das faces as armas nacionaes.

Em 1835 cercarão-se com grades de ferro os massiços do jardim, e fizerão-se nesse anno e nos seguintes diversos concertos na varanda e nos pavilhões. Por essa epoca desappareceu o menino do Passeio, e o governo annunciou que quem quizesse fazer outro igual e mais barato se apresentasse na repartição das obras publicas; de feito para se gastar pouco dinheiro, em vez do marmore, empregou-se o chumbo, fazendo-se um menino semelhante ao antigo.

O governo não queria despender com o Passeio, e por isso decorrerão os annos sem haver o menor melhoramento nesse estabelecimento de recreio. Era quasi um lugar inculto, plantas agrestes crescião nos triangulos do jardim, as parasitas atrofiavão e matavão as arvores, as folhas seccas cobrião as ruas, as grades de ferro enferrujadas e quebradas cahião em pedaços; junto ao muro, do lado da travessa do Boqueirão, hoje rua de Luiz de Vasconcellos, havia uma casinha de taboas que nem Robinson em sua ilha a tomaria para habitação; a casa do administrador, do lado da Lapa, parecia um rancho levantado em uma matta; proximo á pyramide *ao Amor do Publico*, havia um botequim coberto de zinco onde vendião-se sorvetes e café que não erão appetecidos. Tal era o Passeio Publico do Rio de Janeiro.

Levantarão-se em 1854 dous pavilhões octogonos nos triangulos do jardim, mas conservarão-se fechados, e em 1 de dezembro desse anno acenderão-se pela primeira vez cem lampeões a gaz nas ruas do Passeio, tendo alguns vidros de cores; porém fez-se antes o que se devera ter feito mais tarde, pois a luz do gaz veio patentear tambem de noite o máo estado do jardim.

Vendo o governo que o Passeio por se achar muito mal preparado já não servia de recreio ao publico, assignou em 1 de dezembro de 1860 um contracto com Francisco José Fialho, que obrigou-se mediante certa quantia a transformar o jardim dando-lhe um aspecto pi-

toresco e agradavel; ficarião as obras concluidas no prazo de um anno, e o contratador as conservaria durante dez annos. Fechado o Passeio em 23 de janeiro de 1861, começarão as obras sob a direcção do botanico Dr. Glaziou.

Tendo de dar-se ao Passeio outra forma sacrificarão-se algumas arvores velhas e de especies vulgares, que abafavão outras mais interessantes; reclamou a imprensa por ver cahirem ao chão arvores quasi seculares ; era, porém, necessario decepal-as para plantarem-se outras mais curiosas, e dar ao jardim nova disposição.

Na mesma epoca mandou o governo alargar a rua fronteira ao Passeio dando-lhe, em vez de quarenta e cinco, setenta e dous palmos de largura, e substituir o antigo muro por um gradil de ferro sobre parapeito de granito.

Em 2 de dezembro de 1861 estavão concluidas as obras internas; porém por não estar prompto o gradil, não abrio-se o Passeio. Em 30 de abril de 1862 visitou o Imperador o estabelecimento, mostrou-se satisfeito do que vio ; e apezar de ainda não estar concluida a gradaria, ordenou que se abrisse o Passeio em 7 de setembro desse anno ; de feito foi franqueado ás quatro horas da tarde, tocando alli uma banda de musica, mas por estar chuvoso o tempo, foi diminuta a concurrencia.

Situado na rua do Passeio, entre a rua de Luiz Vasconcellos e o largo da Lapa, é fechado o Passeio Publico com um gradil sobre base de pedra, o qual formando uma curva, une-se do lado da rua de Luiz Vasconcellos e do lado da Lapa com o muro que ahi foi conservado (1).

O portão que é o antigo, fica fronteiro á rua das Marrécas, e transpondo-o vê-se um jardim lindo e de agradavel perspectiva; em vez da regularidade nas ruas, no plantio das arvores, nos triangulos, nas grades de ferro, em vez da disposição geometrica, da symetria monotona que até então era seguida em todos nossos jardins, vêem-se ruas curvas unindo-se umas ás outras, taboleiros de gramma de di-

(1) Demolido o antigo muro emfrente do edificio da bibliotheca publica destruio-se um chafariz que ahi havia junto ao muro, e que fora construido em 1851.

versa extensão e feitio com massiços de flôres e arbustos, e de espaço a espaço sobre a relva arvores destacadas, ou reunidas constituindo um denso bosque. E' um jardim paisagista, no qual não predominão, como outrora no antigo Passeio, o cordel do jardineiro, o compasso do calculo e da symetria, porém a linha curva, a variedade, a imitação da natureza de um modo elegante e gracioso, não como ella é, mas como devêra ser, segundo a phrase de Rafael.

Estes jardins começárão a ser usados na China no reinado de Iong-Teching, e transportados para a Europa pelos Inglezes fôrão considerados por muitos como invenção ingleza. Foi o artista Kunt quem estabeleceu o primeiro jardim paisagista em Stovo perto de Londres, e desde então generalisárão-se na Europa, e entre nós começárão a ser conhecidos depois da reforma do Passeio Publico.

Vê-se em frente do portão um extenso taboleiro de gramma com massiços de arvores e arbustos e arvores isoladas, tendo em uma das extremidades um tanque circular e na outra a estatua de Diana. Ladeão esse lençol de relva duas ruas que vão terminar em frente de uma linda ponte de ferro fundido imitando a madeira bruta. Ha margeando o gradil e o muro uma extensa rua que vae terminar de cada lado do jardim em um largo fronteiro á varanda ; além destas ruas principaes ha outras que se crusão, se entrelação e cercão massiços de relva de differente extensão e fórma com arvores e arbustos grupados ou separados. Ornão esses massiços estatuas de ferro sobre alto pedestal tambem de ferro, representando as estações do anno e tambem guaritas de madeira.

Do lado direito ha um botequim de architectura grega, tendo na frente um peristilo ladrilhado de marmore formado por quatro columnas de ferro de ordem corinthia, no fundo do qual estão tres portas de verga curva, que dão entrada para uma sala ornada com espelhos, armarios, estatuas e um balcão pintado de branco com frisos dourados ; na parte posterior ha uma porta que dá para a cozinha de fórma quadrangular, e com uma janella de cada lado e uma porta na face do fundo. Abre-se em frente do botequim um largo com mesas e cadeiras, vendo-se de um lado um corêto, onde todas as noites toca uma banda de musica allemã.

Quasi por tras do botequim ha uma collina com duas ladeiras e formada por um rochedo artificial ; na parte superior tem um kiosque ou pavilhão rustico no centro do qual vê-se um vaso a Luiz XV com flores e fructos de ferro fundido. Da collina goza o espectador de um panorama agradavel, avista o mar, e descobre quasi todo o jardim, as ruas que se entrelação, as aleas, as arvores, os taboleiros de gramma e as estatuas que habitão o Passeio.

Por entre as pedras do rochedo que serve de base á collina, corre agua de diversos lugares, a qual alimenta um lindo ribeiro, que óra recto, ora tortuoso, alli estreito, acolá mais largo, atravessado por duas pontes, uma de madeira rustica, outra de ferro, se estende em um espaço de cem braças e vae terminar do lado direito do Passeio em um gracioso lago, no qual ha uma ilhota com vegetação apropriada, e dous escolhos. Habitão esse ribeiro cysnes, marrécos, ganços, irerês, e outros palmipedes, e já houve tambem alli dous peixes-boi, um offerecido pelo duque de Caxias, e outro pelo Dr. Francisco da Silva Costa ; e um batel que não sabemos porque retirárão dalli. Proximo á primeira ponte levanta-se um dos pavilhões construidos em 1854, e além do lago o outro ; são octogonos, tendo em duas faces uma porta e em duas uma janella ; erão destinados um para estudos de botanica, e outro para pavilhão imperial, mas conservão-se fechados, sem utilidade para o publico, e sem serventia para o jardim.

Passa o ribeiro junto das duas pyramides de granito, já por nós descriptas, as quaes contão quasi um seculo ; proximo á base de cada uma corre um fio d'agua que vae alimentar o ribeiro.

Do lado esquerdo do Passeio está a casa do director, o Dr. Glaziou ; é um chalet suisso com um peristilo sustentado por columnas de madeira, tendo na frente uma escada de pedra com sete degráos para cada lado ; na frontaria tem o chalet uma porta, na face posterior uma porta e duas janellas no primeiro pavimento, e tres no segundo e nas faces lateraes tres oculos com vidraças no primeiro pavimento, e tres janellas no segundo. E' elegante e bem disposta a vegetação que occulta essa cabana suissa, vendo-se em frente um gradil com uma cancella.

No largo fronteiro á varanda veem-se as antigas mesas e bancos de pedras, com os esteios de granito, que sustentavão os caramanchões;

de cada lado um portão de ferro, e junto á varanda a cascata de Valentim com o busto de Diana, e na base os dous jacarés entrelaçados mirando-se nas aguas do tanque, que cerca a cascata. Esses jacarés constituem ainda hoje, em nosso pensar, a obra mais bella e artistica do Passeio ; ao qual dão uma côr local, caracteristica, toda nossa, e lembrão o nome do afamado artista nacional Valentim da Fonseca e Silva.

Quatro escadas dão subida para a varanda ; duas collocadas por tras da cascata, duas nos extremos da muralha ; são de pedra, e constão de treze degráos.

Do lado do terrado eleva-se por tras da cascata uma especie de ron tão, sustentando as armas de Luiz de Vasconcellos, e tendo junto a base o menino *Sou util inda brincando*, que parece querer saciar a sede daquelles que sobem á varanda, que é cercada com um parapeito revestido de azulejo e com assentos de marmore, e nos lugares em que se interrompe esse parapeito ha do lado do mar balaustres de marmore, e do lado do Passeio grades de ferro ; o pavimento é coberto de tijolos de marmore, entre fios de cantaria ; sobre o parapeito ha trinta e sete lampeões de gaz, e do lado da rua de Luiz de Vasconcellos a estatua de Apollo e do lado opposto a de Mercurio que outrora estavão sobre os pavilhões.

Nos extremos da varanda elevão-se os pavilhões octogonos, tendo em cada face, alternadamente, uma porta, uma janella ; terminão em um attico ornado com vasos de louça. Estão fechados, não penetrão em seu interior olhos mortaes; parecem destinados a moradia das sylphides que habitão naquelle bosque, ou dir-se-hia que o anjo da morte asylou-se alli repetindo ás ondas, ás arvores os nomes dos artistas Valentim, Leandro e Xavier das Conchas.

Tendo-se reformado o Passeio Publico devera-se ter ornado e aformóseado esses pavilhões transformando-os em casas de recreio, em pequenos museus que atrahissem á attenção e curiosidade dos visitantes, e servissem de abrigo áquelle que no jardim fosse surprendido pela chuva ; alli ao som da musica, ou rodeado de objectos de arte podia o visitante espraiar a vista pelo mar, ver as fortalezas de Villegaignon, Santa Cruz, Lage, cujos muros brancos parece sumirem-se debaixo das ondas, quando o mar está irado ; a barra, o Pão de Assucar, mirando-se no immenso espelho que tem a seus pés ; a ca-

pella da Gloria erguida em um outeiro, como para lembrar devoção ao povo, a praça do mercado da Gloria, o cáes com a rua conquistada ao mar; o morro do Castello indicando o lugar em que nasceu a cidade; o hospital da Misericordia aberto a todos os infelizes; e do lado do jardim as pyramides triangulares, o ribeiro habitado por lindos palmipedes que dão-lhe vida e belleza; as estatuas, as ruas curvando-se em differentes sentidos como desejando enlaçar os massiços de gramma onde ostentão-se as liliaceas, as leguminosas, e outras arvores de bella vegetação, tal o páo campeche, páo rosa, páo ferro, o carvalho negro do Brazil, o sandalo, o jequitibá, a arvore *theophrasta imperialis*, que toma grande crescimento e dá boa madeira para construcção e marcenaria, a arvore de que se extrae o vinho da palma, as 75 especies de palmeiras espalhadas pelos lençóes de relva que se estendem aqui e acolá e outras arvores e arbustos.

Comprehende o Passeio um espaço de 5,040 braças, é illuminado a gaz, as ruas são cobertas de arêa, ha guaritas para soldados, e assentos de madeira e de cantaria. O crescimento que têm tido as arvores, a combinação bella e scientifica de sua vegetação, a disposição das ruas, os edificios que encerra, e a perspectiva poetica e elegante que se descobre de todos os pontos demonstrão o gosto e a pericia do autor deste jardim, o habil botanico Dr. Glaziou.

Mas ha defeitos; assim deveria haver mais variedade na forma dos assentos; produziria agradavel impressão se cahisse mais agua das pedras do rochedo; o terreno em vez de todo plano poderia ser acidentado; deveria ter-se dado uma forma mais pittoresca e bella aos pavilhões construidos em 1854, e julgamos pequena e insignificante a collina em relação á extensão do jardim; acresce que as pontes, as estatuas, os vasos forão importados da Europa: isso não só desanima aos artistas do paiz, senão tira ao estabelecimento a côr local, o typo nacional, o sentimento patrio, e patenteia nosso atrazo nas artes, e na industria; eis por que dissemos que os jacarés da cascata constituem a obra mais caracteristica, mais poetica do Passeio Publico.

E' vedada a entrada do Passeio a animaes damninhos de qualquer natureza, ás pessoas ebrias, loucas, descalças, vestidas indecentemente e armadas, a escravos, ainda que decentemente vestidos, quando não acompanharem crianças de que sejão aias ou amas, á cri-

anças apparentemente menores de 10 annos, se não forem acompanhadas de quem as impeça de praticar maleficios, ou de irem a lugares perigosos para sua idade; quanto ao publico deve abster-se de tudo quanto possa damnificar as plantas e ornatos do jardim.

JARDIM BOTANICO DA LAGÔA.

Acha-se distante da cidade duas leguas o Jardim Botanico da Lagôa de Rodrigo de Freitas.

Determinou o decreto de 13 de maio de 1808 que se estabelecesse uma fabrica de polvora na lagôa de Rodrigo de Freitas, e junto á fabrica creou o director João Gomes da Silveira Mendonça, depois marquez de Sabará, um pequeno jardim; e quem desejava visital-o, era acompanhado por um soldado da fabrica; foi essa a origem do Jardim Botanico da Lagoa. (1)

O chefe de divisão Luiz de Abreu, trazendo da ilha de França em 1809 plantas de especearia e sementes exoticas, forão ellas destribuidas pela junta do Commercio, e o tenente general Carlos Antonio Napion plantou as sementes no Jardim Botanico, assim como o chá da India.

O decreto de 11 de maio de 1819 mandou augmentar o Jardim Botanico ficando sua administração annexa ao museu; diz esse decreto:

« Tendo mandado estabelecer na fazenda da Lagôa de Rodrigo de Freitas um jardim para plantas exoticas; sou servido que elle se augmente, destinando-se lugar proprio, o mais proximo que fôr possivel, para uma plantação do cravo e algumas outras arvores de especiaria; sendo directores João Severiano Maciel da Costa e João Gomes da Silveira Mendonça, a cujo cargo está a do jardim que ahi se acha estabelecido.

E ficará este novo estabelecimento annexo ao Museu Real para se fazerem pela folha dessa repartição as despezas necessarias, assim como a arrecadação do que em qualquer tempo possa produzir; do que

(1) Hoje possue o paiz uma grande fabrica de polvora na raiz da serra da Estrella, provincia do Rio de Janeiro, proximo ao porto de mar, a qual póde produzir por anno 10,000arrobas.

se apresentará, nos tempos competentes, o devido balanço no meu real erario, pelos directores deste estabelecimento que hei por bem fique na inspecção do ministro e secretario de estado dos negocios do reino, por quem me serão presentes os negocios relativos a este estabelecimento. »

Foi esse decreto assignado por Thomaz Antonio Villanova Portugal, ministro do reino, encarregado da presidencia do real erario.

O decreto de 22 de fevereiro de 1822 sujeitou o jardim á secretaria de estado dos negocios do interior, hoje do imperio, e actualmente está comprehendido na repartição do ministerio da agricultura e obras publicas.

O Imperial Instituto Fluminense de agricultura (1) tomou a seu cargo manter e melhorar este estabelecimento recebendo por isso do governo o subsidio annual de 24:000$000. Ao lado do Jardim fundou o Instituto uma fazenda normal com officinas de instrumentos e machinas de lavoura; possue viveiros de milhares de plantas indigenas e exoticas, conta vinte e uma variedades de canna de assucar, vinte sete especies de mandioca, muitas de aipim, fumo de Djebel, de Havana, diversas especies de algodão, grande numero de plantas frutiferas e de ornamento; tem um laboratorio chimico, uma fabrica de chapéos á imitação dos de Chili, feitos com a palha da Bombonassa, palmeira importada do Perú (2), e nessa fabrica servem de aprendizes e operarios meninos pobres, quasi todos da Santa Casa da Misericordia; annexou-se uma escola pratica onde se ensina a creação do bicho da seda, e a extracção da seda; ha um asylo agricola, no qual estuda-se a lavoura pratica, e projecta aquella util associação estabelecer um jardim zoologico e um museu industrial.

---

(1) Este instituto foi creado por decreto de 30 de junho de 1860, e por decreto de 3 de novembro o governo approvou os respectivos estatutos. Costuma o Imperador comparecer ás suas sessões, e em 14 de julho de 1862, antes de dar por terminados os trabalhos da assembléa geral, o presidente communicou que o Imperador ordenara-lhe de levar ao conhecimento da assembléa que fazia doação ao Instituto da quantia de 100:000$000 tirados de sua dotação, a contar do principio do anno financeiro de 1863, em prestações de 8:000$000 nos dez primeiros mezes, e de 10:000$000 nos dous ultimos. Produzio essa declaração profunda sensação no animo de todos que se achavão presentes, sendo mui louvado esse acto de munificencia e favor á agricultura do paiz.

(2) Em abril de 1855 creara-se uma fabrica desses chapéos no Jardim Botanico, a qual prosperou algum tempo, porém depois desappareceu.

Está o Jardim Botanico proximo da lagôa de Rodrigo de Freitas em um valle que se estende ao pé de grandes montanhas; o portão da entrada é de ferro entre pilastras de pedra ornadas com vasos de marmore, fechando a frente do jardim, de um lado, uma cerca de murta, de outro, uma de espinhos.

Junto ao portão ha um carapeteiro secular, uma rua de palmeiras parallela á cerca, e outra defronte da entrada, formada por cem palmeiras que mui altas e elegantes são como esteios colossaes destinados a sustentarem um extenso tecto de relva; forão plantadas por ordem de Bernardo José de Serpa Brandão, para substituirem as casuarinas que havia nessa rua, hoje a mais bella do jardim, a qual vae ter a uma larga bacia de marmore com esguicho e rodeada de vinte e quatro pés de cedros do Libano, e continuando termina no bosque junto ás montanhas. Em frente da bacia de marmore principia uma rua de longanas que vae ter á casa de cedro formada de cedros reunidos e collocada em uma collina; proximo vê-se um extenso lago com uma ilha, um bosque de bambùs com um tanque e esguicho; e além de outras ruas, circumscrevendo lindos massicos de arvoredo, ha uma de mangueiras, outra de jaqueiras, de craveiros da India, onde vê-se a palmeira bombonassa; ha muitas arvores fructiferas, o cafeseiro de Mocka, a Teka, arvore da India, a arvore da camphora, da gomma elastica, um bosque de canelleiras, e proximo ao antigo palacete ao lado direito, onde era o jardim velho, ergue-se uma palmeira real de elevada altura, que é mãi de todas as outras que ha no jardim. Ha duas lindas cascatas formadas pelas aguas do rio Macáco que vae desaguar na lagoa do Rodrigo de Freitas depois de banhar a parte posterior e o lado esquerdo do jardim que é cercado ao lado direito e na frente por um lindo regato.

Percorrendo as ruas deste Jardim cahio acommettido de um ataque apopletico o monsenhor José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo, do qual verá o leitor a biographia no fim deste capitulo.

VALENTIM DA FONSECA E SILVA

Nasceu Valentim da Fonseca e Silva na provincia de Minas-Geraes, foi seu pae um fidalgo portuguez contractador de diamantes e sua mãi uma pobre mulher oriunda do Brazil; ignorão-se o dia e o anno de seu nascimento. Em companhia de seus paes dirigio-se a Portugal, onde dedicou-se a arte da qual devera ser fiel e inspirado interprete. Fallecendo seu pae voltou para a patria com sua mãi, sem ter concluido seus estudos artisticos; de Portugal trouxe o sotaque minhoto que nunca mais perdeu.

Pobre, tendo de tirar do trabalho o sustento quotidiano para si e sua mãi entregou-se Valentim, com toda a valentia de seu talento e a energia da mocidade, ao estudo da esculptura e obra de talha.

Seguira no Rio de Janeiro no estudo da arte torentica ao artista, que ornamentou o interior da igreja do Carmo, mas em pouco tempo era o discipulo mais perito do que o mestre; e porque? Perguntai á providencia que crea os artezãos, os artistas, os poetas, os litteratos e os sabios.

Conhecido como artista habil tornou-se sua officina uma das mais procuradas e concorridas, ião os ourives pedir-lhe desenhos e moldes de banquetas, castiçaes, lampadas, salvas, ceriaes, relicarios,

frontaes e de outros artefactos de primor e luxo. O vice-rei Vasconcellos, seu amigo e desvelado protector, encarregou-o de todas as obras do Passeio Publico e de outros trabalhos, que já forão especificados.

Concluio Valentim os ornatos do interior da igreja da ordem terceira do Carmo; preparou toda a obra de talha da igreja da Cruz, do altar-mór da igreja do Hospicio; fez diversos ornatos para o templo da Candelaria, ornou a capella-mór da igreja de S. Francisco de Paula, e trabalhava nessa obra quando falleceu; desenhou e modelou as lindas lampadas que pendem dos tectos das igrejas de S. Bento, Carmo e Santa Rita; e deu o modelo de dous apparelhos de porcellana que, fabricados pelo chimico João Manso Pereira, forão admirados em Lisboa.

Era mui religioso, mandava celebrar todos os domingos uma missa á Senhora da Piedade, na igreja do Bom Jesus; e armava na frente de sua casa, na rua do Sabão, hoje do General Camara, um painel para a via-sacra; consagrava á sua mãi profundo respeito, e referirão-nos um facto que patenteia a sua obediencia filial.

Apaixonado do bello sexo, e por lhe não haver dado a natureza belleza e elegancia no physico, custavão-lhe seus amores, extravagantes e repetidos, muito dinheiro, pelo que mais de uma vez queixara-se da falta de meios, e apezar do que lhe fazia o vice-rei Vasconcellos, murmurava o artista que seu protector era mais prodigo de palavras que de ouro.

Como reconhecião seu fraco ião algumas mulheres galantear ao artista em sua officina, e um dia uma dellas subio ao sotão da casa. A mãi de Valentim, mulher de idade avançada e valetudinaria, sentio o farfalhar do vestido nos degráos da escada quando a mulher desceo; chamou o filho e com voz arrogante disse-lhe:

— Esteve no sotão uma mulher, Valentim.

— Não esteve, minha mãi

— Eu percebi.

— Perdão, balbuciou o filho em tom submisso.

— Pois já que peccaste, ajoelha e reza o credo.

O filho obedeceu, e repetio aos pés de sua mãi a oração que ella lhe ordenara.

Era homem de côr parda, estatura meã e de semblante feio;

usava constantemente de cabelleira, calções, jaqueta e capote côr de vinho, podendo-se vêr o seu retrato nos paineis, que estão na sacristia da igreja do Parto, os quaes commemórão o incendio e a reedificação desse edificio.

Achando-se em estado grave de molestia mandou chamar o seu confessor, um frade franciscano, que, depois de ouvil-o, absolveu-o, e corridos alguns instantes adormeceu o artista sob as azas negras da morte. Quiz a ordem de S. Francisco de Paula sepulta-lo em sua greja, mas ou por determinação testamentaria, ou por pedido de algum parente, teve jazigo na igreja do Rosario. O distincto artista fallecera pauperrimo, nada encontrou-se em sua casa ; servião-lhe de cama duas taboas sobre dous cavalletes.

Indagando o anno de seu fallecimento dirigimo-nos ao Sr. Braz de Almeida, que fôra seu discipulo, e refirio-nos esse velho que seu mestre perecera quatro ou cinco annos depois da vinda da familia real para o Brazil, e que seu cadaver fôra sepultado na igreja do Rosario ; e nos livros de obitos da freguezia da sé, estabelecida outrora naquelle templo, descobrimos o seguinte assentamento :

« Falleceu em 1 de março de 1813 com todos os sacramentos o morador da rua do Sabão, Valentim.... »

Ficara incompleta a declaração do obito, que devemos crêr se refere ao mestre Valentim, visto como residira elle na rua do Sabão, succumbira quatro ou cinco annos depois da chegada da familia real, e sepultara-se na igreja do Rosario. Acresce que era geralmente conhecido pelo unico nome de Valentim, e por isso, feito o enterramento, lavrou o cura a declaração como se lê no livro de obitos, deixando espaço em branco para enche-lo quando recebesse outras noticias e explicações que nuncamais vierão.

Deixara diversos discipulos entre outros Francisco de Paula Borges, Braz de Almeida, José Carlos Pinto e Simeão José de Nazareth.

Poucos dias antes de fallecer dissera a um de seus discipulos ;

— Não temo a morte, mas prezo tanto a minha arte que, ainda depois de morto desejava erguer do tumulo o braço para executar os desenhos que me pedissem.

Em muitas obras levantadas nos tempos coloniaes deixou Valentim gravado seu nome ; a harmonia, o gosto, a ordem, a in-

venção que seus trabalhos apresentão, tornarão-no conhecido como architecto no seu tempo, e na arte torentica como o mais habil e inspirado artista. Fallando de Valentim da Fonseca e Silva diz o distincto cantor do poema Colombo:

«Valentim foi um grande artista, um homem extraordinario para o Brazil daquelle tempo, e para o de hoje, e o seu nome deve ser venerado. (1) »

---

(1) Veja no tomo 32 pag. 235 da Revista do Instituto Historico a biographia deste artista escripta pelo Dr. Moreira de Azevedo.

JOSÉ DE SOUZA AZEVEDO PIZARRO E ARAUJO

Filho do coronel Luiz Manoel de Azevedo Carneiro da Cunha e de D. Maria Josepha de Souza Pizarro, nasceu esse brazileiro no Rio de Janeiro em 12 de outubro de 1753.

Concluidos os primeiros estudos foi para Coimbra, onde recebeu o grão de bacharel formado em canones em 1776, e nomeado conego da sé do Rio de Janeiro em 20 de outubro de 1780, em 25 de março do anno seguinte tomou posse.

Desejando ser util ao Estado, á patria e seus compatriotas, como diz, esforçou-se por colher documentos e noticias interessantes á historia do paiz; e depois de um *trabalho indisivel*, em consultar manuscriptos antigos publicou a sua excellente, obra intitulada *Memorias Historicas do Rio Janeiro e das provincias annexas á Jurisdição do vice-rei do Estado do Brazil*, na qual se ha falta de ordem, ha muitas noticias curiosas, muito cabedal historico.

Em 1794 e 1799 visitou diversas igrejas e comarcas do reconcavo do bispado recolhendo documentos e informações sobre as cousas patrias; em 19 de abril de 1801 dirigio-se á Portugal onde foi promovido a conego da igreja partriarchal, e em recompensa dos serviços de seu pae teve o habito de Christo em que professou; regresso u para a patria na náo Principe Real, que conduzio ao Brazil o principe D. João, e nesse mesmo anno foi nomeado monsenhor presbitero com o titulo de thesoureiro mor, depois com o de arcipreste; obteve o titulo de conselho e o habito da ordem da Torre e Espada. Em 5 de

março de 1821 foi escolhido para deputado da mesa da consciencia e ordens; na primeira legislatura obteve assento como supplente do bispo D. José Caetano que fora nomeado senador, e por algum tempo occupou a cadeira da presidencia; em 12 de outubro de 1828 foi aposentado no supremo tribunal de justiça, tendo já a commenda da ordem de Christo. Pertencera a antiga academia scientifica do Rio de Janeiro, que fôra dissolvida pelo conde de Rezende.

Tendo comido uma carambola depois do jantar, passeava nas ruas do Jardim Botanico em 14 de maio de 1830 quando sobreveiu-lhe um ataque de que falleceu, sepultando-se nas catacumbas da igreja de S. Pedro.

Delle diz o conego Januario da Cunha Barbosa o seguinte:

« Foi um ecclesiastico respeitavel, um juiz integro, um escriptor severo, que tirou do esquecimento e da desordem dos nossos archivos suas Memorias Historicas, em que vive o seu nome para gloria dos Brazileiros. »

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

INDICE

EDIFICIOS

	Pags.
Palacio Imperial	5
Palacete da Praça da Acclamação	15
Capella Imperial	49
Mosteiro de S. Bento	71
Convento do Carmo	79
Convento de Santo Antonio	89
Convento da Ajuda	105
Convento de Santa Thereza	115
Igrejas do Sacramento e de S. Sebastião, no Castello, Capuchinhos Italianos	125
Igreja da Candelaria	143
Hospital dos Lazaros	153
Igreja de S. José	157
Igreja de Santa Rita	171
Igreja da Gloria	185
Igreja de S. Francisco da Penitencia	197
Igreja do Carmo	215
Igreja de S. Francisco de Paula	229
Igreja do Hospicio	255
Igreja do Bom Jesus	269
Igreja da Cruz	285
Igreja de S. Pedro	311
Palacio Episcopal	329
Seminario de S. José	349
Hospital da Misericordia	355
Roda dos Expostos	375
Recolhimento das Orfãs	381
Hospicio de Pedro II	38

PAGS.

Paço da Camara dos Deputados..... 399

Paço do Senado..... 403

Paço da Camara Municipal..... 415

Aqueducto da Carioca e Chafariz da Praça de D. Pedro II... 437

O Passeio Publico e o Jardim Botanico da Lagôa..... . 447

BIOGRAPHIAS

Governadores e vice-reis do Rio de Janeiro, governo da monarchia 19

José Leandro de Carvalho..... 67

Raymundo da Costa e Silva..... 141

Simeão José de Nazareth..... 169

Antonio Pereira de Souza Caldas..... 181

José de Oliveira 211

Manoel Dias de Oliveira..... 213

Antonio de Padua e Castro..... 249

Manoel da Cunha..... 253

Leandro Joaquim..... 267

Carlos Martins Penna..... 283

José Mauricio Nunes Garcia..... 323

Luiz Gonçalves dos Santos..... 325

Prelados, Administradores e Bispos..... 333

Bemfeitores da Misericordia..... 369

José Clemente Pereira..... 395

Valentim da Fonseca e Silva..... 465

José de Sousa Azevedo Bizarro e Araujo..... 469

Typ. COSMOPOLITA, rua de Gonçalves Dias n. 19.

ERRATAS

PAG.	LINHAS		EMENDAS
5	14	pagarmento	pagamento
33	12	achavão	achão.
84	16	exterior.	exterior;
141	11	D. João.	de D. João.
149	23	em 1°	em 10
158	11	começárão.	começaráõ
224	1	1821	1810
241	12	medica	medico
303	15	dias thaseincompleta . . .	diastase incompleta
308	32	dose, ...	doce,
309	7	pareceu.	pereceu.
339	5	abrio-se.	abrio
351	12	dispedir	dispender
363	8	órganisara.	organizar
413	36	molias..	mobilias
424	21	cadeia	e cadeia
429	14	sem	com
434	6	á.	já
446	28 e 31	*auspicüs beneficüs*	*ar spiciis beneficiis*

Obras diversas

Apontamentos biographicos para a historia das campanhas do Uruguay e Paraguay, com numerosos retratos, grande in-4° br. 5$ enc. . . . . 6$000

De Lisboa ao Cairo, scenas de viagem, pelo visconde de Benalcanfor, in-8° br. . . . . 2$000

Compendio da historia da idade media por J. B. Calogeras, 2 v. in-8° . . . . . 8$000

Atlas do Imperio do Brasil, por Candido Mendes de Almeida, in folio. . . . . 30$000

Impressões de viagem da Côrte á Fazenda de Santa Fé, por A P. Corrêa Junior, in-4° br . . . . 1$000

Curso de historia universal, por Monsenhor Daniel, traduzido continuado e amplificado, na parte relativa a Portugal e Brasil, até nossos dias, pelo Dr. Joaquim Maria de Lacerda. 4 v. in-8° . . . . . 8$000

Cada volume se vende tambem separadamente :

Historia antiga, 1 v. in-8°. . . . . 2$000

» da edade media, 1 v. in-8° . . . . . 2$000

» da moderna, 1 v. in-8° . . . . . 2$000

» contemporanea. 1 v. in-8° . . . . . 2$000

Historia geral do Paraguay desde a sua descoberta até nossos dias, por Demersay, in-8° br. 2$ enc . 4$000

Compendio da historia universal, por Victor Durcey, . 4$000

Guia do estrangeiro no Rio de Janeiro, contendo a lista alphabetica das ruas travessas praças, ladeiras da cidade e suburbios, por Felix Ferreira, in-4° br. . 1$ 00

Historia da Republica jesuitica do Paraguay, pelo conego João Pedro Gay. in-4° br. 8$ enc . . . . 10$000

A Constituinte perante a historia, pelo conselheiro F. J. Marcondes Homem de Mello, in-4° br. . . . 3$000

Pantheon maranhense, Ensaios biographicos dos maranhenses illustres já fallecidos, pelo Dr. Antonio Henrique Leal. 4 v. in-4° br. 12$, enc. . . . 18$000

Supremacia intellectual da raça latina. Resposta ás allegações germanicas, por Emm. Lias. in-8° br. 2$ enc. 3$000

Relação de uma viagem á Venezuela, Nova Granada e Equador por Miguel Maria Lisboa (barão de Japurá) in-4° br. 6$ enc. . . . . 7$000

Geographia physica, para uso da juventude, in-8 com mappa. . . . . 2$500

Paginas da historia constitucional do Brasil (1840-1848) pelo Dr. Mello e Mattos, in-4· . . . . . 7$000

Historia do Brasil contada aos meninos, por Estacio de Sá e Menezes, in-8· . . . . . 2$500

Lições elementares de Geographia segundo o methodo Goultiez pelo mesmo, in-8· . . . . . 2$000

Brasileiros celebres, por J. No. berto de Souza Silva in-8· 2$000

Historia da Conjuração Mineira, pelo mesmo in-4· . 7$500

Geographia do Brasil, por J. Praxedes Pereira Pacheco in-8· . . . . . 1$600

Apuntes para a historia de la Republica Oriental del Uruguay, desde el ano de 1810 hasta el de 1869, por A.D. de Pascual, 2 v. in-4· . . . . . 10$000

Historia da fundação do Imperio Brasileiro, por J. M. Pereira da Silva, 7 v. in-4· . . . . . 37$000

Segundo periodo do reinado de D. Pedro I no Brasil, pelo mesmo, in-4 . . . . . 6$000

Os varões illustres do Brasil durante os tempos coloniaes 2 v. in-8· . . . . . 8$000

L'Empire du Brésil, situation sociale, politique et économique por le même, in-8· . . . . . 3$000

Compendio da historia antiga, por J.J. da Rocha, in-4· 2$500

» » da idade media pelo mesmo, in-4· 2$500

Peregrinação pela provincia de S. Paulo, por A. E. Zaluar, in-4· . . . . . 6$000

Memoria do grande exercito alliado, libertado do Sul da America na guerra de 1851 a 1852, contra os tyrannos do Prata, por L. dos Santos Fitára, in-4. 5$000

Historia do Brasil-reino e do Brasil-Imperio, pelo Dr. A. J. de Mello Moraes, 2 v. in-folio . . . . . 17$000

Historia da revolução de Minas Geraes em 1842, 1 v. in-4· . . . . . 7$000

Historia da revolução de Pernambuco em 1817, por por F. Muniz Tavares, in-8· . . . . . 3$000

Typ. *Cosmopolita*, rua de Gonçalves Dias n. 19.